

The book cover features a large, detailed illustration of a pressed leaf, showing its intricate vein structure. The leaf is rendered in a light brown, sepia tone, giving it a historical or archival appearance. The text is overlaid on this background.

PAULO CEZAR VARGAS FREIRE

mboroviré

A ERVA-MATE NO PARAGUAI COLONIAL

Brasília
2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Área de Concentração: História Social
Linha de Pesquisa: Sociedade, Instituições e Poder

mboroviré

A ERVA-MATE NO PARAGUAI COLONIAL

Paulo Cezar Vargas Freire

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Fernando Monteoliva Doratioto

Brasília
2011

*Aos meus filhos,
Moema, Vitor, Maisa e Olga.*

AGRADECIMENTOS

Quando comecei esta pesquisa não tinha a pretensão de fazer mestrado. Busquei o que havia restado da biblioteca particular de meu pai, que pesquisou a história do município de Ponta Porã por quase vinte anos. O acervo tinha sido dividido por quatro bibliotecas e entre os filhos. Entretanto, quando procurei algumas bibliotecas públicas e particulares, percebi que teria de completar a bibliografia que estava buscando. Formei, durante estes anos, um acervo particular sobre o tema, disponível e à mão, o que me facilitou a elaboração da dissertação. Sem a preocupação com o recorte temporal desta dissertação, fui coletando documentos e consultando bibliografia sobre a história da erva-mate até 1965. Agradeço a colaboração de Lúcia Azambuja, Zélia Pinto Costa, Leda Freire Ribeiro, Alda Freire Marques (*in memoriam*), Ernesto Vargas Baptista (*in memoriam*), Moacir Belmonte, Nenê Saldanha, Marlene Borralho, Eraldo Saldanha Moreira e as inúmeras manifestações de apoio de amigos e familiares.

Agradeço o apoio, incentivo e colaboração de Hildebrando Campestrini, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, e dos os professores doutores Valmir Batista Corrêa e Lúcia Salsa Corrêa que, além de me franquearem o acesso a suas bibliotecas particulares e ceder alguns documentos coletados por eles, chamaram minha atenção para valorizar as fontes primárias e aproveitar a pesquisa para fazer mestrado em história. Fui ao Archivo Nacional de Asunción e ao Archivo General de la Nación, em Buenos Aires. Estive no Museu Etnográfico Andrés Barbero, quando contei com o conhecimento de Adelina Pusineri. Estive também em outros museus e bibliotecas. Pesquisei nos Arquivos Públicos Estaduais de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, onde recebi a grata colaboração de alguns de seus funcionários. Procurei por várias vezes o Centro de Documentação Regional da Universidade Federal da Grande Dourados. Fiz viagens às missões jesuíticas do Paraguai, Argentina, Brasil e Bolívia. Visitei outras regiões do Paraguai, da Bolívia, da Argentina e fui ao Peru, Chile e Uruguai. Depois disso, tive a surpresa de ser convidado para ser associado efetivo do IHGMS. Aumentou minha responsabilidade e passei a contar com o incentivo de outros confrades. Procurei o arqueólogo Gilson Rodolfo Martins, diretor do Museu Arqueológico da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e contei com seu conhecimento e apoio para o balizamento desta dissertação.

Na Universidade de Brasília, procurei o professor doutor Francisco Fernando Monteoliva Doratioto, contei o andamento de minha pesquisa e o desejo de cursar o mestrado. Fiquei feliz e orgulhoso em tê-lo como meu orientador. Sua experiência e cultura foram

primordiais no direcionamento desta dissertação. Agradeço aos outros professores e, em particular, ao professor doutor Luiz Roberto Cardoso de Oliveira que, recebendo-me como seu aluno, deu-me a oportunidade de adquirir algum conhecimento em antropologia. Todos eles contribuíram para uma adequação e atualização da dissertação ao pensamento acadêmico.

Por último, agradeço a todos os que, citados aqui ou não, colaboraram, incentivando-me. Agradeço aos colegas de mestrado com quem aprendi e convivi nesses dois anos, aos funcionários e colaboradores da UnB e a todos que contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação, em especial, aos meus filhos Moema e Vitor e ao meu primo Paulo Guilherme Teixeira Freire, que facilitaram a minha estadia em Brasília.

RESUMO

Esta dissertação estuda o processo de formação de fronteiras na região em que predominou a produção ervateira, durante o período colonial do Paraguai (1534-1811). Analisa a sobreposição dessas fronteiras e dos domínios políticos, identificando-os no espaço geográfico e temporal. Investiga também a inter-relação entre a inserção social e econômica da atividade ervateira no mercado colonial e as mudanças ocorridas na apropriação do trabalho, em um contexto de migrações regionais e sociais. Por último, discute as consequências da pressão portuguesa sobre os conflitos de interesses na região.

Palavras-chave: Paraguai colonial; história da erva-mate; fronteiras regionais.

ABSTRACT

This dissertation studies the process of boundaries formation in the region where the yerba mate production prevailed during the colonial period in Paraguay (1534-1811). It examines the overlapping of this boundaries and political domains, identifying the time and geographic space. It also investigates the interrelation between the social insertion and the economical activity of *yerbales* (yerba forests) in the colonial market and the changes that occurred in the labor appropriation in a context of social and regional migration. Finally, it discusses the consequences of Portuguese pressure on conflicts of interests in the region.

Keywords: colonial Paraguay; history of yerba mate; regional boundaries.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA	Archivo Nacional de Asunción.
BNRJ	Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
ANB	Archivo Nacional de Bolivia
AMPA	Annaes do Museu Paulista e Anais do Museu Paulista: “Documentação Espanhola”, v. I, São Paulo, 1925; “Documentos Bandeirantes do Archivo General de Sevilla”, v. V, São Paulo, 1931; “Documentação espanhola do Arquivo de Sevilla”, v. VIII, São Paulo, 1949.
CODHAM	Coleção de Obras y Documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata , notas e comentários de Pedro de Angelis. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, tomos I a VI.
MCODA	Manuscritos da Coleção De Angelis , tomo I, Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640, Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão, Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, Rio de Janeiro, 1951.
PAST	Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil), según los documentos originales del Archivo General de Indias, extractados y anotados por Pablo Pastells, S. J., tomos I-V, Madrid, 1912-1933; continuada por Francisco Mateos, S. J., tomos VI-VIII, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Santo Toribio de Mogrovejo, Madrid, 1946-1952.
AESP-DI	ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo. São Paulo: Typographia da Industrial de São Paulo, 1898, v. XXVI, XXXII, XXXIV e XXXV. ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo: Yguatemy. S. Paulo: Escola Typographica Salesiana, 1901-1902, v. V, VI, VII, VIII, IX.
RBNA	Revista de la Biblioteca Nacional. Buenos Aires.
EPI	El Paraguay Independiente. Asunción: Imprenta de la Republica, 1845-1848. 2. ed. 1859, Reimpressão, v. 1.
RIHGB	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, t. XIX, v. 245, t. XX.
RTIHGB	Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, t. LXIII, t. LXI, , t. L, t. XIII, t. LXV.
RTIHGEB	Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, t. XLVII.
RTHG ou JIHGB	Revista Trimensal de História e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro, t. XII.
CEADUC	Centro de Estudios Antropológicos. Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”.
CEPAG	Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”.

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo 1 – Os ervais de Mbaracayú	21
1.1 Os caminhos antigos.....	24
1.2 As povoações coloniais.....	35
1.3 A província de Mbaracayú.....	59
1.4 As fronteiras dos guaranis e dos <i>monteses</i>	67
Capítulo 2 – Entre Itatin e Guayrá	85
2.1 Jerez-Ñu.....	91
2.2 Os territórios ervateiros das Missões.....	103
2.3 Os ervais coloniais e Villa Rica.....	123
2.4 O domínio dos guaicurús.....	135
Capítulo 3 – O trabalhador, o beneficiador e o mercado	155
3.1 A questão da identidade dos <i>caiuás</i>	158
3.2 <i>Criollos</i> paraguaios e mestiçagem.....	168
3.3 A defesa da fronteira norte.....	190
3.4 O mercado colonial da erva-mate.....	207
Capítulo 4 – Os interesses dos portugueses pelos ervais	232
4.1 Bandeiras, portugueses e mamelucos.....	237
4.2 Tratados de limites e demarcações.....	246
4.3 Iguatemi e a província de São Paulo.....	259
4.4 Miranda e a província de Mato Grosso.....	289
Considerações finais	299
Fontes e Referências Bibliográficas	305

INTRODUÇÃO

A motivação inicial para desenvolver esta pesquisa foi a de criar um espaço de compreensão do fenômeno agrário na principal região produtora de erva no período colonial do Paraguai, que reconhecesse as pluralidades de pontos de vista e de interesses e como, historicamente, se constituíram essas diferenças. Apesar do subtítulo escolhido para esta dissertação pressupor a abordagem de dimensão geográfica bem maior, a análise do espaço de produção do *mborovire*¹ levou naturalmente a restringi-la a um espaço entre os rios Paraguai e Paraná. Um lugar em que a presença humana existe há alguns milhares de anos e em que a conquista espanhola se fez presente desde os primeiros momentos. A presença guarani nesse território não obedeceu a uma linearidade, nem espacial, nem temporal, e os sucessivos deslocamentos envolveram também populações não guaranis. A certeza de que o território em questão foi ocupado por guaranis desde tempos imemoriais diminuiu com o avanço das pesquisas. Esta dissertação tem a pretensão de rever alguns mitos, mostrando que algumas “certezas” não são tão absolutas e sim sujeitas a distintas interpretações. Os processos de transformação que interagiram até consubstanciar uma sociedade paraguaia no fim do período colonial foram abordados pelo viés de sua principal atividade econômica: a erva-mate.

Os guaranis de Guayrá já usavam esta bebida antes de 1538, quando os espanhóis tomaram conhecimento dela, e designavam a erva-mate como *caá*, um termo genérico para descrever qualquer vegetal². A utilização ritual da erva em Concepción de los Gualachos³ confirma seu consumo também por etnias não-guaranis. Suas origens, no entanto, se confundem com as lendas que contam sua história⁴. A presença de restos de erva nas tumbas de Ancón, no Peru, não foi suficiente para confirmar que esse intercâmbio de produtos alimentícios entre guaranis e quéchuas ocorreu três séculos antes da chegada dos espanhóis⁵. A generalização do consumo dessa bebida em cabaças e a falta de termo mais específico para nomeá-la resultaram na sua identificação pelo recipiente em que era servida. O termo quéchua

¹ Em português é erva-mate cancheada. É o nome dado pelos guaranis para a erva preparada nos benefícios.

² *Digo, q. com todo cuidado he buscado su origen entre Indios de 80 y 100 años, y he sacado por cosa averiguada, q en tiépo q estos viejos eran moços no se bevia, ni aun se conocia, sino de un grã hechicero* (MONTROYA, Antonio Ruiz de. **Conquista Espiritual Hecha por los Religiosos de la Compañia de Jesús, en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay, y Tape**. Madrid: Imprenta del Reyno, 1639, p. 9).

³ Um dos *pueblos* das missões jesuíticas no Guayrá.

⁴ Especialmente, a lenda de *Caá-Yari*.

⁵ OBERTI, Federico. **Historia y Folklore del Mate**. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes, 1979, p. 47-54.

mati designava uma cabaça⁶ muito utilizada no Peru como recipiente para alimentação. Foi castelhanizado para mate e passou a dar nome à *hierba del Paraguay*⁷.

O consumo de erva sofreu inicialmente dura oposição de autoridades coloniais, que repetiram a argumentação utilizada para atacar o tabaco e o chocolate. Os jesuítas chegaram a ameaçar com excomunhão quem consumisse, produzisse ou vendesse erva. Esta disposição tinha como objetivo inibir a utilização do trabalho indígena pelos *encomenderos*⁸. Após a queda de Guayrá, o consumo se estendeu ao Alto Peru, a Capitanía General de Chile e a Presidencia de Quito. Junto com a coca, reinou entre os mineiros de Potosi. Esse hábito de consumo conseguiu transcender por uma sociedade hierárquica, onde as manifestações exteriores de pertencer a um grupo étnico ou social costumavam ser rígidas. Enquanto a coca raramente era consumida fora de grupos indígenas, o chocolate demorou a difundir-se em setores mais pobres da sociedade colonial. O consumo da *ilex paraguariensis*⁹, sem ter seus “cafés” e “casas de chá”¹⁰, possuía igualmente esse caráter de convívio desde suas origens. Juan Carlos Garavaglia confirma que “é difícil transmitir a quem não toma mate o caráter de ato compartilhado que têm as *rodas de mate* passando de mão em mão”. Este caráter se acentua ainda mais pelo simples detalhe de usar-se sempre a mesma bomba, que passa de boca em boca. Detalhe pouco simpático aos cronistas europeus que estiveram na bacia platina. Apesar de produzirem erva nas missões do Paraná desde 1645, que comercializavam em Santa Fe¹¹, mais de duas décadas depois, a Congregação Provincial dos jesuítas, reunida em Córdoba, repetiu o pedido da proibição do uso da erva, do tabaco e do chocolate. Essa proibição ao consumo de erva-mate era extensiva também fora da província *Paraquaria* da Companhia de Jesus, como nas fazendas do Peru¹².

A reflexão acerca das condições de produção da erva-mate está relacionada com o trabalho, o mercado e os meios de produção. Entretanto, para compreender o fenômeno

⁶ Porongo, em quéchua, ou *curuguá*, em guarani.

⁷ VILLANUEVA, Amaro. **El Mate, Arte de Cebar**. Buenos Aires: Compañía General Fabril, 1960, p. 31-34.

⁸ GARAVAGLIA, Juan Carlos. Reflexiones en torno a la Yerba Mate (*Ilex Paraguariensis*). In: **Suplemento Antropológico**. Asunción: CEPAG/ Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”, v. XXII, n. 1, Jun, 1987, p. 7-27.

⁹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. Aperçu d’un Voyage dans l’Intérieur du Brésil. In: **Mémoires du Muséum d’Histoire Naturelle de Paris**, n. 9, 1822, p. 307-380.

¹⁰ O chá, entre os chineses (*tcha*, em mandarim) tem uso antiquíssimo. Com o fim de tornarem mais sadias suas águas fluviais, ferviam-nas antes de beber, daí se juntar folhas de chá. No entanto, na Europa, esse hábito foi difundido apenas no final do século XVII, trazido pelos holandeses. Chegou ao Brasil no século seguinte. O “chá dos jesuítas”, o *mate cocido*, feito com erva-mate e açúcar queimado na brasa, ficou conhecido nesse mesmo tempo (ALLEMÃO, Francisco Freire. Quaes são as principaes plantas que hoje se acham aclimatadas no Brazil? In: **RHIGB**, 1º trimestre de 1856, t. XIX, n. 21, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898, p. 572-578).

¹¹ GARAVAGLIA, Juan Carlos. Reflexiones..., *op. cit.*, p. 8 e 14.

¹² MACERA, P. Instrucciones para el manejo de las haciendas jesuítas de Perú (séc. XVII-XVIII). In: Nueva Crónica, v. II, fascículo 2º, Lima, p. 62, *apud*: GARAVAGLIA, Juan Carlos. Reflexiones..., *op. cit.*, p. 16.

agrário dessa região, além das condições de produção, esta dissertação estudou como as sociedades envolvidas criaram as referências históricas que permaneceram até aqui, particularizando as diversidades locais e os modos diferentes pelos quais pressões coloniais foram vivenciadas. Os objetivos principais da pesquisa foram explicar a apropriação do trabalho indígena e sua posterior substituição nos ervais pelo trabalho dos *criollos* paraguaios, com a formação paulatina de um campesinato, e analisar a construção das fronteiras regionais. As nuances do trabalho nos ervais estiveram sempre imbricadas com disputas pelo controle da atividade ervateira, mas o conhecimento da técnica de elaboração da erva e das condições em que esse trabalho era desenvolvido são relevantes para explicar esse processo. Compreender essa presença indígena, explicando sua participação nas mudanças ocorridas, os conflitos interétnicos, suas relações e disputas, em uma época que ainda se convivia com o trabalho escravo, são fundamentais para entender os parâmetros das disputas culturais e por terra que ocorrem até hoje. A nacionalidade dos nativos está diretamente relacionada às questões de dominação e de identidade e foi abordada, com maior ou menor profundidade, em razão das explicações que se tornaram necessárias na dissertação. Entretanto, persiste sem resposta adequada a questão sobre a “presença” de populações guaranis (ou guaranizadas) no território de Xerez, entre as províncias de Itatin e Guayrá¹³. Estes temas foram desenvolvidos até demonstrar a variedade de formas de dominação exercida por diferentes atores e a inter-relação entre eles, obstaculizando análises que queiram simplificar essas relações.

A história colonial e a erva-mate são temas recorrentes na historiografia paraguaia, argentina, do sul do Brasil e de Mato Grosso do Sul, mas algumas lacunas foram exploradas para estabelecer parâmetros de análise ainda mais precisos. Para identificar a origem de informações, suas interpretações e seleções, e avaliar alguns dos significados culturais que caracterizam a atividade ervateira foram procurados documentos em arquivos, relatos de cronistas coloniais, fontes cartográficas, acrescidas de pesquisas empíricas. Afinal, “a História só poderá reconhecer o que está em contínua mudança e o que é novo se souber qual é a fonte onde as estruturas duradouras se ocultam. Também estas precisam ser buscadas e investigadas, se quisermos que as experiências históricas sejam traduzidas para a ciência da história”¹⁴.

A decisão de prospectar fontes do lado espanhol e do lado português, considerando os vínculos entre diferentes pontos de vista e a “ruptura com a lógica de escalas pré-

¹³ Itatin, Xerez e Guayrá estavam situadas ao norte de Mbaracayú, que ficava no caminho por terra entre elas e Asunción. Mbaeverá lindava ao sul, entre este caminho e o rio Paraná.

¹⁴ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado, Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio. 2006. p. 327.

concebidas”¹⁵, mostrou-se um caminho propício para se chegar a resultados inéditos, apesar de já ter sido trilhado por excelentes historiadores. Do excelente *Archivo Nacional de Asunción*, foram aproveitados documentos que, junto com outros publicados em “Bandeirantes no Paraguai” e nos “Manuscritos da Coleção de Angelis”, nortearam esta pesquisa. Das obras de Jaime Cortesão e Helio Vianna relacionadas ao final foram aproveitados alguns documentos imprescindíveis para a compreensão dos conflitos e interesses coloniais na região definida para a pesquisa. O levantamento feito por Pablo Pastells e Francisco Mateos no *Archivo General de Indias* serviu de balizamento e como consulta obrigatória. O “Diário de Navegação”, de Teotônio José Juzarte, e a coleção “Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo”, em especial os volumes que se referem à Yguatemy, foram valiosíssimos para elucidar os acontecimentos com relação à intervenção da província de S. Paulo nessa região, mas também para auxiliar na reconstituição dos caminhos antigos. Contrapor estes documentos com os de outras fontes sobre o mesmo acontecimento valorizou a consulta e permitiu chegar a explicações mais ponderadas.

Em *Historia de los Abipones*, escrito em 1784, o padre Dobrizhoffer descreveu com detalhes a elaboração e comércio de *la yerba paraguaya*, as parcialidades indígenas da região, os mamelucos, a servidão dos índios, os rios, os animais e as plantas, servindo de base para a comparação da realidade local. O padre José Sánchez Labrador viveu na região nos últimos anos das missões jesuíticas e deixou uma ótima referência sobre aquela época. Juan Francisco Aguirre relatou em seu “Diário” suas explorações na mesma época de Felix de Azara, quando chegaram a fazer algumas viagens de exploração juntos. Os artigos da “Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil” contribuíram para detalhar os acontecimentos analisados nesta dissertação. Mais de uma centena de outros autores também foi consultada. A lista de contribuições é extensa, por isso declinamos de continuar a apresentá-la aqui, já que está especificada no final desta dissertação. A literatura histórica regional e a produção acadêmica foram referências como balizamentos ou como contrapontos de paradigmas. Sobre o uso das fontes, foi considerada a ponderação de Collingwood de que o problema mais importante a propósito de qualquer afirmação contida numa fonte não é verificar se ela é verdadeira ou falsa, mas descobrir o que significa¹⁶.

¹⁵ WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade. Tradução de Jaime de Almeida. In: **Textos de História**: Revista da Pós-Graduação em História da UnB, v. II, n. 1 e 2, p. 89-127, 2003.

¹⁶ COLLINGWOOD, Robin George. 9ª. ed. **A Idéia de História**. Lisboa: Presença. 2001, p. 323 e 339-340.

Desde o século XVIII, o Paraguai esteve relacionado às utopias que se desenvolveram na Europa no campo filosófico. O bom selvagem esteve junto ao discurso de alguns jesuítas, mas também da literatura sobre os jesuítas e os guaranis. O mito do exótico, proibido e inóspito alimentaram a fantasia do excepcional. A erva-mate não ficou dissociada desse discurso. A impermeabilidade econômica e política nessa época, principalmente nas reduções jesuíticas, contribuiu ainda mais para alimentar a imaginação dos viajantes e cronistas¹⁷. A partir desse tempo, todo o vocabulário político e social mudou completamente.

Além de espanhóis e portugueses (que entraram na região antes de 1542 e 1611, respectivamente), os padres franciscanos, os da Companhia de Jesus (em 1579 e 1588, respectivamente) e os de outras congregações católicas, de diferentes nacionalidades, representaram os conquistadores dessa região. Sua interação com os naturais da América obedeceu a interesses diferentes, com frequência conflitantes. A conquista espanhola das províncias do Rio da Prata foi baseada na cidade de Asunción, fundada em 1537. As primeiras povoações dessa província foram fundadas antes do governo de Cabeza de Vaca, no caminho Asunción-Guayrá, anteriores, portanto, a Ontiveros, Ciudad Real del Guayrá e Villa Rica del Espíritu Santo.

As diversas parcialidades guaranis, *mbayás* (e *guaicurus*) e *guanás* tiveram destaque neste estudo. Entretanto, os povos que viviam nas matas, nos campos, nas serras (*guaxarapos*) ou eram canoieiros (*payaguás*, *guachis*, *guatós*, *agacés*, etc.), chamados pelos guaranis, respectivamente, de *caaiguás*, *ñuarás*, *ybytyguaras* e *yapirús* foram participantes ativos nos conflitos da região. Os *caaiguás*, apesar de pouco numerosos em relação aos guaranis *poblados*¹⁸, eram habitantes de parte da região ervateira, porém, sua separação em guaranis e não guaranis¹⁹ perpassa os três primeiros capítulos. A análise dos territórios guaranis e *monteses*²⁰ foi separada dos *mbayás*/guaicurus em capítulos diferentes para marcar a diferença dos espaços temporais de domínio. Não é uma discussão simples e nem termina neste estudo,

¹⁷ *Lo exótico, lo alejado y lo encerrado generó ilusiones míticas, caracterizando al Paraguay como un locus excepcional. Estas primeras imágenes son las que se proyectan al mundo y las que alimentan a la filosofía, pero también al prólogo de visiones extendidas y duraderas. A su turno, Félix de Azara, enviado por la corona hispana en sus viajes por la América Meridional (1790-1801) con la tarea ímproba de demarcar los límites en disputa entre las Corona española y la portuguesa, exhibió una visión crítica de los jesuítas e intentó desmontar las visiones míticas y utópicas sobre éstos, especialmente por haber presentado un desafío al poder real y a su mandato. El viaje de Azara transcurrió, precisamente, entre las reformas borbónicas y la creación del Virreinato del Río de La Plata* (SOLER, Lorena. ¿El mito de la isla? Acerca de la construcción del desconocimiento y la excepcionalidad de la historia política del Paraguay. **Papeles de trabajo**. Revista eletrônica do Instituto de Altos Estudos Sociais de la Universidad Nacional de General San Martín. Buenos Aires, ano 3, nº 6, ago, 2010. Dossier: “Paraguay: reflexiones mediterráneas”).

¹⁸ Que viviam em *pueblos*.

¹⁹ *Gualachos* foi o termo que os guaranis usaram para se referir aos não guaranis.

²⁰ Em tempos coloniais existiu certo consenso em designar como *monteses* os indígenas não colonizados (guaranis ou não) que habitavam as regiões de Mbaracayú e Mbaeverá.

entretanto, as diferenças entre guaranis e *monteses* e entre estes e *caiuás* ou *caaiguás* foram expostas também por documentos escritos no período colonial.

Alfred Metraux e Florestan Fernandes se valeram de fontes escritas nos séculos XVI e XVII para elaborar modelos para as sociedades tupi-guaranis. Também Bransilava Súsnik²¹ elaborou um modelo para as sociedades indígenas no Paraguai. Esta dissertação, longe de procurar estabelecer modelos, é uma contribuição, uma simples abordagem, para que estudos mais apropriados construam modelos mais consistentes para explicar a presença indígena durante o período colonial na região estudada. No entanto, foram procurados nas fontes documentos que desfizessem os argumentos dos que, também na história desta região, justificaram a expansão do Brasil pelos feitos dos bandeirantes ou dos que vitimizaram os povos indígenas. Considerar diferenças entre etnias indígenas, hierarquias sociais e espaços geográficos nos processos históricos estudados foi um meio de fugir de maniqueísmos sugeridos pelas divisões entre conquistadores/colonizadores e indígenas e de sair da dicotomia entre vítimas e algozes. Além de considerar a participação desses diferentes atores nos processos históricos, foram explicadas as hierarquias sociais decorrentes da mestiçagem e a variação de domínio dos espaços geográficos. Ao fazer opção por uma história investigativa, procurando documentos que revelassem os domínios sobre os territórios ervateiros, os deslocamentos das populações e sua recomposição durante a época colonial, as dimensões empíricas se sobrepuseram, conscientemente, às reflexivas nesta dissertação.

O vice-reino do Peru, ainda durante a conquista, foi dividido em audiências. As províncias de Buenos Aires, Tucumán e Paraguai ficaram subordinadas à *Audiencia y Chancillería Real de la Plata de los Charcas*²², desde 1566, quando foi implantada, até 1783, durante o vice-reino do Rio da Prata, iniciado em 1776. No intervalo entre 1661 e 1672, estas províncias fizeram parte da *Real Audiencia de Buenos Aires*, criada por Felipe IV. As leis dadas para *el buen gobierno* das *Indias, Islas y Tierra firme de el Mar Oceano, Norte y Sur*, despachadas em diferentes cédulas, provisões, instruções e cartas, foram juntadas e reduzidas na *Recopilacion de las Leyes de las Indias*. Depois de décadas da presença espanhola na bacia platina, o rei Felipe III de Espanha, pela cédula real de 1617, dividiu as províncias do Paraguai em duas *governaciones: del Río de la Plata y la de Guayrá* (ou Paraguai)²³. Até aí,

²¹ Súsnik, que foi diretora do Museu Andrés Barbero, de Asunción, é a principal referência para o estudo de etnografia paraguaia.

²² Criada sete anos antes. La Paz ou Porco, La Plata, Potosí e Chicuito eram as principais cidades.

²³ *He tenido por bien que el dicho Gobierno se divida en dos: que el uno sea del Río de la Plata agregandole las ciudades de la Trinidad, puerto de Buenos Aires, la Ciudad de Santa Fe, la ciudad de San Juan de Vera de las Corrientes, la ciudad de la Concepción del Río Bermejo; y el otro Gobierno se intitule de Guayrá, agregandole*

as incursões da conquista espanhola²⁴ do Paraguai tinham sido mais efetivas em território tradicionalmente guarani ou de predomínio guarani.

No capítulo 1 desta dissertação foram apresentadas as principais referências geográficas que proporcionaram o desenvolvimento do tema nos capítulos seguintes. Para explicar a disposição do espaço geográfico durante o período colonial foram elaboradas para esta dissertação figuras explicativas, ciente dos riscos de descompasso decorrente dessa redução em processos contraditórios e de andamento desigual. A proposição de um roteiro para os caminhos antigos e a busca pela localização de povoações coloniais relacionadas, direta ou indiretamente, com a atividade ervateira, representa um avanço em relação às pesquisas anteriores. Os índios *encomendados* das povoações de Guayrá foram levados, desde a fundação da primeira Villa Rica, em 1576 até 1632, para trabalhar nos ervais de Mbaracayú. Neste ano, a população dessa vila, junto com alguns milhares de guaranis oriundos das missões jesuíticas, transmigrou para a província de Mbaracayú, enquanto o restante deles descia com os jesuítas para o sul do rio Iguazu.

No capítulo 2 foram analisados as consequências da fundação das províncias de Guayrá, Xerez e Itatin, entre o final do século XVI e as primeiras décadas do século XVII, quando a presença dos jesuítas começou a interferir no processo de exploração da força de trabalho indígena. A disputa entre jesuítas e *encomenderos* não foi por terras e sim pelo trabalho dos naturais. No Brasil colonial, o termo utilizado para essa prática foi *administração*²⁵. Porquanto nas províncias do Paraguai²⁶ as *encomiendas* foram distribuídas com índios aldeados, envolvendo geralmente vários *cacicazgos*, nas capitânicas do Brasil, as *administrações* foram constituídas por famílias indígenas distribuídas para famílias de portugueses ou mamelucos. Tantos eram os administradores como as famílias indígenas, “os quaes só na Villa de S. Paulo, e seu districto, passam de quatrocentas, e nas capitânicas anexas, a que se estende a mesma administração, são mais de quatro mil”²⁷. As *encomiendas*²⁸ foram

por cabeza de su Gobierno la Ciudad de la Asunción del Paraguay y la de Guayrá, Villa Rica del Espíritu Santo, y la Ciudad de Santiago de Jeréz.

²⁴ A concretização daquela divisão, no início da década seguinte, foi considerada por Efraim Cardozo como o limite entre os períodos da conquista e colonial.

²⁵ VIEIRA, Antônio. *Obras várias*. Lisboa: J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes, t. 1, 1856, p. 242. *Voto do Padre Antonio Vieira sobre as Duvidas dos Moradores de S. Paulo*, 12 de junho de 1694.

²⁶ Nos documentos coloniais pesquisados costuma estar escrito *Provincias del Paraguay*. Apesar do uso frequente do singular para nomear esta parte do vice-reino do Peru e de províncias para se referir às divisões políticas internas do Paraguai, para o período colonial, é mais próprio seguir utilizando o plural.

²⁷ VIEIRA, Antônio. *Obras várias...*, *op. cit.*, p. 248.

²⁸ Na *encomienda*, em vez de pagarem tributos diretamente à Coroa da Espanha, os indígenas trabalhavam parte do tempo para o *encomendero* espanhol; *mitayos* eram índios que concordavam em prestar o serviço de *mita*. Originária do Peru onde existia na época dos incas, se institucionalizou e tornou-se o processo mais importante

iniciadas concomitantemente à fundação dos primeiros *pueblos de indios* no Paraguai²⁹. A *encomienda* era uma renda de trabalho entregue ao *encomendero*, para que ele pudesse se sustentar³⁰. Explicitamente, configurou-se na obrigação dos *encomenderos* custearem a conversão dos índios em troca do seu trabalho³¹. No Paraguai, o privilégio para *encomiendas* y *repartimientos* advinha de descender de espanhóis conquistadores³². A instituição do *cacigazgo*, nobreza indígena de caráter hereditário, que gozava de algumas prerrogativas, foi fundamental para sua consolidação. As *encomiendas* também foram utilizadas largamente em outras partes da América espanhola³³.

Em razão do ataque às povoações de Mbaracayú pelos portugueses em 1676, os habitantes de Villa Rica se retiraram *costa abajo*³⁴. Os reflexos deste acontecimento marcaram profundamente as relações de produção nessa atividade extrativista. O embate entre indígenas e conquistadores/povoadores começou ainda no período colonial, porém, foi o deslocamento das populações guaranis de Itatin, Guayrá, Guarambaré³⁵ e Mbaracayú para o sul da província, ainda no século XVII, a principal razão da diminuição da população indígena nessa região. Em uma época em que migrações regionais e sociais eram restringidas pelo poder colonial, as transmigrações dessas populações foram sucessivas e mudaram suas relações com esse poder.

A passagem de um regime baseado na força de trabalho indígena a um sistema de trabalho remunerado³⁶ foi iniciada como causa e consequência das *revoluciones comuneras* (1721-1735) no Paraguai. Ainda no século XVII, a sociedade paraguaia já se tornara marcadamente mestiça³⁷ e esse processo foi acelerado após de expulsão dos jesuítas em 1767. Estas questões foram abordadas no capítulo 3. A extração de erva-mate no Paraguai era

do uso da força de trabalho indígena. A *mita* adquiriu características regionais de acordo com a riqueza existente nos diversos ambientes geográficos do Novo Mundo.

²⁹ **Recopilacion de las Leyes de las Indias**, livro VI, título III, lei IX.

³⁰ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno y economía colonial: três siglos de historia de la yerba mate**. 2ª ed. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2008, p. 293.

³¹ Para a manutenção de cada *pueblo* era estabelecida uma redução, uma fazenda, próxima ou na sua adjacência.

³² BENITEZ, Justo Pastor. Prólogo de CARDOZO, Efraim. **El Paraguay Colonial**. Asunción: El Lector. 1996, p. 12.

³³ O sistema de controle das *encomiendas* pelos caciques, como prepostos dos *encomenderos*, foi iniciado pelos espanhóis nas Antilhas, consolidou-se na Nova Espanha e, daí, ampliou-se por toda a colônia espanhola. No Paraguai, porém, manteve-se até os fins do século XVIII. Vieram do Peru os termos *encomiendas de mitayos* e de *yanacunas* ou originários.

³⁴ Em oposição à *costa arriba*; uma linha que ia pelo rio Salado, afluente do rio Paraguai, e pelo rio Yacuí, afluente do rio Paraná dividia o sul do norte do Paraguai oriental.

³⁵ A área entre os rios Aquidabán, ao norte, e Manduvirá (ou Tobati), ao sul, compreendia três províncias: Guarambaré, Ipané e Tobati. Nesta dissertação, para não se referir sempre a todas as províncias, foi privilegiada, muitas vezes, a primeira.

³⁶ Essa remuneração é relativizada pela ausência de moeda metálica, antes da *Intendência*. Porém, o pagamento era feito em ferramentas ou moeda da terra.

³⁷ Branislava Súsnik conceituou como *criollos* pobres, em seus trabalhos, a descendência dos filhos de espanhóis e índios que viviam nas chácaras ou agregados à *casona* dos estancieiros.

comparada à extração mineral, apesar de sazonal³⁸, e seus trabalhadores eram chamados de mineiros. Suas técnicas de produção sofreram poucas modificações durante o período colonial e o processo se completava nos ranchos, junto aos ervais. A erva-mate, apesar de não aparecer no comércio intercontinental, vinculou o Paraguai ao mercado peruano durante mais de dois séculos. Até o fim do século XVIII, a erva-mate fez parte do mercado interno colonial, “que foi complementar (e não contraditório) ao sistema mercantilista europeu”³⁹. A saída para o mar por Buenos Aires e o caminho por terra, passando por Córdoba e indo até o Alto Peru e o Chile (FIG. 01) foram consolidados nesse tempo, após o abandono dos caminhos por Concepción del Bermejo⁴⁰ (que sucumbiu em razão dos ataques indígenas em 1631), por Santa Cruz de la Sierra e pelo porto de Santa Catarina. Santa Fe, na margem oposta da cidade de Corrientes, tornou-se até 1720 o centro mais importante de redistribuição dos produtos paraguaios. Uma série de atividades econômicas girava em torno da erva nesses anos. Entre 1720 e 1740, Buenos Aires ocupou esse papel. Com a vigência do privilégio de Porto Preciso, Santa Fe voltou à condição anterior até perdê-lo em 1780. Entretanto, a maior parte da erva nesse tempo já se dirigia para a cidade portenha. Asunción foi perdendo aos poucos seu papel de centro de distribuição da produção ervateira, saindo da rota principal do comércio colonial, empobreceu e, em um círculo vicioso, perdeu a importância que teve. Buenos Aires passou a ser o principal centro distribuidor de erva.

A reestruturação econômica da província estava em curso quando os jesuítas foram expulsos, como ficou demonstrada pela expansão das fronteiras, cinco anos depois. A guerra fronteiriça passou a ser elemento central de coação extraeconômica exercida sobre o campesinato dessa região⁴¹. De outro lado, os gastos militares, a partir das últimas décadas do século XVII, favoreceram o crescimento comercial de Buenos Aires. Paulatinamente, durante o século seguinte, essa cidade foi consolidando seu papel como polo de atração e centro de distribuição para um vasto mercado regional. Entre 1720 e 1770 esse processo se acelerou, acompanhando as dificuldades de Santa Fe, que viu quase todos os seus caminhos terrestres interditados pelos ataques dos índios do Chaco⁴². Quando arrefeceu essa situação, a cidade

³⁸ Entre os itens da regulamentação para o porto de Mbaracayú, estabelecido por Céspedes y Xeria, em 1629, que tratava da relação dos *encomenderos* de Villa Rica, Ciudad Real e Xerez com índios, um deixava clara essa questão: *concedió seis meses desde la entrada al Puerto para la ocupación de naturales, cuatro meses de faena en los yerbales y dos al acarreo* (CARDOZO, Ramón Indalecio. **La Antigua Provincia de Guairá y la Villa Rica del Espiritu Santo**. Buenos Aires: J. Menendez, 1938, p. 126).

³⁹ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 20.

⁴⁰ Concepción de Buena Esperanza, fundada por Alonzo de Vera y Aragon em 1585, ficava no caminho conhecido como *senda macomita*, que ligava Asunción ao Alto Peru, passando por Nuestra Señora de Talavera, fundada em 1566.

⁴¹ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 21.

⁴² *Ibidem*, p. 408-418.

portenha, graças a seu peso econômico e demográfico, já havia se convertido em principal centro consumidor da *yerba del Paraguay*.



FIG. 01. *Caminhos coloniais da erva-mate*. Figura elaborada pelo autor desta dissertação com base em: *Amérique Méridionale*. VAUGONDY, Robert de. 1750. BNRJ. Em azul, está desenhado o percurso do transporte de erva pelos rios Jejuí, Paraguai, Paraná e rio da Prata, do porto de Mbaracayú até Buenos Aires, passando por Asunción e Santa Fe. Em verde, estão ressaltados os limites do Paraguai subscritos na *capitulación* em que Carlos V, em 1534, nomeou o *adelantado* Pedro de Mendoza. Em vermelho, estão assinaladas algumas das principais cidades e vilas coloniais espanholas. O caminho assinalado em pontos pretos era, aproximadamente, o trajeto percorrido pelas cargas de erva-mate. As reduções jesuíticas transportavam erva-mate pelo rio Paraná até Santa Fe e, mais tarde, também pelo rio Uruguai.

Durante o processo de restauração da Coroa portuguesa, concluído em 1640, tiveram início as entradas e bandeiras vindas de S. Paulo⁴³ contra o domínio espanhol, cativando ou expulsando os habitantes da região. Esse avanço foi decisivo não só para refrear a expansão dos espanhóis, como acarretou na perda de espaços ocupados tradicionalmente pelos guaranis⁴⁴. Parte do território perdido passou para o domínio dos guaicurus⁴⁵, o *gentio*

⁴³ O termo “paulista” já era de uso corrente desde a segunda metade do século XVII.

⁴⁴ A divisão atual dos guaranis nas etnias Mbyá, Paĩ-tavyterã, Avá Guaraní (Chiripá, Avá katu eté), Aché (Guayakí), Guaraní Nandéva e Guaraní Ocidentais (Guarayo, Chiriguano) foi resultado de convenções estipuladas a partir da década de 1930. Estas classificações continuam se desenvolvendo e substituindo velhas por

cavalleiro. A partir da fundação de Villa Real de la Concepción, a expansão da fronteira norte ultrapassou o rio Apa⁴⁶, mas encontrou resistência dos portugueses. Aliados aos guaicurus estabelecidos próximos ao forte de Coimbra, no rio Paraguai, e no presídio de Miranda, no rio do mesmo nome, apoiaram as sucessivas investidas desses índios. Com a criação do vice-reino do Rio da Prata em 1776, o Paraguai ficou subordinado a Buenos Aires. Seis anos depois, com a criação da *Intendencia de Asunción del Paraguay*, foram fixados seus limites, coincidindo com os do bispado.

No capítulo 4 foram analisados os interesses dos portugueses pelas terras dos ervais silvestres. A tentativa do governador da capitania de S. Paulo, Luís Antônio de Sousa, o Morgado de Mateus, em assegurar o limite da fronteira portuguesa no rio Iguatemi, com a fundação da Povoação e Praça de Armas Nossa Senhora dos Prazeres e São Fernando de Paula, em 1767, não vingou e o forte foi destruído pelos espanhóis dez anos depois. Em tempos coloniais, esta região foi disputada pela capitania de S. Paulo e pelo Paraguai. Só nos tempos do Brasil império, os campos da Vacaria passaram a ser reivindicado como parte integrante da província de Mato Grosso e as iniciativas de sua ocupação se tornaram mais efetivas por brasileiros. Antes, a fronteira sul dessa província coincidia com o rio Pardo e o rio Taquari, com duas povoações ao sul dessa linha, guardadas pelos fortes de Coimbra e Miranda. Os interesses dos portugueses estavam concentrados na exploração do ouro de

novas divisões, como pode se observado neste texto de 1988. *La única clasificación con base científica seria es la lingüística. Por ella sabemos que el Paraguay de hoy, subsisten aún cinco grandes familias lingüísticas indígenas, derivadas de las que existían antes de la colonización española. El trabajo etno-lingüístico más denso, el único global, realizado en nuestro país por Branislava Súsnić, nos permite enumerarlas así: Familia Lingüística Zamuco, a la que pertenecen los idiomas Moro o Ayoreo y Chamacoco; Familia Lingüística Maskoy, con el Lengua, Angaité, Sanapaná, Guaná y Toba-Maskoy; La Familia Lingüística Mataco-Mataguayo, con el Chorodi, Nivaclé o Chulupí y Mak'á; La Familia Lingüística Guaykurú, con el Toba; Y la Familia Lingüística Tupí-Guaraní, con el Mbyá, Chiripá, Pai-Tavyterã, Aché-Guayakí, Guarayo y Tapieté* (CHASE-SARDI, Miguel. Relaciones Inter-etnicas. Clasificación de las Sociedades y Culturas Indigenas del Paraguay. La Perspectiva Indígena. In: **Suplemento Antropológico**. Asunción: CEPAG/ Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", v. XXIII, n. 2, Dic, 1988, p. 51-59). Apesar dessa afirmação de seu colega, Súsnić também utilizou a classificação de etnias por espaço geográfico e ela aparece até em seu último trabalho (SÚSNIĆ, Branislava; CHASE-SARDI, Miguel. **Los Indios del Paraguay**. Madrid: Editorial MAFRE, 1995). Como esta dissertação se refere aos indígenas coloniais, foram aproveitadas classificações encontrados nas fontes, sem atualizá-las.

⁴⁵ Esse nome foi dado pelos guaranis inicialmente aos *mbayás* que, após cruzarem o rio Paraguai na segunda metade do século XVII, habitaram as margens do rio Guacury ou Amongujá (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones**. Tradução para o espanhol de Edmundo Wernicke. Resistência: Universidad Nacional del Nordeste. v. I, (1784) 1970. *De los ríos principales, el Paraná, el Paraguay y el Uruguay, y otros menores, afluentes de aquellos*). Azara afirmou o contrário, que *mbayá* é palavra guarani para nomear a grande família *chaqueña*, ó sea *guaycurú* (AZARA, Felix de. **Geografía, física y esférica de las provincias del Paraguay, y misiones guaraníes**. Montevideo: Rodolfo R. Schuller, t. I, (1790) 1904, p. 372).

⁴⁶ *El Apa en tiempo de los guaraníes fue en efecto el Tepotiy y el Igaripe, el actual de los guachies* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico sobre el Paraguay**. Estudio preliminar y restitución del texto por Ernesto J. A. Maeder, Buenos Aires: Union Académique Internationale; Academia Nacional de la História, 2003, p. 313-314, nota 169).

Cuiabá⁴⁷, dos diamantes e no comércio com o Peru. Antes de se preocupar com a expansão meridional, eles tentaram avançar sobre o território dos Moxos, para viabilizar o comércio (e o contrabando) com os espanhóis. Entretanto, o contrabando de ouro e prata por Buenos Aires e o comércio de mulas eram bem mais atrativos. Gestada desde o Tratado de Madrid⁴⁸, os limites do Paraguai oriental só foram demarcados⁴⁹ após a Guerra contra a Tríplice Aliança, que dividiu os ervais entre paraguaios, argentinos e brasileiros.

Nesse tempo, o *mboroviré* passou a ser moído, classificado e embalado para consumo final em Buenos Aires, concentrando ali quase todas as marcas comerciais que passaram a dominar o mercado. Capitalizados, eles passaram a financiar o transporte e comércio envolvido diretamente e indiretamente com essa atividade. Contaram com uma rede de comerciantes instalados em Asunción, Villa Rica, Curuguaty, San Pedro e Concepción, que recebiam as cartas de crédito (*libranzas*) para, por sua vez, financiar essa produção. Os beneficiadores conseguiam licença do governo para fazer erva, porém, como não possuíam capital para contratar trabalhadores e arcar com os custos da empreitada, endividavam-se para pagar com o próprio produto no final da safra. Esta situação estabeleceu uma dependência, que com o bloqueio imposto por Buenos Aires, após a independência do Paraguai, inviabilizou na prática a continuidade da exportação de erva paraguaia.

Por último, faz-se necessária uma explicação (e justificativa) sobre a utilização das folhas 8 e 9 da “Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas”, apresentadas a seguir, como base para desenhar a maioria dos croquis explicativos neste estudo. A FIG. 03 é a junção de duas folhas do mapa de Rondon, mostrando a divisão política atual. Trata-se de carta organizada e desenhada pelo “Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso”, sob a direção geral de Cândido Mariano da Silva Rondon. Teve como base as plantas das diversas seções das linhas telegráficas construídas ou reconstruídas sob sua direção ou superintendência em Mato Grosso, Goiás e Território do Guaporé, no período de 1890 a 1930.

⁴⁷ Em 1724, os vaqueanos tupis não informaram corretamente aos espanhóis a localização do *serro Ybititi*, onde os portugueses estavam tirando ouro. Em 1730, os espanhóis já conheciam todos os caminhos para se chegar a Cuiabá (ANA-SH v. 109 n. 2. 1723. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai: Século XVII** (Documentos Inéditos). São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1949, p. 378-433).

⁴⁸ O Tratado de Madrid foi assinado por D. Fernando VI, rei da Espanha, com seu sogro D. João V, rei de Portugal, em 1750, quatro anos após assumir o trono como príncipe herdeiro.

⁴⁹ Os limites foram demarcados entre 1872 e 1874.

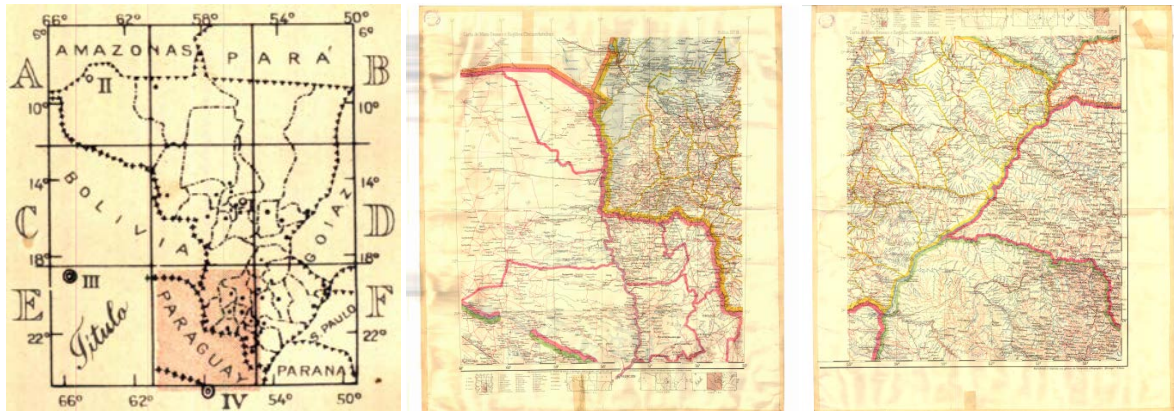


FIG. 02. Esquema Geral e folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

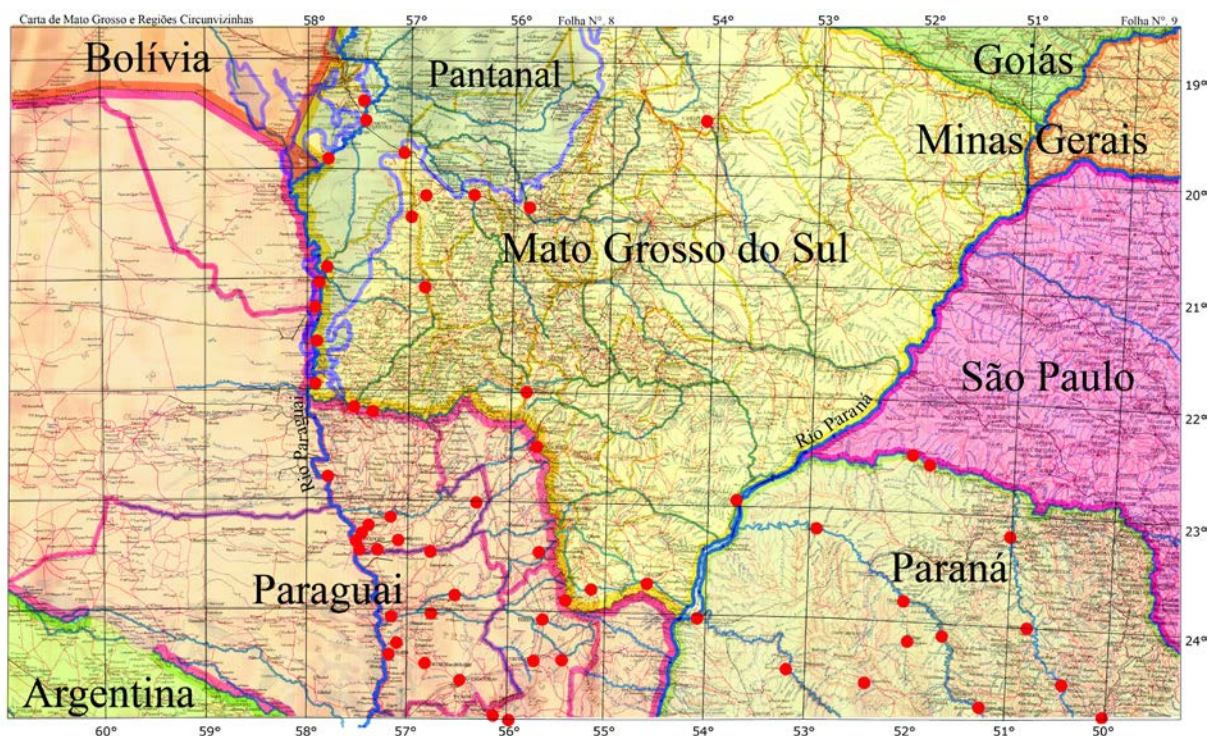


FIG. 03. *Paraguai* (fronteiras políticas atuais). Figura elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 (juntas) da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952). Foram ressaltados os rios mais importantes e o Pantanal. Os pontos vermelhos são sítios de povoações coloniais na região estudada.

O desenho da “Carta”⁵⁰ foi iniciado em 1917, por acordo proposto ao coronel Rondon por D. Francisco de Aquino Corrêa, presidente de Mato Grosso, e aprovado pelo Ministro da Guerra. Iniciada a impressão em 1922, nas oficinas do *Service Géographique de l’Armée*, em Paris, foi interrompida por problemas administrativos. Dois anos depois, o

⁵⁰ Serviram como subsídio dessa carta: Mapa General de la Republica de Bolívia, Comissão Cartográfica do MGC, 1934; Mapa Provisional de la Republica del Paraguay, IGM, 1948; Mapa de la Republica del Paraguay, EMG, Sección Cartografica, 1939; Atlas General de la Republica del Paraguay, por Frederico E. de Gasperi; cartas gerais e municipais do Estado de S. Paulo, IGGSP, atpe 1945; cartas gerais e municipais do Estado de Minas Gerais, SGE, até 1939.

trabalho passou por “uma nova interpretação para os acidentes das regiões atravessadas”, de acordo com diversas plantas de reconhecimento militares realizadas por ocasião do combate à Coluna Prestes, nos Estados de Mato Grosso e Paraná⁵¹. O desenho foi remodelado quase integralmente e, quando ela estava pronta para a reprodução, o serviço foi novamente interrompido devido à Revolução de 1930. Foram paralisados, então, os trabalhos de campo da “Inspeção de Fronteiras” e dissolvida a “Comissão Rondon”, serviços chefiados pelo general Rondon.

Nove anos depois, os trabalhos foram retomados. Foi assinado um convênio entre o Ministério da Guerra e o governo de Mato Grosso⁵², em 1941, para confecção, impressão e distribuição da “Carta”. O general Rondon foi reconduzido à situação de diretor geral da Carta de Mato Grosso e o coronel Francisco Jaguaribe Gomes de Matos, antigo chefe da Seção de Desenho, nomeado chefe do Serviço de Conclusão. Foi iniciado um novo desenho integral, o terceiro e definitivo, em consequência do estado de guerra e dos originais estarem retidos em Paris. Foram feitos levantamentos complementares no sul de Mato Grosso, no período de 1939-1942. No ano seguinte, o acervo da “Comissão Rondon” foi transferido para o Ministério da Agricultura, em razão da criação do Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Foram junto todos os servidores civis da “Comissão Rondon e do Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso”. Os nomes dos grupos étnicos foram extraídos da “Carta Etnográfica do Brasil”, de 1947, organizada para o Museu Nacional por Curt Nimuendajú (1883-1945), com alterações e acréscimos indicados pelo general Rondon⁵³.

O presidente da república em 1949-50, Eurico Gaspar Dutra, concedeu novo crédito para impressão da “Carta”⁵⁴, no entanto, ela só foi publicada em 1952, no governo do presidente Getúlio Dornelles Vargas. Trata-se, como se vê, de trabalho ímpar e que é referência principal de muitos pesquisadores em Mato Grosso do Sul.

⁵¹ Combates comandados pelo general Rondon, que, depois, também se posicionou ativamente contra o governo de Getúlio Vargas.

⁵² Eurico Gaspar Dutra era ministro e Júlio Strübing Müller, interventor federal.

⁵³ Foram localizados grupos étnicos, postos indígenas e colônias emancipadas, chegando a detalhar as aldeias indígenas, barracões, barracas, malocas, taperas ou tapiris de índios.

⁵⁴ Com escala 1:1.000.000, traz a localização de cidades, vilas, povoados, algumas fazendas ou agrupamentos de casa, portos, estradas de ferro, estações, linhas telegráficas, estradas carroçáveis, caminhos, picadas ou trilhas, rios (com início e fim de navegação, indicando o sentido), cachoeiras, saltos, lagos, terrenos alagados, serras e montanhas, fronteiras, além de detalhar a presença indígena.

CAPÍTULO 1 – OS ERVAIS DE MBARACAYÚ

O primeiro governo na região da bacia platina, o de Nova Andaluzia, foi *encomendado* ao *adelantado* Pedro de Mendoza, em 1534. Juan Francisco Aguirre afirmou que, apenas dois anos depois, já se conhecia o consumo de erva pelos guaranis e que os espanhóis iniciaram esse costume no governo de Martínez de Irala¹. Logo após a fundação dos primeiros *pueblos de indios* em Mbaracayú, nas diversas saídas de Domingo Mantinez de Irala *costa arriba*², houve a revolta da aldeia de Taberé em 1543, na província de Ipané³. Em 1577, os índios das cabeceiras do rio Jejuí, das províncias de Yuruquizaba e Tanimbú, se rebelaram e foram reprimidos por Sebastián de León⁴. Em 1579, a rebelião conduzida pelo cacique guarani Oberá e de seu filho Guiraró concentrou-se entre as cabeceiras dos rios Ipané e Jejuí⁵, na região de Corá Guazú e foi reprimida por Juan Garay, com 130 soldados. Depois disso, houve uma sucessão de conflitos entre espanhóis e indígenas no restante do século XVI, intercalados por acordos de paz⁶.

A província de Mbaracayú produziu a maior parte da erva da história colonial do Paraguai. Sua área compreendia, a oeste, das nascentes do arroio Guazú, afluyente do Ipané-mi, passando pelo rio Aguaray-guazú, pelo Curuguay e pelo Corrientes até a serra de San Joaquín; ao sul, até as margens do rio Acaray; na zona leste, até o rio Paraná; e ao norte, pelo rio Iguatemi e, tomando o seu braço que hoje é conhecido por Ijobi (Yhový⁷), até suas nascentes, prosseguia pela serra de Mbaracayú até o arroio Guazú, afluyente do Ipané (FIG. 04). A tradicional luta entre guaranis e *gualachos* na região facilitou certa concentração do gentio nas antigas povoações de Mbaracayú, Candelaria, Terecañy e Ybyrapariyára⁸, no caminho Asunción-Guayrá⁹. Os limites propostos coincidem em parte com os ervais coloniais mais antigos.

¹ AGUIRRE, Juan Francisco. Diario del Capitán de Fragata D. Juan Francisco Aguirre. In: **Revista de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires**, t. XIX, n. 47-48, 3º. y 4º. trimestre de 1948, p. 357, 1950.

² AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 87; contudo, na página 89, ele colocou em dúvida estas incursões, nesses anos.

³ Estavam reunidos 8.000 rebeldes, segundo Guzmán, e, entre eles, o filho de Aleixo Garcia. O combate com os espanhóis deixou grande quantidade de mortos e feridos, foram aprisionadas 3.000 pessoas, entre mulheres e crianças, posteriormente distribuídas entre os espanhóis.

⁴ *Ibidem*, p. 211.

⁵ LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán**. Buenos Aires: Imprenta Popular, t. III, 1874, p. 210-229.

⁶ *Ibidem*, p. 99-101.

⁷ Rio Azul. Também foi conhecido como Escopil.

⁸ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 32-33.

⁹ Cf. SúsNIK, no triângulo formado pelos rios Itanará e Curuguay e pelas serras de Mbaracayú (SÚSNIK, Branislava. **Dispersión Tupi-Guaraní Prehistórica**: Ensayo Analítico. Asunción: Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, 1975, p. 104).

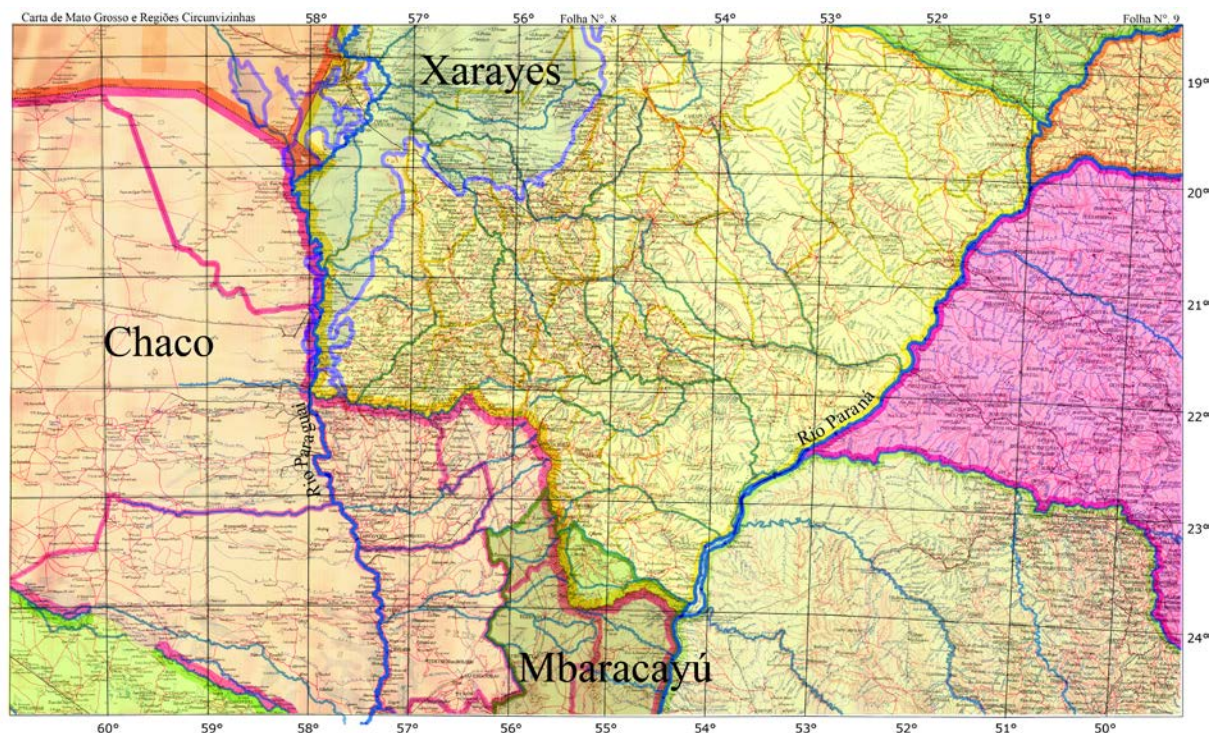


FIG. 04. Mbaracayú. Figura elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

Os primeiros produtos do Paraguai que foram enviados para o rei da Espanha consistiram em pães de açúcar, trementina da terra¹⁰ (ou *yeí*), couros (de anta, de onça e de veado), tecidos de algodão y otros *adobados*¹¹. Instruções de Juan Ortega, em 1567, ao capitão Ruiz Diaz de Melgarejo mencionam a circulação de erva em Guayrá. O procurador das províncias de Guayrá relatou, em documento de 1603, que o comércio de erva havia começado há mais de quarenta anos¹². Em 1596, o governador Juan Ramírez de Velazco proibiu aos comerciantes e a qualquer outra pessoa trocar com índios *martinetes*¹³ por erva ou tabaco, que adquiriam a custo baixo¹⁴. Considerando que a história da *yerba del Paraguay* se desenvolveu em diversos cenários geográficos, Garavaglia propôs uma divisão para a ocupação do espaço. O primeiro espaço, entre a fundação de Asunción e a retirada dos espanhóis e jesuítas de Guayrá e Xerez, compreendeu o contínuo avanço da frente pioneira da Coroa espanhola nessa direção. Quando se iniciaram as reduções jesuíticas, em 1610, o

¹⁰ É o nome popular de terebentina, um líquido incolor obtido por destilação de uma resina retirada geralmente de coníferas. A aguarrás é sua essência.

¹¹ O termo *adobado* se refere a especiarias (a erva-mate não foi especificada).

¹² OBERTI, Federico. *Historia...*, *op. cit.*, p. 61-62; *Relación Cierta y Verdadera...*, de Juan Bautista Corona, Asunción, 12/02/1603, em AGI-Charcas 48, *apud* GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Mercado Interno...*, *op. cit.*, p. 38.

¹³ Artesanato feito com penas.

¹⁴ OBERTI, Federico. *Historia...*, *op. cit.*, p. 189.

governador Diego Marín de Negrón proibiu o comércio da erva¹⁵. Desde 1595, com Juan Caballero Bazan, havia começado restrições a seu benefício. Duas décadas depois, no entanto, a produção tinha-se firmado, tanto que suplantou o açúcar e o vinho nas vendas de Asunción¹⁶ para o mercado interno colonial, ao tempo em que os vinhos de Mendoza substituíram os produzidos nas províncias do Paraguai¹⁷.

No segundo momento, o espaço ocupado por colonos espanhóis e índios encomendados se reduziu à província de Mbaracayú, onde estavam os melhores ervais silvestres. Ao mesmo tempo, depois da retirada de Guayrá e da vitória de Mbororé (1641), os jesuítas passaram a ocupar a região entre os rios Paraná e Uruguai até alcançar a serra do Mar, situação que permaneceu até fins do século XVIII. A partir daí, os jesuítas começaram também a investir na produção de erva. Portanto, o consumo dessa bebida chegou ao Alto Peru na passagem do Paraguai da conquista para o colonial. A mestiçagem precoce favoreceu o hábito de consumir erva que abarcava todas as categorias sociais e grupos étnicos¹⁸, mesmo em uma sociedade em que a distinção hierárquica se fazia até pelo traje. Sua difusão por quase todo o tecido da sociedade colonial manteve-se mesmo em áreas geográficas onde não houve intensa mestiçagem.

Um ataque dos portugueses de S. Paulo em 1676 obrigou a retirada de Villa Rica para *costa abajo*, modificando substancialmente as relações de produção. Mesmo com a fundação de Curuguaty¹⁹, em 1715, Mbaracayú perdeu a importância que tinha até então. O rio Tebicuary passou a ser mais utilizado para a exportação de erva, ressignificando a estreita faixa entre este rio e Asunción²⁰. O rio Jejuí foi praticamente abandonado como eixo de transporte. A erva-mate chegava a Villa Rica carregada por arrias. O quarto momento aconteceu com a decidida política de estabelecer fortins nas fronteiras do Paraguai, houve outro movimento expansivo que ampliou a área ocupada²¹. Concepción tornou-se outro centro ervateiro, intermediando a produção e comercialização da erva. Foi na província de

¹⁵ OBERTI, Federico. **Historia...**, *op. cit.*, p. 57-58; 61-62; 89; 94.

¹⁶ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 68.

¹⁷ MÖRNER, Magnus. **Actividades Políticas y Económicas de los Jesuitas en el Río de la Plata**. Buenos Aires: R. P. Centro Editor de Cultura, 2008, p. 21.

¹⁸ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 40-41.

¹⁹ Mariano Molas afirmou que, no lugar onde está em definitivo, foi aprovado por cédula real, dada em San Lorenzo, em 31 de agosto de 1721 (MOLAS, Mariano Antonio. Descripción histórica de la antigua provincia del Paraguay. In: **La Revista de Buenos Aires: Historia Americana, Literatura y Derecho**. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, t. IX, p. 11, 1866).

²⁰ *Por el río Tebicuary, se practicaban en los tiempos de oro algunos transportes de yerba que se trabajaba en los yerbales de Villa-Rica, de Yuti y de Caazapá, en piraguas y garandumbas chicas y grandes, y por la proporción de ser navegable este río, que desagua en el Paraguay, siete leguas arriba de la Villa de Pilar, giraba este fruto, en derechura a las provincias de abajo* (MOLAS, Mariano Antonio. In: **La Revista...**, *op. cit.*, t. X, p. 52-69, 1866).

²¹ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 101-102 e 109.

Mbaracayú, no entanto, que se desenvolveu a maior parte da exploração dos ervais silvestres por parte dos colonos durante toda a época colonial.

1.1 OS CAMINHOS ANTIGOS

O *Peabiru* que, conforme a interpretação mais plausível, quer dizer objetivamente caminho do Peru, foi relatado pela historiografia como a via privilegiada para ligar o litoral do Atlântico ao do Pacífico, passando por Cuzco. Pastells citou um documento²² que afirmou que o caminho antigo que seguia por Santa Cruz de la Sierra era muito fácil de reabrir. Padre Dobrizhoffer deu asas à lenda e citou que, em Tucumbú, próximo de Asunción, havia uma gruta que teria sido habitada pelo apóstolo Santo Tomás²³. Rastros de pés inscritos em pedras encontrados em muitos sítios da América do Sul foram atribuídos a sua presença. Os guaranis mostravam um caminho gramado pelo qual ele teria ido de Guayrá ao Brasil. O cacique Maracaná falou aos padres italianos Gioseppe Cataldino e Simon Mazeta, em 1612, que um homem de pele branca, barba grande e com uma cruz lhes ensinou o uso e o modo de plantar mandioca. Foi chamado Tomé, Zumé, por alguns Chumé e por todos Abaré.

Mais recentemente, admite-se que não era apenas um caminho, mas uma rede de caminhos antigos²⁴ que atravessavam a América dos Sul em diversas direções, construída antes do período colonial, serpenteando serras e cordilheiras ou, algumas vezes, acompanhando grandes rios. Esses caminhos foram aproveitados para deslocamento e conquista tanto por espanhóis, como por portugueses. Interessam a esta dissertação os caminhos entre as margens do rio Paraná e as margens do rio Paraguai. Vários trabalhos²⁵

²² PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay** (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil), según los documentos originales del Archivo General de Indias. **Madrid:** Victoriano Suárez, v. 1, 1912, p. 384-387.

²³ *Faltan testigos idóneos fuera de los rudos y crédulos indios que pueden tanto engañar como ser engañados, y no queda ninguna prueba de la que pueda sacarse la verdad* (DOBRIZHOFFER, Martín. **Historia de los Abipones**. Tradução para o espanhol de Clara Vedoya de Guillén. Resistência: Universidad Nacional del Nordeste. v. III, (1784) 1970, cap. XLIV, *Corolario de este asunto. Controversia sobre la llegada a América del Apóstol Santo Tomás*). Este autor citou outros historiadores que também afirmaram a presença do apóstolo na América: Antonio de la Calancha, en la Historia del Perú, libro 2, capítulo 2; Juan Torquemada en la Monarquía Indica, parte tercera, libro 15, capítulo 49; el ilustrísimo Obispo Piedra hita en la Historia del Nuevo Reino; Bartolomé de las Casas, Obispo de Chiapa, en la Historia Mejicana; el Padre Alfonso de Ovalle en la Historia del Reino de Chile, libro 8, capítulo I, último parágrafo.

²⁴ Essa rede incluía os conhecidos caminhos incas. Vestígios do *Peabiru* estão descritos em vários estados brasileiros.

²⁵ O caminho que os primeiros *vicentistas* seguiram para Asunción, “fazia-se pela foz do Piqueri e atravessando o Paraná acima do Salto Grande, bordejava a serra de Maracaju e seguia aproximadamente o curso do Jejui até o Paraguai. [...] Desde os meados do século de Quinhentos [...] João Ramalho e os seus companheiros de Santo André da Boeda do Campo conheciam e praticavam as vias primitivas e primárias, que se tem chamado o *Peabiru*, ou seja, o sistema de caminhos indígenas” (CORTESÃO, Jaime. **Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC, 1958; MARQUES, Alfredo Pinheiro. A Cartografia do Brasil no

confirmam que este caminho atravessava o rio Paraná pouco acima do Salto Grande del Guayrá (ou Sete Quedas), na altura da Ilha Grande, passava pela cordilheira de Mbaracayú e atravessava o rio Paraguai, próximo da atual cidade de Corumbá.

As populações que habitaram essa serra deixaram vestígios materiais que confirmam ocupação superior a onze mil anos²⁶, comprovada por pesquisas arqueológicas e evidenciada pelas inscrições rupestres (FIG. 05 e 06). Conforme o arqueólogo Gilson Rodolfo Martins²⁷, “uma variada formação pretérita de horizontes culturais revela a existência [...] de grupos caçadores, coletores e pescadores e de grupos indígenas ceramistas, cujas origens são anteriores ao desenvolvimento das etnias conhecidas desde os tempos coloniais”²⁸. As inscrições rupestres de *tradição geométrica*²⁹ ocorrem ao longo de um trajeto que evidencia um traçado de caminhos antigos. A identificação desses caminhos é útil para compreender a construção do espaço social e explicar a sucessão de deslocamentos da população da região na época colonial.



FIG. 05 e 06. *Inscrições rupestres*. Plata Rupa e Cerro Marangatu (Antônio João, MS). Fotografias do autor. 2007.

século XVI. In: separata da **Revista da Universidade de Coimbra**, v. XXXIV, p. 447-462, 1988); ver também: MARTINS, Gilson Rodolfo. **Breve Painel Etno-Histórico de Mato Grosso do Sul**. 2ª ed. amp. e rev. Campo Grande: UFMS, 2002, p. 37-38.

²⁶ KASHIMOTO, Emília Mariko; MARTINS, Gilson Rodolfo. **Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Life, 2009, p. 11.

²⁷ Diretor do Museu de Arqueologia da UFMS.

²⁸ MARTINS, Gilson Rodolfo. **Breve Painel...**, *op. cit.*, p. 19.

²⁹ Tradições rupestres e tradições culturais recebem denominações diferentes. Tradição se refere a um “grupo de elementos ou técnicas com persistência cultural”. No entanto, estas definições da cultura material não servem para classificar ou mesmo identificar grupos humanos, mas somente para entender as técnicas e os conjuntos de implementos (CHMYZ, Igor. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. In: **Cadernos de Arqueologia**. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, v. 1, p. 119-148, 1976).

A escolha de internar a capital do Paraguai no centro do continente americano teve como consequência sua dependência de portos marítimos para articular sua comunicação e seu comércio com a metrópole. A política colonial espanhola estabeleceu Lima, no Peru, como único porto autorizado para o comércio exterior do vice-reino. Por essa razão, a ilha de Santa Catarina e Buenos Aires, nas primeiras décadas, não representaram opções viáveis. Também o caminho mais curto por terra até o Peru não foi utilizado. Antes mesmo da excursão de Aleixo Garcia, outras investidas guaranis tentaram aproximar-se de Cuzco, mas não conseguiram passar por Samaipata³⁰. Por outro lado, o caminho por terra até S. Vicente, conhecido pelos guaranis e utilizado por espanhóis, teve o trecho Guayrá-São Paulo proibido em 1553, por iniciativa de Tomé de Sousa³¹. Por esse caminho subiu Ulrich Schmidl.

Cédulas reais espanholas também proibiram a passagem de qualquer pessoa pelo passo dos saltos de Guayrá, sem a licença de Felipe IV, despachada pelo real conselho das Índias³². A proibição foi estendida a qualquer estrangeiro que quisesse entrar nas províncias do Paraguai. Não havia dificuldade para descer o rio Paraná até esses saltos, porém, descer o rio Tietê (Anhembí) era extremamente trabalhoso, por suas cachoeiras. Os portugueses frequentaram estes caminhos durante décadas, antes de atacarem as reduções. Algumas bandeiras desceram de S. Paulo por mar, até a região dos Patos, subiram pelo porto de D. Rodrigo, ou Embitiba, onde começava a terra dos *carios*³³ ou *carijós*, seguiram até Laguna, até encontrar os caminhos que atingiam o Guayrá³⁴.

Apesar do invejável conjunto de rios navegáveis utilizados no início da conquista, os deslocamentos por terra rivalizaram com a navegação³⁵. A figura mostrada a seguir (FIG. 07)

³⁰ Forte inca e povoação colonial, a 120 quilômetros de Santa Cruz, no caminho para Cochabamba.

³¹ Conforme as atas da câmara de Santo André (p. 36 e 138), D. Duarte da Costa proibiu em 1556, *apud* LUÍS, Washington. **Na Capitania de São Vicente**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980, p. 290).

³² *Con que ordem trajo el dho. negro y su persona por caminos cerrados y contra los bandos de su magestade (ANA-SH v. 36 n. 17 – 9 out 1603)*. Sobre Pedro de Acosta, que veio com um negro escravo de angola.

³³ As variações são imputáveis a diferença de dialetos: kariçó (tapé); karihó (carijó, assunceno); karichó (guayreño); kari-ó (*mbyá* e *chiripá*) (BERTONI, Moisés Santiago. **La Lengua Guarani como Documento Histórico**. Puerto Bertoni: Ex Sylvis, 1920, p. 29).

³⁴ CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. **Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil**: séc. XVI, XVII, XVIII. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1989, p. 202-204.

³⁵ *Según parece los conquistadores ignoraban el camino que hoy se transita por la costa del Río Paraguay desde Mandubirá à la Concepción; y para ir á los pueblos del Río Ypané tocaban en la Villarrica ó el sitio donde hoy está Curuguay, y desde allí marchaban á dichos pueblos por un camino que hoy ignoramos, y es el que siguieron en su fuga los pueblos de Atyrá, Ypané y Guarambaré. El camino llevó sin duda el mencionado Pedro Hurtado y llegó al Pueblo de Xexuy que creo estuvo en la actual dehesa ó estancia de don Josef Casal situada al Norte del Paso de Lima en el Río Xexuy. Por lo menos en un bosque de ella se ven vestigios de Pueblo, y creo que sea el de Xexuy, cuyos indios como poco civilizados es probable que se introdujesen en los bosques cuando se retiraron dichos tres pueblos y los españoles de aquellos parajes por no volver hasta los dias de do Augustín de Pinedo. Hoy existen estos indios en los mismos bosques con los nombres de Caaygua ó Monteses sin que nos conste que este pueblo fuese atacado, ni transmigrado (AZARA, Felix de. **Geografía, física y esférica...**, op cit., p. 55-56).*

é uma proposição do autor para os caminhos pré-coloniais desta região, considerando as informações referidas abaixo, além dos documentos contidos nesta dissertação. Considerando que o conhecimento histórico é sempre mais do que aquilo que se encontra nas fontes, como ensinou Koselleck: “uma fonte pode existir previamente ao início da investigação ou ser descoberta por ela. Mas ela também pode não existir mais. Assim, o historiador vê-se na necessidade de arriscar proposições [...]. A ciência histórica vê-se obrigada a interrogar suas fontes, para deparar-se com a constelação de eventos que se situam para além delas...”³⁶.

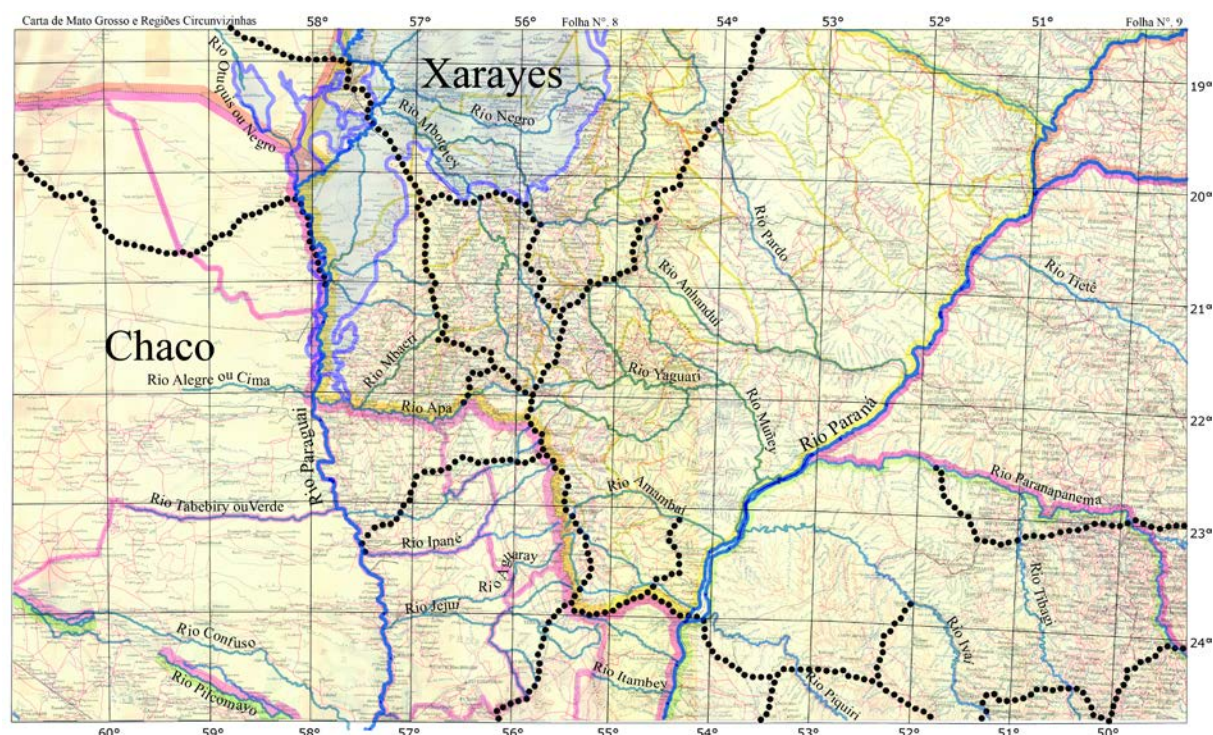


FIG. 07. *Caminhos pré-coloniais*. A linha pontilhada é uma proposição do autor para os caminhos pré-coloniais com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952)³⁷.

³⁶ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado, Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006, p. 186-188.

³⁷ Fontes: *L'Amérique Meridionale*, 1700 (DELISLE, Guillaume de. Paris: Chez l'Auther); *Carta da Provincia de Matto Grosso*, 1880 (PIMENTA BUENO, Francisco Antonio. Biblioteca Nacional (Brasil)); *mapa Fundaciones en el Itatin (1631-1669)* (HERNÁNDEZ, Pablo. Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús. Barcelona: Gustavo Gili. v. I. p. 12, 1913); *Territórios entre o Paraguai e o Paraná*, 1769 (GARCIA, João Carlos. Coordenação. *A Mais Dilatada Vista do Mundo: Inventário da Coleção Cartográfica da Casa de Ínsua*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 2002, mapa 110); *O Caminho do Viamão. Detalhe de [Carta Geral do Brasil]*, 1797 (FREIRE, José Joaquim. [atrib.]. Direcção dos Serviços de Engenharia, Lisboa); mapa atribuído a GUZMÁN, Ruy Díaz de. *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Rio de la Plata (1612)*. Asunción: Ediciones Comuneros & Roberto Quevedo, 1980; *Mapa do Estado do Paraná*, 1896 (ABREU, Alberto Ferreira de; ABREU, Cândido Ferreira de; CORREIA, Manuel Francisco Ferreira); *Carta del Gran Chaco e Paesi Confinanti*, 1789 (CAMAÑO BAZÁN, Joaquín).

Os caminhos pré-coloniais seguiam a lógica dos caminhantes. Os mirantes eram muito valorizados, assim como o acesso às nascentes e à alimentação. O percurso escolhido era o mais curto e seguro. Esses caminhos serviram de eixo para o povoamento antigo, para o deslocamento das populações autóctones e continuaram a servir de orientação durante parte do período colonial³⁸. Para elaborar este croqui, foram pontuadas as localizações descritas ou comprovadas de povoações e de trechos relatados na ampla pesquisa de fontes primárias realizada. Como no caso do caminho indígena encontrado por Sanchez Labrador: *tienen los Eyiguayeguis tres caminos por los cuales desde los toldos venían á sus correrias, y los tres se juntan en el Liguemadigo, que es un arroyuelo de buena água cuyo paso tiene un cenegal bien trabajoso*. Um caminho costeava a margem oriental do rio Paraguai, con *las preciosas vueltas que hacen sus aguas hacia todos rumbos*: lhes oferecia a comodidade da pesca, porém, era intransitável no tempo das cheias. O outro saía em direção ao norte pelos campos, dando também suas voltas para evitar as matas. Por esse achavam muita caça e frutas chamadas *guama*³⁹. Chamavam estes campos Apacachodiyodi (*lugar de los avestruces*). No caminho do meio, parte era terra baixa, como das margens do rio, e parte passava por campos⁴⁰. Em outra viagem que fez, entre Belén e Itapucu, o padre relatou mais um caminho⁴¹. Saiu de Belén e parou na margem direita do Aquidabán⁴². Próximo dali viu vestígios de cerca e um laranjal. Chegou até a lagoa Numígena, ou *Pescadero*, onde os *mbayás* tinham escolhido para engordar seus cavalos.

Al oriente se ve á lo lejos la serranía: sobresale hermosamente un cerro. Al Norte se divisa mejor un ramo de la misma serranía. Al Norte cuarta al Oeste se vieron los fuegos de los Chanás. Al Poniente y Sur se ve cerca el río Paraguay, en cuya orilla levataron fuegos los Payaguás [...]. El camino es todo por colinas de buen pasto. Á trechos tiene mucha piedra de cal. No se ensacha mucho la tierra, porque á los lados tiene bosque, y cerros bastante altos. Las piedras no impiden el camino ni la fertilidad, y sobresalen poco. Como media legua antes de llegar al río, se angosta mucho el campo, que al Occidente tiene la serrania pequeña ó Gutig-Aguanigi, de Buenos cerros, llenos de arboleda. Nuestro camino los deja á mano izquierda, y la punta distará de él cosa de media legua. Al Norte y a Este están otros cerros de la cordillera, cuyo principio le teníamos como un cuarto de legua [...]. El água del río tenía un sabor algo áspero, por la broza. Corre de Oriente á Poniente. Su suelo es de piedra: la bajada y salida muy malas [...]. Todo el camino fué por tierra alta,

³⁸ ...unas palmas Mbocayás cortadas, y el lo machacado del corte se conocía que habían sido cortadas con hacha de piedra. Vimos también una senda que salía del bosque y llegaba al río Ypané. Señales de haber por estos sitios Indios salvajes ó monteses. En la primera ensenada que hace el campo hay árboles de Yerba Caamirí ó como la llaman los monteses, Caa-yu, Yerba amarilla, por el color verde claro de sus hojas. El camino fué parte al Oriente y lo restante al Este-sudeste (LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay Católico**. Buenos Aires: Coni Hermanos. t. II, 1910, p. 250).

³⁹ *Guama* é outro nome para a fruta ingá.

⁴⁰ LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay Católico...**, *op. cit.*, p. 280-281.

⁴¹ *Ibidem*, p. 221-237.

⁴² *Ib.*, p. 229.

aunque el campo es estrecho [...]. Todo el camino parece una especie de callejón, que forman las serranías del Occidente y Oriente [...]. Paramos [...] á la orilla del río Aaba, junto a su arrecife, llamado Ayagiyaga [...]. Pasada la serranía, [este río] toma el nombre de Aaba, y es el que en los mapas se demarca bajo la palabra Tepotiy, junto al cual estuvo el pueblo de San Benito, después Santiago de Indios Itatines⁴³. [...] Crúzanse ya por estos lugares⁴⁴ los caminos de los Mbayás: y algo al Sur está por el que van á los Chanás ó Layanás, que quedan al Occidente em la outra orilla del río Paraguay [...]. Al Nornoroeste está el camino por donde iban los infieles á la villa de Curuguatí á robar, matar y cautivar gente⁴⁵.

O caminho continuava a noroeste por terras altas, atravessando colinas ou costeando montes⁴⁶. Felipe II, em 1595, mandou que os governadores de Santa Cruz de la Sierra não fizessem descobrimentos até o Brasil, nem introduzissem gênero algum de comércio por aquelas partes. Mandou, ainda, que os vice-reis do Peru não dessem lugar a que se comunicassem essas províncias, nem se prosseguissem os descobrimentos começados⁴⁷. Mais de um século depois, em 1716, uma real provisão da audiência de *la Plata* ordenou que se fechasse o caminho e comércio pelo rio Paraguai. Os jesuítas tentavam chegar ao Peru pelas missões dos Chiquitos. O *Cabildo da Ciudad de San Lorenzo de Santa Cruz de la Sierra*, em carta ao vice-rei, comunicou que os padres da Companhia de Jesus, da província de Tucumán, haviam descoberto um caminho para ter comunicação desde a *ciudad del Paraguay con aquellas Misiones*, com o grave inconveniente de haver entrado por esse caminho, várias vezes, o inimigo mameluco e pediu providências.

Dois anos depois, o padre superior das missões dos Chiquitos, que estavam a cargo dos padres da Companhia de Jesus das províncias do Paraguai, suplicou que fosse dada permissão para utilização desse caminho, pela consideração ao grande trabalho que custou para abrir⁴⁸. Explicou que facilitava o comércio entre as províncias e missões mais antigas. Alguns autores⁴⁹ argumentam que a fundação de um porto à margem direita do rio Paraguai, na altura de Chiquitos, facilitaria tanto a aliança com *mbayás* e *payaguás*, como a fortificação

⁴³ *Ib.*, p. 222-227.

⁴⁴ *Ib.*, p. 228 e 240 (22º 16’).

⁴⁵ *Ib.*, p. 228.

⁴⁶ *Como a la mitad del camino está un bello campo, que llaman Guaquiigo, lugar que fué de ganado vacuno. Por ventura aqui tuvieron su hacienda los Itatines del pueblo de Santiago. Hoy en día sirve de estancia de los caballos de los Eyiguayeguis. Al Oriente está una serranía mediana, llamada Amoguiyadi. Á su banda del Poniente hay Buenos campos, y se destinan para la nueva Reducción de San Juan Nepomuceno (Ib., p. 231).*

⁴⁷ **Recopilación...**, *op. cit.*, livro IV, título III, lei XXVII.

⁴⁸ CORTESÃO, Jaime. Introdução, notas e glossário. **Antecedentes do Tratado de Madri: Jesuítas e Bandeirantes no Paraguai: 1703-1751**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1955, p. 131-140. (MCODA VI). XI. *Real Provisão da Audiência de la Plata, mandando cerrar o caminho e comércio entre as missões dos Chiquitos e a da Província do Paraguai, acompanhada de vários documentos, entre os quais uma súplica do padre superior das primeiras missões, 1716-1718*.

⁴⁹ Ver LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. Caminho de Chiquitos às Missões Guaranis de 1690 a 1718. In: **Revista de História**, São Paulo: USP, n. 40, p. 411, 1959-1960.

de Itatin, com as vantagens decorrentes da comunicação e socorro mútuo, abreviando a distância para exportação de erva-mate até Potosi.

O transporte da erva-mate dependeu inicialmente de arrias (tropas de mulas de carga⁵⁰) e do transporte fluvial, até ser viabilizado o transporte em carretas de bois. Apesar da introdução precoce da criação de gado, só no século XVII, quando os guaranis dependiam fundamentalmente da carne de gado para sua subsistência, passado o impacto inicial negativo, foi possível ampliar o uso das carretas, pelas dificuldades de manter as estradas carreteiras. No final do século anterior, os espanhóis enfrentaram enormes dificuldades para transitar com carretas entre Asunción e Buenos Aires. Para ir de Asunción até os saltos de Guayrá, a opção mais rápida e viável era embarcar pelo rio Paraguai até o Jejuí, subir por ele até o porto de Mbaracayú⁵¹ e depois seguir por terra. Eram dez jornadas de trânsito difícil, atravessando a serra, caminhando por brejos e atoleiros, passando por alguns arroios, crescidos na época das chuvas⁵².

Cerca de três anos antes da descida de Luís de Céspedes y Xeria, governador do Paraguai, pelo Tietê-Paraná, os jesuítas abriram o *paso del Salto*, uma picada de quinze a dezesseis léguas⁵³, segundo os jesuítas⁵⁴, unindo a redução de Acaray aos saltos de Guayrá, controlando seu acesso nas duas pontas. Utilizado para doutrinar e, principalmente, para o transporte de erva. O governador, tomando conhecimento desse caminho, proibiu sua utilização com base em duas cédulas reais. Para isso mandou guardar o caminho na passagem

⁵⁰ Os cavalos foram introduzidos no Paraguai pelos primeiros espanhóis chegados na expedição de Pedro de Mendoza. Depois, por Cabeza de Vaca (dos 45 trazidos, só chegaram vivos 26). Caprinos e ovinos foram trazidos por Nuflo de Chaves, no regresso de sua primeira expedição ao Peru, em 1549. As *siete vacas y un toro* chegaram em 1556. No ano anterior, deixaram San Francisco, junto com García Rodríguez de Vergara, Juan Salazar de Espinosa, Cipriano Goetz, Isabel de Contreras e suas filhas, Hernando de Trejo e outros espanhóis. Seguiram, todos estes, pelo Peabirú. Passaram pela nascente do rio Iguazu e, nas margens do Tibagi, encontraram o cacique Surubá, que os recebeu e deu-lhes auxílio para chegar até o rio Ivaí, terra dos *ybyrayáras*. Viveram por algum tempo em uma casa que construíram nesse lugar. Construíram uma igreja com ajuda dos padres franciscanos que os acompanhavam. Após a decapitação de Francisco de Mendoza, consequência da disputa com Irala, Ruy Díaz de Melgarejo foi desterrado, seguindo para São Vicente. Alí casou com uma das filhas de Isabel de Contreras, Elvira, mas em poucos meses a matou e ao clérigo Juan Carrillo, por haver-lhes surpreendido *in-fraganti*. Melgarejo fugiu, acompanhado de vários castellanos, entre eles, Juan Salazar de Espinosa, além do português Vicente Goetz (ou Francisco Gaete). Foram eles que trouxeram o primeiro *gado vacum* para o Paraguai, descendo o Tietê (Añemby) e continuando pelo Paraná até os saltos de Guayrá. Aí desembarcaram e seguiram por Mbaracayú até Asunción (ver LOZANO, Pedro. *Historia de la Conquista...*, op. cit., t. II, 1874, p. 381-387).

⁵¹ O porto de Mbaracayú ficava no rio Jejuí, próximo a Terecañy. Muitas vezes foi confundido com o porto de Coqué, no mesmo rio, como se vê na *Carta do Padre Ximenez ao Padre Superior sobre uma viagem aos Chiquitos*, Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis I, 29, 8, 97, Biblioteca Nacional, 1703.

⁵² XARQUE, Francisco. **Insignes Misioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay**: Estado Presente de sus Misiones en Tucumán, Paraguay, y Rio de la Plata, que comprehende su Distrito. Pamplona: Juan Micòn, 1687. Livro II, p. 121 e 124.

⁵³ A *legua de deciocho al grado*, mais utilizada, correspondia à distância de 1/18 de grau de um meridiano terrestre, que equivalia a 5,5727 km ou 20.000 pés (Fonte: Biblioteca Virtual del Paraguay).

⁵⁴ Na verdade, bem mais, quase o dobro dessa medida.

do rio Paraná, com a fundação de uma pequena povoação de índios, com três espanhóis, nesses saltos, onde se encontravam quatro caminhos, fechando o “novo”, aberto pelos jesuítas. Argumentou que, por esse caminho, retiravam-se muitos índios, que eram levados pelo rio Paraná às cidades do *Río de la Plata, gobernación de Tucumán, hacia el Peru y Chile, y metiendo por el hacienda traída de Buenos Aires y Tucumán, y por donde transitaba gente de contrabando, sin que el Gobernador y Justicias de la Asunción pudiesen tener noticia de ello, ni las demás reducciones desde el dicho camino á esta ciudad*⁵⁵. Também se valeu da real provisão de 7 de fevereiro de 1622, que tratava da alfândega e porto seco de Cordoba, proibindo a comunicação e a passagem, tráfego ou transporte de qualquer pessoa que pudesse ir do Brasil ao Paraguai ou do Paraguai ao Brasil, para evitar o contrabando de ouro e prata, lavrado ou por lavar.

O rei da Espanha obteve informações que muitos estrangeiros⁵⁶ (*flamencos, franceses y de otras naciones*) entravam por terra, vindos do Brasil, pela província de Guayrá, e passavam ao Peru. Mandava que não se consentisse *ni deis lugar a q por essa prova. entre ninguna persona estrangera, portuguesa, ni castellana, por ninguna raçon ni causa de q se pretenda valer si no lleva liçencia mia pa. alla despachada, por mi Real consejo de las yndias, etc.*⁵⁷. Os jesuítas reclamaram da má vontade do governador⁵⁸. Argumentaram que estas cédulas não se aplicavam a este caso, além de que era coisa certa e notória nas províncias que o trajeto de Asunción-Guayrá, pelo porto de Mbaracayú, não era tão fácil e breve como o governador dizia em sua resposta, pois até esse porto havia como cem léguas pelo rio e dali a Guayrá, trinta, pouco mais ou menos. Saindo do rio Paraguai e entrando no Jejuí havia muitas voltas, tornando o trajeto perigoso nas cheias e quando minguado se navegava com muito trabalho. Por terra, ainda que não fosse tão distante, o caminho tinha muitos brejos e passagens ruins. Contudo, se pelo rio fosse seguro, poder-se-ia passar, mesmo com estes inconvenientes. Entretanto, saindo de Asunción, trinta léguas antes da foz do rio Jejuí, era muito perigoso por causa dos ataques dos *payaguás*.

⁵⁵ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v.1, 1912, p. 431.

⁵⁶ Cédula real, de 19 de fevereiro de 1629.

⁵⁷ CORTESÃO, Jaime. Introdução, notas e glossário. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá: 1549-1640**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951, p. 393-394. (MCOA I).

⁵⁸ *Ay mucha desta gente en tucuman, rio de la plata y peru en esta çiudad de la Assumpcion es de la que se adentro con acasion del tragin de la hierba, y por huir del trabajo esçessivo de hacerla viendose en esta çiudad adonde vienen de Maracayu con las balsas, se huyen o se quedan. El paso por el camino nuevo del salto es tan dificultoso o imposible a gente prohibida, consta claramente que por passion y mala voluntad a çerado el Governador el paso por alli a los Padres de la compañia de Jesus, por averle iritado desde que entro por aquellas partes del Brasil los interessados de la provincias del Guayra contra los Padres y desde Maracayu envio muchos ondines y aperturas a la guarda por aver tenido aviso que avia llegado alli un Padre a despachar un pliego y reçelarse que en el se dava quenta a su Magestade contra su persona de cosas sucedidas alla* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, *op. cit.*, p. 389-395).

Luís de Céspedes y Xeria, foi acusado pelos jesuítas de, entre outras coisas, ter enviado ao seu engenho de açúcar no Brasil 500 índios como escravos, além de sua mulher Vitoria de Sá, filha de Salvador Correia de Sá, ter vindo ao Paraguai por caminho e portos vedados e trazido consigo muitos portugueses e escravos negros⁵⁹. Em três memoriais feitos para a Audiência de Charcas⁶⁰, assinados pelos jesuítas e personagens ilustres Christoval de Mendiola, Juan Blasquez de Valverde, Juan Soares de Toledo, Manuel de Frias, Marciel de Lorenzana e Nicolás Mastrillo Duran, o governador foi acusado de uma série de irregularidades, com base em testemunhos. Desde enriquecimento ilícito até detalhes do favorecimento às bandeiras que destruíram Guayrá. Mais objetiva, porém, foi a acusação de que buscou informações, executou mapa da região e repassou aos portugueses, para servir de subsídio para os ataques.

Em 1632, o bispo Cristobal de Aresti saiu de Asunción e atingiu o porto de Mbaracayú, pelos rios Paraguai e Jejuí. Daí seguiu por terra a Santiago de Xerez, onde ganhou o rio Yaguari e Muñey⁶¹. Esse caminho passava pelo antigo sítio dessa cidade, próximo ao Paraná. O bispo atravessou esse rio e subiu pelo *Ubay* (Ivaí), pelo qual alcançou Villa Rica, depois de percorrer mais de 360 léguas. Encontrou-a sitiada pelos mamelucos. Decidiu, então, transmigrar os espanhóis e os índios naturais, que estavam cercados, para a província de Mbaracayú, “por assegurar que não tinham forças suficientes na vila para defender-se”⁶².

Alguns anos depois, uma petição relatou que as dificuldades do outro lado do rio Paraná não diminuíram. Das matas onde se encontravam os benefícios de erva do Paraná e Uruguai, os guaranis missioneiros iam terra adentro até por quinze jornadas, carregando erva nas costas até o embarcadouro. Depois, eles seguiam navegando pelo rio Paraná até Itapua. Demoravam na volta sessenta dias, rio acima, até chegar ao porto onde deixavam suas embarcações, pelas muitas correntes que tinha. O rio Paraná, por ser tão grande e corrente, passando entre serras, levantava tormentas como no mar, ocasionando riscos de perder a erva, se naufragasse alguma das balsas em que navegavam⁶³. Nesse tempo, a alternativa por terra a

⁵⁹ *Ibidem*, p. 399-408. LVII – *Informe hecho por el Padre Francisco Dias Taño de la Compañia de Jesus a la Real Audiencia contra D. Luis Cespedes Xeria Governador de la Provincias del Paraguay a que se le sigue por los delitos cometidos en su gobierno y la ruína de varias rreducciones por los Portugueses, 1631.*

⁶⁰ *Ib.*, p. 409-424.

⁶¹ *Yaguari, ó Ibiñecima, que nuestros conquistadores de esta provincia llamaron con sus naturales Muñey* (Revista de la Biblioteca Nacional, v. 18-19, p. 143). O rio Ivinhema também era conhecido como Três Barras.

⁶² **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. Tomo XIII, p. 323.

⁶³ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 58-59. VIII – *Peticion presentada ante el Governador del Paraguay por D. Balthasar Pucheta Procurador general de dha Ciudad por la que suplica que los Indios del Ytatin vuelvan a pagar tributo con su servicio personal. 10 de maio de 1637.*

esse caminho só se podia andar a pé, porque tinha *tantos pântanos e rios que apenas o melhor cavalo de armas* passava. No entanto, a erva-mate que os índios levavam era tão volumosa, que não se podia transitar, senão em carroças, barcas ou balsas. Só o *poder de los dotrineros* podia viabilizar esse caminho. Com a transmigração das povoações de Guayrá, de Itatin e acima do rio Manduvirá, os guaicurus passaram a dominar esses caminhos antigos, avançando sobre o território de Mbaracayú.

As proposições apresentadas para os caminhos antigos induzem a pensar que a interrupção de alguns de seus trechos ocorreu também em razão da maior resistência de parcialidades indígenas, que não se integraram ao processo da conquista. Como consequência direta, privilegiaram-se, nesses casos, os caminhos fluviais. A introdução de cavalos e mulas⁶⁴ pelos conquistadores não só possibilitou abrir novos caminhos, apesar das dificuldades para sua conservação, como obrigou a encontrar alternativas que viabilizassem seu trânsito. Padre Dobrizhoffer comentou que, entre 1765 e 1767, um dos caminhos abertos pelos jesuítas ainda em 1625, passando pelos rios Empalado e Acaray, estava quase intransitável, por causa dos rios que se tinha de transpor. *Nada había quedado de los puentes y demás instalaciones que los españoles habían preparado para viajar con más seguridad. [...] Los españoles, se animaron nuevamente y se pusieron en gran número, y más avidez que nunca, en el camino, que se había vuelto a componer con grandes gastos*⁶⁵.

O caminho do padre Montoya, segundo Felix de Azara⁶⁶, começava em Asunción e, pelo rio Jejuí, seguía até suas cabeceira, próximas do antigo *pueblo* de Terecañy (*se conocen sus ruinas como siete leguas al norte de Curuguatí*). *De allí, que era el puerto de Maracayú, seguían los padres a outro pueblo no muy distante, llamado también Maracayú, y continuaban hasta el Salto del Paraná [...] camino franco y traginado mil veces*, porém, não ia por Concepción. Começava em Curuguaty⁶⁷, seguia por Terecañy, *y va a dar al paso del rio Igatimi*⁶⁸, de onde se podia ir *al norte por campos, hasta encontrar el Yaguari*. Os

⁶⁴ As lhamas eram utilizadas apenas nos países andinos. As experiências de trazê-las para as regiões mais quentes não foram bem sucedidas.

⁶⁵ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I. *De los bárbaros que yo descubri en Mbaéverá, junto al río Empalado*.

⁶⁶ AZARA, Felix de. **Correspondencia Oficial é Inédita sobre la Demarcacion de Límites entre el Paraguay y el Brasil**. Buenos Aires: Imprenta del Estado. (MCODA). 1836, p. 91. *Correspondência datada em 17 de março de 1794*.

⁶⁷ A distância em linha reta, *segun los demarcadores que fueron al Salto Grande de el Paraná y navegaron por el Gatimi*, era de 29 léguas entre Curuguaty e Salto Grande do Paraná; entre Curuguaty e Assunción, 34½ léguas, *aunque por el camino que van los Paraguayos con el gran rodeo que hacen andan casi 100 leguas* (CORTESÃO, Jaime. Introdução, notas e sumário. **Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos: 1750-1802**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1969, p. 30-31).

⁶⁸ José Custódio de Sá fora um dos demarcadores das linhas estabelecidas pelo Tratado de Madrid e sabia da necessidade de fortificar e proteger o *passo de Maracaju* e a área chamada Forquilha. A abertura de um caminho

curuguateños andavam anualmente esse caminho; *no hace sino como treinta años, si no me engaño, que han dejado dicha correría*. Azara dividiu o espaço entre os ríos Paraguai e Paraná em dois:

El uno comprende el espacio que hay entre los ríos Ipané y Corrientes, y el otro entre el Igatimí y Yaguari. Aquel fue muy apreciado de los antiguos por sus excelentes calidades: era el más lleno o poblado de indios que hallaron por acá los conquistadores, que fundaron en él los pueblos de Atirá, Guarambaré, Ipané, Perico-guazú, Taré, Bomboy y Caaguazú, sin contar, la multitud que llevaron a Santa Cruz de la Sierra, cuyos descendientes se conocen hoy en varios pueblos de los Chiquitos. El segundo trozo, entre los ríos Igatimí y Yaguari, fue absolutamente despreciado de los conquistadores, que hallándose casi desierto, nunca fijaron el pie en él, sino el Venerable padre Fray Luis Bolaños, que inició la reduccioncita de Pacoyú que se deshizo en un momento. Desde entonces nadie ha hecho caso de tales tierras, no obstante de ser conocidas: sino un portugués que, con una estanzuela de ganados, se estableció junto a una laguna en un potrero grande, y los portugueses del pueblo de Nuestra Señora de los Placeres, que no han querido volver a él por serles custoso e inútil para sus ideas. Dicho espacio, según noticias que confirman los portugueses de Igatimí y lo que informo el excelentísimo señor Don Manuel Antonio Flores, no sirven para ganados, porque no teniendo barrero, o la tierra salitrosa, absolutamente necesaria en aquellos terrenos rojos y no calizos, no viven los animales. Cuando despobló Xerez, y abandono el mencionado portugués su estanzuela, quedarón bastantes vacas en plena libertad, de las que los Curuguateños en las referidas corridas mataron algunas: pero con tanta escasez que, cuando mucho, en el viaje a Xerez encontraban tres o quatro⁶⁹.

Em carta ao conde de Valdelirios, o espanhol Manuel Antonio de Flores, oficial da armada real e comissário para a execução do tratado de Madrid, citado acima por Azara, explicou que os portugueses podiam baixar o rio Paraná até a boca de algum dos seus afluentes da margem ocidental, acima do Salto Grande e, subindo por ele, desembarcar no *paso del camino real que vá á la villa de Curuguatí, y á las campañas de Xerez, llamadas así por haber estado en ellas la ciudad de este nombre⁷⁰*. No século anterior, os portugueses de S. Paulo subiram pelo rio Amambay, porém, antes de chegar a sua interseção com o caminho real, por causa das cachoeiras, saltavam por terra e, guiados pelo mesmo caminho, chegavam às proximidades de Curuguaty. Podiam também subir pelo rio Iguatemi, até encontrar esse caminho, como já tinham feito antes⁷¹. Por isso, todos os anos, a mando da corte, os vizinhos ou milícias de Curuguaty saiam para reconhecer as campanhas e impedir o restabelecimento

por terra para o Iguatemi, ainda que toscamente aberto, permitiu a passagem desde Sorocaba até o rio Paraná, saindo na foz do rio Pardo, onde ele achou que era o único *passo* que permitia aquele grande rio. Além disso, o capitão-geral mandou abrir outro caminho, pela *Campanha da Vacaria*, que ficava em frente, no mesmo caminho, fazendo-o sair da Praça de Iguatemi, encostado na cordilheira de Mbaracayú, cortando as cabeceiras do Amambay, e depois do Ivinhema, até desembocar no rio Pardo, onde encontrava o caminho que ia a Sorocaba.

⁶⁹ AZARA, Felix de. **Correspondencia Oficial**..., *op. cit.*, p. 75-76. *Asumpcion, 17 de marzo de 1795*.

⁷⁰ Carta de D. Manuel A. de Flores al Marques de Valdelirios. In: **CODHAM**. Buenos Aires: Imprenta del Estado, t. IV, 1836, p. 24-29.

⁷¹ Essa carta é datada de 1756, portanto menciona outra estada dos portugueses no Iguatemi, antes da fundação de Nossa Senhora dos Prazeres.

de portugueses até que fosse delimitada a fronteira. Alcançavam as imediações de Camapuã. Os portugueses podiam, por esse caminho, afirmou o comissário, vir por terra até Curuguaty.

1.2 AS POVOAÇÕES COLONIAIS

As primeiras cidades conhecidas na América do Sul foram iniciadas por volta de 3.000 anos atrás, nos Andes⁷². Quando os conquistadores espanhóis chegaram ao Paraguai, os *carios*⁷³ constituíam aldeias com número de habitantes variável, concentradas em sítios definidos, algumas densamente povoadas e com paliçadas. Onde se fundou *Asunción* havia mais de 10.000 habitantes⁷⁴. No entanto, essa situação não era igual em todo o território guarani. Pelo conceito ibérico de cidade, apenas a Coroa tinha a prerrogativa de fundar cidades em seus territórios. A partir das *ciudades-reais*, organizavam-se hierarquicamente as vilas, superiores às capelas e freguesias, cumprindo papéis diversos na conquista. As instâncias da Igreja estavam, durante a maior parte do período colonial, umbilicalmente ligadas às do Estado. A elevação de uma comunidade ao estatuto de capela curada significava a ascensão de uma região inóspita a núcleo reconhecido pela Igreja e também a garantia de visita de um pároco (cura). A subsequente elevação à condição de freguesia garantia o acesso ao batismo, ao casamento, ao amparo dos enfermos, aos sacramentos, aos registros de nascimento, de matrimônio, de óbito, com todas as implicações jurídicas e sociais. Implicava, enfim, em usufruto da formalidade civil. Capela e freguesia, no entanto, recorriam à vila, de cujo “termo” elas eram parte⁷⁵. A condição de vila era concedida pelo capitão-donatário ou por ordem régia. Gozava então de autonomia política e administrativa. Ao conselho municipal cabia zelar pelo rocio, bem como conceder datas e sesmarias.

Portugal adotou estratégias de conquista diferentes da Espanha. Em 1532, onze anos após assumir o trono português, D. João III criou as capitânicas no Brasil. Mesmo ano da fundação de São Vicente e do fim do império inca. No ano seguinte fez a divisão em doze capitânicas hereditárias. Dois anos depois foram lavradas as *cartas de doação* das capitânicas.

⁷² Caral, no Peru.

⁷³ Como eram chamados os guaranis dos primeiros contatos em Santa Catarina e *Asunción*.

⁷⁴ Ulrico Schmidl fala em 40.000 homens em *Lambaré*, o que é considerado um exagero por outros autores (SCHMIDL, Ulrico. **Viaje al Río de la Plata**. Buenos Aires: Emece, 1997, p. 45). A população pré-colombiana no Paraguai foi estimada em 280.000 habitantes, para o ano de 1492 (ROSENBLAT, Ángel. *La Población Indígena de América desde 1492 hasta la Actualidad*. In: **Stirps Quaestonis**. Buenos Aires: Institución Cultural Española, tercer cuaderno, 1945, p. 92).

⁷⁵ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO, Beatriz. Dilatação dos confins: caminhos, vilas e cidades na formação da Capitania de São Paulo (1532-1822). In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: USP, v. 17, n. 2, jul-dez, 2009, p. 251-294.

Martin Afonso de Sousa recebeu São Vicente e Pero Lopes de Sousa recebeu a doação de três capitanias: Santo Amaro; Sant'Anna e Itamaracá, em Pernambuco⁷⁶; as três primeiras constituíram, mais tarde, a capitania de São Paulo⁷⁷. Foram as inter-relações entre a expansão dessa capitania, o povoamento feito pelos espanhóis a partir de Asunción e o domínio indígena que proporcionaram ao Brasil imperial a defesa dos limites atuais com a fronteira norte do Paraguai. O mapa da colônia portuguesa era, até o final do século XVII, reconhecidamente menor.

A fundação de Asunción foi favorecida pela prática do *cuñadazgo*⁷⁸, sem, contudo, ser conquistada sem lutas. A submissão dos indígenas no interior do Paraguai foi um processo caracterizado por conflitos. Revoltas e paz negociadas foram constantes até o final do século XVIII. Asunción, *Madre de las Ciudades*, foi fundada⁷⁹ em 1537. Nos anos seguintes, durante o primeiro governo de Domingo Martínez de Irala⁸⁰, foram iniciados *los primeros curatos que fuera de las ciudades se erigiran para indios*⁸¹, seguindo o antigo caminho real Asunción-Guayrá, todos na região ervateira entre a serra de San Joaquín e o rio Iguatemi. Foram eles: San Andrés de Mbaracayú⁸², *cabeza de paróquia*; Nuestra Señora de la Candelaria, na cabeceira do rio Jejuí; San Pedro de Terecañy⁸³ e San Francisco de Ybyrapariyára⁸⁴. A

⁷⁶ Com 10 léguas intercaladas entre as terras de Martin Afonso, entre Santos e o rio Juqueri-Querê; com 40 léguas, contadas pela costa do mar, desde 12 léguas a partir de Cananéia até perto de Laguna; com 30 léguas de costa; respectivamente.

⁷⁷ A capitania de S. Paulo, criada em 1709, teve o território de Minas Gerais desmembrado em 1720, que formou nova capitania; em 1738 foram desmembrados os territórios de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que foram anexados à capitania do Rio de Janeiro. Em 1748 foram criadas as capitanias de Goiás e Mato Grosso e suprimida a de S. Paulo, que foi anexada a do Rio de Janeiro (**Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo**. São Paulo: Arquivo do Estado de S. Paulo, v. XXXII, 1901, p. 1).

⁷⁸ *Ay en esta governacion quatro ciudades, la Assumpcion, la ciudad real de Guayra, la Villa rica del spiritu sancto y santiago de Xerez. [...] La fundacion de Assupcion fue mas por via de cuñadazgo, que de conquista... los españoles recibieron las hijas de los indios y cada español tenia buena cantidad; de donde se seguio que en breve tiempo tubiron tanta cantidad de hijos mestiços, que pudieron con poca ayuda de gente de fuera poblar todas las ciudades que agora tienen y tambien las dela governacion del rio de la plata que son otras quatro y se llaman san Juan de vera, siete corrientes, la concepcion rio bermejo santa Fe [1573] y el puerto de la Trinidad buenos Ayres* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, *op. cit.*, p. 163-166. XXXII – *Relacion en que se da cuenta de las ciudades de la governacion del Paraguay y de sus indios y del estado que tienen por el mes de desiembre de 1620 en respuesta de lo que a cerca desto pregunto su magestade*).

⁷⁹ Por Juan de Salazar y Espinoza ou, por outras interpretações, Juan de Ayolas.

⁸⁰ Irala nasceu em Vergara, em 1509, veio para a América em 1535 e, com a morte de Ayolas, governou o Paraguai entre 1538 e 1542, foi substituído por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca e voltou a governar entre 1544 e 1556, quando faleceu em Asunción.

⁸¹ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 284.

⁸² Em território hoje brasileiro, na margem direita do rio Iguatemi, não muito distante da atual cidade de Iguatemi.

⁸³ No sítio onde hoje está a vila Ygatimi, no Departamento de Canindeyú. Iguatemi também é o nome de um município de Mato Grosso do Sul. Gatemi, Gatimi, Yguatemy, Ygatemi e outras são variações ortográficas do mesmo nome. Também o forte de Iगतemi e a serra têm essas mesmas variações.

⁸⁴ Nos autos sobre viagens que o mestre de campo de Curuguaty, Alonso Benitez de Portugal, fez aos campos de Xerez, em 1723, repetindo as viagens feitas por Sebastian Fernandez Montiel, consta informações importantes

precocidade destas fundações é confirmada por outros autores⁸⁵. É desta época a exploração de *la yerba del Paraguay* pelos espanhóis. Formaram o que se chamou mais tarde província de Mbaracayú. Com a fundação de Villa Rica del Espiritu Santo, os índios destas povoações passaram a pagar *mita* aos *encomenderos* dessa vila⁸⁶. As primeiras explorações dos espanhóis no alto Paraná e alto Paraguai foram do mesmo período. Os *pueblos de indios* Ipané⁸⁷, Guararambaré⁸⁸ (nas margens do rio Ipané) e Atyrá⁸⁹ (nas margens do rio Jejuí) também foram fundados nesse tempo. San Andrés de Mbaracayú, *á más de estos tres pueblos, tenía otros anexos*, que não foram nomeados no Memorial⁹⁰ que o capitão Juan González de Acebedo apresentou à *S. M. y su Real Consejo*, em 1617. Entretanto, foram nomeadas outras povoações: Cataguás, também próxima da cidade de Santiago de Xerez, San Antonio de Mbaeri⁹¹ e Reyes de Ñanduabuzu⁹². Com exceção desta última, as outras foram abandonadas ou destruídas, segundo o capitão.

sobre a localização dessa povoação. *Yo el dho. Superintendente de Governador hise la segunda marcha del dho. paraje Yuqueri hasta la borda del monte del Pueblo que fue de ybirapariyara distante de una legua mas o menos Pasando un arroyo q. llaman ytape que corre sobre piedras a la parte del sur a encorporarse con el dho arroyo Yuqueri y otro arroyo, que llaman tuiuqua q. corre al poniente a encorporarse con el dho. Arroyo ytape...* (ANA-SH v. 109 n. 2. 1723. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai: Século XVII** (Documentos Inéditos). São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1949, p. 378-433).

⁸⁵ *Por documentos, por ruínas y por tradición, se sabe que la nueva situación de la Villa Rica fue entre los pueblos de indios, llamados Candelaria, San Francisco de Ybirapariyara, San Pedro de Terecañy y más retirado el de San Andrés de Mbaracayú. Éste era pueblo existente casi desde los primeros conquistadores en las cercanías de la cordillera, camino de Ciudad Real, los otros también existían desde mucho antes pero ignoramos su precisa locación y origen, esto es, o si vinieron del Guairá con la villa o no* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, op. cit., p. 357).

⁸⁶ *Villa Rica del Espiritu Santo, em distância de noventa léguas, com quatro pueblos de naturales que hacían frontera á los infieles monteses y á los portugueses de San Pablo y Estados del Brasil. Que estes quatro pueblos entendían en el beneficio de la hierba del Paraguay, sustentando por mandamientos el comercio de esta provincia, obras públicas y funciones militares* (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 3, 1918, p. 452-454).

⁸⁷ *Ypané, también tuvo el nombre de Pitun cuando se fundó en la provincia de Ytatí, temiendo a los albayas, transmigraron sus indios que eran guaraníes, al sitio que ocupan, a fines de noviembre de 1673. Después han padecido mucho en los ataques que les han dado los indios del Chaco y los payaguas. Guarambaré, tomó el nombre de un cacique. Se fundó no lejos del precedente con indios guaraníes y [...] transmigró junto con el de Ypané al sitio que ocupa. Atira, se fundó en la misma provincia cuando los dos precedentes, en el sitio llamado hoy Lima a media legua al Norte del río Jejuí. Sus indios guaraníes transmigraron juntamente con los precedentes y se incorporaron a los del pueblo de los Yois* (AZARA, Felix de. **Descripción e Historia del Paraguay y del Río de la Plata**. Madrid: Sanchiz. t. I. Cap. XVI. *Breve noticia de los pueblos y paróquias existentes en el gobierno del Paraguay*, 1847, p. 315- 328). [...] *hubo algún pueblo antiguo. Si fué así, sería alguno de los cinco llamados del Pitun...* (LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay...**, op. cit., p. 249). Petin, Pitun ou Pytun e Piticú eram outros nomes.

⁸⁸ *No rio Ipané. Distante cinco leguas del antiguo Pueblo de Ypané, y lo mismo del de Guarambaré, cayendo el del Atyrá al Sur de los dos* (AZARA, Felix de. **Geografía, física y esférica...**, op. cit., p. 52-53). Sanchez Labrador se referiu a esse rio também pelo nome de Guarambaré. Outros autores nomearam o rio Aquidabán como o antigo Guarambaré.

⁸⁹ Foi destruído pelos *mbayás* em fins de 1673. Atyrá tinha, então, segundo Azara, 349 almas que seguiram para Asunción. Foi fundado com o nome de San Benito de Yoys, nome que desapareceu em menos de 50 anos (SÚSNIK, Branislava. **El Rol de los Indígenas en la Formación y en la Vivencia del Paraguay**. Asunción: IPEN, 1982, p. 141).

⁹⁰ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 1, 1912, p. 284.

⁹¹ Hoje, rio (Perro) Perdido.

O Conselho de Índias reuniu-se diversas vezes em 1546, por mandado do imperador Carlos V, e resolveu que os índios deviam ser reduzidos a *pueblos* e não divididos por serras e matas⁹³. A escolha dos sítios para a fundação de novas povoações foi explicitada em lei pelo Conselho das Índias, seguindo disposição de Carlos II⁹⁴. Os *pueblos de españoles* tinham estatuto diferente dos de naturais. Estes estavam encomendados aos espanhóis, para que os doutrinassem e defendessem⁹⁵. A responsabilidade de custear *curas* para os *pueblos* era dos *encomenderos*⁹⁶. O Conselho de Índias mandou que fossem construídas igrejas nos sedes dos *pueblos de índios*⁹⁷. Diferente, no entanto, das despesas para a construção das igrejas paroquiais feitas nas povoações de espanhóis, que eram repartidas em três: uma para a Fazenda Real; outra *para los vecinos Encomenderos de Indios de la parte donde se edificaren*; e a outra dos índios que houvesse na comarca⁹⁸. Nos *pueblos de indios* que tivessem menos de cem índios teriam apenas um fiscal e, passando de cem, dois fiscais, ainda que excedesse esse número. E *porque á los Indios se havrán de señalar, y dar tierras, águas, y montes, si se quitaren á Españoles*, o rei ordenou, em 1582, que se dessem justa recompensa a eles em outra parte. Em 1588, Felipe II mandou que as reduções fossem custeadas pelos tributos que deixassem de pagar os índios a título de recém povoados; exceção aos de maior número, porque não estavam livres dessa obrigação. Felipe III ordenou, em 1618, que não se poderia alterar ou mudar nenhum *pueblo* ou redução já feitos sem sua expressa autorização, ou do vice-rei ou da audiência real do distrito governado. No mesmo ano ordenou que as

⁹² É factível que se tratasse de Puerto de los Reyes.

⁹³ **Recopilación...**, *op. cit.*, livro VI, título III, lei primeira. A distribuição circular das casas é de tal importância, no que se refere à vida social e prática de culto, que os missionários salesianos perceberam logo que o meio mais seguro para converter os *Bororo* consistia em fazer-lhes abandonar sua aldeia por outra em que as casas estivessem dispostas em linhas paralelas (Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos*, 1957, p. 230-231, *apud* MELIÀ, Bartomeu. **El Guaraní Conquistado...**, *op. cit.*, p. 107).

⁹⁴ *Las demás poblaciones la Tierra adentro, elijan el sitio de los que estuvieren vacantes, y por disposicion nuestra se pueda ocupar, sin perjuizio de los Indios, y naturales, ó con su libre consentimiento: y quando hagan la planta del Lugar, repartarlo por sus praças, calles y solares á cordel y regla, començando desde la plaça mayor, y sacando desde ella las calles á las puertas y caminos principales, y dexando tanto compás abierto, que aunque la poblacion vaya en gran crecimiento, se pueda siempre proseguir y dilatar en la misma forma. Procuren tener el agua cerca, y que se pueda conducir al Pueblo y heredades, derivandola, si fuere possible, para mejor aprovecharle de ella, y los materiales necesarios para edificios, tierras de labor, cultura y pasto, con que escusarán el mucho trabajo y costas, que se siguen de la distancia. No elijan sítios para poblar en lugares muy altos, por la molestia de los vientos, y dificultad del servicio y acarreto, ni em lugares muy baxos, porque suelen ser enfermos, fundense es los medianamente levantados, que gozen descubiertos los vientos de el Norte y Mediodia: y si huvieren de tener tierras, ó cuestas, sean por la parte de Levante y Poniente: y si no se pudieren escusar de los lugares altos, funden en parte donde no estén sujetos á nieblas, haziédo observacion de lo que mas convenga á la salud, y accidentes, que se pueden ofrecer: y en caso de edificar á la ribera de algun Rio, dispongan la poblacion de forma, que saliendo el Sol, dé primero en el Pueblo, que en el água* (**Recopilación...**, *op. cit.*, livro IV, título VII, lei primeira).

⁹⁵ *La fundación de los pueblos tenía al función de lo control socio-cultural, y también económico, de la poblacion indígena* (SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 106 e seguintes).

⁹⁶ **Recopilación...**, *op. cit.*, livro VI, título III, Lei V.

⁹⁷ **Recopilación...**, *op. cit.*, livro I, título II, Lei VI.

⁹⁸ *Ibidem*, Lei III.

reduções tivessem um alcaide índio e, se passasse de oitenta casas, dois alcaides e dois *regidores*, também índios, eleitos a cada ano novo. Os alcaides teriam jurisdição apenas para inquirir, prender e levar os delinquentes ao cárcere dos espanhóis daquele distrito⁹⁹.

Era proibido que em algum *pueblo* de índios houvesse alguém que fosse de outra redução ou que vivesse fora da redução. Também era proibido que nas reduções ou *pueblos* vivessem espanhóis, negros, mestiços ou mulatos. As leis coloniais, muitas vezes, deixavam explícitos os interesses que estavam envolvidos. Foi o que aconteceu quando a lei justificou por que os espanhóis foram proibidos de viver entre os índios: por serem frequentemente homens *inquietos, de mal vivir, ladrones, jugadores, viciosos, y gente perdida, y por huir los Indios de ser agraviados, dexan sus Pueblos, y Provincias; os outros, demás por tratarlos mal, se sirven dellos, enseñan sus malas costumbres, y ociosidad, y también algunos errores, y vicios, que podrán estragar, y pervertir el fruto, que deseamos, en orden á su salvacion, aumento, y quietud*¹⁰⁰. Dispensavam-se da proibição, no entanto, os mestiços (*y zambaigos*), que eram filhos de índias, nascidos entre eles e que herdavam suas casas e fazendas, para não separá-los de seus pais.

Os *encomenderos* que não deixassem entrar ministros religiosos ou clérigos em seus *pueblos* de índios, ou de *proveerlos de conveniente estipendios para su congrua sustentacion, y de lo necessário al culto divino, ornamentos, vino, y cera, al parecer, y disposicion del Diocesano, segun la distancia, y calidad de los Pueblos*¹⁰¹, seriam privados perpetuamente das *encomiendas* e condenados a desterro da província. Por outro lado, tinham restrições explícitas na utilização dos *mitayos*. Era proibido terem casa ou armazém nas *encomiendas* e não podiam dormir mais de um dia em seus *pueblos*¹⁰².

No último ano de seu governo, Irala ditou ordenanças para a conservação e bom tratamento dos guaranis de Asunción e dos rios Paraguai e Paraná, repartidos em *encomiendas*. Nessa época, os conquistadores espanhóis estavam divididos em dois bandos que lutavam pelo poder público: *vascos* e *andaluzes*¹⁰³. Estes integravam a maioria. No lado oriental do rio Paraná, em Canendeyú, foi fundada a cidade de Ontiveros (1554) por Garcia Rodriguez de Vergara com 150 espanhóis. Ciudad Real del Guayrá¹⁰⁴ foi fundada por Ruiz Díaz Melgarejo, três anos depois com 100 espanhóis, na boca do Piquiri, por ordem de

⁹⁹ **Recopilación...**, *op. cit.*, livro VI, título III, Leis VII, XIV, XI, XII, XV e XVI.

¹⁰⁰ *Ibidem*, Leis XVIII, XIX e XXI.

¹⁰¹ **Recopilación...**, *op. cit.*, livro VI, título IX, Lei III.

¹⁰² *Ibidem*, Lei XI.

¹⁰³ LERSUNDI, F. del Valle ; MACHAÍN, R. de Lafuente, *apud* PASTORE, Carlos. **La Lucha por la Tierra en el Paraguay**. Montevideo: Antequera, 1972, p. 16-17.

¹⁰⁴ *Suas ruínas* estão localizadas no município paranaense de Terra Roxa.

Domingos Martínez de Irala. Ocupar a encruzilhada entre o rio Paraná e o Peabiru, mais do que preservar a circulação, tinha a importância de reservar e garantir as possibilidades de soberania. Este motivo perdurou ao longo do implacável conflito entre portugueses e espanhóis, travado naquela região.

Junto com o *adelantado* Ortiz de Zárate vieram 22 padres franciscanos¹⁰⁵. Chegaram ao Paraguai em 1575. No ano seguinte Juan de Garay, como *teniente general* em Asunción, mandou Ruiz Díaz Melgarejo fundar Villa Rica del Espíritu Santo¹⁰⁶, no sítio de Guarajiberá, fundada em 1566, também por Melgarejo¹⁰⁷. O próprio Garay fundou Jejuí em 1579 (no rio Aguaray¹⁰⁸, ao norte do passo de Lima) e, no ano seguinte, fundou Perico-guazú¹⁰⁹. Nesse mesmo tempo, os padres franciscanos Alonso de San Buenaventura e Luís Bolaños¹¹⁰ percorreram a comarca de Villa Rica, passaram ao ocidente do Paraná e, com os índios¹¹¹ que doutrinarão, fundaram dois povoados. O do padre Bolaños se chamou *Pacuiú* (Pacoyú¹¹²) e

¹⁰⁵ Atuaram juntos com jerônimos, mercedários e dominicanos. Os franciscanos chegaram ao Paraguai em 1537, com os primeiros conquistadores espanhóis.

¹⁰⁶ *Villa Rica del Espíritu Santo se fundó en la provincia de Guairá dos leguas al Este del río Paraná; pero luego se trasladó más al Oriente junto al río Huibai, después adonde este río se junta al Curubati* (AZARA, Felix de. **Descripción...**, op. cit., p. 315- 328). *Entró, pues, aquél año de 1576, con caurenta soldados españoles y algunos indios á buscar sitio acomodado y registrar una comarca sobre el Paraná, [...] escogió un sitio en un campo abierto á dos leguas del Paraná, donde él dió principio con otros sesenta españoles, que sobre los cuarenta, siguieron á la Villa rica del Espíritu Santo, repartiendo á los españoles gruesas encomiendas, aunque muchas eran solo por noticia, [...] Aquí, pues, permaneció poco tiempo la Villarrica, y por inconvenientes que despues se advirtieron, se traslado sobre el rio Huybay* (LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista...**, op. cit., t. III, 1874, p. 207-208). A primeira Villa Rica del Espíritu Santo foi fundada nas proximidades da serra do Cantu. Depois de epidemias de varíola e gripe no local da primeira fundação, Villa Rica foi transferida para as margens do rio Ivaí; sete anos depois, sua população transmigrou para as proximidades da foz do rio Corumbataí, no atual município paranaense de Fênix.

¹⁰⁷ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, op. cit., p. 206-207.

¹⁰⁸ Segundo Sánchez Labrador, era o início dos ervaais do Ipané.

¹⁰⁹ Juan de Garay, pouco depois de fundar o *pueblo de Jejuí, pasó el rio Yaguari é introducéndose en los campos de Jerez recogió unos 500 ñuaras, que llevó á las cercanias del pueblo de Ypané: con ellos fundo el pueblo de Perico guazú, repartiendo sus indios en encomiendas á los españoles que llevaba de la Asunción* (AZARA, Felix de. **Descripción...**, op. cit., p. 204-205). Também em AZARA, Felix de. **Geografía, física y esférica...**, op. cit., p. 54.

¹¹⁰ Foi ele que compôs o catecismo em língua guarani e escreveu a arte e dicionário, que depois os padres jesuítas imprimiram.

¹¹¹ *Curumiais e pichumiais*.

¹¹² Por coincidência, em 1588, os espanhóis escolheram para sua defesa um lugar próximo a uma cruz levantada pelos soldados de Pedro de Mendoza. Os índios os atacaram e, diz a lenda, que as flechas retrocediam contra eles. Quiseram queimar a cruz e, na terceira, vez ouviram um estrondo. Então os caciques Cuarací, Mboiratí, Guarí e Mondirayú se entregaram à redução, junto com suas parcialidades. *De los indios reducidos se formo un pueblo en el lugar llamado Yaguari, donde se le agregaron otros naturales y tuvieron la dicha de ser catequizados por el V. P. Luis de Bolaños. Después de 40 años transmigraron de Itatí, engrosado de los caciques Caanendeyú y Paraguayó, habitantes de la orilla septentrional del Paraná, y de otros indios de la isla de Apipé. En el dia subsiste el pueblo con comodidad* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, op. cit., p. 229). O local ficou conhecido como: a cruz de Bolaños. Não se sabe onde se localiza, mas é no caminho que ia a Xerez (de 1599, provavelmente), antes de Curumiaí. Segundo as anotações de Azara, ficaria nas imediações da cabeceira do rio Amambay. Considerando o texto acima e os relatos dos reconhecimentos feitos pelos espanhóis no final do século XVIII, Itaanguá estaria mais ao norte, entre as cabeceiras do rio Verde e do Aquidabán, próximo a Ponta Porã.

estava em Ytaanguá, ao norte (da cabeceira) do rio Amambay, *en el mismo camino por donde los años posteriores iban á Jerez; el otro pueblo del padre Alonso estaba [...] en la orilla de la laguna Curumiai*¹¹³. Juan Cavallero de Bazan¹¹⁴, em 1592, fundou Caaguazú, no rio Apa, em frente à barra do rio Mbaeri, San Blás de Mboymboy e Taré¹¹⁵, no rio Paraguai.

Segundo o governador de Buenos Aires, Diego Marín de Negrón, em carta ao rei, de 1612, Ruiz Díaz Melgarejo teria fundado a primeira cidade de Santiago de Xerez em 1580, nas margens do rio Mbotetey¹¹⁶. Há muitas controvérsias entre autores paraguaios sobre essa primeira fundação. É provável que esta referência esteja relacionada à menção de que Curumiaí foi antigo sítio de Xerez. No entanto, há documentos comprovando que Ruy Díaz de Guzmán fundou, em 1593, a cidade de Santiago de Xerez, no rio Yaguari¹¹⁷, atual Ivinhema, próximo do rio Paraná. Ao saber que essa cidade estava povoada pelos *ñuarás*¹¹⁸ encomendados por Juan de Garay, o procurador Diego Nuñez del Prado se apresentou a Hernandarias¹¹⁹, alegando prejuízos e pedindo que a despovoasse por estar em sua jurisdição e por ser contra mandado do *adelantado* Torres de Vera. O governador saiu a visitar a *costa arriba* e enviou a Xerez o capitão Alonso de Cabrera com sete homens e os requerimentos competentes. Guzmán conseguiu uma suspensão pacífica e Hernandarias regressou a Asunción, legitimando a colônia. Depois disso, em 1599, Santiago de Xerez foi transmigrada

¹¹³ Curumiaí, pelos documentos pesquisados, estava localizada no caminho de Xerez, entre Pacoyu e Yaguari (ANA-SH, v. 98, n. 3, *Reconocimiento de los Campos de Xeres qe. de ordn. suya hiso Dn. Lorenzo del Villar y diario escrito por este commte. desde el Primr. alojamto. qe. tomo el dia De su partida hasta el de su regreso, 1721*. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, op. cit., p. 316-335; *Rumbo al Norte hasta llegar al paso del Amambay e de alli con el mismo (roto) hasta llegar al parage de (roto) donde cogera entre (roto) de pacoiu donde esta la Cruz de Bolaños y ai parara a correr los Campos de un costado y otro y Aviando hecho esta Diligencias observando todo que allare em dhas. Campañas traera Razon yndividual por escripto y Marchara a Corubiay, donde bolvera a hacer alto, y echara Corredores hiendo con mucho cuidado hacia el Rio Yaguari a Reconocer si ai Alojamo. o Yndicios de Portugueses Paulistas por ser este el Rio donde salian con sus embarcaciones [...]. También al lado del Ypita havia notícias de estada de portugueses (ANA-SH, v. 109, n. 2, 1723. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, op. cit., p. 378); *Estas fundaciones hechas por disposicion de Garay constan de los papeles del archivo de la Asuncion* (AZARA, Felix de. **Descripción...**, op. cit., p. 189-203); Também consta da tabela elaborada por Pablo Pastells com o nome de Cunumayis, que informa que estava *cerca de Jerez* e já havia *acabado* (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 1, 1912, p. 278).*

¹¹⁴ Diminuídos numericamente, em 1592, Juan Bazán de Caballero chegou a formar *pueblos vasallos* na comarca da primeira cidade de Xerez com os caciques Amandaiby, Cabuzú e Paraytý. Outras povoações se formaram mais ao norte do rio Apa, dentro das comarcas de Yatebo, Taragií, Ybu, Tareirí (Tare) e Yutay. Formou no total 16 *encomiendas de mitayos*. Os *itatines* que não foram em direção ao *Candiré* se juntaram à missão de Todos Santos de Guarambaré (SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, op. cit., p. 31 e 104-105)

¹¹⁵ AZARA, Felix de. **Descripción...**, op. cit., p. 213. *Pueblos de españoles en las provincias de Buenos Aires y Paraguay*.

¹¹⁶ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 1, 1912, p. 278.

¹¹⁷ ANA-SH. v. 11, n. 14, 1593. *El Cabildo de Santiago de Xerez informa sobre el progreso de esa tierra*.

¹¹⁸ *Gente pacífica de diferente idioma que los guaranies, desde cuyos confines empezaba á dilatarse por hermosos y apacibles campos, amenos prados y encumbradas serranias* (LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista...**, op. cit., t. III, 1874, p. 229).

¹¹⁹ Hernando Arias de Saavedra, Hernandarias, exerceu o cargo de governador do Paraguai por quatro períodos, entre 1592 e 1618.

a um dos braços do Mbotetey¹²⁰ e voltou a experimentar dificuldades, porém, Guzmán conseguiu novamente assentá-la¹²¹. Nesta disputa parece estar o motivo do abandono desta cidade pelos vizinhos de Asunción.

Os dominicanos chegaram ao Paraguai em 1578 e os jesuítas¹²² iniciaram sua atuação em 1587. Uma década depois, Juan Ramirez de Velasco¹²³, *governador y capitán general y justiça mayor en estas provincias del Rio de la Plata y Paraguay*, ditou suas ordenanças, que trazem importante esclarecimento para a compreensão da fundação dos *pueblos de indios*.

Primeramente; atento a que soy ynformado que la mayor parte de los yndios destas provincias abitan en yslas y tierra anegadiça por estar mas fuertes y no acudir a servidumbre; demas de los qual dado casso que algunos acuden a servir a sus encomenderos, estos tales no son dotrinados respeto de estar en parte donde los saçerдotes no pueden entrar a darsela, y para que de aquí adelante en este particular la real conçiencia sea descargada, hordeno y mando que todos los vezinos encomenderos destas provincias saquen a tierra firme e sana a los dichos sus encomendados y en ella les hagan sus casas y pueblo formado con calles enseñandoles a haçer buhios¹²⁴ como en el Piru y se asienten y reduçan en partes donde tengan abundancia de tierras para sus simenteras y agua y leña pues se declaro que por avitar en unas esteras que se quitan y ponen con façilidad los dichos yndios toman avilanteza para cada dia ausentarse y no conoçer sitio ni pueblo formado lo qual los dichos encomenderos hagan y cunplan dentro de seys meses despues de la publicacion desta hordenança so pena de perdimientos de yndios.

¹²⁰ A quinze quilômetros de Aquidauana, no rio do mesmo nome.

¹²¹ Guzmán a descreveu assim: “Está 30 leguas del río Paraguay y ciento y tantas de la Asunción. Tiene su fundación sobre el río caudaloso que los naturales llamaban Mbotetey; está de la Equinocial 20º, tiene muy buenas tierras de pasto y sementeras; está dividido en alta e bajo; hay, en ambas muchas naciones de indios que todos son labradores; los que habitan en el alto se llaman cutaguas y curunías; todos de una costumbre y lengua, gente bien inclinada y no muy bárbara; no tienen ningún género de brebaje que los pueda emborrachar. Los de abajo tienen diversas lenguas y están poblados entre rios y lagunas, los cuales, demás de las cosechas de legumbres que cogen, tienen por la ribera de la laguna tanto árbol silvestre que hacen muy grande trojes y silos, que es de gran sustento. Cógese en toda aquella provincia mucho algodón, que sin beneficio alguno se da en gran cantidad, y tanta la miel de abejas silvestres que hay, que todos los montes y árboles tienen su colmenar y panales, del que se sacan gran cantidad de cera, de la cual se aprovechan las gobernaciones del Paraguay y Tucumán...” (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 236).

¹²² Padre Manoel da Nóbrega, depois de repetidas tentativas, em 1587, enviou jesuítas de S. Paulo, atendendo solicitação que o padre Cláudio Aquaviva fizera em novembro de 1584. Seguiram para Tucumán os padres jesuítas: Leonardo Armínio, superior, Manuel Ortega, João Saloni, Tomás Filds e Estevão de Grã, presenteados pelo governador da Bahia, com escravos e 150 mil *pesos* em artigos diversos, e pelos governadores do Espírito Santo e do Rio de Janeiro (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 31-45).

¹²³ Em março de 1593, Juan Ramírez de Velasco foi nomeado governador do Paraguai. Entregou o governo a Hernandarias em 1597, ano em que ditou novas ordenanças para regulamentar as relações entre espanhóis e guaranis. Foram proibidos os castigos corporais e o emprego dos nativos no transporte de cargas (PASTORE, Carlos. **La Lucha...**, *op. cit.*, p. 30-32). Ditou novas ordenanças em dezembro de 1598, que foram confirmadas e complementadas por Hernandarias em dezembro de 1603. Em outubro de 1611 foram sancionadas as Ordenanças de Alfaro. Todos os índios foram declarados livres. As *encomiendas* existentes foram declaradas nulas. *En 1679, los yanaconas fueron pasados a la categoria de los indios encomendados, con todos los derechos que las leyes acordaban a éstos (Ibidem, p. 33-44).*

¹²⁴ Galpão ou armazém.

Ao final do século XVI, havia cinco cidades nas *provincias y gobernacion del Paraguay y Rio de la Plata*: *Asunción, Concepción del Bermejo, San Juan de Vera de las Siete Corrientes, ciudad Real e Santiago de Xerez e Villa Rica del Espiritu Santo*¹²⁵. Apesar da atuação dos franciscanos, fundando Pacoyú e Curumiaí, no caminho de Xerez, e outras povoações *costa abajo*¹²⁶, só no século XVII estes religiosos fundaram reduções em Itatin. Antes das reduções jesuíticas de Guayrá, foram fundados *pueblos de indios* por *encomenderos*. Na figura abaixo (FIG. 08) estão representados os espaços geográficos de Xarayes e Mbaracayú; os caminhos antigos; os *pueblos de indios* fundados por espanhóis e franciscanos no século XVI; as cidades de Santiago de Xerez e Ciudad Real del Guayrá e os três sítios de Villa Rica del Espiritu Santo, com as respectivas datas de fundação.



FIG. 08. *Povoações coloniais no século XVI*. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952). Estão anotadas as datas de fundação de três dos sítios de Villa Rica.

Na zona norte do Paraguai, a concentração de gentio nos primeiros *pueblos* dependia “mais das dissensões dos caciques guaranis que de um planejado deslocamento por parte dos espanhóis”¹²⁷. No início de sua administração, Francisco de Sousa, governador-geral do Brasil, procurou organizar as entradas e dar-lhes caráter militar, adaptando-as ao regimento de

¹²⁵ Asunción, Concepción y Taraguiron, Ciudad Real y Xerez (ANA-SH, v.12, f.51 (cont.), 7 ene. 1597. Actas Capitulares del Cabildo de Asunción del Paraguay).

¹²⁶ Ita, Acaay, Yaguarón, Areguá, Altos.

¹²⁷ SÚSNIK, Branislava. *Los Aborígenes...*, *op. cit.*, p. 109-111.

ordenanças de 1570, criado no tempo de rei D. Sebastião. Deviam ser compostas de dez esquadras, cada uma com 25 homens. Desde 1581, os portugueses de S. Paulo faziam guerra aos *carios* do Paranapanema¹²⁸. Frequentaram a região por décadas, cativando índios para serem vendidos nos mercados do Rio de Janeiro e da Bahia, reservando parte, é claro, para serviços em suas terras. Juan Diez de Andino, governador do Paraguai, anotou o ano de 1614 para início das atrocidades contra as 14 reduções, das cidades de Guayrá e Xerez e da antiga Villa Rica¹²⁹. Quando Manuel Preto surgiu nas imediações da redução de Nuestra Señora de Loreto¹³⁰, em 1618, no Guayrá, os portugueses atenderam o apelo de Antônio Ruiz de Montoya e se retiraram. Porém, subindo o rio, algum tempo depois capturaram o gentio da foz do Tibagi. Padre Cataldino conduziu cerca de 900 que fugiram, de volta a Loreto e San Ignacio¹³¹. Nos anos de 1623-1624, estas duas reduções foram atacadas. A descida de Luís de Céspedes y Xeria pelo Tietê-Paraná, em 1628, coincidiu com a formação da bandeira comandada pelo português Antônio Raposo Tavares, com mais de 900 mamelucos e 2.000 índios tupis. Manuel Preto, como mestre de campo das quatro companhias, novamente atacou as reduções de Guayrá, começando por Nuestra Señora de Loreto, situada na foz do Pirapó.

As bandeiras tiveram seu auge entre 1580 e 1640, durante a união das Coroas, como parte do processo de expansão da capitania de S. Paulo. Em agosto de 1632, oportunidade da chegada do bispo frei Cristobal de Aresti a Villa Rica, todos os caciques e índios principais, com seus vassallos, estavam prontos para combater os portugueses que haviam voltado. Mas, com esforço de espanhóis e índios, decidiram transladar mais de 4.500 pessoas para a província de Mbaracayú, para Tapuita¹³², a quatro léguas ao norte de Terecañy. Também os habitantes de Ciudad Real mudaram para esse local. Três anos depois, a população de Villa Rica mudou para Terecañy, entre os arroios Jejuí-guazú e Jejuí-mirí. No ano seguinte, foi para os campos de Yarii¹³³, de onde foi mudada para onde está Curuguay¹³⁴. Em 1676, foi para *costa abajo*. Passou por vários assentamentos, no antigo sítio de San Pedro de Ipané (naquele

¹²⁸ Carta de D. Antônio de Añasco de 14 de novembro de 1611. In: Anais do Museu Histórico de S. Paulo, v. 1º, p. 153, *apud* LUÍS, Washington. **Na Capitania de São Vicente**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980, p. 298-299.

¹²⁹ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, 1918, v. 3, p. 456.

¹³⁰ Fundada em 1610, pelos padres Giuseppe Cataldino e Simon Mazeta, que também fundaram San Ignacio.

¹³¹ SOUTHEY, Robert. *Historia do Brazil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier. v. 3, 1862, p. 420.

¹³² PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, 1912, v. 1, p. 488-489. Tapuita (ou Itapuitá) estava próximo da atual cidade de **Ypejhu, no Paraguai, um dos pontos que permitem atravessar a serra de Mbaracayú**. Possui um mirante natural no lugar conhecido como *í'andurocái*, em um dos pontos mais elevados da cordilheira de Amambay.

¹³³ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 322.

¹³⁴ AZARA, Félix de. **Descripción...**, *op. cit.*, p. 315- 328. *Cap. XVI. Breve noticia de los pueblos y paróquias existentes en el gobierno del Paraguay*.

tempo já despovoado), depois, Ajos e Espinillo¹³⁵. Após seis anos, foram definitivamente para Ybytyrusú¹³⁶. Não puderam voltar a Mbaracayú, por falta de meios para se defender¹³⁷.

Em 1632, no Ytapocú¹³⁸, as reduções de San Benito de Yutay e de Caaguazú, passaram para a responsabilidade dos jesuítas, que as renomearam Natividad de Nuestra Señora de Fe e San Ignacio, respectivamente. Nessas reduções os jesuítas assentaram a gente que escapou de Xerez¹³⁹. Os jesuítas fundaram, ainda em 1632, as reduções de Los Angeles de Taruaty (Ñacumytan), San Joseph de Ycaroig, Encarnación e Apóstoles San Pedro e San Pablo, que foram destruídas pelos mamelucos nesse mesmo ano. Reuniram os indígenas sobreviventes dessas quatro reduções em Andirapucá e Yatebo. Com eles, depois, fundaram uma redução sobre o rio Tepoti, em lugar escolhido pelos caciques, aos cuidados do padre Justo Mansilla¹⁴⁰. Em 1635, foram outra vez repartidos¹⁴¹ entre as reduções de San Ignacio e Nuestra Señora de Fe, de Taré¹⁴². O padre Pedro Romero atravessou o rio Paraguai e fundou a redução de Santa Bárbara (1645) e, pouco depois, foi morto. Dois anos depois, à noite, os mamelucos atacaram de surpresa a redução de Nuestra Señora de Fe, de Taré. Foi fundada então outra redução, no rio Mboymboy¹⁴³. Um ano depois, os portugueses atacaram essa redução, levando as armas de fogo que nela havia.

O governador do Paraguai, Diego de Escobar Osório, em razão da carta do jesuíta Justo Mansilla, reitor de Itatin, mandou publicar um *Auto y bando* em 1648, em que avisou da vinda dos portugueses de S. Paulo e ordenou que os vizinhos ou moradores de Asunción e de

¹³⁵ Juan Bautista Rivaroli Pauli, 1986.

¹³⁶ Foi concedida licença, em maio de 1682, para que a população da vila de Guayrá mudasse para Ybytyrusú, do outro lado do rio Tebicuary, até que o rei dispusesse tomasse uma decisão. Um mês depois, o *capitán de guerra de la villa* Francisco Prieto de Ochoa deu ordem para o traslado peremptório de todos os habitantes que ainda residiam em *Espinillo*, com ameaças de severos castigos aos remissos. Houve, entretanto, descontentamento entre 68 moradores que acharam as novas terras impróprias para a agricultura (CARDOZO, Ramón Indalecio. *La Antigua...*, *op. cit.*, p. 169-170).

¹³⁷ PASTELLS, Pablo. *Historia de la Compañía...*, *op. cit.*, 1918, v. 3, p. 445-446. *Carta del Obispo del Paraguay, Faustino de las Casas, à S. M.* (2.187, 1682-4-1).

¹³⁸ Nome guarani do Pão de Açúcar. Também se referia a Itatin.

¹³⁹ CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...*, *op. cit.*, p. 280. XXVIII – *Resposta ao pedido de informações feito pelo ouvidor da Real Audiência, D. Pedro de Roxas y Luna, ao padre André de Rada, visitador geral das Províncias do Paraguai e da Companhia de Jesus, 23 de Outubro de 1644.*

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 29-49. VII – *Ánua do Padre Diego Ferrer para o Provincial sobre a Geografia e Etnografia dos Indígenas do Itatim, Itati, 21 de Agosto de 1633.*

¹⁴¹ [...] *poniendo com cada cacique sus sujetos y vasallos* (PASTELLS, Pablo. *Historia de la Compañía...*, *op. cit.*, v. 2, 1915, p. 197).

¹⁴² *En 1640 ou 1641 fué enviado el P. Rector del Colegio de la Asunción Miguel de Ampuerto á la misión de los Itatines, donde halló 2 reducciones recién fundadas por los Padres Diego Ferrer, Justo Mansilla, Vicente Fernández y Domingo Muñoa: la una, de San Ignacio, en el Caaguazú, y otra, de Nuestra Señora de Fe, en Taré. En la de San Ignacio habría como 200 indios reducidos [...] en año y medio ó dos años que allí estuvo, llegaron hasta 500 familias...* (*Ibidem*, p. 321-328).

¹⁴³ *Idem*; CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...*, *op. cit.*, p. 72-75. XIX – *Testemunho do Padre Barnabé de Bonilha sobre algumas mudanças havidas com as Reduções dos Itatines, 26 de março de 1652.*

Villa Rica del Espiritu Santo, de Talavera del Rey¹⁴⁴ e da província de Mbaracayú se retirassem para fora delas. “*Y so la misma pena, manda que ninguna persona de los vecinos y habitantes de la Asunción salga sin orden suya para las ciudades de las Corrientes y Santa Fe, por tierra ni por rio; revocando cualquier licencias dadas de palabra ó por escrito*”¹⁴⁵. Nesse ano houve novo ataque dos portugueses a San Ignacio de Caaguazú, quando morreu o padre Alonso Arias, lutando contra os inimigos. Seus moradores foram trasladados então para San Ignacio de Ipané¹⁴⁶ e Nuestra Señora de Fe, para Aguaranamy¹⁴⁷, onde permaneceram até 1656, retornando a Caaguazú e Mboymboy, respectivamente. No ano seguinte, o padre Francisco Díaz Taño informou que San Ignacio tinha mais de quatrocentas famílias e que Nuestra Señora de Fe tinha quase o mesmo número¹⁴⁸. Em 1659, elas foram transmigradas definitivamente para *costa abajo*, nas reduções de Santiago de las Misiones (a de San Ignacio) e Santa Maria de Fe (a de Nuestra Señora de Fe). Tais deslocamentos, reagrupando os guaranis em novas reduções, modificaram a relação estratégica da disponibilidade de braços para o trabalho nos ervais. Aumentaram as distâncias das povoações guaranis até Mbaracayú e, sobretudo, viabilizaram a plantação de ervais nas missões. A abertura de novos caminhos, mencionadas por Aguirre, não significa que necessariamente fossem transitados pela primeira vez. No texto a seguir, o caminho por Palomares não pode ser outro que o caminho real entre Asunción e Guayrá, que voltou a ser utilizado.

¹⁴⁴ *Estoy persuadido que en esta nueva fundación de la villa [Rica] se erigió, con parte de sus vecinos, la de Talavera del Rey*¹⁴⁴ sobre el río Ipané y su sitio, las ruínas que todavia se ven en Taguatí (caña blanca) en el margen meridional de aquel río (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, op. cit., p. 353 e 357). Aguirre, diferente de Azara, afirmou que Jejuí e Talavera eram duas vilas próximas (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, op. cit., p. 367). *En los mismos [papeles que hay antiguos en el archivo de la Asunción] se habla de una Villa española fundada sobre el rio Jejuí, llamada unas veces de villa de Talavera, y de otras villa de Jejuí. Yo creo que ambos nombres son del mismo pueblo que lo fundo Garay al regreso de la expedición á los ñuaras* (AZARA, Felix de. **Descripción...**, op. cit., p. 204-205).

¹⁴⁵ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 2, 1915, p. 194-195.

¹⁴⁶ Os *mbayás* chamavam ao norte do Ipané-guazú de *Apacachodiyodi*, lugar de avestruzes. Lá havia vestígio de uma povoação antiga, descrita por Sánchez Labrador, que poderia ser de duas reduções: Nuestra Señora de Fee e Santiago. *Ambas estuvieron en el Itati, y después por las inquietudes que les causaban los Guaycurús, se mudaron cerca del río Piray [Aquidabán], en donde estan en los sitios dichos* (LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay...**, op. cit., p. 180-184).

¹⁴⁷ *Con arreglo a las anteriores noticias hicieron su última migración a los lugares de Misiones, donde hoy subsisten por los años de 1669. Caaguazú, que desde la segunda invasión de los paulistas se llamava San Ignacio, tomo el nombre de Santiago, y Aguaranamy conservo el de la Nuestra Señora de Fee que comúnmente llamamos Santa María de Fe* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, op. cit., p. 373). *La reduccion de ñra. Sa. de la fe esta en un muy buen parage sano y puesto alto, donde los vientos por todas partes le bañan con commodidad de montes para sus sementeras de caça en abundancia y pesquerias en varios parages no lexos del pueblo pues fuera gozar de los rrios Ypané y Piray entre los quales esta poblada tiene también otras lagunas adonde tiene comodidad para ellas* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, op. cit., p. 106-107. XX – *Petição do padre Juan Pastor, Provincial do Paraguay, a Andres Garavito de Leon, para mudar as Reduções de Itaty e para que os Índios usem arma de fogo. Acompanhada da resposta.* 1652).

¹⁴⁸ VIANNA, Hélio. Introdução, notas e glossário. **Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai: 1611-1758**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1970, p. 336. (MCODA IV).

En el gobierno del oidor Garavito de León, los infieles destruyeron la villa de Xejuí, en que mataron 7 españoles e la pegaron fuego que a su asalto la abandonaron sus vecinos. Ni el camino por tierra que no iba lejos del de las águas estuvo seguro. Fue menester abrir otro y se logró el que hoy se llama particularmente del Monte Grande y pasa por el Pago de Palomares. Se abrió en tiempo del gobernador Garay y a su época debe al parecer fijarse el principio del transporte de la hierba en caballos y en mulas; después solo en éstas. Por el nuevo camino se hicieron apreciables las estancias y sabemos que estaban ocupadas al tiempo de abrirla los terrenos de Tamacora. En el año de 1661 estuvo en la Villa Rica el gobernador Don Alonso Sarmiento de Figueroa para donde llevó de escolta 60 soldados españoles. Cuando llegó, en orden de 15 de junio les mandó volviesen, sin duda porque quería regresar por el río. El capitán Lázaro de Garay venía mandando la tropa y de sus méritos consta que en esta ocasión se aseguró el nuevo camino para el trajín de la hierba, en que se recelaba le infestasen los indios monteses y otras naciones¹⁴⁹.

Já nos fins do século XVI, foram fundados os *pueblos* de Caazapá e Yuti, que se constituíram em importantes centros econômicos, tanto pela pecuária como pelos ervais, no caminho do comércio dos *villariqueños* até as cidades de Santa Fe de la Veracruz e Buenos Aires. Mantinham relações com a povoação missioneira de San Ignacio. Qualquer mudança de *pueblos* das terras designadas, por parte dos indígenas ou por vontade de algum *encomendero*, era estritamente proibida. Aos fugitivos, compondo-se geralmente de pequenos grupos, somente sobreviviam as matas do outro lado da serra de San Joaquín e as cordilheiras de Ybytyrusú e San Rafael.

A povoação de Nuestra Señora de la Concepción de Arecaýá¹⁵⁰ era conhecida por seu caráter belicoso e altivo. Em 1660, ela ainda estava situada junto ao rio Curuguay. Antes de sua transmigração mantinha relações amistosas com os *monteses*, que posteriormente ficaram conhecidos como *caremás*. Depois de escapar de uma condenação à morte, em 1650, o corregedor guarani Rodrigo Yaguariguay sublevou essa povoação e, coligado com os *payaguás*, invadiu a povoação de Xejuí. Tempos depois, participando da construção do forte de Tapúa, para onde acorreram índios de todas as povoações do Paraguai, Yaguariguay

¹⁴⁹ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 368-369.

¹⁵⁰ [...] entramos en el pantano Yetití [...]. Después estaba mejor porque la había pisoteado el ganado de la hacienda de Pérez, poco antes fundada. Le atravesamos para coger el camino á la casa de la hacienda de don Juan de la Cruz Rivarola, también nueva. Estas conveniencias de estender sus tierras trajo á los Españoles la Reducción de Belén; y esto es que quieren de los Misioneros Jesuítas, no ayudarlos. [...] La casa de la hacienda está situada en una bella loma, mas falta de agua. Este es el sitio en que antiguamente estuvo el pueblo de Arecaýá, famoso por el levantamiento contra los Españoles. [...] Este pueblo no tenía río inmediato, sino el Xejuí, que dista como dos leguas, y el Yetití una (LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay...**, *op. cit.*, p. 243-244). El día 27 de Julio salimos hasta la recoleta y logo declinamos como al N. E. donde dejamos á la izquierda el que llaman Presidio de San Sebastian distante de la salida como dos leguas. A las cuatro mas llegamos á la casa de nuestro amigo don José del Casal [...]. Una légua antes de dicha casa cortamos el Arroyo de Aruaya y luego el de Damian. [...] Ambos se juntan casi donde los cortamos y acaban en el rio Paraguay con el nombre de Zurubii. También hay en dichas costas bastantes ranchitos de los que fabrican sal. Junto al primer Arroyo, cerca y á la derecha del camino estuvo colocado interinamente el pueblo de indios de Arecaýá despues que lo trajeron de las inmediaciones del rio de Curuguay. A todos estos campos llaman de Tapua y están muy poblados de chacras (AZARA, Felix de. **Descripción...**, *op. cit.*, p. 94-96. Viagem 2º - Á la Cordillera).

aproveitou para conspirar contra os espanhóis. Combinaram que a rebelião coincidiria com a visita do governador Alonso Sarmiento às povoações. Este contornou a povoação de Tobati e entrou em Arecayá. Saiu para visitar Atyrá, Guarambaré e Ipané, mas recusou ir até Caaguazú. Retornou a Arecayá e já notou a mudança de ânimos. Destituíu o corregedor e nomeou outro, tentando controlar a situação. O governador e os quarenta e dois espanhóis que o acompanhavam acamparam na Ramada. No outro dia, no entanto, houve o ataque dos *arecayás*. Houve intensos combates com os espanhóis sitiados na igreja, que acabou sendo queimada. Com reforços das povoações vizinhas, comandadas pelo novo corregedor, conseguiram acabar a rebelião. Yaguariguay, com alguns, foi para Ipané, enquanto outros se refugiaram nas matas. Entretanto, foram perseguidos e presos. Muitos foram executados por ordem do governador, que desnaturalizou todos os habitantes de Arecayá, condenando-os a servir os espanhóis em Asunción. Chegaram à cidade 656 índios¹⁵¹. Nos dois anos seguintes, os guaicurus atacaram as reduções de Nuestra Señora de Fe e San Ignacio. Com a substituição desse governador por Juan Diez de Andino, veio o perdão e restituição das terras aos *arecayás*. Andino conseguiu autorização da real audiência para que, a cada ano, trezentos índios das reduções jesuíticas ficassem à sua disposição para o benefício da erva¹⁵².

No governo de Phelipe Rexe Gorbalán, na última noite de 1671, os *mbayás* atacaram a povoação de Atyrá, queimaram a igreja, mataram o pároco e oitenta de seus habitantes. O restante dos guaranis se refugiou nas matas¹⁵³. Era uma povoação importante antes de sua transmigração em 1673. A sete léguas estava o porto Coqué¹⁵⁴, também chamado de porto de Atyrá¹⁵⁵, centro de abastecimento das frotas de balsas que desciam os rios Jejuí e Paraguai, transportando o *mboroviré* da jurisdição de Villa Rica. Os índios desta povoação mantinham negócios intensos com espanhóis¹⁵⁶.

¹⁵¹ LOZANO, Pedro. *Historia de la Conquista...*, op. cit., t. III, 1874, p. 334-364.

¹⁵² *Ibidem*, p. 368.

¹⁵³ *Ib.*, p. 370.

¹⁵⁴ *También consta que la Villarrica tenía su puerto sobre el Rio Curuguay, del cual en 3 dias las flotas de balsas llegaban al puerto y Rio Coqué, que también se llamava de Atyrá por distar siete leguas de este Pueblo y doce de Ypané y Guarambaré. En el dicho puerto tomaban las flotas de balsas los víveres, y desembocaban en el Rio Paraguay por el Rio Xexuy pasando antes otro paraje llamado Yagaratá-pirocá, y luego el Paraguay-miri* (AZARA, Felix de. *Geografía, física y esférica...*, op. cit., p. 54).

¹⁵⁵ Atyrá estava a 7 leguas do rio Jejuí e seu porto neste rio se chamou de Coqué. De Atyrá a Ipané e Guarambaré calculava-se 12 léguas. Hoje, são 20 léguas do rio Jejuí ao Ipané (antigamente Tabaré). Os *pueblos* de Ipané e Guarambaré, de Petin (ou do Tabaco), existiram sobre a margem setentrional do rio Ipané e foi antigamente nome de sua província. Em nota, Ernesto Maeder julgou que o porto de Itatin estava onde depois foi fundado Belén. Explicou que *el camino de los antiguos a estos lugares era de Ibiracapa por la costa o por Aguaracati; aqui se dividían el de Guaira y el de arriba, el cual iba a paso del Xejuí que hoy se llama del Sargento y fue el puerto de Atira. [...] Seguía el camino al pueblo de Taguatí en Ipané por Yaguareteni, terreno alto, libre de las aguas de la costa* (AGUIRRE, Juan Francisco. *Discurso Histórico...*, op. cit., p. 312-313).

¹⁵⁶ Essa povoação reuniu gentio dissidente de Ipané e *itatines* deslocados do norte (SÚSNIK, Branislava. *Los Aborígenes...*, op. cit., p. 109). Aguirre chegou a outra conclusão: *nosotros reunimos en Tobaty los antiguos*

Villa Rica, depois de sair de Guayrá, passou a pertencer à jurisdição da província de Mbaracayú, junto com as outras povoações que, apesar de serem atacadas pelos portugueses de S. Paulo em 1648, sobreviveram até 1676. Foi quando portugueses e mamelucos, junto com 500 índios tupis¹⁵⁷, comandados por Francisco de Pedroso Xavier, atacaram as povoações de San Pedro de Terecañy, San Francisco de Ybyrapariyára, Nuestra Señora de la Candelaria e San Andrés de Mbaracayú, onde havia um corpo de guarda com tão somente setenta espanhóis e lhes faltava pólvora. O restante estava nos ervais, por ser tempo de benefício¹⁵⁸. A maior parte dos 4.000 índios¹⁵⁹ seguiu com os mamelucos. O ataque forçou os habitantes de Villa Rica, que tinha sido fundada mais uma vez com os moradores que sobraram da vila antiga, de Ciudad Real e de Xerez, a se retirarem. Os espanhóis, junto com alguns guaranis de Candelaria que estavam com eles, seguiram na direção de Asunción. O padre Alonso Riquelme de Guzmán levou os 70 guaranis restantes de Ybyrapariyára para o novo sítio de Atyrá (San Benito de los Yoys). Foi organizado então um resgate, comandado por Juan Diez de Andino, com 400 espanhóis e 800 índios guaranis¹⁶⁰. O acampamento principal dos portugueses ficava no rio Paraná¹⁶¹. Muitos, no entanto, conseguiram fugir e voltar.

Em 1698 fundou-se Santa Rosa com os *itatines* de María de Fe, que também constituíram o núcleo formador das novas reduções *tarumás* de San Joaquín e San Estanislao¹⁶². A província de Mbaracayú, principal região produtora de *la yerba del Paraguay*, continuou, no entanto, sendo referência econômica, se bem que a disputa pelo

índios de Tanimbú y ésta es la provincia ocupada ahora por los Atyrás y si aquello es cierto es menester vinieron de otra parte. En efecto conforme la tradición de un centenário de este pueblo en el año de 1770, son originários de Xerez [...]. Fueron índios que desde los primeros dias de la conquista se sujetaron a la corona, que anduvieron en continuas rebeliones y que al fin como los carios olvidaron su antiga libertad, costumbres e idolatrias y se hicieron desde la reunión de los pueblos obedientes vasallos de Dios y del Rey (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 314).

¹⁵⁷ O número de portugueses era 108 e traziam três bandeiras, cujos oficiais nomeados por Francisco de Pedroso eram Francisco Camargo, alferes maior; João de Lima, capitão; e Baltazar de Godoy, alferes; todos vizinhos de São Paulo, exceto Francisco de Pedroso. Os índios tupis eram muito próximos de 500 e a maioria trazia escopetas, que manejavam com a mesma destreza que os portugueses; tinham alfanjes, arcos e flechas e todos eram grandes atiradores, estavam bem armados e treinados na milícia (ANA-SH, v. 5 n. 17, 1676. In: **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 112).

¹⁵⁸ Informando-se da força e gente dos *castellanos de la Villa Rica del Espiritu Santo*, souberam que estavam ocupados no benefício geral, com os índios de Candelaria, Ybyrapariyára e Mbaracayú, descuidados e desprevenidos. Os *pueblos* de Atyrá, Ipané e Guarambaré foram despovoados e mudaram de sítio. Os habitantes dos dois últimos foram para a metade do caminho entre a vila e Asunción, e os de Atyrá, para uma das doutrinas dessa cidade. Caaguazú e Aguaranamy também haviam mudado de sítio (*Ibidem*, p. 108-109).

¹⁵⁹ ANA-SH, v. 2. n. 31, 1676. *Informe del Maestre de Campo Francisco de Ledesma Balderrama sobre la invasión de portugueses mamelucos y tupis de San Pablo a los pueblos de Ypané y Guarambaré.*

¹⁶⁰ O exército de Juan Diez de Andino era de aproximadamente 860 espanhóis e 3.000 índios, segundo alguns autores ou 400 espanhóis e 700 índios (LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista...**, *op. cit.*, t. III, 1874, p. 372).

¹⁶¹ ANA-SH, v. 5 n. 17, 1676. In: **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 66-114.

¹⁶² SÚSNIK, Branislava. **Los Aborigenes...**, *op. cit.*, p. 200.

controle do comércio (e da produção) da erva-mate só tenha aumentado entre *encomenderos* e jesuítas. A partir de 1660, os jesuítas começaram os plantios de erva em parte de suas reduções, com o objetivo de não depender da produção de Mbaracayú. Quando foi fundada a Colônia de Sacramento, vinte anos depois, o comércio e o consumo da erva-mate estava consolidado e difundido por grande parte da América do Sul. No primeiro governo de Andino¹⁶³ houve suficiência econômica na maioria dos *pueblos*. Durante o segundo¹⁶⁴, porém, manifestaram-se, já com clareza, as consequências da desagregação social dos guaranis hispanizados¹⁶⁵. A transmigração da povoação de Villa Rica deixou livres as melhores terras aos inimigos. Discutindo a liberação da transmigração da população de Tobati, o cabildo de Asunción alegou que devia ser mantido pelo menos um posto ou presidio para evitar que *payaguás* e seus aliados impedissem *el beneño. de la Yerba que es el comercio de mayor Reglon desta Prova. [...] en porcion de cien mil as. de Yerba y de ai arriva que se beneficia por año*. Guardar esse posto prevenia as invasões dos portugueses y *gente foragidas de San Pablo q. nos han reducido esta Provincia con desolacion de muchas ciudades y Villas Pueblos de Yndios auxiliares que continuadas por la costa de este Rio arriva le dilatavan por termino y distancia de doscientas leguas*¹⁶⁶.

Na figura abaixo (FIG. 09) estão localizadas povoações coloniais que existiram durante o século XVII, mostrando as províncias de Guayrá, Xerez, Itatin¹⁶⁷ e Mbaracayú. Apesar dos limites de seus territórios estarem descritos em muitos documentos, não há

¹⁶³ 1663-1671.

¹⁶⁴ 1681-1684.

¹⁶⁵ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial del Paraguay**. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", v. I: El Guaraní Colonial, 1965, p. 143. *Particularidades de algunos pueblos y los guaraníes-monteses*.

¹⁶⁶ ANA-SH, v. 14 n. 1, 1698. In: **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 137-139.

¹⁶⁷ Os jesuítas estiveram responsáveis pelas missões de Itatin entre 1631 a 1669. No ano de 1639, segundo padre Manuel Berthold, a situação era a seguinte: *Habiendo los portugueses robado y destruído 13 reducciones, después de fundadas por los Padres en la provincia del Guayrá, el P. Antonio Ruiz envió á los PP. Ignacio Mantínez, Justo Mansilla, Diego Ferrer y Nicolás Henarcio á los infieles de hacia la ciudad de Jerez, y más adelante á los Itatines y Chiriguanes, donde hallaron á los indios en pueblillos, sin Cura y sin iglesia; mas apenas se habían comenzado 2 ó 3 reducciones, dieron sobre ellas los portugueses que destruyeron á Jerez; retirándose los pocos indios que escaparon con los Padres, y se redujeron unos en Taragüy y otros en Ibu, en Yateba [Yatebo], en Tarciri [Tarey ou Taré] y en Jutay [Yutay]. Volviendo el portugués el segundo año, cautivó y desbarato los dichos pueblos y reducciones, y huyendo del enemigo pasaron los indios á la outra banda del Paraguay, entre infieles; otros se ampararon del Paraguay y otros se escondieron; de suerte que se retiraron al fin los Padres al Caaguazú, 40 leguas de la Asunción y a 4 jornadas del Ipané, con solos 200 indios, reliquias de varios pueblos, los más caciques, y 6 ó 7 Capitanes[...]. En estos trabajos murieron los PP. Diego Ferrer y Nicolás Henarcio, y el P. Justo Mansilla contrajo una enfermedad de muchos años que le obligó á ir á la Asunción y pasar á los aires frescos del Uruguay. Los que escaparon de este pueblo y del Caaguazú al Ipané fueron expulsados con los Padres, y despojados éstos de los indios por orden del Sr. Obispo D. Fray Bernardino de Cárdenas; y de 1.000 familias, sólo quedaron 300: 150 en Ipané y 150 en Aguaranamby, que hallaron los PP. Justo Mansilla y Bernabé de Bonilla, cuando fueron restituídos á dichos pueblos, y con sumo trabajo han vuelto á juntar hasta 800 familias, que hoy tienes en dichos pueblos, sin más socorros que las limosnas de este Colegio (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 2, 1915, p. 316-321. *Certificación jurada el P. Manuel Berthold tocante á las reducciones de los Itatines*, 1652; CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 98-103).*

unanimidade entre eles e, no caso de Xerez, existem poucas referências. De qualquer forma, estes limites, mesmo durante o curto período de existência dessas províncias, foram modificados. No segundo capítulo serão analisadas, com maior aproximação, as alterações ocorridas.



FIG. 09. Povoações coloniais no século XVII. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

Os sítios de Aretaguá e Tobati, oferecidos pelos governadores após a retirada da província de Mbaracayú, não foram aceitos pelos *villarriqueños*. Os *pueblos* de sua antiga jurisdição foram agregados ao *pueblo* de San Francisco de Atyrá e *encomendados* aos vizinhos de Asunción, contra o que dispunham as leis. Por terem ficado sem as *encomiendas* de índios especializados no benefício de erva e estarem sem território, nem pastos para seus gados, os *villarriqueños* estavam em situação de ruína. O cabildo de Asunción pediu, então, que fossem restituídos, índios e espanhóis, aos antigos sítios. Porém, a situação só se reverteu, quando o governador Juan Gregório Bazán de Pedraza, visando à segurança das províncias do Paraguai, providenciou, em 1714, a fundação de duas novas colônias de espanhóis: uma em Guarnipitan, a oito léguas ao sul de Asunción, e outra em Curuguay. No ano seguinte, alguns

moradores da última Villa Rica, de Ybytyrusú, fundaram efetivamente a *Villa de los Reyes Chatolicos de San Ysidro Labrador de Curuguati*¹⁶⁸, em um sítio anterior daquela vila.

San Joaquín, depois de várias mudanças, foi fundada entre as matas de Tarumay¹⁶⁹, sobre o rio Yhú. Em 1767, foram contados dois mil e dezessete habitantes¹⁷⁰. A história desta povoação começou, porém, sete décadas antes. O padre José Más escreveu dois documentos em 1720, *Relación del hallazgo de los indios de este pueblo de San Joaquín* e *Relación del hallazgo de los Indios Tobatines*, que serviram de fonte para o padre Dobrizhoffer. Os jesuítas voltaram à busca dos *monteses*, de que tinham notícias, quando as reduções de Nuestra Señora de Fe e San Ignacio ainda estavam estabelecidas no Caaguazú. Em 1697, os padres Bartolomé Ximenez e Francisco Robles encontraram mais de quatrocentos índios em Tarumay, a leste dos arroios Capibary e Tapiracuaí¹⁷¹, e os levaram à antiga localidade de Nuestra Señora de Fe de Aguaranamby, de onde eles acabaram retornando para as matas. Em 1698, foi fundada Nuestra Señora do Rosário com os *itatines* de María de Fe, que mais tarde constituíram o núcleo formador das reduções *tarumás* de San Joaquín e San Estanislao¹⁷². Não obstante, estes voltaram a fugir para as matas. Os padres Policarpo Duffo e Miguel Haffner foram achá-los, outra vez, em 1721. Com eles, foi fundada uma pequena povoação em Tarumá e dois anos depois foram batizados mais trezentos índios¹⁷³. Nesse tempo, as hostilidades e danos aos *benefícios* da erva eram realizados, sobretudo, pelos *indios infieles de la Nación Montés*¹⁷⁴. Em 1724, D. Antequera y Castro denunciou a *subtracción de los indios que*

¹⁶⁸ O nome local provém de *curugua* (*Cucurbita odorífera* da família: Cucurbitáceas: *kaiguá/porongo*, planta trepadeira muito comum na região, muito cheirosa, de cor preta, amarela e vermelha, com uma casca muito dura e sólida, utilizada como recipiente), e *ty*, que significa abundância.

¹⁶⁹ Nome dado devido à abundância da palmeira *Astrocaryum vulgare*, Mart.

¹⁷⁰ *Los españoles los denominan incorrectamente Tobatines, mientras ellos se llaman en su lengua guaraní Ytatines o Ytatinguas* (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. *Los nuevos pueblos de San Joaquín y San Estanislao, de indios Ytatinguas*).

¹⁷¹ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. p. 151.

¹⁷² SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, op. cit., v. I, p. 200.

¹⁷³ *Junto al río dicho (Yuqueriy) estuvieron algún tiempo los dos pueblos de San Joaquín y San Estanislao, por miedo de ser sorprendidos de los Mbayás. Después volvieron á los sítios que hoy tienen. Salimos de San Joaquín y llegamos á San Estanislao. Según algunos indícios tienen algunas familias de los antiguos Arecayanos. En el pueblo hay un cacicato llamado Xavié, y el cacique cuenta que su abuelo fué ahorcado. Hay también cacique llamado Tupí, nombre de Indios Portugueses, y de los amotinados* (LABRADOR, José Sáchez. **El Paraguay Católico...**, op. cit., p. 216).

¹⁷⁴ *El Snr. Dn. Juan Rodriguez, Governador e Capitan General de esta Provincia dijo por quanto acava de ver Papeles escriptos por el Capitan Alonzo Penayos Alcaide de la Santa hermandad [anís santo de com] El Capataz de su tropa llevo a su Estancia, con siete heridos, diciendo que los Yndios monteses dieron en su tropa, y mataron dos españoles, quedando heridos y maltratados los yndios que existian en ella, que tomaron su vestimienta, herramientas y quanto tenian; Y atendiendo a que queden haver executado, y executar lo mismo en las demas tropas, que estan en Dhos Montes que se van conociendo, y que tambien queden ser tupies y exploradores dho Portugueses Paulistas que ayan Venido a cometer los excesos y delitos que acostumbra como atentadores de la Paz de ambas Coronas y que todos estos yncombenientes tan grandes se deven Remediar y Repararse con la proptitud posible; quando se despache horden al Maestre de Campo Juan de Aguirre, lugar*

salieron con sus familias a reducirse a la Fe católica y a poblar el paraje de Tarumá. Dizia-se que os religiosos da Companhia de Jesus enganavam aos *monteses* para reduzi-los e, ainda, sem licença nem notícia do governo da província, em prejuízo daqueles indígenas e contra as ordenanças¹⁷⁵.

Outra denúncia foi feita em 1728, sobre assaltos, roubos, incêndios, mortes que *han executado los yndios monteses contra los trabajadores de la yerba*¹⁷⁶. Por falta de campos para o gado e também por causa das turbulências das *revoluciones comuneras*, foram trasladados novamente à povoação de Aguaranamby, por intervenção do padre José Pons. Ficaram nesse local por uma década. Novas turbulências políticas e a peste da varíola fizeram que cerca de 400 famílias fugissem de novo, em 1734, em busca de segurança e *sin dejar el menor vestigio por el cual se hubiera podido deducir la ruta que habían tomado y hacia dónde se habían dirigido*. Foram mandados então os padres Sebastián de Yegros, Juan Escandon, Felix Villagarzia e Lucas Rodriguez para que descobrissem o esconderijo dessas famílias. Por dezoito meses não encontraram nenhum vestígio até que, em 1745, o padre Sebastián de Yegros foi ao encontro delas nas matas de Tapebiy. Foi providenciada toda assistência possível para que continuassem no mesmo local¹⁷⁷. Entretanto, os guaicurus *devastaron con asesinatos y robos las estancias de los Paracuarios vecinos a ellos*. Isto as intranquilizou. Como também houve seca naquele ano, para defenderem-se, tanto índios como missionários consideraram conveniente trasladar-se mais ao sul, para um lugar onde estariam seguros *contra los bárbaros jinetes* e garantidos em relação à falta de água.

Padre Yegros explorando as matas entre Capibary, Tapiracuaí e Jejuí, pode conseguir que os *cacicazgos* de Arabebé, Taparí e Quirayú fossem para a redução de San Estanislao. Por causa das contínuas fricções entre estas duas reduções e os beneficiadores, quando ainda estavam a leste da serra de San Joaquín, o cacique *eyiguayegui* Lorenzo propôs aos *criollos* uma aliança para a definitiva exterminação dos *monteses*, sem êxito. Por isso, as *tavas* dos caciques Paranderi, Yasucá, Yeyú, Guiraquéra e Xavier deixaram abandonadas a igreja de tijolos e a casa dos padres e fundaram a redução de San Joaquín *apresuradamente en el año 1753, sobre una colina, junto al río Yhu*, junto com os colonos trazidos de Maria da Fe. Mais tarde *fue provista con las mejores leyes en base a las reducciones guaraníes* (FIG. 10),

theniente de la Villa Rica para que al instante que la derran despache ochenta soldados con [...] (ANA-SH v. 43, n. 8, f. 67 e seguintes, 29, mar, 1699).

¹⁷⁵ ANA-SH v. 43, n. 8, f. 127-136, 6, jan, 1724.

¹⁷⁶ ANA-SH v. 43, n. 8, f. 121, 4, jun, 1728.

¹⁷⁷ Os caciques *monteses* eram chamados Paranderi, Yazucá, Yeyú, Guiraquéra e Xavier (Parandery, Guayrazurá, Yasú, Yazuabuzá y Xavier). Ao avô deste último foi imposto o nome de Francisco Xavier y *así pasó como patronímico a sus descendientes* (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I. *Los nuevos pueblos de San Joaquín y San Estanislao, de indios Ytatinguas*).

*aumentada con nuevas familias y establecida permanentemente*¹⁷⁸. O rio Yhú é afluente do Acaray. Apesar de os jesuítas considerarem estes índios como *ytatinguás*, segundo a própria descrição de Dobrizhoffer e pelos relatos do padre Sanchez Labrador, pode se concluir que eram *monteses* que conviveram com *itatines*.



FIG. 10. Igreja das Missões Jesuíticas de San Joaquín. Fotografia: Isaac Mendoza.

A disputa por território das reduções mostra outro lado da questão. Os *curuguateños* consideravam que San Joaquín tinha sido povoada clandestinamente, com a introdução de mais de mil guaranis da missão de Nuestra Señora de Fe, devido às sucessivas transmigrações¹⁷⁹. Não concordavam com a intenção de eles possuírem terras do outro lado da serra de San Joaquín. No final do século XVIII, eram os *curuguateños* que estavam arrendando terras dos *pueblos* de San Joaquín e San Estanislao¹⁸⁰. A outra redução de *monteses*, San Estanislao, foi uma filial de San Joaquín, em cujo território foi fundada. Estes *monteses* foram encontrados pelos padres e moradores de San Joaquín nas matas entre os rios Caapivary, Jeyuí e Tapiracuay. O padre Sebastián de Yegros passou um ano com eles nas matas, até que resolvessem se estabelecer nas margens do rio Tapiracuay, afluente do Monday. Os padres Manuel Gutiérrez e José Martín Mattilla, em 1751, foram enviados para a

¹⁷⁸ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I. *Los nuevos pueblos de San Joaquín y San Estanislao, de indios Ytatinguas*.

¹⁷⁹ ANA-NE, 480, ff. 41-41, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Índio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 126.

¹⁸⁰ ANA-SH, 220, n. 14, f. 5, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Índio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 127.

região, com alguns índios guaranis, com gado e presentes¹⁸¹, com objetivo de construir algumas cabanas e uma pequena igreja. Os caciques que estabeleceram esta redução se chamavam Arabebe, Tapari e Quirayu. Em 1767 eram mais de dois mil e trezentos habitantes. Dobrizhoffer lembrou que *hasta hace poco vagaban aún como bestias en los bosques donde los Españoles recogen su yerba*, para concluir que com a fundação das reduções de San Estanislao e San Joaquín, os espanhóis *han ganado en modo extraordinario, porque tras el alejamiento de los bárbaros pueden atravesar y entrar libremente en las selvas para recoger esta yerba valiosa*¹⁸².

José Sánchez Labrador e José Martín Matilla fundaram em 1760 a redução de Nuestra Señora de Belén, a pedido dos guaicurús, no passo por onde cruzavam o rio Ipané-guazú¹⁸³. Contaram com a decisiva participação do cacique *eyiguayegui* Lorenzo. Durante mais de um século, *los guaycurús llenaban anualmente de sangre las campañas y la ciudad (de la Asunción) y villa de Curuguay de lágrimas y luto*. Nessa época os espanhóis chegavam apenas ao rio Jejuí. No ano seguinte, vieram vinte guaranis para ajudar nas plantações. No final de 1762, Lorenzo se retirou com os seus, ficando alguns ainda na redução. Vieram em seguida quatro caciques guaicurús, *serían como doscientas personas*: Yetega, Cacoba, Inionigiguaga e Caminigo, este último era muito conhecido dos espanhóis, *por sus cautiverios y muertes que había ejecutado en los vecinos de la villa de Curuguay*. Voltou Lorenzo com os seus em 1763, ano em que atacou o povoado de San Joaquín. No outro ano, estiveram em *Asunción*, quando levaram suas mulheres e filhos e acabaram contraíndo varíola, que dizimou sua parcialidade, já no retorno, quando foram abrigados na fazenda de Sebastián de León y Zárate¹⁸⁴. Os que chegaram a Belén desfizeram seus toldos e fugiram¹⁸⁵. Estava previsto fundar a redução de San Ignacio de Loyola de *mbayás lichagotegodis*¹⁸⁶ do cacique Napidrigi. Esta parcialidade esteve em Belén por mais de um ano e meio, logo no início desta redução¹⁸⁷. Entretanto, quando chegou a *Asunción*, o padre Sánchez Labrador foi preso e

¹⁸¹ *La liberalidad y llaneza de nuestros padres que les regalaron alimento, ropas, hachas, cuchillos, bolas de vidrio y cosas semejantes, los hicieron por completo mansos y dóciles para la doctrina cristiana. En pocos años la localidad creció de un modo increíble por el acceso de nuevas familias indias que los PP. Antonio Planes, Tadeo Enis, de Bohemia y Antonio Cortada han buscado por empinados y casi inaccesibles caminos y conducidos felizmente allá* (DOBRIZHOFFER, Martín. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. *Los nuevos pueblos de San Joaquín y San Estanislao, de indios Ytatinguas*).

¹⁸² DOBRIZHOFFER, Martín. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. *Los nuevos pueblos de San Joaquín y San Estanislao, de indios Ytatinguas*.

¹⁸³ LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay...**, op. cit., p. 87 e 91.

¹⁸⁴ Em *Capii Pomog* (LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay...**, op. cit., p. 168).

¹⁸⁵ LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay...**, op. cit., p. 142-148.

¹⁸⁶ *Vasallos de los mbayás, estos de la tierra colorada, por el color del terreno que habitan* (LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay...**, op. cit., p. 153).

¹⁸⁷ LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay...**, op. cit., p. 154-161.

expulso junto com os outros jesuítas do Paraguai. Em 1767 havia 500 sacerdotes divididos em 12 colégios, uma casa de residência, mais de 50 *estancias y obrajes*, 33 *pueblos de indios guaranis* com mais de 100 mil almas¹⁸⁸ e 12 *pueblos* de outras nações.

Nas sucessivas transmigrações de indígenas, inicialmente das aldeias para os povoados ou reduções e posteriormente para diversos sítios, principalmente das últimas missões ou próximas de Asunción, houve o rompimento dos quadros sociais primitivos¹⁸⁹. Preservaram partes do conhecimento e a língua, porém, as transformações sociais e econômicas foram impactantes. Diferentemente dos povoados de espanhóis, que, com a mesmas transmigrações, mantiveram sua estrutura social e econômica.

A fundação de Villa Real de la Concepción foi o ponto de partida da luta pela reconquista das terras ao norte do rio Manduvirá, arrebatada pelos *mbayás* quando se mudaram para a região de La Laguna, a lagoa Nimigüena¹⁹⁰. Partiu daí a nova configuração do espaço geográfico, reduzindo a área dominada pelos *mbayás*. Por outro lado, a fundação do forte de Yguatemi, em pleno território de Mbaracayú, arrefeceu qualquer possibilidade de expansão dessa fronteira por algum tempo. O desenho a seguir (FIG. 11) mostra essa retomada de domínio, que ultrapassou o rio Apa. Também a pressão dos índios cavaleiros, que alcançaram regiões mais distantes, chegando próximo a Cuiabá, até as fronteiras dos bororos do rio Jauru e a leste, até o rio Paraná, com incursões até os *monteses*, fez com que essa expansão ficasse limitada ao possível para as forças espanholas nessa época. A fundação de novos núcleos populacionais *criollos* foi contínua, estimulada pelo estabelecimento de estâncias de gado, que disputavam espaço com os *mbayás*, e pela exploração de novos ervais. Desde a fundação de San Joaquín e San Estanislao, foram reduzidos os conflitos com os *monteses*. Entretanto, Curuguaty continuou isolada.

¹⁸⁸ *Exposicion del gobernador don Francisco de Paula Bucareli y Ursua al conde de Aranda, sobre la espulsion de los Padres Jesuitas y estado de la Provincia*. Buenos Aires, Septiembre 6 de 1767. In: **La Revista de Buenos Aires**. n. 30. oct 1865, p. 133-164.

¹⁸⁹ Esse aspecto é analisado por MÖRNER, Magnus. **Actividades Políticas...**, *op. cit.*

¹⁹⁰ *Laguna Numigena, ó Pescadero* (ver p. 30 desta dissertação). Ficava próximo do rio Aquidabán, a noroeste de Naranjaty.



FIG. 11. *Povoações coloniais no século XVIII*. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

Quando os *guanás* tornaram-se independentes de sua vassalagem aos *mbayás*, os franciscanos conseguiram fundar, nas antigas terras guaranis, novas povoações com *charavanás* e *layanás*. Com os últimos fundaram Tacuati sobre o médio Ipané, em 1787, próximo ao antigo sítio de Guarambaré. Eles conseguiram assim seu velho sonho de ter terras férteis na margem esquerda do rio Paraguai, em lugar das precárias terras *chaqueñas*¹⁹¹. San Juan Nepomuceno foi fundada dez anos depois, com *chavaranás-echoaladís*¹⁹². Sua população foi trasladada no final desse século para o local que hoje se encontra, próximo a Caazapá. Em 1815 foi trasladado um grupo de *charavanás* da redução de San José de Yetití a Tacuati, com o objetivo de diminuir a agressividade conjunta de *tacuatis* e *mbayás*¹⁹³. Não obstante, as autoridades de Concepción foram sempre receosas. Os soldados percorriam ocasionalmente o caminho da povoação de Tacuati até as *tolderías de los mbayás*¹⁹⁴, suspeitando que ainda existissem relações com os *guanás*, ainda tributários dos *mbayás*. Frente aos *monteses*, os *guanás* conservavam seu comportamento de superioridade. Estes *chavaranás* já tinham alguns contatos com o ambiente *criollo*, espanhol e guarani.

¹⁹¹ ANA-SH, 164, n. 4, f. 62 e 172, n. 3, f. 3, *apud* SÚSNIK, Branislava. *El Indio Colonial...*, *op. cit.*, v. I, p. 151.

¹⁹² Ver LABRADOR, Sánchez José. *El Paraguay...*, *op. cit.*, p. 149.

¹⁹³ LABRADOR, Sánchez José. *El Paraguay...*, *op. cit.*, p. 164.

¹⁹⁴ Esse termo em espanhol é adequado para caracterizar os acampamentos *mbayás-guaicurus*, porque, mais do que das outras parcialidades, suas casas eram verdadeiramente portáteis, levadas nos cavalos em suas incursões mais distantes.

Costumavam conchavar-se como *remeros*. Como não foram subjugados pelos espanhóis, não tinham obrigações de tributos ou de *mita*. Ambos *pueblos guanás* foram desestruturados por absorção e extermínio, porque não foram tolerados pelo ambiente *criollo*¹⁹⁵.

No final do século XVIII, foram fundadas algumas povoações nas imediações de Concepción, que, em seguida, foram medidas e regulamentadas por ordem do governador do Paraguai. Em 1793 foi reconhecido como público o oratório do padre Andrés Salinas, legitimando a existência da Capilla Horqueta. Dois anos antes, já estava bastante povoada, mas só em 1796 foi aceito o pedido de elevação a *Tenientazgo de Parroquia*, com o nome de Nuestro Señor de la Buena Muerte de la Horqueta. Em 1792 o governador Joaquín Alós de Brú Ríus (1787-1796) mandou medir o terreno de Nuestra Señora Madre y Niño de Loreto del Yuyi. Existem documentos de 1787 que mencionam o presídio de San Carlos del Apa. A data de sua fundação, no entanto, é considerada 1794 e seu fundador José Bolaños. Dois anos depois, foi transferido para mais perto do rio, após violento ataque, e reconstruído com paredes de pedra. O governador Agustín Pinedo autorizou a fundação de San Pedro Apóstol de Ycuamandiyú em outubro de 1784, onde antes tinha sido *real de las armadas antiguas de costa arriba. Declaró los minerales de heirba y sus pastoreos, generales al público de la provincia como es costumbre*. Don Fernando Bernal povoou uma estância nesse local e, após perder quase tudo num ataque de índios do Chaco, ofereceu suas terras para formar a vila, que ficou com jurisdição entre os rios Ipané e Xejuí, até a divisa de Curuguaty. O governador Alós y Bru, ordenou em 1792 que os terrenos *desde el Saladillo hasta el paraje de Naranjaty y desde las lomadas del finado Sargento Mayor hasta el Paso Itá*, em Concepción, fossem repartidos para casas, chácaras e estâncias entre os povoadores antigos¹⁹⁶. Os ervais e *saleiros* foram destinados à exploração pública. Em Villa Real de la Concepción, nesse tempo, consolidava-se uma elite comercial, formada por *criollos* e também por catalães e bascos, todos com entretidos vínculos comerciais com *santafesinos, porteños* e portugueses.

Ao findar o período colonial, o Paraguai contava com sete vilas: Curuguaty, Villa Rica, Concepción, San Pedro de Ycuamandiyú, Rosario de Cuarepoty¹⁹⁷, Villa Franca ou Redemolinos e Pilar de Ñeembucú. Havia três *pueblos* de mulatos livres (Emboscada, Areguá e Tabapí) e quatorze de índios: Ipané, Guarambaré, Atyrá, trasladados do território de Villa Real para o sul do país, Itá, Yaguarón, San Lorenzo de los Altos, Tobati, Itapé, Caazapá, Yuti,

¹⁹⁵ ANA-NE, 482, f. 50 e ANA-SH, 207, n. 8, f. 23 e 172, n. 4, f. 5, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 151.

¹⁹⁶ ANA-NE v. 176. *Repartimiento de terrenos de Villa Real de la Concepción entre diciembre de 1792 y 1806*.

¹⁹⁷ José Más afirma que, com os primeiros *tarumás*, os jesuítas formaram a redução de Nuestra Sra. del Rosario com 500 almas. Dobrizhoffer, que escreveu posteriormente, não confirma esta versão. Oficialmente Rosario de Cuarepoty foi fundada em 1783.

San Juan Nepomuceno de los Charavanás, San Joaquín, San Estanislao, Nuestra Señora de Belén. Em 1782 foram agregados mais treze *pueblos* das antigas missões jesuíticas: San Ignacio Guazú, Santa Maria de Fe, Santa Rosa, Santiago, San Cosme, Itapua, Jesús, Santísima Trinidad e, na margem esquerda do rio Paraná, Candelaria, Santa Ana, Loreto, San Ignacio-mirí e Corpus. No total, havia no Paraguai 78 paróquias, incluídas as da capital, das vilas e as outras que já se consideravam partido e tinham juiz comissionado pelo governo para a administração da justiça¹⁹⁸, como as de San José de Yetiti, Itacurubí, Capilla de Valenzuela em los Naranjos, Lima, Tacuati, Yhú e Horqueta. Cada partido compreendia também vales e *cañadas*, agregados dos *curatos* respectivos. Mariano Molas calculou que nessa época o país possuía 312.000 habitantes. O espaço dos guaicurus foi reduzido (FIG. 12) com a fundação de novas povoações ao norte do rio Cuarepoty e, sobretudo, com o avanço das estâncias de gado até, e além, do rio Apa.



FIG. 12. Povoações coloniais no século XIX. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas (RONDON, Candido Mariano da Silva, 1952).

1.3 A PROVÍNCIA DE MBARACAYÚ

Esta ciudad de Guayra y la Villa rica del espiritu santo traen sus indios a una reducion de indios que se llama Maracayu a haçer yerba llamanla assi los españoles impropriamente porque es una hoja de un arbol que se parece al naranjo e el indio la llama caã, nasce este arbol espontaneamente por todos aquellos montes

¹⁹⁸ MOLAS, Mariano Antonio. In: *La Revista...*, op. cit., t. IX, p. 11-24, 1866.

*que son grandissimos e no se cultiva, cortan los ramos, tuestanlos a la llama del fuego despues la oja tostada se cae muelen [...] y asi la traen a vender en gran cantidad. Esta yerba y tambien el peten que es tabaco solia ser antiguamente tan odioso el tomarlos en esta tierra que tenian por hombre infame a quien lo tomaba y estaba prohibido con descomunion sino era a los que lo hacian por enfermedad con liçencia del medico: pero despues concurrieron los cabeças en esta ciudad, el uno administrador de este obispado, y el outro Teniente general de governador los quales se dieron a este viçio tan sin rienda que todo el pueblo se fue tras ellos en todos estados y son muy raros los que no tienen este viçio tanto puede el mal exemplo de lo cabezas, y es esse*¹⁹⁹.

O termo genérico Caaguazú tinha significados diversos e aparece na toponímia de muitas regiões²⁰⁰. No entanto, os guaranis, quando se referiam à árvore da erva, diziam *caaguazú*. As referências ao *monte grande* nas fontes coloniais serviram para denominar tanto ervais como matas. Este e outros topônimos em guarani costumam ser encontrados em outras regiões, em tempos diversos. Por essa razão, é preciso precaução na identificação desses termos. As serras, ou cordilheiras, foram nomeadas de modos diferentes por autores contemporâneos ou não. Também as regiões, os rios, as parcialidades étnicas, as atividades e até a alimentação.

É preciso chamar a atenção, no entanto, para algumas situações. A escarpa da serra (ou cordilheira) com um desnível de duzentos metros de altitude, em média, que corre de leste a oeste, atravessando o rio Paraná nos saltos de Guayrá, tem o nome de Mbaracayú. Ao ocidente encontra-se a cordilheira de Amambay, que tem sentido norte-sul. Estas duas têm as mesmas características. Também as serras de San Joaquín e de San José receberam, algumas vezes, esse nome. Em seus relatos, Labrador fez diferença entre as serras de Amambay e de Iguatemi; ele nomeou a atual serra de Bodoquena com este último nome²⁰¹. Na corografia paraguaia mais antiga, estas serras eram consideradas ramificações das serras de Iguatemi. Observa-se que não só a corografia tem sofrido modificações ao longo do tempo, como também o desenho dos rios. Em alguns casos, afluentes foram considerados leitos principais e vice-versa. Quanto aos afluentes dos rios, três casos chamam mais a atenção. Considerava-se que o rio Iguatemi, antes de 1750, tinha quatro braços: mais ao norte, um recebeu na

¹⁹⁹ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I. *De la yerba paraguaya, su origen, preparación, comercio y usos.*

²⁰⁰ *La tierra propia de las tres parcialidades de Guaycurús fue antiguamente la que llaman Caaguazú, 200 leguas de la Asunción, rio Paraguay arriba, pero la desampararon por lo común y á causa de las guerras [...] para conquistar á otras naciones, como lo consiguieron, con los Naparús, Guanás y Mbayás, acercándose por esta razón al Pilcomayo[...] en su idioma Guazutinguá, donde también sojugaron á los Guatutás, Mongolas, Tapayaes y otros, que hoy día son todos de esta nación y ocupan, como dije, por el Oriente hasta el río Bermejo la entrada del Chaco, por donde también asolaron á los indios Calchines y otros pueblos de los Frentones ó Abipones* (LOZANO, Pedro. Descripción Chorográfica del Gran Chaco, 1732-1733, p. 59, *apud* LABRADOR, Sánchez José. **El Paraguay...**, *op. cit.*, p. 310-311).

²⁰¹ LABRADOR, Sánchez José. **El Paraguay...**, *op. cit.*, p. 59-60.

demarcação o nome de Escopil pelos portugueses e é o atual Iberá Moroti; outro era o atual Ijobi, outro era o atual Iputã e, mais ao sul, o leito do atual Iguatemi, até suas nascentes. Outro caso é do rio Ivinhema, ou Yaguari. Por algumas descrições, anteriores e posteriores a essa data, o atual rio Santa Maria foi assinalado como trecho superior desse rio, desde sua nascente. Também o rio Aquidauana contravertia com o Anhanduí (não com o rio Coxim), coincidindo com as nascentes do ribeirão Cachoeirinha. Muitos outros eventos aparecem durante a dissertação e precisam da atenção do leitor. Como exemplo, neste relato sobre os guaicurus de Ricardo Franco de Almeida Serra²⁰² se vê a variedade de topônimos.

Abaixo do rio Branco²⁰³ e na latitude de 23 graus, entra na mesma margem de léste do Paraguay um Rio que os Hespanhóes chamam de Lapa, que parece ser conhecido por nós com o nome de Pirahy, e perto da sua fóz estabeleceu esta nação em 1793 estancias e fazendas de gado. Inferior a este 7 leguas, deságua na mesma oriental margem do Paraguay o rio Cambanapú, que os Hespanhóes denominam Quadavan e que remontam no tempo das águas por vinte leguas de navegação, para colherem grande somma da sua estimada herva do Paraguay, mate e congonha por outro nome²⁰⁴, effeito que para esta nação tem o equivalente valor de minas, e forma um importante ramo de commercio, subindo o consumo d'este gênero a 100.000 arrobas. [...] Entre os dous grandes rios Paraguay e Paraná corre de norte a sul uma larga e extensa cordilheira de serras chamadas (emquanto tem esta direção) de Amambahy, a qual pela altura, e a sul do rio Iगतemy, forma um largo ramo, que se dirige de nscente a poente, denominado Serras do Maracajú. D'estas serras nascem todos os rios que do Taquary entram no Paraguay, nascendo da mesma serraia outro muitos rios, que fazendo n'ella contravertentes com os mencionados braços do Paraguay, e levando seu curso a léste, vão desaguar no Paraná.

Algumas vezes, o norte ou sul, esquerda ou direita de um rio ou outras referências aparecem trocadas nos relatos de cronistas, dificultando o entendimento. Por mais esta razão, os croquis ou mapas permitem visualizar com mais precisão a situação relatada, apesar de que também estes contêm imprecisões. Em outras palavras, neste caso, é preciso ir além da análise crítica dos relatos e identificar quais as referências geográficas foram utilizadas pelo autor em questão. Nesta dissertação, sempre que possível, foram mantidos termos e grafias dos textos originais. Outras vezes, porém, para facilitar a compreensão, foi repetida a mesma grafia por todo o texto ou, em alguns casos, eles foram atualizados. Foi o caso do termo *caaiguás*, se referindo aos *monteses*. Antonio Ruiz de Montoya, em seu livro *Arte, y Bocabulario de la*

²⁰² SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Sargento-mor de engenheiros. Descrição Geographica da Capitania de Matto-Grosso: ano de 1797. In: **RIHGB**, Rio de Janeiro: Kraus Reprint (1973), v. XX, v. 20, 1857, p. 217-183.

²⁰³ Esse rio era conhecido antes por Tareirí ou Corrientes (que, em guarani, é Taragüí).

²⁰⁴ Houve outras variações para nomear esta erva: padre Pedro Romero escreveu que agradava aos índios da redução de Santa Teresa de Curuiyti, às margens do rio Jacuí, estar junto *a la yerba que los naturales llaman Cogui de que generalmente usa toda esta nacion Guarani y sin ella parece no pueden vivir* (CORTESÃO, Jaime. Introdução e notas. **Jesuítas e Bandeirantes no Tape: 1615-1641**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1969, p. 92. (MCODA III). VI – *Carta Anua das Missões do Paraná e do Uruguai, realtiva ao ano de 1633, pelo padre Pedro Romero*).

Lengua Guarani, explica que *montaraz* (que tem o significado singular de *monteses*) se traduz para o guarani por *caaiguâra*²⁰⁵. Em razão da prolixidade das variações a este termo²⁰⁶, fez-se a opção pelo termo *caaiguá*. A *yerba del Paraguay* foi o produto mais valioso dessa província na época colonial. Apesar de receber a influência de muitos termos de outras regiões, contribuiu para inúmeros outros e para a toponímia regional. Padre Dobrizhoffer viveu oito anos em San Joaquín, o que o autorizou relatar a origem, preparação e comércio da erva²⁰⁷.

El gusta de un suelo barroso y húmedo como las cañas. En su forma exterior y en las hojas, estos árboles semejan a los naranjos, pero en tamaño y grosor los sobrepasan. Sin embargo, tienen hojas algo más blandas que éstos. Sus flores son chicas, blancas, de cinco hojas y parecidas a un racimo. Cuando su semilla está madura, tiene un aspecto casi igual a una semilla de pimienta español, fuera de que aquel encierra en su vaina tres o cuatro granitos blancuzcos y alargados. Las ramas se cortan de los árboles mediante un gran cuchillo; se colocan junto a un fuego suave, donde luego crepitan como pólvora; Se cuelgan en palos travesaños y se tuestan por la tiempo. Luego se desparraman estas hojas con las ramitas más chicas y mediante palos se machacan a polvo. Esta yerba preparada así de manera menos trabajosa y propia de los Españoles, se denomina yerba de palos, porque consiste de hojas, tallos y venas que poseen algo de leñoso. [...] Yo reí sobre la ignorancia de los escritores que deducen la diferencia entre la yerba de palos y la Caá miri de la diversidad de los árboles, cuando ésta en realidad consiste sólo en la preparación de las hojas. Para ambas se toman las hojas del mismo árbol: Caá miri denota una yerba chica porque, según el medio de los Guaraníes, los tallos y partes leñosas se separan de ella y se machacan únicamente las partes más tiernas de las hojas aunque no del modo de los españoles [...] Cuando esta yerba se prepara en debida forma, expide ya de por sí un olor precioso, pero si a ella se mezcla algo de las hojas o corteza de la fruta Quabira miri²⁰⁸, que se machaca como harina, su olor y su sabor llegan a ser doblemente agradables y el precio mayor.

A bacia platina abrange uma área muito grande. Seu rio principal é o Paraná²⁰⁹. Junto ao Jejuí²¹⁰ e Caapivary havia grandes matas, *que con justicia pueden llamarse el vivero de la*

²⁰⁵ MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Arte y Vocabulario de la Lengua Guarani**, 2 volumes. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1994 (ed. fac-similar do manuscrito original de 1640, custodiado na Biblioteca Nacional de Madrid, transcrição de Silvio M. Luizzi), v. 2, p. 99.

²⁰⁶ Diversas variações ortográficas se referem aos mesmos índios que viviam nas matas dos rios Paraná e Uruguai: *caaiguas, caayguás, caynguás, cainguás, caaguás*, etc.

²⁰⁷ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I. *De la yerba paraguaya, su origen, preparación, comercio y usos.*

²⁰⁸ *El quabyrá miri o la [quabyrá] más chica es completamente diferente a la anterior y, en mi opinión, se debe preferir a todas las frutas del Paraguay tanto por su salubridad como su suavidad. Ella consiste en una pequeña manzana parecida en figura y tamaño a una nispola. Su piel es algo dura y al principio verde pero se torna purpurina ni bien madura la quabyra miri. La pulpa mezclada con tiernas semillas es de excelente sabor al paladar aunque es algo agridulce y exhala un olor balsámico que existe también en la cascara mondada y en las hojas. Esta, reducida a polvo se desparrama sobre el té paraguayo para darle un olor agradable y acrecer su valor. [...] En los campos de Taruma donde fundamos la localidad de S. Joaquín, en los contornos de la villa Curuquati y hacia el Brasil, territorio de la ciudad de San Pablo, se la ve generalmente (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I. *Quabyra miri*).*

²⁰⁹ *Su ribera oriental es abrupta y pedregosa en su mayor parte; la occidental en cambio, es baja y barrienta y, por lo tanto, tan expuesta a las inundaciones que la campaña y la selva quedan inundadas por todas partes, y solo pueden ser cruzadas a nado o navegando, pero ni a pie ni a caballo. Toda la provincia al occidente del Paraná abunda en diversos árboles para construcción de carros y naves, en tierras de pastoreo y en campos, en*

*yerba paraguaya*²¹¹. O *mboroviré* partia de Mbaracayú para Asunción sobre *garandumbas*. *Una canoa grande y hecha de un solo árbol ahuecado, en cuyos costados se agregan aún unas tablas para ensancharla*²¹². Em outro testemunho, padre Dobrizhoffer descreve a embarcação usada entre os índios *uruguayenses*, a balsa, unida por duas canoas grandes, a *veces de un largo de setenta pies, ligadas fuertemente entre si mediante unos travesaños, y sobre ellas tejen con cañas una especie de piso, sobre cuyo centro aseguran una casilla igualmente hecha de cañas y cubierta con cueros vacunos. Esta embarcación no es movida a vela, sino por remos tanto río arriba como abajo, con mayor seguridad que velocidad, por lo cual necesita una gran cantidad de remeros para su tripulación*. As diferenças entre as embarcações em espaços geográficos e temporais diversos ressaltam que o transporte da erva-mate passou por evoluções específicas, que não são passíveis de generalização.

A área de ocorrência nativa da planta da erva-mate se estendia muito além de Mbaracayú e tem sido motivo de várias interpretações. O croqui de Aimé Bonpland mostrado a seguir (FIG. 13) é um dos mais próximos da situação na primeira metade do século XIX. Ele deixou fora de seu traçado, no entanto, parte do Yaguari e alguns ervais coloniais. Essa área compreendia ampla região que, nessa época, abrangia os afluentes do médio rio Paraná e os do trecho superior do rio Uruguai²¹³. Também está mostrado o percurso das monções paulistas que, depois de abandonar o rio Anhanduí, passou a subir até as nascentes do rio Pardo e descer pelo Taquari.

*parte llanos, en parte suavemente elevados. A pesar de todo esto, apenas se encontrará allí un lugar donde podrían habitar gentes o edificarse pueblos estables, porque de pronto hay demasiada agua, y otras veces, ninguna, o lo que es lo mismo, salada o amarga. Si en la costa del Paraná se fundara una reducción, quedaría anegada en la próxima inundación, que a veces se extiende por dos leguas. Empero si se la alejara a dos o tres leguas de la ribera, el ganado y la gente tendrían que morir de sed, pues los otros ríos, que todos afluyen al Paraná, son de tal condición que bajo una lluvia continua, crecen y mudan en un pantano todo el contorno y cuando no llueve, se secan y llevan agua que ni el ganado puede beberla (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. De los ríos principales, el Paraná, el Paraguay y el Uruguay, y otros menores, afluentes de aquellos). El Paraná se desborda anualmente dos veces. La inundación de verano, que es también la mayor, comienza en diciembre, dura todo enero y termina recién a fin de febrero. La otra y menor ocurre en el invierno, a mitad de Junio y dura alrededor de treinta días. En ambas inundaciones todas las islas de las cuales algunas tienen una longitud de tres millas quedan inundadas, de tal modo que solo se ven surgir las copas de los árboles más altos. [...] El Paraná lleva agua barrienta que, asentada en un cántaro, da una bebida muy sana, pero únicamente para los indígenas (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. De las dos inundaciones anuales).*

²¹⁰ [...] boca del río Jejuí (Xexuy), por donde, antes de los Mamalucos destruiesen los pueblos de Maracayú, Terecani y la Candelaria, se conducía todos los años á la Asumpcion, gran cantidad de la célebre yerba del Paraguay (CORTESSÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Paraguai...**, op. cit., p. 14. I - *Diario de un viaje emprendido en 1703, para descubrir una comunicacion entre las Misiones del Paraguay, y las de Chiquitos*).

²¹¹ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. De los ríos principales, el Paraná, el Paraguay y el Uruguay, y otros menores, afluentes de aquellos.

²¹² *Idem*.

²¹³ Com poucas diferenças de Bonpland, Federico Oberti publicou outro croqui (Mapa de distribución de la *Ilex paraguariensis* en América del Sur. OBERTI, Federico. **Historia...**, op. cit., p. 38/39).

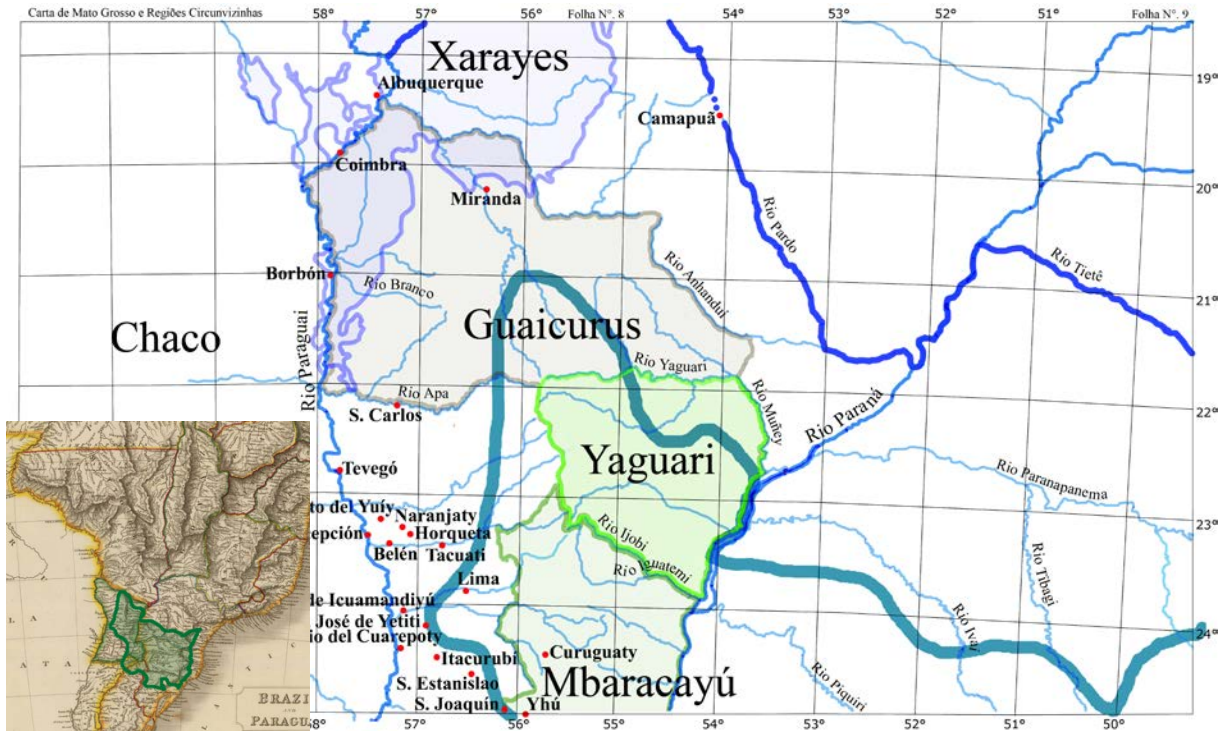


FIG. 13. Área de ocorrência de erva-mate nativa. Fontes: BONPLAND, Aimé. séc. XIX (linha grossa e croqui no canto). Em azul mais forte está desenhado um caminho (fluvial) das monções, passando pelos rios Pardo, Coxim e Taquari. As áreas em verde correspondem a alguns dos ervais coloniais. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

Há de se considerar que, com a exploração avançando no tempo, foram descobertos novos ervais, expandindo a região produtora. No entanto, foi na serra de Mbaracayú que começou a exploração da erva pelos espanhóis. Aí predominou a atividade dos *encomenderos* para a produção do *mboroviré* e não dos jesuítas, o que ajuda a entender os relatos carregados destes últimos²¹⁴. Região onde as investidas dos *índios cavaleiros*²¹⁵ foram frequentes e temidas durante quase dois séculos.

²¹⁴ El P. Diego de Torres Bollo, primer Provincial de la Provincia Jesuítica del Paraguay e impulsor de la fundación de las primeras misiones guaraníes, comprendió durante su estancia en la célebre misión jesuítica de Juli (a orillas del lago Titicaca), que era muy difícil estabilizar un proyecto misionero entre poblaciones sujetas a encomienda, por lo que orientó toda la actividad de la Compañía de Jesús en la recién constituida provincia hacia una denuncia de los mecanismos de dominación de los indígenas que imperaban en aquellas regiones. Su postura en esta cuestión fue radical: para él, las reducciones y las encomiendas eran dos sistemas incompatibles que no podían convivir en ningún caso. Sus primeras medidas consistieron en liberar a los indígenas que la Compañía tenía asignados y garantizar unas condiciones de autonomía de las misiones que habían de fundarse, afin de permitirles un funcionamiento aislado de la sociedad colonial. Esta fue la actitud que los jesuítas adoptaron en adelante en todas sus fundaciones, frente a la diferente de los franciscanos y dos clérigos seculares que dirigían las otras misiones (AGUERRE CORE, Fernando. D. Manuel A. de la Torre y la Compañía de Jesús en el Río de la Plata: ideas y conflictos. Tesis doctoral, 1996. Univesidad de Sevilla, Facultad de Geografía e Historia, Parte I, Cap. IV, *apud* La visita general de la Diócesis del Paraguay realizada por el Ilmo. D. Manuel Antonio de la Torre (1758-1760). In: **Revista Complutense de Historia de América**, 1999. n. 25, p. 111-138. ISSN: 1132-8312).

²¹⁵ PRADO, Francisco Alves do. Historia dos Índios Cavalleiros, da Nação Guaycurú. In: **Jornal O Patriota**, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. Rio de Janeiro: Impessão Régia. n. 4 (jul/ago 1814, p. 14-32) e n. 5. (set/out 1814. p. 26-44). Depois foi publicado pelo IHGB com o mesmo título. In: **RIHGB**. Rio de Janeiro:

O rápido crescimento de gado no Paraguai colonial excedeu o alcançado pelos europeus²¹⁶, favorecido não só pela quantidade de pastos disponíveis, como por poder ficar neles diuturnamente em todas as estações do ano. Tinha como predador apenas a onça²¹⁷. Como consequência, tinha pouco valor, correspondia a um *real de plata* por cabeça²¹⁸. O altar da igreja de São Borja custou trinta mil cabeças. O couro de três varas²¹⁹, apenas secado ao sol²²⁰, custava, entre os espanhóis, cinquenta por cento mais que o touro inteiro vivo. Entre os guaranis, o preço do touro custava metade, ou seja, um terço do preço do couro. Cada navio mercante transportava trinta mil e às vezes quarenta mil couros para a Europa²²¹. É muito difícil calcular a quantidade utilizada no Paraguai para os mais diversos fins. Foi usado para os surrões que acondicionavam a erva, o tabaco, o açúcar, o trigo, o algodão, etc. Também serviu de cama, tanto de espanhóis como de escravos negros. O sal foi escasso no período

Imprensa Nacional. t. I. n. 1, 1º trimestre, p. 22-44, 1839. Foi reeditado pelo IHGMS em 2006, com atualização e notas de Hildebrando Campestrini. O autor conviveu com guaicurús e *guanás* entre 1792 e 1903, primeiro como responsável pelo comando do forte de Coimbra e depois na fundação, construção e comando do presídio de Miranda.

²¹⁶ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. *De la increíble cantidad de caballos, mulas, vacas y ovejas*.

²¹⁷ A onça-pintada era chamada de tigre e a onça-parda de leão. Esta atacava apenas bezerras e ovelhas (*Ibidem*, v. I. *León*).

²¹⁸ *En la altura se igualan a los vacunos húngaros pero son más gruesos de cuerpo y de colores varios. [...] La grasa vacuna suple generalmente en la cocina a la manteca, pues las vacas se ordeñan muy raras veces a causa de su ferocidad. Amansarlas es cuestión laboriosa y de mucho tiempo y por esto es odiosa a los Españoles e indios tan haraganes. De ahí proviene que en Paracuaria se consume muy poca leche y queso y casi ninguna manteca. Carnicero o un matadero son dos palabras desconocidas a los Paracuarios. Cada cual carnea sus vacunos a su antojo. Los pobres no se compran como en Europa solo algunas libras de carne sino cuartos de vacunos enteros pero los más los reciben de balde de parte de los de más fortuna. Dos o tres adolescentes bastan para quitar la vida aún al toro más enfurecido. Uno tira un lazo de cuero a las astas, otro uno a las patas traseras, luego cortan un tendón de éstas, salta luego (uno de ellos) sobre su lomo y le hinca en la nuca el cuchillo más a mano. Así se desploma el toro de una sola puñalada* (*Ibidem*, v. I. *De la increíble cantidad de caballos, mulas, vacas y ovejas*).

²¹⁹ Vara era uma medida de extensão usada em tempos coloniais, que correspondia a 0,8359 metros.

²²⁰ *Es que el trabajo que exigen los cueros aún crudos, aumenta su precio. Para secarlos es preciso extenderlos hábilmente con estacas de madera contra el suelo y cuidadosamente guardarlos en un sitio cubierto pero accesible al aire para que no puedan ser atacados por los gusanos y no pierdan sus pelos. [...] Como a los Españoles les resulta muy lucrativo el comercio de cueros, incurrieron en lo idea atropellada de matar cuantas vacas pudieran. Con tal propósito hicieron recorrer los campos por jinetes, por acá y acullá, donde hormigueaba en mayor número el ganado sin dueño. Algunos jinetes sobre sus caballos ligeros se meten entre el ganado y les desjarretan el tendón de las patas traseras con una lanza larga en la cual en lugar de una punta se ha asegurado una hoz oval aguda. Como estos vacunos deben renguear, los otros jinetes los enlazan; los demás, que siguen de cerca a los anteriores los voltean y los matan. Es deber de los restantes sacar los cueros, llevarlos al sitio indicado y asegurarlos con estacas contra el suelo y retirar de la res abatida la lengua, grasas y sebo y transportarlos. La carne sobrante, de la cual en Europa podrían vivir ejércitos enteros, queda tirado en el campo donde es devora poco a poco por los tigres, perros cimarrones y cuervos sin que, a pesar de la gran cantidad de cadáveres el aire haya quedado contaminado o hubiera de temerse una infección. Una sola de estas expediciones de algunas semanas reporta a su organizador algunos miles de cueros vacunos. Como esta caza y matanza de vacunos continuó durante un siglo entero las praderas se vaciaron [casi] por completo. Ahora, no hay ninguno de estos innumerables rebaños vacunos en común (las vaquerías), carentes de dueño. Quien agarraba un solo vacuno o mil, los poseía de derecho y nadie se oponía a ello* (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. *De la increíble cantidad de caballos, mulas, vacas y ovejas*).

²²¹ *Ibidem*, v. I. *De la caza del ganado, que es del primeor que lo toma*.

colonial; extensas regiões da bacia platina careciam desse insumo, que não se conseguia com facilidade nem para o gado; o couro era estendido à sombra, em estacas, sem sal, que era trazido de regiões distantes, parte por mar e também em carros de bois, por um preço muito alto para a época. As povoações guaranis não utilizavam sal no início da colonização²²². No Paraguai, no entanto, havia maior quantidade de barreiros e lagoas salobras para extrair sal, resultando em maior disponibilidade do que nas outras províncias do Rio da Prata²²³.

O centro ervateiro no início do período colonial foi Villa Rica, apesar de sua passagem por, pelo menos, oito sítios diferentes²²⁴. Em 1603, o *Cabildo de la Asunción* resolveu pôr em concorrência pública o arrendamento dos ervais da zona de Jejuí e impedir o *comercio libre de esa industria*²²⁵. Os vizinhos de Villa Rica contrataram o procurador-geral da vila, capitão Bautista Corona, para protestar e pedir socorro. Ele procurou a Audiencia de la Plata, argumentando que essa indústria era a única que dava vida àquelas zonas abandonadas. O *mboroviré* era transportado até Asunción, onde era trocado pelos *encomenderos* por armas, munições, roupas e demais coisas necessárias e disponíveis. Ramón Cardozo avaliou que o egoísmo localista dos *encomenderos* de Asunción contribuiu muito para o desastroso isolamento e abandono daquelas terras e foi causa da pobreza e desespero dos moradores das povoações da fronteira norte²²⁶.

²²² *Los habitantes de Buenos Aires hacen venir a veces para ellos la sal por naves desde la mar del Sur y en ocasiones también por tierra en carretas desde las lagunas donde se encuentra una abundancia de la sal más blanca. Pero como estos lagos están situados a muchas jornadas hacia el Estrecho Magallanes, no puede llegarse allí jamás sin grandes costos y muy raras veces sin peligro. Frecuentemente una cuadrilla entera de Españoles que con la licitación de buscar sal marcharon hacia las regiones australes, han sido muertos por los bárbaros del Sur y toda la existencia de carros y animales de carga ha llegado a ser botín de los inhumanos de modo que a veces no ha escapado a sus manos ávidas de sangre ni uno solo que hubiera llevado a la ciudad la noticia de la matanza de sus compañeros. Si se consideran estas dificultades, se comprenden fácilmente la rareza y la carencia a veces casi absoluta de sal en Paracuaria. [...] Los Guaraníes comen generalmente sin un granito de sal su carne y es todo cuanto comen pues cada dueño de casa recibe de su párroco para toda la semana sólo una cucharada de sal y eso aún por pura generosidad de su párroco en el día domingo. Sin embargo una porción tan pequeña vino a costar muy cara a la localidad, porque algunas contaban cerca de mil y otras setecientas a ochocientas familias. Como una arroba de sal (un peso español de veinticinco libras) se compraba por cuatro pesos [...] aunque se entregaban allá hojas de tabaco, cueros vacunos y telas de algodón en lugar de dinero que allá no se usaba (Ib., v. I. Sal).*

²²³ *Las minas de cal y yeso, hay abundantes; de la primera en el territorio de Concepción, y de la segunda en al Villa-Franca. [...] La sal se elabora en esta provincia, por destilación y cocimiento en los parajes de las Salinas, de Tapua, de Lambaré, Ibirai, Salado, y otros varios. De ella se abastece suficientemente la provincia, hasta el Paraná, y antes se sacaba también para Corrientes, y pueblos de Misiones, hasta el Uruguay. A la banda del norte del rio Aquidabánigui, hay también salinas, y antes de la despoblación de aquellos lugares se trabajaba en ellos muy buena sal, y de ella se proveían los vecinos de Concepcion (MOLAS, Mariano Antonio. In: **La Revista...**, op. cit., t. IX, p. 229-230, 1866).*

²²⁴ Recordando, Villa Rica, *la serpiente guardiana del Guairá*, ocupou então os seguintes sítios: 1. no rio Piqueri, em 1576; 2. Curahiberá junto al rio Ivahy, em 1589²²⁴; 3. dez léguas mais ao Oriente e 30 do Paraná, na confluência dos rios Ivahy e Curubati (Corumbataí), em 1594; 4. Tupaitá, em 1631; 5. Terecañy, em 1634; 6. Curuguay, em 1635; 7. Caaguazú, em 1676; 8. Ybytyrusú, em 1680. Não só ela, mas muitas das reduções transmigraram, ocasionando uma enorme confusão quando se procura estabelecer a localização de cada uma.

²²⁵ CARDOZO, Ramón Indalecio. **La Antigua...**, op. cit., p. 78.

²²⁶ *Ibidem*, p. 79.

Os fretes em Guayrá custavam o dobro em relação a Asunción entre 1624 e 1629. Era costume cobrar metade da carga pelo valor do frete até fins do século XVIII, em Curuguaty. Esse valor prejudicava o comércio da erva, porque a outra metade era cobrada de imposto em Asunción. Um cesto²²⁷ de erva correspondia a aproximadamente 60 quilos. Onze cestos eram equivalentes a cinco *tercios* ou cinco cargas de mula. O custo correspondia a cinco arrobas paraguaias de erva²²⁸, igual à carga que os índios transportavam desde os benefícios de Mbaracayú até o porto no Jejuí. *El costo venía a ser de 5 arrobas que era la cargas del indio desde el beneficio de Mbaracayú al puerto de Xejui*²²⁹. Os governadores preferiam receber seu soldo nas caixas de Buenos Aires ou Potosí, que era em prata. Também era preferido pelos religiosos. Contudo, consta que no século XVII, eles recebiam em Asunción. Houve ocasiões em que outros governadores preferiram receber em Asunción, porque o valor em erva era maior²³⁰.

A prática de plantio da erva, que fora desenvolvida pelos jesuítas²³¹ em 1660, foi disseminada em muitas das reduções, antes dos *villarriqueños* abandonarem o assentamento às margens do Curuguaty e empreenderem um novo êxodo para Ybytyrusú. Após a Guerra do Paraguai, os argentinos, para fomentar a ocupação de *Misiones*, voltaram a plantar *en la tierra colorada*. O *habitat* da planta de erva-mate nativa é chamado *caatí* (*caa-ty*), zona de transição entre o campo e a mata de melhor qualidade. No *caatí* predomina a terra vermelha, com acidez acentuada e alto índice de ferro. Divide espaço com o pindó, a canela-de-veado, a pitanga e muitas outras plantas dessa região.

1.4 AS FRONTEIRAS DOS GUARANIS E DOS *MONTESSES*

Foi costume corrente, principalmente a partir do século XIX, que, em análises de fronteiras étnicas, os dados fossem interpretados considerando-se as fronteiras políticas atualizadas de cada Estado. Ora, culturas e economias contemporâneas não seguem fronteiras de Estados nacionais, muito menos do gentio no período colonial. Porém, isto não significa que não houvesse delimitações de territórios, apesar da dificuldade de sua caracterização. Não eram territórios acordados tacitamente e estiveram em contínua readequação durante o

²²⁷ Balaio ou ajaka (em guarani). Montoya disse que a erva colhida pelos índios era colocada em *zarzos* (çarços) (MONTROYA, Antonio Ruiz de. **Conquista Espiritual**..., *op. cit.*, p. 8)

²²⁸ Uma arroba paraguaia correspondia a 25 libras de peso ou a 11,502 quilos (Biblioteca Virtual del Paraguay). Todas as referências à arroba nesta dissertação corresponderão a esta quantidade.

²²⁹ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico**..., *op. cit.*, p. 409-410, nota 214.

²³⁰ *Ibidem*, p. 412.

²³¹ A primeira plantação de ervais foi em São Xavier, margem direita do rio Uruguai.

período colonial. Estabelecer limites espaciais ou temporais rígidos perde, portanto, o sentido científico. Por sua vez, a segmentação do espaço regional representa nesse caso apenas um instrumento de análise que pode ser útil, considerando, contudo, que costuma ser transpassado por variadas modalidades de conflitos. Outro problema colocado para esta dissertação, no entanto, foi conseguir ressignificar análises sincrônicas para verificar sucessões ocorridas em temporalidades mais largas. No excelente trabalho de Curt Nimuendajú, o Mapa Etno-Histórico²³² (FIG. 14), as parcialidades *chaqueñas* foram situadas nas margens do rio Paraguai e as guaranis nas margens do rio Paraná e no centro-sul do Paraguai oriental. Foi resultado de pesquisas de campo que fez entre os anos de 1909 e 1913 e de extensa pesquisa bibliográfica. Estas informações podem ser combinadas com a reconstrução diacrônica para “elaborar uma explicação que não esteja prejudicada por qualquer visão unilateral”²³³.

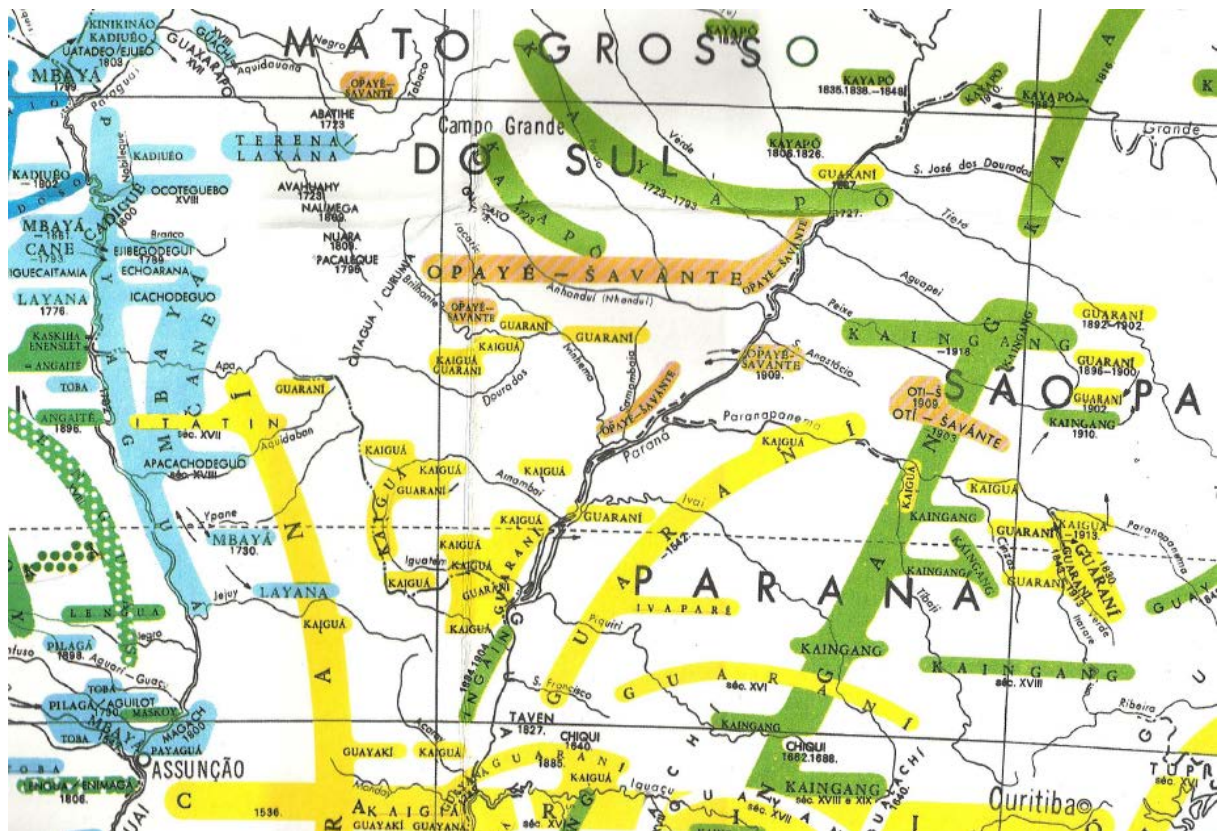


FIG. 14. Trecho do “Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú”. Rio de Janeiro: IBGE. ed. fac-similar. (1981) 2002. Encarte.

²³² A terceira versão do mapa foi encaminhada ao Museu Nacional em 1944, mas só foi publicada em 1981, numa edição conjunta do IBGE e Fundação Pró-Memória. Um pequeno volume acompanhou o mapa, que incluiu, além de observações do autor e índices, cinco artigos: de Virgílio Corrêa Filho, de Luiz de Castro Lima, de Rodolpho Pinto Barbosa, um das linguistas Charlotte Emmerich e Yonne Leite e o de George de Cerqueira Leite Zarur. Roque Laraia (A Morte e as Mortes de Curt Nimuendajú, 1988. In: **Ciência Hoje**, v. 8, n. 44), diz que esse mapa constitui “uma das poucas entidades mitológicas da etnologia brasileira”.

²³³ Ver OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

Esta dissetação busca mostrar a sucessão de domínios e invasões nesses territórios com a utilização de uma perspectiva histórica. As figuras apresentadas aqui têm o objetivo de auxiliar a explicação das apropriações, domínios e posses nessa região de fronteiras em mudanças constantes. Antes, é necessário esclarecer que, apesar da consulta às fontes ter sido extensa, não se esgotou a questão e os desenhos devem sofrer adequações e ajustes. Afinal, recursos estáticos foram utilizados para explicar processos. A ausência de algumas informações fundamentais e as dificuldades para interpretar dados que aparecem, às vezes, pontualmente, em diferentes disciplinas, foram fatores que serviram de motivação. Adotou-se, como prioridade, examinar diferenças entre as diversas denominações utilizadas para se referir às populações nativas.

Não obstante, pela desproporção acentuada entre a população espanhola e de gentios, justifica-se abordar simultaneamente os territórios conquistados por espanhóis e portugueses e os territórios ocupados pelos nativos. Um documento anônimo²³⁴ de 1612, citado por Pablo Pastells, calculou em 500 os *encomenderos* e 9.000 os índios cristãos no Paraguai, um terço deles como *originarios*²³⁵ em Asunción. Em Mbaracayú havia 30 espanhóis que colhiam e beneficiavam a erva. O mesmo clérigo que atendia essa povoação, também dava atenção às outras três que estavam próximas. As quatro tinham aproximadamente 500 moradores. Em Xerez viviam 600 *cristianos yanaconas* y 3.000 *infieles encomendados que hablan el Niguará*. Para se ter uma idéia, em Corrientes havia 40 ou 50 espanhóis apenas e em Santa Fe, 1.500 índios cristãos, segundo a mesma fonte. No início da conquista, os *carios* ocupavam o espaço geográfico entre os rios Manduvirá e Tebiquary. Os *carios* litorâneos, os *mbiazá* de Santa Catarina e os *chandules* das ilhas dos rios Paraná e Uruguai foram extintos no fim do século XVI. Foram eles os primeiros guaranis que se aliaram aos espanhóis no início da conquista. *Mbayás* e *payaguás* foram os inimigos mais constantes dos guaranis. Conforme a carta anual do padre Diego Ferrer²³⁶, de 1633, *gualachos* eram *todas las naciones que no tienen por própria la lingua guarani*, como os *guayarapos*, os *sarayes* e *nambiquacurus*, que atingiram Santa Cruz de la Sierra, os *gualachos* do rio *Paraguay*, acima de *Itatim*, *que tienen mucho arroz que recojen por su lagunas*.

²³⁴ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 384-387.

²³⁵ A diferença fundamental entre *originarios* e *mitayos* é que os primeiros viviam e trabalhavam na chácara ou estância de seu *encomendero*, por isso eram chamados *yanaconas*, e os segundos, viviam nos *pueblos* e nas reduções. Os *originarios* tinham a condição de servos perpétuos, mas, ao contrário dos escravos negros, não podiam ser comprados ou vendidos (GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 272).

²³⁶ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 29-59, VII – *Ánua do Padre Diego Ferrer para o Provincial sobre a Geografia e Etnografia dos indígenas do Itatim*.

As visitas dos governadores às povoações ervateiras eram anuais e o *empadronamiento* sempre inquietava aos guaranis. Quando os moradores de Villa Rica tiveram que abandonar o rio Ivaí, evadindo-se dos assaltos, emigraram até a zona entre os rios Jejuí-miri e o Jejuí-guazú. Em razão disto, os *monteses* das nucleações de Mbaracayú²³⁷, temeram pela perda de suas terras, as mais abundantes em ervais silvestres.

Os *itatines* povoaram a região entre os rios Aquidabán e Miranda e organizaram as primeiras entradas até a cordilheira dos Andes. Essa nucleação, formada inicialmente por Caaguazú, Taré e Mboymboy, obedeceu aos interesses dos *encomenderos* para que os índios fossem servir *mita* em Asunción. Nenhuma colônia de espanhóis foi assentada em suas terras. Porém, o fracassado projeto da vizinha província de Xerez a influenciou negativamente. *Según el informe detallado del P. Justo Montello de 1659, los jesuitas entraron en la zona itateña en el año 1631*, quando os remanescentes *itatines* viviam em pequenas comunidades esparsas. A maior parte tinha emigrado no século XVI para o lado ocidental do rio Paraguai, formando *el estrato tribal de los guarayú-itatines*²³⁸. A intenção dos jesuítas de consolidar as antigas comunidades de Ñacumytan, Ycaroig, Yutay e Taragüí²³⁹ nas povoações de Los Angeles de Taruaty, San Joseph, San Benito e Natividad de Nuestra Señora de Fe, respectivamente, não teve êxito por causa do ataque dos portugueses. Muitos dos *itatines* cruzaram a margem do rio Paraguai e se estabeleceram nas terras anteriormente conhecidas sob o nome de Guacanit e depois como Yvytyryqua. Voltar a juntar os índios dispersos das povoações foi uma árdua tarefa para os jesuítas. A ordem do bispo Cárdenas para o *empadronamiento* das parciaisidades motivou outra dispersão²⁴⁰. Os *encomenderos* de Asunción perderam o direito aos *mitayos itatines*²⁴¹, quando as duas povoações remanescentes, Aguaranamby e Caaguazú, foram finalmente incorporadas às missões ao sul do Paraguai. O governo, por outra parte, perdeu um núcleo de resistência contra os portugueses.

Os *guarambarés* provisionaram com fartura aos primeiros expedicionários espanhóis nos tempos das entradas espanholas no Chaco, nas primeiras décadas da conquista. Eles tinham suas reduções entre os rios Ipané e Aquidabán e parte deles participou das migrações

²³⁷ SÚSNIK, Branislava. *Los Aborígenes...*, *op. cit.*, p. 175.

²³⁸ SÚSNIK, Branislava. *El Indio Colonial...*, *op. cit.*, v. I, p. 193.

²³⁹ Desde o rio *Mbotetei* até os *Xaraiés* se estende o país em vastas campanhas, habitadas antigamente pelos *guaycharapos* e *itatines*, desde a lagoa *Taragüí*, por cinquenta léguas até Santa Cruz, *la vieja*. A lagoa *Taragüí*, que se oculta grande parte entre bosques e matas, vai até perto da lagoa dos *Orejones* (CORTESÃO, Jaime). *Jesuítas e Bandeirantes no Paraguai...*, *op. cit.*, p. 16. Cap. I - *Diario de un viaje emprendido en 1703, para descubrir una comunicacion entre las Misiones del Paraguay, y las de Chiquitos*).

²⁴⁰ ANA-SH, 45, n. 4, f. 48, *apud* SÚSNIK, Branislava. *El Indio Colonial...*, *op. cit.*, v. I, p. 144.

²⁴¹ *Idem*.

pré-hispânicas até o Candiré²⁴². Ipané e Guarambaré eram duas povoações que manifestaram desenvolvimento econômico notável. Duas revoltas surgidas em sua zona manifestaram, no entanto, o caráter independente destas parcialidades. Mostraram-se vingativos na rebelião do cacique Tavaré por causa do enforcamento de Acararé por ordem de Álvaro Núñez Vera Cabeza de Vaca. Os *guarambarés*, no governo de Pedro de Ovelar, estavam em outra de suas rebeliões e para enfrentá-los foi enviado o capitão Pedro Hurtado de la Puente. O visitador começou pelo *pueblo* de Jejuí²⁴³, encontrou a parcialidade do cacique Yacaré em novembro de 1616. Os rios Curuguaty e Jejuí estavam cheios de balsas que transportavam erva de Mbaracayú. Esteve também nos *pueblos* de Atyrá, Pytun (Ipané) e Guarambaré. Por volta de 400 índios estavam rebelados nas matas de Petin, Piraí e Itatin²⁴⁴. O *pueblo* de Perico também estava amotinado e, pouco depois da visita de Hurtado, foi abandonado.

Segundo declarações dos caciques Tambá e Guarambaré²⁴⁵, os guaranis não reduzidos, descendentes de *guarambarés*, tiravam mulheres dos novos *pueblos de indios*. Os *ipanés* tinham suas reduções entre os rios Jejuí e Ipané. Jejuí albergava alguns caciques cuja gente vivia nas matas, sem que eles tivessem autoridade para reduzi-los. Quando esse *pueblo* foi destruído pelos *payaguás*, seus habiataantes, apesar de terem sido considerados rebeldes durante o século XVI, mantinham boas relações com os espanhóis e preferiram *los pueblos a los montes*. Tanto pela pressão das bandeiras de S. Paulo, quanto pelas incursões dos *mbayás*, os guaranis *itatinés*, *guarambarés*, *ipanés* e *tobatines* foram trasladados pelos jesuítas para *costa abajo*, ficando sua tradicional região despovoada até os anos setenta do século XVIII. Os *tobatines* moravam em um único povoado, entre os rios Manduvirá e Jejuí.

Os *paraná*s, entre os rios Tebiquari e Paraná, apesar de resistirem aos espanhóis, foram reduzidos pelos jesuítas²⁴⁶. Os *guayránis*²⁴⁷, que já sofriam a hostilidade dos *guañanas* e pressão dos *encomenderos* espanhóis de Villa Rica e Ciudad Real para trabalharem nos ervais, ficaram expostos aos ataques dos portugueses em busca de escravos. Os índios da província de Iguazú, com a expansão das missões de Guayrá, foram reduzidos próximo às nascentes do rio Tibagi pelos jesuítas.

²⁴² Paitíti, ou Candiré era uma cidade lendária cheia de riquezas, que teria servido de refúgio a incas que escaparam da conquista espanhola, supostamente oculta a leste dos Andes.

²⁴³ *Tanimbuguazú (ceninza grande) era nombre de un cacique principal por quien también llaman los españoles las tierras del Xejú* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 311, nota 164).

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 310.

²⁴⁵ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 195.

²⁴⁶ SÚSNIK, Branislava. Etnohistoria del Paraguay. Etnohistoria de los Chaqueños y de los Guaranies. Bosquejo sintético. p. 32. In: **Suplemento Antropológico**. Asunción: CEPAG/ Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", v. XXIII, n. 2, Dic, p. 7-50, 1988.

²⁴⁷ Os guaranis de Guayrá.

Na figura a seguir (FIG. 15), estão mostrados os territórios das províncias guaranis de Guarambaré, Ipané e Tobati. A província de Itatin, apesar do assédio dos *mbayás* e *payaguás*, foi território guarani até a retirada de sua população para *costa abajo*. No entanto, as províncias de Mbaracayú e Guayrá tinham parte de seu território habitado pelos *caaiguás*²⁴⁸, que dominavam as duas margens do rio Paraná, entre os rios Ivaí e Iguazu²⁴⁹.



FIG. 15. Territórios guaranis: séc. XVI. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

A última migração dos guaranis se deu entre 1820 e 1912. Alfred Metraux identificou como causa “a aspiração obstinada de encontrar um mundo melhor”, desconsiderando outras explicações e interesses. As parcialidades que, em razão do movimento religioso, abandonaram suas terras foram os *apapocúva* e os *tañiguá*, que habitavam o sul do rio Iguatemi, e os *oguaiúva* que estavam estabelecidos ao sul do rio Mbaracay. Os *tañiguá* foram os primeiros a partir, em 1820. Atravessaram o Paraná na altura da foz do rio Ivaí e avançaram em direção a leste; chegaram a Itapetininga e foram reduzidos

²⁴⁸ *Hablan la lengua Guarani, pero con dificultad entiende e son entendidos* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Tape...**, op. cit., p. 66. VI – Carta Anua das Missões do Paraná e do Uruguai, reativa ao ano de 1633, pelo padre Pedro Romero.

²⁴⁹ *Y regresando a Villarrica, reanudaron durante dos meses sus tareas apostolicas, y luego acudieron al socorro y conquista espiritual de los ybirayáras, sumamente feroces, sacrificadores y antropófagos, antes amigos y en este tiempo [1597] alzados de los españoles de Villarrica, de cuya ciudad distaban 30 leguas. Contaba esta parcialidad 10.000 indios de guerra* (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 1, 1912, p. 82, nota).

a escravos pelos colonos. Nimuendajú os assentou em 1912 dentro da reserva de Araribá. Os *oguaiúva* saíram em 1830 e fizeram o mesmo percurso. A migração dos *apapocúva* foi por grupos isolados que partiram por rotas diferentes. Em 1910, uma parcela deles também foi assentada em Araribá. Outra parte remontou o Tietê em 1890, em direção ao mar. Uma epidemia os destruiu por aqueles tempos. Os sobreviventes voltaram ao Iguatemi, para empreender nova campanha. Os emigrantes atravessaram o rio Ivinhema e uma grande parte do Estado do Paraná. Em 1905 seu chefe morreu. Nimuendajú os recolheu em Piraju e os assentou em Araribá. Outro grupo foi pela margem esquerda do rio Paraná até encontrar os *caiapós*, estabelecendo-se ao sul do rio Tietê. Outro grupo veio andando pela margem do rio Paraná e na altura da foz do Tietê entraram para o interior de Mato Grosso. Em 1912, Nimuendajú os encontrou em São Paulo e os reuniu aos outros guaranis. A migração dos *tañiguá* não foi a primeira que historicamente aconteceu na região. Antes deles, houve o êxodo dos guaranis do Cerro de Ypehú, na atual fronteira do Paraguai²⁵⁰.

Fundados e estabelecidos os povoados, provinciais e missioneiros, somando em 1660 um total aproximado de 60.000 habitantes²⁵¹, vastas zonas antes povoadas com nucleações mais ou menos densas ficaram quase despovoadas. O grande refúgio dos *monteses*²⁵² estendia-se pela zona não colonizada nessa época, frequentemente transitada por ervateiros. Compreendia a área entre a cordilheira de Mbaracayú, ao norte, e o rio Ñacunday, ao sul, e entre as serras de San Joaquín, Ybytyrusú, San Rafael e o rio Paraná. Entre eles achavam-se muitos prófugos cristãos e os refugiados das revoltas fracassadas. O padre Dobrizhoffer, ao falar do Mbaeverá, especificou ainda mais os principais refúgios: Yguazú, Igatimí, Caremá, Curyy, Acaray, Monday²⁵³. Até a primeira metade do século XVII, os *monteses* viviam

²⁵⁰ METRAUX, Alfred. **Migrations Historiques dès Tupi-Guaraní**. Paris: Librairie Orientale et Americaine; Maisonneuve Frères, Editeurs, 1927, p. 16-18. *Migrations des Tañiguá des Oguaiúva et des Apopocáiva*.

²⁵¹ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 180.

²⁵² *Hacia las cabeceras del río Ygatimí hay 22 tolderías pequeñas de esta nación (de los índios monteses o caayguás) que se extiende por los montes que median entre los ríos Paraná y Paraguay, hasta cerca de los campos de Xerez, como también por toda la impropriamente llamada Cordillera de Mbaracayú, y por la costa oriental del río Paraná, y orillas del Xexuí y Aguaray, y hasta los pueblos de Curuguay, San Joaquín y San Estanislao están rodeados de ellos* (AZARA, Felix de. **Geografía, física y esférica...**, *op. cit.*, p. 407).

²⁵³ *Entre las rocas más ásperas situadas contra el río Tebiquary miri y en derredor de la pequeña ciudad de Villarrica, habitan naturales a los cuales los Españoles denominan Quaycuruti a causa del color blanco de su cara. Estos son altos de cuerpo y se arman de flechas y mazas. Frecuentemente bajan en cuadrillas desde sus sierras a las llanuras colindantes, matan a flechas y mazazos los caballos y mulares de los Españoles, los destrozan en pedazos y los llevan sobre los hombros a sus casas para comerlos allá en un festín opíparo. No tocan ni vacunos ni ovejas, no he oído tampoco que alguna vez hubieran muerto un hombre. Como hacían tantos estragos entre los caballos y mulares, resolvieron al último los Españoles investigar sus paraderos y trasladarlos cautivos o matarlos. Se emprendió seriamente una expedición con mucho alboroto, pero que resultó tan breve como infructuosa, pues ya en el primer día, cuando comenzaron a trepar por la roca empinada, fueron asaltados por tal terror, que sin tardanza volvieron a sus casas sin haber hecho nada. En cuanto tuve noticia de esto en la localidad de S. Joaquín, me propuse llegar a estos naturales, pero los Españoles en la opinión que este viaje sería tan peligroso como inútil, me aconsejaron de desistir de ello. Ellos temían irritar avispas.*

marginalizados, conscientemente, evitando qualquer contato com sua periferia colonizada ou terra dos guaranis *poblados*. “Constituíram uma contraposição de dois tipos culturais, ambos com poderosos fatores dissociativos, próprios já de uma fase adaptativa ou de um estado de respectivo temor”²⁵⁴.

Quando a busca por novos ervais silvestres se tornou mais intensa, ficaram mais frequentes os contatos com guaranis não reduzidos, que também eram designados como *monteses* ou *caaiguás* e, raramente, especificamente como *tarumás* ou *caremás*. Na zona de Caazapá e San Joaquín os *caaiguás* permaneciam em seu estado cultural neolítico, com alguns contatos ocasionais com os guaranis *poblados* e hispanizados. Na zona nordeste, além dos não reduzidos, havia muitos fugitivos que anteriormente estavam em contato com os espanhóis de Villa Rica e com guaranis missioneiros de Guayrá. SúsNIK afirmou que se tratava de pequenas comunidades do tipo “*casa comunal*” e não de grandes aldeias. Segundo uma informação do cabildo de Villa Rica, em 1699 os soldados encontraram, patrulhando o caminho real, “*cantidad de indios infieles con casas y sementeras pobladas que se les resistieron en armas y puestos en huida...*”²⁵⁵.

Nas matas entre os rios Aguaray-guasú e Itanárá, os *itanarás* mantiveram sua independência²⁵⁶, apesar dos contatos com os espanhóis de Villa Rica e dos enclaves territoriais *caaiguás*. A nucleação guarani entre as nascentes do Jejuí e as margens do rio Paraná constituía enclaves-colônias, pois os *monteses*, se bem que parcialmente marginalizados, eram suficientemente numerosos e agressivos para dominar sua área até o rio Itambey²⁵⁷. Na época colonial “chegou a ser formada a consciência unitária dos *caremás*, intermediando as aldeias de diferentes territórios étnicos vizinhos”²⁵⁸. As duas províncias no rio Jejuí²⁵⁹, Yuruquizaba e Tanimbú, assinaladas por Aguirre, coincidem com essa área, conforme descrição da etnóloga Branislava SúsNIK. Ela colheu subsídios no trabalho de

Preferían temer que buscar a estos naturales. [...]Las inmensas llanuras, los laberintos de las selvas, los más inaccesibles escondrijos junto al Yquazu, Ygatimi, Carema, Curyi, Acaray, Monday, etc. hierven todos los indios que en mayoría son Guaraníes, pero según el lugar de su paradero, llevan nombres diferentes. Cien lenguas no me alcanzarían para referir las costumbres y nombres de todas estas tribus menores (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. *De la singular fidelidad con que los guaraníes han servido siempre en el ejercito español*).

²⁵⁴ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, op. cit., p. 181.

²⁵⁵ ANA-SH, 43, n. 8, f. 1 e 54, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, op. cit., v. I, p. 146. *Particularidades de algunos pueblos y los guaraníes-monteses*.

²⁵⁶ Essa nucleação movia-se dos rios *Itanárá*, *Curuguay* e *Corrientes* até as nascentes dos *Jejuí-guasú* e *Jejuí-miri*.

²⁵⁷ *Yvytyrokai*.

²⁵⁸ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, op. cit., p. 32.

²⁵⁹ *Se hallan en el título que libró a Sebastián de León cuando le comisionó la pacificación costa arriba del Paraguay. Su fecha es de 9 de diciembre de 1577 [...] en este documento tenemos claras las dos provincias de Yuruquizaba y Tanimbú, la primera del río Xexuy al Sur y la otra del mismo al Norte* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, op. cit., p. 210-211).

Rengger e realizou exaustivos trabalhos de campo por muitos anos. Dobrizhoffer situou-os mais próximos do rio Paraná, entre os rios Itambey e Acaray. É factível que tenha havido esse deslocamento, considerando-se o intervalo entre estas observações. Também os *monteses* que viviam entre os rios Monday e Acaray, mantiveram-se livres por falta de colonização provincial. Rengger, ao estabelecer a zona ocupada pelos *tatumás*, se referiu aos que andavam nas matas a leste de Yhú e de San Joaquín. De qualquer maneira, a reconstituição desses territórios, como da própria divisão étnica, é sujeita aos arbítrios decorrentes da busca pela explicação dos acontecimentos. Em mais de dois séculos, estas condições sofreram transformações. Praticamente, permaneceram os relatos dos jesuítas e os documentos trocados entre autoridades espanholas. No desenho abaixo (FIG. 16), procurou-se identificar cada um deles, com base nas informações da literatura histórica disponível, em particular dos autores citados aqui, dois do século XVIII, um do século XIX e outro do século XX. Sánchez Labrador também contribuiu com importantes estudos²⁶⁰.

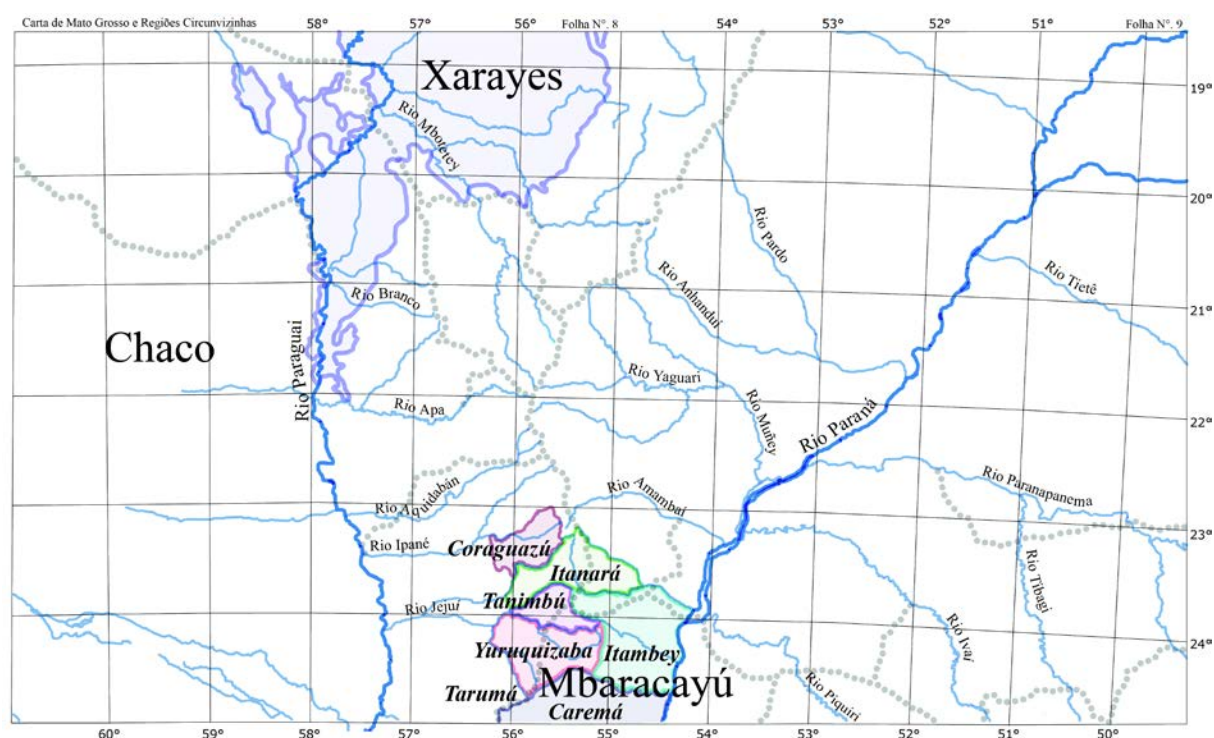


FIG. 16. *Mbaracayú*: Territórios Guarani (*Tanimbú e Yuruquizaba*) e *Caaiguá* (*Coraguazú, Itanará, Itambey, Tarumá e Caremá*), séc. XVI e XVII. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

²⁶⁰ LABRADOR, José Sánchez. *El Paraguay Católico...*, op. cit., p. 219. *Indios infieles de los yerbales del Ipané-guazú*.

O padre Nicolás del Techo, em texto publicado pela primeira vez em 1654, fez um relato do gentio que iniciara a converter três anos antes²⁶¹. Não falavam o guarani e viviam nas matas entre os rios Paraná e Uruguai, especialmente próximos ao rio Iguazu, como caçadores-coletores. Eram pouco numerosos e menos adaptados ao trabalho com os espanhóis. Suas habitações eram poucas e apartadas entre si. Assaltavam os viajantes à noite, quando eles imprudentemente dormiam em seu território.

La razón que ellos mismos dan de su reducido número es precisamente que son dizemados por los continuos ataques de los tigres. Consideran la ira una virtud, desconociendo las otras prendas del alma [...]. Por vivir en las selvas, la mayoría tiene espaldas encorvadas y jibosas, por lo cual, con la vista fija en el suelo, caminan muy inclinados. Sin embargo, muchos de ellos tienen aspecto más agradable, especialmente las mujeres, que nacidas y criadas a la sombra, conservan el color del cuerpo bastante semejante al de los europeos [...]. Las mujeres se visten con ortigas desde la cintura hasta las rodillas. Primero maceran la ortiga como si fuese lino, después la peinan con los dedos y luego la tejen en forma de red. Los hombres, al contrario, no llevan vestido alguno, excepto unas pieles tan pequeñas que dejan ver casi todas las partes del cuerpo. Como están desnudos, la piel de todo el cuerpo se halla tan encallecida, que caminan ilesos y sin temor alguno a través de los matorrales espinosos. Son tan desconfiados que no desean adquirir nada que venga desde afuera; procuran, para su uso cotidiano, las cosas que crecen y se producen entre ellos, aún siendo malas e insípidas. Una vez capturados, resulta más difícil domesticarlos que a las mismas fieras. [...] Si se los dejaba maniatados por cierto tiempo, entonces rehusaban la comida y se morían a los pocos días, por una especie de impotencia del alma, como animales que no quieren ser criados fuera de su ambiente.

Depois de uma tentativa fracassada de reduzir um grupo, os jesuítas só voltaram a fazer contato quando os portugueses de S. Paulo entraram no território deles e foram expulsos. Libertaram uns sessenta *caaiguás* que foram confiados ao *pueblo* do padre Techo²⁶². Os *monteses* das povoações de San Joaquín e San Estanislao não estavam encomendados, não prestavam o serviço de *mitazgo* nem pagavam o tributo prescrito na *Ley 7, título 17, libro 6*, que determinava o valor de 6 *pesos* por pessoa. A fazenda real reclamou o tributo. O governador do Paraguai Melo de Portugal pediu, entretanto, que as duas povoações ficassem isentas do tributo ou gozassem de uma moderação, apelando a três razões: que as

²⁶¹ TECHO, Nicolás del. **Tres Encuentros con America**. Tradução, edição e notas de Arturo Nagy e Francisco Perez-Maricevich. Asunción: Centenário, 1967, sp. Segundo nota dos tradutores, o padre Nicolás du Toict foi um dos maiores historiadores oficiais da Companhia e sua obra fundamental, *Historia Provinciae Paraquariae*, foi publicada em Lieja em 1678. Este texto apareceu na *Relatio triplex de rebus indicis* impressa em 1654 em Amberes. É uma peça rara com apenas dois exemplares: o primeiro, citado por todos os bibliógrafos, está no Museu Britânico, e o segundo – por informação de Maxime Haubert – na biblioteca dos jesuítas de Chantilly.

²⁶² *Con un viaje de dos días me fui a su encuentro con caballos y carros, llevándolos a casa a todos incólumes, con gran alegría mía. Era divertido ver a esta gente maravillarse de todo; pues nunca antes habían visto ni caballos, ni carros, ni bueyes, en una palabra, nada, fuera de sus bosques y creían, si no me equivoco, que nosotros habíamos nacido con sombrero y zapatos puestos, porque iban tocando con admiración nuestros calzados y polainas (Idem).*

povoações eram fronteiriças aos *monteses* não reduzidos, constituindo uma barreira contra a possível entrada em terras povoadas por espanhóis; que o tributo seria um obstáculo para atrair outros grupos *monteses*; que as duas povoações eram insolventes e tinham acabado de passar por seca, após ter passado pela epidemia de varíola em 1778. As cartas dos *cabildos* de S. Joaquín e S. Estanislao apelavam pela isenção. Na ocasião de sua visita aos dois *pueblos* em 1786, o governador dilatou novamente o prazo para pagamento de tributo²⁶³. Poucos eram os *tarumás* que permaneceram nessas povoações. Retiravam-se periodicamente às matas. Os guaranis missioneiros, trazidos pelos jesuítas, constituíam o núcleo permanente²⁶⁴. Algumas vezes, as relações com os *monteses* foram pacíficas, pois eles costumavam aproximar-se de alguns benefícios para trocar artigos. Os beneficiadores, para proteger os ervais e assegurar a paz durante o beneficiamento da erva, exigiam a definitiva pacificação dos *monteses* ou, se não, deixar a passagem livre para as entradas hostis dos *mbayás* em suas terras. As hostilidades cresceram entre 1717-1735 nos ervais de San Joaquín de Tarumá, Taguacorá, Ygatimi, Curyy, Apereatí, Huymbarandí e na região de Ajos. Os *monteses* atacavam com sua tradicional agressividade: flechavam os trabalhadores nos ervais, matavam as mulas de carga, apoderavam-se de ferramentas e roupas dos ranchos no benefício e queimavam o *mboroviré*²⁶⁵. O capelão de Concepción Andrés Salinas dividiu os *monteses* daquela zona em dois grupos: os *itanarás*, com os caciques *Yasucayú e Aracetí*, e os *paramirís*, sendo os primeiros considerados mais belicosos e agressivos²⁶⁶.

Os índios *caaiguás* também habitavam as matas da serra de Amambay, nas nascentes dos rios Aquidabán e Ipané, e constituíam obstáculo para a penetração dos beneficiadores nos ervais. Depois da paz pactuada com os espanhóis, muitos grupos *mbayás* mantiveram boas relações com os povoadores *criollos* de Concepción, Icuamandyjú e Cuarepoty, mas entravam com frequência nos ervais e perseguiam *caaiguás*. No ano de 1808, junto com *guanás* de Tacuati, esses índios voltaram a atacá-los nas cordilheiras de Amambay. Essa agressividade prejudicou constantemente o comércio de erva e aumentou a desconfiança mútua entre beneficiadores e *caaiguás*²⁶⁷. A reação se manifestou com o ataque aos ranchos dos beneficiadores. Devido a estes riscos, foi proibido o estabelecimento de benefícios em lugares remotos ou perigosos, se não contassem com peões ou escolta suficientes. Com a união de *mbayás* e *tacuatis* as autoridades se viram obrigadas a conter suas depredações. Em 1815, os

²⁶³ ANA-NE, 227, f. 37 e 40, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 148.

²⁶⁴ ANA-NE, 480, f. 41, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 149.

²⁶⁵ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 147; SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 184.

²⁶⁶ ANA-NE, 482, f. 6, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 149-150.

²⁶⁷ ANA-SH, 207, n. 8, f. 8, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 149.

ataques *tacuatis* aos *caaiguás* foram tão intensos que provocaram o abandono temporário dos benefícios e a incorporação dos beneficiadores às expedições organizadas contra eles.

Johann Rudolph Rengger esteve entre os *monteses* da margem ocidental do rio Paraná em 1820, nos rios que descem das serras de Mbaracayú e de San José. Alguns deles visitavam os lugares habitados por paraguaios, na região entre Yhú e Villa Rica. Estas visitas foram ficando cada vez mais raras, principalmente depois da independência do Paraguai²⁶⁸. Esse cronista dividiu as parcialidades entre os que viviam na serra de San José até Cerro Pytã, que se chamavam *caaiguás*; os que se encontravam ao norte de Curuguaty, os *caremás*; e os que andavam nas matas a leste de Yhú e de San Joaquín, que levavam o nome de *tarumás*²⁶⁹. Os *caaiguás* dominavam aquelas terras, tanto os *itaimbéyaes*, na margem ocidental do rio Paraná, como os *chiri-piquiriaés*, na oriental²⁷⁰. Guillermo Furlong dividiu os *monteses* em quatro parcialidades: *Ygytyrapi*, *Ybitipané*, *Caaguazú* e *Curupayty*, cada uma com um só cacique²⁷¹.

Rengger descreveu o aspecto físico dos *tarumás*, o uso do tembetá, o corte dos cabelos em tonsura, suas casas (FIG. 17). Falou em guarani, foi entendido, porém, não compreendeu a resposta²⁷². Em dezembro de 1821, no distrito de Ybuhangii, aproximou-se de alguns *criollos* de Villa Real de la Concepción, trabalhadores nos ervais e que tinham contato com os índios da tribo dos *caaiguás*. Foi aos ervais com um deles, que serviu de intérprete, para ter oportunidade de ver estes índios e conversar na sua língua²⁷³. Ele confirmou que eram *monteses* e que normalmente não revelavam a localização de suas habitações, para dificultar os ataques de *mbayás* (os Ava-pytá) e de *payaguás*, seus maiores inimigos. Enquanto estavam no rancho do guia, veio até eles um cacique ou *pay* (sacerdote). Não vestia mais que um pano de algodão na cintura. Em vez de armas, tinha em suas mãos uma pequena cruz, pintada de vermelho com urucum²⁷⁴. Rengger estava prevenido por outras pessoas que estiveram com eles, no tempo que produziam *mboroviré* ao pé da serra de San José, de sua inteligência. Um cacique que vivia nas matas falou em reparar a injustiça de Deus e que, para isso, deveriam dar-lhes utensílios de ferro. A cruz que o índio carregava nas mãos era usada desde os tempos

²⁶⁸ RENGGER, Johann Rudolph. *Reise Nach Paraguay in den Jahren 1818 bis 1826*. Aarau: Verlac Bei H. R. Sauerlaender, 1835, p. 101-134.

²⁶⁹ *Ibidem*, p. 103-104.

²⁷⁰ SÚSNIK, Branislava. *Los Aborígenes...*, *op. cit.*, p. 32.

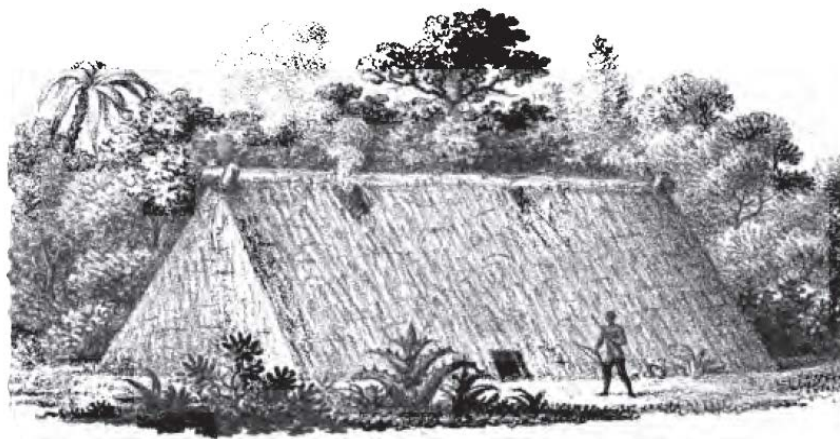
²⁷¹ FURLONG, Guillermo, 1936, *apud* MELIÁ, Bartomé; GRÜNBERG, Gerg; GRÜNBERG, Friedi. *Los Pay-Tavyterã*. In: **Suplemento Antropológico**. Asunción: CEPAG/ Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”, 1976, p. 171-173.

²⁷² RENGGER, Johann Rudolph. *Reise Nach Paraguay...*, *op. cit.*, p. 104-109.

²⁷³ Até hoje, por Rengger ter considerado a língua falada pelos *tarumás* como *guarani puro*, é atribuída essa classificação para a língua falada pela população indígena dessa região.

²⁷⁴ RENGGER, Johann Rudolph. *Reise Nach Paraguay...*, *op. cit.*, p. 109-115.

da conquista, nas guerras contínuas entre espanhóis e nações indígenas. Os índios *monteses* adotaram a cruz como um símbolo de paz. Rengger não reparou este uso em qualquer outra parcialidade indígena²⁷⁵. Rengger chegou à conclusão que, como eles não se lembravam do uso anterior do mate, seu uso só poderia ter sido introduzido após a conquista²⁷⁶ (FIG. 18).



Lith. des Frères Bolliger à Arau

FIG. 17. A “casa enterrada” dos *caaiguás* (*teýy*). Fonte: RENGGER, Johann Rudolph. *Reise Nach Paraguay in den Jahren 1818 bis 1826*. 1835.



FIG. 18. Fonte: 1. RENGGER, Johann Rudolph. *Reise Nach Paraguay in den Jahren 1818 bis 1826*. 1835. FIG. 19. Bombas para tomar mate recolhidas por Bransilava Súsnik entre *monteses*. *Museo Etnográfico Andrés Barbero*. Asunción, 2008. Fotografia do autor.

²⁷⁵ Viviam neste *teýy* 46 pessoas, entre homens, mulheres e crianças (*Ibidem*, p. 115-129).

²⁷⁶ Rengger viu como se preparava a chicha, mascando grãos de milho e adicionando mel; viu fabricar o tembetá com resina. Conheceu a roça, com mandioca, abóbora, porongo, cana, milho e banana. Outrora, conseguiam mudas de cana com espanhóis ou portugueses. Também plantavam melão, com sementes fornecidas pelos ervateiros. Conheceu o arco de bodoque, usado principalmente pelas crianças. Viu as tatuagens feitas antes dos rituais e os enfeites de penas. O canto e a dança (*Idem*).

A povoação de San Isidro de Itapé foi fundada em 1682, a três léguas de Villa Rica, com um grupo de guaranis *monteses*, e ficou sob o amparo dos espanhóis. Pela justificação de que Itapé serviu de exemplo de redução aos outros *monteses*, quando já estava criado o problema de insegurança nos ervais, seus habitantes foram liberados dos serviços de *mitazgo*, impondo-se apenas a vida comunitária na povoação. Os governadores tinham interesse em dispor de um núcleo econômico próprio, sem intervenção dos *encomenderos*. Por essa causa foram contempladas terras de dimensões realmente consideráveis à povoação, apesar dos protestos dos *vecinos* de Villa Rica. O censo de Itapé no ano de 1724 indicou o total de 200 almas, com 37 homens; com um cacicado de apenas três principais. Não obstante o grupo ser pequeno, os fugitivos eram muitos. As casas estavam em péssimo estado; a povoação não tinha sede para o cabildo; o censo destacou que não havia cárceres e sim *grillos y cepos de madera que hablan de la dura imposición de las obligaciones del trabajo comunal a que se sometía a los nuevos reducidos*²⁷⁷. O arrendamento de terras constituía sua única fonte econômica. O censo de 1785 indicou o total de 75 almas, sem mencionar os caciques; havia somente 22 homens e 23 mulheres, dando assim lugar a uma rápida *criollización* da povoação. Em 1789, era intenção mudar de local os *guanás* estabelecidos em Tacuati e trasladá-los para Itapé. O cacique *guaná* Zuicá resistiu a esta agregação; os *guaná* resistiam sempre a uma convivência com os guaranis dos *pueblos* e com o ambiente *criollo* em geral²⁷⁸.

Entre 1765 e 1767 e na terceira vez que tentou encontrar índios em Mbaéverá, depois do contato que estes tiveram com os espanhóis, o padre Dobrizhoffer descobriu três habitações comunais, regidas pelos caciques Roy, Tupanchichú e Veraripochiritú²⁷⁹. A primeira tinha oito portas e sessenta habitantes.

A derecha y a izquierda colgaban hamacas, que de día servían para sentarse y, de noche, para dormir. Cada familia tiene su hogar, circundado por una cantidad de ollas, enormes calabazas y cántaros. Sus rostros son blancos ya que nunca se exponen al sol. Los hombres, cualquiera sea su edad, se cortan los cabellos a la manera de ciertos monjes, dejando en su cráneo una corona de cabellos. Llevan el labio inferior perforado desde la edad de siete años y colocan en el orificio un pedazo de bambú del diámetro de una pluma de escribir: tienen esta costumbre en común con todos los demás pueblos americanos. Los guaraníes, cuyo idioma hablan estos salvajes, llaman a esto tembetá. Todos, sin distinción de sexo ni edad, llevan colgadas de sus orejas conchas triangulares. Los hombres van desnudos, con la excepción de un pequeño delantal que llevan como los albañiles, por un instinto de pudor. Las mujeres se cubren desde los hombros hasta los pies con una túnica

²⁷⁷ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, op. cit., v. I, p. 146.

²⁷⁸ ANA-NE, 482, f. 38 e 40, apud SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, op. cit., v. I, p. 146.

²⁷⁹ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. *De los bárbaros que yo descubri en Mbaéverá, junto al río Empalado.*

blanca, que preparan con la corteza del árbol llamado pinó²⁸⁰. [...] No descuidan la agricultura, y en las selvas se encuentran maíz, frutas y tabaco en gran abundancia.

Para aplacar a sede, eles pegavam água nos brejos, que sempre era morna, salvo quando o vento sul a refrescava, e carregavam e guardavam em grandes cabaças. A rede, tecida com fios grossos de folhas de caraguatá, servia à noite para cama e durante o dia no lugar de vestimenta. Na cintura prendiam por uma corda uma cabaça com pó de tabaco. Depois da chegada dos caciques, um se sentou ao lado do padre y *con tono imperioso me exigió una porción de yerba paraguaya. Después de varios coloquios y consultas, los caciques habían resuelto unánimemente en pedirme que se erigiera una reducción modelada sobre las ya existentes, en su suelo nativo. Yo asentí a su solicitud, tanto más de buena gana, porque una reducción en el Mbaéverá nos ofrecería la comodísima posibilidad de ir a buscar y a evangelizar a los otros salvajes, que aún vivían escondidos en las selvas más lejanas.* Tempos depois, um grupo de espanhóis, enquanto preparava *mboroviré* na margem austral do rio Empalado, encontrou alguns *monteses*. Chamaram, então, padre Dobrizhoffer para contatá-los, porém, ele encontrou apenas uma pequena habitação, com a mãe idosa e dois filhos.

Cuando yo le pregunté donde paraban los otros indios, me contestó que en estas selvas no había quedado nadie fuera de ella y sus dos hijos porque una terrible peste de viruelas había exterminado todos los habitantes de esta región. Como el hijo notó mi duda respecto a las palabras de su madre, me dijo: debes creer con plena fe a mi madre, pues yo mismo, en intención de buscarme una mujer, he recorrido en repetidos veces las selvas más distantes sin que yo hubiera visto ni siquiera la sombra de un ser humano. [...] Lo mismo afirmaron también los Españoles que me habían llamado y después por dos años enteros continuaron allá su provechosa cosecha de yerba²⁸¹.

O padre encontrou os *tarumás*, no entanto, contentes com sua sorte, sadios e tranquilos. Os jesuítas não estavam, porém, contentes com a contribuição dada pelos espanhóis ao trabalho realizado por eles. Dobrizhoffer repetiu o que já dissera o padre

²⁸⁰ Pindó. *Secando y machacando esta corteza, quedan pequeñas fibras, como de lino, y éstas se hilan para preparar el vestido. El tejido se vuelve fácilmente blanco y puede teñírsele sin dificultad con colores resistentes. Los tejidos, al contrario, que aquí la mayoría de las naciones indias preparan con el caraguatá o maguey – como lo llaman los mejicanos –, son sólo blancos y pierden fácilmente los colores con los que fueron fatigosamente teñidos. [...] Los salvajes suelen adornar muy elegantemente la parte rasa de su cabeza con coronas hechas con largas plumas de papagayos. Sus armas consisten en flechas con garfios, con las cuales matan a los pájaros en vuelo con una extraordinaria habilidad. [...] Les repugna la idea de casarse entre parientes, aún los de grado lejano, y semejante matrimonio les parece algo horroroso. Encierran los cadáveres de sus muertos en grandes cántaros de arcilla cocida al fuego, según la antigua costumbre de los guaraníes. Estos salvajes no comen carne humana, pero sus vecinos la consideran una golosina.*

²⁸¹ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. *De los bárbaros que yo descubri en Mbaéverá, junto al río Empalado.*

Grupos *monteses* viviam disseminados em pequenas parcialidades na grande zona de exploração ervateira. Até o ano de 1680, quando os guaicurús iniciaram suas incursões nas terras de Mbaracayú, o conflito entre ervateiros e *monteses* se reduziu a pequenos assaltos periódicos aos ervateiros. Segundo SúsNIK²⁸⁴, para os *monteses*, uma expressão aberta da consciência de suas terras e de sua independência. Entre os ervateiros ou a gente do transporte, *criolla*, mestiça²⁸⁵ ou guarani, só a presença dos *monteses* era suficiente para entrarem em pânico; negavam-se a trabalhar, abandonando o benefício ou o transporte de erva, fugindo. Por muito tempo, não existiu interesse algum em uma integração dos *monteses* mediante a fundação de povoados. Até fundar-se San Pedro de Ycuamandiyú²⁸⁶ como um centro pacificador, as escaramuças entre guaranis *poblados* e *monteses* eram frequentes.

Nos ervais próximos da vila de Curuguaty achavam-se dispersos vários núcleos *monteses* dos anos seiscentos. Porém, parte deles era de guaranis remanescentes de *encomiendas*, dos povoados de Terecañy, Candelaria e Ybyrapariyára, que escaparam dos portugueses, voltando a fundir-se com os habitantes da antiga nucleação de Itaná. Os beneficiadores de Curuguaty não se interessavam muito pelos ervais situados onde eles estavam, buscando outros, menos explorados, nas comarcas de Caremá, Yhú e Caayú. Dessa maneira, o contato só ocasionalmente resultou hostil, mantendo os antigos habitantes de Terecañy marginalizados nas zonas fora da exploração ervateira. No governo de José Martín de Echauri (1735-1740), a disputa com eles se acentuou em Villa Rica e Curuguaty, apesar de que *los vecinos de ellas hacen venta, trueque y permutas de dichos indios monteses teniendo en ello sus logros e intereses*. Os *monteses*, quando cativados eram batizados e como tais adquiriam *status* de “amparados”, que então se aplicavam a alguns mulatos e negros. Isso propiciou a paulatina integração de grupos *monteses* às estâncias *criollas* mais próximas da zona ervateira. Por outro lado, achando-se disseminados por pequenos grupos, cada cacique, com número reduzido de homens de guerra, tinha dificuldade no intercâmbio de mulheres e, com frequência, raptavam mulheres *yanaconas* de Villa Rica e as levavam a seus ranchos²⁸⁷.

²⁸⁴ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 183.

²⁸⁵ As diferenças e semelhanças de *criollos*, mestiços e guaranis são abordadas no capítulo 3.

²⁸⁶ Foi autorizado pelo governador Agustín Pinedo fundar a povoação de San Pedro Apóstol de Ycuamandiyú em outubro de 1784, onde antes fora *real de las armadas antiguas de costa arriba*. Fernando Bernal povoou uma estância nesse local e, após perder quase tudo num ataque de índios do Chaco, ofereceu suas terras para formar a vila, que ficou com jurisdição entre os rios Ipané e Xejuí, até a divisa de Curuguaty.

²⁸⁷ Um *bando* de José Martín de Echauri, de 1739, confirma que em Villa Rica e Curuguaty havia diversas famílias de *indios cristianos monteses connaturalizados con ellos, casados y con hijos [...] y que en ambas Villas, los vecinos de ellas hacen ventas, trueques y permutas de dichos indios monteses, teniendo en ello sus logros e intereses*”. Considerava-se esta *yanaconización* e a venda como fatos condenáveis por serem “*contra la libertad y privilegios que gozan y deben gozar los indios cristianos [...] e el indio una vez bautizado, adquiría el*

Em 1843 o governo do Paraguai repartiu 174 *monteses*, em sua maioria mulheres e crianças, a várias pessoas de Asunción com o status de *criadas-chinas*; algumas famílias de *monteses* foram enviadas a Guarambaré e acabaram dizimadas por uma epidemia de erisipela. Os sobreviventes foram incorporados à comunidade de Itá²⁸⁸.

Os *monteses*, que Ricardo Franco chamou de *cavanis*, ou *coroados*, pelo menos até o final dos anos setecentos, habitaram o *alto das Serras e Campos da Vacaria*, próximos das origens do Iguatemi e do Ipané²⁸⁹, época em que os *guanás* estavam se retirando para a região de Miranda. No início da República do Paraguai, ainda existiam três povoações de mulatos livres, quatorze de índios, além de oito missões. Mariano Molas²⁹⁰ afirmou que, desde o rio Paraná até as nascentes do Iguatemi, nas margens do Jejuí e imediações de Curuguaty, San Joaquín e San Estanislao, habitavam índios selvagens de diferentes tribos de um mesmo idioma, com pouca variação.

status de amparado (ANA-SH, 43, n. 8, f. 1 e 54, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 146; SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 185).

²⁸⁸ ANA-SH, 258 e 275, n. 6, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 150.

²⁸⁹ SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RTIHGB...**, *op. cit.*, v. VI, n. 22, p. 180, 1844; In: **RIHGB...**, *op. cit.*, v. XX, v. 20, p. 224, 1857.

²⁹⁰ MOLAS, Mariano Antonio. In: **La Revista...**, *op. cit.*, t. IX, p. 205, 1866.

CAPÍTULO 2 – ENTRE ITATIN E GUAYRÁ

A fundação de Ciudad Real teve claro objetivo de prospectar novos recursos para a colônia recém-fundada. Pouco se sabe sobre a atividade ervateira dessa cidade e de seu vínculo com a província de Mbaracayú antes da fundação de Villa Rica del Espiritu Santo, no Guayrá. Quando o *adelantado* Juan Ortiz de Zárate deu ao capitão Ruiz Díaz Melgarejo o título de *teniente gobernador y capitán general del Guaira y Villa Rica*, concedeu atribuições para *encomendar* índios guaranis e de outras nações¹. Apesar da esperança de encontrar metais e pedras preciosas, essa vila se fortaleceu com a concentração de *encomenderos* beneficiadores de erva. As rebeldias entre os trabalhadores nos ervais começou cedo. Tanto que o governador Felipe de Cáceres, em 1569, com o objetivo de apaziguar os índios de Guayrá, ordenou que não se mandassem índios *yanaconas ni de repartimiento a la yerba*, porque induziam os outros à rebelião². Os *pueblos* de Mbaracayú, Terecañy, Candelaria e Ybyrapariyára ficaram subordinados a Villa Rica e esta, a Ciudad Real del Guayrá. Depois de duas décadas da fundação da vila, *ybyrayáras* e *guayránis*³, além dos *mbaracayúes*, pagavam *mita* aos *villarriqueños*⁴.

Entretanto, *guarambarés*, *ipanés* e *tobatines* continuaram *encomendados* aos espanhóis de Asunción. Muitos deles estavam diretamente envolvidos no transporte da erva pelos rios Jejuí e Paraguai, principalmente na povoação de Atyrá, com seu porto de Coqué. Outras povoações acabaram por se dedicar à agricultura ou à criação de gado, como Ipané e Guarambaré. De qualquer modo, inicialmente, as *encomiendas* eram propriedades de alguns

¹ *Como de los que aquí adelante vacaren y se conquistaron y descubrieron en el campo y población de los indios llamados ibirayaras* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 358).

² *Ibidem*, p. 188.

³ Habitantes de Guayrá.

⁴ *En la assunçion a ocho del mes de hen, de mil y quin. y noventa y siete años del dho. sr. gov. Ju. rramyrez de velasco encomiendo a pedro martyño, vz. de la villa rrica del spiritu santo, los caciques e yndios sig.: anton yraray, abayabi, en el rrio del ubay y otro cacique en el quayracay, que se llama tapayu con sus anexos por estes nombres y por otros que se ayan subçedido los qles quedaron vaguos por la muerte de her. diaz y de su herdero y asi mysmo de todos los demais caciques e yndios que fueron del dho hernando dias enpadronados y por enpadronar escepto el cacique bartolomé potig que esta en corumbatay con su jente porque se dio a de morinigo y assi mysmo le encomiendo dos caciques ybirayaral de la nacion del tumbi que llamam alonso, caratos, con los yndios a ellos sujetos questan por enpadronar, y assi mysmo tres principales aguarayiba en la comarca de yyoybi otro llamado cherapeco en la comarca de coqueriapu otro llamado guiraneen en el iniay-guaçu y mas otros quatro principales entre curiytiu y serucuati que se llaman guiracaru, yyribeyu, maracayu, tabetiriguari y en la comarca de ypitan otro principal dho torpuran y en comarca de aruaçe yndio principal de alonso delcano que ven del atibaxiba arriba otro principal llamado guirapipuy por otro nombre sapipe y en la comarca de coqueriapu otro principal llamado aguaramymba y en el yniay en la comarca de guabayru yndio principal de la encomienda de p. rrodriguez otro principal llamado abaygue por otro nombre bopirapuan por todos los dhos nombres y por otros que ayan tenydo y tuvieren por subcession en qualquier manera y con todos los caciques y yndios a ellos y a cada uno de ellos sujetos y pertenecientes y se dio çedula de encomienda en forma sin perjuzio de terceros y con que de un yndio cassado para el servycio del convento o obra pia que su s. senalare y le hiz çedula de encomy. en forma* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, *op. cit.*, p. 123).

dos conquistadores e de um de seus descendentes, já que eram concedidas por duas gerações de donos. Isto fazia com que parte da atividade produtiva de cada indivíduo da *encomienda* estivesse vinculada aos interesses do proprietário e não, necessariamente, com o espaço geográfico da moradia do índio ou do espanhol. Também não existiu propriedade sobre índios *encomendados*, pelo menos pelo direito colonial, e sim sobre a *encomienda*. Era, na prática, uma diferença sutil. As *encomiendas* de cada povoação, divididas dessa forma, podiam ou não coincidir com uma única atividade ou espaço. Por conseguinte, cumprir *mitazgo* em Asunción não significava trabalhar nessa cidade. Pelo exposto, discernir quais eram os índios envolvidos com o trabalho da erva-mate só é possível com a análise de cada *encomienda* em particular, o que não foi alcançado por esta dissertação. Porém, é factível afirmar que o interesse dos *encomenderos* de Villa Rica e Ciudad Real recaía sobre o benefício de erva e que a maioria dos guaranis que pagavam *mita* a eles trabalhavam nos ervais ou no transporte de *mboroviré*.

Tanto na Espanha como na América houve uma série de levantamentos populares contra os abusos do poder real, que ficaram conhecidos como *revoluciones comuneras*. O ideal *comunero* se sustentava na ideia de que o poder do rei não podia estar acima da vontade popular. A revolta contra Cabeza de Vaca, pouco mais de duas décadas depois das insurreições contra Carlos V na Espanha, foi considerada por alguns autores como a precursora dessas revoluções no Paraguai. No entanto, o enfrentamento entre o frei franciscano, Bernardino de Cárdenas, nascido em La Paz, e a Companhia de Jesus tem sido amplamente aceito como a primeira *revolución comunera*. Ele foi governador da província em 1649. Sete décadas depois, já no século XVIII, houve a sedição mais duradoura, em tempo e consequências, no Paraguai, apesar de não possuir o sentido social do movimento liderado por Tupac Amaru, no Peru. Em 1717, o advogado *criollo*, nascido no Panamá, José de Antequera y Castro, foi enviado pela audiência real de Charcas para investigar os atos do governador paraguaio Diego de los Reyes de Balmaceda. Antequera o destituiu do cargo e assumiu o governo. Aliados a este, os *asunceños* enfrentam mais uma vez os jesuítas, que recorrem ao vice-rei do Peru que, por sua vez, destitui Antequera e restitui Balmaceda. O levante foi imediato. A audiência de Charcas ficou ao lado dos *asunceños*, que eram liderados também por Juan de Mena, frei Miguel de Vargas Machuca, Miguel de Garay e Francisco Roxas de Aranda. Esta *revolución comunera* (1721-1735) foi o principal embate de uma sequência de choques políticos que revelou o antagonismo entre a Companhia de Jesus e os *encomenderos*.

Como consequência, os jesuítas foram expulsos do Paraguai, entretanto, pressionado por estes, Antequera foi processado, preso e condenado à morte, junto com Juan de Mena⁵.

Fernando de Mómopox, seu companheiro de cela em Lima, decidiu voltar ao Paraguai e continuar a revolução. Os *comuneros* impediram a posse de Martín de Barúa em 1730 e constituíram uma junta para governar, encabeçada por José Luis Bareiro. Este os traiu e entregou Mómopox preso. A repressão ao movimento foi dura. Em 1735, um exército de índios, comandados por Zavala, executou e esquartejou os principais líderes; outros foram desterrados ou confinados e a população foi proibida de falar do tema. Thomas Whigham lembrou que um ódio *semipermanente* caracterizou as relações entre jesuítas e colonizadores espanhóis. As *revoluciones comuneras* demonstraram as frustrações passadas dos colonos contras os jesuítas. Os extraordinários ganhos dos jesuítas com o comércio da erva já eram conhecidos por todos. Esse autor reforça que “a explicação da atividade ervateira no Paraguai colonial está fundada na separação (artificial) entre os territórios explorados pelos *encomenderos* e o das Missões guaranis, que muitas vezes se sobrepôs”⁶.

Os limites das províncias de Guayrá, Itatin e Xerez foram expandidos com o fortalecimento da presença espanhola na região, sem deixar de sofrer mudanças radicais pela pressão de seus contrários. As divergências entre autores quanto aos limites da província de Guayrá decorrem da escolha do espaço temporal entre as oito décadas que durou. Os que mais estenderam esse território consideraram, ao norte, o rio Paranapanema; à este, o mar, seis léguas ao sul de Cananeia, incluindo a povoação de San Francisco; ao sul, o rio Iguaçu (ou Rio Grande de Curitiba) e ao oeste, o rio Paraná. Ramón Cardozo diminuiu essa abrangência, limitando ao oriente pelas serras de Guarayrú (Caíyú, ou Caayu), que pertenceram ao complexo da Serra Geral. Esse autor dividiu a região em duas, separadas pela serra de Ybytirembetá. O rio Iguaçu corria por grandes arrecifes e saltos que dificultavam a navegação. Pouco acima da foz do rio Iguaçu, estavam os saltos del Guayrá, no rio Paraná. Ainda segundo ele, a província de Guayrá compreendia, além de guaranis, *otras de naturales*⁷. Esses limites foram estendidos pelos jesuítas ao oriente do rio Tibagi e ao sul do rio Piquiri, até o Iguaçu.

⁵ ANGLES Y GORTARI, Mathias, Corregidor de Potosí. **Informe:** sobre los puntos, que han sido causa de las discórdias en la Ciudad de Asuncion de la Provincia del Paraguay, y motivaron la persecucion de D. Josef de Antequera de parte de los Regulares de la Compañía. Madrid: Imprenta Real de la Gazeta, 1769.

⁶ WHIGHAM, Thomas. **La Yerba Mate del Paraguay (1780-1870)**. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociales, 1991, p. 16-17

⁷ Ipaumbusú, Tucuti, Tayaoba, Yñeay, Ñuatingüy, Ybytirembetá, Caíyú ou Guarayrpu (CARDOZO, Ramón Indalecio. **La Antigua...**, *op. cit.*, p. 15-16).

Existem divergências também em relação aos limites da província de Itatin. Não há confirmação na historiografia de que estes chegavam ao rio Paraná. Todas as fontes coloniais consultadas delimitaram a província ao oriente pela serra de Amambay (ou Gatemi, como também era conhecida). Pelo ocidente, o limite era o rio Paraguai. Apesar de muitos dos *itatinés* terem avançado para além deste rio em algumas migrações, estes limites não foram considerados dilatados. Para o limite norte, alguns consideram o rio Taquari e outros o Mbotetey. As fontes consultadas registraram, com frequência, que estes guaranis chegavam até a serra de Bodoquena⁸. Rui Diaz de Guzmán indicou como limite norte o porto dos Guaxarapos, no rio Paraguai, junto ao rio Araguay⁹. Azara afirmou que, após ter ouvido o cura de Belén *y a tres caciques, de los quatro que habitan únicamente al este del rio Paraguay, considerava que las tierras de los Mbayás* não chegavam sequer ao rio Mbotetey¹⁰. Ao sul, as divergências são maiores¹¹. Sánchez Labrador definiu como limite o rio Aquidabán.

A província de Xerez foi fundada junto com a cidade, no fim do século XVI. Foram apenas quatro décadas de existência, com muitos problemas. Quanto aos limites dessa província há menos informações e mais dúvidas. Sabe-se que iam de Mbaracayú até Santiago de Xerez. No entanto, esta cidade mudou de lugar por algumas vezes e seus sítios não são todos conhecidos. Alguns autores consideram que essa província pertenceu à de Itatin. Outros consideram que pertenceu à de Guayrá. Seu espaço geográfico tem sido confundido com o de Itatin em razão da localização do último sítio da cidade de Xerez, no extremo norte do território. Com exceção de Curumiaí e Pacoyú, que podem ter sido fundadas com índios guaranis¹², todas as outras parciaisidades de Xerez não eram dessa nação. O grupo populacional denominado *ñuarás* constituiu nucleações importantes desde os campos de Xerez e pela cordilheira de Amambay até o rio Jejuí-miri. Depois da fundação de Santiago de

⁸ Excessão aos guaranis de Garcia, citado em Naufrágio e Comentários, de Cabeza de Vaca, foram recebidos pelos *socociés*, que viviam no porto de los Reyes, depois de atravessar a terra dos *guaxarapos*.

⁹ GUZMÁN, Ruy Díaz de. **Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Rio de la Plata** (1612). Asunción: Ediciones Comunereros & Roberto Quevedo, 1980, p. 161-165; MCODA I, Livro II, Cap. III, p. 60-64); em Aguirre o nome deste rio está escrito como Aracay.

¹⁰ AZARA, Felix de. **Correspondencia...**, *op. cit.*, p. 12.

¹¹ Aguirre considerou como limite o rio Apa e que, com a descida dos *itatinés*, o Ipané poderia ser considerado o novo limite, discordando de Sánchez Labrador (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 312-314). Em Naufrágios e Comentários, foi citado o porto de Guayviaño, acima do rio Ipané e abaixo de Candelaria, como limite das terras dos *carios*. Schmidl também confirma que Guayviaño era o porto mais setentrional dos *carios* (SCHMIDL, Ulrich. **Viaje...**, *op. cit.*, p. 50).

¹² De índios *cutaguas y curumyays*; *todos de una costumbre y lengua*, segundo Guzmán (nota 159, do primeiro capítulo desta dissertação). Conforme documento n. 315 (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 11), os topônimos e nomes próprios dos caciques *ñuarás* não eram guaranis. Chama a atenção que Aguirre (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 229), em contraposição, nomeia os caciques de Curumiaí com nomes de origem claramente guarani.

Xerez, estes índios foram *encomendados* aos espanhóis dessa cidade. O serviço de *mitazgo* evidencia que Xerez e Itatin constituíram duas províncias independentes. Enquanto na primeira foi fundada uma cidade, os guaranis de Itatin pagavam *mita* aos *encomenderos* de Asunción¹³. A disputa entre as duas cidades pelo *encomienda* dos *ñuarás* só reforça essa diferença. Xerez foi um território diferenciado, governado por Ruy Díaz de Guzmán, constituindo uma das províncias do Paraguai. Esta dissertação investiga se esse espaço geográfico pode ser considerado, em algum tempo colonial, como território guarani. Na figura a seguir (FIG. 21) estão representadas os dois sítios de Xerez, de acordo com os levantamentos feitos pela equipe do arqueólogo Gilson Rodolfo Martins, e as províncias de Itatin, Guayrá e Mbaracayú.



FIG. 21. *Entre Itatin e Guayrá, séc. XVI*. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

No ano que Luis Bolaños fundou Pacoyú e Alonso de San Buenaventura, Curumiaí, Juan de Garay passou por onde depois foram chamados Campos da Vacaria, reduziu *ñuarás* *al vasallaje del rey e empadronó al servicio*¹⁴, levando-os para Perico-guazú. O nome desses índios foi tomado em alusão aos campos que habitavam. Apesar da enorme distância, eles pagavam *mita* em Asunción, como *otros vencidos*, até sua sublevação no século seguinte¹⁵.

¹³ PASTELLS, Pablo. *Historia de la Compañía...*, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 384-387.

¹⁴ Ver Capítulo 1 desta dissertação, p. 32-33.

¹⁵ AGUIRRE, Juan Francisco. *Discurso Histórico...*, *op. cit.*, p. 224.

Pacoyú e Curumiaí foram fundadas a partir da comarca de Villa Rica, porém, com a fundação de Xerez, os índios dessas povoações foram *encomendados* aos espanhóis dessa cidade. Até essa data, além destas povoações, estavam fundadas ao norte do Paraguai: Ciudad Real¹⁶ e Villa Rica, em Guayrá, as povoações de San Andrés de Mbaracayú, San Francisco de Ybyrapariyára, Nuestra Señora de la Candelaria e San Pedro de Terecañy, na província de Mbaracayú; Ipané, Guararambaré, Atyrá e Jejuí, entre os rios Aquidaban e Jejuí. Na última década do século XVI, Juan Cavallero de Bazán fundou Caaguazú, Mboymboy e Taré. Apesar de Ayolas, Irala, Cabeza de Vaca e outros terem percorrido o rio Paraguai desde o início da conquista, fundando, entre outros, o porto de Candelaria¹⁷, no rio Paraguai, nenhum prosperou como povoação. O rio Paraguai tem sua remota origem nos campos dos Parecis, que compreendem as altas serras deste nome. Também o rio Guaporé, braço do Madeira, e o Jauru nascem nessas serras. Terminam esses campos num grande pantanal. No rio Cabaçal viviam os índios barbados e bororos aravirás. As salinas do Jauru eram limites, ao norte, das terras transitadas por guatós e guaicurus¹⁸.

Nos fins do século XVI, os guaranis já haviam organizado suficientemente sua reação contra a dominação espanhola, começando a neutralizar a expansão colonial e até, em alguns casos, fazendo-a retroceder. Foi nesse momento político que surgiram as reduções no Paraguai. Em 1580, com os franciscanos. Em 1610, com os jesuítas. Com elas, a colônia procurou reduzir confrontos e conflitos, tanto militares como sociais, que colocaram índios contra espanhóis. Entretanto, as mudanças radicais que se estabeleceram nas reduções atingiram a própria identidade guarani.

¹⁶ Viviam nessa cidade aproximadamente 50 homens, filhos de espanhóis que vieram para o Paraguai. *Estando muy ricos porque se contentan con su pobreza, el vestido ordinario es de algodón tejido y raras vezes alcanzan algun vestido de españa a trueque de hierva* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, op. cit., p. 213. XXXVIII – Carta ânua do P. Nicolás Mastrillo Durán em que dá conta do estado das reduções da Provincia do Paraguai durante os anos de 1626 e 1627).

¹⁷ O padre Francisco de Arce relatou que da foz do rio Xexui, por donde vajaban las balsas cargadas de yerba de la Villarica, onze dias depois chegaram a Ipané, passando duas léguas mais acima do *pescadero de los de Nuestra Señora de Fee*. Da oficina de canoas do cacique Yacayra, caminharam em demanda de Caaguazú, costeando-o até a boca do rio Tepoti, onde viram os índios *guachicos*; desse local descobriram as montanhas chamadas Ybitiratis ou Ibitipucus, a última em forma de pão de açúcar; em um passo de guaicurus, viram rastros de seus cavalos, que passam a *coger vacas en la Baqueria de Xeres*. O porto de Candelaria (*Cuñayeguas*) era o primeiro passo para Santa Cruz de la Sierra. O padre afirmou que cinco léguas acima ficava o porto de San Fernando (chamado pelos *itatines* de Tobati). Em frente à boca principal do Mbotetey, na segunda boca do rio Mandijye, ficava o passo grande, onde os *itatines* tinham seu *ygurupa*, ou porto, o principal e por onde se fazia a comunicação ordinária de Santa Cruz de la Sierra com Asunción (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Paraguai...**, op. cit., p. 23-34. VI. II - *Breve relacion del viagem, que hizieron por el Rio Paraguay arriba 5 Padres y un Hermano, el año de 1703 por orden de Nuestro P. General. 5 de abril de 1713*); Aguirre, em seu *Caderno de Notas*, situa o porto de Candelaria ao pé da serra de San Fernando e, mais adiante, ao sul do porto de San Fernando (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, op. cit., p. 67 e 76).

¹⁸ SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Sargento-mor de Engenheiros. Extracto da Descrição Geographica da Provincia de Mato Grosso, feita em 1797. In: **RTHGB**, Rio de Janeiro: Imprensa Americana, v. VI, n. 22, 1844, p. 156-196.

2.1 JEREZ-ÑU

Jerez-Ñu (Campos de Xerez) foi o espaço sob domínio da cidade de Santiago de Xerez¹⁹, território de *ñuarás*. Em princípio, haveria dois sítios. Existem hipóteses de que seriam mais estes sítios. Um deles ficava às margens do rio Aquidauana, próximo à atual cidade com o nome do rio²⁰. É factível que seja o sítio da transmigração de 1599. Guzmán citou a cidade de Xerez nas margens do rio Mbotetey sem dizer quem a fundou, nem em que data estava nesse rio²¹. Azara assinalou o sítio de Xerez nas margens do rio Pardo²². Houve uma provável confusão com um dos nomes pelo qual o rio Pardo era conhecido. Em mapa de 1732, o Pardo foi nomeado como Ygayrí, o rio Anhanduí, como Ymuncina, e o Yaguari, como Monice²³, Muñey e Ibiñecima. Pedro Lozano disse que foi fundada em 1580, por Ruy Díaz Melgarejo, próximo ao rio Mbotetey, por ordem de Garay²⁴. Provavelmente firmou-se na carta de Diego Marín de Negrón ao rei²⁵. Juan Francisco Aguirre cita outra carta de abril de 1593, em que o cabildo fundador deu parte dela e que diz textualmente que essa cidade foi fundada por Ruy Díaz de Guzmán nas *vertientes al Paraná, y fueron las del río Yaguari*²⁶.

¹⁹ O rei español, em 11 de janeiro de 1579, ordenou que daí em diante se nomeassem as províncias *del Río de la Plata, provincia de la Nueva Vizcaya* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 199).

²⁰ MARTINS, Gilson Rodolfo. Santiago de Xerez: Uma problemática para a arqueologia histórica. In: **Historia Paraguaya**: Anuario de la Academia Paraguaya de Historia. Asunción: APH, v. XLII, p. 243-266, 2002.

²¹ GUZMÁN, Ruy Díaz de. **Anales...**, *op. cit.*, p. 90.

²² AZARA, Felix de. **Descripción...**, *op. cit.*, p. 206.

²³ PETROSCHI, Joannes. **Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adiacentibus novíssima descriptio**. Esc. 1:4.400.000, 1732.

²⁴ *Concorrieron á esta faccion los guatós, los guapis, los guachis, los guetés y los mismos ñuarás. [...] Los conumiais y los cataguás, dos parcialidades numerosas, que habian empezado á cultivar com la doctrina del cielo dos sacerdotes, muriendo estos, no llegó á sazón el fruto y se volvieron á sus ritos gentílicos* (LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista...**, *op. cit.*, t. III, 1874, p. 230-231).

²⁵ Pág. 41 desta dissertação.

²⁶ *Una colonia de guaireños, que consta fundó en 1593, vertientes al Paraná, y fueron las del río Yaguari. Tuvo Guzmán en la nueva fundación su Hermano Ponce de León, y en memoria de Xerez de la Frontera, patria de su familia, titularon el nuevo pueblo ciudad de Santiago de Xerez. El cabildo fundador dio parte de ella, a 1º de abril de 1593, a la ciudad de la Asunción. Dice en su carta: “que el teniente Rui Díaz sacó la gente del Guaira y de la Villa con el fin de reconocer las tierras”, y que salió tan aventajadamente que, por la solicitud de todos, se vino a poblar a Xerez, por ser tierra de campos, ríos, fuentes, bosques y bastimientos, y mayormente porque (son sus literales palabras) los índios amigos, con excesos de “significaciones, han dado muestras de sus efectivos deseos en lo que toca a ser cristianos y vasallos de S. M., y les sucedió bien, porque todos los más, con la ayuda y vigília del padre bachiller Rafael de Castro, después de ser instruídos y catequizados, están bautizados y acuden tan de veras a ayudarnos que confiamos en el favor divino ha de ser para mucho bien”. Reconocen a la Asunción por capital y la dicen esperan hagan buenos informes a S. M., y concluyen convidando a los que sobran en aquella que si gustan a ver la tierra y verán que aparejada es para dar provecho. Firmaron la carta Bartolomé Contreras, Pedro Hurtado, Andrés Díaz, Juan de Gamarra, Domingo Machado, Juan Álvarez de Zúñiga y Francisco Morinigo, ante el escribano Bartolomé Garcia, Rui Díaz y su hermano no parecen en ella* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 234-235).

Localizava-se pouco acima da foz do rio Ivinhema (rio Muñey), a meia légua do porto de San Matías.

Villa Rica estava a 50 léguas acima da Ciudad Real del Guayrá, que estava outras 50 léguas de Santiago de Xerez²⁷. Luis de Céspedes y Xeria, que desceu a rio Paraná até Ciudad Real em 1628, fez um mapa (sem dimensões apropriadas) em que localizou Xerez próximo à foz do rio Yaguari (FIG. 22). Uma das conclusões que se pode chegar sobre as diferentes fundações da cidade de Xerez é que o primeiro sítio, de efêmera duração, confundiu-se com o de Curumiaí, nas nascentes do rio Yaguari, hoje Santa Maria. O segundo sítio, no rio Yaguari, ficava perto de onde hoje é o porto Peroba (porto Tigre) ou pouco mais acima. O terceiro coincide com a posição atualmente pesquisada pela equipe do arqueólogo Gilson Rodolfo Martins, próximo a Aquidauana. Investigar, tanto o espaço geográfico e temporal desses sítios, quanto o território da província de Xerez, tem o propósito, além de responder por que os ervais dessa região não foram beneficiados na época colonial, apesar de conhecidos, de compreender a dinâmica dos povos que habitaram essa região.

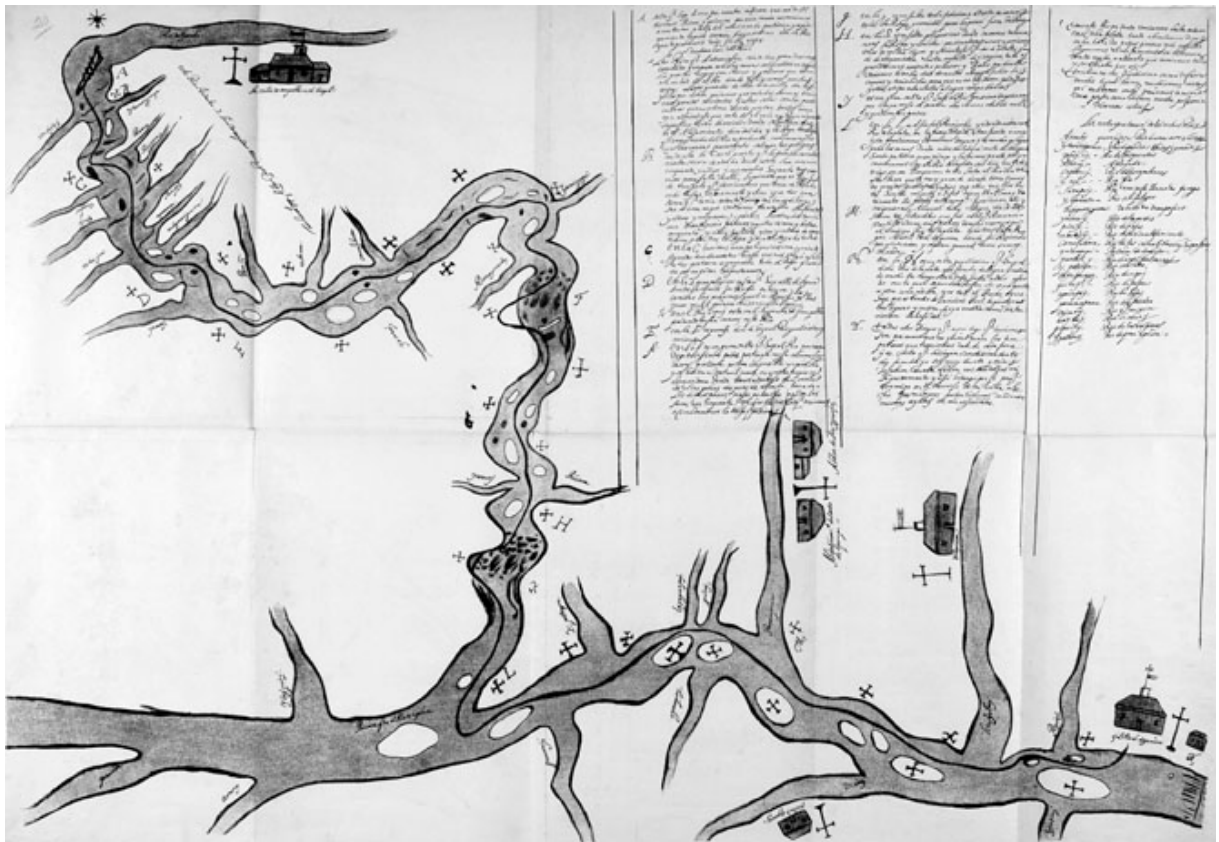


FIG. 22. *Mapa de Céspedes y Xeria, 1628*. Reproduzido parcialmente na obra de TAUNAY, Affonso d'E. *Na era das Bandeiras*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1920, p. 449.

²⁷ CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...*, *op. cit.*, p. 316.

Voltando Juan Caballero Bazán à função de *teniente gobernador*²⁸ e também de alcaide, entre outras ordenanças, mandou que: *ninguno vaya con los indios del rio Xejuí y demás comarcas a la hierva aunque tengan licencia porque padecen mucho y también sus familias que careciendo de su trabajo no tienen con qué sustentarse*²⁹. Os índios estavam distribuídos por *cacicazgos* ou *ranchos de famílias*, espalhados pelos vales de toda a província, ocupando espaços consideráveis, comparados aos dos espanhóis³⁰. A disputa por seu trabalho era intensa entre os *encomenderos* e motivou as *ordenanzas*. Quando Hernandarias substituiu Juan Caballero Bazán, nomeou-o visitador de Xerez e o comissionou para pacificar as *provincias de río arriba* com amplas faculdades. Com muito trabalho, tirou grande quantidade de naturais das matas, onde viviam há quarenta anos, e os reduziu em *pueblos*. O governador das províncias do Rio da Prata e do Paraguai, Francisco González Santa Cruz, irmão do padre Roque González, completou: *que visto Xerez la aseguró, como también las demás reducciones y después bajó su armada al castigo de los ñiguaras que estaban rebelados y habían muerto ciertos españoles...*³¹. A jornada durou seis meses. Na mesma expedição, *consta que el general Juan Caballero Bazán allanó a la obediência Real los caciques Amandaibi, Juan Duabuzu, Parani y otras parcialidades que tenían sus rancherías a manera de pueblos entre los cuales estaban los indios del pueblo de Taré*³². Com eles fez duas reduções, dando a uma o nome anterior de Taré e à outra o de Caaguazú, deixando sua doutrina ao cuidado de Hernando de la Cueva. Formaram dezesseis *encomiendas* que atenderam aos vizinhos de Asunción.

Em 1597, foram *encomendados* 80 índios de Itatin a Juan de Rosas, vizinho de Asunción³³. A cédula de *encomienda* foi dada, como era costume, com o compromisso de que o beneficiado desse um índio casado para o serviço de um convento ou obra pia que escolhesse³⁴. No mesmo ano, o governador fez *una merced y encomienda* a Geronimo López, na província dos *ñarás*. A relação desses *pueblos* e caciques demonstra que não eram da

²⁸ Foi governador entre 1592 e 1595.

²⁹ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 288.

³⁰ *Ibidem*, p. 293.

³¹ *Ib.*, p. 303-304.

³² *Este ha de ser el pueblo que se llamó Taberé en la conquista. El cacique Amamdaibi me persuado es el origen del nombre corrupto Amambay que se Dio a la cordillera más alta hacia aquellos lugares* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 304, nota 157, de Ernesto Maeder).

³³ Os caciques e principais foram *depositados* a Hernando de Castañeda pelo governador Felipe de Cáceres. Quarenta do partido de Tepotiy ficaram na casa de Napiragua e, em outra casa, os que foram *empadronados* por Diego de Olavarrieta, que antes tinham sido *encomendados* a Cristoval López. Os outros quarenta restantes eram da província de Taramta, que ficava na estrada de Itatin, cujos principais se chamavam Tayuru, Ytapitigua e Yrarayu.

³⁴ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 10. II - *Partido del Thepotiy e Província de Taramta, que es en la estrada del Assuncion a Ytatin, 1597.*

nação guarani. Um *pueblo* se chamava Juan Farel e ficava a quatro léguas da cidade de Xerez, na outra banda do rio Muñey, no partido dos *yapimboaes*, do cacique Cristoval (por outro nome, Himimpebayu) e de seu pai Galiahony. Outro *pueblo*, chamado Cuytic Chanchae, ficava no partido dos *cutaguaes*. Seu cacique se chamava Poypoyu Yaniguyriayu. No partido dos *cunumyays*, um terceiro *pueblo* se chamava Coyumbua, com os principais chamados Ychenterentunyu, Ybopeyu, Hicotayu, Ychemyu, Pipemayu, Chetiguatuyu, Guachumyu, Hiponyu. Em outro partido, o quarto *pueblo* se chamava Yopayapi, com os caciques Pantabayu, Antitanyu, Guactacyu, Uguaribuyo, Hijoranyu³⁵.

Santiago de Xerez, em 1599, mudou para as margens do rio Aquidauana, conhecido na época como um dos braços do Mbotetey, assim como o Miranda. Algumas referências a Santiago de Xerez ajudam a esclarecer as diversas fundações dessa cidade e migrações de indígenas sob sua influência. Aguirre explicou que o traslado da cidade para o Mbotetey, *entre las encomiendas de ñiguaras reducidos por el célebre Juan de Garay*, foi no tempo de Francisco de Beaumont y Navarra³⁶. *Pertenencia entonces una de ellas a Hernandarias, como otras a diferentes vecinos de la Asunción, entre quienes la de Bartolomé Gómez estaba muy cerca de la misma población. Por esto el procurador Juan González de Santa Cruz pidió a Beaumont la contradijese y mandase despoblar*. Entretanto, Xerez foi legitimada e permaneceu, apesar de seus moradores precisarem de víveres e de mais gente, por isso pediram socorro. Hernandarias enviou auxílios por duas vezes, em 1602 e 1604. O primeiro, a cargo de Juan de Espinosa e o segundo, pelo seu pai, de mesmo nome. Este socorro chegou a sessenta homens, além deles, ficando pouco tempo em Xerez, pela fome e necessidade por que passaram em tais fronteiras. Ao regressarem, os Espinosas resolveram ir pelo rio que então chamavam de Xerez. Embarcaram com dez homens e tiveram logo que sair numa refrega com naturais. Depois, tiveram outra com *payaguás* sem poder defender-se e apenas os dois e um soldado escaparam com vida³⁷.

Andrés Díaz de Rivera, *teniente* de Rui Díaz de Guzmán, fez uma correria cruel entre os índios, em 1605, sob paz, matando mais de 1.000 no ataque ou queimados pelo incêndio de três casas, onde se haviam refugiado. Os *ñarás* haviam se sublevado e matado oitenta pessoas que pagavam *mita* aos espanhóis de Xerez, que, por não terem alimentos, andavam

³⁵ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 11. IV - *En la provincia de los ñuarás el pueblo de Juan Farel quatro leguas de la ciudad de Xerez y de la outra vanda del rrio muriey en el partido de los yapinboaes un pueblo llamado el cacique principal Xpoval e por otro nombre himimpebayu y en el partido de los cutaguaes un pueblo llamado cuytic chanchae y en el partido de los cunumyays un pueblo llamado coyumbua (coiumriaiu) y en el dho partido otro pueblo llamado yopayapi, 1597.*

³⁶ 1600-1602.

³⁷ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 278.

pelas matas mantendo-se de raízes e frutas silvestres. O procurador Bernardino de Espinola pediu, nesse mesmo ano, a despovoação de Xerez. Em novembro do mesmo ano, Hernandarias acatou o pedido, alegando, pelo testemunho de alguns xerezanos como Juan de Molina e Miguel López Barreda, a infelicidade em que viviam. No entanto, ela se manteve, apesar dos poucos vizinhos e das dificuldades em conseguir munição. Em novembro de 1607, foi socorrida por Antonio de Añasco, que deu ao procurador Marcos de Espinola *12 libras de azufre y 50 de plomo*³⁸.

Andrés Bernal de Mercado, *teniente gobernador* de Xerez, na época, escreveu ao governador Hernandarias que, por causa das primeiras entradas dos portugueses de S. Paulo em 1617, o padre Antônio de Acosta havia fugido pelo caminho de São Paulo, deixando a redução dos *curumiaís*, situada a trinta léguas daquela cidade. Logo que houve suspeitas de sua fuga, com o fim de evitar danos que podia trazer, ele foi destituído dos serviços de missionário dessa povoação e de outras. Por essa razão, veio até Xerez, inquieto; solicitou ao vigário que o detivesse e desse parte à sede do bispado, que cumpriria o que determinassem. O vigário, porém, deixou o padre livre depois que ele protestou sobre danos e prejuízos em função de serem certas as pestes e que as mortes que ficariam sem os sacramentos. Assim que voltou à sua redução, o padre tratou de executar sua fuga com toda a *encomienda* do capitão Juan Garcia de Villamayor, além de outros índios do serviço da cidade, com o pretexto de coletar cera no rio Ypytá. Quando o *teniente gobernador* teve notícia de sua fuga, mandou atrás doze espanhóis e cem índios amigos, que andaram cem léguas sem poder alcançá-lo. Um índio que abandonou o padre e se incorporou a eles, informou que, depois que caminharam quarenta léguas, o padre lhe falou que o levava para uma povoação de portugueses que estava situada *de esta parte del Paraná arriba, ricos y muchos y no pobres y pocos como los españoles*. Para agradar mais aos índios, *repartió a los caciques la capa y sotana*. Entendeu que era certa a vinda de portugueses, porque tinham entrado *hasta el Taquari y mataron mucha gente y llevaron mucha chusma*, e que, por isso e pela rebelião de índios *itatines*, coligados com *tobatines*, Xerez corria grande perigo. Na figura a seguir (FIG. 23) está desenhada uma aproximação do que pode ser considerado o território de Xerez, baseada nas referências assinaladas nesta dissertação.

³⁸ *Ibidem*, p. 279-80.



FIG. 23. Jerez-Ñu, séc. XVI. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

O portador da carta do *teniente governador* de Xerez foi o procurador Alonso Riquelme de Guzmán. Pediu ajuda, porque estavam muito pobres e eram muito poucos. *En la última reseña que pasó, solo se hallaban entre los vecinos 3 libras y media pólvora, no existindo ya entre ellos ninguno de los que antes tenían tales cuales bienes*³⁹. Informou que outros moradores queriam despovoá-la, *con el título de buscar su remédio*, entretanto, os continha com sagacidade, dando-lhes esperança de socorro. Na mesma data, o cabildo de Xerez, *cuyas justicias eran Juan Fernández Villalobos y Andrés Díaz de Rivera*, escreveu também ao governador, informando que Xerez estava rodeada de índios por conquistar e confirmaram que os *itatines* estavam rebelados; que os portugueses tinham entrado naquela província, levado os índios de Taquari e achavam que eles voltariam àquela cidade *y al Itatin a destruir todas las encomiendas*; por último, relataram que o padre Antônio Acosta havia ido a São Paulo *con todos los indios de nación Pinchumiai, cuya fuga no se supo hasta los dos meses por lo que se li siguió inútilmente más de cien leguas. Se creía fuese cosa tramada con los portugueses pues fue su entrada al mismo tiempo que la ida del padre hacia ellos, mayormente cuando, segundo los naturales, había dos años que los portugueses entraron la primera vez*⁴⁰.

³⁹ *Ib.*, p. 280-281.

⁴⁰ *Ib.*, p. 281-282.

A carta relatava que, rio abaixo, moravam cerca de mil índios em três *pueblos*; os *guatós*, em dois *pueblos*, eram outros mil; os *guapis*, em um *pueblo*, eram cerca de cem índios; os *guetús* estavam nas faldas da cordilheira entre os rios Taquari e Mbotetey. Contaram que, no ano de 1621, era grande o número de gente e o *pueblo* mais próximo estava a 15 léguas de Xerez. Os *ñuarás* seriam mil e duzentos. Os moradores de Xerez eram quase todos *criollos* e apenas chegavam a trinta homens. No rio Taquari havia mil índios guaranis à distância de 40 léguas da cidade pelo caminho da cordilheira e, por baixo, cerca de 60 léguas. Outros índios de Xerez eram os *cutaguas* e *curumyays* que, como os *ñuarás*, voltaram aos seus rituais antigos e estavam rebelados.

Em 1625, os vizinhos de Xerez pediram ao governador Manuel de Frias que autorizasse a mudança da cidade. Reclamaram do isolamento em relação aos espanhóis e do risco que corriam pela grande quantidade de parcialidades indígenas circunvizinhas a ela, que poderiam se confederar. Pretendiam ir para um sítio mais seguro, onde pudessem criar gado e ter roças. Apesar de já terem feito cabildo aberto dois anos antes e decidido mudar para *los llanos del Yaguari*, o governador exigiu que se fizesse outro cabildo aberto; autorizou, entretanto, que, de acordo com a decisão da maioria, seus habitantes fossem trasladados para o sítio que determinassem, cumprindo as determinações da real cédula que permitia a mudança dessa e das demais cidades de Guayrá⁴¹.

*Pero les ahorraron ese trabajo los mamelucos del Brasil, por Noviembre del año de 1632 em que los sitiaron y asolaron la ciudad trayendo por guia a don Diego de Rego, que siendo teniente de gobernador em dicha ciudad, habia feamente abandonado su oficio y pasándose á los mamelucos á quienes vino capitaneando para cautivar los pocos indios de encomienda que habian quedado y los de quatro reducciones que acababan de fundar los jesuítas em aquel distrito, y por fin, destruir la misma ciudad, llevándose primeramente al Brasil algunos de sus vecinos y dando permiso á otros para restituirse á la Asunción*⁴².

Os portugueses que vieram pelo rio Paraná desceram das canoas próximos da antiga cidade de Xerez, “que era o caminho ordinário dessas terras”. Para evitar uma volta muito grande por esse caminho antigo, tentaram fazer um atalho, passando pelos ervais para ir direto a Itatin. Por falta de água voltaram ao caminho antigo e para curar os doentes se

⁴¹ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim**..., *op. cit.*, p. 26-28. VI – *Licencia y facultad que da D. Manuel de frias Governador de la Provincia del Paraguay a su lugar theniente para que se hallare por conveniente la mudanza del Ciudad de Gerez a los llanos de Yaguari se haga por los muchos peligros y riesgos asi por causa de muchas naciones de Yndios cincunvesinos a ella y otros fecha en el Pueblo de mbatara, Jurisdicion de la Ciudad de Consepcion, a 20 de octubre de 1625.*

⁴² LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista**..., *op. cit.*, p. 232.

arranchearam. No entanto, quando aumentou a enfermidade, tiveram que voltar⁴³. Após os seguidos ataques das bandeiras de S. Paulo às reduções jesuíticas, em 1631, os guaranis de San Ignacio e de Loreto foram conduzidos pelo padre Antonio Ruiz de Montoya até Candelaria⁴⁴. O bispo frei Cristóbal de Aresti acreditou que, com isso, os *villenos* ficariam mais fortes. Entretanto, eles *despoblaron la villa y el Guayrá y se vinieron a Mbaracayú*. Aguirre sugeriu que a despovoação de Guayrá foi premeditada e o ataque das bandeiras foi pretexto para abandonarem a região, pois não haviam medido força contra eles. Nos dois anos seguintes da *despoblación* de Guayrá, aconteceram as ruínas de Xerez e Itatin pelos mesmos mamelucos de S. Paulo. O governador Luis de Céspedes y Xeria foi deposto em 1631, sob acusação de ter apoiado o ataque dos mamelucos a Guayrá. Em 1633, Martín de Ledesma Valderrama assumiu interinamente o governo. *Habiendo sabido la entrada de los paulistas envió una armada al cargo de los capitanes Cristóbal Ramírez y Felipe de Torrillas y Linares pero no los alcanzaron. No obstante fue de gran utilidad porque se recogieron los naturales dispersos⁴⁵ y se fundaron dos pueblos*. Um se chamou San Benito e outro Nuestra Señora de Fee. O governador interino socorreu pessoalmente Mbaracayú no ano de 1634 e fundou uma povoação entre os rios Jejuí-guazú e mini, conservando o nome de Villa Rica⁴⁶. Posteriormente, sua população foi trasladada para um lugar próximo ao rio Curuguaty. Durou mais de quarenta anos nessa localização e seus vizinhos gozaram de 69 *encomiendas* de índios⁴⁷.

Felipe III, no início do século XVII, ordenou que os índios não levassem carga sobre si, ainda que fosse para levar lenha à casa de seus amos. Que lhes dessem cavalos ou carretas. A pena a ser paga seria dobrada, caso fossem carregados para tirar erva de Mbaracayú. Apenas poderiam carregar água para o serviço de suas casas se os *pueblos* estivessem nas margens de rios. Encarregou os governadores que exigissem o cumprimento especialmente

⁴³ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 202. XXIV – *Anua del año de 53 hasta todo de 54, pelo Padre Diego Francisco de Altamirano, Diciembre 31 de 1654.*

⁴⁴ De Misiones, hoje Argentina.

⁴⁵ Das reduções de San Joseph (de Ycaroig), Santos Ángeles (de Taruaty), la Encarnación e San Pedro y San Pablo, compostos de 1.400 famílias (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 353 e 363).

⁴⁶ *Ibidem*, p. 353 e 357.

⁴⁷ *El beneficio de la hierba fue grande, siendo sus minerales los que abastecían únicamente al comercio y que su transporte fue a los principios por el río y después por tierra por el nuevo camino que se abrió; bien que nunca se abandonó la navegación, aunque infestada de enemigos temibles. Salían del puerto de la Villa flotas de 30 y aun de 50 balsas, las cuales refrescaban de víveres en el puerto de Coqué. Eran los enemigos corsários, los payaguás, los guaycurús, guaicurutis; guanans, guajarapos, los ibitiraguasbitiruzus y otros, naciones confederadas que componían escuadras de 80, 90 y 100 canoas con que hostilizaron la misma Asunción (Ib., p. 359).*

em Santiago de Xerez, Ciudad Real e Villa Rica⁴⁸. Também proibiu que índias fossem tiradas de suas reduções sem seus maridos e que os homens, quando prestando serviço voluntário no transporte, passassem além da próxima cidade de espanhóis⁴⁹. Ordenou que o governador das *Provincias del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*, ou o alcaide ordinário, fosse a cada pueblo depois da colheita, quantificasse e pusesse *padron de tassa los Indios*, de dezoito a cinquenta anos⁵⁰. Cada índio de taxa pagava seis *pesos* correntes ao ano em moeda da terra ao *encomendero*⁵¹. Os índios dessas províncias que serviam *mita* pessoal recebiam de diária um real e meio ou o salário mensal quatro *pesos* e meio quando trabalhavam em estâncias. Para remar em balsas de Asunción a Guayrá, seis *pesos*; e a mesma quantia nos trechos de Corrientes a Santa Fé ou daí a Buenos Aires; de Asunción a Corrientes recebiam menos, quatro *pesos*⁵². Pelos dias de ida e volta ao local de embarque ou desembarque era paga meia jornada. Os índios infieis, se reduzidos voluntariamente, não podiam ser *encomendados* e ficavam livres do pagamento de taxa por dez anos⁵³.

Em 1695, Felipe IV, também mandou que os vice-reis proibissem que os índios levassem sobre si cargas pelos caminhos⁵⁴. Alguns trechos das ordenanças de Juan Ramirez de Velasco⁵⁵, *governador y capitan general y justiçia mayor en estas provinçias del Rio de la Plata y Paraguay*, do final do século XVI, esclarecem normas que foram estabelecidas para os ervais e comportamentos creditados aos *encomenderos*. Havia, claro, a disposição de atender reivindicações dos jesuítas, que começavam a “conquista espiritual”. Porém, nas ordenanças não se escondia o interesse em organizar o pagamento de *mitas*. Foi ordenado que os índios *encomendados* servissem nas fazendas, criações ou outros trabalhos apenas quatro dias de cada semana (de segunda a quinta-feira); que nas sextas e sábados cuidassem de suas chácaras e roças em terras designadas pelos *encomenderos*, suficientes para a sementeira de três anos; aos domingos e dias de festa somente ouviriam missa e a doutrina cristã; que os caciques, suas mulheres e filhos deveriam permanecer isentos de qualquer trabalho; que nenhum índio ou índia fosse açoitado ou colocado em prisão pelos *encomenderos*; que seus delitos fossem julgados pela *Justiçia Mayor de la Çiudad donde fuere vezino* e castigado de

⁴⁸ **Recopilacion de las Leyes de las Indias**, Livro VI, Título XVII, *De los Indios de Tucuman, Paraguay, y Rio de la Plata*. Ley IV.

⁴⁹ *Ibidem*, Ley VI.

⁵⁰ *Ib.*, Ley VIII.

⁵¹ *Ib.*, Ley VII.

⁵² *Ib.*, Ley XII.

⁵³ *Ib.*, Ley III.

⁵⁴ **Recopilacion...**, *op. cit.*, Livro III, Título III, *De los Virreyes y Presidentes*. Ley LXIII.

⁵⁵ ANA-SH, v.12, f.51 (cont.), 7, ene, 1597. Actas Capitulares del Cabildo de Asunción del Paraguay.

acordo com a gravidade do caso. Justifica-se a transcrição de alguns trechos dessa ordenança por ser muito citada, porém, com diferentes interpretações.

22.– *Yten horden y mando que ninguna persona vezino soldado ni mercader ni otra qualquier que sea saque desta governaçion para otra parte yndios sino fuere con liçençia de la Justiçia Mayor de la Çibdad de donde oviere de salir pues por no aver avido en esto orden se ve claro la gran perdiçion y desminuydiçion que ha avido en estas provinçias en los dichos naturales y para que en esto haya la horden que conviene mandaba y mando que todos los yndios que salieren desta governaçion se registren ante la dicha Justiçia Mayor o Alcaldes de Sacas que para ello sean nonbrados los quales por ante el Escrivano de Cabildo manden que se les page el trabajo a los dichos yndios tasandosele conforme al viaje que uvieren de haçer y la distançia de leguas que uviere en el camino y que esta paga sea en ropa de lienço o sayal o pellejos de los que se usan en esta tierra para que se vistan y cubran sus carnes y las de sus mugeres e hijos y no en otras cosas como se acostunbra que a ellos no les es de ningun provecho y las personas que sacaren los dichos yndios den fianças legas, llanas y abonadas de que dentro del termino que se les señalare bolveran los dichos yndios y los presentaran ante la dicha Justiçia Mayor o testimonio autoriçado descrivano de su muerte para cuyo efeto el Escrivano de Cabildo tenga en su poder un libro en que asiente que yndios salen y buelven y en todo aya cuenta y raçon so pena al encomendero de perdimiento de los yndios y a los mercaderes y demas personas a doçientos pesos por cada yndio que sacaren sin la dicha horden aplicados segun dicho es.*

23.– *Por quanto soy ynformado que los dichos encomenderos desde que se poblaron las çiudades desta governaçion que a muchos años han tenido de costunbre y al presente usan para el sustento de sus personas e familias tener en sus casas molinillos de mano en los quales a fuerça de yndios muelen trigo para haçer pan de cuyo trabajo ha redundado muncha perdida de naturales demas de ser en gran deserviçio de Dios Nuestro Señor y contra la que Su Magestad tiene hordenado y mandado por sus çedulas y hordenanças reales çerca del buen tratamiento de los yndios naturales atento a lo qual y porque de aqui adelante çese semejante deshorden horden y mando que los dichos vezinos encomenderos dentro de seys meses primero siguientes que corran y se cuenten desde la publicaçion destas hordenanças en adelante hagan en las çida [f. 55v.] des donde huvieren molinos de agua o viento, batahonas con cavallos para poder moler e haçer sus harinas so pena que si se averiguare que alguno dellos pasado el dicho termino muele en los dichos molinillos de mano cayga e yncurra en perdimiento de yndios y queden vacos y en cabeça de Su Magestad para los encomendar en personas benemeritas y ansimismo ningun morador ni otra persona sea osado a moler ni mandar moler en los dichos molinillos de mano despues del [Borroneado: tienpo] referido so pena de perdido el dicho molinillo y el trigo o mayz que en el molieren aplicado para los dichos yndios y que se proçedera contra su persona y bienes por todo rigor de justiçia.*

36.– *Y porque en esta governaçion se an vistos munchas veçes tocar armas de yndios en las çiudades della y no aver vezinos que suban a cavallo por estar desaperçebidos y no tener curiosidad en sustentar ninguno para las ocasiones que se ofreçieren del real serviçio ordeno y mando que todos los vezinos encomenderos desta dicha governaçion cada uno tenga tres cavallos uno atado de regoçijo en la Çibdad donde biviere y dos de guerra en alguna ysla o parte çercana de adonde con façilidad los pueda traer conviniendo y lo guarden y cunplan so pena de dies pesos aplicados camara de Su Magestad juez y denunciador.*

42.– *Yten porque suy ynformado que en algunos pueblos de yndios desta governaçion donde se haçe lienço despues de aver el lunes repartido [Entre renglones: a] las [Testado: quatro son] yndias hilanderas a cada una quatro onças de algodón para que hile en los quatro dias que estan señalados para que travajen algunas dellas no pueden acabar su tarea y se ocupan tuda la semana en hilar el quarto y luego lo entriegan atento a lo qual declaro no yncurrir el encomendero en pena alguna antes se le da liçençia para que las tales yndias que no pudieren acabar las quatro onças de hilado dentro del dichotermino travajen toda la*

semana hasta lo entregar con tal que por esta ocupacion no dejen de acudir a la doctrina cristiana como esta hordenado.

46.– Y porque conoçidamente se ve el daño que recebe la tierra en conprar fiado de los mercaderes ordeno y mando que de aquí adelante ningun mercader sea osado a dar fiada ningura haçienda a ningun vezino estante ni abitante en esta governaçion sino que lo que vendieren sea de contado porque desta manera los preçios no seran tan eçesivos y cada uno conprara segun la haçienda tuviere y no se enpeñara en mas de aquello que pudiere pagar con aperçibimiento que se les hace que no se mandara pagar por justiçia lo que ansi fiaren demas de que yncurran en çinquenta pesos de pena por cada vez que lo contrario hiçieren aplicados por terçias partes camara real juez y denunçiador y mando a mis lugares tinientes tengan gran cuydado en que se cunpla y guarde lo aquí contenido so la dicha pena⁵⁶.

A erva foi uma das produções que, na América, os espanhóis aprenderam com os índios, como aconteceu com o chocolate⁵⁷. No México, o chocolate foi bem aceito desde o início e foi introduzido na Espanha. A oposição ao consumo de erva foi forte. Alguns espanhóis a consideravam um vício inútil, que de modo algum deveria ser estendido “para a gente mais importante”. As circunstâncias acabaram vencendo a oposição⁵⁸. O procurador Alonso de La Madrid pediu ao governador Hernandarias, em fevereiro de 1596, que fosse cobrado imposto *perpetuo* sobre o benefício de erva, *por los grandes daños que tracia el uso de la bebida, para que ni en público ni en secreto continuasse o vicio*. Argumentou que os índios contraíam muitas doenças, pela contínua exposição ao calor do fogo durante os benefícios e por carregarem *mboroviré* por duas ou quatro léguas que separavam os ranchos dos embarcadouros. Alguns *encomenderos* reclamaram que índios de suas *encomiendas* estavam trabalhando nos benefícios de outros. Alegou que erva e tabaco eram vendidos pelos comerciantes nas praças das cidades aos moradores e soldados, que se endividavam, pagando em açúcar e vinho ou vendendo suas armas, cavalos e roupas. Afirmou que, no vício de tomar *la hierba*, os espanhóis, suas mulheres e filhos, excediam aos índios. Que as rodas para tomá-la não eram *outra cosa que conversaciones de furia infernal contra las vidas, honras y famas de los prójimos con grandes desvergüenzas que se siguen de tales juntas*. Que poucos eram os que não a tomavam *y tanta la fuerza y raiz que tiene y ha hecho el vicio, que como si no fuesen cristianos, no lo han querido dejar por muchas excomuniones y penas*.

Hernandarias apoiou as ordenanças de Velasco e, em dezembro de 1598, mandou que ninguém fosse ou enviasse índios a fazer erva em nenhuma parte onde ela existisse, nem a trouxessem, nem comercializassem, sob pena de perda da erva, *que se ha de quemar en la*

⁵⁶ Grifo do autor da dissertação.

⁵⁷ Nos tempos de Domingo de Irala foi dada erva aos índios como alimento durante os trabalhos.

⁵⁸ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 324.

*Plaza pública*⁵⁹. A mesma proibição fez em relação ao caraguatá⁶⁰. Antes da visita de Francisco de Alfaro, erva, tabaco e açúcar não podiam servir para pagar o tributo do índio ao *encomendero*. Uma arroba de tabaco passou a valer doze *pesos* (*huecos*) e a arroba de erva e a do algodão, seis *pesos* cada⁶¹. As ordenanças de Alfaro foram lidas em Asunción em outubro de 1611 e logo foram questionadas. Foi determinado que cada índio de *mita* pagasse 36 *reales de tributo, con los cuales a los precios que se les señalo en sus frutos de maíz, gallinas, porotos, algodón, caraguatá y madre de mecha, pagaba a su encomendero si no queria servirle los dos meses en el año*. Mesmo quando quisessem ir fazer erva, proibiu que fosse entre dezembro e março, *por ser tiempo enfermizo*⁶². Reservou aos *pueblos* antigos uma légua e meia de propriedade de terras⁶³. Aos demais *pueblos* ou reduções que se fizessem reservou o dobro de propriedade de terras: *dos leguas para las chácaras y tres para los ganados*⁶⁴. Aos carios, por estarem entre os espanhóis e por não haver terras disponíveis ali, foram dadas em outras partes⁶⁵.

Resta responder por que os ervais da província de Xerez, os imensamente produtivos ervais dos *llanos del Yaguari* (ou do planalto de Mbaracayú) não foram beneficiados na época colonial? A explicação não é tão simples. Alguns fatores concorreram para imbricar nessa situação. Primeiro, os *ñuarás*, que pagavam *mita* aos espanhóis, não tinham experiência e conhecimento para produzir o *mboroviré*. Não era uma tarefa que se aprendia com facilidade e tornou-se uma prática predominantemente de guaranis. Porém, isto só não explica por que Ruy Díaz de Guzmán não teve interesse em produzir e comercializar erva, se isso foi verdade. Em segundo lugar, a logística dessa época inviabilizou beneficiar ervais nessa distância. Havia ervais mais próximos do rio Jejuí e, posteriormente, de Curuguaty. Por outro lado,

⁵⁹ *Y el que se metiere y quisete meter en la ciudad, como se prenda incurra en cien pesos de multa para gastos de guerra y denunciador. Y en la misma pena incurra cualquiera persona que la comprare y vendiere y a más serán castigados gravemente como inobedientes a la justicia real y como procuradores de ofensas de Dios y del Rey y del bien público. Y cualquiera persona, de cualquiera estado y condición que sea que beba hierba en público o en secreto, incurra por la primera vez en 10 pesos de multa y en 15 días de cárcel e en delante sean castigados con graves penas (Ibidem, p. 324-326).*

⁶⁰ *Ib.*, p. 315.

⁶¹ *Ib.*, p. 334.

⁶² *Ib.*, p. 317-318.

⁶³ Ita, Yaguarón, los Altos e Tobati.

⁶⁴ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 320.

⁶⁵ *Los españoles mercedarios de todos los contornos de la Asunción litigaban como partes linderas [...], pero no se les completo su adjudicación. Y [...] se quedarón los más sin la superficie que se les asignó. Muy al contrario sucedió en los pueblos distantes. Tampoco los españoles previeron llegaría día que querrían sus tierras y así njho contradijeron las Mercedes reales que daban a los nuevos pueblos de todos los campos, montes y linderos que usufructuaban en la gentilidad [...]. La reunión de los pueblos era también conveniencia de los españoles porque, sobre dejar más tierras, nunca se les aumentaba en el reunido la determinada legua y media. Circunstancia que debió tener presente el visitador, pues no podía ignorar que la reunión se pretendía aún por la Iglesia (Ibidem, p. 320-321).*

segundo exaustivos relatos, havia escassez de trabalhadores *inteligentes en el beneficio de la hierba*⁶⁶ e não de ervais. Só no fim do período colonial começaram a ser explorados os ervais de cima da serra, mais próximos de Concepción.

2.2 OS TERRITÓRIOS ERVATEIROS DAS MISSÕES

*En la Provincia de Guayra en particular, tienen los padres de la Compañia onze residencias muy pobladas de indios que con solo el evangelio redujeron a nuestra sancta fee Y los tienen a todos en la puliça chistiana que esta dicho, estos se avian huido a los montes rios y pantanos huyendo de los Portugueses de S. Pablo que an llevado mas de 30 U cautivos y los venden en el Brasil para los ingenios de açucar. Y tambien se retiravan de los veçinos de la Villa rica y Guayra porque los españoles an destruydo y consumido a muchos llevandolos a las saca de la yerba a maracayu adonde an muerto muchissimos sin sacramento y estos mismos españoles y encomenderos, parte de los quales son Portugueses, no solo no los an defendido de lo de S. Pablo, Pero les consienten entrar y cautivar los índios por rescates que les traen Y dejan passar a muchos al Piru que vienen por S. Pablo Y el mayor riesgo que tienen aquellos índios que passan de 40 U personas viendo las tiranias de los españoles tienen de alçarse Y volverse a sus idolatrias*⁶⁷.

Os jesuítas chegaram ao Brasil no ano da fundação da Companhia de Jesus, apesar da Ordem de San Ignacio ter sido aprovada pelo Papa Paulo III seis anos depois⁶⁸. Don Francisco Vitória, bispo de Tucumán, pediu ao padre Nóbrega em 1585 a colaboração de alguns missionários, embora também os tivesse requisitado do Peru. A união das Coroas facilitou a decisão do visitador Cristóvão de Gouveia, que designou os padres Leonardo Armínio, como superior, Manoel Ortega, português, João Saloni, catalão, Tomás Filds, irlandês, e Estêvão de Grã para apostolarem no Paraguai. Foram presenteados pelo governador da Bahia com escravos e 150 mil *pesos* em artigos diversos, além do que receberam dos governadores do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Na embocadura do rio da Prata, os dois navios em que viajavam, carregados de mercadorias, foram saqueados pelo corsário Robert Wittrigton. No entanto, os jesuítas conseguiram alcançar o porto de Buenos Aires, onde souberam que já estavam em Tucumán dois padres da Companhia, Francisco Angulo e Alonso Barzana, procedentes do Peru. Foram recebidos festivamente em Asunción em 1588. Padre Saloni ficou nessa cidade. Padre Manoel Ortega, conhecedor da língua geral,

⁶⁶ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 323.

⁶⁷ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, *op. cit.*, p. 373. LII – *Copia de la Rasones que hay para que el Real Consejo se sirva mandar con graves penas que todos los Indios que se conviertieren por el Evangelio en el distrito de la audiencias del Peru y Rio de la Plata, Paraguay, se pongan en cabeza de S. M.* (Pe. Diogo De Torres Bollo).

⁶⁸ Os jesuítas chegaram ao Brasil em 1534, no mesmo ano da fundação da ordem religiosa por estudantes da Universidade de Paris, entre eles Ignacio de Loyola. A *Orden de San Ignacio* foi aprovada pelo Papa Paulo III em 1540.

foi para Guayrá e predicou em Ciudad Real e Villa Rica, entre 1588 e 1604, frequentando Santiago de Xerez. Padre Filds reivindicou que se entregasse a Missão ao Brasil, alegando a facilidade de comunicação em face às difíceis e demoradas com o Peru. Padre Armínio foi para Santa Fe. Em 1594, Ruy Díaz de Guzman, *theniente de governador y justicia mayor* em Santiago de Xerez, doou um terreno para o colégio dos padres jesuítas em Villa Rica del Espirtu Santo. Dois anos após, também o governador Juan Ramirez de Velasco fez a doação de 18 *yanaconas* à casa e igreja da companhia de Jesus nessa vila.

O padre-geral Cláudio Aquaviva ordenou em 1607 a fundação da *Provincia Jesuítica del Paraguay*, independente do Peru. Padre Diego de Torres Bollo⁶⁹ foi seu primeiro provincial. Compreendia os territórios do Paraguai, Rio da Prata e Tucumán, as três províncias com bispos e governadores reais. Independentes entre si, eram subordinadas, no entanto, ao arcebispo de Chuquisaca, ou cidade de la Plata, na província de Charcas. No governo civil e político, as três províncias pertenciam à audiência real da cidade de Chuquisaca para todas as apelações e recursos concedidos pelo direito e leis espanholas. Enquanto, no militar e governo superior, dependiam do vice-rei do Peru, com sede em Lima, a 300 léguas de Chuquisaca e a mais de 900 do Paraguai. Posteriormente, essa província jesuítica compreendeu as províncias de Guayrá, do Paraná, do Uruguai, de Itatin e do Paraguai⁷⁰.

Hernando Arias de Saavedra solicitou ao provincial, em 1609, que enviasse alguns religiosos às províncias de Guayrá, para reduzir os *carios*. O capitão Antonio de Añasco, *teniente general de gobernador y justicia mayor en las provincias del Paraguay*, mandou que o capitão Pedro García ou outro qualquer *justicia de Guayrá* não saíssem, nem enviassem a fazer malocas, diárias, nem estrada alguma na província de Iparanapané; porque estava concedida sua redução aos jesuítas José Cataldino e Simon Mazeta. Mandou que os atendessem com a ajuda necessária e não permitissem que nenhum soldado ou vizinho fossem inquietá-los *con achaques de que van por la mita*⁷¹. No ano seguinte, os padres saíram de Asunción para Villa Rica. Segundo Francisco Xarque, seguiram pelos rios *Parapiné, Pirapo, Tagua y Tibagiba*, em cuja comarca havia 23 *pueblos de gentiles*, além de inumeráveis infiéis espalhados pelas matas⁷². Estes índios mantinham contato com os espanhóis que percorriam aqueles lugares. Para catequizá-los era necessário *persuadir à los Indios à dexar sus antiguas*

⁶⁹ “*Es un antiencomendero convencido*” (MELIÀ, Bartomeu. **El Guaraní Conquistado...**, *op. cit.*, p. 205). Em uma Instrução, o padre Provincial escreveu que *la reducción es un lugar de protección contra la encomienda y cualquier forma de esclavitud*.

⁷⁰ Esta última com apenas a redução de San Ignacio del Paraguay.

⁷¹ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 153.

⁷² XARQUE, Francisco. **Insignes Misioneros...**, *op. cit.*, Livro I, p. 29.

*rancherías, mudar de domicilio, campos, y sementeras, y marchar à otro sitio: este reparo es poderoso, fuerte, y eficaz, no solo para la gente nueva, sino aun para las mas disciplinadas con los institutos de la Ley Evangelica*⁷³. Com apoio dos caciques⁷⁴, fundaram quatro povoações em Ipaumbusú: Pirapó, Miguel, Roquillo e Itabaracú⁷⁵. Com a população desses quatro *pueblos*, fundaram dois novos: San Ignacio, Nuestra Señora de Loreto⁷⁶. Em seguida vieram os padres Martin Xavier, que logo faleceu, e Antonio Ruiz de Montoya⁷⁷, que, em 1620, foi nomeado superior das reduções do Guayrá. A disputa entre jesuítas e *encomenderos* já estava desenhada antes da chegada de Montoya. Francisco de Alfaro publicou suas ordenanças contra o serviço pessoal dos índios, em 1611, apoiado plenamente pelos jesuítas. Os vizinhos de Asunción, revoltados contra os jesuítas, negaram as acostumadas esmolos⁷⁸. A cédula real de 10 de outubro de 1618, aprovou 85 ordenanças feitas pelo ouvidor da real audiência de Lima⁷⁹. Francisco de Alfaro também propôs dividir as Missões do Paraguai entre os religiosos da Companhia de Jesus e os de São Francisco. Estes não pretendiam abandonar as Missões dos índios *paraná*s, mas concordavam em deixar para os jesuítas as do alto Paraná. Propuseram entregar Jerez-Ñu em troca do Paraná. O provincial Diego de Torres, entretanto, não concordou⁸⁰.

Depois de tentar por dois anos reduzir os guaicurús, os padres Roque González e Vicente Grifi desistiram em 1612. Para substituir esse trabalho, os padres Vicente Grifi, Francisco de San Martín e Baltasar Señá foram até Jejuí, atendendo pedido de Hernando Arias de Saavedra, e fundaram as reduções de Guarambaré e Piticú (Ipané)⁸¹, junto às povoações que já existiam desde o início da conquista. No ano seguinte, o ouvidor de la Plata, Diego de Alfaro, filho de Francisco de Alfaro, propôs ao rei da Espanha dividir a província do Paraguai em duas: para Buenos Aires, ficariam as cidades de Santa Maria, Santa Fe e Cordoba del Tucumán; para o governo do Paraguai, pertenceriam as cidades de Vera (Corrientes), Asunción, Xerez e Guayrá, além de Villa Rica. Concepción del Bermejo poderia pertencer a qualquer dos dois governos⁸².

⁷³ *Ibidem*, p. 30.

⁷⁴ Como os conquistadores buscavam o apoio dos caciques amigos, também os jesuítas serviam-se dos caciques neófitos para entrar nas terras dos caciques infiéis.

⁷⁵ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 225-226.

⁷⁶ XARQUE, Francisco. **Insignes Misioneros...**, *op. cit.*, Livro I, p. 33.

⁷⁷ Nicolás Mastrilli Duran y Antonio Ruíz de Montoya *serán dignos herederos de la llama misional de Diego de Torres contra la yerba* (GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 51).

⁷⁸ MELIÀ, Bartomeu. **El Guaraní Conquistado...**, *op. cit.*, p. 220-234.

⁷⁹ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 397.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 239-240.

⁸¹ *Ib.*, p. 156-172.

⁸² *Ib.*, p. 237-238.

Hernando Arias de Saavedra, governador de Buenos Aires, quando entregou seu governo ao sucessor, disse que contara com os padres da Companhia de Jesus para fazer três doutrinas. Manifestou que a primeira destas reduções havia sido iniciada pelo frei Luis Bolaños, no Guayrá, com índios *tibajibas*. Fundou Nuestra Señora de Copacabana no rio Piquiri, no antigo sítio da primeira Villa Rica; a segunda, na margem oposta do rio Paraguai, com os guaicurus; a terceira, com índios *paraná*s, vizinha da primeira⁸³. Em maio de 1610, Hernandarias escreveu carta ao rei, informando a chegada de mais dezenove jesuítas. Comunicou que só para Guayrá pretendia enviar cinquenta, metade deles italianos, *por la buena prueba que han dado de muchos años á esta parte de su virtud y ejemplo*⁸⁴.

Em 1618, foi proibido que em Tucumán, Rio da Prata e Paraguay fossem feitas *encomiendas* de serviço pessoal, ainda que fosse a título de *yanacunas*⁸⁵. No mesmo ano foi permitido que os índios pudessem conchavar com os espanhóis, por dias, ou por anos⁸⁶. Hernandarias permitiu, expresamente, *que voluntários puedan concertarle para bogar balsas por el Rio de la Plata*⁸⁷. Proibiu, no entanto, que índios do Paraguai, ainda que voluntários, pudessem ir à província de Mbaracayú para fazer erva nos tempos do ano que fossem danosos a sua saúde, *pena de cien azotes al Indio, que fuere, y de cien pesos al Español, que le llevare, ó enviare, y de privacion de oficio á la Justicia, que lo consentiré*. No restante do ano, os índios poderiam ir aos benefícios.

Os jesuítas fundaram suas reduções em Guayrá contando com a criação de gado, contrapondo-se aos *encomenderos*, que se sustentavam com o benefício de erva. Foi porque os *encomenderos* de Villa Rica e Ciudad Real levassem índios de Guayrá para fazer erva em Mbaracayú que motivou, no tempo das reduções de Guayrá, grave disputa com os jesuítas, que não aceitavam que os índios fossem trabalhar em outra região. Argumentaram que não havia mais índios em cem léguas, de uma e outra banda do Paraná, porque tinham sido consumidos no trabalho dos ervais⁸⁸. Acrescentavam que eles se sustentavam com frutas silvestres e comiam *arañas, gusanos, i culebras que haze lastima el contarlos*; que cada índio trabalhava *dos o tres años por fuerza fuera de su casa sin premio ninguno, y quando mucho le dan dos baras de lienzo a cada uno*.

⁸³ *Ib.*, p. 174-175.

⁸⁴ *Ib.*, p. 175.

⁸⁵ **Recopilacion de las Leyes de las Indias**, Livro VI, Título XVII, *De los Indios de Tucuman, Paraguay, y Rio de la Plata*. Ley primera.

⁸⁶ *Ibidem*, Ley II.

⁸⁷ *Ib.*, Ley III.

⁸⁸ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, *op. cit.*, p. 215- 216. XXXVIII – *Carta ânua do P. Nicolás Mastrillo Durán em que dá conta do estado das reduções da Provincia do Paraguai durante os anos de 1626 e 1627*. 12 Nov. 1628.

O padre Antonio Ruiz de Montoya destacou que os espanhóis levavam para fazer erva em Mbaracayú, além de guaranis, também *gualachos* das reduções de Angeles de Tayaoba⁸⁹ e de Nuestra Señora de Guañanos⁹⁰ (apesar de ter ervais silvestres na redução de Jesús Maria⁹¹). No entanto, os jesuítas conseguiram trazer de volta esses índios para a redução de Angeles⁹², *pues el hacer yerba en Maracayu nunca puede ser sin pecado, per accidens inseparable, porque de fuerça se an de seguir muertes desatradas sin confesion, hambre ordinaria, agravios infinitos, que para decirlos era necessário hacer historia*, acusou o padre e explicou que, nesse tempo, por causa das proibições de beneficiar erva, *si hacian yerba en Maracayu era a escondidas y nunca hasta el gobernador presente entro sexto de yerba en Paraguay publicamente, porque la confiscaban toda y se tubo cuidado siempre por via de las justicias de visitar los puertos lejanos de la ciudad en donde a escondidas se desembarcaban*⁹³.

Os índios da redução de Concepción de los Gualachos⁹⁴, conforme descrição de Montoya tinham feiticeiros que consultavam o oráculo com *un calabazo de yerba*. Esses

⁸⁹ [...] *los que llebaban los españoles eran al pie de quinientos, destes sacados veinte, los demas todos mostraron mui corto animo por que estan mas diestros en hacer yerba en Maracayu que en tirar flechas (Ibidem, p. 282 . XL – Carta Annuá del Guayra por el Pe. Antonio Ruiz, del año de 1628).*

⁹⁰ *Los Chiquis jentilidad de Gualachos, que estan entre los rios del Pequíri e el yguaçu, [...] tuvimos novas que del Uruguay venian la viruelas y los Chequis las tenian y ya empesaban en estos campos y principalmente en la hermita de nuestra Señora de Copacabana (Ib., p. 282-293. XL – Carta Annuá del Guayra por el Pe. Antonio Ruiz, del año de 1628).*

⁹¹ *Corrio la fama del amor con que les trataban que luego se mudaron los gualachos del lugar donde solian estar haciendo sus casas y pueblo junto a los yerbales del tayaoba... (Ib., p. . XLVIII – Situacion de la reduccion de los Angeles enadose ella y los Indios que se han convertido por la predicacion evangélica en los años de 1629 y 1630 (Pe. Antonio Ruiz de Montoya).*

⁹² *Volvio agora el Pe. con sus hijos a haçer el pueblo, adonde se juntaron muchos por ser apetecible aquel puesto y tener alli el yerbal cosa tan deseada de los yndios, y ser aquel puesto muy sano, alla se an ya recogido algunos de los que quedaron de S. Pablo, y los demas yran despues, que aora andan esparcidos por causa de la hambre tan universal que ay en toda esta tierra causada por causa destes Portugueses que no han dejado trabajar a los yndios con sus inquietudes y maldades (Ib.).*

⁹³ *Ib., p. 282-293. XL – Carta Annuá del Guayra por el Pe. Antonio Ruiz, del año de 1628.*

⁹⁴ [...] *son estos yndios de estatatura alta y por la mayor parte blancos, viven en pueblecitos, cada cacique de por si, los quales ordinariamente tienen hasta çien vasallos, las casas son redondas a manera de hornos, duermen en el suelo sobre paja cubiertos con unas mantas grandes que hacen de malvas, el fuego tienen al medio de la casa y todos se acuestan a la redonda los pies haçia el fuego, los yndios andan vestidos en el pueblo, pero yendo a caçar van desnudos, las yndias aun desde niñas andan vestidas y ninguna se vera sin vestido aun en sus casas, traen dos vestidos de faldelin [...] pequeño que les cubre desde los pechos asta las rodillas y con este trabajan, y sobre este suelen traer quando salen de casa y van a la yglesia una manta grande que los cubre desde los hombres hasta los pies, esta les sirve tambien para traer el niño que lo traen en las espaldas [...]. Luego que muere alguno no lo entierran, sino le haçen un lecho en alto y le cubren muy bien con paja, y alli lo dejan para que se sequen y le suelen llevar chicha, todo el tiempo que esta alli y le van a viçitar a menudo y ver si ha secado, y en este mismo tiempo todos los dias el tiempo que el sol sale y se pone haçen los de su casa un llanto muy solemne, en el qual suelen sacar y mostrar en publico las cosas que an quedado del difunto con que se aumenta mas el llanto, y quando el cuerpo esta ya seco [...] le pegan fuego. Son estos yndios muy guerreros, assi unos con otros, como con las naciones vezinas principalmente con los guaranis, de que tienen aun muchos captivos [...]. No invento el enemigo del genero humano estas borracheras solamente para que se maltratassen tanto, pero en ellas tiene el maligno aun mayor ganancia no solo con los pecados desonestos que cometen, pero en las continuas desasperaciones que suçeden ahorcandose ellos mismos por qualquier*

gualachos viviam em três *pueblos*, que deviam ter no máximo 40 famílias, entre as matas próximas do rio Iguaçu, na margem do rio Uruguai e próximo de suas cabeceiras. Eram índios *monteses* de língua diferente do guarani, *aunque no muy dificultosa a los que saben la guarani*. Todas as mulheres andavam vestidas com mantas que faziam com urtiga⁹⁵.

As reduções de Itapúa, Corpus, Acaray, Iguazú, Yguapoa e Santa Ana faziam parte da província do Paraná. Nesse tempo, os limites dessa província começavam trinta léguas adiante dessa redução, a partir de Ciudad Real e do rio Piquiri⁹⁶. Os índios das duas últimas passaram para a redução de Itati⁹⁷, por ordem de Hernando Arias de Saavedra. Esta redução, depois, pertenceu à jurisdição de Corrientes. A redução de Acaray, na margem direita do rio Paraná, quase em frente à antiga Ontiveros, na barra do rio Iguaçu, ocupou situação estratégica no caminho para a 2ª *provincia del Guayrá*, como a chamavam os jesuítas⁹⁸. Daí para cima, até os saltos de Guayrá, não se navegava o rio Paraná⁹⁹.

Em princípios de agosto de 1628, saíram de S. Paulo quase novecentos portugueses armados, acompanhados de dois mil e duzentos índios, entre eles os dois juízes da vila, dois vereadores, o procurador do Conselho, Amador Bueno da Ribeira, o ouvidor da vila, o capitão e o juiz da vila de Sant'Ana de Paranahyba, ficando em S. Paulo apenas 25 homens que pudessem tomar em armas. Toda essa gente foi dividida em quatro companhias. Antônio Raposo Tavares foi declarado *Capitão mayor da Companhia*. Foram capitães das outras companhias Pedro Vaz de Barros, Brás Esteves Leme e André Fernandes. Manuel Preto foi por mestre de campo de todas estas companhias. A bandeira de Raposo Tavares tomou os

disgusto que ayan tenido y asi si los moços no estan con cuidado, luego los borrachos suelen quitar al arco la cuerda e meterse al monte, y colgarse de um albol [...]. Pero tienen una cosa singular que al que les castiga le reconocen como a superior y les respetan mas y le regalan y cobran amor, cosa que si la experiencia no lo ubiera enseñado no se podía creer (Ib., p. 345-351. XLVIII – Situacion de la reduccion de los Angeles enadose ella y los Indios que se han convertido por la predicacion evangélica en los años de 1629 y 1630 (Pe. Antonio Ruiz de Montoya).

⁹⁵ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Tape...**, op. cit., p. 50-51. VI – Carta Anua das Missões do Paraná e do Uruguai, relativa ao ano de 1633, pelo padre Pedro Romero. Urtiga brava era um nome que davam à planta de algodão nativa.

⁹⁶ *Quatro leguas se navegan por el Paraná desde la reduccion de Iguazu, hasta de la Natividad de Nuestra Señora de la Acaray. [...] Corre esta provincia 300 léguas até confinar com o Brasil na villa de S. Pablo, tem de largura grande número de léguas ainda não se sabe ao certo, mas por levante la cercan la sierra del Brasil y por el poniente el Rio Paraná por donde se camina para ella (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, op. cit., p. 203-209).*

⁹⁷ Itati foi uma missão fundada por franciscanos em 1615, na margem esquerda do Paraná, quase na confluência com o rio Paraguai.

⁹⁸ *[...] bolbiendo a consolarme por todos las reducciones suso de las del Paraná, me fui a visitar la Provincia del Uruguay que es la tercera de los indios que llamamos del Paraguay (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, op. cit., p. 220-221).*

⁹⁹ *Ibidem*, p. 210-213.

campos de Iguazu¹⁰⁰. O relato dos padres Simón Mazeta e Justo Mansilla esclarece que alguns dos mamelucos conheciam e tomavam *tereré*, pelo menos no início do século XVII. Também foi testemunho que se fazia erva naquele tempo em Guayrá.

Quando as bandeiras de S. Paulo vieram para destruir as reduções de Guayrá, em 1628, não causaram surpresa. Há muitos anos que eles faziam sucessivos ataques, arrastando indígenas para serem vendidos aos engenhos de açúcar ou para trabalharem a seu serviço. O procurador Bartolome de Torales solicitou que os guaranis das reduções de Nuestra Señora de Loreto e de San Ignacio, que eram de índios *encomendados* dos vizinhos da Ciudad Real del Guayra, fossem para as proximidades dela, em lugar seguro, porque era certo que os portugueses atacariam essas duas reduções¹⁰¹. Em resposta, o padre Antonio Ruiz¹⁰² argumentou que, apesar do mestre de campo *capitan* Garcia Moreno ter indicado o rio de Ycatu ou o de Yatimi, nenhum deles era seguro, porque naqueles dias haviam tentado passar pela ermida de Nuestra Señora, que estava no mesmo rio, a mais de dois dias do caminho, e podiam chegar com toda facilidade à Ciudad Real e ao Salto Grande. Nesse mesmo ano André Fernandes havia chegado ao porto de Mbaracayú¹⁰³ e nos anos passados Manuel Preto também havia estado nos saltos de Guayrá. Luis de Céspedes y Xeria passou por Nuestra Señora de Loreto em setembro desse ano e foi recebido pelo padre Diego de Salazar, da Companhia de Jesus, que lhe enviou uma balsa e três canoas. Esta redução também ocupava posição estratégica nos caminhos que cruzavam Guayrá.

Até 1624 havia apenas duas reduções em Guayrá e uma população de apenas 150 almas nas duas principais povoações espanholas¹⁰⁴. Em volta desses povoados, havia alguns

¹⁰⁰ Antônio Pedroso foi citado neste documento como capitão de vanguarda da bandeira de Antônio Raposo Tavares. Assim que chegou à *aldea de la Encarnacion en el ñatingui*, foi ao bosque fazer erva com um grupo de índios cristãos dessa aldeia, que beberam *despues de molida en polvos con agua tibia, o fria* (*Ib.*, p. 311-312. XLVI – *Relacion de los agravios que hicieron algunos vecinos y moradores de la villa de S. Pablo de Piratininga de la Capitanía de S. Vicente del estado del Brasil saqueando las Aldeas de los Padres de la Compañía de Jesus en la mision de Guaira y Campos del yguazu en la gobernacion del Paraguay con grandissimo nenosprecio del santo evangelio en el Año de 1629*).

¹⁰¹ *Ib.*, p. 363-369. LI – *Autos sobre el retiro de las reducciones del guayra y requerimientos hechos, 1631*.

¹⁰² *Sabendo los vecinos de Guayra de çiudad real los desýgnios de los Portugueses y el evidente peligro em que estaban las dichas reducciones de loreto y san Ignacio les pareçio buena occasion para sus intentos y fines que eram sacar a los índios de sus tierras y traerlos no a parte segura sino cerca de si para poder de grado o de fuerça aprovecharse de ellos como de esclavos en la saca de la yerba y otras cosas y venderllos a los mesmos Portugueses como lo suelen hazer otras vezes* (*Ib.*, p. 363-369 e 381).

¹⁰³ *Ib.*, p. 363-369.

¹⁰⁴ *Certifico a los Señores oficiales Reales asi del Puerto de Buenos Ayres como de la villa imperial de Potosi que las siete Reduccion de yndios que los Padres de la Compañía de Jhs tienen en estas provnyncias del Paraguay y de que son curas las han hecho los dichos padres con su solicitud yndustria y travaxos y con autoridad y aprovacion de los gobernadores passados y mia. Combiene a saver la Reducion de los guaycurus, dos leguas desta ziudad; en la Provincia de Guayra dos, una de Nuestra Señora de loreto y otra de Sant Ignacio; en la Provincia del Parana tres, una de San Ignacio y otra de la Encarnacion, y otra de Corpus Christi; en el Uruay, una de nuestra Señora de la Concepcion...* (*Ib.*, p. 181-182. XXXV – *Testimonio de la*

postos ou presídios¹⁰⁵: Itacurú, Santa Ana, Ytupé, Tambo de Hierro, Cañáningurá¹⁰⁶, Taubici¹⁰⁷. Quatro anos depois, a Companhia de Jesus tinha na província de Guayrá oito reduções¹⁰⁸: N. S. de Loreto del Pirapó (1610); S. Ignacio de Ipaumbusú (1610); S. Francisco Xavier (1622), às margens do Ybytirembetá, afluente do médio Tibagi; S. José (1625), em Tucuti; Encarnación de Tayati¹⁰⁹ (1625), terra do cacique Pindobiyu, dispendo a entrada de Caiyú¹¹⁰; S. Pablo de Yaguacua (1626), em Yñeayguazú. Em 1622, o governador Manuel de Frías tinha autorizado aos jesuítas fundar duas reduções em Tayaobá, expandindo o território de Guayrá¹¹¹: Siete Arcángeles de Tayaobá (1627), na esquerda do Corumbataí, terra do cacique Gohe, e Concepción (1627), na margem esquerda do Piquiri, ambas fundadas entre *los lanceros guañanas*¹¹². Estes índios, apesar de manterem intenso comércio com os espanhóis de Villa Rica e Ciudad Real, não falavam guarani¹¹³. Além destas, foram fundadas ainda outras cinco: San Pedro, nas cabeceiras do Corumbataí; San Miguel, a mais oriental de todas, no rio Ibianguí; San Antonio (1627), na margem direita do *Guibaí* ou Ibiticoí, estas duas últimas, nos campos do Iguazu¹¹⁴; Santo Thomé (1628), no Barimbatay, afluente do Corumbataí, e Jesús Maria (1630), também na província dos *tayaobás*, jurisdição do cacique Guiraverá, na margem esquerda do Tibagi. Na figura abaixo (FIG. 24) estão mostradas as províncias de Guayrá, Jerez-Ñu, Itatin e Mbaracayú, com as respectivas povoações no século XVII.

Aprobacion que hizo el Señor Manuel de Frias Governador del Paraguay, de siete Reduciones fundadas en la Provincia del Paraguay, y Guayrá a 15 de Março de 1624).

¹⁰⁵ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 464.

¹⁰⁶ CARDOZO, Ramón Indalecio. **La Antigua...**, *op. cit.*, p. 97-98.

¹⁰⁷ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 195-197.

¹⁰⁸ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, *op. cit.*, p. 213. XXXIX – *Testemunho sobre três reduções existentes nas províncias de Villa Rica, dado pelo escrivão Juan Baptista Troche, 21 de novembro de 1628.*

¹⁰⁹ Ou Ibatinguy, ou ainda Ñatingui.

¹¹⁰ XARQUE, Francisco. **Insignes Missioneros...**, *op. cit.*, Livro II, p. 136-140.

¹¹¹ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 351-353.

¹¹² XARQUE, Francisco. **Insignes Missioneros...**, *op. cit.*, Livro II, p. 145.

¹¹³ *Ibidem*, p. 142-148.

¹¹⁴ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 458.



FIG. 24. Itatin (1537-1668); Guayrá (1540-1632); Jerez-Ñu (1580-1632). Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

Os jesuítas reclamavam da oposição dos espanhóis a suas interpelações para impedir que os índios fossem ao benefício *de la yerba del Paraguay* no Mbaracayú. Os padres Joseph Cataldino e Christoval de Mendiola, religiosos da Companhia de Jesus, eram curas e doutrinantes dos índios das reduções do rio Paranapanema, *terminos e jurisdicción de la Ciudad Real del Guayrá*. Quando comunicaram aos guaranis de S. Ignacio del Ipaumbusú as provisões reais despachadas pela *Real Audiencia de la ciudad de la Plata*, feitas por Francisco de Alfaro, obtiveram um contundente pronunciamento de um cacique, em guarani¹¹⁵. Os termos coincidem com a pregação dos jesuítas contra os espanhóis. Chama a atenção, no entanto, a afirmação do cacique de que eram principalmente *boyas* (vassalos) que iam fazer erva, mostrando que essa diferença social (eventualmente étnica) existiu nos *pueblos de indios*. Padre Montoya, em 1630, invocando a condição de ser testemunha, por vinte anos, do sacrifício dos índios, defendeu que nenhum índio devia ser enviado de nenhuma maneira, em nenhum tempo, em nenhuma condição a Mbaracayú¹¹⁶.

¹¹⁵ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, *op. cit.*, p. 354 a 356. XLIX - *Resposta que deram os índios às provisões reais em que manda que não sirvam os índios das Reduções mais que dois meses como S. M. manda e não sejam levados a Maracayu na estação doentia. 25 de agosto de 1630.* Este texto foi traduzido do espanhol na íntegra pelo autor e está em anexo, no final desta dissertação.

¹¹⁶ *Maracayu y su enfernal yerba, la qual ha sido la destrucción de los Indios [...] porque huyendo de aquella diabolica servidumbre se volviam a sus tierras y otros se an metido por los montes entre gentiles (Ibidem, p. 357 e 360-361).*

O padre Juan Agustín de Contreras, cura da redução de Nuestra Señora de Loreto, no rio Pirapó, testemunhou, nesse mesmo ano, que *el capitán Don Rodrigo, teniente y cacique mayor del dicho pueblo*, em companhia dos alcaides e demais caciques, pediu a interferência da audiência real ou do rei para que proibisse que os índios de Guayrá fossem levados a Mbaracayú. Para estorvar que estes índios voltassem de lá, o governador Luis de Céspedes y Xeria tinha posto guardas no caminho, com ordem de que os devolvessem à Mbaracayú¹¹⁷. O padre Francisco Díaz Taño, no mesmo ano, também afirmou que viu o tenente Saavedra vir, acompanhado dos vizinhos de Guayrá, armados com arcabuzes e caixa de guerra, postos em ordem de guerra, prender os alcaides e capitulares para que lhes entregassem os índios que haviam voltado.

O padre Francisco Vásquez Trujillo, provincial da Companhia de Jesus na província do Paraguai, em carta ao rei, datada de Villa Rica, em fevereiro de 1631, acusou o governador do Paraguai, Céspedes y Xeria, de obrigar os índios de Guayrá a *la saca de la hierba de Mbaracayú*¹¹⁸. Essa carta foi acompanhada por depoimentos dos padres Montoya, Pablo de Benevides, Simon Mazeta, Luis Ernote e Justo Mansilla. O depoimento de Montoya foi de final de abril, quando já haviam sido destruídas seis reduções: San Miguel, San Antonio, Jesús Maria, Encarnación, San Francisco Javier e San José¹¹⁹. Quando o padre provincial veio visitar e saber da situação das reduções de Guayrá, resolveu, pela “impossibilidade de defesa contra numeroso exército de S. Paulo”, retirar toda a gente do Paranapanema e persuadir os índios da necessária fuga¹²⁰. Desceram até o rio Piquiri e, dali, para o Paraná. Encontraram os espanhóis de Villa Rica e Ciudad Real no Salto Grande. Estes aproveitaram a ocasião para cativar mais de 2.000 pessoas. Chegaram em local vizinho das doutrinas do rio Uruguai com 12.000 pessoas¹²¹, formando três novas reduções¹²².

Das reduções que foram fundadas pelos religiosos da Companhia de Jesus em Guayrá, apenas duas não foram destruídas pelos portugueses, Nuestra Señora de Loreto e de S. Ignacio, obrigando aos índios que não caíram cativos a se retirar para essas reduções. Vendo que os outros habitantes de Ciudad Real tinham se retirado, resolveram fazer o mesmo, descendo o rio Paraná até o Salto Grande, em embarcações que tinham preparado, e dali foram caminhando pelo margem do rio até onde se podia navegar novamente; e dali em canoas viajaram e *se poblaron junto a las otras reducciones que la Compañía tenia hechas en*

¹¹⁷ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 431.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 456-457.

¹¹⁹ *Ib.*, p. 457.

¹²⁰ XARQUE, Francisco. **Insignes Misioneros...**, *op. cit.*, Livro I, p. 72-73.

¹²¹ *Ibidem*, Livro I, p. 77.

¹²² PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 484.

el mismo rio para que todas juntas se pudiesen defender. Pela mesma causa se retiraram ao rio Uruguai todas as reduções do Tape. Garavaglia¹²³ avaliou o número de cativos levados pelos mamelucos entre 33 mil e 50 mil. Por outro lado, considerou que as transmigrações foram responsáveis pela diminuição de igual número. Ele calculou que a população entre Asunción e Xerez foi reduzida de 100.000 para a metade, desde o período de contato até a última invasão, e a de Guayrá ainda mais: de 160.000 almas para menos de 60.000. O censo de 1647 estimou o gentio guarani das Missões em 28.714 almas¹²⁴.

Após os portugueses atacarem Guayrá, o padre Diego Ferrer¹²⁵ foi para Xerez, no lugar de Montoya, que ficou ocupado com a mudança dos índios do Pirapó para *las Reduciones al Salto abajo*. Chegou a Xerez com o padre Mateo Fernandez. Lá recebeu requerimento dos vizinhos da cidade para reduzir a província de Itatin. Recebendo este documento, o padre Montoya enviou o padre Justo Mansilla¹²⁶ para ajudá-lo, encontrando-o em Araquay¹²⁷. O padre logo voltou a Guayrá para buscar mais ajuda, em razão da esperança de uma *muy extendida Christandad*. Passou por Xerez, onde embarcou em uma balsa para o Salto Grande. Voltou em canoas com os padres Nicolás Henarcio e Ignacio Martinez. Em Araquay, sob responsabilidade do primeiro, juntaram mais de 300 índios. Em Ñaeumitang, do cacique principal Luís Tataguazú, ficou predicando o padre Ignacio Martinez e foram reduzidas 800 famílias. Em Ybu estava Ñanduabuçu¹²⁸. Em Taragüí, mais ao sul, foram reduzidas cerca de 500 famílias.

No mesmo ano de 1632, quinhentos portugueses vieram de S. Paulo, junto com tupis, organizados em três companhias. Uma desceu o rio Taquari, outra tomou o caminho de Guarambaré e, a menor de todas, somada aos índios de Diego Paracu, de Araquay, e junto com os espanhóis de Xerez, atacou os *pueblos* de Ñanduabuçu¹²⁹, usando de artifícios para

¹²³ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 161-170.

¹²⁴ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 199.

¹²⁵ O jesuíta holandês Diego Rançonier.

¹²⁶ O jesuíta também holandês Justus van Surk.

¹²⁷ *Que era el pueblo del Cacique Diego Paracu* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 34. VII – *Ánua do Padre Diego Ferrer para o Provincial sobre a Geografia e Etnografia dos Índigenas do Itatim, Itati, 21 de Agosto de 1633*). Yutay estava a quatro jornadas de Araquay e algumas jornadas mais dos *pueblos* de Ñanduabuçu (*Ibidem*, p. 40).

¹²⁸ Havia vários caciques com esse nome, sem se saber qual era o verdadeiro (*Ibidem*).

¹²⁹ *En 1632, despoblaron los portugueses la ciudad de Jerez, quitando a sus moradores los Indios de sus encomiendas que tenían a su servicio, y traíendo por guía a D. Diego de Orrego, que haciendo oficio de teniente en la dha. ciudad de Jerez se entro entre ellos cautivando y llevando consigo gran parte de sus moradores, y destruíeron cuatro pueblos, que avian començado a fundar los Padres Diego Ferrer, Justo Mansilla, Nicolás Henarcio, e Ignacio Martínez, que poco antes avian entrado a dar principio a la conversion de esta gentilidad, y al ultimo de los Padres referidos le afligieron y trabajaron sobremanera, teniendole tres dias preso sin darle de comer, porque con libertad les afeava, tan enormes desafueros* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 78-83. XVI – *Petição do Padre João Baptista Ferrufino ao Ouvidor Garabito para mudar os Indios Itatines Reduzidos para outro lugar, 1649*). Balthasar Pucheta, Procurador Geral de Asunción,

prender todos. Os portugueses, pela resistência dos índios e por temer socorro dos espanhóis de Asunción, dos *payaguás* e *gualachos* vizinhos, voltaram no dia seguinte, levando 1.000 almas pelos rios. Muitos deles foram presos pelo pescoço a correntes¹³⁰. Ao pedido do padre Nicolás Henarcio, os portugueses soltaram Ñanduabuçu, no entanto todos os *tupis* que fugiram dos portugueses foram mortos sem perdão pelos *itatines*. No dia seguinte apareceram índios a cavalo e acusaram os padres de terem trazido os portugueses, porque eles vieram pelo mesmo caminho que os padres usaram para vir do rio Paraná. O governador do Paraguai, avisado pelo padre Ignacio Martinez, despachou duas companhias de soldados para socorrê-los, mas chegaram tarde.

O padre Diego Ferrer apontou o lado favorável desse resultado. Os jesuítas conseguiram, depois de dez anos, juntar os índios no rio Paraguai, ganharam a comunicação pelo rio e fizeram um acordo com os *payaguás*, abrindo a possibilidade de evangelizar do outro lado do rio¹³¹. Na Carta Ânua para o provincial, de 1633, esse padre fez uma lúcida interpretação da topografia de Itatin. Escreveu que, entre os dois rios Paraná e Paraguai, corria uma cordilheira de norte a sul; que os rios que saíam dela e corriam ao nascente entravam no Paraná e os que corriam até o poente entravam no Paraguai; que todas as terras até o oriente eram altas e todas as do poente eram baixas.

De sorte que indo deste Itatin até o Paraná não se faz senão subir a cordilheira, mas não se baixa, sendo todas as terras, desde o cume da cordilheira para diante, quase iguais com o cume da cordilheira; do Paraná para aqui não se sobe a dita cordilheira, senão baixa-se, sendo todas estas terras baixas iguais com o pé da cordilheira. Daqui provém que todas as águas que entram no Paraná, como correm por terras altas, são claríssimas; mas as demais águas que entram no Paraguai, como passam por terras baixas, são turvas, principalmente pelos muitos alagadiços que existe nelas em tempo de águas, quando se espraíam os riachos que parecem mares por serem as terras tão baixas. Nosso Itatin tem, da parte do Oriente da dita cordilheira, a Poente tem o rio Paraguai, da parte do Norte tem o rio Mbotetey, que está coalhado de muitos *gualachos* lavradores [...] e ao Sul tem os povos que correm até Asunción. [...] *Itaati* quer dizer pedras com pontas, pelos muitos pedregais que há nela¹³².

Os *itatines* se consideravam uma nação intermediária entre tupis e guaranis, que chamavam *temiminos*. Eram hábeis em andar a cavalo. Homens e mulheres vestiam-se com

afirmou em 1637 que atacou quatro *pueblos*: Ñaeumitang (Los Angeles de Taruaty ou Ñacumitan), Araquay, Ybu (de Pedro Parando) e Taragüí (do monsenhor) (*Ibidem*, p. 49-60. VIII – *Peticion presentada ante el Governador del Paraguay por D. Balthasar Pucheta Procurador general de dha Ciudad por la que suplica que los Indios del Ytatin vuelvan a pagar tributo con su servicio personal. 10 de maio de 1637*). Los Angeles de Taruaty (Ñacumytan), San Joseph de Ycaroig, Encarnación e Apóstoles San Pedro e San Pablo.

¹³⁰ *Ib.*, p. 45. VII – *Ânuo do Padre Diego Ferrer para o Provincial sobre a Geografia e Etnografia dos Indígenas do Itatim, Itati, 21 de Agosto de 1633*.

¹³¹ *Ib.*, p. 29-49.

¹³² *Idem*. Tradução do autor da dissertação.

tecidos de algodão, com listras muito vistosas de várias cores. As mulheres faziam listras pelo corpo e o rosto, com ponta de agulha ou espinhos. Os *itatines* reconheciam a um cacique, que se chama Ñanduabuçu, como o principal de todos. Ele dizia que todos os guaranis até Asunción eram seus vassallos (e ainda os índios que estão mais adiante por cerca de 150 léguas). Preponderavam *pueblos* de cerca de cem famílias e alguns tinham duzentas ou mais¹³³. Em 1634, de novo os portugueses entraram por *el Bocaitybuçu*¹³⁴ e chegaram até Yatebo, *que era como el riñon de la Provinica de Itati*, levando os índios da nova povoação¹³⁵. Em Nuestra Señora de Fee de Taré foram reduzidas quinhentas pessoas, entre elas quatorze famílias da outra banda. Em 1646, o padre Ferrufino encontrou os duzentos índios de Caaguazú, *bárbaros, borrachos, pintados, cabelludos como mugeres, sobervios, desobedientes, con el mismo ser de los Chiriguanas, que de christianos ternian apenas el nombre*¹³⁶. Estes, depois de catequizados e instruídos, ajudaram os padres a reduzir outros trezentos¹³⁷. Ambas as reduções eram formadas por gentio infiel, reduzido de seus povoados e ranchos esparsos por muitas léguas¹³⁸.

Depois do ataque dos portugueses de S. Paulo, em 1647, foram retirados os remanescentes de Taré para o rio Mboymboy¹³⁹. O vice-rei ordenou dar armas a esses índios para se defenderem dos portugueses, porém, por *instancia y requerimientos del Señor Obispo Fray Bernardino de Cardenas y capitulares de Assumpcion*, aquelas armas não foram levadas. O risco de armar os *itatines* foi avaliado sob diversos aspectos, mesmo considerando a responsabilidade daqueles índios na defesa das fronteiras¹⁴⁰. Já não era mais o caso de armar os índios para que se defendessem, pois eram poucos em número e amedrontados. A experiência tinha mostrado que os espanhóis não chegavam a tempo para defendê-los. A província de Itatin estava quase despovoada e os poucos índios que sobraram ficaram retirados nos limites dela, distantes mais de cem léguas do passo por onde os portugueses

¹³³ *Id.*

¹³⁴ Provavelmente Ibutucatu ou Wotucatu, atual Botucatu.

¹³⁵ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 78.

¹³⁶ “Porque passando por suas terras o clérigo chamado Cerian, foi dando nome de cristãos aos que encontrava, e ainda que não soubesse a língua batizou alguns, que depois de examinados não tinham mais o nome de cristãos e todos os demais eram ynfielos, fora uns poucos que haviam fugido dos portugueses e seguido a seus padres desde o Guaira. A esses duzentos se juntaram mais trezentos que foram sendo buscados aos poucos, sobretudo velhos e doentes que vinham a cavalo, puchados pelas mãos” (*Ibidem*, p. 98-103. XVIII – *Testemunho do Padre Manuel Berthold sobre a História das Reduções do Itatim, 20 de março de 1652*).

¹³⁷ Para evitar incidentes com clérigos e espanhóis, os jesuítas não permitiam que índios *encomendados* frequentassem seus *pueblos* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 34).

¹³⁸ *Ibidem*, p. 76-78. XV – *Trecho da Carta Anua da Provincia do Paraguai dos Anos de 1645 e 1646 pelo Padre João Baptista Ferrufino, 1647*.

¹³⁹ *Ib.*, p. 78-83.

¹⁴⁰ *Ib.*, p. 70-72. XIII – *Advertências para a Defesa das Fronteiras do Paraguai pelos Índios das Missões do Itatim, 1645*.

entravam para a província de Santa Cruz de la Sierra, sendo impossível que impedissem a passagem deles. Os *itatines* passaram, com seus *pueblos*, a servir de *frontera y reparo* às vilas de Jejuí e Mbaracayú¹⁴¹.

Em 1648, outro ataque, ao posto de Mboymboy, onde estavam sendo recolhidos os índios de Taré, matou muitos deles. Fora a bandeira que esteve nesse lugar, outras duas vieram a Itatin nesse ano, uma de Raposo Tavares e outra de André Fernandes. Os portugueses continuaram a vir por Mbaracayú até Taré, pelo caminho que sempre usaram. Com isso os padres se viram obrigados a se retirar para o *pueblo* de Caaguazú, contrariando ordens do governador D. Diego de Escobar y Osorio, que mandou para socorrê-los quarenta homens, encontrando-os em Ipané, já abandonando a região, liderados por um clérigo.

Padre Manuel Berthod, quando chegou a Itatin, encontrou os padres Vicente Badia e Vicente Hernandez. Ele foi para Taré, que estava a nove jornadas de Caaguazú, *punte para pasar a la otra vanda del Paraguay a los chiriguanas y a otras naciones*. Primeiro, o padre Vicente Hernandez e, depois, os padres Domingo Muñoz e Christoval de Arenas, foram fundar essa redução. Em três anos, padeceram muito, até chegar padre Berthod. Dedicaram a redução a Nuestra Señora de Fee até o padre Berthod voltar para San Ignacio. Padre Pedro Romero ainda tentou, em 1645, fundar uma redução do outro lado do rio Paraguai, na província de Santa Bárbara. Partiu da redução de Nuestra Señora de Fee, mas acabou morto com seu companheiro, o irmão Matheo Fernandes, junto com um índio cristão.

Pouco depois, voltaram os portugueses de São Paulo, destruíram a redução de Nuestra Señora de Fee de Taré, que, por essa causa, se retirou a Mboymboy. Depois da primeira invasão, o padre Domingo Muñoz havia reunido nessa redução os índios fugidos e esparramados, além de alguns *guatós*. Morreu na volta, umas seis léguas de Mboymboy, nas mãos do padre Christoval de Arenas. Os mesmos portugueses voltaram a atacar a redução do padre Christoval de Arenas, prendendo e cativando sua gente. Quando padre Alonso Arias foi socorrer o padre Christoval, que estava preso, foi morto por tiros disparados pelos portugueses. Esta invasão foi a causa porque os índios que escaparam desse *pueblo* e os de Caaguazú se retiraram com os padres ao Ipané. Tendo notícia, o bispo Bernardino de Cardenas enviou ordem para que voltassem, como se fez¹⁴².

Com isso, voltaram a esparramar-se pelas matas, de sorte que, das famílias que foram deixadas pelo padre Berthod, restaram apenas trezentas: cento e cinquenta em Ipané e outras

¹⁴¹ *Ib.*, p. 78-83.

¹⁴² Com a morte do governador do Paraguai em 1649, Diego de Escobar Osório, o bispo Bernardino de Cárdenas assumiu o governo civil e militar da província, de fevereiro a outubro, e os jesuítas foram levados em canoas até *Corrientes*. Em 1650 foram restabelecidos em seu Colégio.

tantas em Aguaranamby, encontradas pelos padres Justo Mansilla e Bernabé de Bonilla, quando foram restituídos os ditos *pueblos* aos jesuítas¹⁴³. Com muito trabalho, conseguiram juntar até oitocentas famílias¹⁴⁴.

Em 1650 e 1651, o Paraguai estava superando um período de intensa agitação, pacificando-se depois do movimento *comunero* do frei Bernardino de Cárdenas. Gradualmente, iam se aquietando as paixões, reconciliando os habitantes, reintegrando à vida pública os proscritos. Os pleitos e atuações judiciais do bispo-governador e seus oponentes, os jesuítas, se arrastaram durante quase vinte anos. Os *infiéis* do Chaco e do norte, entretanto, não permaneceram quietos. Seus ataques foram constantes.

A audiência real de Chuquisaca, em 1650, mandou restituir os padres na posse das suas doutrinas¹⁴⁵. Os jesuítas fundaram um novo *pueblo* em Ipané, junto aos de Guarambaré e Ipané, com 150 famílias, outro, Aguaranamby, sete léguas mais ao norte de Urucuriti, também com 150 famílias, e ainda outro, em Pirapó, quatorze léguas dali. Os índios de Taré voltaram à sua antiga redução. Dois anos depois, segundo o padre Ferrufino, haviam reunido novamente cerca de 800 famílias, contando as duas reduções¹⁴⁶.

O provincial do Paraguai, padre Juan Pastor, solicitou ao ouvidor da *Real Audiencia de la Plata y Visitador General*, D. Andrés Garavito de León, em 1652, que os *itatines* de Taré voltassem para Aguaranamby ou para Urucuriti, mais próximo do rio Ipané¹⁴⁷. Logo, fez novo requerimento ao ouvidor para que o vice-rei do Peru declarasse os *itatines* por soldados¹⁴⁸ *en la frontera de el Brasil contra los Portugueses*¹⁴⁹. O padre Gabriel de Valencia, franciscano, guardião do convento de Córdoba, foi jesuíta por quinze anos. Em resposta a uma carta do vice-rei Conde de Alba de Aliste, de 1657, preocupado com a quantidade de armas compradas em Buenos Aires¹⁵⁰ pelas províncias jesuíticas do Paraná, do Uruguay e de Itatin, disse que o rei se enganava com a pobreza das reduções, pois “deveriam

¹⁴³ O bispo Bernardino de Cardenas foi para o Peru e o padre Pedro Nolasco ficou recluso em prisões; os bens da Companhia foram restituídos pelo governador Sebastian de Leon y Zarate.

¹⁴⁴ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 98-103.

¹⁴⁵ A audiência real de Charcas determinou que o bispo do Paraguai Bernardino de Cardenas não tirasse da Companhia de Jesus a posse das missões de Itatin (*Ibidem*, p. 72-75. XIV – *Resposta do Fiscal da Real Audiência de Charcas ao Procurador e ao Bispo do Paraguai e Resoluções de Sua Majestade para que se não tirem à Companhia de Jesus as Reduções do Itatin, 1645-1647*).

¹⁴⁶ *Ib.*, p. 78-83.

¹⁴⁷ *Ib.*, p. 106-109. XX – *Petição do padre Juan Pastor, Provincial do Paraguay, a Andres Garavito de Leon, para mudar as Reduções de Itaty e para que os Índios usem arma de fogo, acompanha a resposta, 1652*.

¹⁴⁸ *Guardieros*.

¹⁴⁹ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 109-111. XXI – *Requerimento do Provincial do Paraguay, Padre João Pastor, a D. André Garavito de Leon para que visite as reduções do Itatim, 1652*.

¹⁵⁰ 14.000 bocas de fogo, mosquetões, arcabuzes, além de 14 peças de artilharia média e armas brancas, repartidas pelas reduções.

ter alguma riqueza secreta para custear tão expressivos gastos”¹⁵¹. O padre anotou que as reduções de Itatin estavam no caminho que passava por Villa Rica¹⁵² e próximas a algumas doutrinas de clérigos. Relatou que os *payaguás* saíam pelo rio Paraguai e investiam contra as “frotas de erva”, *a cuya causa los españoles que la Baján caminan con cuidado y no dejan de suceder desgracias y no an faltado personas entendidas que an dho que alguna bes los Yndios de los Padres se an coligado con los Payaguas para estas façiones...* argumento com que não concordava.

Hase mas bivos los rreselos el aber los Padres abierto camino de aquellas rreduçiones a las que tienen en el Parana [...] porque este es facilitar el Poderçe dar las Manos, el engrosar el numero de las harmas de fuego, el pasar artilleria, el tener como sercada la Villa rrica e Yndios pocos de su distrito, y en aquellos Parajes la Mayor defensa es el no aver caminos y mas siendo extraviados y no conosidos del hespañol, [...] y lo que Ynduce mas sospecha es el aver yntrodusido aqui tambien las harmas de fuego tan fuera de nesesidad que apurado con animo leal el motibo no puede aver outro que el haserçe temer de los Yndios rredusidos en la doctrinas de clerigos y de los mismos españoles que trajinan, Porque de San Pablo Villa del brasil [...] no es Posible benir Maloca a estos Parajes [...] sin ser sentido el enemigo y haver de lidiar primero con los españoles y Yndios de los clerigos.

A preocupação dos espanhóis aumentou ao verem, nos últimos dois anos, entrar nas reduções *caballos, crias de yeguas y mulas, con garañones*. Padre Andrés de Rada propôs que o rei, ou o vice-rei em seu nome, repartisse as reduções do Paraná, Uruguai e Itatin, deixando uma parte para os jesuítas e outra se desse aos clérigos e frades de todas as religiões. Argumentou que existiam nessas três províncias muitos *criollos e lindos lenguaraces y muchos de mi horden de españa, mui selosos de qualquiera Empreça*. Em 1659, Itatin foi atacada por *mbayás* e *payaguás*¹⁵³. Nesse ano, durante o governo de Alonso Sarmiento de Figueroa Sotomayor (1659-1664) houve a rebelião de Arecayá. Em 1664, os *mbayás* atacaram mais uma vez as povoações de *costa arriba*. San Francisco de Atyrá foi a primeira a sofrer novo ataque, com muitas mortes, chegou a ser despovoada e seus habitantes mudaram para perto do rio Jejuí. Os habitantes de San Pedro de Ipané foram transmigrados depois para Tarumá. O governador Juan Diez de Andino (1664-1671) não teve recursos financeiros para

¹⁵¹ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, op. cit., p. 254-272. XXV – *Carta de Ynforme orginal de Pe. fr. Gabriel de Valençia, rreligioso de la horden de Nuestro Padre S. Francisco Guardian de su convento de Cordova que se rremitio al Sr. Virrey Conde de Alba, 8 de mayo de 1657.*

¹⁵² *Pueden acometer y destruyr la villa Rica por poderla cortar a un tiempo las rreduçiones del Paraná y de los Itatines y siendo como es pequena y la xente mui esparsida por los montes de la Yerva a distançias considerables es fasil su ynvaçion e desolaçion sin poderlo socorrer...*

¹⁵³ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, op. cit., p. 275-285. XXVIII – *Resposta ao pedido de informações feito pelo ouvidor da Real Audiência, D. Pedro de Roxas y Luna, ao padre André de Rada, visitador geral das Províncias do Paraguai e da Companhia de Jesus, 23 de Outubro de 1644.*

enfrentar essas circunstâncias¹⁵⁴. Com isso, os *mbayás* ocuparam as províncias de Itatin e Guarambaré, se fortalecendo com os cavalos e vacas que adquiriram. Tornaram-se senhores daquelas terras, gozando sua conquista¹⁵⁵.

Padre Diego Francisco de Altamirano explicou que Villa Rica, ainda que não fosse muito populosa, era o último rincão da província povoada por espanhóis, por isso era retiro de delinquentes que vinham de outras partes, fugindo de suas penas. Porém, a maior parte de seus moradores não se acolhia nela por delitos e, sim, levados pelo interesse pela erva do Paraguai. Entretanto, segundo ele, “o mau trato aos índios conchavados”¹⁵⁶ pelos *encomenderos* mudou para pagamento pontual, pela incansável doutrinação dos jesuítas. O cabildo secular de Asunción pediu que os *pueblos* de Caaguazú e Aguaranamby, que tinham sido da província de Itatin e que estavam localizados em Pirapó, distante dela muitas léguas, fossem removidos para cerca de vinte léguas daquela cidade¹⁵⁷. Da cidade de Asunción até Itatin, Taré e as serras de Ybytiriguas, andaram seis padres jesuítas em cinco balsas com 120 índios, 150 léguas, por linha reta, e pelas voltas do rio, muito mais, e por terra, desde o dia que saíram, foram acompanhados pelos guaicurus, *mbayás* e seus aliados, sem perdê-los de vista, passando pelos rios: Xexuy, Ipané, Pirai, Potii, até Taré, que foi ponto de passagem dos espanhóis¹⁵⁸. Os habitantes de Atyrá, Ipané e Guarambaré¹⁵⁹ se retiraram 25 léguas mais adiante, até Villa Rica, ao abrigo dos espanhóis, no entanto, o governador do Paraguai, Phelipe Rexe Gorbálán, mandou-os retirar no ano seguinte para 50 léguas mais ao sul, pondo-se ao meio entre Villa Rica e Asunción. O governador Rexe Gorbálán providenciou o estabelecimento definitivo de Atyrá em San Benito de los Yois em 1674. Em 1677, o governador uniu a povoação de Arecayá com a de los Altos.

Pela terceira vez, os portugueses invadiram, atacando desta vez os *pueblos* de Villa Rica. Em 1676, destruíram Terecañy e, sucessivamente, Ybyrapariyára, Mbaracayú e

¹⁵⁴ Quando os vales de Ytaibú e Yaguí já não serviam de defesa contra os *mbayás*, desmoronou-se o último refúgio estancieiro norteño, o governo de Asunción finalmente ordenou a mudança de Tobati para o lugar que hoje ocupa.

¹⁵⁵ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 374-376.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 210-211 e 214. XXIV – *Anua del año de 53 hasta todo de 54, pelo Padre Diego Francisco de Altamirano, Diciembre 31 de 1654.*

¹⁵⁷ *Ib.*, p. 288-289. XXX – *Carta informe del Cavildo secular de la Ciudad de Asuncion...*, 1667.

¹⁵⁸ *Ib.*, p. 303-310. XXXVI – *Dificuldades que al presente se ofrecen acerca del Viage de los PP. en balsas, por el Rio Paraguay arriba á los Itatines, y de alli al parage del pueblo nuevo de los Chiquitos, por el Pe. Pedro de Lascamburú, 27 de Junio de 1692.*

¹⁵⁹ Em 1682, o governador Andino instalou definitivamente as outras duas em local escolhido por seus habitantes. *El arroyo Surubí de Tapua fue margen de Arecayá, los otros parece estuvieron hacia el S.E. cinco leguas. Aquel pueblo lo unió Phelipe Rexe Gorbálán con el de los Altos el año de 1677; y Ipane y Guarambaré mandó el Rey en cédula de 25 de junio de 1679 se les señalase lugar a gusto de ellos en las inmediaciones de la ciudad para sus fundaciones. La obedeció el gobernador Andino en 6 de mayo de 1682 y a consecuencia se poblaron a donde hoy están, dando a los dueños de las tierras su compensativo en otra parte (Ib., p. 377).*

Candelaria. Os habitantes de Villa Rica abandonaram suas casas e se trasladaram para um antigo sítio do *pueblo* de Ipané, *costa abajo*. A bandeira atacou com pouco mais de cem mamelucos e cinquenta tupis, todos com armas de fogo, comandados por Francisco Xavier Pedroso. Subiram pelo rio Iguatemi e desceram pelo caminho real. Quando se soube em Asunción, o governador Phelipe Rexe Gorbalán, após ouvir o conselho de guerra, mandou uma armada com o governador anterior Diez de Andino, composta por quatrocentos espanhóis e muitos guaranis como auxiliares¹⁶⁰. Francisco Xavier Pedroso não seguiu até Asunción, nem chegou até Villa Rica. “Eles não voltaram a passar o rio Iगतimi”, assegurou Aguirre¹⁶¹.

Uma minuta de cédula real ao bispo do Paraguai, de 1676, revelou que existia premência em encontrar um lugar para a mudança dos *pueblos* de Ipané e Guarambaré. No mesmo documento foi proposto que se exigisse dos vizinhos de Villa Rica que voltassem a povoá-la¹⁶². Os *mbayás* quebraram a paz com os espanhóis em 1671. A mudança dos *pueblos* de Atyrá, Ipané e Guarambaré foi aprovada por cédula real em 1675. Em outro documento¹⁶³, o governador Phelipe Rexe Gorbalán reclamou ao rei que, apesar de ter pedido repetidas vezes ao vice-rei e *Audiencia de la Plata* para socorrer a província com *pólvora, bocas de fuego, 12 ó 14.000 pesos y alguna gente, por los recelos con que se hallaba de que volviesen los portugueses de San Pablo*, não tinha sido atendido. Comunicou que tinha mandado os mais de 200 vizinhos de Villa Rica del Espíritu Santo voltar a sítio antigo e que muitos disseram ser impossível, por sua pobreza e distância de Asunción. Pediram e foi concedido um local mais próximo, a trinta léguas, para que pudessem desafogar-se fazendo alguma erva, com o compromisso de preparar a volta.

O governador defendeu junto ao rei a conveniência de estabelecer fortes com soldados pagos e sugeriu que, para isso, poderia ser cobrado imposto da erva beneficiada, vício dos *criollos*¹⁶⁴. Ao mesmo tempo, reclamou do *perjuicio que ocasionan los doctrineros de la Compañía de Jesús, quitándole el comercio á esta ciudad, por la mucha hierba que bajan á las provincias del Río de la Plata, con pretexto del tributo que pagan los indios de sus doctrinas*. Essa reclamação resultou uma provisão que concedeu que baixassem apenas *12.000 arrobas de hierba todos los años, para pagar el tributo y otras necesidades, y que se*

¹⁶⁰ *Ib.*, p. 377-378.

¹⁶¹ *Ib.*, p. 378-379 e 382.

¹⁶² PASTELLS, Pablo. *Historia de la Compañía...*, *op. cit.*, v. 3, 1918, p. 125.

¹⁶³ *Ibidem*, v. 3, 1918, p. 127-128. *Carta del Gobernador del Paraguay, D. Phelipe Rexe Gorbalán, d S. M.*, de 4 de fevereiro de 1677.

¹⁶⁴ No texto em espanhol foi usado o termo *naturaes*. Para os indígenas o termo usado foi *originários*.

registrasen en las ciudades de las Corrientes y Santa Fe¹⁶⁵. Só no Paraguai se produzia erva, nesse tempo. Como os portugueses levaram *los indios que la beneficiaban*, os jesuítas ficaram *por dueños absolutos de este comercio*. Propôs que os padres fizessem apenas a quantidade de que necessitassem para seu consumo, *sin que se les permita la conduzcan á Santa Fe ni á las Corrientes; que para las demás necesidades se pueden valer de diferentes granjerias que llevan hechas y beneficiadas por industria de los Padres y trabajos de los indios, como son: cajas de cedro, escritorios, tabaco y lienzo de algodón y otras cosas con que suplir y excusar la necesidad de bajar la hierba*. Com isso, os guaranis ficariam à disposição da Coroa real, *porque así conviene para su conservación, y que podrán acudir por mitas y aplicar la tercera parte de ella al beneficio de la hierba*¹⁶⁶.

Mais tarde, Rexe Gorbálán propôs a suspensão do imposto sobre a erva. Acusou os jesuítas de que, *so color de que no les pagan los encomenderos, se valen del trabajo de los naturales y los ocupan en sus granjerias, usurpando el tiempo que habían de emplear en doctrinarles*. Observou que em algumas doutrinas havia alguns *criollos*, que eram ocupados em *cátedras, pulpitos y oficios de gobierno, y de esto nace el haber muchos criollos en su religión, que pudieran emplearse en las doctrinas*¹⁶⁷. A preocupação com armar os guaranis das reduções esteve em pauta nas comunicações feitas pelos jesuítas, principalmente depois do último ataque à província de Mbaracayú¹⁶⁸.

¹⁶⁵ *Ademas de que para que la del Paraguay tubiesse mucho despacho vino Zedula del Rey para que de estos 30 Pueblos no se vendiessem mas que 12 mil arrovas que tocan a solas 400 a cada Pueblo. Como antiguamente el tener avundancia de esta Yerva daba el ser a los Pueblos, los PP. curas pusieron mucho empeño en hacer grandes plantios de ella en las cercanias del Pueblo para librar a sus hijos en Xpo del trabajo de yr a los montes, algunos distantes 100 leguas a traerla y lo lograron los más. Y a estos les sobra mucho de este genero sin poder comprar con el la manutencion de sus hijos. Tabaco es poco el que se hace; digo su oja para fumar que no se usa outro (CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri a Conquista dos Sete Povos...**, op. cit., p. 39-51. VI - *Quadernillo que esta escrito por el P. Joseph Cardiel sobre si em el estado presente pueden dar limosnas los treinta pueblos de Indios del Paraná y Uruguay para las Misiones de Ynfielos fecho en 2 de Mayo de 1766*).*

¹⁶⁶ *Que de las 11 doctrinas que están á cargo de los Padres pertenecientes á este gobierno, se han separado cuatro, la Candelaria, San Cosme y San Damián, Santa Ana y San José, á la jurisdicción de Buenos Aires; que el pueblo de San Ignacio del Paraguay es el único de los de la Compañía cuyos indios están encomendados á los vecinos de la Asunción, con los de Tobati, Yaguarón, Los Altos, Atirá, Ypané y Guarambaré, que están á cargo de clérigos en lo espiritual, y los de Ita, Caazapa y Yuti de religiosos de San Francisco, y los indios que llaman originarios, que no están reducidos á pueblos; y sin éstos, vienen á sumar 20 doctrinas, que tendrán 8.000 tributos; que los de los indios que están á cargo de los Padres de la Compañía son de un peso, y los demás pagan á sus encomenderos en sesenta días de servicio, y los originarios en las chacras y casas de sus amos casi todo el año, porque sólo les dejan el sábado para acudir á las suyas, que puestos todos en la Real Corona se evitará lo mucho que padecen (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 3, 1918, p. 127-128. *Carta del Gobernador del Paraguay, D. Phelipe Rexe Gorbálán, d S. M., de 4 de fevereiro de 1677*).*

¹⁶⁷ *Y al presente hay bastantes sujetos en las provincias del Tucumán y Río de la Plata que puedan aplicarse al ministerio de la enseñanza de los indios, sin que necesiten por algunos años de traer religiosos (Ibidem, p. 131-135. *Carta del Gobernado del Paraguay, D. Phelipe Rexe Gorbálán, de 20 de outubro de 1677*).*

¹⁶⁸ *Dice que los portugueses de San Pablo del Brasil han asolado muchas y dilatadas naciones de indios en las provincias del Paraguay y Río de la Plata, llevándose pueblos enteros, en colleras de hierro, que pasan de centenares de millares; despoblaron ciudades de españoles como la de Jerez, el Tambo, Ciudad Real, Guaira y*

No se halló más remedio que buscar armas de fuego, industriando á los indios para defenderse con ellas; y se hizo con tanta destreza, que volviendo otra vez los de San Pablo, úeron rechazados con muerte de muchos [...]. Dieron últimamente en la Villa Rica del Espíritu Santo con igual motivo y destruyeron cuatro pueblos, esclavizando más de 4.000 indios, despoblándose la villa de españoles. Felipe IV, en cédula al Virrey del Perú, Marqués de Mancera, concedió á los indios licencia para usar de las armas; y por otras Cédulas á los Gobernadores del Paraguay y Buenos Aires en 1668, la Reina Gobernadora, con ocasión de haberse inmutado, por malos informes que tuvo el Consejo, el uso de las armas; confirmó y aprobó dicho uso. Noticiosos los de San Pablo que los indios carecían de ellas, se disponían á ir más de 900 con 4.000 tupés; para oponerse á ellos el Superior de la Compañía de aquellas reducciones las solicitó: el Gobernador del Paraguay no dio más que 225, y pidiéndoselas al Gobernador de Buenos Aires no pudo dar más de 100, como consta de sus informes: siendo evidente el peligro y la defensa de derecho natural y divino, y del servicio de S. M., pues conservan con ellas aquellas provincias en su dominio; las cuales, tomadas, tendrían los portugueses paso franco al Perú¹⁶⁹.

Quando os jesuítas organizaram as reduções como centros socioeconômicos, a economia da província se baseava em chácaras, estâncias e exploração dos ervais¹⁷⁰. Os jesuítas agregaram valor de venda com a diferenciação dos produtos comercializados, em especial da *caamiri*¹⁷¹. Os antigos *guayránis* relocaram-se sobre o rio Yabebiry, na margem

Villa Rica antigua; y pasando á las misiones del Tayaoba, Guaira, Pirapó, Pinares, La Sierra y el Tape, y los dilatados ríos del Paraná y Uruguay; lleváronse así los indios reducidos por los religiosos de la Compañía de Jesús, como los gentiles; y los que se resistían lo pagaban con la vida. Mataron también á dos religiosos de la Compañía (Ib., p. 267-268. Memorial de Cristóbal de Grijalba, de la Compañía de Jesús, Procurador general de la provincia del Paraguay, á S. M. 1679).

¹⁶⁹ *Idem.*

¹⁷⁰ *Mi bilis se agita cuantas veces leo en historias, diccionarios o diarios, que los Jesuítas se habían apropiado del monopolio de la yerba paraguaya. Toda Paracuaria es testigo que esto es la mentira más grosera e insolente. Así como cualesquiera puede tomar esta yerba, puede prepararla y venderla, también cualquiera. Durante el año los Españoles traen al mercado muchos miles de quintales sobre grandes naves a Corrientes, Santa Fé y Buenos Aires y desde ahí, en parte sobre carretas y en parte sobre mulares van a Tucumán, Perú y Chile sin que en esto un jesuíta fuera consultado o se opusiera o se arrogara algún derecho al respecto. Los Guaraníes, habitantes de treinta y dos localidades que se encontraban bajo nuestro cuidado, hacían y vendían la yerba Caá miri únicamente para los más nobles fines. Como la preparación de ésta es mucho más trabajosa, los Españoles que se dedicaban a la inferior Caá de palos, no se ocupan de ella. En general, la cantidad de yerba vendida por los Españoles en relación con la que venden los Guaraníes, está en una relación como una mano entera, con el dedo meñique. Por decretos reales se estableció para cada localidad de los Guaraníes, una cierta cantidad que puede vender. Los Españoles, en cambio, no han sido limitados en lo más mínimo a este respecto. En la mayoría de las localidades paracuarias no hay dinero alguno y por lo general la yerba lo sustituía. Con ella pagábamos al Rey el tributo de cabeza de los Guaraníes, ordenamos sus iglesias, que en ornato no ceden a ninguna, y procurábamos herramientas de hierro y todo cuanto necesitaban. Su número ascendía a cien mil en las treinta y dos localidades. Todas éstas debían ser provistas con lo necesario. ¡Cuánto gasto y preocupación no costaba esto a los Padres que tenían el cuidado de ello! Especialmente porque toda obra de hierro, y en general todo cuanto se importa desde Europa, viene a costar extremadamente caro en Paracuaria. También los procuradores de los colegios que trocaban el ganado y otros productos de sus estancias por yerba, a modo de dinero para adquirir a su vez otros utensilios. Usado así este trueque de mercancías, no pueden ser incluidos sin calumnia entre los comerciantes de yerba (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. De la yerba paraguaya, su origen, preparacion, comercio y usos).*

¹⁷¹ *El precio por 25 libras (una arroba) de esta yerba importa dos florines en las selvas, pero en la ciudad de Asunción cuatro florines de nuestra moneda a causa de los gastos de transporte. El doble llega a costar la Caá miri que se prepara por nuestros Guaraníes con mayor trabajo y mayor limpieza. Estos separan con cuidado los tallos y venas de las hojas y las desechan. Ellos tuestan también las hojas a un fuego lento y las machacan luego muy suavemente dentro de un mortero de madera teniendo a la vez mucho cuidado de no triturarlas demasiado.*

oriental do rio Paraná, nos *pueblos* de San Ignacio miri e Loreto, mantendo-se sempre homogêneos¹⁷². No final de 1677, estavam a cargo dos jesuítas do Paraguai as reduções de Nuestra Señora de Loreto, San Ignacio de Yabebiry, Nuestra Señora de Fee, Santiago Caaguazú, além de San Ignacio¹⁷³.

A primeira menção documental¹⁷⁴ de comércio de erva foi em 1567. Entre a fundação das povoações da província de Mbaracayú e essa data foram instalados os primeiros benefícios de erva¹⁷⁵. A produção dos jesuítas foi estendida aos poucos, em razão dos fatores mencionados. No entanto, o plantio de erva em muitas das reduções, a partir de 1660, abriu novas possibilidades, apesar de restrita à *tierra colorada*, exigência agroecológica da planta. Os benefícios foram estabelecidos, inicialmente, acima do porto de Mbaracayú e até as margens do rio Iguatemi. Por outro lado, pelo menos o *pueblo* de Mbaracayú, por ser cabeça dessas povoações, passou por uma *criollización* acentuada durante os quase 140 anos de sua existência, o que explica as citações das fontes que a consideraram vila de espanhóis no final do período. Os índios destas povoações, para seu sustento, também recorriam à fabricação, nos próprios portos de embarque¹⁷⁶, de canoas que desciam às vezes até Buenos Aires¹⁷⁷.

2.3 OS ERVAIS COLONIAIS E VILLA RICA

O presidente do cabildo de Asunción, Rodrigo de Rojas Aranda, escreveu ao governador do Rio da Prata, Andrés de Robles, contando como os portugueses e tupis de S. Paulo haviam saqueado a província de Mbaracayú em fevereiro de 1676 e tomado os *pueblos* de San Pedro de Terecañy, San Francisco de Ybyrapariyára, Nuestra Señora de la Candelaria e San Andrés de Mbaracayú. Levaram as famílias e índios desse distrito, *llamándolos negros de la tierra, para herrarlos y hacerlos esclavos*. Mbaracayú ficou subjugada, deserta e sem produção alguma. Em seu socorro foram despachados 400 soldados e 700 índios, a cargo de

Pues cuando más enteras quedan sus partes, tanto más tendrán su agradable olor y sabor (Ibidem. De la yerba paraguaya, su origen, preparación, comercio y usos).

¹⁷² SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 198-199.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 136.

¹⁷⁴ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 65.

¹⁷⁵ *A más de la hierba, el tabaco, el Dulce, el vino, el trigo, el aguardiente y otros reglones les suministraba la Asunción, que aunque fuesen de corta cantidad eran algunas ventajas para su subsistencia* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 321). *Sería como 11.000 arrobas el beneficio de aquel tiempo (Ibidem. p. 324).*

¹⁷⁶ MOLAS, Mariano Antonio. In: **La Revista...**, *op. cit.*, t. X, p. 52-69, 1866.

¹⁷⁷ *Socorren su pobreza aquellos Neophitos con otro medio, que es el de las Canoas, y balsas, que tiene el comun de cada Pueblo, por cuya quenta se hazen, y despachan para Santa Fe de la Vera Cruz, por el Rio Paraná, ò Buenos Ayres, las cargas de yerba (llamadas del Paraguay) que cogen yà en el territorio de sus Pueblos, de tabaco en hoja, de miel, y algunos otros frutos, y obras de sus oficinas* (XARQUE, Francisco. **Insignes Misioneros...**, *op. cit.*, Livro III, p. 306).

Juan Diez de Andino, governador anterior dessa província. Seus moradores já estavam padecendo extrema necessidade, desde a última noite do ano de 1671, pelo ataque de seus inimigos guaicurus e *mbayás y otros infieles fronterizos*, ainda que em trégua de paz, *con muerte y prisión de españoles y naturales, robo y saco de sus haciendas, estancias, ganados y chacras*. Pediu que os *tenientes y justicias* de San Juan de Vera de las Siete Corrientes e Santa Fe de la Vera Cruz facilitassem a compra de 2.000 cavalos e 6.000 cabeças de gado vacum e que o governador os socorresse com 400 carabinas ou escopetas, 400 pares de pistolas *á la caballería*, 500 espadas, 500 alfanjes, 300 arrobas de pólvora e 350 de munições¹⁷⁸. Nicolás del Techo, padre superior das Missões, acionou a junta de guerra, que participou ao Conde de Castellar, em carta de dezembro de 1676, que as vinte e duas reduções jesuíticas do Paraná e Uruguai corriam o mesmo perigo. Pediu para que enviasse soldados, armas e munições para ajudar na defesa¹⁷⁹.

Os sítios de Arecutaguá e Tobati, que foram oferecidos com alternativa para mudança de Villa Rica, já autorizados por cédulas despachadas pelo rei, não eram viáveis. Os índios dos *pueblos* de jurisdição dessa vila foram agregados pelos governadores ao de San Francisco de Atyrá e *encomendados* aos espanhóis de Asunción, contra o que dispunham as leis¹⁸⁰. Os *encomenderos* dessa vila pediram, então, que fossem restituídos ao antigo sítio todos os vizinhos e índios originários, dando-lhes as armas de fogo correspondentes a sua guarnição. Foram atendidos em 1705, por cédula de Madrid. Dez anos depois, foi fundada a vila de Curuguayty, na província de Mbaracayú.

A partir do deslocamento dos *encomenderos* para fora da área de produção e, principalmente, pelo total rearranjo da força de trabalho, as modificações foram radicais. Eles precisaram encarar o embate com os *caaiguás*, que nesse momento, ficaram soberanos na província de Mbaracayú. Os *encomenderos* perderam o ponto de apoio, de soberania, de trabalhadores e de logística, para continuar transportando o *mboroviré* pelo rio Jejuí. Quase a totalidade desse transporte para a nova posição de Villa Rica, 14 léguas abaixo, passou a ser

¹⁷⁸ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 3, 1918, p. 142-143. *Traslado del original del exhortatorio que el Cabildo de la ciudad de la Asunción, presidido por el Alférez Real Rodrigo de Rojas Aranda (por la prisión, ausencia e impedimento de su Gobernador, D. Phelipe Rexe Gorbalán), dirige al Maestre de campo D. Andrés de Robles, Gobernador del Río de la Plata*. 17 de janeiro de 1678; *Ibidem*, p. 177. *La Junta de Guerra de Indias á S. M.* 28 de julho de 1678; *Ib.*, p. 178. *Acordado del Consejo en vista de la relación hecha por el Relator Vallejo de las cartas del Virrey Conde de Castellar, con otras de diferentes Ministrosy los autos y papeles que se han juntado*. 28 de julho de 1678.

¹⁷⁹ *Suplicando, entre otras cosas, se sirviese S. M. socorrerla con 500 soldados pagados, algunas piezas de artillería y esmeriles y 1.200 bocas de fuego, las 1.000 de escopetas y carabinas, 500 pares de pistolas para la caballería, 200 arcabuces, 1.000 espadas y 1.000 alfanjes, espadines ó machetones (Ibidem, p. 178-180. Junta de Guerra de Indias*. 2 de agosto de 1678).

¹⁸⁰ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 322-323.

feito em mulas. Os jesuítas tinham uma redução na barra do Acaray e o cabildo de Asunción, sabendo que na barra do rio Monday, no Mbaeverá, havia uma povoação de índios *bárbaros* y *cristianos* que haviam deixado os *pueblos* existentes, sugeriram ao governador que solicitasse aos jesuítas outra redução e, caso eles se recusassem, mandasse que aqueles índios fossem *debelados*¹⁸¹. Phelipe Rexe Gorbalán rogou a Nicolás del Techo¹⁸², cinco meses depois, que encarregasse os jesuítas de cuidar desses índios e os demais que estavam em terras tão dilatadas, denominados *caaiguás*, e ofereceu a ajuda de que precisasse. O padre respondeu que não tinha sacerdotes suficientes naquela ocasião e declinou da incumbência.

Quando foi ordenado bispo do Paraguai, frei Faustino de las Casas suplicou que a Companhia de Jesus, no cumprimento da cédula real de 15 de novembro de 1676, concedesse licença para que religiosos fossem a estas e outras reduções. Disse que também nas matas da província do Paraná, os *caaiguás* pediram padres para que se fizessem *pueblos* e, alguns dias antes, os tupis estiveram em Caazapá, doutrina de franciscanos, para pedir o mesmo¹⁸³. Mais uma vez não foi atendido o pedido, o que reforçava a ideia de que os espanhóis tinham clareza da necessidade de mudança de estratégia. No entanto, reforçaram a pressão para que os antigos moradores de Villa Rica voltassem para Mbaracayú¹⁸⁴. O governador Phelipe Rexe Gorbalán soube antes, que os portugueses vinham para apresar índios das reduções. Sete espanhóis haviam chegado ao Paraguai, vindos do Brasil, *el principal de ellos natural de la antigua Jerez, de donde se pasó, siendo niño, con sus padres al Brasil*. Afirmaram que, para virem a Mbaracayú, saiu um exército de portugueses, divididos em várias bandeiras. O padre superior Cristóbal Altamirano solicitou ao governador de Buenos Aires socorro em armas e munição (*200 bocas de fuego y ocho quintales de pólvora*)¹⁸⁵.

Após a transmigração de Villa Rica, cresceram em importância os ervais de Caazapá e Yuti. Os jesuítas começaram a explorar os ervais próximos à redução de Acaray, expandindo a área, com o passar do tempo, em direção ao caminho real Asunción-Guayrá. Os ervais de Caremá, altamente estimados, e os de Mbaeverá (FIG. 25), defendidos pelos

¹⁸¹ PASTELLS, Pablo. *Historia de la Compañía...*, op. cit., v. 3, 1918, p. 137. *Auto proveído por el Gobernador D. Phelipe Rexe Gorbalán*, 4 de novembro de 1677.

¹⁸² *Ibidem*, p. 154-155. *Auto exhortatorio del Gobernador del Paraguay, D. Phelipe Rexe Gorbalán, al padre Nicolás del Techo, de la Compañía de Jesús, Rector del Colegio de la Asunción*. de 4 de novembro de 1677, 22 de março de 1678.

¹⁸³ *Ib.*, p. 158-159. *Informe que hace á S. M. el Obispo del Paraguay, Fray Faustino de las Casas*. de 4 de novembro de 1677, 31 de Março de 1678.

¹⁸⁴ *Que con asistencia del Gobernador de aquella provincia elija el paraje más á propósito, para la mudanza de los dos pueblos de indios de Ypané y Guarambaré; y que los doscientos y tantos vecinos de la Villa Rica que la desampararon, por huir de las invasiones de los portugueses; vuelvan á ella (Ib., p. 224. Copia de Real Cédula al Obispo del Paraguay*. 25 de julho de 1679).

¹⁸⁵ *Ib.*, p. 246-247. *Carta del P. Superior, Cristóbal Altamirano, al Sr. Gobernador de Buenos Aires, D. José de Garro*. 3 de novembro de 1679.

caaiguás, foram explorados também pelos religiosos. Para aproveitar seus ervais foi preciso *abatir árboles, tender puentes sobre los ríos, hacer caminos con fajinas a través de los esteros y aplanar algo los declives de los cerros*. Dobrizhoffer verificou, entretanto, que a relação entre ervateiros e índios caaiguás era tensa¹⁸⁶.

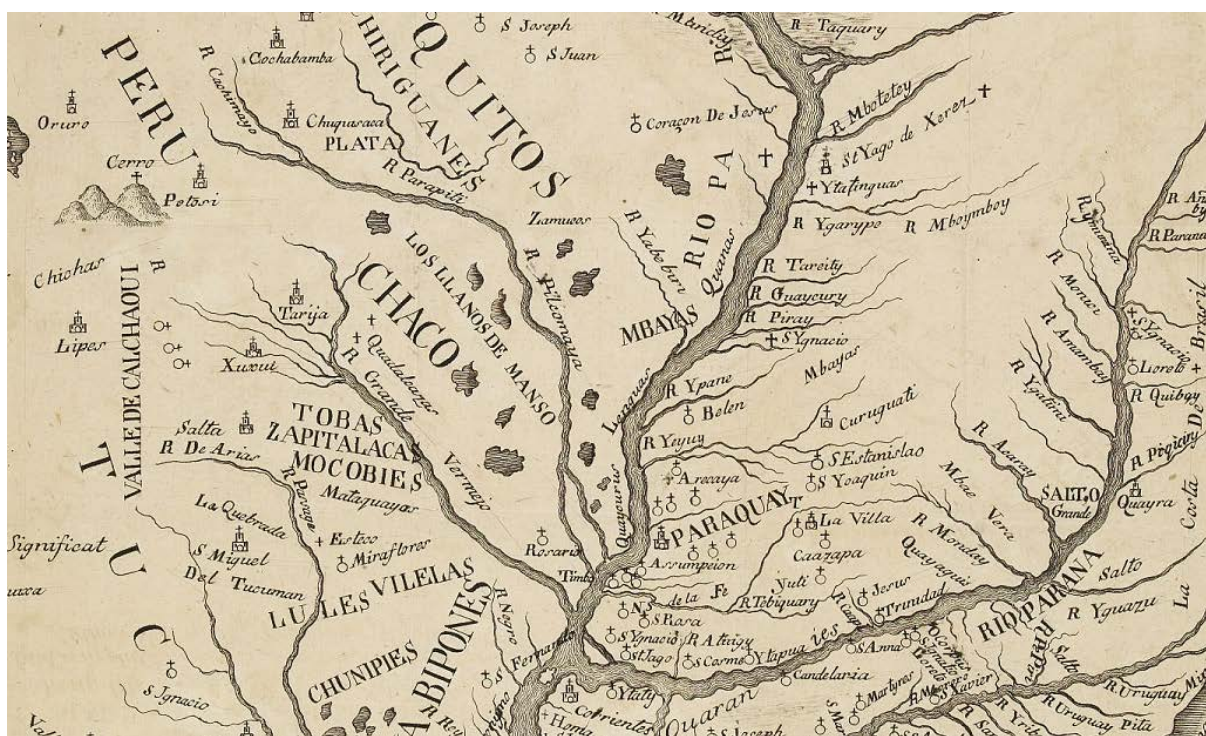


FIG. 25. Trecho do *Mappa Paraquariae*. DOBRIZHOFFER, Martin. *Historia de Abiponibus, equestri, bellicosaque Paraquariae natione*. Viennae: Josephi Nob. De Kurzbeke. v. II. 1784. Encarte.

Entre 1678 e 1682, as reduções aos cuidados da Companhia de Jesus do Paraná e Uruguai remetiam erva em balsas para Santa Fe de la Vera Cruz. O governador Juan Diez de Andino, no entanto, não via necessidade de obrigar-se que ditas balsas fossem fiscalizadas por Asunción¹⁸⁷. Em alguns casos, o testemunho de cargas despachadas foi datado de Córdoba¹⁸⁸. Com o distanciando dos ervais silvestres dos centros ervateiros, voltaram as denúncias dos jesuítas de abuso no transporte da erva pelos espanhóis¹⁸⁹. Eles suplicaram ao rei, em 1680,

¹⁸⁶ DOBRIZHOFFER, Martin. *Historia de los Abipones...*, op. cit., v. I. *Los nuevos pueblos de San Joaquín y San Estanislao, de indios Ytatinguas*.

¹⁸⁷ PASTELLS, Pablo. *Historia de la Compañía...*, op. cit., v. 3, 1918, p. 495. *Carta de D. Juan Diez de Andino, Gobernador del Paraguay, á S. M.*, 1º de outubro de 1682.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 489. *Testimonio legalizado de la hierba que há bajado de las doctrinas del cargo de la Compañía de Jesús del Paraná y Uruguay al puerto de la ciudad de Santa Fe de la Veracruz desde el año de 1678 hasta el de 1682*;

¹⁸⁹ *Dice S. M. que por parte de Tomás Dombidas, de la Compañía de Jesús, se le ha representado que los Gobernadores de esas provincias y las del Río de la Plata, obligan á los indios recién convertidos á beneficiar la hierba en distancia de 140 leguas, con grandísimo trabajo y falta de comida, con lo cual morían muchos y los que quedaban con vida estaban tan maltratados y enfermos, que no tenían salud ni eran de provecho para servicio alguno, por el mal tratamiento que les hacían los españoles; suplicándole les relevase de este trabajo; y*

que mandasse o governador do Paraguai desobrigar que índios *itatines* de Nuestra Señora de la Fe e Santiago atendessem a *los de la Asunción* e fossem à *mita en el beneficio de la hierba*¹⁹⁰. A situação havia mudado em todas as províncias do Paraguai. Depois de sete anos do primeiro governo, Juan Diez de Andino havia entregue as províncias a Phelipe Rexe Gorbaldán, em 1671, com muitas chácaras e estâncias povoadas, nas margens dos rios que havia entre os campos de Guarnapitán até os povoados de Tobati, San Benito, Los Altos e Villa Rica del Espiritu Santo, com os quatro *pueblos de naturales que hacían frontera á los infieles monteses y á los portugueses de San Pablo y Estados del Brasil*. Os moradores destas quatro povoações se dedicavam ao benefício da *hierba del Paraguay*, sustentando o comércio da província, obras públicas e funções militares¹⁹¹. Estavam em paz com os inimigos fronteiriços, *guaicurus, mbayás, payaguás y otros corsarios del río, retirados de él desde 1667, que los derrotó, en el territorio de frontera del presidio de Tobati*. Phelipe Rexe Gorbaldán receava que se repetissem nas províncias do Paraguai os danos causados pelos portugueses. Por isso, preveniu seu sucessor para que tomasse todo o cuidado na sua defesa¹⁹². Quando deixou o governo, remeteu cópia do auto da Junta de Fazenda, que liberou 6.000 *pesos* de oito para esse socorro, ordenando que se entregasse a seu sucessor para algumas prevenções na oposição aos inimigos¹⁹³.

Ao retomar o governo, dez anos depois, Juan Diez de Andino achou o rio Paraguai sem as canoas que o protegiam, sem meios de fazer outras, com as terras entre Itapua e Salinas despovoadas, muitas das chácaras e estâncias estavam abandonadas, por terem quebrado a paz com os *guaicurus* em 1672. Os embates feitos em 1674 e 1680 com o objetivo de defender a fronteira não obtiveram sucesso. Mandou então que os antigos interessados

así los gentiles que están á su vista se reducirán á la fe, de la cual se abstienen ahora, temerosos de lo mucho que ven padecer á los suyos: S. M. le encarga el buen tratamiento de los indios y de los recién convertidos á la fe. Y en cuanto á sacarlos para el beneficio de la hierba y otros efectos, cuando tenga órdenes y facultad para ello ó lo pidiere la necesidad pública los enviará á la más corta distancia posible, dándoles el aviamiento preciso y no de outra forma. Y le informará por qué razón, cuándo y para qué tiempo y com qué orden saca dichos indios para estos efectos, y qué cantidad les da para mantenerse. Por Cédula de esta fecha ordena lo mismo al Gobernador del Río de la Plata (Ib., p. 260-261. Real Cédula al Gobernador del Paraguay. 29 de noviembre de 1679).

¹⁹⁰ *Ib.*, p. 345-346. Memorial del P. Alonso Pantoja. 14 de dezembro de 1680.

¹⁹¹ *Y proveído el río para las vigias, correrias, el paso y lo que se ofreciese de 140 canoas que Su Señoría hizo á su costa, y un barco nombrado de Nuestra Señora de Guadalupe, que donó al puerto de Buenos Aires, y después otro, nombrado San José, para el dicho puerto, á costa de S. M. (Ib., p. 452-453. Testimonio de autos proveídos en la ciudad de la Asunción, por el Gobernador del Paraguay, D. Juan Diez de Andino, sobre el estado de la provincia y demás que dejó en ella al hacer entrega de su Gobierno, em 13 de Abril de 1671, al sucesor D. Phelipe Rexe Gorbaldán, 1682).*

¹⁹² *Llegando al Paraguay supo de su antecesor, D. Phelipe Rexe Gorbaldán, que unos portugueses que vinieron por San Pablo, á quienes examino, dieron razón que había noticia de portugueses, que los del Brasil querían poblar el las tierras donde estuvo poblada da ciudad de Jerez (Ib., p. 457-458. Carta del Sargento mayor D. Francisco Diez de Andino, Gobernador del Paraguay, á S. M., 2 de maio de 1682).*

¹⁹³ *Ib.*, p. 404. Carta de Melchor de Liñán, Arzobispo, Virrey del Perú, 7 de agosto de 1681.

voltassem a povoar as terras sob pena de perdê-las, *con los cuales quedarán guarnecidas las dichas costas para oprimir á los infieles en los movimientos que intenten y oponerse á los portugueses.*

Os villarriqueños foram para Espinillo, trinta léguas de Asunción, com os poucos índios que sobraram¹⁹⁴. *Se ha proseguido el beneficio de la hierba con los naturales de esta comarca y de los cuatro del partido de Ypané; que el Atirá está unido con el de San Benito por la invasión de los guaycurús, mbayás y sus aliados, y el de Arecaya unido con el de San Lorenzo de los Altos; el de Guarambaré á siete leguas de la Asunción y el de Ypané otro tanto*¹⁹⁵. Antes, eram nove os *pueblos* de Asunción que acudiam ao benefício da erva e a conduziam em canoas e carretas até a cidade de San Juan de Vera de las Siete Corrientes e Santa Fe de la Veracruz. Estas duas cidades adquiriram importância pela concentração de comerciantes. O governador determinou que os índios fossem contratados no comércio e demais atividades por *mandamientos*, suspendeu a navegação sucessiva das balsas e a condução das carretas. A erva só poderia ser conduzida em barcas e a fábrica de canoas só poderia trabalhar no verão, sob responsabilidade direta dos *encomenderos* y *no los podatarios ni personas á quienes se daban los indios*¹⁹⁶. Requereu a devolução das armas que foram deixadas nas reduções jesuíticas das províncias do Paraná e Uruguai, mandando voltar também os *Maestres de Campo* y *Sargentos mayores*, *Capitanes* y *Oficiales del Gobierno de su antecesor*. Deixou a cargo do capitão Juan Tomás Miluti o *remedio de los movimientos de*

¹⁹⁴ *Remítete copia de la Real Cédula de 16 de Septiembre de 1639, en que consta la atrocidad y crueldades con que los portugueses de San Pablo del Brasil desde 1614 arruinaron habrá cincuenta años 14 Reducciones y las ciudades de Jerez y Guairá, que estaban de esta parte del Salto [...]; y habiendo vuelto á continuar em 1676 Francisco Pedroso con su gente, invadieron á 14 de Febrero los pueblos de la Villa Rica, que se fundó 90 leguas de esta ciudad de los vecinos que quedaron de la villa antigua y las ciudades de Guairá y Jerez, llevándose 4.000 almas, en la cual ocasión llegaron hasta el monte grande [Caaguazú], 40 leguas distante de esta ciudad, y á no haberlos seguido el que suscribe y dádoles alcance en dos batallas, á los 19 y 20 de Marzo de 1676, 170 leguas de esta ciudad, en las montañas de la Mamba, y con muerte de muchos de ellos, hubieron pasado adelante en sus hostilidades. Y siendo Gobernador después de Tucumán, unos portugueses que fueron por la via de San Pablo dieron noticia de que los del Brasil se poblaron ó intentaron poblar en el sitio de Jerez, cuyas campañas tienen muchas vacas; que há despachado soldados y caballos á cargo de Marcos de León á reconocer si hay población ó portugueses para retirarlos y quitarles el abasto de vacas, porque si se pueblan en San Gabriel ó Montevideo no se den la mano. – Asunción del Paraguay (Ib., p. 456. Carta del Sargento mayor D. Juan Diez de Andino, Gobernador del Paraguay, á S. M., 30 de abril de 1682).*

¹⁹⁵ *Ib., p. 453. Testimonio de autos proveidos en la ciudad de la Asunción, por el Gobernador del Paraguay, D. Juan Diez de Andino, sobre el estado de la provincia y demás que dejó en ella al hacer entrega de su Gobierno, em 13 de Abril de 1671, al sucesor D. Phelipe Rexe Gorbalán, 29 de abril de 1682.*

¹⁹⁶ *Y continuando el beneficio de la hierba con los naturales de esta comarca, quitó el alquiler introducido de ellos y que se administren según el costumbre antigua por mandamientos y el beneficio simple, fábricas de canoas, el trajín de carretas al Río de la Plata y la navegación de balsas, por estar los más de los índios huídos de aquella provincia por estos excesos (Ib., p. 455. Carta del Sargento mayor D. Juan Diez de Andino, Gobernador del Paraguay, á S. M., 30 de abril de 1682).*

*los dichos infieles y portugueses del Brasil, y dar forma á la población de unos indios monteses de los pueblos de Yuti y Caazapá*¹⁹⁷.

Os espanhóis de Villa Rica, em 1676, quando ainda estavam em Tarumá, encaminharam pedido ao governador Rexe Gorbalán para que ele permitisse a mudança para lugar próximo de Ibicuy. Depois de várias negativas, mandando que voltassem ao lugar de origem, finalmente o novo governador permitiu que se estabelecessem definitivamente em Ybytyrusú. Antes, em meio à ameaça de invasão de Asunción, Rexe Gorbalán esteve em Villa Rica com o pretexto de visitá-la. Voltou nove meses depois com grande quantidade de erva, conduzida pelas mulas dos próprios *villenos*, “sem mais pagamento que o agradecimento”¹⁹⁸. Diez de Andino, quando voltou ao governo em 1682, se atreveu a publicar um bando tornando público o benefício de erva, para que todos pudessem aproveitar do único comércio da província. Porém, seguiu exigindo que tirassem licença, com o argumento de não deixar indefesa a cidade, a campanha e os fortes¹⁹⁹. Outro bando do governador exigiu que se fizesse bem a erva e se beneficiassem ervais de boa qualidade, sob pena de 200 *pesos* de prata corrente. Soube no ano seguinte que suas ordens não estavam sendo cumpridas e que havia muitos benefícios sem a licença. Para remediar a situação, nomeou em fevereiro José de León y Zárate como superintendente com jurisdição civil e criminal para visitar os benefícios. Mandou que verificasse se cumpriam as ordens de manter a qualidade da erva²⁰⁰. A quantidade de erva que se comercializava então nas *provincias de abajo*, conforme documentos levantados por Aguirre, era a seguinte²⁰¹:

Tabela 1: Erva-Mate Comercializada em 1681-1682

	Nos meses do 1º prazo	5 ½ meses do segundo
Em Santa Fe pelo rio	32.777 @ 14 Lib.	23.189 @ 4 Lib.
Em Corrientes pelo rio	1.195 @ 16 Lib.	
Em Corrientes por terra	1.300 @	1.000 @.
Em Buenos Aires pelo rio	100 @ 00	
Somas	35.733 @ 5 Lib.	24.189 @ 4 Lib.

Com a preocupação de Diez de Andino, a produção e a comercialização de erva tomaram grande incremento, chegando a duplicar. A maior parte era vendida nas províncias de Tucumán e Chile. No governo de Sebastián de Mendiola, houve uma incursão contra os

¹⁹⁷ *Ib.*, p. 453-454.

¹⁹⁸ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 391.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 398.

²⁰⁰ *Las licencias de los beneficiadores y al mismo tiempo vea si se trata bien a los indios, que no les hagan trabajar mucho y no les den tan poca comida. Antonio Vera de Mugica foi nomeado tenente em Villa Rica para fazer cumprir estas ordens (Ib., p. 399).*

²⁰¹ *Fue llevada en dos plazos; el primero desde 15 de Julio de 1681 hasta 13 de junio de 1682; y el segundo desde 21 de febrero de 1684 hasta 29 de agosto del mismo (Idem).*

monteses, pelos grandes danos que faziam aos benefícios de erva²⁰². Os ervais silvestres aproveitados pelos espanhóis nessa época se estendiam desde o início do *cerro* Tranquerita, rio Estrella, Tacuati, San Estanislao, San Joaquín, até a foz do rio Acaray, no Paraná. Caazapá, Yuti, S. Joaquín e S. Estanislao eram as únicas reduções que tinham ervais silvestres. As outras reduções tinham direito de beneficiar erva porque os ervais eram bens comuns, assim como a lenha, os pastos e a água. A erva valia como moeda de troca também na economia dessas povoações guaranis, especialmente nos mercados de Santa Fe e Corrientes. Entretanto, para o próprio consumo ela tinha que ser quase sempre adquirida, porque a licença para benefício dos ervais era dada preferencialmente a espanhóis ou *criollos*. Os índios tinham função de simples trabalhadores. Para os *pueblos*, as licenças eram dadas quando havia necessidade de obter meios para construção ou reparação das igrejas ou para pagar dívidas após anos de insolvência econômica. As possibilidades de exploração dos ervais estavam limitadas, porém, pela falta de índios, exigidos por *mitazgo* ou requisições do governo. Circunstancialmente, um povoado podia ser beneficiado com exoneração do *mitazgo* por insuficiência econômica²⁰³, como, por exemplo, Guarambaré, que foi liberado pelo tempo de um ano a fim de buscar sua recuperação mediante o benefício de erva em 1694. Restava aos *pueblos*, com frequência, contratar trabalhadores *criollos* ou pardos para a tarefa²⁰⁴.

O governador Cota, em 1699, ordenou uma expedição exploradora para averiguar se eram os *monteses*-guaranis ou os tupis a serviço dos portugueses, os que atacavam as tropas ervateiras. A exploração da região de Caaguagué demonstrou que as inquietações foram ocasionadas pelos *monteses*. Também os guaranis de Caazapá, que serviam de condutores de tropas, foram atacados algumas vezes em busca de artigos básicos: ferro e roupas, ou seja, os mesmos elementos que circunstanciavam as primeiras trocas na época da conquista. Desde o governo de Escobar Gutiérrez, os pedidos para a repressão a esses índios se intensificaram. Os *encomenderos* e os beneficiadores de erva apelavam para que se fizesse guerra ofensiva, procedimento usado contra os *chaqueños*.

Curuguaty, fundada por interesse dos *encomenderos* de Villa Rica e escolhida para reforçar estrategicamente a fronteira norte do Paraguai, concentrou os esforços dos espanhóis em disputar com os jesuítas a supremacia da atividade até a fundação da Villa Real de la Concepción. Favorecida pelo estabelecimento de estâncias de gado, esta vila não demorou a mostrar sua vocação como centro regional de comercialização do *mboroviré*. Pela facilidade

²⁰² *Ib.*, p. 404.

²⁰³ SÚSNIK, Branislava. *El Indio Colonial...*, *op. cit.*, v. I, p. 76.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 135.

de transporte pelo rio Paraguai até Asunción, levou vantagem em relação a Curuguaty na comercialização de mercadorias úteis aos benefícios e aos *mineros*²⁰⁵. Seus comerciantes passaram, em seguida, a financiar os beneficiadores e, principalmente, os trabalhadores, recebendo posteriormente em erva. A busca por ervais mais próximos dessa vila foi imposição da dificuldade de transporte²⁰⁶, que era feito em lombo de mula, até ser abandonado em consequência da escassez de animais e do custo excessivo dos fretes. O uso de carretas puxadas por bois generalizou-se, como meio de transporte nessa região, apenas nas últimas décadas do século XVIII.

Cada mula carregava dois surrões, chamados de *tercios*, cada um de sete ou de oito arrobas paraguaias²⁰⁷. Se a mula caía de cansaço ou, ao passar algum brejo, atolava, baixavam sua carga e a deixavam. Passavam as restantes e um *arriero* vinha atrás recolhendo as que ficaram pelo caminho. Muitas vezes os surrões de erva eram muitos e as mulas de carga poucas. Dividiam então as viagens. Levavam parte da carga até um sítio de pouso, de costume, perto. Descarregavam e, com as mesmas mulas, voltavam para levar os outros surrões, em mais uma ou duas vezes²⁰⁸. Também a condução de touros era muito custosa e sujeita a perdas, pela grande distância e pela dificuldade do caminho, atravessando alguns rios rápidos²⁰⁹.

Nas imediações de Curuguaty estavam espalhados ervateiros, que colhiam, secavam e moíam a *yerva del Paraguay*. Eram muitos os ranchos em volta da vila. Ao norte, chegavam até o rio Ijobi e Iguatemi, estendendo-se pela cordilheira de Mbaracayú, distante aproximadamente doze léguas. Segundo Manuel Antonio de Flores, eles passariam adiante, se não fosse o temor dos índios infieis que povoam as matas²¹⁰. Porém, também havia índios infieis ao sul do rio Iguatemi, portanto, esse motivo não era suficiente para deixassem de estabelecer benefícios mais ao norte. Outros motivos devem ser investigados. Assim, como já foi dito antes, as imposições do mercado colonial e as condições de transporte da época foram

²⁰⁵ Trabalhadores nos ervais responsáveis pela maior parte do processo. O termo veio em alusão às minas, com a qual relacionavam.

²⁰⁶ *Al anochecer llegamos á vista del río Aguaray; y cerca del Yerbal. El camino casi todo fué por rodeos, pero por elevación se hizo al Este-sudeste. Hay hermosas lomas. La cañada en que están los árboles de la Yerba tiene de ancho más de una légua. De Nordeste viene alargándose al Sursudeste.* LABRADOR, José Sáchez. **El Paraguay Católico...**, *op. cit.*, p. 250-251.

²⁰⁷ *La yerba cuyo beneficio es penoso y costoso, se conduce a lomo de mula a esta ciudad, o hasta el río, si lo hay inmediato, para transportarla en embarcaciones por los ríos Curuguatí, Jejuí-mini, Aguarai y otros que desaguan en el Jejuí guazú, y este, en el del Paraguay, por donde se conduce este fruto de aquellos yerbales* (MOLAS, Mariano Antonio. In: **La Revista...**, *op. cit.*, t. X, p. 47-60, 1866).

²⁰⁸ LABRADOR, José Sáchez. **El Paraguay Católico...**, *op. cit.*, p. 210-211.

²⁰⁹ MOLAS, Mariano Antonio. In: **La Revista...**, *op. cit.*, t. X, p. 52-69, 1866.

²¹⁰ CODHAM, t. IV, p. 32. *Carta de D. Manuel A. de Flores al Marques de Valdelirios.*

preponderantes para que não se avançasse além do Iguatemi. A fronteira estava limitada pelas dificuldades e não por decisão política.

A perseguição a *monteses* por interesse do cabildo de Villa Rica foram frequentes. Nos anos de 1717 a 1733, as hostilidades a esses índios eram contínuas, especialmente em Tarumá, Taguacorá, Yatimí, Curyy, Apereatí, Huybarandí e no vale de Ajos. Acusavam-se os *yanaconas* guaranis dos *vecinos villariqueños* de ter relacionamento com os *monteses* e facilitar seus assaltos às chácaras espanholas. Tornando-se mais frequente a queima de erva, apelou-se durante o governo de Barúa à aplicação da cédula real de 1721, com a qual se justificou a guerra ofensiva aos *payaguás* do Chaco. Tal justificação de subjugar os *monteses* por meio de armas convinha aos *villariqueños* e *curuguateños*, que além de buscar a segurança dos ervais, tratavam também de obter os novos braços em vista da rápida diminuição do *yanaconato* nessa mesma época. Um censo de Villa Rica, realizado no governo de Robles, indicou que havia no total apenas vinte e dois deles como *yanaconas* (dois homens maduros, oito jovens e crianças e doze mulheres).

Em 1724, José de Antequera y Castro e os *regidores* expulsaram os jesuítas, que conseguiram voltar a Asunción quatro anos depois. Os conflitos de forte conteúdo econômico entre jesuítas e colonos espanhóis (ou mestiços), durante as rebeliões dos *comuneros* (1722-1735), levaram a outra expulsão em 1732, voltando os jesuítas a Asunción depois que o governador de Buenos Aires, Bruno de Zabala, derrotou os rebelados. Por um tempo, depois que povoaram suas conquistas em Itatin, os *mbayás* deixaram de atacar os espanhóis, depois que estes se concentraram, com os *pueblos* guaranis, nas imediações de Asunción. Entretanto, prosseguiram fazendo guerra na direção oposta, confederados com outras parciaisidades, expandindo sua conquista. Porém, ainda nesse século, voltaram a hostilizar a capital. Os *payaguás* atacavam balsas e canoas, não encontrando empecilho para suas *correrias*, que chegavam próximo a Buenos Aires. Como senhores dos rios, fizeram com que a navegação fosse arriscada²¹¹. Nas palavras de Aguirre, nesse tempo, “a província se acovardou, reduzindo seus limites entre a cordilheira de Pirayú, onde estava situado o pueblo de Tobati, e o rio Tebicuary”²¹². Fora destes limites ficaram apenas as Missões jesuíticas (FIG. 26). No Chaco, a fronteira se limitava entre Arecutagua e Angostura²¹³.

²¹¹ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 420.

²¹² *Aun en lo cercano de la ciudad anduvo la gente llena de temor porque nada se experimentó exento de las asechanzas de los indios (Ibidem, p. 420-421).*

²¹³ *Alcanzaron los últimos estragos de los mbyás los primeros días de Don Rafael Moneda [1740]. Construyó los presidios de Manduvirá, Mainumbí y Urundeiyurú [...] Todavía se conserva la memoria de lo que sufrió para sostener vigorosamente la temible frontera. Fue el segundo que atravesó al horroroso potrero de Capiata, donde toldaban comúnmente los mbyás. Asegurava que no estarían los indios y así se verificó. Estuvieron*

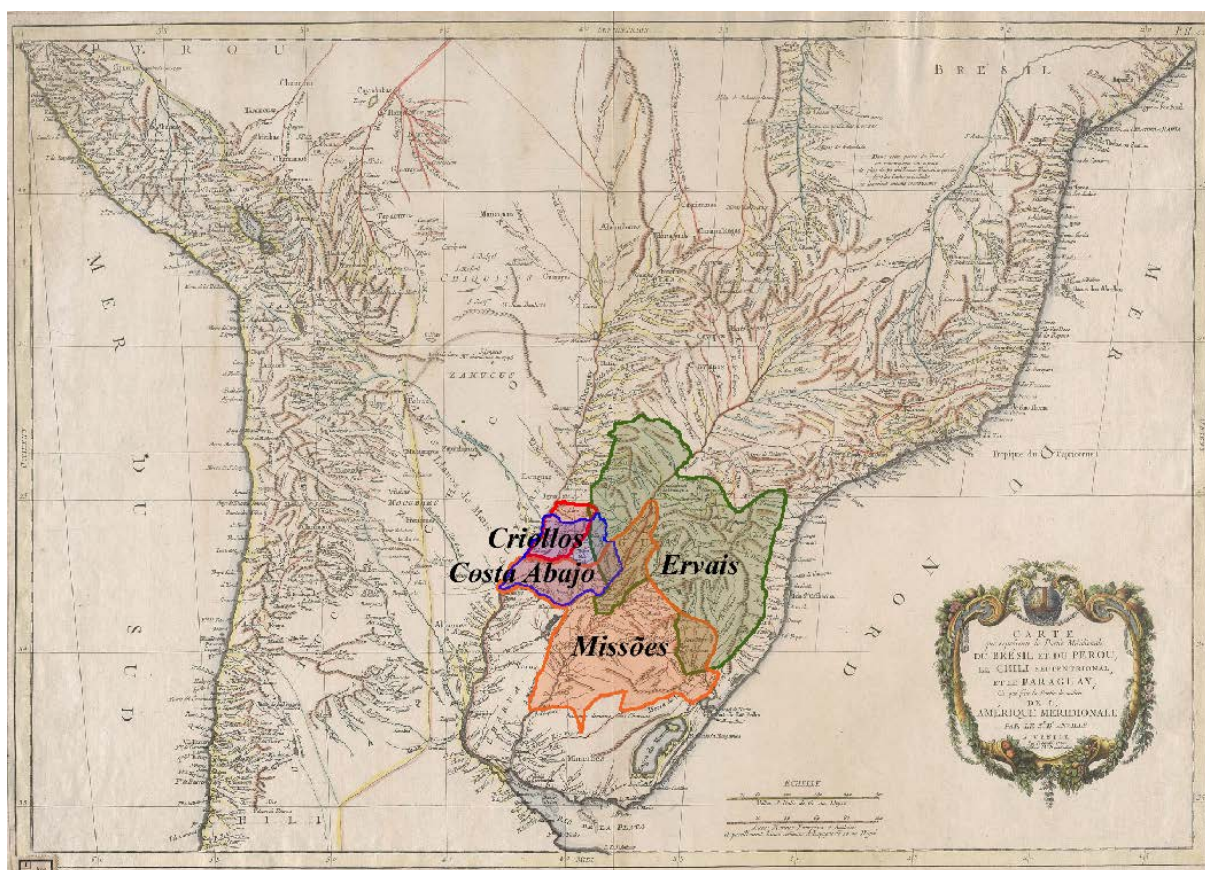


FIG. 26. *Costa abajo* (em azul); a ocupação *criolla* paraguaia entre 1668-1750 (em vermelho); a área de ocorrência de erva-mate nativa (em verde); as missões “guaranis” entre 1707 e 1756 (em laranja). Figura elaborada pelo autor desta dissertação com base na *Carte qui représente la Partie Méridionale du Brésil et du Perou, le Chili Septentrional, et le Paraguay, Ce qui fait la Partie de milieu de L'Amérique Méridionale*. Par Le Sr. D’Anville. Venise, 1773. BNRJ. Fontes: CARDIEL, José. Mapa de la Gobernación del Paraguay y de la de Buenos Ayres, 1752 (cf. FURLONG, 1936, Mapa XXIII, p. 78); Mapa de las Doctrinas del Paraná y Uruguay (cf. FURLONG, 1936, Mapa XXXIII, p. 98).

No ano de 1745, os *eyiguayeguis* atacaram incessantemente o norte do Paraguai. Não foram poucos os comerciantes despojados e assassinados. Muitos dos colonos de Curuguaty, que acreditavam estar a salvo por causa das matas que a cercavam, foram assassinados. Os que sobreviveram lamentaram os saques. As tropas enviadas para combater os inimigos foram surpreendidas, assaltadas em ciladas e afugentadas. Ao fim, a paz foi estabelecida em 1760 pelo governador Jaime Sanjust (1749-1761), com *mbayás* e *guanás*, permitindo a reversão desse ciclo. Foi, então, enviado o padre Sánchez Labrador aos *mbayás*, para fundar a redução de Belén. No ano da expulsão, este padre descobriu, com a ajuda desse índios, um caminho até as povoações de Chiquitos, que muitos outros haviam tentado anteriormente sem

construidos los fuertes para el año de 1742; y se logró contener los enemigos, porque no se atrevieron a forzarlos. Después de estos presidios levanto el señor Moneda el de la Angostura. En él tuvo además del objeto de contener los índios, el de celar el contrabando tan fuerte entonces en el Río de la Plata por la colonia de Sacramento. (Ib., p. 454).

sucesso²¹⁴. Manuel Durán foi enviado para estabelecer uma redução entre os *guanás*. Sánchez Labrador descreveu, com detalhes, uma parte da província de Mbaracayú na década de sessenta do século XVIII.

Salí de San Joaquín. Á la bajada de la loma está el río llamado Negro ó Yu. Hice medio-día en outro paraje por el cual corre un Arroyo cuyo nombre es Yuqueriy, río delos matorales espinosos de este nombre. En el médio de los dichos está el Tarumay, en el caul se divide el camino que vá á Curuguatí, muy frecuentado de los beneficiadores de la famosa Yerba del Paraguay. El terreno del pueblo de San Joaquín, es arena mezclada con greda colorada. [...] Las disposición de la población es irregular; estando como sembradas las casas, apartadas unas de las otras, por evitar los incendios frecuentes. Como pueblo nuevo, tiene las casas y la iglesia techadas de paja. Á esto de las 2 y media salí del sitio arriba dicho; y á cosa de las 5 llegué á la entrada, ó, como aqui dicen, Borda del bosque, y monte grande. Pasado el Yuqueriy, encontramos el río Guiranguay, ó del nido de pávaro negro. Corre á buscar el Paraná. Es malísimo paso para las tropas de mulas que acarrear la Yerba. Sus orillas están desquebrajadas, y pantanosas. Pasáse sobre fagina. Á este se sigue el río Cambay, del negro. Inmediato al bosque grande corre outro que toma de él su nombre y se dice río de Monte Grande²¹⁵.

Os *arrieros* que Sánchez Labrador encontrou em Caaguzú e Yayao²¹⁶ levavam gado para vender, ou já vendido, aos ervais. Outros levavam roupa ou mulas, enquanto outros ainda voltavam carregados com *mboroviré*. Os caminhos eram estreitos, com topografia acidentada e frequentemente com árvores caídas interrompendo a passagem. No meio do caminho de Caaguazú havia um vale em forma de praça, cheia de pindós, chamado Pindoti, com pequenas lagoas formadas pela chuva. Era ponto de descanso das tropas, que deixavam nesse sítio os

²¹⁴ *En el año 1715 se enviaron a este propósito por el río Paraguay a los PP. Agustín de Arce y Bartolomé Blende, acompañados por algunos indios cristianos. Tras muchas miserias padecidas, fueron asesinados inhumanamente por los bárbaros Payaguas. Muchos indios fueron muertos y los restantes se salvaron por la fuga. También los PP. Hervas, Miguel de Yegros, de Zea y Juan Neumann, de Austria, quisieron abrir sobre el río Paraguay un acceso a los Chiquitos. El último, exhausto por las penurias de la larga navegación, murió en 1704 en la ciudad de Asunción, cuando apenas llegó de vuelta de su viaje. Todas estas tentativas fueron siempre tan peligrosas cuan vanas. La vía por donde los misioneros pudieron llegar hasta entonces a los Chiquitos costaba extraordinaria fatiga. Había que tramontar las sierras de Tucumán, atravesar los ríos carentes de barcos y puentes, y cruzar por peligrosas soledades, en las cuales uno está expuesto a la falta de agua, a los asaltos por los bárbaros, y luego, aún en la llanura, vadear continuos esteros. A todo esto, el viaje de ida y vuelta podía emprenderse sólo en ciertos meses. Pues durante todo un semestre, eso es desde diciembre hasta mayo, persiste todos los años una lluvia continua; los ríos ya antes salen del lecho, y toda la tierra está rodeada de agua, que nadie puede cruzar. Para evitar tantas incomodidades, se trató de descubrir una vía sobre el río Paraguay por donde podrían ser llevados por barcas los misioneros y otras necesidades, con gran economía de tiempo y costos desde los pueblos Guaraníes a los Chiquitos y desde éstos a aquéllos. A más de esto, en tiempos de guerra, hay que esperar muchas ventajas por esta vía para los gobernadores del Paraguay. Que ésta ha sido descubierta al fin, como un especial beneficio para los Españoles y los Indios, se debe agradecer únicamente a la investigación y la especial paciencia del P. José Sanchez Labrador. Pero nosotros fuimos enviados de vuelta justamente en el momento que hubiéramos podido usarla para el incremento de la fe cristiana (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. Del pueblo de Belén, erigido para los bárbaros jinetes mbyás).*

²¹⁵ LABRADOR, José Sáchez. **El Paraguay Católico...**, op. cit., p. 209-210.

²¹⁶ Yayao era mais pedregosa e com alguns arroios. *Este al fin tiene un campichuelo llabado Ibahaiti, sitio de los árboles así llamados, cuya fruta es agria y refrigerante* (LABRADOR, José Sáchez. **El Paraguay Católico...**, op. cit., p. 212-213).

surrões de erva, cobertos por palha, postos em fila. Às vezes, chegava algum fogo, casual ou posto de propósito, e queimava tudo.

Depois da Guerra Guaranítica (1750-1756) efetuou-se a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios europeus e coloniais de Portugal e da Espanha. Desde modo, os Trinta Povos das Missões perderam a unidade, subdividindo-se em quatro grandes províncias. Cada povo passou a ser gerido por uma espécie de administração mista, a cargo de um vigário e de um comandante militar. A região dos Sete Povos das Missões foi incorporada ao Brasil em 1801. A expulsão dos jesuítas, decretada pelo rei Carlos III, alcançou todos os domínios espanhóis. A Companhia de Jesus foi extinta em 1773, foi restaurada em 1804, porém, não voltou ao Paraguai até 1843, durante o governo de Carlos Antonio López²¹⁷.

A cédula real de 17 de maio de 1803 acabou com as *encomiendas* que ainda existiam (*yanacona* ou *mitayos*), acabou com o governo em comunidade e deu liberdade a todos os índios guaranis ou tapes. Havia 47 *pueblos* no Rio da Prata, *mitayos* ou não. Os de Itati, Guacasas e Santa Lucía, no distrito da cidade de Corrientes, eram os únicos que dependiam do governo de Buenos Aires. Na província do Paraguai existiam 14. Os 30 restantes compunham a província chamada de Missões guaranis, nas vertentes dos rios Paraná e Uruguai. A divisão das terras e bens da comunidade entre os índios, em vez de conservar aqueles domínios, ocasionariam sua perda em pouco tempo, na opinião de Felix de Azara. Dos 47 *pueblos* apenas os três de Buenos Aires, cinco dos 30 *pueblos* das Missões e oito dos 14 do Paraguay eram oriundos das terras que possuíam suas comunidades. Os 31 restantes, no tempo ainda de sua *infidelidad* ou no início das reduções, habitavam as terras que no século XIX, passaram aos portugueses²¹⁸.

2.4 O DOMÍNIO DOS GUAICURUS

Nas obras de Martin Dobrizhoffer e Sánchez Labrador existem diferenças quanto à denominação de parcialidades indígenas do Chaco. Um considerava os índios *lenguas* como a mesma parcialidade dos guaicurus, o outro considerava a mesma dos *payaguás*. O segundo, que viveu entre *mbayás* em Belén²¹⁹, explicou que os *eyiguayeguis* receberam dos guaranis dois nomes²²⁰: *mbayás*²²¹ (ou *mayás*, aos que viviam do lado ocidental do rio Paraguai,

²¹⁷ MELIÀ, Bartomeu. **El Guaraní Conquistado...**, *op. cit.*, p. 220-230.

²¹⁸ Madrid, 1º de janeiro de 1806 (AZARA, Felix de. **Memoria sobre el Estado Rural del Rio de la Plata y otros informes**. Buenos Aires: Bajel, 1943, p. 246-261)

²¹⁹ Chegou no Paraguai em 1734, com 17 anos, e ficou até a expulsão em 1767. Escreveu *El Paraguay Católico* em 1772, que foi publicado após sua morte em 1798.

²²⁰ LABRADOR, José Sáchez. **El Paraguay Católico...**, *op. cit.*, p. 58-61.

relacionando-os com o nome das palmeiras que utilizavam para fabricar esteiras; *eyiguá* é uma palmeira comum nas margens do rio Paraguai) e *guaycurús*²²² (nome dado pelos guaranis e espanhóis aos que viviam ao norte do rio *Aaba*, ou *Apa*, originado de *guacuruygua* ou *guacuriygua*²²³). Por outro lado, estes davam aos guaranis o nome de *uneliodi* ou *cuneliodi*, que significa que eram muitos (ou de um mesmo pai). Os *eyiguayeguis* estavam estabelecidos nas duas margens do rio Paraguai²²⁴, por mais de 60 léguas ao norte e oriente²²⁵. *Niyololas* era o nome dados aos *guanás*, que viviam sob o domínio dos *mbayás* no lado ocidental do rio Paraguai. Sánchez Labrador ajuizou que entre senhores e criados, os guaicurus completariam entre sete a oito mil pessoas na época da expulsão dos jesuítas²²⁶.

Pouco distantes, nas duas margens do rio estavam os guaranis conhecidos como *itatines*, com quem guerreavam. Algumas palavras são comuns nas duas línguas: *mitá*, *mini*, *ecoluguá* ou *coruguá* (porongo), *yuqui* (sal). Os *payaguás* (*lenguas*) habitavam o lado ocidental do rio Paraguai. No mapa publicado junto com o segundo volume de *El Paraguay Católico* (FIG. 27), apesar da falta de proporção, foram anotada quantidade de detalhes que permitem localizar espacialmente as referências do padre Sánchez Labrador. O rio Cayy, afluente do rio Mboteteu nesse mapa, é o rio Curumiai²²⁷.

FIG. 27. LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay Católico**. Buenos Aires: Coni Hermanos. t. II, 1910, encarte.

²²¹ *Los Mbayas que habitan en la orilla oriental del Paraguay, se denominan Eyiquayegis; los de la orilla occidental Quetiadegodis* (DOBRIZHOFFER, Martín. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. *De las restantes naciones indias que deabulan fuera del Chaco, y especialmente los que habitan más al sur*).

²²² *Oaekakalót o Quaycurus o Lenguas. Como el arte de escribir no se usaba entre los bárbaros, creo que todo lo que los historiadores han escrito sobre esta época, hay que considerarlo como suposiciones. Por lo menos, en los antiguos mapas e historias de Paraguay, muchos nombres de las naciones son indicadas erróneamente como sé de seguro. Estos errores nacieron de la falta de conocimiento de su idioma y localidades, y de fútiles relatos de algunos Españoles rudos y crédulos, que habían caído en manos de los indios. Entre los innumerables ejemplos nos basta uno solo: Los Guaycurus se denominan Oaekakalót. Ignorantes la indicaban como denominación de una gran ciudad. Muchas veces atribuyeron los diversos paraderos de esta nación a hombres de naciones distintas. Con los nombres de los caciques, de los que hay en cada paradero, forjaron igualmente diversas naciones. En el Chaco existieron antes varias naciones, completamente diferentes entre si en lengua, denominación y costumbres, pero hoy en día no queda nada de ellas fuera de los nombres y unos restos insignificantes* (*Ibidem*, *De las restantes naciones indias que deabulan fuera del Chaco, y especialmente los que habitan más al sur*).

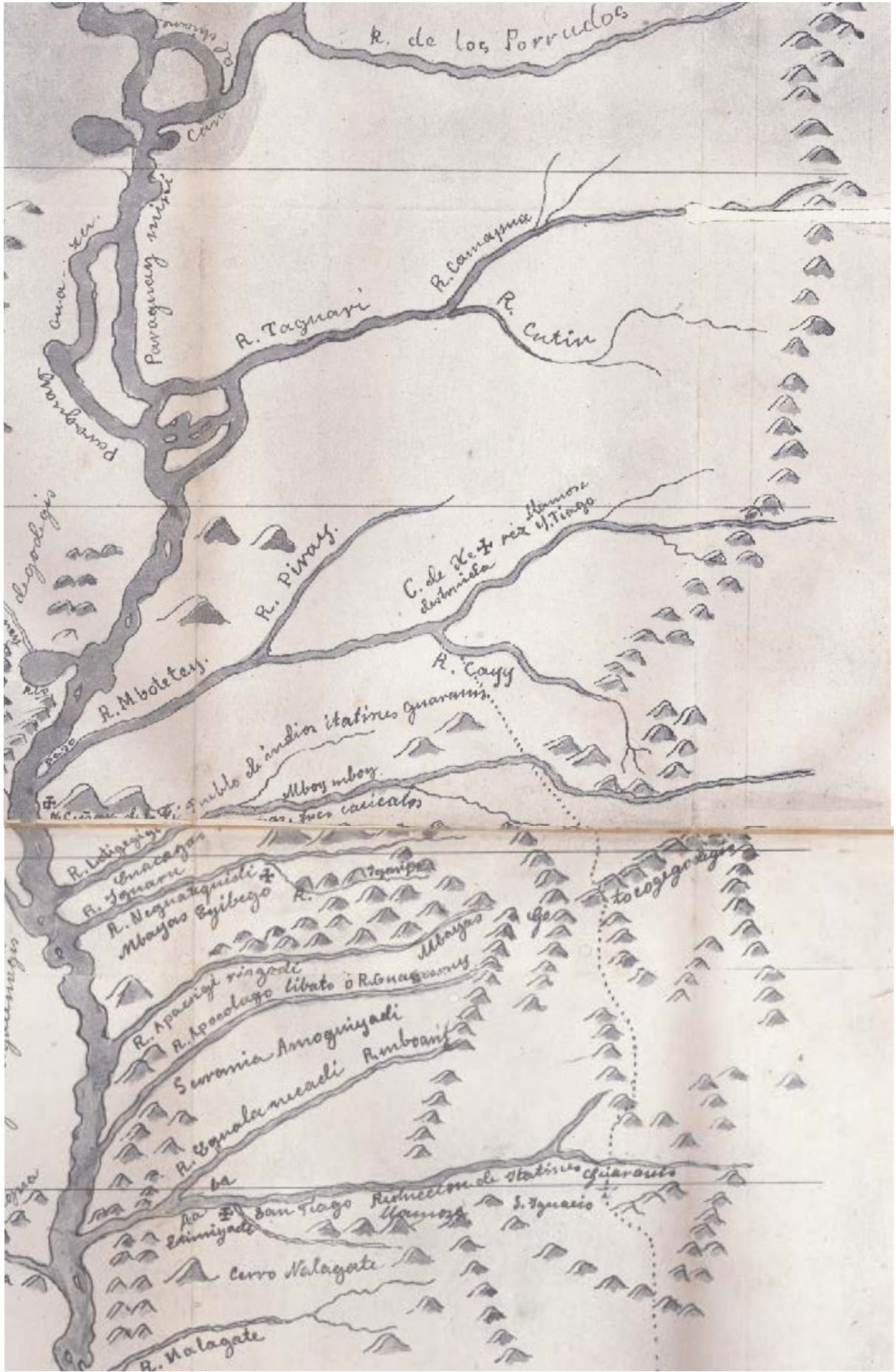
²²³ No mapa de d'Anville, impresso em 1733, foram assinalados dois rios com esse mesmo nome: um, a 22º de latitude, que nascia nas serras de Amambaí e desembocava entre os rios Tepotiy (ou *Aaba*, segundo os guaicurus) e Tarey; o outro era um pequeno rio, pouco abaixo, que chamavam Guacuriy, rio da fruta guacurí ou ibacuri, que nascia da serra de Igatimí e desaguava no Tepotiy (LABRADOR, José Sáchez. **El Paraguay Católico...**, op. cit., p. 58-61).

²²⁴ *Ibidem*, p. 59.

²²⁵ *Ib.*, p. 124.

²²⁶ *Ib.*, p. 31.

²²⁷ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, op. cit., p. 327;



O governador Alvar Núñez Vera Cabeza de Vaca chegou ao Paraguai em 1542. Quatro anos depois, atendendo reivindicações dos guaranis e em represália às irrupções que *mbayás* faziam a Asunción, confederados com outras nações²²⁸, armou excursão punitiva, com 400 espanhóis e 10.000 índios. Atravessou o rio com um exército que ocupava uma légua de terreno, conforme relato de Sánchez Labrador. A paz durou até 1671. No ano seguinte, assaltaram o presídio de Tobati. Em 1673, atacaram as povoações de Atyrá (San Benito), Ipané e Guarambaré. Em vez de socorrer e conservar estas povoações que estavam a mais de cem léguas de Asunción, o governador Phelipe Rexe Gorbalan ordenou sua despovoação²²⁹, situando-as mais perto da cidade. No ano seguinte, o governador fez mais uma excursão punitiva a essa região, levando 850 homens entre espanhóis e índios, sem conseguir qualquer êxito.

Ytapucú, ou Itatin, como a chamavam antigamente, e Xerez, abandonados pelos espanhóis, foram apoderados, principalmente pelos *mbayás*, que, por serem mais belicosos, não permitiram o domínio de outra parcialidade “em todo o território do Jejuí até a destruída Xerez²³⁰. O frei Francisco Mendes lançou a expressão *Tierra Mbayánica*, para se referir a esse lugar. Disse que eram *corteses y obsequiosos en sus toldos*, que se davam muito bem como os espanhóis que se *complacen en hospedarlos todo el tiempo que quieran*. Andavam *en pelo* no cavalo (*no gastan silla ni arzon*). As mulheres *mbayás* raramente casavam com *guanás*, preferindo os que descendiam dos espanhóis, ou de outras nações. *Por lo general son blancas y de muy buen parecer: sin embargo luego pierden el color, por andar desnudas de medio corpo arriba, y por lo abuso de pintarse la cara y los brazos: aunque estos solo los deben pintar, y los pintan, los nobles ó Caciques*. Usavam muitos adornos, alguns de prata, *sin diferencia de señora a criada o esclava*²³¹. Depois da paz efetuada no governo de Jaime de Sant Just, permitiram que os paraguaios mantivessem bem povoadas suas estâncias além dos campos de Jejuí e nas margens do rio Paraguai, desde o rio Manduvira acima.

Sánchez Labrador anotou algumas das divisões assumidas pelos *mbayás*. A primeira nomeavam *apacachovodi*²³². A segunda era *echag-voteg-vodi*, fundada nas imediações de

²²⁸ *Ib.*, p. 55-58.

²²⁹ *Ib.*, p. 78-79.

²³⁰ CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri a Conquista dos Sete Povos...**, *op. cit.*, p. 53-69. VII - *Carta de Fray Francisco Mendez, Religioso Franciscano, y Cura que fué de la Reduccion del Refugio de Eg-vilechigo en Ytapucú, 1772, copiado de un autografo inedito de D. Felix de Azara.*

²³¹ *Ibidem*, p. 53-69.

²³² O frei Francisco Mendes, em 1772, achou que, talvez, o nome fosse pelo seu principal cacique, ou pelo nome da terra de sua origem, um monte chamado *Apocanigo*, que quer dizer ema, ou pela abundância desses animais

duas formosas lagoas que formavam um pequeno rio chamado Natobaga, que também deságua no Paraguai e que era navegável nas cheias até o local chamado Guamigo, cinco léguas mais abaixo de onde estava a povoação. Tinha seu sítio quase ao acabar um vale chamado Amonguiya, com uma mata de mais de uma légua de largura. Ficava a oitenta léguas de Belén e seu cacique principal se chamava Cambá. Esse cacique, que vivia em área próxima aos morros Três Hermanos, firmou acordo de paz com os espanhóis e mudou seu nome para Pedro Alós. A terceira era chamada *caminigo* situada a mais oitenta léguas ao norte, próxima ao rio Gueteliyadi, dos gentios *eyivevodis*. A quarta era a mais retirada e se chamava *guacog-tog-devodi*, ou vulgarmente *guichicotas*, situava-se nas nascentes próximas do Mbotetey. O mais numeroso desses *acampamentos* não alcançava quatrocentos ou quinhentos *índios de armas*, entretanto ocupavam todo o território que se estendia desde o Jejuí até Xerez destruída. Do outro lado do rio Paraguai e à frente de Ytapucú, existiu outra parcialidade, cujo cacique principal se chamava Natalerigui, e, mais no interior, como umas duas ou quatro léguas, estava a dos *napidigris* ou *cambas*. Ambos se nomeavam *cativogevodi* e “as duas compunham uma mesma tribo ou nação”. Os últimos e mais retirados *mbayás* que existiam no rio Paraguai eram os *guetiadevogdis* ou *serranos*, porque estavam no coração da serra. Eram estes os mais numerosos²³³.

Oriundos do Chaco, onde se mantinham no vale do Pilcomayo, avançaram para o norte, à medida que a barreira oposta pelos *guaranis* foi se enfraquecendo²³⁴. Segundo Branislava SúsNIK, os *eyiguayeguis* eram imigrantes no Chaco paraguaio pouco antes da conquista hispânica, com estreitas relações como os *pampeanos*. Pela sua característica étnica de agressivos caçadores-guerreiros, rapidamente aniquilaram ou deslocaram os proto-povoadores e, na época colonial, já com cultura equestre, constituíram o histórico *perigo guaicuru* para as províncias do Paraguai. Por sua trajetória migratória, dividiram-se em dois ramais: os *eyigua-yeguis*, ao norte, e os *eyigua-yiquis*, ao sul²³⁵.

nesse lugar, ou porque as comem e caçam (*Ib.*, p. 53-69). Sanchez Labrador afirmou que era pelo nome da região habitada por eles: Apacachodiyodi.

²³³ *Ib.*, p. 53-69.

²³⁴ *Las Tolderias principales de los Bayás distan de la Asumpcion 80 leguas por línea recta, y por rio, ô por el camino de tierra cien leguas con poca diferencia: estàn màs arriba de el Ypaneguazù, y de el rio Corrientes: ay Tolderias de una y otra banda de el Rio; las que estàn de la banda de el Oriente quedan en la Demarcacion por los Portugueses: las que estàn en la banda Occidental, quedan para España* (*Ib.*, p. 25. II – Carta do Padre Quiroga, Cartógrafo, Informando sobre a Situação dos Índios Mbaia, em Relação à Linha dos Limites do Tratado de Madri, 1752).

²³⁵ SÚSNIK, Branislava. Etnohistoria del Paraguay..., *op. cit.*, p. 7-50.

Uacury Bastos creditou muita importância à *Tierra Mbayânica* para a formação territorial brasileira²³⁶. Considerou que tanto Affonso de E. Taunay como Jaime Cortesão atribuíram valor a esse espaço geográfico, sem esmiuçar seu significado. Uacury avaliou que o domínio guaicuru coincidiu com o território de Itatin. Não é simples delimitar o território dominado por um grupo étnico durante quase dois séculos, sem a contrapartida de uma ocupação física. Uma das explicações para esse domínio está no controle exercido pelos índios cavaleiros sobre os caminhos antigos. Daí, atingirem largas distâncias, sem ocupar os espaços adjacentes, avassalando algumas etnias e pressionando outras. Poucos são os relatos de pessoas que conviveram com os guaicurus na época colonial. Alguns foram feitos por inimigos, ocasionais ou não. Mais raros ainda foram os relatos entre *guanás*, *caiuás* e *monteses*.

Foram anotadas muitas diferenças entre a extensa pauta cultural dos *mbayás* e dos guaranis. A compreensão das fronteiras étnicas contribui para explicar a apropriação dos ervais e os conflitos entre trabalhadores guaranis e *criollos* ou entre guaicurus e *monteses*. A identificação da *tierra mbyánica* tem importância significativa porque configura a temporalidade da atividade ervateira no período colonial. Originalmente, os *mbayás* habitavam a região entre o rio Verde e o rio Pilcomayo, o que é corroborado por vários autores²³⁷. O rio Verde era conhecido antes por Tabebiry. O rio Confuso, nome que alguns autores deram a esse rio, parece ser um dos braços do Pilcomayo, como foi assinalado no mapa de Rondon. Os espanhóis, por mais de um século, tentaram navegar os rios Bermejo e Pilcomayo, para facilitar a comunicação com o Peru. Porém, as muitas cachoeiras na parte superior destes dois rios, o alagamento em seu curso médio, as moléstias que sofreram, além das nações de índios que tinham que vencer, lhes dificultou esse intento²³⁸. Os *mbayás* dominaram uma vasta região que era de domínio dos guaranis e chegaram até as margens do rio Paraná (FIG. 28). Como nos relatos de cronistas coloniais predominou o rio Mbotetey como limite norte da *Tierra Mbayânica*, esta dissertação acompanhou essa referência. Sua abrangência extrapolou as fronteiras da província jesuítica de Itatin. Os *caduvéus* são remanescentes dos guaicurus, ou melhor dizendo, era um subgrupo.

²³⁶ BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial do Brasil Colônia no Vale do Paraguai: 1767-1801**. Tese de Doutorado: Departamento de História, FFLCH/USP. São Paulo, 1972, p. 148.

²³⁷ Ver Tribes of the Gran Chaco: Locations at the first European contact. In: **Handbook of South American Indians**. Volume 1 The Marginal Tribes. Edited by Julian H. Steward. Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology, 1946.

²³⁸ SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RTIHGB...**, *op. cit.*, v. VI, n. 22, p. 181.

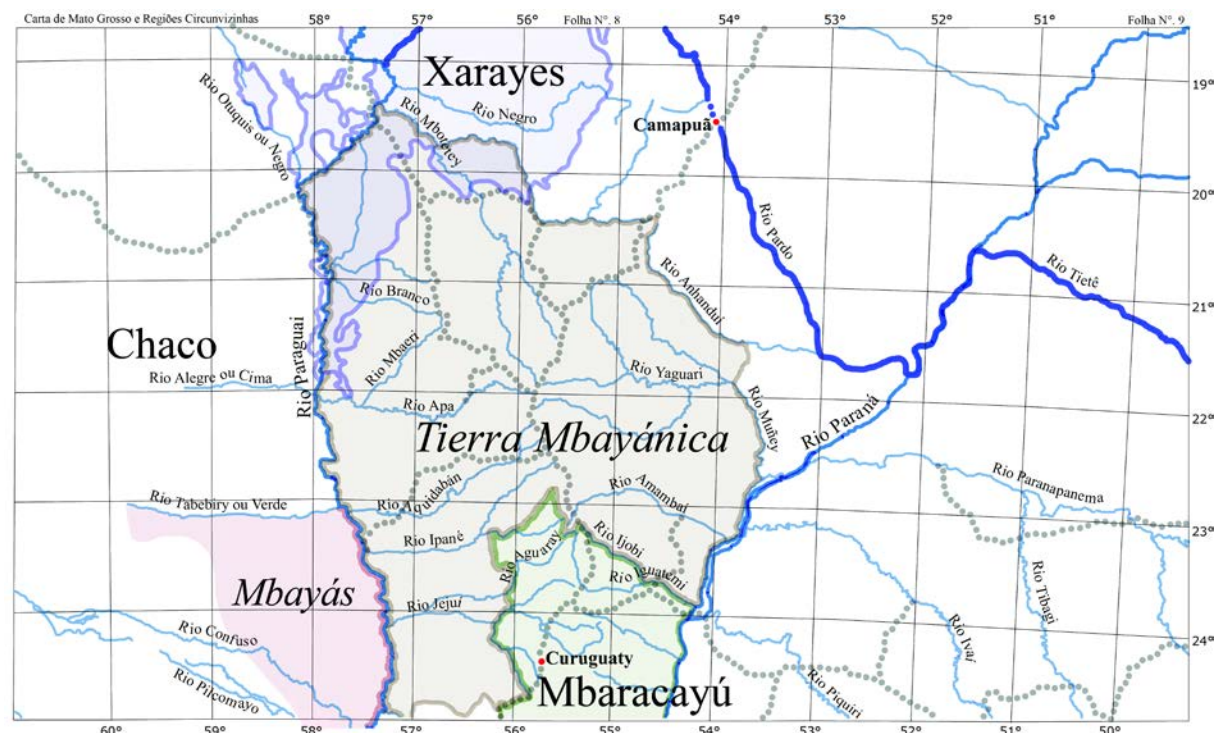


FIG. 28. *Tierra Mbayánica* (1673 a 1773). Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 (juntas) da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

Junto com *mbayás*, também migraram *guanás*²³⁹ para o lado oriental do rio Paraguai. Antes, suas *tolderias* ficavam do lado ocidental e ocupavam o terreno em frente à foz do rio Abba ou Abad²⁴⁰ até onde depois ficaram os *napidigris* ou *cambas*. Dividiam-se em: *layanás*, distantes do *paso de Vera* e do rio Paraguai, duas ou três léguas²⁴¹; *echoaladis* (*chavaranás*)²⁴²; *equinquinaus* (*quiniquinaos*), distante da anterior um dia e meio de caminho²⁴³; *etchelonaes* (*terenas*)²⁴⁴, a mais retirada ao ocidente e mais próxima dos *chiquitos*; a última, dos *neguicay-temis*²⁴⁵, estava a duas léguas do rio Paraguai e paralela com a dos *cambas*²⁴⁶. Os *guanás* se sujeitavam aos *mbayás* em regime de suserania²⁴⁷, com tributação econômica de colheita e de serviço. Mais ao sul, ficavam os *lenguas* e os *mbayás*

²³⁹ Também designados como *chanés*, de forma errada, segundo Sánchez Labrador.

²⁴⁰ O mesmo *Tepoty*, segundo Azara; rio Apa, atualmente.

²⁴¹ Habitavam dentro da mata e chegavam a três mil pessoas; em 1772, passaram para o lado oriental, com um povoado pequeno, fundado quase na foz do *Abba* e que se chama *Niguatéquidevodi*.

²⁴² Eram mais de sete ou oito mil pessoas e estavam frequentemente em guerra com os *layanás* e os *mbayás*

²⁴³ Passavam de duas mil almas e eram aliados dos *echoaladis*.

²⁴⁴ Era o povo mais numeroso dos *guanás* e passavam de oito mil almas.

²⁴⁵ Depois, *pueblo* de Nuestra Señora del Refugio de Eg-vilechigo; seu número era de 120 pessoas, todos criados dos *cambas*.

²⁴⁶ Aguirre calculou que as cinco parcialidades juntas compunham 3.300 pessoas, em 1793, fora os que viviam entre os *mbayás*.

²⁴⁷ O termo “*vasallos*” não é exato. Traduzido também como “*escravos*” continua sem precisar a relação entre estas etnias. Existiu uma relação de dominação baseada no pagamento com alimentos e de serviços em troca de proteção.

enig-magas, lindeiros com os *layanás* e os *echoaladis*, inimigos por sua vez dos *mbayás* e dos *guanás*. Depois dos *lenguas*, seguiam inumeráveis parcialidades do *Gran-Chaco*²⁴⁸.

Desde antes da conquista espanhola, os guaranis disputavam o domínio do território das margens do rio Paraguai com *mbayás*. O procurador da cidade de Asunción, capitão Francisco de Aquino, pediu aos religiosos em 1613 que dessem parecer sobre qual atitude tomar em razão dos delitos praticados pelos *mbayás*. Estes haviam degolado todos os homens e mulheres da cidade de Tigre (Concepción del Bermejo), reservando para si as crianças. Também os canoieiros *payaguás* haviam matado os índios reduzidos de Jejuí e queimado a igreja. Em nome da Companhia de Jesus, os padres Manuel de Lorenzana, reitor, Diego González Holguín, comissário do Santo Ofício, e Francisco de San Martín deram seu parecer. O deão, cabildo e clero aprovaram o parecer dos jesuítas, de opinião que se deveria fazer *guerra à fuego y á sangre* tanto aos *mbayás*, como aos *payaguás*²⁴⁹. Dois anos depois, o procurador da província do Rio da Prata e de suas oito cidades, capitão Manuel de Frias, reiterou a urgência das medidas contra esses índios e indicou o nome de Hernando Arias de Saavedra para governador. Ao mesmo tempo, pediu também a divisão da província e do bispado²⁵⁰. Uma cédula real de 1618 autorizou essas medidas, por serem defensivas²⁵¹.

Novos ataques *mbayás* no norte do Paraguai, na segunda metade do século XVII, ocasionaram a retirada dos guaranis para a província de Mbaracayú. Guarambaré, Ipané, Atyrá, Tobati e Arecayá foram reduções pobres; a administração bastante omissa e a distância de Asunción permitiam uma maior liberdade de roças familiares livres ou uma evasão até os conchavos periódicos. Quando os *eyiguayeguis* atacaram as reduções de San Ignacio de Caaguazú e María de Fe de Aguaranamby, situadas sobre os rios Piraí e Ipané, os indígenas desses povoados começaram uma debandada desordenada. Eles não ofereceram resistência e os socorros provinciais tardaram. Em 1672, os *mbayás* atacaram o povoado de Atyrá, matando 120 pessoas, roubando o gado e os cavalos; isto motivou a fuga também de outras reduções do norte; segundo o informe de Bazán, os guaranis de Todos Santos de Guarambaré migraram até um local a meia légua de Terecañy, os de Ipané foram até Ytaú, os de Atyrá até Itanará, os de Arecayá, mais numerosos, cerca de 730 almas, se retiraram para o arroio Aruayá²⁵².

²⁴⁸ CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri a Conquista dos Sete Povos...**, *op. cit.*, p. 53-69.

²⁴⁹ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 241; 249-250.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 261.

²⁵¹ *Ib.*, p. 302-303.

²⁵² Actas del Cabildo de Asunción, 4 dic. 1673, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 193-194.

Esses guaranis missioneiros não fugiram para as matas, porque os *monteses* representavam para eles grupos selvagens; sentiam-se inseguros nas localidades de Mbaracayú, sobretudo quando havia notícia das malocas de mamelucos. O protetor de naturais pediu a posse das terras de Ñaendá e Bocayatí, no vale de Guarnipitan, para os *pueblos* de Ipané e Guarambaré. Pediu também a suspensão do serviço de *mitazgo* por três anos²⁵³. Pressionados então pelos *mbayás* e mamelucos, os guaranis seguiram o caminho de terra para Asunción. O governo de Asunción demarcou as novas terras a esses povoados migrantes, assentando-os em San Pedro de Ipané, Todos Santos de Guarambaré e San Francisco de Atyrá, este com apenas 60 almas. Cada povoação recebeu 300 cabeças de vaca da estância da cidade de Asunción²⁵⁴. A povoação de Arecayá foi suprimida como instituição e seus habitantes foram assentados em San Lorenzo de los Altos em 1675 e em outros povoados²⁵⁵. Também no sul, os espanhóis e guaranis sofreram constantes ataques de índios da outra margem do rio Paraguai, *mbayás, mocovís e tobas*.

Uma carta do governador do Paraguai Phelipe Rexe Gorbálán à rainha, em 1674, pediu armas para a defesa da província. Disse que no tempo do governador Alonso Sarmiento, os *mbayás* cativaram e mataram 700 almas dos *pueblos* de Santiago de Caaguazú e Nuestra Señora de Fe. Por essa causa mudaram mais de 1.000 famílias de ambos *pueblos* ao Paraná, próximo aos espanhóis, com autorização da *Real Audiencia de Buenos Aires*²⁵⁶. Dezesesseis meses depois, recebeu a resposta. Outra carta ao rei, de 1682, do governador Juan Diez de Andino, reclamou que não recebeu resposta sobre a conveniência de fazer guerra ofensiva aos guaicurus e *mabayás*²⁵⁷. Lamentou que os governadores e prelados daquelas três províncias do Prata excusassem a atendê-lo, pela distância, gastos e ocupações de seus trabalhos. Afirmou que o bispo do Paraguai julgava lícito fazer esta guerra ofensiva e que de sua parte considerava o mesmo. Remeteu cópia da Cédula datada de Madrid à 25 de julho de 1679 e que disporia da pensão e contribuição dos 8.000 *pesos* contidos nela para essa operação.

O comércio da erva, tabaco, açúcar e algodão ofereceu aos colonos paraguaios a mais profícua oportunidade de enriquecer-se. Eles tinham muitos meios de reunir grande fortuna, porém, os obstáculos eram ainda maiores. Dobrizhoffer explicou algumas de suas causas²⁵⁸.

²⁵³ Actas del Cabildo de Asunción, 20 feb. 1676 e 20 abr. 1676, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 141.

²⁵⁴ Actas del Cabildo de Asunción, 27 feb. 1679, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 141.

²⁵⁵ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 194-196.

²⁵⁶ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 3, 1918, p. 92.

²⁵⁷ *Ibidem*, p. 457.

²⁵⁸ DOBRIZHOFFER, Martín. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I. *De los bárbaros payaguas, quaycurus, abipones, mocobies, etc. que intranquilizan esta provincia.*

Desde o início da província, os espanhóis têm padecido de maneira mais lamentável com terríveis sedições, guerras, discórdias e litígios com governadores e bispos, além de divergências entre si. Os indígenas do Chaco lançavam continuamente ataques e por serem *repentinamente vencen a los españoles, ya que por lo general son más temibles por su celeridad que por sus armas*. A construção de fortins nas margens do rio Paraguai protegeu a capital de muitos estragos. Como não existiam tropas regulares, os próprios colonos deviam exercer a vigilância dos fortins e marchar contra os indígenas quantas vezes o governador achasse conveniente. Estes serviços de guerra, que duravam frequentemente por meses, impediam atender devidamente à agricultura e ao comércio. Este foi o principal motivo de sua pobreza, pois o peso da guerra se repartiu entre ricos e pobres. O contínuo ataque dos *payaguás* fez diminuir o comércio com Buenos Aires. Afinal, no governo de Rafael de la Moneda foi obtida a paz com esses índios.

Permaneceram nos Xarayes os *guatós*, subjugados pelos *payaguás*. Habitavam o rio Paraguai, da baía superior do Paraguai-mirim até pouco abaixo do Escalvado. Desde 1725, os *payaguás* investiram contra as monções paulistas que iam a Cuiabá²⁵⁹. Cinquenta anos depois, Luís de Albuquerque fundou o presídio Nova Coimbra e, três anos mais, a povoação de Albuquerque²⁶⁰, separando-os das povoações espanholas e coibindo, assim, sua retirada segura²⁶¹. Pouco a pouco, eles se afastaram desta região, permanecendo apenas os guaicurús que, por suas casas serem portáteis, deslocavam-se com facilidade pelas terras de Curuguaty e Ipané-guazú até o vale do Mbotetey. Venciam por vezes tribos mais numerosas, que reduziam ao cativo e conviviam com os *guaxis*, *guanás*, *guatós*, *bororos*, *caiapós* e *chiquitos*, compensando a diminuta natalidade dos casais guerreiros. Aliaram-se aos *payaguás* de 1719 a 1768, até que os espanhóis, molestados por suas correrias, atraíram estes índios para os arredores de Asunción, onde se estabeleceram definitivamente²⁶². Nos anos 1735 a 1738, entretanto, quase foi despovoado o vale de Guarnipitan, pelas ameaças aos *pueblos* de Itá, Guarambaré e Ipané²⁶³.

²⁵⁹ As monções, antes de utilizar o varadouro de Camapuã, passavam pelos rios Anhanduí e Aquidauana (SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RTIHGB**..., *op. cit.*, v. VI, n. 22, p. 169, 1844).

²⁶⁰ Em 1778.

²⁶¹ Luís de Albuquerque vendo o abandono em que se achava o baixo Paraguai, organizou um plano geral das fronteiras e, enquanto aguardava a aprovação da metrópole, teve notícia de que, em 1774, os espanhóis haviam se estabelecido ao norte do Ipané, violando, segundo sua opinião, a Convenção de 1761 que anulou o Tratado de Madrid, de 1750. Aproveitando-se da situação criada, lançou uma expedição para fundar o forte de Nova Coimbra, fez construir o forte Príncipe da Beira, fundou a povoação de Viseu, Albuquerque, Vila Maria, Casalvasco, instalou os postos militares dos Dourados, Jauru, Corixa e Salinas, servindo-se de vários pretextos.

²⁶² SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RTIHGB**..., *op. cit.*, v. VI, n. 22, p. 180, 1844.

²⁶³ ANA-SH, 119, n. 7, f. 3, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial**..., *op. cit.*, v. I, p. 142-143.

As correrias dos guaicurus em busca de cativos abarcavam preferentemente o norte do alto Ipané e entre os rios Aguaray-guazú e Aguaray-miri, aproximando-se do caminho Curuguay-Guayrá²⁶⁴. Desde o começo do século XVIII, muitos *monteses* cativados passaram à condição de escravos de diferentes *cacicazgos eyiguayeguis*. Flecheiros pedestres, como eram os *monteses*, pouca resistência podiam oferecer aos incursionistas equestres. Dobrizhoffer, em *Historia de los Abipones*, escreveu que estes conseguiram os primeiros cavalos em Santa Fe, roubando com facilidade dos antigos potreiros²⁶⁵. A constante *ameaça guaicuru* por uma parte e, por outra, a grande mobilidade dos ervateiros, obrigava os *monteses* a novos rearranjos²⁶⁶. O padre Sánchez Labrador explicou que os portugueses procuraram os guaicurus, *deseosos de atraer á su alianza una nación tan belicosa, y que les estorbaba sus grandes designios de apoderarse de la tierra de España hasta la villa de San Isidro de Curuguay*²⁶⁷, que mantinham sob medo constante.

Até 1760, os guaicurus *llenavan anualmente de sangre las campañas y la ciudad y villa de Curuguatí de lágrimas y luto*²⁶⁸. Entretanto, muitos foram os ataques dos índios do Chaco aos espanhóis e guaranis nesse intervalo. Em 1751, *atacaron en el Salado la estancia de don Jerónimo Verdejo, cura de los Altos, mataron algunos y cautivaron otros e hicieron un gran robo de cueros que estaban prontos para marchar a los beneficios de la hierba*²⁶⁹. Juan Francisco Aguirre relata que não só de paz se viveu este tempo. Ainda que os guaicurus estivessem contidos e alguns tenham ido até Curuguay, não cessaram de investir sobre a província. Uma seca prolongada por cinco meses seguidos, em 1752, lhes proporcionou outra entrada pelas margens do rio Yaguai, matando 26 pessoas na estância de Santiago Franco. Levaram o gado que conseguiram, matando o resto, e colocaram fogo nas casas.

Fue el último daño que causaron porque sin perdida de tiempo se levantó otra guardia que por el sitio se llamó de Caragatay en un desfiladero, paso preciso entre el monte grande de Yagui y sus esteros que allí no se apartan mucho del río. Cubría las estancias asaltadas que la quedaban próximas y el resto de las que se

²⁶⁴ AGUIRRE, Juan Francisco. **Diario del Capitán de Fragata**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional. t. II, 1950. p. 36. AGUIRRE, Juan Francisco. *Diario del Capitán de Fragata...*, *op. cit.*, p. In: **Revista de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires**, t. XIX, n. 47-48, p. 357, 1950.

²⁶⁵ *Los anchísimos ríos Paraná, y Paraguay que se unen en una sola desembocadura, eran cruzados a nado por ellos cuantas veces les placía, charlando alegremente. Las empujadas rocas eran recorridas a caballo tanto para ascender como para descender [...] Cruzaron sin ningún trabajo selvas que daban horror por la cantidad de malezas y de árboles, lo mismo que lagos y pantanos resbaladizos por el cieno. [...] Los indios aprendieron a usar los caballos de los españoles, en contra de ellos, como las armas más rápidas. Los jinetes españoles vencieron antiguamente a gran parte de los indios; hoy son vencidos no raramente por jinetes indios (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. III, cap. II - *Por que motivo llegarían a tener plena posesión de los caballos y como en virtud de estos se harían temibles para sus vecinos*).*

²⁶⁶ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 186.

²⁶⁷ LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay Católico...**, *op. cit.*, p. 104.

²⁶⁸ Ver pág. 55 desta dissertação.

²⁶⁹ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 461.

siguen. Se mandó la guarneciesen por turno las compañías de Villa Rica y ya no entraron más los mbyás. [...] Aun en la seca solo los mbyás le podrían romper. Hoy se usa pero es malísimo en tiempo de aguas. Las armadas salían con frecuencia al reconocimiento de la costa arriba y se celebraba que el nuevo comisario don Juan Antonio Aristegui pasase las orillas del río Xejuí. Eran estes pasos de descubrimientos y así se llamaban como si nunca se hubieron conocido. De este modo se vivió con los mbyás sin notable acaecimiento hasta que solicitaron la paz y se les concedió el año de 1756. Pero con formalidad se ratificaron y confirmaron el 15 de marzo de 1760. Llegaron a Manduvirá más de 300 indios y Aristegui que los esperaba con dos embarcaciones, bajó unos 30, entre ellos su agigantado y gran cacique Lorenzo²⁷⁰.

Em agosto de 1760, os padres José Sanchez Labrador e José Martín Matilla embarcaram em Asunción e subiram o rio Paraguai com eles. *No la quedaron más enemigos que los del Chaco*²⁷¹. Em 1770, os *payaguás*, sensivelmente reduzidos, após 45 anos de aliança com os guaicurus, uniram-se aos espanhóis, depois de sofrerem repetidas atrocidades²⁷², desde 1730, perpetradas pelos paulistas e pelos cuiabanos. Os *payaguás* tinham no século XVI o domínio do alto Paraguai e enfrentavam com frequência seus rivais canoeiros *guaxarapos*. Navegavam acima da Laguna de los Xarayes e faziam excursões ao rio Paraná, até próximo a Santa Fé. Eram identificados com os nomes de *cadigués*, *magaehs*, *agacés*, nomes corrompidos pelos espanhóis; depois foram chamados de *sarigues* e *siacuas*; os espanhóis os apelidaram de *tacumbus*, que é o nome da região que eles viviam²⁷³. Aproveitavam também a zona de arroz silvestre, impondo-se a outras tribos que vinham para colheitas periódicas. Na afirmação de SúsNIK, os *payaguás* defendiam suas pautas culturais, rechaçando a oferta dos espanhóis de carne, erva-mate, cavalos e vestimentas, aparecendo em Asunción com simples pintura corporal²⁷⁴. Na época de cheias, suas canoas remontavam os rios Ipané e Jejuí para atacar e destruir o transporte de erva-mate e para cativar guaranis em serviço. Contribuíram para tornar o tráfego fluvial ervateiro insustentável após a retirada dos guaranis de Guarambaré, obrigando os beneficiadores a tomar o caminho terrestre Guayrá-Asunción. Na opinião do padre Martin Dobrizhoffer, a par das dificuldades de relacionamento dos espanhóis com o governo colonial, a responsabilidade pelo atraso econômico da província do Paraguai também era consequência das frequentes investidas das nações consideradas por ele como bárbaras²⁷⁵.

²⁷⁰*Ibidem*, p. 463-464.

²⁷¹*Ib.*, p. 464-465.

²⁷²CALDAS, João Augusto de Cerqueira, 1887, p. 9-22; SÁA, Joseph Barboza de. 1775, p. 9-12.

²⁷³RENGGER, Johann Rudolph. **Reise Nach Paraguay...**, *op. cit.*, p. 134.

²⁷⁴SÚSNIK, Branislava. *Etnohistoria del Paraguay...*, *op. cit.*, p. 19.

²⁷⁵*Como esta provincia se halla desprovista de tropas regulares, los mismos colonos deben ejercer la vigilancia en los fortines y marchar contra los bárbaros cuantas veces el gobernador lo estime conveniente. Estos servicios de guerra que frecuentemente duran por meses, les impiden a causa de su repetida y larga ausencia atender debidamente sus asuntos caseros y familias, su agricultura y comercio. Este es el principal motivo de su*

Antônio Pires de Campos fez um relato em 1723 das muitas parcialidades que encontrou no decurso de muitos anos²⁷⁶. Anotou que os *caiapós* habitavam o rio Paranaíba, chegando a fazer danos na região do rio Taquari, Guacuruhy e Verde, alcançando os rios Pardo, Camapuã e Coxim. Observou também que o rio Anhanduí era habitado por seus inimigos, o gentio *guadaxo*, “que não eram de aldeias, mas viviam de corso e montarias”. No rio Claro, afluente do Mbotetey, habitaram “lotes de gentios canoeiros” (*aba’hihe, chiquiaez, humegay*) que faziam guerras com os *payaguás* e *guaicurus*. Nos rios Mbotetey e Aquidauana (Araquahy), “cujas cabeceiras vêm dos campos da Vacaria”, viviam alguns grupos de gentios (*avahuahy* e *ahins*), “também embarcações e iguais os acima”. Abaixo da barra do Mbotetey habitavam os *payaguás*. Os *guaicurus* cursavam os rios Araquahy, Mbotetey, Claro e todas as vargens do Taquari. Aliados aos *payaguás* no rio Paraguai, chegavam até o rio dos Porrudos. Daí para cima habitavam os *guatós, caracarás, guaxarapos, surucus, guacamão, cuvaqua* e *tuque*, “todos embarcações, gente de corso e sem aldeias. Viviam de montarias, o seu maior sustento era do muito arroz que colhiam no tempo da enchente”.

Muitas outras parcialidades viviam Paraguai acima, até o reino dos *parecis*. O relato impressiona pela quantidade de parcialidades e pela abrangência. Algumas delas foram registradas no mapa de Rondon. É factível, portanto, propor que no limite norte da *Tierra Mbayánica*, até as primeiras décadas do século XVIII, havia um espaço de transição entre guaranis e *caiapós* meridionais ocupado por *guaxarapos*²⁷⁷, *guachis, guadaxos* e outras parcialidades e que, depois, limitou o domínio dos *guaicurus*. Na próxima figura (FIG. 29) estão mostradas a conquista da *tierra mbayánica*, consolidada pelos *guaicurus* e, ao norte, a barreira encontrada por eles, constituída por outras etnias. Alguns autores limitaram a *tierra mbayánica* pelos rios Taquari, Coxim e Pardo. *Guaxarapos, guachis, etc.* formaram um grupo de canoeiros e serranos que inviabilizaram a continuidade desse domínio. Porém ressalta-se que o domínio dos *guaicurus* foi mais forte no percurso dos caminhos antigos e nos campos, favoráveis às imprescindíveis montarias para as longas distâncias.

pobreza, pues el peso de las molestias de la guerra se reparten solo sobre los pobres, pero a los ricos y nobles se les deja en sus casas y en su negocio. [...] Como la navegación se interrumpía por los robos cometidos diariamente, el comercio, fuente del bienestar, pereció también (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. *De los bárbaros payaguas, quacyurus, abipones, mocobies, etc. que intranquilizan esta provincia*).

²⁷⁶ CAMPOS, Antônio Pires de. Breve Notícia que dá o capitão Antônio Pires de Campos. In: **RIHGB**, Rio de Janeiro: Luiz dos Santos, v. XXV, p. 437-449, 1862.

²⁷⁷ *Arriba de estos Gualachos hazia el Nordeste esta el rio Taquary que se desemboca en el Paraguay arriba de los Guayarapos. En este rio ay Indios Guaranis que venian antiguamente a contratar con estos Itatines, pero por los Gualachos del rio Butetey que dixen estan entremediados y les estorvan el paso no se atreven a venir mas* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, op. cit., p. 48. VII – *Ánua do Padre Diego Ferrer para o Provincial sobre a Geografia e Emografia dos Indígenas do Itatim, Itati, 21 de Agosto de 1633*).



FIG. 29. *Guaxarapos* (séculos XVII a XIX); Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 (juntas) da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

No final do século XVIII, os *guachis*, antes numerosos e agricultores, não se diferenciavam mais dos *guaicurus*, formando um único povo²⁷⁸. Os *guató*s tinham suas aldeias ao norte do rio Taquari. Os *guanás* mudaram uma de suas aldeias para as vizinhanças de Cuiabá; os *etelenoés* se estabeleceram perto de Aquidauana. Os *caiapós* de Goiás dilatavam suas correrias até as imediações de Camapuã, vizinhando com os *ofayé-xavantes*. Do lado ocidental do rio Paraguai tinham várias parcialidades chamadas pelos guaranis de *gualachos*²⁷⁹; uma jornada do rio Paraguai terra adentro, viviam os guaranis *ybyti-guaras* (gente da serra) e seus *pueblos*, próximos uns dos outros, chegando até os *chiriguanas*. Faziam trocas entre si e com os *itatines*, passando muitas vezes o rio Paraguai, antes que os *payaguás* dominassem o rio, de Asunción até os *guaxarapos*, sendo amigos apenas dos *itatines*. Acima do passo do rio Paraguai, viviam os *guaxarapos*, sobre o cume de uma serra, como em uma fortaleza, e não deixavam ninguém subir ao seu *pueblo*. Eram *gualachos* que, além de sua língua, falavam guarani. Eram inimigos dos *payaguás*. Rio acima, depois destes, viviam os *xarayes* e *orejones*. Próximo do rio Mbotetey viviam muitos *gualachos* em mais de

²⁷⁸ SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RTIHGB**..., *op. cit.*, v. VI, n. 22, p. 180.

²⁷⁹ *De las muchas naciones comarcanas que ay por aqui al rededor, [...] destas otros son Guaranis otros son Gualachos, [...] que comprehendese todas las naciones que no tienen por própria la légua Guarani* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim**..., *op. cit.*, p. 45).

vinte *pueblos* e só diferiam dos guaranis na língua, ainda que as tivessem por língua comum para negociar com *itatines*²⁸⁰. Muitos guaranis viviam entre esses *gualachos* até o rio Taquari. No mapa a seguir (FIG. 30) foi anotada a localização dos guaxarapos junto à margem direita do Mbotetey. Furlong atribuiu sua elaboração a Diego de Torres, primeiro provincial do Paraguai²⁸¹. Foi publicado, no entanto, em 1630, nas publicações de Janssonius e Blaeu, que indicou Jacobus Hondius II como seu autor. De qualquer forma, não foi feita referência à província de Guayrá ou qualquer outra posterior ao início das Missões.

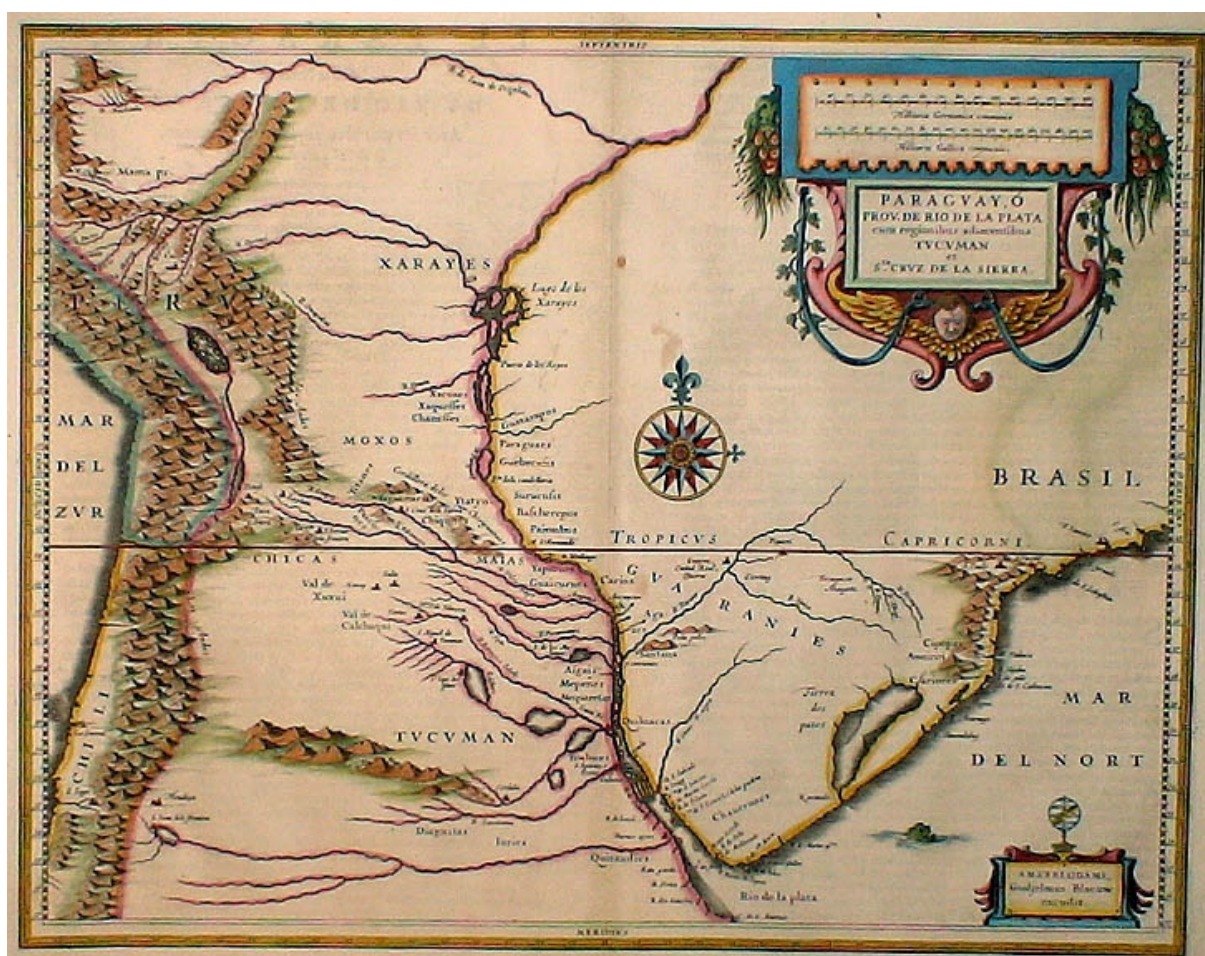


FIG. 30. Paraguay, ó Provincia de Rio de la Plata, cum regionibus adjacentibus Tucumán et Santa Cruz de la Sierra, 1616. Fonte: Biblioteca Nacional do Brasil.

As tentativas do governo paraguaio de recuperar as terras ao norte fracassaram. Em 1688 o governador Francisco Montforte reuniu gente de Asunción e Villa Rica para entrar pelo Caaguazú, até as terras dos guaicurus nos campos de Aquidabán. Estes usaram, além de

²⁸⁰ *Ibidem*, p. 29-49. VII – *Ânuo do Padre Diego Ferrer para o Provincial sobre a Geografia e Etnografia dos Indígenas do Itatim*, 1633.

²⁸¹ FURLONG CARDIF, Guillermo. **Cartografia Jesuitca del Río de la Plata**. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1936, p. 21

fogo, tropas de cavalos e bois alçados²⁸² para debandar as tropas provinciais. O governador Rafael de la Moneda decidiu então fundar fortins nos passos dos guaicurus, que, em resposta, atacaram a vila de Curuguaty em 1749, provendo-se de muitos cativos entre os *criollos*. A partir de 1750 a situação mudou, desfavorecendo os *eyiguayeguis*. A vigilância dos passos tradicionais começou a apresentar resultados, estreitando a zona de retiradas impunes. Os fortes fundados em Mato Grosso pelos portugueses e as vitórias dos *chiquitos*, debelando seus ataques, retiraram parte de seu poder. Nas terras do Chaco, os equestres *cochaboth* se acercaram deles e roubavam periodicamente seus cavalos. A soma desses eventos afetou sua economia. Perdendo a mobilidade, vendo-se restritos ao território do alto Paraguai, em 1759, os guaicurus pactuaram a paz com o governador do Paraguai, Jaime de Sainjust, com as seguintes cláusulas: cessar as incursões nas províncias; liberar a fronteira ao norte do rio Jejuí; obter autorização oficial para deslocar grupos que iam negociar e até para caciques, quando iam fazer visitas²⁸³. Com a população indígena reduzida, após a transmigração *costa abajo*, os jesuítas começaram reduções com etnias não-guaranis. San Estanislao e San Joaquín²⁸⁴, com *caaiguás*, Belén, com *mbayás* e Tacuati, com *layanás*. Entes, no entanto, enquanto preservavam a independência de suas comunidades, foram ocupando terras vizinhas cultiváveis, competindo com os *criollos* das estâncias estabelecidas na zona dos rios Aquidabán e Jejuí. Em 1796, organizou-se em Villa Real uma incursão contra eles, quando houve a *matanza* de 75 índios. Como consequência, muitos grupos cacicais emigraram para Mato Grosso, deixando seus campos em poder dos *criollos*²⁸⁵. Até 1815 ainda houve novos conflitos por terra nessa área, obrigando o comandante militar de Villa Real pedir socorro de armas para estabelecer a paz nos campos de Aquidabán.

Na figura a seguir (FIG. 31), está mostrada a área que foi recuperada do domínio dos *mbayás* pelos *criollos*, após a fundação de Concepción. Nesse processo, o auxílio dos jesuítas foi importante porque, muitas vezes, eram eles que avançavam a fronteira, reduzindo os indígenas. O estabelecimento de grandes estâncias de gado, *criollas* e, inicialmente, de jesuítas, proporcionou aos moradores da vila a oportunidade de intermediar a produção de erva-mate em troca de mercadorias ofertadas pelo mercado colonial. O desenvolvimento de

²⁸² *Cimarrones*, nos textos em espanhol.

²⁸³ SÚSNIK, Branislava. Etnohistoria..., *op. cit.*, p. 11.

²⁸⁴ *Junto al río dicho [Yuqueriy] estuvieron algún tiempo los dos pueblos de San Joaquín y San Estanislao, por miedo de ser sorprendidos de los Mbayás. Después volvieron á los sítios que hoy tienen. Salimos de San Joaquín y llegamos á San Estanislao. Según algunos indícios tienen algunas familias de los antiguos Arcayanos. En el pueblo hay un cacicato llamado Xavié, y el cacique cuenta que su abuelo fué ahorcado. Hay también cacique llamado Tupí, nombre de Indios Portugueses, y de los amotinados. Véase la vida del Padre Quesa en Las Siete Estrellas* (LABRADOR, José Sáchez. *El Paraguay Católico*..., *op. cit.*, p. 216).

²⁸⁵ SÚSNIK, Branislava. Etnohistoria..., *op. cit.*, p. 12.

uma logística, nas proporções coloniais, e a oferta de trabalho, temporário ou não, atraíram mestiços, índios livres e até estrangeiros, formando uma significativa corrente migratória. Com a efetivação dessa reconquista, *la tierra mbyánica* sofreu descontinuidade entre o território tradicional desses índios, ao ocidente do rio Paraguai e o conquistado por eles. Mesmo considerando seus deslocamentos à cavalo por grande extensão, esse isolamento pode ter concorrido para acelerar a diferença entre os antigos *mbyás* e os conquistadores guaicurus. Também contribuiu para acentuar a separação entre a dominação dos guaicurus na bacia do rio Paraguai e a na bacia do rio Paraná. Os *cainhuans* (ou *caaiguás*) que habitaram entre os rios Iguatemi e Ivinhema, porque viviam mais distantes, sofreram menor pressão, comparativamente aos guanás, na relação de suserania com os guaicurus.



FIG. 31. *Reconquista criolla* (1773). Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 (juntas) da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

Os *charavanás*, em grupos de 50 a 100 homens, iam a Asunción se empregar por um ano de remeiros ou em serviços agrícolas, em troca de recompensas prévias; “na volta, costumavam levar consigo mulheres mestiças e mulatas, que adquiriam o *status de agregadas*”²⁸⁶. Alguns grupos *chavaranás* abandonaram o Chaco em 1793 e, liberados da vigilância dos *mbyás*, foram para os campos de Miranda, em Mato Grosso; outros grupos estabeleceram suas aldeias entre a zona dos rios Ipané e Aquidabán, provocando inquietação

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 29.

entre a população *criolla* pelo aumento da população *guaná*. Para desconcentrar o gentio *chavaraná*, Lazaro de Ribera fundou a redução de San Juan Nepomuceno nas terras de Caazapá. “O trabalho nas estâncias vizinhas e a frequência do casamento com mulheres guaranis influíram na desagregação interna da aldeia e na sua rápida *guaranização* linguístico-cultural”²⁸⁷. Em 1812, os *charavanás* dispersos na redução de San José de Yetití foram agrupados à força. “O comandante militar de Villa Real permitiu a outros grupos *chavaranás* o estabelecimento de uma aldeia livre em Yetyty-Lima, servindo os homens como auxiliares nas expedições contra os guaicurus. Eles respeitavam o controle de Villa Rica”²⁸⁸. Quando os *criollos* reconquistaram efetivamente as terras limitadas pelos rios Jejuí, Ipané e Aquidabán, os *etelenoés* de Nomíguena se negaram a mudar para áreas mais distantes, sendo desalojados à força até os estabelecimentos portugueses.

Os *etelenoés* emigraram até Coimbra; apenas um grupo se manteve no Chaco, ocupando terras dos emigrados *charavanás*, próximo ao forte Borbón. Prestavam informações sobre o deslocamento dos *mbayás*. Em 1790, um grupo de *etelenoés* obteve autorização para ocupar a região de Naranjaty em Horqueta. “Eles também adotaram o cavalo, para por sua vez realizar incursões entre os *monteses* para prover-se de trabalhadores escravos para a agricultura”. Apesar da reação, os *criollos* conseguiram desalojá-los só no ano de 1841, “terminando com a ocupação de *guanás* no Paraguai oriental”²⁸⁹. Os *quiniquinaos* emigraram para Coimbra já em fins do século XVIII²⁹⁰.

Alguns dos principais chefes guaicurus se reconciliaram com os portugueses em 1791, indo até Vila Bela²⁹¹. Coimbra, antes da paz, era um verdadeiro desterro. Confinados, não se pescava nem se caçava senão debaixo de vigia de homens armados. Em setembro de 1793, Azara comunicou ao rei as notícias que tinha dos indígenas próximos ao rio Paraguai:

[...] de la nación Guaycurú solo existe un varón: los Payaguás, sin faltar uno, están en reducción dentro de esta ciudad: todos los Mbayás habitan al este de este río, menos una parcialidad que hay en el Chaco, pegada a El en los 21° 06' de latitud, esto es, tres leguas al sud de nuestro presidio de los Hermanos. También los Guanás habitan en esta banda, menos muy pocos que viven en el Chaco, en el paralelo de 21° 56', distando deste río ocho leguas, y son nuestros amigos, lo mismo que los Mbayás: de modo que, en el camino, desde nuestro pueblo de Santiago a Albuquerque, no existe bárbaro alguno, sino muy pocos de la nación espantadiza, y

²⁸⁷ O rio Yetití é afluente do Paraguai, logo abaixo do Jejuí.

²⁸⁸ SÚSNIK, Branislava. Etnohistoria..., *op. cit.*, p. 30.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 31.

²⁹⁰ *Idem*.

²⁹¹ O convênio de paz assinado pelo cacique guaicuru Queima e o capitão-geral João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres foi assinado em agosto de 1791. No ano seguinte, o governador da província do Paraguai, Joaquín Alós, também assinou um termo de paz com os *mbayás* (SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RTIHGB**..., *op. cit.*, v. VI, n. 22, p. 179).

en extremo pusilânime, llamada Guato, que navega en diminutísimas canoas la laguna que hay pegada a este rio, muy poco al norte de Albuquerque. Tampoco hay nación que pueda embarazar el tránsito desde Santiago a Coimbra, sino la Ninaquiguila, identica a la Guato, que habita un bosque que se ha de atravesar: pero este camino es malo, pantanoso, se inunda en las crecientes, y no tiene que beber cuando baja el rio. Las mismas dificultades, sin quitar ni poner, se hallarían si se quisiese comunicar los Chiquitos con el presidio de los Hermanos.

Quatro anos depois, formaram-se algumas aldeias no Mbotetey e outras nas serras de Albuquerque, em razão da *matanza* espanhola. Ricardo Franco de Almeida Serra limitou o domínio dos guaicurus por entre os rios Taquari, Paraguai, Ipané e *semelhantemente na opposta margem das Serras de Albuquerque para abaixo, espaço grande de terreno, que ainda não ocupado pelos vizinhos Europeos, dão segura morada a esta e outras nações*²⁹². Concentraram seus assaltos, então, às fazendas espanholas ao norte do Ipané. O coronel José Espíndola fez guerra contra eles, desde 1796, perseguindo-os até o vale do Mbotetey. No primeiro encontro pereceram mais de 300 guaicurus, entre os quais o capitão Queima, aliado dos portugueses. Até 1813, eles continuaram exercendo o domínio da região compreendida entre as cabeceiras do Iguatemi, pouco ao ocidente, até o rio Paraguai. Algumas *tolderías* se formaram nesse território e no Ytapucú²⁹³, onde foi construído o forte Olimpo, juntando-se, depois, com os que já estavam no Mbotetey²⁹⁴. Dizimados seus rebanhos equinos pela peste das cadeiras, desde 1851 perderam um dos elementos de sua superioridade, deixando de fazer suas grandes jornadas.

²⁹² “As suas numerosas cavalgaduras fazem que busquem as visinhanças dos Campos para viverem, onde são temíveis, devendo a esta vantagem que as nações a elles mais proximas os olhem com temor e respeito; chamando-se algumas d’ellas, depois de vencidas, de captiveiros dos Aycurús, que, como uma espécie de Tartaros, vivem do que plantam as outras nações, que com aquelle título compram seu socego. [...] Os Aycurús com incerta morada, trasem nos seus cavallos as suas casas [...] que armam brevemente. [...] A falta de prole teria aniquilado as suas dispersas tribus, se não adoptassem para mulheres as que adquirem de outras nações, e os seus filhos, e muitas vezes os pais...” (*Ibidem*, p. 178).

²⁹³ Ytapucú-guazú (pedra comprida e grande), hoje se chama Pão de Açúcar.

²⁹⁴ MOLAS, Mariano Antonio. In: **La Revista...**, *op. cit.*, t. IX, p. 205, 1866; Conforme o Barão de Melgaço, o Mbotetey, era antes chamado pelos espanhóis de Guachie e, na exploração que fez Antônio Leme do Prado em 1776, por ordem do capitão-geral Luís de Albuquerque, passou a ser denominado Mondego. “Na atualidade é conhecido pelo nome de Aquidauana, e ainda mais pelo de rio Miranda, que mais especificamente cabe a seu galho meridional, que nos mapas vem designado por Maréco”. O local onde o Nioaque fazia barra no rio Miranda era chamado Forquilha, distante 11 léguas por terra do “varadouro de Nioac”, e depois ao Brilhante, de 9 a 10 léguas (LEVERGER, Augusto (Barão de Melgaço). **Vias de Comunicação de Matto-Grosso**. Anotações de Estevão de Mendonça. Cuiabá: Avelino de Siqueira, 1905, p. 48-50).

CAPÍTULO 3 – O TRABALHADOR, O BENEFICIADOR E O MERCADO

Costuma-se identificar o trabalhador ervateiro como guarani. Não deixa de ser uma verdade, se forem consideradas suas descendências, apesar da participação de outras etnias, desde o início dos tempos coloniais. Este capítulo discute a relação dos habitantes dos ervais de Mbaracayú (*caaiguás* ou *monteses*) com a atividade, com os beneficiadores e com os guaranis e explica as alterações que ocorreram, durante quase três séculos, na exploração desse trabalho. Investiga se as populações que viviam no entorno dessa província, nas duas margens do rio Paraná, eram das mesmas parcialidades encontradas nos ervais explorados nessa época, e se podem ser caracterizados como não guaranis. As fontes pesquisadas mencionam a presença principalmente de *ñuarás* e *caiuás* no Yaguari. Os primeiros já foram abordados nesta dissertação. Já a identidade dos *caiuás* é um capítulo à parte da história indígena. A discussão sobre identidades indígenas não é nova¹. A partir da construção do guarani e do não guarani (ou *gualacho*), analisam-se aqui os passos históricos da formação dos *caiuás*. Na narrativa histórica, o não guarani foi evidenciado como inimigo em vez de aliado, o traiçoeiro, o selvagem que atrapalhava os avanços da civilização². Em fins do século XVI, parte da população guarani ou guaranizada mantinha-se fora do direto controle sociopolítico dos espanhóis, mantendo certa liberdade em regiões afastadas dos interesses imediatos dos povoadores, sofrendo, no entanto, as consequências de uma definitiva delimitação local e regional. A história dos *caiuás* confunde-se e diferencia-se, ao mesmo tempo, da história dos *monteses*.

Selvagem, a despeito das inúmeras variações conceituais deste termo, é a tradução literal de *caaiguá*, nome guarani para os *monteses*. A atribuição de etnia a *monteses*, *ñuarás*, *ybytiguaras* e *yapirús* pode esconder a identificação das etnias abarcadas por essas denominações³. A contraposição de índios históricos aos atuais tem sido objeto de pesquisa

¹ Ver FERNANDES, Florestan. **A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Globo, 2006.

² *Dice que en el Paraná y Uruguay, donde tiene la Compañía reducciones y doctrinas, hay gentiles que andan en aquellos campos sin determinada habitación, ni quererse reducir á vida política y racional, ni admitir la fe á la cual han intentado reducirlos los religiosos de dicha Compañía. Que estos gentiles acometen á los indios de dichas reducciones, matando y cautivando los que pueden cuando salen á viajes ó á cultivar sus tierras ó á la de los españoles, y en algunas reducciones hurtan el ganado y obligan con su ferocidad á desamparar las estancias, por no estar seguros de las atrocidades de dichos indios. Suplica se mande Real Cédula á los Gobernadores de Buenos Aires y el Paraguay para que los repriman y castiguen, enviando orden á los Capitanes de las reducciones que reciben dichos agravios, salgan con su gente á reprimir y castigar dichos indios, reduciéndolos y poblándolos, para que puedan ser doctrinados y enseñados en la fe, y vida política y cristiana, trayéndolos y poniéndolos en las reducciones que están de paz y profesan la ley de Cristo, y de esta manera no se perderán* (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 3, 1918, p. 262-263. *Memorial de Tomás Dombidas, Procurador de la Compañía de Jesús por el Paraguay y Buenos Aires, 1679*).

³ Igualmente, quando se refere a *yapirús* (canoeiros).

de muitos autores, porém, o diálogo com um caso específico pode ser profícuo. Nesta dissertação, partiu-se de referências de um século atrás para buscar fontes coloniais que pudessem iluminar esse assunto. As outras ciências privilegiam abordagens das características biológicas, linguísticas, religiosas ou da cultura material. O processo histórico cumpre papel de ciência auxiliar nessas análises.

A integração socioeconômica de *criollos* paraguaios e indígenas é outro objeto de análise de parte deste capítulo, examinando quando e como os conflitos foram superados, ou não. O termo *criollo* foi empregado para nomear os descendentes de espanhóis nascidos na América. Discute-se, no entanto, a abrangência de seu emprego para mestiços descendentes de espanhóis e índios. Enquanto a certeza da linhagem espanhola era pré-requisito para preenchimento dos cargos públicos, foi corrente no Paraguai a dificuldade de estabelecê-la. Aí, um mestiço, sem chegar a ser espanhol, se definia como não índio. Parece ter havido uma certa elasticidade frente ao problema da mestiçagem⁴, que consolidou uma das poucas sociedades da América Latina *verdadeiramente* bilíngues. Por outro lado, a posição frente aos negros foi radicalmente distinta. A análise da defesa da fronteira norte foi tomada como referência para compreender o papel dos *criollos* nos benefícios de erva e nas estâncias de gado e sua relação com as parcialidades indígenas. Em fins do século XVI deixaram de chegar europeus a essa província, voltando esse fluxo a ser considerável no final do século XVII. Antes da expulsão dos jesuítas, 60% da população era considerada indígena e, duas décadas depois, em 1782, só 30%. Ignacio Telesca questiona se está se falando da mesma mestiçagem nos séculos XVI, XVII e XVIII⁵.

Ao final da época colonial os produtos de exportação paraguaios passaram a ser mais valorizados e aumentou a demanda pela erva⁶. O consumo em Buenos Aires tornou-se, no

⁴ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 204-205; 211 e 352.

⁵ TELESKA, Ignacio. **Tras los Expulsos**: Cambios demográficos y territoriales en el Paraguay después de la expulsión de los jesuitas. Asunción: CEADUC, 2009, p. 164.

⁶ *La vasija por la cual se lo bebe, se hace de un cuerno de vaca o de una calabaza cortada por la mitad, la cual se adorna con diversos dibujos a fuego y a la cual los más distinguidos hacen engastar con cintillos de plata. El vulgo la llama mate, pero por con ella la mayoría indica más bien la misma bebida de la yerba. Dentro de esta vasija se echa una cucharada común de yerba, se mezcla con azúcar en agua fría por un rato y luego se riega con agua caliente. Muchos agregan también jugo de citrus o limón para expeler la bilis. La yerba así preparada, forma espuma en su superficie como la leche. Los Españoles lo sorben por un cañito de plata, en el cual abajo se halla fijada una bolita de plata agujereada por todos los lados para que no llegue a la boca la yerba junto con el agua, lo que es muy perjudicial al estómago. Otros so sirven, bien sea de un cañito de madera o de alguna cañita. Los indios que no hacen ningún uso de este cañito, sorben involuntariamente una cantidad de yerba [...]. A mí, a lo menos, me gustaba y me aprovechaba tanto la yerba paraguaya que por muchos años dejé intacta una caja entera de té chino (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I. De la yerba paraguaya, su origen, preparacion, comercio y usos).*

final do século XVIII, muito superior ao do Paraguai⁷. No entanto, os jovens espanhóis de Asunción preferiam o comércio a viver no campo. Por outro lado, os que ali viviam estavam como *sembrados* pelos vales⁸, em contraposição com a concentração da população indígena *poblada*. A partir de 1676, ocorreram profundas mudanças na economia ervateira com reflexos evidentes em toda a província, que começaram a ser visíveis em 1682. A transmigração de espanhóis e guaranis *poblados* deixou nos ervais de Mbaracayú apenas os *monteses*. As artes e ofícios estavam principalmente em mãos escravas; não havia feira ou mercado na província; os produtos agrícolas eram vendidos diretamente nas casas dos consumidores; o comércio se reduzia a permutas e os impostos reais eram cobrados em erva, algodão ou tabaco. A finalidade desse comércio era o consumo e não a “aquisição de dinheiro”. O Paraguai exportava esses três itens para o vice-reino, apesar de ter madeira para fornecer aos portenhos⁹. Porém, os *obrajes*¹⁰ nas margens dos rios Jejuí-guazú e do Jejuí-mini, em Curuguaty, e do Tebicuarí, desde Villa Rica até M’buyapei¹¹, entraram em franca atividade apenas ao final da *Intendencia*. A madeira seguia em toras principalmente para Buenos Aires.

Com o fim do *Puerto Preciso* em Santa Fe¹², que durou até 1780, e a eliminação da cobrança dos pesados tributos que foram estabelecidos sobre a erva-mate, o tabaco e o açúcar, as atividades produtivas do Paraguai tomaram mais impulso. Com a criação da *Real Renta del Tabaco y Naipes*, três anos depois da *Intendencia*, o tabaco foi remunerado em moeda de prata e estabelecido monopólio de seu comércio. A entrada de moeda facilitou o financiamento da produção de erva-mate, apesar de o cabildo de Asunción reclamar do preço pago pelo tabaco e da concentração do recolhimento dos impostos por Buenos Aires. Em 1811, foi extinto o *estanco del tabaco*.

Na segunda metade do século XVIII se produziu nas províncias do Rio da Prata uma divisão muito clara de interesses entre os partidários e os inimigos do comércio livre. No

⁷ “Se sabe por experiência que num povo de quinhentas famílias de ordinário se gastavam quinhentas arrobas por ano” (TESCHAUER, Carlos. História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos. 2ª. ed. São Leopoldo: UNISINOS, transcrição e tradução de Arthur Rabuske, v. 1, 2002, p. 426).

⁸ AZARA, Felix de. *Geografía física y esférica...*, *op. cit.*, t. I, 1904, p. 430.

⁹ *Ibidem*, p. 431.

¹⁰ O termo se aplica principalmente a oficinas manufatureiras. Neste caso, refere-se aos locais de exploração de madeira.

¹¹ MOLAS, Mariano Antonio. In: *La Revista...*, *op. cit.*, t. IX, p. 542, 1866.

¹² Todas as embarcações que se dirigiam ao Paraguai pelo rio Paraná deviam registrar-se e fazer escala obrigatória nessa cidade, pagando as taxas devidas. Sua instituição ainda gera debate na historiografia argentina. Enquanto grande parte dos autores (como Nidia R. Areces, 2002) a vinculam com a data do traslado da cidade de Santa Fe (por cédula real de 1662), outros, como Garavaglia (1983) defendem que se originou de reivindicações de seus vizinhos para contrapor-se ao crescimento da importância de Buenos Aires no mercado colonial, conseguida finalmente em 1740.

século XIX, Buenos Aires se destacava pela particular e constante presença de interesses estrangeiros, sobretudo porque a atividade comercial lusitana exerceu um comércio ininterrupto até 1822, praticado dentro e fora da lei, com variável intensidade durante todo o período colonial. A partir dos tratados de Methuen (1703) e Utrech¹³ (1713) e, sobretudo, com a abertura dos portos em 1808, promovida por D. João VI, os portos do Brasil (e Colônia de Sacramento) se converteram em bases para a penetração britânica nas províncias do Rio da Prata¹⁴. O intercâmbio com o exterior converteu-se em um dos meios vitais para garantir a estabilidade da nova ordem política em Buenos Aires. A lei de Índias punia com a pena de morte *traficar con el extranjero, sea cual fuere el pretexto*. O contrabando em Buenos Aires, no entanto, era imprescindível para o seu sustento.

3.1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE DOS CAIUÁS

A atenção de historiadores para o estudo do “índio colonial” acentuou-se nas últimas décadas, quando o foco passou dos colonizadores para os colonizados. O debate em torno dos “direitos sobre terras, trabalhadores e almas indígenas” subsidiou a nova historiografia, que pretendeu contrapor-se à tendência de “exclusão dos índios como legítimos atores históricos”. Alguns autores consideraram que a “poderosa imagem dos índios como eternos prisioneiros de formações isoladas e primitivas” dificultou a compreensão dos múltiplos processos de

¹³ *El tratado de Utrecht de 1713, que puso fin a la guerra de sucesión de España, significó prácticamente la repartija de ésta entre Francia, Inglaterra y Austria. Si Francia conseguía colocar un príncipe francés en el trono de Felipe II, Austria se quedaba con Italia y el Flandes Español, e Inglaterra con Gibraltar, Menorca y muy buenos privilegios comerciales: entre estos, la facultad de importar negros a la América española, mercándolos por productos autóctonos. [...] Pero la industria anglosajona a principios y mediados del siglo XVIII, carecía de las condiciones necesarias para apoderarse del mercado americano. Si bien la fabricación vernácula era aún primitiva, y su técnica no pasaba de ser rudimentaria, el coste de la producción y aun la misma calidad de la elaboración, admitían todavía una competencia favorable con las manufacturas europeas. Paraguay y Corrientes eran famosos por sus astilleros, donde se construían hasta navíos de ultramar (con ligazón de algarrobo, entablado de lapacho y cubiertas de timbó colorado (se construyeron el año 1811 en Asunción 8 bergantines, 5 fragatas, 4 sumacas, sin contar balandras y otras embarcaciones menores). Y ellas quedaban totalmente terminadas con sus jarcias, velamen y ferreteria. Hasta mediados del siglo XVIII, los productos americanos podían competir con los fabricados en Inglaterra, ya que entre ambos no existía mayor diferencia de coste ni de calidad. [...] en 1809, seis meses antes del grito de Mayo, el Río de la Plata pasaba a ser virtual colonia económica inglesa [...]. Derrotada Inglaterra en 1806 en su política de expansión política, triunfaba tres años después en su expansión económica...* (ROSA, José Maria. **Defensa y pérdida de nuestra independencia económica**. Buenos Aires: A Peña Lillo Editor, 2001. Capítulo I. *La Colonia, Riqueza Industrial del Virreinato*).

¹⁴ TORRES, Elena Beatriz. El comercio británico desde el Brasil al Puerto de Buenos Aires... In: **Navegacion y Comercio Rioplatense**. Bahía Blanca: Universidad Nacional del Sur, p. 131-154, 1966. Ver también: CALVO, Carlos. **Coleccion Histórica Completa de los Tratados**, convenciones, capitulaciones, armisticos y otros actos diplomáticos y políticos de todos los Estados de la América Latina, desde el año de 1493 hasta nuestros días. Paris: A. Durand & De Garnier Hermanos, t. 5, 1862, p. 53-55.

transformação étnica¹⁵. Por outro lado, se a antropologia assumiu, a partir dos anos 70, “as demandas cada vez mais militantes de um emergente movimento indígena”, buscando nos documentos coloniais “os fundamentos históricos e jurídicos das demandas atuais dos índios ou, pelo menos, de seus defensores”, a geração de historiadores que “vivenciou o mesmo período de mobilização política e de reorientação teórica” continuou a deixar de lado a temática indígena, privilegiando outros “esquecidos” da história. A década de 1930 fixou, no Brasil, a decadência do paradigma do evolucionismo social, com a crescente fragilidade dos institutos que norteavam essa discussão teórica, e surgimento das primeiras universidades do país.

O estudo de Curt Nimuendaju apareceu inicialmente em Berlim em 1914 na *Zeitschrift für Ethnologie*. Ele fez parte da corrente indigenista positivista encabeçada por Rondon, Horta Barbosa e Alípio Bandeira, que desembocou na fundação do SPI. Segundo Lilia Schwarcz, o novo ideário positivo-evolucionista, em que os modelos raciais de análise cumprem papel fundamental, alimentou uma parcela significativa do pensamento social brasileiro no ocaso do Império e no início da República. Entre a aceitação da existência de diferenças humanas inatas e o elogio do cruzamento “se acha a saída original encontrada por esses homens da ciência, que acomodaram modelos cujas decorrências eram originalmente diversas”, transformando modelos “de difícil aceitação local em teorias de sucesso”¹⁶. O Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo foi fundado duas décadas antes com o objetivo de constituir uma “historiografia marcadamente paulista”¹⁷. Ao eleger no bandeirante “seu símbolo por excelência”, os autores paulistas desse tempo introduziram uma interpretação¹⁸, ainda presente na historiografia oficial, que estabelece sua relação com a “trajetória vitoriosa” desse estado¹⁹. Em 1913, ao escrever uma série de artigos ligando o “progresso de S. Paulo” ao seu glorioso passado, Basílio de Magalhães sintetizou o momento: *têm os paulistas razões*

¹⁵ MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, Tapuias e Historiadores**: Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Campinas: IFCH-Unicamp, 2001, Tese, p. 1-7.

¹⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: instituições e pensamento racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 18.

¹⁷ “O perfil dos membros da Sociedade de Etnografia e Civilização dos Índios (1901) permaneceu próximo aos quadros indigenistas da Comissão Geográfica e Geológica, do Museu Paulista e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: destacaram-se na reuniões inaugurais João Mendes Júnior, José Vieira Couto de Magalhães (sobrinho do general), Teodoro Sampaio (engenheiro), Hermann von Ihering (especialista em história natural), Brasília Machado, Benedito Calixto, além do padre Claro Monteiro do Amaral” (MONTEIRO, John Manuel. **Tupis...**, *op. cit.*, p. 190).

¹⁸ *Seja, porém, como for, a verdade inconcussa é que os mamelucos paulistas constituíram uma sub-raça fixa, eugênica, com os seus atributos inigualáveis de grande fecundidade, magnífica longevidade e espantosa varonilidade. Foram eles, sem dúvida, os coeficientes causadores da grandeza dos feitos dessa que Saint-Hilaire apelidou raça de gigantes!* (ELLIS JUNIOR, Alfredo. **Os primeiros troncos paulistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p. 53, ênfase do autor).

¹⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças...**, *op. cit.*, p. 125-127 e 132-133.

*sobejas para se desvanecerem do seu progresso excepcional e das suas nobilíssimas tradições*²⁰.

Horta Barbosa, nesse mesmo ano, considerou que os “trabalhos de colheita e preparação da herva” eram quase todos feitos pelos *caiuás*, “habitantes da região Sul de Mato-Grosso, arrendada à Companhia Matte Larangeira”, sem se preocupar em subsidiar essa generalização. Citou também os *Guarani* de S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul; os *Terenas*, *Cadiuéu* e outros, “magníficos campeiros cujos serviços são muito disputados pelos proprietários das grandes estâncias de criação de Mato-Grosso; os *Maué* do Amazonas, conhecidos como os melhores fabricantes de guaraná, mercadoria cujo larguíssimo consumo em Mato-Grosso, dá margem a lucros consideráveis”.

Conquanto trabalhadores extenuos, estes índios civilizados sempre arrastaram uma vida de misérias. Os que viviam em promiscuidade com os brancos, condenados a uma escravidão mal disfarçada, graças ao conhecido truque das dívidas eternas para com os patrões, degradavam-se pelo abuso das bebidas alcoólicas e pela prostituição [...]. Lutando contra esta asfixiante situação, que já havia dolorosamente impressionado os espíritos dos nossos grandes sertanistas, como os Generais Couto de Magalhães e Gomes Carneiro, o Coronel Rondon esforça-se, numa ação toda pessoal, por libertar os índios da esmagadora dependência em que definhavam, garantindo-lhes, para isso, os frutos de suas lavouras e de outros trabalhos, em terras cuja propriedade lhes era atribuída. [...] Não só para manter ininterrupta esta benéfica influência, como também para difundi-la por todo o território da República, fazendo-a abranger a totalidade das populações dos sertões, foi criado em 1910 [...] o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais²¹.

A descrição dos índios *coroados*²² ou *caingangues* de S. Paulo²³, feita por Horta Barbosa²⁴ nesse mesmo ano, coincide em muitos pontos com índios *caiuás*. A fotografia abaixo (FIG. 32), tirada duas décadas depois em terras arrendadas pela Matte Larangeira, reforça esse argumento. O *Vocabulario dos Indios Cayuás*²⁵, oferecido pelo Barão de Antonina ao IHGB, mostra que, apesar de compartilhar muitos termos com o guarani, estes índios não eram da mesma língua. Na *Memória sobre Usos e Costumes de Indios Guarany*,

²⁰ MAGALHÃES, Basílio de. **O Estado de São Paulo: O seu progresso na actualidade**. São Paulo: Jornal do Commercio, 1913, p. 21.

²¹ HORTA BARBOSA, L. B. **O Problema Indígena do Brasil** (1913), Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947, p. 36-38.

²² “Os Canavis, ou Coroados, habitam no alto das serras e campos da Vacaria, próximos das origens dos rios Iguatemi e Ipané” (SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RIHGB...**, *op. cit.*, v. XX, v. 20, 1857, p. 224). Ver também p. 85 desta dissertação.

²³ Hélio Serejo anotou que as parcialidades presentes na região de Presidente Epitácio eram dos *coroados*, dos *kuluenes* e dos *caiuás* (SEREJO, Hélio. **Ronda do Entardecer...** Presidente Epitácio: edição do autor, 1995, p. 49-50). Ver também: SEREJO, Hélio. **Obras Completas**. Sistematização, revisão e projeto final de Hildebrando Campestrini. Campo Grande: IHGMS, 2008, 10 v.

²⁴ HORTA BARBOSA, L. B. **O Problema Indígena...**, *op. cit.*, p. 51-70.

²⁵ VOCABULARIO dos Indios Cayuaz. (MS. oferecido pelo sócio o Exmo. Sr. barão de Antonina). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIX, p. 448-476, 1856.

*Caiuás e Botocudos*²⁶, Carlos Monteiro do Amaral explicou as diferenças entre estas etnias. A qualificação de *botocudos* era dada aos *caiuás* e *coroados de S. Paulo*²⁷ pelos “guaranys domesticados”. Ele avaliou que *coroados*²⁸ era o vocábulo correspondente em português ao *caiuá* dos guaranis. Anotou que os *caiuás* falavam também a *língua geral*, com as mesmas modificações fonéticas dos guaranis, apenas por sons mais abertos e arrastados. Notou, entretanto, a diferença de vocábulos entre as etnias.



FIG. 32. Índios *caiuás*, nas terras arrendadas para a Matte Larangeira, 1930. Fonte: APEMS.

Visconde de Taunay mencionou que, entre os índios do distrito de Miranda²⁹, apareciam alguns *caiuás*, habitantes das cabeceiras do Aquidabán. Eram prisioneiros de guerra, das correrias que os *caduiéus* costumavam fazer, das terras do Aquidabán até “as águas do Iguatemi”. Os *caiuás* eram vendidos depois e “passavam, de mão em mão, na qualidade de captivos”. Apesar de serem tratados “como filhos da casa” e da longa convivência que pudessem ter, eram vendidos “com summa facilidade e por qualquer

²⁶ AMARAL, Carlos Monteiro do. Memória sobre Usos e Costumes de Índios Guaranys, Caiuás e Botocudos. In: **RTIHGB**, t. LXIII, n. , Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p. 263-274, 1900.

²⁷ Do vale do Paranapanema. “Os guaranis nômades que viviam ao sul do Ivaí foram apelidados pelos brasileiros de *botocudos*. As outras tribos guaranis os chamavam de *yvaparé*” (METRAUX, Alfred. **Migrations Historiques...**, *op. cit.*, p. 16-18. *Migrations des Tañyguá des Oguaiúva et des Apopocaúva*). Conforme Nimuendajú, por volta de 1820, os *yvaparés* (*arés*) saíram da fronteira do Brasil com o Paraguai para o rio Ivaí²⁷.

²⁸ Pela diferença no corte do cabelo. Os espanhóis os diferenciavam do restante, considerando-os *caingú apyteré*.

²⁹ TAUNAY, Alfredo d’Escragnolle. **Scenas de viagem**: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1868 (1898), p.117.

ninharia”. João Henrique Elliot afirmou que os *caiuás* eram “naturalmente pacíficos, viviam rodeados de inimigos, e circunscritos a essas matas, seu único asilo”. No ano de 1830, apareceu na vizinhança da vila de Itapetininga uma porção de índios selvagens desconhecidos: “eram *cayuz* vindo d’além do Paraná”³⁰. Em 1844, apareceu na fazenda Pirituva, do barão de Antonina³¹, outro grupo desses índios. O barão os acolheu, mandou abrir uma vereda de onze léguas até onde estava o restante, e por fim aldeou-os no lugar em que existe a capela de São João Batista da Faxina. No ano seguinte, em excursão que fez em companhia de Vergueiro e de Lopes, subindo o Ivaí, Elliot deparou com outro grupo de *caiuás*, com dezesseis famílias. Em 1847, “no regresso da excursão incumbida da exploração dos campos de Xerez ou da Vacaria”, na província de Mato Grosso, descendo o Ivinhema, encontrou com grande número destes índios na margem direita deste rio.

Através do paraguaio Simão Sánchez, o barão fez o convite ao cacique Libanio, que entre eles era conhecido por Iguajurú, para virem aldear no porto de Jatahy, no rio Tibagi. Ali se começava a erigir a colônia militar que serviria de ponto de partida do trânsito fluvial para a província de Mato Grosso e a República do Paraguai. O cacique logo convidou outros que habitavam as matas do Iguatemi, Ñanduracay, Tajahy, Curupaná. Ao voltar de suas explorações, Sánchez achou no alojamento de Iguajurú sete chefes e mais de quinhentos índios de ambos os sexos e de toda a idade dispostos a acompanhá-lo. Os que não tinham canoas próprias foram transportados, para aquém Paraná, nas da expedição. Depois de postos quase todos na margem esquerda desse rio, Sánchez percebeu que não tinha víveres para alimentar a todos e tratou de avisar a colônia para socorrê-lo. Prosseguiu, no entanto, transportando do Ivinhema para o lado esquerdo do Paraná o restante dos índios, recomendando aos que ali estavam para que fossem caminhando Paranapanema acima e que se mantivessem da caça e da pesca, porque os víveres, que deveriam demorar um mês, demoraram dois meses para chegar. Com a reclamação de maus-tratos dos índios que vieram com os víveres e ainda pela morte de Sánchez, afogado durante a travessia do rio Paraná, todos eles desanimaram, dispersando-se pelas matas.

Aqueles que estavam perto do rio Paraná voltaram aos alojamentos donde tinham saído. Este evento não demoveu o barão de Antonina de anexar à colônia militar de Jataí um

³⁰ ELLIOTT, João Henrique. A Emigração dos Cayuz. (MS. Oferecido pelo sócio o Exmo. Sr. Barão de Antonina). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIX, p. 434-447, 1856.

³¹ Sobre as atividades de João da Silva Machado, Barão de Antonina, ver John Hemming (**Red Gold: The Conquest of the Brazilian Indians: 1500-1760**. Harvard University, 1987, p. 444-447), Maria Cristina Cortez Wissenbach (Desbravamento e catequese na constituição da nacionalidade brasileira: as expedições do barão de Antonina no Brasil Meridional. **Revista de História**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 137-155, 1995) e Marta Rosa Amoroso (Mudança de Hábito: Catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 37, São Paulo, Jun, 1998, p. 51-55).

aldeamento de índios. Em junho de 1852, o barão encarregou João Henrique Elliot de nova expedição para o “chamamento” dos *caiuás*. Partindo da fazenda Pirituva, em oito dias passou pela fazenda São Jerônimo, prosseguiu até a colônia militar de Jataí, navegou pelo rio Tibagi abaixo, desembocou no Paranapanema, na foz do Pirapó, e pouco abaixo da serra do Diabo ouviu gritos de *caiuás* na margem esquerda. O cacique Imbirapâpâ e mais os chefes Imbaracahy e Oquê, além de Egipapajú, que estava na ilha do Tigre, juntaram 170 índios³². Em novembro chegaram à colônia.

José Bonifácio, em seu *Apontamentos para a civilização de índios bravios do Império do Brasil*³³, a despeito de julgá-los “povos vagabundos e dados a continuas guerras e roubos”, ainda quando os portugueses e depois brasileiros desejassem “domesticá-los e fazê-los felizes”, lançou algumas bases para o governo brasileiro tratar desse assunto. Propôs que as terras fossem compradas aos índios; que fosse aberto comércio “com os bárbaros”; que, com dádivas e admoestações, se procurasse fazer paz com os índios inimigos; que se estabelecesse comércio recíproco entre eles; que, “por todos os meios possíveis” fosse favorecido o matrimônio entre índios, brancos e mulatos; que, “por meios indiretos”, se procurasse “introduzir para caciques das nações ainda não aldeadas alguns Brasileiros de bom juízo e comportamento, que saibam responder aos fins políticos d’esta escolha e nomeação”; que fosse criado um “colégio de missionários, os quaes, além da probidade e zelo pelo christianismo, devem instruir-se pelo menos na língua geral ou Guaraní, e, se possível for, também nas particulares”; que os párocos para as novas aldeias teriam também a jurisdição de polícia civil e seriam estabelecidos em distâncias adequadas pequenos presídios militares, “cujos comandantes obrarão de accordo com os mesmos missionários”; que “as bandeiras, que devem sahir a buscar Indios bravos dos matos e campos para serem aldeados, serão de homens escolhidos, que levem na sua companhia como línguas Indios mansos, e um missionario para os persuadir e catechizar com presentes, promessas e bom modo”.

Felix de Azara propôs que a redução dos *caiuás* fosse proporcionada pelo comércio e negócio com eles³⁴. Essa foi uma das anotações mais antigas encontrada nesta pesquisa com

³² Dois cadáveres antigos na margem direita do rio davam indícios de serem *cayuaz*, pelos fragmentos de tecido de algodão, porque as outras nações faziam os seus panos de fibra de urtiga e caraguatá (ELLIOT, João Henrique. **A Emigração dos Cayuaz...**, *op. cit.*, p. 434-447).

³³ SILVA, José Bonifácio Andrada e. *Apontamentos para a civilização de Indios bravios do império do Brazil*, 1823. In: **RTHG** ou **JHGB**, v. 12, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Kraus Reprint, p. 228-245, (1849) 1973.

³⁴ *La reducción de las naciones bárbaras solo puede verificarse por 3 medios: el 1º es por el comercio y trato; el 2º por la fuerza y el 3º por la persuación. El 1º jamás se ha intentado, es el más largo y difícil con algunas naciones, pero muy fácil con los bárbaros Caayá y Guayaná, y con los Guaná. Aquellos continuamente se presentan á nuestros beneficiadores de yerba solicitando que los ocupen y que les den en cambio de su trabajo herramientas y géneros; pero por lo común no se hace caso de ellos, porque dicen que no saben dar á la yerba el beneficio que requiere; pero si se les diese un capataz que los instruyese la maniobra es muy simple, y com un poco de probidad se lograrían muchos trabajadores, que en breve no sabrían vivir sin nosotros. Los Guaná que son tan numerosos como todas las naciones bárbaras juntas, vienen en tropas y viven entre nosotros á expensas de su trabajo, y después vuelven, pero vienen otros; de modo que siempre tenemos muchos. Como jamás han hallado buena acogida en el Gobierno, ni se ha dado una ordem en su favor, no se determinan á traer sus*

referência especificamente a *caiuás* (*cayás*), diferenciando-os dos *monteses*. A partir daí, voltando no tempo, aparecem nas fontes coloniais, como referência aos *monteses*, apenas termo guarani *caaiguás*, castelhanizado para *cainguás*. Antes disso, as fontes pesquisadas nomeavam as populações de gentios que habitavam entre o rio Ivinhema e Iguatemi pelo termo abrangente de *gualachos*³⁵. Azara afirmou que os guaranis do Paraguai estavam reunidos em uns cinquenta *pueblos*; de modo que não havia mais guaranis livres que conservassem seus costumes antigos, senão os *chiriguanás* e alguns entre os *caaiguás*³⁶. Juan Francisco Aguirre escreveu, em 1793, que os *mbayás*, principalmente os *apacachovodis*³⁷, hostilizavam com frequência os *monteses*. Iam em grupos até de 300 homens em perseguição dos que habitavam a região entre os rios Aguaray, Ipané e um pouco mais ao norte. *Viven en ellos según se refiere 10 toderías numerosas que comúnmente componen lo que se llama Coraquazú*³⁸.

Quando os *mbayás* não podiam chegar a cavalo até eles, quase sempre voltavam castigados, porque *no hay indios más flecheros, ni que despidan más violenta flecha, que los monteses*. É factível que a *guaranização* dos *monteses* tenha se acelerado nessa época, pelo conjunto de circunstâncias que se apresentaram. A pressão dos *mbayás*; a fundação de Villa Real de Concepción e outras povoações espanholas; o maior contato com *criollos* nos ervais e até com portugueses em Iguatemi. É o que se depreende das anotações de Aguirre sobre os *monteses*. Falavam guarani, eram dóceis como os cristãos, usavam o *tembetá*, saíam *por parcialidades á tratar y aun asalariarse com los espanholes de los beneficios de la hierba, particularmente por hachas, machetes, cuchillos*³⁹. Vendiam produtos de suas chácaras, como batatas, mandioca e milho e trabalhavam nos barcos ou, às vezes, nos ranchos. Alternavam

mugeres, ni familias, por cuyo amor regresan á su pátria casi todos. Si abiertamente se les protegiese y se regalase algunos frioleras á sus mugeres y niños: veríamos en breve 20 mil guaná entre nosotros todos chacareros y medio civilizados según diré luego. Pero no se conseguirá el fin si se trase de reducirlos en Pueblos para hacerlos vivir en comunidad como á los Guaraní, cosa que luego pretenderían hacer los gobernadores y los eclesiásticos por sus fines particulares (AZARA, Felix de. **Geografía física y esférica...**, op. cit., t. I, 1904, p. 366-367).

³⁵ “He também memorável a outra Expedição de Francisco Dias Mainardi que poveó mais o menos pelos mesmos annos, conquistou os Gentios havitadores dos Rios Jaguary, o Avinheyra, Amambay, e os Pobos llamados Gualachos” (Carta do governador e capitão-geral D. Luis Antonio de Souza, datada de 17 de Julho de 1771, respondendo ao governador do Paraguay). Afonso de Taunay também se referiu a esta expedição ocorrida em 1680 (TAUNAY, Affonso de E. **História Geral das Bandeiras Paulistas**. São Paulo: Typographia Ideal, v. VI, 1930, p. 10); *Passado el Amambay navegable también encontró nación de Gualachos entre dho rio y el rrio Miney* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, op. cit., p. 327).

³⁶ AZARA, Felix de. **Descripción...**, op. cit., p. 180.

³⁷ As grafias divergiram para nomear estes índios: *apacachodegodegis*, em SúsNIK e, algumas vezes, em Sánchez Labrador, ou *apacachodeguis*, em Aguirre.

³⁸ AGUIRRE, Juan Francisco de. *Etnografía del Chaco*, p. 485. In: **Boletín del Instituto Geográfico Argentino**, t. XIX, Buenos Aires: Imprenta “La Buenos Aires”, p. 464-511, 1898.

³⁹ *Idem*.

com os beneficiadores de erva a paz e a guerra, quando atacavam os ranchos para roubar ferramentas. Aguirre afirmou no entanto que, apesar de não se ter notícia do número deles, eram em quantidade inferior aos outros índios da província⁴⁰.

No entanto, as “ordens e instrucçoens sobre o estabelecimento de Guatemy”, dirigidas ao tenente coronel João Martins Barros e ao sargento-mor José de Macedo, em janeiro de 1773, aproximou “canhoans” de *monteses*. Essas ordens foram dadas com objetivo de defender os portugueses da “ferocidade dos índios” que continuamente estavam destruindo e hostilizando a navegação do comércio para as “Capitanias do Cuyabá e Mato Grosso”. Como a “vasta nação do Cayapó” vinha fazendo “em toda a corrente do Rio Pardo e, na do Rio Paraguay e Xaraés, a dos Payaguas”, os “Canhoans de Corá Guaçú”, com repetição, faziam o mesmo em “Guatemy”⁴¹. Durante a tentativa de impor uma povoação portuguesa às margens do Iguatemi, em julho de 1774, um grupo de índios “canhoans” aproximou-se dos povoadores procurando viver em paz⁴². Também vieram para a “Caxoeira de Nossa Senhora dos Prazeres” índios de aldeias fundadas pelos portugueses⁴³.

Algumas parcialidades guaranis, fugindo dos embates com espanhóis ou *mbayás*, esconderam-se nas matas ao ocidente do rio Paraná, constituindo enclaves em uma área em que predominavam não guaranis. As poucas menções sobre o fluxo entre as parcialidades *caaiguás* de ambos os lados do rio pode sugerir que ele não era muito intenso, no entanto, existiram pelo menos dois pontos de contato, que serviram para migrações eventuais: nos saltos de Guayrá e na foz do rio Ivaí. O aproveitamento pelos espanhóis de indígenas não guaranis de Guayrá para beneficiamento da erva de Mbaracayú mostra que o contato entre essas parcialidades pode ter sido sim mais estreito. Não há, por sua vez, elementos para

⁴⁰ *Ibidem*, p. 486. Aguirre calculou um número inferior a 4.500 almas para os *monteses* entre os rios Paraguai e Paraná (*Ib.*, p. 487).

⁴¹ ARQUIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. VII, 1902, p. 155 e 161.

⁴² “A noticia q’ me dá de terem chegado os Indios Canhoans com demonstraçoens de paz e promessas de quererem voltar com suas famílias, estimo muito e muito mais estimarei, q’ se reduzão a viver junto a nós para cuidarmos nos meyo de sua salvação, e de os fazer obedientes vassallos de S. Magestade: deligencia esta em q’ Vosmecê fará ao mesmo tempo Senhor, e a Deus um grande serviço, se assim o conseguir, para o q’ recomendo a Vosmecê q’ se elles chegarem com certeza de quererem ficar sugeitos a nós, q’ me faça logo avizo breve para lhe mandar assistir com todas as providencias, q’ forem necessárias, assim de Padre para Catequizar, como do mais q’ for preciso para a sua subsistência, o q’ inda não faço agora pela incerteza em q’ estamos da sua vontade pouco constante” (Carta de D. Luiz escreveu ao capitão-mór e regente José Gomes de Gouvea, 1774. *Idem*, v. IX, 1901, p. 120-124).

⁴³ “Os Directores das Aldeyas dos Pinheiros, Caraupucuba, Abbau e Baurey darão das dhas Aldeyas os Indios q’ pedir o Ajudante de ordens deste Governo para a conduta do Trem q’ vai desta cidade para o porto de Ararituaba e tambem os q’ forem precisos para remarem canoas q’ vão de socorro para a Praça de Guatemy cujo serviço se lhes há de pagar pelo Junta Real Fazenda na sua forma do costume quando voltarem, e sendo preciso aos mesmos Indios no Porto de Ararituaba alguns xapeos e baetas para se cobrirem o mesmo Ajudante de ordens lhe mande assistir por abono a cada hum com dous mil e quatrocentos reis de fazenda, passando clareza a pessoa q’ fizer a dha. assistência para se lhes fazer o seu pagamento a conta dos dhos. Indios”, 1773 (*Idem*, v. VIII, 1901, p. 6).

verificar, ou medir, esse fluxo, como também há poucos elementos para entender o processo de *guaranização* dessas parciaisidades. A partir de 1720, houve um esforço dos jesuítas em reduzi-los. Foram, no entanto, aos poucos, formando um todo guarani⁴⁴, apesar de algumas parciaisidades manterem seu isolamento cultural e geográfico até depois do período colonial.

Do lado ocidental do rio Paraná, as matas circunstanciaram o domínio dos guaicurus, contribuindo para o isolamento dos *caiuás*. Em 1723, as aldeias da província de S. Paulo estavam reduzidas à metade da sua população inicial. Precaveram-se da decadência com a disposição do governador de que todos quantos fossem ao sertão buscar índios entregariam nas aldeias o quinto do número de indivíduos que apreendessem. Sem resultados que revertessem essa situação, em 1775 tratou-se de libertar os índios da escravidão. Morgado de Mateus primeiro cuidou de fazer o recenseamento das aldeias. Aos descobrimentos dos sertões do Tibagi e Ivaí, somou a iniciativa de fundar o forte e praça de Iguatemi.

A carta do Paraguai de Guillaume d’Lisle (FIG. 33), de 1703, mostra *caaiguás* entre os rios Piquiri e Iguazu, na margem oriental do rio Paraná, apesar de desenhar a sua foz abaixo dos saltos de Guayrá. Este mapa foi desenhado com base nas descrições dos padres Afonse d’Ovalle e Nicolás del Techo.



FIG. 33. Detalhe da *Carte du Paraguay, du Chili, du Detroit de Megellan et Terre de Feu*. L’ISLE, Guillaume de. 1708. Fonte: BNRJ.

O passado indígena também alimentou, de modo muito particular, a formação de outras identidades coloniais e as maneiras pelas quais se reconstituíram essas identidades em

⁴⁴ A divisão entre *mbyá-guarani* e *caingangues* não foi abordada nesta dissertação.

tempos posteriores⁴⁵. É possível, no entanto, refazer algumas destas trajetórias para entender sua história. Os aldeamentos de S. Paulo foram posteriores a 1560. Foram fundadas “aldeias de duas classes”: uma, sob o poder dos portugueses; outra, com os índios libertados da escravidão ou evadidos das “administrações”, sob a responsabilidade de padres superiores, nomeados pelas congregações a que pertenciam. Os administradores das aldeias costumavam ser o únicos usufrutuários do que elas produziam, segundo Machado de Oliveira. Muitas vezes, erigiam estabelecimentos rurais servidos pelos mesmos índios. Suas nomeações dependiam dos governadores, de comum acordo com a câmara do termo e o ouvidor da comarca. As punições dos indígenas diferiam muito pouco das aplicadas no Paraguai, tanto por seculares como por religiosos⁴⁶. Jesuítas e capuchinhos proibiam qualquer comunicação dos aldeados com outras pessoas que não fossem “da mesma grei”.

Há, no entanto, um intervalo de mais de dois séculos entre a fundação das primeiras aldeias pelos portugueses e a aldeia de São João de Queluz, entre a serra da Mantiqueira e o rio Paraíba, em 1800. Os bons resultados experimentados por esta com o padre Francisco das Chagas Lima incentivaram a ideia de um aldeamento em Guarapuava, onde se sabia da existência de numerosas “tribos de indígenas”⁴⁷. Uma Carta régia de 1809 dispôs que nova expedição armada fosse até esses campos⁴⁸. Dos dois lados do rio Paraná, até o Iguazu-Monday, viveram sobretudo etnias não guaranis⁴⁹. Terra adentro e a jusante desses rios viveram parcialidades guaranis na primeira metade do período colonial.

3.2 CRIOLLOS PARAGUAIOS E MESTIÇAGEM

⁴⁵ MONTEIRO, John Manuel. **Tupis...**, *op. cit.*, p. 8-9.

⁴⁶ OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. Notícia Racionada sobre as aldeias de índios da provincia de S. Paulo, desde o seu começo ate a actualidade. In: **RTIHGB** ou **JIHGB**, t. VIII, 2ª ed. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, p. 204-253, (1846) 1867.

⁴⁷ OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. Notícia Racionada..., *op. cit.*, p. 204-253.

⁴⁸ Um mês depois de instalados, apareceu um grupo de *votorons* e *comes*. Foram aldeados inicialmente 326 indivíduos. Outras parcialidades apareceram no acampamento de Atalaia, dirigido pelo tenente-coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, até que, em 1818, grassou uma epidemia que ceifou muitas vidas. Subsistia a inimizade entre *votorons* e *dorins* e por isso o acampamento era atacado frequentemente em busca de ferramentas, queimando as casas existentes. A parcialidade de maior força numérica, cerca de 600 indivíduos, vivia entre os rios Iguazu e Uruguai, a dos *xocrems*. Essas quatro parcialidades falavam um dialeto do guarani. Os *tavens*, que viviam entre os rios Itatu e Piquiri, na parte oriental do rio Paraná, eram distintos em língua e costumes (*Ibidem*).

⁴⁹ *Unos y otros tenían cortado el pelo que cae a la frente, los hombres traían además coronas y las cejas rapadas, y todos estaban bien lúcidos y gordos, hasta un perro que les acompañaba, prueba nada equivocada de abundantes los comestibles. En la costa opuesta habitan los Yohuses que son los indios mas fieros, belicosos y antropófagos de toda la comarca que no se dan a partido de manera alguna* (ALVEAR, Diego de. **Diario de la segunda división de limites al mando de D. Diego de Alvear con la descripción de su viaje desde Buenos-Aires...** Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. 389. Cap. X. *Reconocimiento del Paraná desde la boca del Iguazú hasta su Salto Grande*).

O termo *naturaes* foi usado na historiografia colonial para a população espanhola nascida na América. Para os indígenas, o termo usado foi *originários*, divididos por sua vez em *poblados* e *originários*⁵⁰. Diferente do Peru e Alto Peru, onde *originário* era o índio que vivia em comunidade, no Paraguai era o que vivia nas chácaras ou estâncias do *encomendero*, ou seja, *yanacona*⁵¹. Portanto, *índio originário* é um conceito de aplicação delicada. *Boyá* (ou *voyá*), em guarani, foi traduzido pelos jesuítas por *vasallos* em espanhol⁵²; costumava ser usado pelos caciques para referir-se aos que, mesmo não pertencendo a sua unidade familiar, lhe deviam obediência. Estes foram os trabalhadores *mitayos*⁵³. No Brasil, a classificação da população recebeu outros termos: crioulo era o negro nascido no país⁵⁴. Na conquista do Paraguai, a relação entre os autóctenes e espanhóis foi mais estreita que em outras províncias hispano-americanas⁵⁵.

A maioria de historiadores do *criollismo peruano* (Bernard Lavallé, Teodoro Hampe Martínez) e *novohispano* (S. Alberto, P. K. Liss, A. García Rubial, J. A. Mazzotti) considera que os termos *criollos* e *criollismo* não podem ser analisados por uma perspectiva essencialista ou monolítica e sim como “estratégias” ou “agências criollas” elaboradas conscientemente por grupos corporativos a fim de obter determinados objetivos políticos. Estes agentes, ao estarem socialmente determinados por seus interesses, enfrentavam-se em um espaço de conflito e competição. Ainda que pertencessem à “república de espanhóis”, os *criollos* eram americanos, de acordo com a opinião do jurista Juan de Solórzano y Pereyra,

⁵⁰ *Que los indios originarios se reduzcan á pueblos, donde vivan doctrinados y en forma de los demás encomendados, acudiendo con que deben á sus encomenderos, y que no vivan en sus chacras ni estancias, sino en sus pueblos, y el Gobernador castigue con severidad á los que impidan el matrimonio entre los indios; y los amancebamientos y otros delitos públicos, y lo mismo se encarguea al Obispo. Y el encomendero que maltratase á cualquier indio, poblado o originario, y el Gobernador lo justifique en forma, le prive de su encomienda, sin embargo de apelación, y remita a los autos al Consejo para que reconozca la justificación con que ha obrado. – En cuanto el perjuicio que se dicen causan los Padres de la Compañía con el comercio de la hierba, hágase como lo pide el Sr. Fiscal. [...] Madrid y Julio 7 de 1679 (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 3, 1918, p. 127-135. Carta del Gobernador del Paraguay, D. Phelipe Rexe Gorbaldán, 20 de outubro de 1677).*

⁵¹ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, op. cit., p. 180.

⁵² CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, op. cit., p. 352-356. Também Bransilava SúsNIK aborda a questão.

⁵³ “O *mitayo*, o plebeu guarani, tinha a cunha para sua roça, adotou galinhas e porcos, se acostumou ao empréstimo de mulheres para serviço dos espanhóis, aprendeu o novo valor da tecelagem a título de serviço de troca” (SÚSNIK, Bransilava. **El Indio Colonial...**, op. cit., v. I, p. 49).

⁵⁴ *Para la inteligencia de las diferentes castas y classes de gente que constituían entonces la población del Brasil, refiere el P. Antonio Fonseca que ésta “se componía de portugueses europeos del Continente, llamados Reinóis; de portugueses europeos de las Azores, llamados Ilheos; de portugueses americanos ó brasileiros; de negros venidos del Africa; de los nacidos en el Brasil, llamados Criollos (nombre que sin injuria no se puede dar á portugués nacido en Brasil), y de indios, así cristianos como infieles, y de las castas que nacen de la mezcla de sangre de portugueses, indios y negros. El hijo de portugués é india se llama mamaluco; el de portugués y negra, mulato; el de indio y negra, coriboca; el de mulato y negra, mestizo y también cabra* (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 1, 1912, p. 453-454).

⁵⁵ Ver POTTHAST-JUTKEIT, Bárbara. **Paraíso de Mahoma o País de las mujeres?** Asunción, 1996.

autor do século XVII, que estabeleceu claras distinções entre *índios, negros, cholos, mulatos* e as demais categorias de mestiços que habitavam o pluriétnico Peru. Esta ambiguidade “permitiu afirmar que não existiu uma *identidade criolla*, senão várias, dependendo das aspirações destes grupos por um espaço – ou campo – político e religioso determinado”⁵⁶. Essas diferenças, acentuadas no início do período colonial paraguaio, ficaram menos visíveis com o agressivo processo de miscigenação, sobretudo após o fim das reduções jesuíticas. Esse processo contribuiu para que, no Paraguai, a nação fosse criada antes do Estado, diferente do que ocorreu nos países vizinhos.

A organização dos guaranis em *pueblos* em lugar de *tavas* (tabas) foi o início de um processo de transculturação que, independente de manter o índio em seu espaço geográfico, mudou seu hábitat. As primeiras povoações foram baseadas na reunião de vários *cacicazgos* em uma só localidade; “neste caso não se tratou de violentas ou apalavradas translocações, senão da reunião de caciques que aceitavam o serviço de *mita*”. Tais deslocamentos reagruparam os guaranis em novas reduções. “Isto significou a definitiva submissão dos guaranis, que foram impelidos a ir adaptando-se às novas pautas socioculturais”⁵⁷. Logo que os *pueblos* adotaram a criação de gado, o impacto foi negativo, porém, já no século XVII, os guaranis dependiam do gado para sua subsistência.

“Um dos traços mais característicos da colonização espanhola na América foi o da concentração de grandes contingentes indígenas em núcleos de povoamento”, observou Uacury Bastos⁵⁸. Existiram, entretanto, muitas semelhanças entre a conquista e colonização no Brasil e no Paraguai. Porém, a campanha sistemática de alguns países europeus contra a Espanha, a *Leyenda Negra*, diferenciou e, sobretudo, influenciou indelevelmente a relação entre *encomenderos* e indígenas. Portugal não sofreu o mesmo desgaste. A contestação das outras nações competidoras da Espanha *ao justo título*, utilizando-se do clamor levantado pelo padre Bartolomé de las Casas, foi respondida com as leis contidas nas ordenanças de Burgos, de 1513. Elas estabeleceram a defesa dos índios e definiram a finalidade evangelizadora da colonização. A Lei 13ª. determinou o período de cinco meses para o índio servir ao *encomendero*, seguido de quarenta dias para dedicar-se à agricultura. A periodicidade da prestação da *mita* já existia nas ordenanças de Burgos e nas instruções dos padres jerônimos, de forma menos precisa. Não foram suficientes, no entanto, para evitar muitas das atrocidades

⁵⁶ COELLO DE LA ROSA, Alexandre. Criollismo, Redes Clientelares y la Compañía de Jesús: la familia Garavito-Illescas en el Perú Virreinal – siglo XVII. In: LEVI, Giovanni. (editor); PÉREZ, Raimundo A. Rodriguez (compilador). **Familias, jeraquización y movilidad social**. Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones, p. 360-361, 2010.

⁵⁷ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 107-111.

⁵⁸ BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial...**, *op. cit.*, p. 120.

no início do período colonial⁵⁹. As *Leyes Nuevas* de 1542 determinaram que revertissem à Coroa todas as *encomiendas* que se tornassem vagas por morte do *encomendero* e proibiram a escravização do índio, mesmo em caso de guerra justa. O impacto no Peru levou à sua revogação e o estabelecimento da hereditariedade das *encomiendas* por duas gerações.

Domingo Martínez de Irala estabeleceu, em 1556, as *Ordenanzas sobre Repartimientos y Encomiendas*. As relações de trabalho na aliança hispano-guarani com base no parentesco cederam lugar à proibição do índio *encomendado* contratar serviço com outra pessoa que não o próprio *encomendero*. Também foi proibido o trabalho simultâneo de número superior à quarta parte dos que fossem *encomendados* e *solamente a conocida necesidad* poderia mandar servir a metade. Com isso, o *pueblo*, com a finalidade de concentração do trabalhador indígena, firmou-se em caráter definitivo⁶⁰. Após as ordenanças de Irala, foram estabelecidas as de Ramirez Velasco, Hernandarias e de Francisco Alfaro.

Em qualquer delas ficou nítida a necessidade de preservar o índio, como sustentação da atividade colonial⁶¹. Nas ordenanças de Ramirez Velasco foi fixado o limite de quatro dias por semana para o trabalho indígena (de segunda a quinta-feira), deixando a sexta e o sábado para se dedicarem a suas mulheres e filhos e ao trabalho em suas chácaras, para o seu sustento. Já os *mitayos* enviados para trabalhar fora dos *pueblos* ficariam até dois meses, se a distância fosse inferior a 20 léguas, quatro meses, se fosse inferior a 40 léguas, ou seis meses, se fosse maior a distância. Nenhum *encomendero* podia ocupar os caciques, suas mulheres ou filhos em qualquer gênero de trabalho. As ordenanças de Hernandarias e Alfaro mantiveram o espírito das anteriores. Proibiram que os *yanaconas* pudessem fazer *encomiendas* de serviço pessoal, exceção apenas para os de Asunción, já que era comum permanecerem nas chácaras⁶². Para a prestação da *mita*, não poderiam vir índios de *pueblos* de distância superior

⁵⁹ Ver: Os primeiros escravos chaqueños. In: SÚSNIK, Branislava. *El Indio Colonial...*, op. cit., v. III.

⁶⁰ *Primerante. ordenamos y mandamos q todos los yndios Repartidos y encomendados y q de aqui en adelante en los tales Repartimos. y encomiendas Remanesciere y Dios nro. Sor. criare y multiplicare sean obligados a obedescer y obedezcan sus principales y mayores q tuviere y fuere puestos y no se muden vayan ni absenten de sus casas ni pte. alguna e alli biban y permanezcan todo el tpo q Dios les diere de vida y si sus principales o mayores se mudare por mejoría a otra pte. o asiento q asymismo todos se muden y pasen con el y las psonas a quien fuere encomendados los conpelan y apremien a q asy lo hagan y cumplan so las penas arbitrarias de la justa...* (LAFUENTE MACHAIN, Ricardo de. *El Gobernador Domingo Martínez de Irala*. Asunción: Academia Paraguaya de Historia, 2005, p. 511-524).

⁶¹ BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. *Expansão Territorial...*, op. cit., p. 137.

⁶² *En 1679, los yanaconas fueron pasados a la categoría de los indios encomendados, con todos los derechos que las leyes acordaban a éstos [...]. Las tierras de los españoles que ocupaban los yanaconas quedaron, por ley, bajo el dominio del grupo indio a que pertenecía. Sus derechos pasaron así, del derecho de enfiteusis al derecho de propiedad. Es importante tener presente este episodio legislativo y el sentido de la influencia que ejerció en una época de la historia del coloniaje. Sus expresiones prácticas se transmitieron a todo lo largo de la historia del Paraguay, de generación a generación, creando condiciones psicológicas que permitieron la tolerancia de los campesinos paraguayos a la aplicación de las leyes de venta de tierras públicas de 1883 y 1885 y la posterior resistencia a reconocer los derechos nunca renunciados, conservados por siglos por sus*

a 30 léguas, nem para região de clima diferente, nem passar por rios que oferecessem perigos. O tratamento dispensado ao transporte de erva era mais penalizado⁶³.

Atribuiu-se ao governo de Hernando Arias de Saavedra, ou Hernandarias (1601-1609), *criollo asunceño*, o início da prática de submeter os guaranis pelo convencimento e persuasão e não pela força, principalmente através dos sacerdotes, porque coincidiu com o início da conquista espiritual dos jesuítas. A partir daí, as transmigrações mudaram também seu espaço geográfico. Na disputa pelo aproveitamento do trabalho indígena, evitar o mestiçamento dentro dos *pueblos de indios* significou, tanto para espanhóis como para jesuítas, a manutenção do estreito vínculo de trabalho. Os guaranis manifestavam certa resistência à concentração permanente em *pueblos*⁶⁴.

Até 1631, os trabalhadores nos ervais eram principalmente da população indígena de Guayrá e Mbaracayú. Um fiscal da *Audiencia de los Reyes*, após visitar o Paraguai, solicitou que os índios que se reduzissem à fé pela Companhia de Jesus não fossem *encomendados* a pessoas particulares. O vice-rei do Peru, Conde de Chinchón, após parecer favorável do ouvidor Alonso Pérez de Salazar, enviou o pedido dos jesuítas ao rei. Através de cédula real, datada de Madrid, em 23 de fevereiro de 1633, o rei Felipe IV de Espanha atendeu à solicitação e mandou que os governadores do Rio da Prata e Paraguai, *y á otras cualesquiera justicias de estas provincias y de la Villa del Espíritu Santo, guarden, cumplan y ejecuten y hagan cumplir y ejecutar lo en ella dispuesto y ordenado*⁶⁵.

As fontes mencionam as províncias de Jejuí, Yuruquizaba, Tanimbú e Tobati, como frequentemente rebeladas contra o regime de *mitazgo*. As posteriores revoltas (com a marginalização de guaranis nas matas) e a ausência dos homens, por estarem em serviço nas expedições e *rancheadas*, constituíram fatores desintegradores das antigas comunidades. Com a nova implantação de Villa Rica, os *monteses* de Itanará, Tarumá e Mbaracayú temeram a perda de suas terras, as mais abundantes em ervais, não hesitando em aceitar a aliança com o rebelde Rodrigo Yaguariguay, apesar de manter-se distantes, nos seus *teýys*.

O gentio de Arecayá era a reunião de um conjunto de *cacicazgos* transmigrados, que adquiriu tardiamente a categoria de *pueblo*. Sua má reputação era generalizada entre os vizinhos. O cacique mais influente de Arecayá, Ñambayú não considerava os *monteses* como

remotos antecesores y sus últimos ascendientes (PASTORE, Carlos. **La Lucha por la Tierra en el Paraguay**. Montevideo: Antequera, 1972, p. 44).

⁶³ "...aplique-se com mais rigor em Xerez e Guaira para extrair cera para a qual não devem ser carregados, pena de cinquenta *pesos* ao *encomendero*, mercador ou passageiro que tal consentir, e aos que usarem o índio para carregar a erva de Maracayú, cem *pesos* de cada vez" (Item 33 da Ordenanzas de Alfaro, *apud* BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial...**, *op. cit.*, p. 142).

⁶⁴ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 118.

⁶⁵ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 490-492.

guaranis. Na sua visita em 1659, o governador Alonso Sarmiento de Figueroa destituiu Yaguariguay do cargo de corregedor indígena, nomeando Ñambayú. Continuou sua viagem por Atyrá, Ipané e Guarambaré. Descoberto o motivo de novo *empadronamiento* (a necessidade de auxiliares para levantar o presídio de Tapúa e outras obras públicas, implicando em retirar muitos homens da povoação), o novo corregedor também rebelou-se. Na volta do governador, estourou a rebelião: *ya se habían acercado los infieles monteses, que eran aliados de los traidores, y también algunos cristianos de Tobati*. O governador e seus acompanhantes ficaram cinco dias sitiados na igreja. A revolta foi sufocada com a ajuda de guaranis fiéis de Atyrá, Ipané, Guarambaré. Rodrigo e nove caciques foram enforcados. Do gentio, 656 almas foram levadas para Asunción. O governador sentenciou todos os rebeldes de Arecayá ao *yaconato*. A cédula Real de 30 de dezembro de 1660 reprovou o ato e exigiu a restituição e a liberação das 170 famílias.

Quando houve a revolta de Arecayá, muitos grupos participantes retiraram-se até as nascentes do rio Acaray. Em 1661, o padre Juan de Porras organizou em vão, a partir do *pueblo* de Corpus, uma expedição em busca dos errantes *arecayás* e outros grupos fugitivos⁶⁶. Pela província de Mbaracayú achavam-se dispersos vários *teýys*⁶⁷, as “casas enterradas” dos *monteses*, algumas delas pertencentes a guaranis originariamente *encomendados* dos *pueblos* de Terecañy, Candelaria e Yvyrapariyára, que conseguiram escapar do cativo paulista. Eles voltaram a fundir-se com os remanescentes da antiga nucleação de Itanará. Os *curuguateños* já não se interessavam muito por esses ervais, buscando novos e menos explorados na comarca de Caremá, Yhú e Caayú; dessa maneira, o contato só ocasionalmente resultou hostil. Mesmo assim, o governador Sebastian de Mendiola organizou uma expedição punitiva contra os *monteses* que habitavam os dois lados do caminho real⁶⁸, sem conseguir êxito. Sob o governo de Escobar Gutiérrez, os beneficiadores de erva exigiram a aplicação da *ley de guerra*, voltando logo a apelar no mesmo sentido ao governador Barúa. O governador Rodriguez de Cota ordenou em 1699 explorações periódicas por Caayugue⁶⁹ a fim de delatar possíveis *teýys monteses*. Por esse local passavam com certa frequência guaranis de Caazapá e Yuti, conchavados na condução da erva.

Os guaranis fugiam dos *pueblos* em busca de conchavo livre. Como tal preferiam trabalhar no transporte de erva, do que nos benefícios; sentiam-se livres como *marineros*,

⁶⁶ SÚSNIK, Branislava. *Los Aborígenes...*, *op. cit.*, p. 181.

⁶⁷ Casas comunais para 60 almas, aproximadamente.

⁶⁸ SÚSNIK, Branislava. *Los Aborígenes...*, *op. cit.*, p. 182-190.

⁶⁹ Talvez Caaguague.

carreteros ou *muleros*. Os *balseros* recebiam dois cestos de erva por seu trabalho⁷⁰. Entretanto, o próprio *pueblo* precisava de erva para múltiplas permutas: adquirir gado, tecidos e vestuário ou melhoria dos templos; apesar de possuírem terras aptas para bons algodoads, que poderiam satisfazer as necessidades de vestuário e tecidos. Os *pueblos* de Itá, Ipané e Guarambaré, especialmente, chegaram a enviar grupos de uns 25 homens aos ervais de Mbaracayú; Caazapá e Yuti possuíam seus próprios ervais silvestres. Quando desejavam prover-se de umas 4.000 arrobas de erva, geralmente conchavavam trabalhadores mestiços ou *criollos*, não empregando indígenas⁷¹. O *benefício geral*, explorado oficialmente e com as devidas licenças, limitava-se ao período de meses de verão e outono, climaticamente mais favoráveis para a tarefa ervateira. Entretanto, também existia o *benefício simples*, que aparece nos documentos como *benefício de inverno*. O governador Diez de Andino proibiu em 1667 essa prática, sob severas multas⁷², enquanto o governador Rexe Gorbálán, favorável à expansão da economia ervateira, limitou o conchavo para o benefício simples a dois meses.

Nesse tempo a população controlada pelos espanhóis correspondia à mesma que compunha as reduções jesuíticas. A partir daí, começou o desequilíbrio a favor dos últimos. Apenas 11% dos indígenas recenseados nessa época viviam fora dos *pueblos* e reduções. Da população *encomendada*, 21% viviam na província de Mbaracayú⁷³ e 13% entre os rios Ipané e Jejuí⁷⁴. Os *pueblos de costa arriba* não foram demograficamente fortes, destacando-se Ipané com 700 almas⁷⁵. Depois das transmigrações forçadas pelas malocas paulistas, as reduções foram realocadas principalmente na zona entre os rios Paraná e Uruguai, precisamente no antigo caminho da dispersão guarani até o rio Yacuí⁷⁶. Instaladas as reduções transmigradas, o censo realizado por Jacinto de Lariz no ano de 1647 indicou que todo o gentio guarani missioneiro das vinte reduções, incluindo *paranáes*, *uruguayenses*, *yguasúenses* e *tapes*, ascendia a 28.714 almas, o que representaria apenas 14% da antiga população, segundo a estimativa adotadas por SúsNIK⁷⁷. A população das reduções aumentou depois de 1640, porque foram dadas armas de fogo aos índios para se defenderem de portugueses e

⁷⁰ ANA-NE 130, f. 73, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonia...**, *op. cit.*, v. I, p. 151; *id.*, **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 221-226.

⁷¹ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 221. Paulatinamente, o termo mestiço foi sendo aplicado, no Paraguai, apenas aos mestiços-índios e *criollo* foi, por sua vez, estendido aos mestiços-índios. Mestiços e *criollos* passaram a ter significados parecidos a partir do fim do século XVII, apesar de este termo ser referir, como já foi dito, a todos os habitantes nascidos na América.

⁷² ANA-SH 38, n. 2.

⁷³ Havia 1.856 habitantes nos quatro *pueblos* de Mbaracayú em 1652 (GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 192).

⁷⁴ *Ibidem*, p. 178-180.

⁷⁵ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 196.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 198-199.

⁷⁷ *Ib.*, p. 172.

mamelucos⁷⁸. Vastas zonas antes povoadas, porém, ficaram quase despovoadas. A consequência mais imediata dessa ocupação foi a mudança na toponímia. O rio Piray (ou Paray) passou a se chamar Aquidabanigui, enquanto o rio Tepotiy foi denominado Aaba (hoje Apa). O Ipané, que havia sido conhecido por Guarambaré, foi chamado, pelos *mbayá*, por Bidioni Taloconagadi. Enquanto os *itatines* perdiam sua identidade, depois de trasladados para o sul do rio Tebicuary, entrando no amálgama de guarani missioneiro.

A realocação dos povoados do norte do Paraguai implicou uma nova fundação da economia comunal. Os *villarriqueños* foram obrigados a prescindir do correspondente serviço de *mita*. Muitas famílias ficaram soltas (desligadas de seus povoados), em busca de melhores oportunidades. Tinham ambição de formar parte dos povoados ricos, onde podiam arrimar-se e não de fugir para junto dos *monteses*. Itá e Yaguarón, sempre precisando de braços para suas tarefas comunais, os recebiam e os conaturalizavam, o que então significou tornar-se membro pleno de um *pueblo*. A consciência da unidade social por *cacicazgo* sofreu um duro impacto e os latentes fatores dissociativos estavam por manifestar-se abertamente. O princípio inicial de *pueblo-cacicazgo* se anulou e se impôs o *pueblo* composto de vários *cacicazgos*, cuja união se fundamentou essencialmente no sistema de *mitazgo* e na presença de um povoador espanhol⁷⁹.

As visitas dos governadores às povoações eram anuais, ainda mais frequentes a Caazapá e Yuty, *dos pueblos más yerbateros*. A renovação anual do padrão inquietava aos guaranis. Esses dois *pueblos* compunham 30% dos habitantes indígenas *poblados*⁸⁰ (Caazapá: 1443 e Yuti: 1571 almas). Entretanto, havia uma alta percentagem (39%) de ausentes e fugitivos e um notável índice de casamentos sem filhos⁸¹, porque os homens estavam ocupados nos ervais ou no transporte da erva⁸². Os dois povoados ligavam-se com os interesses de Villa Rica e de Curuguaty⁸³. Segundo o censo do governador Montforte, do ano de 1688, havia na província do Paraguai 194 *encomiendas* com 1.985 *mitayos*⁸⁴. Caazapá e

⁷⁸ 30.000 em 1648; 40.000 em 1656; 48.000 em 1677; 89.501 no início do século (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 4, 1923, p. 460-461).

⁷⁹ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 119.

⁸⁰ Caazapá: 1443 e Yuti: 1571 almas.

⁸¹ *Ibidem*, p. 193-194.

⁸² SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 193-194.

⁸³ *La mayoría de los Españoles vive en aldeas, en estancias y pequeñas localidades para estar más cerca a sus campos de cultivo y pastoreo. Fuera de la capital no hay ninguna ciudad en este país. Villarica o Curuquati son lugares insignificantes y solo la sombra de ciudades. A causa de sus migraciones tantas veces repetidas por miedo a los Portugueses, sus habitante se tornaron casi mendigos* (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I. *De la Provincia del Paraguay y de su Capital Asunción*).

⁸⁴ Em Yaguarón, 15 *encomenderos* dividiam 349 *mitayos*; Ipané contava com 22 *encomiendas*, pouco numerosas; em Guarambaré havia 16 *encomiendas*, apesar de que, desde o ano de 1673, muitas estavam em via

Yuti representavam o maior potencial de liquidez entre os *pueblos*: as estâncias de Caazapá, de 60.000 reses, eram uma fonte de constantes auxílios para outros povoados e até para as populações *criollas*⁸⁵.

A mudança dos *pueblos de costa arriba* desestruturou o serviço de *mita*. A província mergulhou em uma profunda crise econômica, pois só a atividade ervateira proporcionava meio aquisitivo. A constante presença incursionista dos chaquenhos, em busca de gado e cavalos, exigia a atenção permanente dos presídios e dos fortins. Os *criollos*, às vezes pequenos fazendeiros ou simples agricultores, contando com alguma *encomienda* empobrecida, necessitavam de braços⁸⁶. As ocupações pelas *encomiendas regulamentarias* já não era suficientes, cresceram então pedidos pelas *agregadas*, que na realidade não representavam mais que alguns poucos *mitayos* remanescentes de algum *cacica*. A concessão destas dependia dos governadores, sem necessidade de uma confirmação real. Logo, estes pequenos *encomenderos* começaram a renunciar a esse direito, alegando insolvência econômica para cumprir tanto com o pagamento de meia *anata*, como com o serviço de guarda militar, implícito no título recebido⁸⁷. O intensivo mestiçamento inter-étnico circunstanciou reações heterogêneas, entretanto, predominou uma vontade geral: o *conchavo libre*⁸⁸, contribuindo desse modo para o fim do *sistema de encomiendas*⁸⁹. O *conchavo* era baseado apenas na palavra e o compromisso se confirmava com o endividamento por *adelanto*⁹⁰. Os trabalhadores guaranis, mesmo considerando seu *pueblo* como refúgio, depois de cada ausência mais ou menos prolongada, homogeneizavam-se com a peonada *criolla*.

Passaram as gerações e os descendentes dos *mancebos de la tierra* seguiram incluídos na pequena elite local. Todo o setor superior da sociedade paraguaia era mestiço, ainda quando ninguém se considerasse como tal. No entanto, a maior parte dos *mancebos* empobreceu. Com a diminuição das *encomiendas*, eles e suas famílias começaram a trabalhar a terra com as próprias mãos. Nasceu assim uma das vertentes do campesinato paraguaio. Em

de extinção; em Tobati havia 8 *encomiendas* nominais com 129 *mitayos*, quase identificadas com *conchavo* (ANA-NE 369, f. 143, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, v. I, p. 207).

⁸⁵ *Ib.*, p. 192-193.

⁸⁶ ANA-NE 270, f. 67, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 208.

⁸⁷ ANA-NE 149, f. 10, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 208.

⁸⁸ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 211.

⁸⁹ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 207-209.

⁹⁰ Em alguns casos, no entanto, foi concedido por contrato em escritura pública, pagos com *mboroviré* (ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. **Un Siglo de Expansión Colonizadora: Los Orígenes de Concepción**. Asunción: Editorial Histórica, 1985, p. 71).

volta desse *criollos* pobres foi se formando este campesinato, que recebeu o aporte regular de novos mestiços⁹¹.

No começo do século XVIII, diminuiu a participação guarani no transporte do *mboroviré*, dos ervais até Asunción ou rio abaixo. Os guaranis se negaram a esta ocupação, quando se intensificaram as hostilidades dos *monteses*, considerados por eles selvagens e inimigos. As deserções foram maciças, deixando as tropas quando queriam nos campos ou nas matas. O prejuízo ervateiro era considerável. Finalmente os beneficiadores e comerciantes interessados recorreram ao emprego de peonada *criolla*⁹².

Assim, voltou a crescer o interesse pelo transporte fluvial; grandes *itapas* (jangadas para carregar madeiras), as famosas *garandumbas* (um caixão quadrilongo de boca e proa um pouco mais aberta) e as *piraguas* (grandes canoas, fabricadas para o transporte de erva)⁹³ sulcavam os rios Paraguai e Paraná. As grandes balsas exigiam um contínuo serviço de indígenas. Uma visita em 1701 às embarcações para o transporte de erva constatou um total de 10 balsas, com 123 remeiros índios, oriundos dos *pueblos* Itá, Yaguarón, Altos e Yuti, destacando-se sempre como marinheiros os habitantes dos dois primeiros⁹⁴. Os *caazapeños* preferiam o conchavo no transporte por carretas, sem rechaçar o trabalho de lenhadores nas matas próximas, sempre que se tratava de um conchavo livre e não compartilhado com o *pueblo*. As matas e madeiras eram pouco aproveitadas pelos *pueblos*. O índio trabalhava no machado junto com o trabalhador *criollo* ou mestiço⁹⁵. Os *corrigidores* indígenas e os caciques intermediavam os conchavos acertados. O “salário” se constituiu no único incentivo ao trabalho. Os guaranis passaram a oferecer resistência quando convocados pelo governo.

Grupos cacicais de índios costumavam fugir dos povoados de Jesús⁹⁶, Corpus, San Joaquín e San Estanislao, ou simplesmente ausentar-se por longos períodos nas matas vizinhas; não se tratava de fugas individuais. Tais grupos, uma vez *poblados*, não se

⁹¹ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 205.

⁹² SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 219-222.

⁹³ ALVEAR, Diego de. **Diario de la segunda división...**, *op. cit.*, p. 629.

⁹⁴ ANA-NE 24, f. 95, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 222-223.

⁹⁵ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 136-137.

⁹⁶ Jesús de Tavarangue foi fundada pelo padre Jerônimo Delfin, em 1685. Foi a última redução a ser instalada. Mudou quatro vezes de local. Foi a única igreja que ficou inacabada quando os jesuítas foram expulsos. A igreja e o colégio, obras do padre espanhol José Grimau, permanecem inacabados até hoje. Sua população atingiu cerca de 2.400 habitantes, em 1731. Os jesuítas estabeleceram a redução de Jesús para ir atrás dos infieis *guayakis* que margeavam o rio Ñacunday. *Los Quayaki son una nación especial y numerosa y por la lengua, costumbres y el color blanco de la cara completamente diferentes a los Guaraníes. Ellos recorren los montes más lejanos a orillas del Monday quazu y saltan cual monos sobre los árboles cuando quieren lograr miel, aves u otro regalo. No tienen vestimenta, ni paraderos fijos. Tímidos por naturaleza, no ofenden a nadie. Yo he conocido de cerca a muchos de ellos que se han distinguido ante los demás en las reducciones guaraníes por su piedad, habilidad, honestidad y especial pulcritud en las ropas* (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I. *De la singular fidelidad con que los guaraníes han servido siempre en el ejército español*).

integravam mais ao hábitat dos *monteses*⁹⁷. O índio missioneiro não era somente *un peón errante* ou *un escapado por pecados de lujúria, cuatrерismo y delitos*; ele aproveitava a ocasião para usufruir do *status* de índio livre para conchavar-se ou para integrar uma povoação com liberdade para produzir em roças particulares, uma prática provincial motivada pela falta de braços índios⁹⁸.

Desde o governo de Rodríguez Cota, no fim do século XVII, até o de Manuel de Robles Lorenzana, em 1712, efetuou-se uma grande migração no Paraguai, comparada em volume com a realizada no século XVI: os guaranis *mitayos* fugiram para *costa abajo*, onde conseguiam melhores condições de subsistência e recursos; também os soldados *criollos*, camponeses pobres, abandonavam os presídios, buscando meios de uma vida melhor sem a obrigação de serviço militar. As balsas e carretas facilitaram tais ausências, aumentando a percentagem de famílias *criollas* e índias temporariamente ou para sempre abandonadas. O comércio da erva e a necessidade de remeiros índios circunstanciavam o não cumprimento do *mitazgo*, fugas e dispersões⁹⁹. Os camponeses paraguaios, entretanto, estavam proibidos de trabalhar na condução de arrias ou carretas que saíam da província, pela necessidade de cumprimento com o serviço militar. Em 1782 havia no Paraguai uma população de 77.160 almas. Deste total, 55.616 foram considerados espanhóis ou *criollos*; 10.698 eram índios e 10.846, pardos¹⁰⁰. “É fora de dúvida que houve decréscimo acentuado da população indígena no século XVIII, porém o declínio demográfico foi simultâneo com o aumento ininterrupto da população mestiça no Paraguai”, anotou Uacury Bastos. Ao contrário da estagnação, houve uma taxa positiva de crescimento da população mestiça ao longo do período colonial¹⁰¹. população esta que, como já foi anotado, se considerava espanhola.

O resultado do censo populacional feito no governo Alós em 1789 indicou uma estabilização sociodemográfica nos *pueblos misioneros*, resultado da adaptação dos guaranis a todas as mudanças configuradas. O outrora poderoso núcleo de Caazapá contava em 1784 com apenas 849 almas, em plena desproporção com os abundantes recursos naturais; os administradores faziam um intenso comércio de *indígenas misioneros prófugos para los yerbales*. O ocaso sociodemográfico dessa população era notável. Por outro lado, os adolescentes aceitavam a vantagem de trabalhar nas casas dos vizinhos, oficiais de milícia e

⁹⁷ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 203.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 204.

⁹⁹ *Ib.*, p. 77.

¹⁰⁰ *Ib.*, p. 94.

¹⁰¹ BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial...**, *op. cit.*, p. 81.

geralmente também *encomenderos*. O interesse dos indígenas começou a confundir-se com a vivência da população rural. A percentagem de mestiços voltou a crescer¹⁰².

Em 1704, Caazapá e Yuti já arrendavam alguns lotes para os *villarriqueños*. Nesse tempo, os *pueblos* centrais, como Altos e Yaguarón, contavam com três fazendas, de três léguas quadradas cada uma. Porém, a posse das terras pelos *pueblos de costa arriba*, após sua mudança até a área da cordilheira, provocou reclamação dos vizinhos de Asunción pela perda das propriedades concedidas pelo governo. Como antes havia terras suficientes para cada *pueblo*, os litígios por terras ficaram restritos aos limites dos *pueblos* centrais. Com o crescimento da população provincial, surgiram novos problemas. A insegurança da fronteira norte pelas constantes invasões chaquenhas circunstanciava o movimento povoador para as zonas seguras e protegidas. A pressão dos povoadores *criollos* pobres, que dividiam sua subsistência entre o trabalho nas chácaras e nos ervais, e dos pequenos fazendeiros sobre as terras indígenas *pobladas* foi aumentando, até ocorrer a segunda *revolución comunera*. Em 1723, Antequera determinou, no capítulo 8 de suas ordenanças para benefícios de erva, que o pagamento de diárias ao índio teria que correr desde o dia que saísse de sua casa até a volta, incluindo todos os dias que estivesse no benefício, ainda que não trabalhassem por ser dias de festa ou dias de trabalho suspenso por ordem do beneficiador¹⁰³. Extremamente controvertida e discutiva foi a passagem desse governador pelo Paraguai. No entanto, o texto abaixo confirma que na sua disputa com os jesuítas estavam latentes também interesses comerciais.

En una de las últimas conversaciones, que tube en el Paraguay con el dicho Señor Obispo Palos, me dixo con grande firmeza, que Don Joseph de Antequera se había perdido por su culpa, y que había malogrado su buen entendimiento; por no haber imitado á Don Balthasar García Ros quando fue Gobernador del Paraguay, que en un todo se sujetó á los Reverendos Padres, y le valió muy crecida porción de caudal: porque desde que llegó a la Ciudad de Santa Fe entregó al Padre Procurador de Misiones toda la hacienda de géneros, y mercaderías que llevaba; y éste los despachaba en las embarcaciones de dichas Misiones á aquellas Doctrinas, y especialmente a los quatro Pueblos nombrados, que están mas inmediatos al Paraguay, y con las demás crecidas porciones de efectos y mercaderías, que se conducían de cuenta de dichos Padres para el tráfico, que tienen con los vecinos de la Villa-Rica y la de Curuguati, embiaban también los que pertenecían á dicho Don Balthasar, y cobraban los Padres el importe en el mismo efecto de yerba, y demás cosas, y las conducían por su mano, y en sus mismas embarcaciones al Procurador de Misiones del Colegio de Santa Fe; y éste las vendía á plata, y le apartaban á dicho Don Balthasar las cantidades que le correspondían [...]. En el poco tempo que le duró dicho Gobierno, adquirió mas caudal por este medio, que si lo hubiera servido muchos años; porque como los Procuradores y Padres Curas de dichas Misiones son tan diestros comerciantes, procuraban darle mucho aumento á lo que vendían y manejaban de su cuenta; y concluyó S. Illma diciendo, que si Don Joseph de Antequera hubiera hecho lo

¹⁰² SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 197.

¹⁰³ ANA-SH, 98, n. 3, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 113.

*mismo, tubiera mucho caudal y estimación, y los Padres le hubieran favorecido, y no se viera en los trabajos que padece, por haber caminado por otras líneas y desazonado á dichos Reverendos Padres*¹⁰⁴.

O bispo de Tucumán, D. Juan de Sarricolea y Olea, no informe de sua visita ao Paraguai em 1729, responsabilizou os *encomenderos* por maus-tratos nos benefícios de erva em Mbaracayú, citando cédula real de 1605 e referindo-se ao memorial do procurador da província, Diego Altamirano, de 1688. Citando outra cédula, de 1701, acusou-os de ocupá-los em tarefas contrárias a seu costume, como remar balsas, tocar carretas, conduzir tropas de mulas, tirar cera, causando mortes entre eles ou abandono dos *pueblos*, transferindo-se para as cidades ou estâncias¹⁰⁵. Desejava retirar os guaranis das reduções de San Ignacio, Nuestra Señora de Fe e Santiago do serviço de *mita*. Argumentou, que, enquanto isso, *las misiones y pueblos que doctrina la Compañía crecen en todo, en magnificencia, templos, adorno de iglesias, riqueza de altares, frecuencia de Sacramentos, pureza de costumbres, concurso á las funciones sagradas y número de individuos. Como éstos se aumentan tanto en los pueblos, ha sido necesario dividirlos en colonias numerosas...*¹⁰⁶. Entretanto, isso não foi permitido pelo rei espanhol¹⁰⁷.

Com a paulatina formação de uma massa de trabalhadores de origem e composição étnica diferentes (*criollos*, índios livres, mulatos e antigos escravos negros¹⁰⁸), os *encomenderos* foram obrigados a dar prêmios quando os *mitayos* indígenas cumpriam com seu serviço, para assegurar sua permanência no trabalho. Até a *revolución comunera* (1721-1735), os *asunceños* reclamavam seu direito sobre os *mitayos* que teoricamente possuíam em San Ignacio Guazú e nos *pueblos itatines* trasladados de San Ignacio de Caaguazú e de María de Fe de Aguaranamby¹⁰⁹. Em Yaguarón, preponderavam interesses do governo quanto à exigência de índios para obras públicas. Também se expediam licenças ao beneficiadores para conchavo de índios no transporte de balsas ou em simples prestação de serviços, daí a luta competitiva entre a comunidade administrativa, os *encomenderos* e os *vecinos criollos*. De Asunción e Villa Rica exerciam pressão sobre a prestação do serviço indígena; os *mitayos* eram conchavados no transporte de balsa e em carretas (ou no benefício de erva), não observando a ligação com seus *patrões-encomenderos*.

¹⁰⁴ ANGLÉS Y GORTARI, Mathias de. **Informe...**, *op cit.*, cap. IV, p. 48.

¹⁰⁵ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op cit.*, v. 1, 1912, p. 291.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 294.

¹⁰⁷ *Ib.*, p. 291.

¹⁰⁸ Só no colégio jesuíta em Asunción havia, na época da expulsão, 1.002 escravos negros, que trabalhavam na criação de mulas e vacas, na preparação de couro para os benefícios ervateiros, além de cultivar algodão e produtos para sua alimentação.

¹⁰⁹ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op cit.*, v. 1, 1912, p. 204-205.

A conduta dos *monteses* interferia no rendimento seguro dos benefícios de erva. A necessidade de defesa da província, a cargo dos *encomenderos* e de homens simples com obrigação miliciania, era uma carga pesada que obstruía o desenvolvimento econômico. Após a *revolución comunera*, ao formar suas chácaras nas bordas dos *pueblos*, os mestiços confundiam-se com os *comunales jubilados y premiados*, formando a categoria dos índios livres. Foi precisamente próximo dos *pueblos norteños* transmigrados que esses índios buscaram instalar-se, atraindo, por sua vez, as mulheres artesãs da comunidade; foi um dos processos de liberação natural dos guaranis, baseada na pequena economia familiar, se bem que com todas as pautas resultantes de uma *acriollización* consciente¹¹⁰. Só em Tobati havia casos de mestiçamento com negros pela presença mesma da colônia destinada a trabalhar nas terras da Virgen Nuestra Señora de la Limpia de Tobati.

Como a estrutura fundiária baseada em chácaras também se desfazia, as ocupações no beneficiamento e transporte da erva começaram a absorver estes pequenos agricultores *criollos*. O *encomendero* mais forte, fazendeiro considerável, defendia seu núcleo econômico e necessitava de *mitayos* guaranis. Segundo Branislava SúsNIK, os interesses do governo, dos *encomenderos*, dos administradores dos *pueblos* e dos comerciantes de índios para *conchavo* influenciaram na conversão do *mitazgo*, aos poucos, em simples peonagem¹¹¹. Até 1750, os *encomenderos* voltaram a apelar pelos seus direitos, reclamando o direito de indenização pela retenção dos *mitayos* nominais, seja pelo *pueblo* ou pelo governo. Os guaranis eram retidos para a fabricação de canoas, reparação de presídios e outras obras públicas, sobretudo no governo de Antequera¹¹². “A condenação que o governador Pinedo fez do sistema *encomendero* não foi mais que o encerramento da situação desintegradora em que se encontravam as *encomiendas* e o *mitazgo*”¹¹³. Em 1778, havia apenas 32 *encomiendas*, com 731 almas de serviço nominal.

A ausência dos homens em Itá, Yaguarón e Altos, em serviço de *mita*, em *conchavo* ou empregados em obras públicas, circunstanciaram alguns problemas sociais dentro da própria comunidade *poblada*: instabilidade matrimonial, grande percentagem de mulheres abandonadas ou solteiras e o início de novo mestiçamento. Destes três *pueblos* procediam as frequentes solicitações para o reconhecimento do *status de mestizo libre, con derecho al traje*

¹¹⁰ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 197-198.

¹¹¹ *Idem*. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 79.

¹¹² Foi estabelecida a taxa indenizatória aos *encomenderos* pelos *mitayos* retidos em oito *pesos* pelo tempo de cada *mita* (ANA-SH 98, n. 3).

¹¹³ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 209.

español, libre del servicio de mita, del servicio comunal y mismo del tributo de vasallo. A integração dos mestiços-índios com a população rural foi um processo rápido.

Os mestiços *yanaconas* eram desprezados pelos guaranis *poblados* e, quando fugiam, eram rechaçados pelos guaranis *conchavados* e pelos mestiços-índios livres. Desta maneira, os mestiços *yanaconas* subsistiam recorrendo a trapaças, roubos ou fugas até outras províncias ou então casando com escravas negras, se o dono delas o reconhecia como *amparado*. O problema discriminatório foi mais agudo tratando-se dos casamentos entre índios *yanaconas* e negros ou mulatos; os *encomenderos* aprovavam tacitamente tais relacionamentos quando se tratava de serviço doméstico, já que os filhos seguiam o *status* do pai. Os cafuzos não eram apreciados no Paraguai colonial. Nem os mulatos, nem os negros que exerciam algum ofício aprovavam a união com *yanaconas*, se bem que filhos naturais não faltassem. Sempre era extrema a necessidade de roupa para os *yanaconas*: o *chiripá* para o homem e o *tipoy* para a mulher¹¹⁴. Os *conchavados* livres cumpriam com suas obrigações quando tinham assegurada sua manutenção à base de carne, sal e erva; aqueles que não comiam carne eram vistos com desdém¹¹⁵.

No entender de Branislava SúsNIK, a oposição dos moradores de Caazapá e Yuti aos *monteses* era consciente; não obstante, sua consciência de guaranis *poblados* os levava a aceitar alianças com índios livres; “a mestiçagem era abertamente desejada” (não menos que com os índios missioneiros que fugiram de seus povoados e ficaram na província logo após a *revolución comunera*). Os filhos nascidos das frequentes uniões de mulheres de Caazapá com mestiços livres também eram considerados índios soltos, livres do serviço de *mita* e tacitamente também do da comunidade, contudo, seu *status* obrigava-os ao *traje índio*¹¹⁶. “Os *monteses* foram para os guaranis *poblados* tão *caaiguás*, desprezados e temidos ao mesmo tempo, como foram para os primeiros conquistadores espanhóis os antigos *carios*”; a diferenciação, baseada nas pautas culturais, dividiu profundamente ambos os grupos, não só geograficamente (FIG 34).

¹¹⁴ *Ibidem.*, p. 211-213.

¹¹⁵ *Ib.*, p. 214.

¹¹⁶ ANA-NE v. 392; f. 21, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 193.

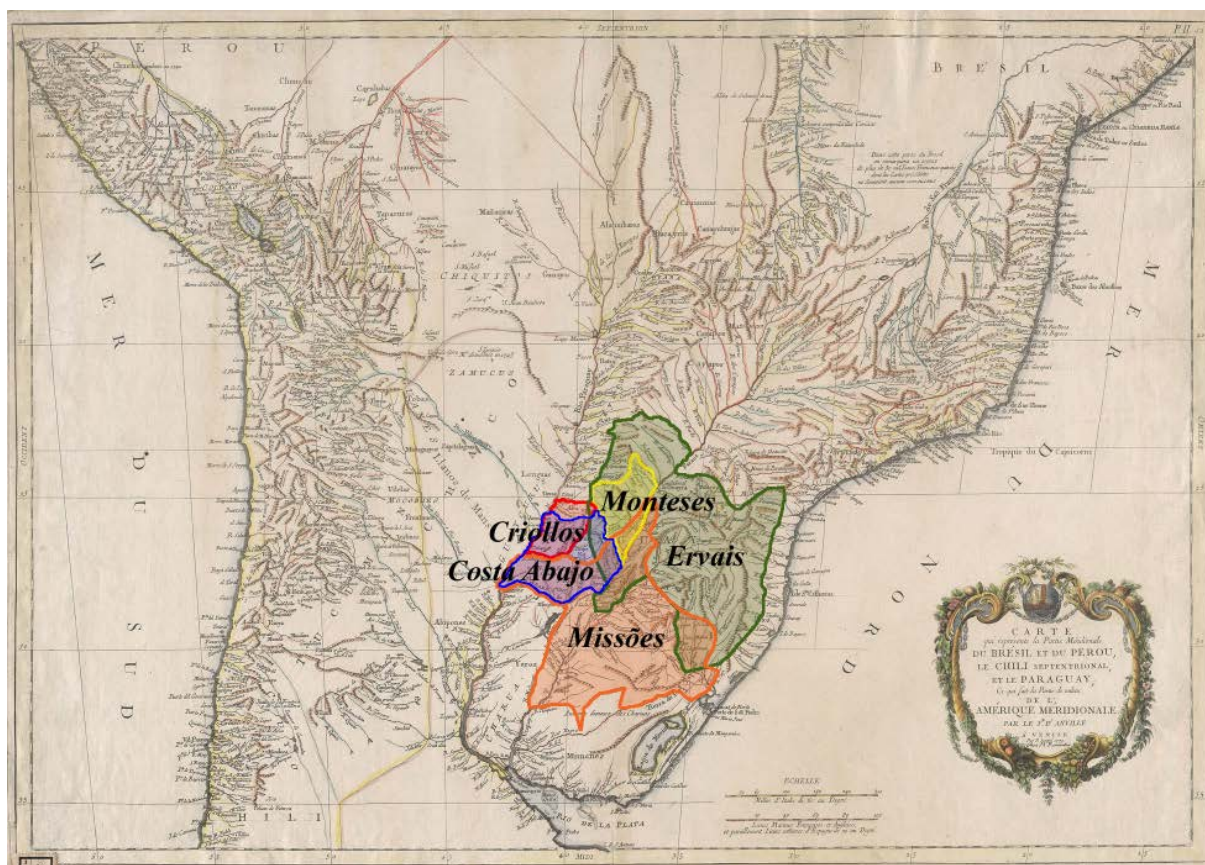


FIG. 34. *Caaguás* ocidentais ou *monteses* (em amarelo); *Costa abajo* (em azul); a ocupação *criolla* paraguaia entre 1668-1750 (em vermelho); a área de ocorrência de erva-mate silvestre (em verde), os trinta povos guaranis entre 1707 e 1756 (em laranja). Elaborada pelo autor desta dissertação com base na *Carte qui représente la Partie Méridionale du Brésil et du Perou, le Chili Septentrional, et le Paraguay, Ce qui fait la Partie de milieu de L'Amérique Méridionale*. Par Le Sr. D'Anville. Venise, 1773. BNRJ. Fontes: CARDIEL, José. Mapa de la Gobernación del Paraguay y de la de Buenos Ayres, 1752 (cf. FURLONG, 1936, Mapa XXIII, p. 78); Mapa de las Doctrinas del Paraná y Uruguay (cf. FURLONG, 1936, Mapa XXXIII, p. 98).

Depois da *revolución comunera*, aumentou consideravelmente a dispersão povoadora, com o assentamento de chácaras nas terras de Atyrá, Ipané e Guarambaré. Havia uma aberta e consciente oposição entre os guaranis provinciais e os guaranis missioneiros. A população das reduções jesuíticas teve drástica diminuição¹¹⁷ pela epidemia entre 1732 e 1735 e também por fuga¹¹⁸. O governo da província oferecia aos fugitivos missioneiros uma grande vantagem: não eram *mitayos encomendados*, podiam conchavar-se como peões livres ou fazer parte de algum *pueblo*, sem obrigação do trabalho comunal e com direito à lavoura particular. Estes índios livres casavam com as mulheres dos *pueblos* provinciais, iniciando assim um processo de *chacarero libre*. Em outras palavras, os índios *poblados*, longe de

¹¹⁷ Passou de aproximadamente 141.000 almas para pouco mais de 73.000. Até o fim do século a proporção entre os que estavam nos *pueblos* e reduções jesuíticas e os que estavam fora foi ainda mais acentuada., representando 25% e 75% , respectivamente (GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Mercado Interno...*, *op. cit.*, p. 200 e 203).

¹¹⁸ Nos *pueblos* missioneiros, os motins contra os jesuítas provinham da própria milícia guarani. No entanto, os castigos corporais eram mais frequentes e rigorosos nas missões, onde a disciplina era mais rígida, e aplicados geralmente por essa milícia.

internarem-se nas matas, moveram-se, geográfica e socialmente, convertendo-se em chacareiros¹¹⁹. A demanda pela força de trabalho crescia com o desenvolvimento provincial, não sendo mais suficientes as debilitadas *encomiendas*. Durante o governo de Rafael de la Moneda (1740-1747), os administradores dos *pueblos* competiam com os *encomenderos* pelos braços índios. Generalizou-se o pagamento de indenização aos *encomenderos* pela retenção de *mitayos*.

Nos governos de Augustín de Pinedo, Melo de Portugal e Lázaro de Ribera, o processo de *desmitación*, ainda que paulatino, influenciou na reorientação econômica dos *pueblos*: *la peonada india para varias obras públicas y particulares era conchabada por el mismo pueblo, figurando la prestación de mano de obra en los Libros de Cuentas de los pueblos y representando una fuente de ingresos para el pueblo*¹²⁰. O trabalho comunal, como fonte de liquidez econômica, perdeu sua importância. Dentro deste esquema geral, cada um dos *pueblos* desempenhava alguma especialidade na economia colonial. Até metade do século XVIII se manifestava a tendência de concentrar o gentio nos *pueblos*, em contraste com as povoações *criollas*, que tinham suas moradias dispersas pelos vales.

Os moradores de Belén, S. Estanislao e S. Joaquín nunca foram *mitayos* ou tributários. Sempre foram considerados clandestinos pelos povoadores *criollos* vizinhos; os *tarumás*, para quem se fundaram ditas reduções eram poucos e de permanência instável, por isso seu núcleo populacional foi constituído por colonos previamente educados nas missões *itatines* de María de Fe. A má administração converteu esses indígenas em exemplo de pobreza, miséria e nudez, vivendo em simples ranchos de palha. Em S. Joaquín, os ranchos ficaram dispersos e distantes, para evitar os incêndios frequentes¹²¹. Os dois eram *pueblos* decadentes em 1778. Apelavam para as licenças para benefício dos ervais para proverem-se de tecidos necessários para vestirem-se. Segundo Branislava SúsNIK, “endividavam-se com espanhóis e *criollos* e tinham dificuldade em pagar em razão das epidemias, secas, geadas,

¹¹⁹ GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Mercado Interno...*, op. cit., p. 204.

¹²⁰ SÚSNIK, Branislava. *El Indio Colonial...*, op. cit., v. I, p. 143.

¹²¹ *Salí de San Joaquín. Á la bajada de la loma está el río llamado Negro ó Yu. Hice medio-día en outro paraje por el cual corre un Arroyo cuyo nombre es Yuqueriy, río delos matorales espinosos de este nombre. En el médio de los dichos está el Tarumay, en el cual se divide el camino que vá á Curuguaty, muy frecuentado de los beneficiadores de la famosa Yerba del Paraguay[...]. La disposición de la población de San Joaquín es irregular, estando como sembradas las casas, apartadas unas de las otras, por evitar los incendios frecuentes. Como pueblo nuevo, tiene las casas y la iglesia techadas de paja. Á esto de las 2 y media salí del sitio arriba dicho; y á cosa de las 5 llegué á la entrada, ó, como aqui dicen, Borda del bosque, y monte grande. Pasado el Yuqueriy, encontramos el río Guiranguay, ó del nido de pávaro negro. Corre á buscar el Paraná. Es malísimo paso para las tropas de mulas que acarrear la Yerba. Sus orillas están desquebrajadas, y pantanosas. Pasáse sobre fagina. Á este se sigue el río Cambay, del negro. Inmediato al bosque grande corre outro que toma de él su nombre y se dice río de Monte Grande (LABRADOR, José Sánchez. *El Paraguay Católico*. Buenos Aires: Coni Hermanos. t. II, 1910. p. 209-210).*

falta de gado, etc.”¹²². Apesar desse quadro, segundo Aguirre, S. Joaquín possuía 16.000 cabeças de gado¹²³ em 1790. O gado se constituiu em verdadeira medida de riqueza do *pueblo* colonial. A falta de gado significava menor quantidade de carne por semana, como também falta de poder aquisitivo para vestuário, erva, tabaco, etc.¹²⁴

Nos *pueblos* missioneiros, a exploração dos recursos era organizada; cada um contava com três ou mais algodoais, não faltavam canaviais. Entretanto, os ervais plantados recebiam maior atenção, especialmente nos *pueblos* de Mártires, San Javier, San Ignacio-miri, Cosme y Damián, Trinidad, Jesús, Santiago¹²⁵, Maria de Fe, Itapúa e San Ignacio Guazú, alcançando, às vezes, 40.000 plantas, com produção de 1.600 arrobas. O padre NUSDORFFER deu novo impulso aos ervais cultivados de Loreto, Santo Tomé, San Carlos e Santa Maria La Mayor; isto, não obstante, seguiam explorando os ervais silvestres na outra margem do rio Paraná, para dispor das duas variantes de erva: *caá miri* e *caá yvyrá*. Não faltavam braços ali, podendo explorar-se ao máximo as tarefas agrícolas comunais. No entanto, havia resistência ao cultivo de algodão, tanto entre guaranis provinciais como missioneiros.

Entre os *pueblos* provinciais, o verdadeiro bem-estar também baseava-se no gado; chegaram a possuir no total mais de 200.000 reses. Além de Caazapá, San Miguel e Yapeyú possuíam grandes fazendas de gado. Os tabacais e canaviais eram poucos, só representando rubrica importante depois da metade do século XVIII; os arrozais no *pueblo* trasladado de Ipané ainda tinham certa importância; o mandiocal era familiar. Como alternativa rentável, os *pueblos* buscavam licenças oficiais para o benefício de erva, se bem que muitos deles tivessem que contratar trabalhadores *criollos* para o benefício. Nessa época, já apareciam arrendatários das terras devolutas não exploradas pelos povoados. Entre os *pueblos* provinciais não se estabeleceu um comércio interno; o *pueblo* sempre foi uma simples unidade administrativa. O benefício de *caraguatá* e de *guembepí*¹²⁶, para fabricar cordas, tinha certa importância periódica¹²⁷.

Expulsos os jesuítas das províncias do Rio da Prata, os 150 anos da sujeição às rígidas e uniformes pautas culturais ocasionaram uma aparente homogeneidade dos *pueblos* e do gentio, que *de mitayo encomendado* passou a *peon del pueblo*¹²⁸. No auge dos canaviais¹²⁹

¹²² SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 133.

¹²³ AGUIRRE, Juan Francisco. Diario del Capitan de Fragata de la Real Armada... In: **RBNB**, ts. 18 e 19, anos 1949 e 1950, Buenos Aires: I, p. 458.

¹²⁴ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 129.

¹²⁵ Em Santiago predominava a erva cultivada, com uma produção anual de 120.000 arrobas.

¹²⁶ Guaimbé.

¹²⁷ **ANA-SH**, v. 153, n. 12, 1789.

¹²⁸ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 272-273.

e especialmente dos tabacais, o interesse particular da Fazenda Real obrigava os *pueblos* a dispor sempre de seus peões guaranis e conchavá-los sob a remuneração de *mitad por mitad*¹³⁰. Os governadores Alós e Melo de Portugal favoreceram a nova política econômica da província, sendo, portanto, interessados na supressão do serviço de *mitazgo*. Na ocasião de visitas oficiais aos *pueblos*, esses governadores incitaram a apresentação de queixas dos *mitayos* contra os *encomenderos*. Elas se referiam, com frequência, ao trabalho nos canaviais¹³¹, que, como dos ervais, gradualmente, foram recaindo sobre os peões mestiços. Quando Lázaro de Ribera decretou a supressão de *encomiendas* em 1803, a inter-relação *encomendero-encomendado* já estava, na prática, sem função uns vinte anos antes. O crescente arrendamento de terra do *pueblo* também contribuiu com o paulatino *acriollamiento* dos índios. No entanto, foi no próprio *pueblo* que começou o processo de *desmitaização* ao diversificarem-se as atividades econômicas e, por outra parte, com os guaranis encontrando sua ambição socioeconômica em conchavos ou *chacareos libres*.

O braço indígena fora potencial básico de força de trabalho na província, porém, a partir 1774, os ervais de Mbaracayú acabaram ficando fora do trabalho ervateiro dos guaranis dos *pueblos* provinciais¹³². Só *curuguateños* e *villarriqueños* ocasionalmente organizavam algumas *tropillas yerbateras*. Os ervais silvestres da região habitada pelos *guayanás*, do outro lado do rio Paraná, eram explorados desde Corpus e Candelaria¹³³.

O tempo dos conchavos era com frequência desigual e como o “salário” adquiriu certa identificação “com o tempo”, não é estranho que a dívida se detalhasse em meses e semanas¹³⁴. Os índios de Belén conchavavam-se com os *criollos* para os benefícios de erva à base do mesmo princípio do *adelanto*. Em Caazapá, Itapé e Yuti abundavam arrendamentos a *criollos* e mestiços¹³⁵. Seus moradores contratavam *criollos*, pardos e índios *tapes* para fazer erva¹³⁶. Em 1781 já se mostrava preocupação com a desestruturação dos *pueblos*. *Los indios*

¹²⁹ Da cana-de-açúcar tirava-se principalmente o melado e o aguardente, mas também o açúcar, por processos bem mais simples que os grandes engenhos de açúcar da colônia portuguesa. No entanto, em 1781, o açúcar apareceu em segundo lugar nas vendas de Asunción para o mercado interno colonial (AZARA, Felix de. **Geografía física y esférica...**, *op. cit.*, t. I, 1904, p. 433-434).

¹³⁰ ANA-SH 193, n. 12.

¹³¹ ANA-NE 14, f. 24, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 274.

¹³² SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 289.

¹³³ ANA-NE 74, f. 8, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 289.

¹³⁴ ANA-NE 24, f. 95, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 223-224.

¹³⁵ ANA-NE 154, f. 142, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 127.

¹³⁶ *De las antiguas reducciones en que los Españoles han colocado los indios vencidos o convertidos restan aún Caazapá, Yuti, Ytapé e Yta. Los franciscanos cuidan de ellas. Caazapá se compone de más o menos doscientas familias, que en cuanto a la ganadería superan a las demás. Ellas obtienen anualmente hasta veinte mil terneros. Supongamos ahora que la tercera parte de los que felizmente llegaron a crecer se pierda también por las sabandijas, por las fieras y ladrones, se deducirá fácilmente que el número de vacas y novillos debe sumar en esta localidad cien mil. Agréguese a éstos aún los innumerables mulares y ovejas. Su ganadería se extiende*

hacianse “trajinantes y andantes todas las familias”, no cumpliendo con lo trabajo comunal, abandonando el trabajo en sus labranzas y tampoco asistiendo a las doctrinas; rondaban por los ranchos de los pobladores criollos, viendo en el pequeño y ocasional conchabo una “ganancia”¹³⁷.

A agricultura comunal diminuiu seu rendimento desde os começos desse século. Os documentos sobre Guarambaré, Ipané, Belén e S. Estanislao então cheios de notícias do ocaso dos *pueblos* por falta de cultivo. A preferência dada aos conchavos, com o consequente abandono das roças, causou verdadeiro alarme durante os governos de Melo de Portugal, Alós e Lázaro de Ribera, ainda que eles mesmos contribuíssem, retirando constantemente trabalhadores índios para as lavouras de tabaco e obras públicas¹³⁸. Este último combateu a individualização do trabalho do índio missioneiro, porque implicava na desintegração comunitária do *pueblo*¹³⁹. Por outro lado, o abandono das roças mostra que já havia ocorrido uma modificação importante na divisão do trabalho das comunidades. O plantio e manutenção da roça, antes trabalho feminino, tinha deixado de ser. No fim do século, começou a formar-se o padrão de *chacarero guarani* em contraste com o peão guarani, frequentemente desempregado e instável¹⁴⁰.

O expansionismo *criollo* e a ideologia do liberalismo econômico circunstanciam o novo projeto da política indigenista. Os propulsores do liberalismo econômico rio-pratense orientaram suas pretensões para a abolição do sistema comunal, estreitamente coligado com a liberação dos indígenas. O vice-rei Avilés foi responsável pela difusão do liberalismo econômico e Lastarría¹⁴¹ foi verdadeiro gestor do plano de *Colonias Orientales del Río*

*por muchas leguas sobre la más amena llanura. A cierta distancia entre sí, se han colocado pastores indios y en cada puesto se ve lo que por lo general en Paracuaria yo no vi jamás: puro ganado de un mismo pelo. Así se encuentran en un lugar de un solo color blanco los caballos, vacunos, ovejas y hasta las gallinas del cuidador son blancas. En otro lugar, todos son de color negro, en un tercero todos overos. Tantas diferencias de colores, al parecer superfluas, no proceden de la casualidad sino del cuidado de los cuidadores. La localidad Ytapé alimenta alrededor de veinte familias. Yuti e Yta algunas más. Bajo párrocos seculares se hallaban Atirá, y Altos, que han sido unidas en un solo pueblo. Quarambaré y Taboti cuentan con pocos habitantes; Yaguarón tiene alrededor de doscientas familias. Como los habitantes indios de estos pueblos están sometidos al servicio de los españoles, sus pueblos no pueden compararse con los de nuestros guaraníes, ni en el número de la población, ni en el grado de cultura, ni en el esplendor de las iglesias porque ellas dependen solo del rey de España al cual se han sometido voluntariamente, libres de toda sumisión privada (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. De la Provincia del Paraguay y de su Capital Asunción).*

¹³⁷ Carta do protetor de naturais, padre Achart, ao governador, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, op. cit., v. I, p. 128. *El pueblo guarani colonial*.

¹³⁸ ANA-SH, 155, n. 6, f. 3 e 182, n. 4, ff. 25-27, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, op. cit., v. I, p. 132.

¹³⁹ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, op. cit., v. I, p. 116.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 133.

¹⁴¹ No mapa de Lastarría, *Secretario del Virrey Avilés*, a 1ª. linha divisória identificou os rios Ygurey e Corrientes com Yaguarey e Mbotetey, assegurando a conexão da província do Paraguai com os Chiquitos; a 2ª. linha mencionada por Lastarría era a formada pelos rios Ygatimí e Ipané, reconhecida na Instrução de 6 de julho

Paraguay e de la Plata. Pretendiam liberar o índio do sistema comunal, dar-lhe o direito da propriedade individual, apesar de tal liberação não significar uma liberdade sociopolítica; o índio continuava no seu *status* tradicional, conquanto que não fosse mestiço. Esta nova política indigenista provocou a reação da classe *criolla* tradicionalista e separatista, claramente esboçada através da polêmica entre o vice-rei Avilés e o intendente da província do Paraguai, Lázaro de Ribera, que defendia o tradicional sistema de comunidade. Este considerou que: os indígenas careciam de todo sentido de previsão econômica; o sistema comunal seria o mais adequado para manter certa unidade indígena produtiva e prevenir a desorientação e dispersão pela atração dos conchavos; a verdadeira liberdade dos índios deveria se basear na agricultura produtiva, sempre dirigida e fiscalizada, e, completou com a afirmação de que para os indígenas as tradicionais *Leyes de las Indias* significavam o máximo humanismo, racional e paternal.

O Regulamento de 1798 pretendeu restabelecer a ordem econômica dos *pueblos*, resolvendo três problemas: os abusos administrativos, as pressões econômicas dos *criollos* e o alcoolismo dos indígenas. O plano esboçado por Doblas previa que cada *pueblo*, contando com 300 índios no trabalho comunal, deveria produzir anualmente 800 arrobas de erva, em um erval cultivado com 1.500 a 2.000 plantas. Também deveriam ser produzidos 100 alqueires de trigo; 200 alqueires de milho; 50 arrobas de tabaco; 50 arrobas de mel e 15.000 varas de tecido. Além disso, deveriam cuidar do cultivo do lote particular¹⁴². Porém, nenhum *pueblo* contava com 300 homens de trabalho permanente¹⁴³. Os armazéns do *pueblo*, apesar do controle e direto aproveitamento do administrador, ofereciam outro atrativo; os indígenas poderiam adquirir o que mais desejavam: tecidos, cintos, ponchos, facas, machetes, erva, cera negra, etc. Assim se iniciou um sistema de *cuentas* índias nos armazéns de seus próprios *pueblos*¹⁴⁴. Alguns pagavam, cedendo seu “salário de conchavo”, quando era contratado pela comunidade. Os índios soltos de conchavo livre também costumavam recorrer aos armazéns do *pueblo* de que não eram oriundos.

Os *pueblos* provinciais e missioneiros tiveram drástica diminuição de população, com o deslocamento de indígenas para outras províncias ou conchavados nos

de 1778, que satisfazia amplamente as expectativas portuguesas; a 3ª. linha marca o rio Apa, que então foi aceito pelas duas coroas. O governador Joaquín de Alós se opôs tenazmente a que se aceitasse o rio Igatimí como limite, ainda que fosse parcialmente. Seus protestos resultaram na conclusão de Azara de que o rio Igurey não era outro que o rio Yaguari ou Yaguareí, denominado também Ivinheima ou Monice, contravertente do Mbotetey (BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial...**, *op. cit.*, p. 183-219).

¹⁴² DOBLAS, Gonzalo de. Memoria sobre la Provincia de Misiones de Indios Guaraníes. CODHAM. Buenos Aires: Plus Ultra, 1970, p. 49-51.

¹⁴³ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 283-284.

¹⁴⁴ ANA-NE 74, f. 2, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 304.

estabelecimentos *criollos*. As terras legalmente demarcadas aos *pueblos* índios ficaram em grande parte inexploradas por falta de braços para as tarefas comunais, uma verdadeira contradição econômica, já que emprestavam seus braços índios aos fazendeiros *criollos*. Esta foi a causa de, com frequência, índios livres levantarem suas chácaras e roças nas vizinhanças dos *pueblos*.

As consequências do *acriollamiento* das terras foram alarmantes na zona central do Paraguai desde o ano de 1790; oficialmente, Atyrá tinha uma população índia de 972 almas e, em suas terras, viviam também 595 *criollos*; em Yuti, com 674 indígenas, as terras contavam com 355 paroquianos *criollos*¹⁴⁵. Os *curuguateños* povoavam consideravelmente os campos de S. Joaquín e S. Estanislao, entre eles muitos fazendeiros com suas estâncias. Parecida foi a penetração dos *villarriqueños* nas terras demarcadas para o *pueblo* de Itapé, fracassado centro pacificador de *monteses*. Os *criollos* apelavam pelo direito de usufruto das terras devolutas; os indígenas *poblados* recebiam o arrendamento anual de alguns arrendatários maiores, enquanto careciam de autoridade para desalojar os povoadores pobres. As terras foram ocupadas também por chacareiros mestiços (esgotada a terra em dois ou quatro anos, as famílias chacareiras iam em busca de novos lotes férteis ou buscavam trabalho ervateiro). Já não se respeitava a lei que desde a fundação dos *pueblos* prescrevia sua propriedade exclusiva sobre uma légua e meia de terras. A proximidade entre os pastos do *pueblo* e dos arrendatários provocou o cruzamento do gado, dificultando o controle e facilitando o roubo por *criollos* e indígenas¹⁴⁶.

Duzentos anos depois da conquista espanhola, os guaranis viviam com novas pautas culturais¹⁴⁷, sentindo-se seguros nas terras do *pueblo*; a agricultura colonial e a pecuária significavam sua estabilidade¹⁴⁸. Os guaranis se conchavavam com os fazendeiros ou com comerciantes no transporte, porém, só serviam aos *criollos* pobres por necessidade ou aproveitando seus dias semanais livres. Eram quase sempre os mestiços que procuravam essa

¹⁴⁵ ANA-NE 154, f. 149, apud SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 276.

¹⁴⁶ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 276-277.

¹⁴⁷ Também na segunda metade do século XVIII, os *pueblos* seguiam sendo unidades administrativas sem qualquer coordenação entre eles. Nessa época foram iniciados grandes *obrages*, abrindo a exploração intensiva das matas. Os *pueblos* exploravam com seu gentio a madeira necessária para fabricar carretas e embarcações. Os *criollos* pagavam arrendamento aos *pueblos* indígenas para retirar madeira das matas de Caazapá e Yuti que ainda estavam virgens. A madeira era exportada para Buenos Aires, pagando 200 *pesos* de arrendamento pelo direito de cortar a madeira por um ano. Desde 1769 realizavam-se periódicas explorações alto-paranaenses diretamente pela Real Hacienda de Buenos Aires. Segundo Liniers restavam ainda 40 léguas de matas virgens rio Paraná acima até o Salto Grande. Com a exploração do cedro e a introdução das serras solicitava-se também o serviço de carpinteiros, oferecendo “altos salários” aos peões guaranis especializados. No auge da exploração de madeira o governo de Alós teve que regulamentar uma “política salarial”, estabelecendo categorias ocupacionais (ANA-SH 159, n. 9). Nos *pueblos* provinciais, os algodoais sofreram um notável abandono no século XVIII (SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 285-288).

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 277.

identidade; a mútua discriminação *criollo-guarani* se baseava no *status* sociopolítico e não nas características físicas. Tampouco existiu um contraste cultural entre um povoador *criollo* e um guarani *poblado*; ambos participavam da mesma configuração econômica rural; o mesmo nível de vida diária de um povoador pobre e um índio livre não significava uma diferenciação classificatória. A rebeldia dos guaranis *poblados* com os administradores levou a uma paulatina descomunização voluntária dos indígenas, que, por sua vez, gerou o fenômeno mais característico na província: o indígena guarani *poblado* disseminava e dispervava-se pelas estâncias *criollas*, enquanto os *criollos* invadiam não só os campos e pastos, como também os próprios *pueblos*, que tinham sido fundados no século XVI precisamente como célula separatista dos índios cristãos¹⁴⁹.

Não escaparam desse processo os *pueblos* missioneiros; Bucareli com sua política de convivência *criolla-guarani* também permitia que os *criollos* se assentassem fora e dentro dos *pueblos* a fim de ensinar a cultura da terra; a colonização *asunceña*, no Tebicuary-Paraná, e a *correntina*, na outra margem do rio Paraná, rapidamente abarcaram as extensas terras dos *pueblos* indígenas. Em volta das *capillas misioneras*, antes estâncias, assentavam-se *criollos* e mestiços, e logo os mesmos guaranis prófugos. Não se tratava somente de pequenos povoadores, chacareiros instáveis, como de *criollos* que aproveitavam as terras para plantações de cana-de-açúcar e algodão, ou de estancieiros que escolhiam bons pastos para seu gado. Todas as grandes terras ocupadas achavam-se sujeitas ao pagamento de arrendamento ao *pueblo-propietário*¹⁵⁰. O intenso povoamento *criollo* das terras indígenas aumentou o casamento ou concubinato entre *criollos-guaranis*.

O vice-rei Avilés solicitou em 1799 informes sobre a liberação dos indígenas ao canônico Arcos e Matas, ao frei Fernando Cavallero, ao visitador dos franciscanos, ao frei Inocencio Cañete e ao comandante militar de Concepción, José Antonio Zavala y Delgadillo. Este defendeu o conchavo, destacando o direito dos índios de gastar seus “salários” sem fiscalização ou disposições de cabildos ou da comunidade. O frei Inocencio Cañete, catequista entre os *payaguás* e protetor dos *monteses*, aprovou a distribuição dos bens da comunidade, dando-lhes propriedades ou ferramentas (quando se tratasse de profissional); individualizando cada família indígena, dando-lhe liberdade de gerir sua própria economia, sem participação da comunidade. Propôs, entretanto, que continuassem prestando serviço comunitário dois dias da semana, até liquidar as dívidas administrativas de cada *pueblo*. O padre Amancio González Escobar reconheceu o direito de propriedade, desde que vendessem as terras que sobrassem

¹⁴⁹ ANA-NE v. 154, f. 140, *apud* SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 277-288.

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 278-279.

do *pueblo*, “evitando dessa forma os imensos desertos”. O projeto de Felix de Azara foi o único que incluiu a plena liberdade do guarani colonial, com seus direitos e também suas obrigações-deveres a fim de gozar de idêntico *status* sociopolítico que o *criollo* rural, e não somente gozando de uma liberação econômica que o mantivesse, pelo contrário, o seu *status* de índio; conseqüentemente, os guaranis teriam sua liberdade de casar-se com espanhóis, mestiços, mulatos ou negros. Uma chácara com lote suficiente, de ¼ de légua de frente e ½ légua de fundo, com bois, vacas leiteiras, arado e sementes asseguraria à família indígena sua necessária subsistência; a terra ficaria sua propriedade, que perderia se deixasse de cultivar por cinco anos; não faltava o projeto de uma repatriação de todos os indígenas fugitivos e ausentes, com o mesmo direito à divisão dos bois de sua comunidade¹⁵¹. Entretanto, ficou somente anunciada a circular de Manuel Belgrano, do acampamento de *Tacuari*, que declarava livre todos os *pueblos* missioneiros, com implícita repartição dos bens e o direito à liberdade, propriedade e segurança a fim de ser em tudo igual aos espanhóis que tenham *tenido la gloria de nacer en el suelo de America*¹⁵².

3.3 A DEFESA DA FRONTEIRA NORTE

Em 1556, o imperador Carlos V ordenou:

*También hazemos merced á los Encomenderos de las rentas, que gozan en encomiendas para defensa de la tierra, y á esta causa les mandamos tener armas, y cavallos, y en mayor numero á los que las gozarem mas quantiosas, y assi es nuestra voluntad, y mandamos, que quando se ofrecieren casos de guerra, los Virreyes, Audiencias, y Governadores los apremien á que salgan á la defensa á su propia costa, repartiendolo de forma, que unos no sean mas gravados, que otros, y todos sirvan en las ocasiones: y porque conviene, que estén prevenidos, y exercitados, les manden hazer alardes en los tiépos, que les pareciere: y si los Encomenderos no se apercivieren para ellos, ó no quisieren salir á la defensa de la tierra, quando se ofreciere ocasion, les quiten los Indios, y executen las penas en que huvieren incurrido, por haver faltado á su obligación (**Recopilacion de las Leyes de las Indias**, Livro II, Título I, *De los Encomenderos de Indios*. Ley IV).*

Entre 1580 e 1640, quando os reis Felipe II, III e IV governaram conjuntamente Espanha e Portugal, as pressões de fronteira na região ervateira aumentou, com seguidas incursões de bandeiras. Com a Restauração, os conflitos prosseguiram, mas foram os ataques de *mbayás* e *payaguás* às populações guaranis do norte do Paraguai que as desestabilizaram economicamente, obrigando-as a despovoarem a margem esquerda do rio Paraguai. Nominalmente os espanhóis, a mando de Ortega de Vallejos (1662), estabeleceram sete

¹⁵¹ *Ib.*, p. 315-316.

¹⁵² ANA-SH, 211, n. 2

efêmeros fortes próximos ao rio Apa. As províncias de Itatin, Guarambaré, Ipané e Tobati foram então ocupadas pelos guaicurus. No governo de Hinestrosa, os *payaguás* atacaram seguidamente Jejuí, importante ponto de apoio entre Asunción e Villa Rica. Os vales de Pirai e Jejuí começaram a despovoar-se¹⁵³. No governo de Garabito de León, os guaicurus destruíram definitivamente a povoação de Jejuí¹⁵⁴. A expansão do *mbayás*, em virtude de seu novo modo cultural de guerreiros equestres, foi um marco na povoação do norte do Paraguai. As tentativas espanholas de levar socorro não tiveram êxito.

Desde a luta contra os mamelucos, os guaranis missioneiros foram declarados por cédula real como *fronterizos*, com direito de usar também armas de fogo. Cada povoado missioneiro dispôs de pelo menos oito companhias milicianas e o exercício de armas (flechas, lanças ou armas de fogo) era obrigatório. Rafael de la Moneda, governador do Paraguai entre 1741 e 1748, quebrou a continuidade dos assaltos dos *mbayás*, construindo presídios nos caminhos utilizados por eles. Nesse período foi fundado Emboscada com negros e mulatos livres. Com a criação do *Ramo de Guerra*¹⁵⁵, o governador conseguiu recursos para manter a defesa contra estes ataques indígenas. Desde essa época foi levada adiante uma dedicada política de expansão da fronteira. Cresceu o número de fortins e, conseqüentemente, o trabalho que suportavam os soldados/campesinos. O peso da guerra obrigava o campesino a entregar quase cinco meses do ano entre guardas permanentes e entradas de perseguição. Felix de Azara observou que os defensores do país eram exatamente aqueles *criollos* pobres que, em vão, aspiravam ser *encomenderos*¹⁵⁶. Uns poucos descobriram uma verdadeira vocação pelas armas, se transformaram em chefes de milícia e em condutores de homens. Quase sempre eram donos de estâncias e se converteram em homens de prestígio nesse universo rural. Além disso, muitos dos soldados eram arrendatários de suas terras ou que este tolerava como meros ocupantes. “Estes elementos conformaram um *proceso de militarización do poder e das solidariedades*”¹⁵⁷. Isto explica a ativa participação dos campesinos na *revolución comunera*. Ao sustentar todo o peso da guerra, essa unidade econômica possibilitou um aumento das forças produtivas, graças à manutenção e expansão das fronteiras. As estâncias foram focos de colonização e pontos de resistência armada contra os

¹⁵³ ANA-SH, 28, n. 1, f. 221, *apud* SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. I, p. 140.

¹⁵⁴ AGUIRRE, Juan Francisco. **Diario del Capitán de Fragata**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional. t. II, 1950, p. 408.

¹⁵⁵ Azara considerou o início de imposto no ano de 1726 (AZARA, Felix de. **Memória...**, *op. cit.*, p. 288).

¹⁵⁶ AZARA, Felix de. Manuscrito datado de Buenos Aires, em 07/05/1799. In: Archivo Historico Nacional, Madrid: Consejos 21370, *apud* GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 362.

¹⁵⁷ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 362-363.

guaicurus, além de cumprirem uma importante função como fonte provedora de carne para as tropas e fortins fronterços.

Em 1759 as parcialidades *mbayás apacachovodis* e *lichagodegodis (echag-votegvodis)* solicitaram paz com os espanhóis, que foi negociada por intermédio do cacique Lorenzo, filho de Epaquini, e ratificadas um ano depois pelo governador Jaime Saint Just (1750-1761)¹⁵⁸. O pacto com os *mbayás* permitiu a reconquista das terras ao norte do rio Manduvirá. José Sánchez Labrador e José Martín Matilla fundaram, então, no ano seguinte, a redução de Nuestra Señora de Belén, próxima à margem direita do rio Ipané. Não obstante, estas duas parcialidades seguiram incursionando pelos ervais, entorpecendo o comércio da erva e a expansão estancieira.

Dois anos após a expulsão dos jesuítas, foram mandados para substituí-los os franciscanos Miguel Méndez e Francisco Xavier Barzola. Este ficou a cargo dos *guanás*¹⁵⁹. Padre Miguel Méndez¹⁶⁰ fez vários pedidos para que se fundasse uma povoação espanhola entre os rios Ipané e Jejuí. O primeiro, em 1768, fundamentava-se na segurança das onze estâncias particulares, quatro em S. Estanislao, uma em Atyrá, uma em Altos e as restantes em S. Joaquín, e no risco que corriam a exploração ervateira e suas vias de comercialização. O padre temia que, desalojando essas estâncias, se inviabilizasse o acesso a Curuguaty através de S. Joaquín e do rio Tobati¹⁶¹. O cabildo de Asunción concordou com essa fundação. No ano seguinte, o padre Méndez reiterou seu pedido a Carlos Morphy, irlandês e governador do Paraguai, denunciando o avanço português. Em janeiro de 1773, o padre denunciou que os portugueses estavam iniciando ranchos para conter os índios *sariguez* e *payaguás*, que os hostilizavam.

Em março desse ano, o cabildo de Asunción finalmente concordou em conceder os auxílios solicitados e reconheceu a utilidade de fundar a vila¹⁶². O governador Agustín Fernando de Pinedo pretendia fundá-la em Itapucú, onde estava situada uma das reduções do padre Méndez, opinião que não foi compartilhada pelo conselho, que achava que a nova

¹⁵⁸ SÚSNIK, Branislava. *El Indio Colonial...*, *op. cit.*, v. III, p. 68.

¹⁵⁹ AGUIRRE, Juan Francisco de. *Etnografía del Chaco*, p. 472. In: **BIGA**, *op. cit.*, 1898.

¹⁶⁰ Em 1769, padre Méndez fundou com os *mbayás* de Itapucú a redução de Nuestra Señora del Refugio de Eguileghigó, na margem oriental do rio Paraguai, próximo ao forte Borbón. O padre Francisco Xavier Barzola, no ano de 1772, levantou com os *guanás* outra redução em frente a foz do rio Apa, a duas léguas da margem ocidental do rio Paraguai. Os padres Francisco Sotero e Pablo Bartoli, franciscanos, catequizaram os *layanás*, fundando uma povoação nas margens do rio Apa. Estas reduções foram constantemente ameaçadas pelos portugueses (AZARA, Félix de. **Correspondencia...**, *op. cit.*, p. 8-9). Estas informações diferem, em parte, das fornecidas por Aguirre (AGUIRRE, Juan Francisco de. *Etnografía del Chaco*, p. 472. In: **BIGA**, *op. cit.*, 1898).

¹⁶¹ ANA, *Actas del Cabildo*, 17 ago 1768, *apud* ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. **Un Siglo de Expansión...**, *op. cit.*, p. 20.

¹⁶² *Ibidem*, *Actas del Cabildo*, 3 jan 1773, p. 21.

fundação não devia distar muitas léguas da redução de Belén¹⁶³. Fundada Villa Real de Concepción em 1773, logo foi aberto um caminho até a serra de San José ou Cordilheira de Amambay. A atividade ervateira tornou-se sua principal fonte econômica.

A jurisdição da vila abarcava inicialmente desde o rio Jejuí, ao sul, até o rio Apa, ao norte; a leste, trinta e cinco léguas, desde o rio Paraguai até dar com as serras que correm de sudeste a oeste. Estes limites foram reduzidos posteriormente ao rio Ipané, pelo governador Pedro Melo de Portugal (1777-1785), quando demarcou a San Pedro de Ycuamandiyú as terras do Ipané ao Jejuí¹⁶⁴. O núcleo populacional original da Villa Real estava composto na sua maioria por *criollos* arrendatários de Pirayú, Cordillera e Asunción, a quem se chamava comumente *desrraigados* ou *vagos* por não terem terras próprias¹⁶⁵. As chácaras foram fixadas em seis *cuadras* quadradas¹⁶⁶ e as estâncias em uma légua quadrada. No entanto essas dimensões não foram respeitadas. Aos *pueblos* de índios foram demarcadas em geral uma légua e meia de terras. As estâncias foram fundadas, em sua maioria, nas duas margens do rio Aquidabán. A atividade agrícola se concentrou em Yuíy, Horqueta e Arroyo Caré. Em Rincón de la Luna e no distrito da vila também foram distribuídas muitas chácaras. O total de terras destinadas à agricultura totalizou quase 10.000 hectares.

Com a fundação de Villa Real de la Concepción e de San Pedro de Ycuamandiyú, com a disseminação da população de Mbaracayú pelas terras de S. Joaquín e S. Estanislao, voltou o interesse pela pacificação dos *monteses*. O governador Melo de Portugal fundou Ycuamandiyú com o propósito da pacificação desses índios. Villa Real, Ycuamandiyú e Cuarepoti passaram a constituir focos dispersivos dos fazendeiros milicianos e dos trabalhadores braçais. No entanto, as incursões dos guaicurus até Mbaracayú em busca de cativos *monteses* não cessaram; o novo caminho de Villa Real até os ervais facilitou suas entradas. Os *monteses* acusavam os *criollos* de estarem em aliança com estes índios e, não deixava de ser verdade, porque os beneficiadores de erva, para assegurar o benefício e o transporte da erva, costumavam tacitamente permitir tais incursões. O frei Inocencio Cañete expôs estas dificuldades ao governador, pedindo que se proibisse aos guaicurus os passos de

¹⁶³ *Ibidem*, Actas del Cabildo, 14 jun 1773, p. 21-22.

¹⁶⁴ ANA-SH, v. 365, f. 10 e seguintes, *apud* ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. **Un Siglo de Expansión...**, *op. cit.*, p. 26.

¹⁶⁵ Eram 174 *criollos*, formando trinta famílias, duas viúvas, dois viúvos, um solteiro, seis homens casados que se mudaram deixando suas famílias e duas criadas agregadas; além deles vieram quatro mulatos livres, seis índios livres e 18 índios *de la encomienda de la Estancia del Rey* (*Ibidem.*, p. 27).

¹⁶⁶ A légua quadrada paraguaia é menor que a brasileira. Uma *cuadra* quadrada era igual a 0,749 hectares, ou seja, 6 *cuadras* correspondiam a 4,5 hectares.

Laguna Pytâ, Chircal, Pastoreo e Cedro, quatro pontos onde os *monteses* costumavam sair das matas a fim de realizar seu pequeno comércio com os ervateiros¹⁶⁷.

Em 1783, o comandante da vila Juan José Gamarra pediu ao governador Melo de Portugal a desabilitação dos *foráneos* para a exploração ervateira, devido ao endividamento desproporcional em que caíram os povoadores com estes comerciantes. No ano seguinte, foi estabelecido o quartel militar de San Pedro de Ycuamandiyú, iniciando-se efetivamente a colonização militar da zona ao norte do Ipané, participando estancieiros e simples povoadores, tratando de reconquistar o antigo domínio do território guarani. Esta reconquista *criolla* implicou na recuperação do gado *vacum* e cavalar em posseção dos *guaicurus*. Inicialmente os benefícios não foram explorados diretamente pelos comerciantes. Os estancieiros passaram aos poucos a se dedicar ao transporte da erva em lombo de mula e na venda de gado para a manutenção do benefício, que eram negócios mais lucrativos. Deixaram aos comerciantes a exploração dos benefícios, que prosseguiram porque encontravam entre os peões consumo para suas mercadorias. Os ervais foram explorados por três comerciantes de Concepción, criando esta exclusividade inúmeros conflitos com os vizinhos.

Calcada no sistema de *adelanto*, a atividade ervateira formou logo cedo uma cadeia de endividados, tornando tensas as relações entre os vizinhos e comerciantes. O governador Joaquin de Alós y Bru ordenou, em 1787, a execução de todos os pagamentos; proibiu novos endividamentos e fez compromisso de entrega de erva correspondente aos credores. Os peões estavam endividados com vários beneficiadores ao mesmo tempo. Foi proibido fazer novas dívidas, salvo para o benefício ou transporte da erva e, em casos excepcionais, de carência de roupa; os peões só poderiam se endividar com um comerciante de cada vez. Ficaram proibidas as vendas à vista de erva, sem prévia verificação sobre a sua legítima propriedade e conhecimento da existência das dívidas anteriores do comprador. Os comerciantes de Concepción, por sua vez, estavam endividados com os comerciantes de Asunción.

Aos poucos, foram ficando em Belén (de *tapes* e *mbayás*) apenas os guaranis; outros foram chegando após a expulsão dos jesuítas¹⁶⁸. A povoação do Niño de Nuestra Señora de Loreto, do partido de Yuíy, e Nuestra Señora del Rosario de Cuarepoty tiveram sua origem na mera colonização agrícola, sem intermédio de fundação oficial. O primeiro povoador de Yuíy foi José Miguel Ibáñez, em 1788, formando um *pueblo* de índios *charavanás*. Belén manteve disputas com os povoadores de Curuguayaty e Cuarepoty pelo resultado da atividade

¹⁶⁷ ANA-SH 216, f. 39.

¹⁶⁸ Obispo Velasco al Rey. Asunción, 12 ene 1786. AGI, Buenos Aires, 256. Cf. URQUIJO, José M. Mariluz. *Estudios sobre la Real Ordenanza de Intendientes del Rio de la Plata*. Buenos Aires: INHID, 1995, p. 75.

ervateira¹⁶⁹. A população índia dependia para sua subsistência dos conchavos nas chácaras dos vizinhos *criollos* e nos ervais, ainda que a atividade corrente dos naturais fosse a agricultura de subsistência.

Os *mbayás*, quando se mudaram para o oriente do rio Paraguai, alocaram-se na região de La Laguna (Numíguena ou Pescadero). Os *guanás* da parcialidade *etelenoés*, estabelecidos no Chaco, pediram redução em 1790 e foram assentados nas terras demarcadas de Tacuati. Esta parcialidade ofereceu sua ajuda aos *criollos* contra o cacique Luís Zavala, que periodicamente atacava as campanhas da vila. Essa ajuda era valorizada pelas autoridades fronteiriças, que tratavam de mantê-los na sua área de influência. Porém, eles não perderam oportunidade de prover-se de cativos *monteses*, penetrando, às vezes, 40 ou mais léguas até os ervais, contribuindo para perturbar as boas relações entre estes e os ervateiros *criollos*, nessa época. Seu sistema socioeconômico baseava-se no cultivo intensivo e em uma contínua integração de mulheres cativas, que lhes proporcionavam grandes aldeamentos. Também os *guanás* assentados provisoriamente em Naranjaty, próximo de Horqueta, não hesitaram em raptar periodicamente mulheres *monteses* e *tarumás* de S. Joaquín e S. Estanislao. Horqueta¹⁷⁰, chamada assim pela cruz formada pelas cinco vertentes do arroio Caré, também começou como colônia agrícola¹⁷¹, pela desagregação de habitantes de Concepción, logo após a venda das terras em 1792. O governador Joaquín de Alós y Bru ordenou que *desde el Saladillo hasta el paraje de Naranjaty y desde las lomadas del finado Sargento Mayor hasta el Paso Itá* fossem repartidos em terrenos para casas, chácaras e estâncias entre os povoadores antigos¹⁷². Os ervais e os barreiros foram destinados à exploração pública¹⁷³.

Logo após a repartição de terras, os *apacachovodis* lutaram denodadamente pela posse das terras ao sul do rio Apa. Os ataques guaicurús entorpeceram profundamente a colonização estancieira. Em 1793, havia mais de cinquenta estâncias entre Villa Concepción e o rio Apa. Os *guanás* mudaram em sua maioria, no entanto, para localidades mais próximas ainda de Concepción, no partido de Saladillo, e nos campos de José Miguel Ibañez, no partido de Yuíy. Dali atacavam as povoações *criollas*, geralmente coligados com *mbayás* dos campos de Numíguena ou Aquidabán. Nessa época, foram fundados o forte Borbón (1792) e o forte

¹⁶⁹ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. **Un Siglo de Expansión...**, *op. cit.*, p.59.

¹⁷⁰ Os limites da paróquia de Horqueta eram: pelo oriente, os ervais que seguem pelo Jejuí; pelo norte, o Saladillo; pelo sul, o Ipané; e pelo ocidente, o rio Paraguai, deixando fora o *pueblo* de Belén. Em 1846 chegou a ter uma população superior à da Villa Real de la Concepción (*Ibidem*, p. 60).

¹⁷¹ Entre seus primeiros povoadores estavam os chacareiros Fernando Romero, José Pedro Ortiz, Mariano Beloto, Mariano Rojas e o estancieiro Basílio Romero.

¹⁷² ANA-NE v. 176. *Repartimiento de terrenos de Villa Real de la Concepción entre diciembre de 1792 y 1806*. A primeira estância e que motivou a colonização da zona foi a *Estancia del Rey*, com 5.584,25 hectares.

¹⁷³ ANA-SH v. 365, n. 1, f. 43 e seguintes.

de San Carlos del Río Apa¹⁷⁴, que foi criado em 1791 e construído três anos depois, para interceptarem a entrada de guaicurus e portugueses que hostilizavam as estâncias e benefícios de erva¹⁷⁵.

Juan Manuel Gamarra expulsou os *guanás* de Agaguigó e Luís Cisneros de Yapepó, apesar dos *guanás* estarem localizados fora de suas terras. Em 1796 uma invasão geral dos guaicurus despovoou trinta estâncias, provocando forte migração da população estancieira. Devido ao perigo iminente, o comandante José Antonio Zavala ordenou o abandono de todas as estâncias localizadas na margem direita do rio Aquidabán, com a retirada do gado entre esse rio e o Apa para os campos de Agaguigó. Foi proibida ainda a passagem dos povoadores ao norte do rio Aquidabán, a fim de evitar riscos desnecessários. Uma vez estabelecida a paz com os guaicurus, o novo comandante Juan Baptista Ribarola ordenou a repovoação das estâncias abandonadas, entretanto, muitas não foram reocupadas por seus antigos donos e ficaram desertas¹⁷⁶. A luta entre guaicurus e *criollos* estancieiros foi contínua. Estava motivada não só pelas terras e o gado *vacum* e cavalos, como também pelo direito aos braços *chavaranás*, assimilados como trabalhadores braçais nas novas estâncias. Com o crescimento da população que se considerava espanhola após a expulsão dos jesuítas, consequência da conversão de indígenas das reduções em chacareiros, viu-se o crescimento da oferta de trabalho e o aumento da pressão sobre a posse da terra¹⁷⁷. A *papeleta de conchavo* apareceu no Paraguai como meio de controle da força de trabalho em 1796.

A importância da fronteira indígena da formação da sociedade paraguaia é transcendente. “Alguns autores, principalmente cronistas, procuraram esvaziar a intensidade da violência sofrida pelos *criollos*”¹⁷⁸. A permanência de instituições do tempo da conquista na sociedade colonial paraguaia agravou as relações entre os governadores e a elite rural. Desde Agostin de Pinedo cresceu esse antagonismo, até que Lázaro de Ribera (1796-1806) qualificou o sistema de defesa das fronteiras de *escravidão militar*¹⁷⁹. Em 1796, Ibañez, Gamarra, José del Casals, chefe militar da fronteira do rio Apa, e outros estancieiros importantes da zona organizaram a *matanza de los mbayás*¹⁸⁰. No ano seguinte, 800 *chavaranás* foram trasladados dos campos de Ibañez e do sul do rio Ipané, ficando apenas

¹⁷⁴ ANA-SH v. 190, n. 1, f. 71.

¹⁷⁵ ANA-SH v. 165, n. 1, f. 156.

¹⁷⁶ ANA-SPyT, v. 24, n. 8, *apud* ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. **Un Siglo de Expansión...**, *op. cit.*, p. 89.

¹⁷⁷ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 368-369.

¹⁷⁸ BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial...**, *op. cit.*, p. 113.

¹⁷⁹ GONZALEZ, Natalicio. **Proceso y Formación de la Cultura Paraguaya**. Asunción: Guaranía, 2ª ed., t. I, 1948, p. 242.

¹⁸⁰ Eles organizaram, a partir de Villa Real, uma incursão contra os índios, matando 75 *mbayás*. Ver p. 154, do capítulo 2 desta dissertação.

vinte índios. Com os *chavaranás* trasladados se formou a redução de San Juan Nepomuceno¹⁸¹, na jurisdição de San Pedro de Ycuamandiyú. O massacre produziu uma migração maciça de *mbayás* até as terras mato-grossenses, levando cavalos das estâncias fronteiriças para vender aos portugueses, aumentando sua agressividade e paralisando durante anos a colonização estancieira. Apesar dos esforços do governador intendente Lázaro de Ribera em povoar os campos do rio Apa com trezentos colonos *criollos*, eles estavam mais interessados no trabalho dos ervais do que em obter pequenas porções de terras na zona submetida a todo tipo de perigos.

Mas, logo a seguir, estes índios fizeram um grande ataque aos partidos de Naranjaty, Horqueta e na casa de Gamarra, raptando as mulheres *criollas* em represália às cativas *mbayás* enviadas a Concepción na ocasião da *matanza*. O governo castigou a José Miguel Ibáñez com a perda de suas terras, sem conseguir aplacar a violência dos índios¹⁸². Em 1798, o cacique *caduvé*o Luís Zavala e o *guaná* Francisco, assentados nas imediações de Borbón, acertaram a paz com o governador Lázaro de Ribera no povoado de Atyrá, ratificada no forte por uma junta de caciques. A paz não incluía todas as parciaisidades guaicurus; os caciques *apacachovodis* Lorenzo, Santiago, Niquenigui e Catipelaguil, estabelecidos na região oriental, e amigos dos portugueses, continuaram ameaçando a vila. Os portugueses facilitavam e protegiam as retiradas guaicurus ao norte do rio Apa, logo depois dos assaltos às estâncias *criollas*. Grupos *caduvé*os também se estabeleceram nas proximidades do rio Apa, transmigando do domínio português ao espanhol e vice-versa, de acordo com seus interesses.

Em 1791, muitos soldados do *Regimento de Dragones de la Cordillera* empregavam-se como peões nos benefícios, por vontade própria e sem licença do comandante. Em 1797 e 1799 os comandantes de Concepción reclamaram da ausência de soldados que continuavam indo aos benefícios de erva. O governador Alós proibiu que também o comandante de Concepción concedesse licenças sem autorização prévia do governo, limitando então a oito as licenças para peões que poderiam ser outorgadas entre os soldados de cada companhia. Também suspendeu a faculdade do comandante de Curuguaty de conceder ou prorrogar licenças.

Porém, a maioria esmagadora dos campesinos não era proprietária das terras que ocupavam. À medida que a linha de fortes foi incorporando terras aptas em seu interior, estas

¹⁸¹ Segundo Sánchez Labrador, “la nueva Reducción de San Juan Nepomuceno, ya principiada era puerta para el numeroso gentilismo de los Chanás ó Guanás...” (LABRADOR, Sánchez José. *El Paraguay Católico...*, *op. cit.*, t. II, 1910, p. 149-150.

¹⁸² ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. *Un Siglo de Expansión...*, *op. cit.*, p. 103-110.

foram se convertendo principalmente em estâncias e secundariamente em chácaras¹⁸³. Aumentou consideravelmente o estoque de gado. Nos anos de 1780 havia tanto gado alçado quanto poderiam manter os campos do norte até o rio Tebicuari, passando de 42 mil léguas quadradas. Sabendo que em três léguas quadradas do Paraguai, que fazem duas das de Buenos Aires (ou geográficas), se alimentam cinco mil reses, Felix de Azara calculou que nessas terras poder-se-ia ter até 48 milhões de cabeças de gado. Não considerou as diferenças com as terras do pampa. Ainda segundo ele, no Paraguai havia, em 1801, dois milhões de reses¹⁸⁴. Entretanto, o comércio de couro e sebo com a Europa estava proibido¹⁸⁵ e não se extraiu, mesmo depois do comércio livre, mais de 800 mil couros por ano. Ele avaliou então que se deveria repartir as terras em duas léguas quadradas, para criação de gado. Argumentou que, enquanto as fronteiras estavam despovoadas, os portugueses continuavam trazendo gente e avançavam sem cessar, *sin respectar fé ni tratados*¹⁸⁶. Indicou, então, medidas que considerou suficientes para remediar *todos los males*; entre elas, dar liberdade e terras aos índios *cristianos*, pois, continuando a opressão em que viviam, *van a Portugal a mayor parte*, como já acontece¹⁸⁷. Concluiu, afirmando que “apesar de costumar-se dizer que estas fazendas se sustentavam com escravos, se enganavam muito; eram raros os escravos no campo”¹⁸⁸.

Ao fim do século XVIII a disputa entre *criollos* e *mbayás* pelas terras ao norte do rio Aquidabán se intensificou, forçando o fechamento dos passos existentes sobre o rio e os de Cueto, Paraje de Saladillo, Paso y Estancia Numíguena e os caminhos das estâncias mais importantes. Havia um destacamento nas fronteiras do rio Aquidabán, composto de tropa auxiliar da vila e 40 milicianos, encarregados de percorrer o rio e as estâncias estabelecidas ao

¹⁸³ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 367.

¹⁸⁴ AZARA, Felix de. **Memória...**, *op. cit.*, p. 23.

¹⁸⁵ Buenos Aires, entregando los cueros de su riqueza pecuaria por productos extranjeros, no podía tener -y no tuvo- industrias dignas de consideración [...]. No solamente no hubo industrias a causa de la fácil introducción de los productos europeos, sino que los contrabandistas acabaron por extinguir el ganado cimarrón, la gran riqueza pampeana. Los permisos de vaquerías otorgados en un principio libérrimamente por el Cabildo a todo vecino accionero que trocaba, cueros por mercaderías contrabandeadas, acabaron por ser mezquinados. En 1661 (acta del Cabildo del 14 de enero) se informa que la hacienda se ha retirado a 50 leguas de la ciudad: en 1639, el mismo Cabildo ordena que se suspendan los "permisos de vaquear" durante 6 años, debido a la escasez de ganado. En 1700; se cierran nuevamente las vaquerías, esta vez por 4 años; en 1709 nuevo cierre durante un año; en 1715, otra cerrazón, también de 4 años. El contrabando había terminado con la única riqueza bonaerense. La formidable mina de cuero de la pampa hallábase agotada, pues desde esa última fecha -1715- ya no se otorgaron más permisos para vaquear; no es que se hayan cerrado las vaquerías, es que nadie tuvo empeño en internarse hasta las Salinas tras un rodeo cada vez más ilusorio. En 1723 el Cabildo informa que hace ocho años -justamente desde 1715 que nadie vaquea. Y en 1725, cuando se instala en Buenos Aires el "Asiento inglés de negros" a raíz del tratado de Utrecht, con la facultad de cambiar negros exportados de Angola por los cueros famosos de la pampa, encontráronse los negreros sin la riqueza que esperaban: los contrabandistas ya se la habían llevado (ROSA, José Maria. **Defensa...**, *op. cit.*, Capítulo I. La Colonia. La América "Proteccionista" y la América "Librecambista").

¹⁸⁶ AZARA, Felix de. **Memória...**, *op. cit.*, p. 17.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 18-22.

¹⁸⁸ *Ib.*, p. 22-23.

norte dele, assim como vigiar o trânsito aos ervais de Taquililelo¹⁸⁹ e perseguir os invasores até as margens do rio Apa. Não obstante este esforço, a maioria das estâncias da fronteira permaneceu longo tempo despovoada e as poucas que sobreviveram foram protegidas por uma força de pelo menos oito soldados, que ainda eram insuficientes¹⁹⁰. No início do século XIX a maioria dos benefícios da Villa Concepción estavam nos ervais de Taquililelo e Ñuporã, ao norte do rio Ipané e Guaigué Paperé¹⁹¹. Os vizinhos da Villa Concepción, Ycuamandiyú e Curuguay tiveram, desde a fundação de suas vilas, o privilégio de trabalhar com licença de seus comandantes, sem necessidade de obter a que outorgava o governo.

Enquanto havia a preocupação com a emigração de índios para o lado português, vários caciques, prófugos dos portugueses, foram assentados na região norte do Paraguai. Os caciques Roque, Luís Pocú, Luís Guairá, procedentes do rio Mbotetey, trasladaram-se ao forte de San Carlos. Em 1801, os caciques Luís e Miguelito pediram o campo de Napihaga para se estabelecerem. No ano seguinte, o cacique Carlos, procedente de Miranda, se trasladou à cordilheira de Taquililelo com sua gente. Outros cinco caciques foram para a região de La Laguna, a doze léguas de Concepción, junto a outras parcialidades, assentadas anteriormente. Esses movimentos migratórios entre os domínios portugueses e espanhóis eram frequentes e de nenhum modo significavam um assentamento definitivo. Existia ainda uma intensa mobilidade dos *caduvéos* entre os fortes de San Carlos e Borbón. Devido à comunicação deles com os portugueses de Coimbra, levando as notícias dos estabelecimentos espanhóis, o trânsito entre estes fortes foi proibido.

Os guaicurús, entretanto, continuavam de posse da maior parte das terras compreendidas entre os rios Ipané e Apa, mantendo amizade e comunicação com os portugueses. A convivência dos portugueses com os guaicurús permitiu que os conhecessem bem, favorecendo a articulação de paz com alguns dos caciques. No ano seguinte, Ricardo Franco de Almeida Serra descreveu os guaicurús, que calculou em quantidade muito inferior a estimada por Juan Francisco Aguirre¹⁹². Decompondo-se “o agregado total da nação Uaicurú,

¹⁸⁹ *Castellanizado*, depois, para Chirigüelo.

¹⁹⁰ ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. *Un Siglo de Expansión...*, *op. cit.*, p. 107-113.

¹⁹¹ ANA-SPyT, v. 183, n. 4; ANA-SPyT, v. 215, n. 6, *apud* ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. *Un Siglo de Expansión...*, *op. cit.*, p. 72.

¹⁹² “Há quatro annos que a enumeração dos Uaicurús, e Guanás era de 1.400 almas, 800 dos primeiros, e 600 dos segundos; e em Miranda chegava o seu numero a 800. Presentemente chegam a 2.600 pessoas as adjacentes a Coimbra, por terem comprado nos ditos annos aos Xamicocos, indios que vivem nas terras occidentais da Bahia Negra, mais de quatrocentos dos seus filhos, e prisioneiros que esta nação faz sobre outras da sua mesma língua, situadas mais interiormente n’aquelle paiz. Alem d’estes Xamicocos, passaram em 1802, e por duas vezes, muitos Uaicurús demoninados Cadiué-os, e que viviam visinhos, e ao Norte do Forte Hespanhol de Bourbon, para a mesma morada em que se acham os annexos a este Presidio do Coimbra; isto é, em Março 300 pessoas com outros tantos cavalos, e em Novembro 380 com mais de 1.200 animaes. Todos estes novos adquiridos, e

poucos d'elles ficarão que sejam de uma antiga origem”¹⁹³. Além dos Xamicocos, Bororós, Guanás, viviam entre eles Cayuabás, “Cayapós, Chiquitos ou Caunis”¹⁹⁴, que habitam os terrenos que vertem para o Rio Paraná, visinhos ao Igatimy; mas o numero de todos estes é assaz diminuto, assim como de alguns negros e caborés já nascidos entre aquelles seus oppressores”.

A ineficácia da defesa, no entanto, obrigou os *criollos* a passar da defesa para o ataque, por meio de expedições punitivas. O coronel José de Espínola acreditava que o único meio de assegurar a paz e submeter definitivamente os índios era apoderar-se de seus cavalos e familiares, para reduzir sua mobilidade e desestruturar seus acampamentos¹⁹⁵. Em 1803, foi então construída a fortaleza de San Carlos del Río Apa¹⁹⁶, a partir do fortin do mesmo nome, passando a exercer a Comandancia del Río Apa. Uma de suas funções era evitar o trânsito de espanhóis, índios e portugueses de Miranda dedicados ao contrabando, cujo movimento favorecia o abigeato nas estâncias paraguaias¹⁹⁷. Nesse ano, os *etelenoés* assinaram a paz em Asunción e quatro anos depois o cacique Bautista pediu um catequista e um lugar definitivo para se estabelecerem.

Em 1804 começou a povoação da estância próxima ao forte de Borbón, denominada depois de 1815 como *Estancia de la República*. Entre 1792 e 1806 foram concedidas 59 *mercedes reales para puestos de Estancia* de diferentes dimensões, concentradas em ambos os lados do rio Aquidabán¹⁹⁸. Os proprietários de 50 a 100 cabeças de vaca deveriam receber uma légua quadrada de terras e entre 100 e 1000 cabeças teriam direito a três léguas quadradas¹⁹⁹ de terras. Os povoadores carentes de gado deveriam receber um *puesto* de

chamados pelos Uaicurús seus cativeiros, ou sejam Xamicocos, Bororós, Guanás ou outra qualquer das por elles flagelladas nações, logo que entram em cada tribu, são reputados como membros d'ella. Algumas crianças ficam adoptadas como filhas, outras vem a cazar com seus senhores, e assim, dentro de poucos annos, fazem estes novos membros um mesmo todo, ainda que sempre como o nome de cativeiros. A maior parte d'estas ultimas quatro tribus se estabeleceram em Miranda. Os 600 Guanás que existiam ha quatro annos, tem augmentado o seu numero com alguns filhos e Xamicocos comprados” (SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Parecer sobre o aldeamento dos Indios Uaicurús e Guanás, com a descripção dos seus usos, religião, estabilidade e costumes, de 1802. In: **RTIHGB**. Rio de Janeiro: Imprensa Americana, v. VII, n. 26, p. 204-213, 1845).

¹⁹³ “Pois dos 2.000 Indios dependentes de Coimbra, e actualmente domiciliados nos campos contíguos ás serras de Albuquerque, tirados os 600 Guanás, que vivem aldeados, e separados d'elles, [...] talvez não cheguem a 200 os que se possam chamar verdadeiros Uaicurús” (*Idem*).

¹⁹⁴ Ricardo Franco nomeia-os como Cavanis. In: **RTIHGB...**, *op. cit.*, v. VI, n. 22, p. 180, 1844; In: **RIHGB...**, *op. cit.*, v. XX, v. 20, p. 224, 1857.

¹⁹⁵ SÚSNIK, Branislava. **El Indio Colonial...**, *op. cit.*, v. III, p. 91-92.

¹⁹⁶ **ANA-SH** v. 360, n. 3, f. 47. Em 1801, o capitão Juan Caballero fundou o forte de San José, na margem direita do rio Apa, porém, foi destruído no ano seguinte por uma força do presídio de Miranda.

¹⁹⁷ **ANA-SH** v. 366, n. 1, fs. 371-394.

¹⁹⁸ 26 estâncias totalizaram 128.097,48 hectares na margem direita e 95.526,60 hectares na margem esquerda. O restante estava entre o rio Apa e a Villa.

¹⁹⁹ 10.800 hectares de terras.

estância em proporção a sua força produtiva, estimada de acordo com o número de filhos do solicitante.

Quando ocorreram as independências, no início do século XIX, os espanhóis já tinham reconquistado o norte do Paraguai até o rio Apa. O incremento da atividade ervateira e da pecuária durante a *Intendencia* também favoreceu o avanço em direção ao nordeste²⁰⁰. Os ervais de Curuguaty foram mais explorados, aumentando o alcance dos benefícios. A única barreira era o constante *perigo guaicurú*. Os *monteses* amendrontavam os *criollos*, porém, não representavam perigo efetivo. O embate no período colonial entre *criollos* e guaranis, de um lado, *mbayás* e *monteses* de outro, ocasionou diminuição sensível da população na zona de fronteira. Curuguaty e Villa Real de la Concepción eram atalaias, tanto quanto Miranda e Albuquerque. Concepción foi administrada desde sua fundação como uma *Comandancia Militar*; só em 1812 foi elevada à categoria de vila. Tanto no governo colonial quanto no de Francia a colonização da fronteira se deu através dos militares e do trabalho voluntário ou forçado de povoadores.

Nos últimos anos do século anterior, o padre Fermín Sarmiento de Sotomayor, cura da igreja matriz de Concepción e vigário de toda região, recebia de cada vizinho da vila uma contribuição. Não contente com isso, passou a exigir que todos os ervateiros recolhessem cônica²⁰¹ proporcional aos trabalhadores que tivessem contratado nos benefícios. A reação foi imediata e estabeleceu-se a contenda, com o padre insultando com frequência os ervateiros até ser expulso do Paraguai pela Junta Superior Governativa em 1812, junto com seu auxiliar, o padre Nicolás de Ibarsbal²⁰². Essa disputa gerou um volumoso expediente que deu o nome dos principais ervateiros²⁰³. Eram, em sua maioria espanhóis ou *criollos*, casados com paraguaias de famílias proeminentes. O governo regional de Concepción sempre esteve nas

²⁰⁰ Até a barra do rio Manduvirá, limite sul de San Pedro, as terras entre o rio Paraguai e as cordilheiras são baixas, com extensos pastos alternando com *esteros*. Entre as cordilheiras e o rio Paraná predominam terras altas, cobertas de matas, onde se encontram ervais e todo tipo de madeira.

²⁰¹ Sobre o pagamento aos curas neste período ver MOLAS, Mariano Antonio. In: **La Revista...**, *op. cit.*, t. IX, p. 16-17, 1866.

²⁰² CABALLERO, Pedro Alvarenga. **Villa Real...**, *op. cit.*, p. 224-228.

²⁰³ Juan Francisco de Quevedo Guerra, Manuel de Irigoyen y Garmendia, José Ramón Gómez de la Pedrueza, Juan Gelly y Villares, Juan Francisco de Echagüe y Andía, Gerardo de Ugarte, sargento mayor Francisco Xavier de Alvarenga, Manuel Tadeo de la Concha, José Joaquín de Valdovinos y Valiente de Ramoa, Juan Baptista Ribarola, comandante Juan Manuel Gamarra y Cavallero de Añasco, José Francisco Chamizo, José Teodoro Fernández Goyri, Francisco Antonio Quevedo Magallanes, Juan Miltos, Sebastian Huertas, Josef del Cueto.

mãos de capitães-estancieiros como Juan Manuel Gamarra²⁰⁴ (1811-1813), que foi substituído pelo *caudillo* José Miguel Ibañez²⁰⁵ (1814-1817).

A efêmera aliança entre *criollos* e *mbayás*, acertada nesse mesmo ano, resultou em uma nova migração dos *guanás* estabelecidos no morro Pão de Açúcar, que se deslocaram mais ao norte. Dali seguiram atacando as estâncias *criollas*, ocasionando a despovoação da margem do rio Aquidabán. Nesse ano foi fundada a colônia Villa del Divino Salvador com pardos livres, com o nome de Tevegó²⁰⁶, localizada na margem do rio Paraguai, entre Concepción e o rio Apa, no antigo assentamento da redução de Nuestra Señora de Rebelación, por quarenta famílias de pardos livres da estancia Tabapy²⁰⁷. Seguros da sua impunidade, por causa da ineficácia dos *criollos* para a defesa de seus povoados, os *guanás* se tornaram cada vez mais agressivos, até atacar Concepción em 1813. Como consequência, foram organizadas expedições ao rio Aquidabán, aos campos de Numíguena e às margens do rio Paraguai, comandadas por José Miguel Ibañez. Dois anos depois, uma delas chegou ao rio Blanco, sem interferência portuguesa, desbaratando os acampamentos dos caciques *etelenoés* Bautista e José Guayrá, que reiteradamente vinham saqueando as estâncias *criollas*²⁰⁸.

Os ataques *dos guanás* aos *monteses* foram tão intensos em 1815, que provocaram o abandono temporal dos benefícios, sendo desbaratados dois anos depois pela expedição punitiva chefiada por José Manuel Ibañez. Anos depois retornaram às imediações do forte de San Carlos, onde conviveram com os comandantes, alternando períodos de paz, guerra e migrações aos domínios portugueses. O capelão Salinas conseguiu comunicar-se com alguns caciques *monteses*, prometeu-lhes a liberdade de comércio em troca de amizade perpétua com os *criollos*²⁰⁹. Os caciques Guarasimirí e Guarasiguazú traziam milho, batata e cana-de-açúcar para os soldados e peões ervateiros, todos carregando a *kuruzu poty*²¹⁰, indício de seus contatos com os missioneiros ou com *pueblos* de Mbaracayú. Fundou-se um assentamento

²⁰⁴ Antes fora nomeado *Sargento Mayor del Regimiento de Dragones de Tapúa*, pelo vice-rei Pedro Melo de Portugal, parente e adepto de Fulgencio Yegros (ARECES, Nidia R. **Estado y frontera...**, *op. cit.*, p 87).

²⁰⁵ Ibañez era filho do *Sargento Mayor* Juan Lázaro Ibañez, *administrador del Ramo de Guerra*, havia estudado, em 1790 foi alcaide, quando já havia alcançado o grau de *Sargento Mayor de Milicias*, além de outros cargos antes de assumir a *Comandancia* (*Ibidem*, p 86-87); junto com ele estava seu cunhado Ocampos, seu primo Recalde, além de Fernandez, todos com estâncias em Tevegó, Naranjaty e Horqueta, e seus amigos Uriarte e o capitão Urbano Bernardo Velásquez; assentou os 37 auxiliares trazidos de Asunción no acampamento de Numíguena e inspecionou os *caminos que por el costado del Oeste transitan los Indios cuando vienen a su invasiones*.

²⁰⁶ Em 1817, Francia ordenou a retirada dos peões ervateiros da zona norte e o envio de índios ou pardos livres de Tevegó em lugar dos *criollos* para trabalhar nos ervais.

²⁰⁷ Em 1816, foram mandadas as famílias restantes da estância do *Convento de los Dominicos*, totalizando 204 pardos e 55 milicianos. Tevegó foi finalmente destruída pelos *mbayás* e despovoada em 1823.

²⁰⁸ ANA-SH v. 222, n. 5, f. 35; ANA-SH v. 223, n. 1, f. 15; ANA-SH v. 224, n. 12, f. 15.

²⁰⁹ ANA-NE 482, f. 6.

²¹⁰ Cruz com flores.

para a futura redução a 40 léguas de Concepción, entre os rios Ipané e Yaguí, para concentrar 16 *cacicazgos* de duas parciaisidades: *itanarás* e *paramiris*. A iniciativa não prosperou; para os *criollos* interessados, *los monteses no solo eram flecheros, más también asesinos traidores*²¹¹. Devido à agressividade tanto de *guaicurus-guanás*, quanto de *monteses*, foi proibido estabelecer benefícios em paragens remotas ou perigosas, se não contassem com escolta suficiente.

Os índios *charavanás* foram os únicos que mantiveram relações cordiais com os *criollos* e por esse motivo foram utilizados contra os *mbayás*. Um grupo de *charavanás* foi trasladado da redução de Yetití a Tacuati com o objetivo de diminuir a agressividade conjunta de *guanás* e *mbayás*. Quando os *criollos* reconquistaram efetivamente as terras limitadas pelos rios Jejuí, Ipané e Aquidabán, os *guanás* de Numíguena se negaram a mudar para áreas mais distantes, sendo desalojados à força até os estabelecimentos portugueses. A situação da Villa de Concepción até 1815 foi precária; todos os habitantes homens estavam destinados à milícia (à sua custa, sem gozar de soldo e com insuficiência de armamentos).

Antes de analisar o mercado colonial da erva-mate, será útil explicar como era o trabalho nos benefícios, que pouco mudou durante os tempos coloniais e ainda permanece em alguns lugares²¹². Começava com a abertura de picada através das matas, pelo *caati*, para avaliar (*montear*) a quantidade de erva a ser colhida. Levantavam dois ou três ranchos, simples galpões sem paredes, situados próximos a um campo com aguadas, para manter o gado e as mulas, necessários para a manutenção dos peões e a condução do *mboroviré*. Os trabalhadores dormiam em *tarimbas*, camas rústicas construídas com varas, em ranchos cobertos com folhas de pindó; cozinhavam em fogões bem simples construídos por eles. Eram acampamentos que duravam pelo tempo do benefício, raramente superior a cinco meses. Quanto mais dependiam do trabalhador para o transporte da folha de erva, mais perto era o rancho. Portanto, mais ranchos eram necessários quando o erval era maior. O trabalho de beneficiamento de erva começava logo após a construção do *carijo* ou reforma do

²¹¹ SÚSNIK, Branislava. **Los Aborígenes...**, *op. cit.*, p. 282-283.

²¹² *El sujeto que quiere hacer yerba y tiene propios ó fiados algunos géneros, pide permiso al Gobernador y se va á Pitayú, á la Cordillera, los Ajos, Curuguaty, Villarica ó Concepción, donde adelanta á cada peón ó jornalero en géneros el valor de 30 á 100 pesos de plata. Luego que ha juntado de 15 á 30, busca toros con que alimentarlos, mulas para el acarreo, cueros para zurroneos, y machetes ó marrazos, y avisa á los peones que tal día se hallen en determinado paraje. No cuesta poco trabajo juntarlos, pelo si lo consigue, se va con ellos al yerbal que quiere porque todos son comunes. [...] Si la yerba pasa pór Arnero de modo que no tenga palitos se llama Caa-miri (Caá-mi): de ésta trabajaban los jesuítas, pero no tiene estimación particular sobre la que tiene palitos, ordinariamente la distinguen en fuerte y floja: la última es apreciada en Buenos Aires, y la primera en Chile, y en el Perú: pero no se sabe en qué consiste esta diferencia, y sucede que del mismo beneficio salen ambas calidades. Para que se pueda usarse han de parar algunos meses. En el año de 1781 se extrajeron de esta Provincia 125.271 arrobas de yerba y el de 1789, 180.000 (AZARA, Felix de. **Geografía física y esférica...**, *op. cit.*, t. I, 1904, p. 329-332).*

barbaquá²¹³. Às vezes, era construído o barbaquá *perón*²¹⁴, uma estrutura mais simples e sem cobertura, intermediária entre as duas.

Não se sabe quando foi introduzido o barbaquá, mas é certo que houve avanços na organização e controle dos benefícios e da qualidade da *mboroviré*. Aos poucos, a erva passou a ser levada em carretas de boi até o barbaquá. Sua estrutura de secagem consistia numa trama de varas (ou taquaras) sobre quatro vigas arqueadas. O fogo era colocado em lenhas na boca da *canhoneira*. O calor era levado pelo *conduto* (um pequeno túnel) até embaixo do barbaquá. Saía apenas o calor do fogo pelo *forno*, evitando faíscas e labaredas que poderiam queimar a erva que estava secando. Era costume cobri-lo com sapé, que era uma cobertura disponível. O tamanho e a quantidade de barbaquás e carijos mantinha inter-relação com a produção. Terminadas essas tarefas, os *mineros* entravam nos ervais apenas com *machete*, se fosse num *caati*, ou também com machados, se fossem *arboledas* nas matas. Desgalhavam e arrastavam porções de ramas, de mais ou menos uma arroba paraguaia, até o lugar onde se formaria um feixe de oito, dez ou doze arrobas, segundo sua capacidade física. Reunida a erva, o *minero* cortava lenha, construía uma trincheira de troncos, muitas vezes de pindó, suficiente para proteger suas pernas do calor, e colocava fogo, onde sapecava as folhas de erva, segurando pelos galhos.

Em seguida desgalhavam novamente, sempre com machete, deixando apenas ramos mais finos, e as folhas eram depositadas para formar um feixe (*arrastra*), da seguinte forma: preparava-se uma armação composta de quatro estacas principais e várias auxiliares cravadas no solo, às quais se atavam com três *guascas*, nas partes inferior, média e superior; a cada camada de folhas com aproximadamente uma arroba, eram pisoteadas até ficarem bem comprimidas, depois se ajustavam as *guascas*, tiravam-se as estacas auxiliares e estava terminado o feixe, ao qual se punha um *raído*²¹⁵ ou *pepu* entre as estacas principais e outra na parte superior para governá-lo durante a condução. Para transportá-lo, o *minero* colocava a *arrastra* nas costas, geralmente com ajuda de um companheiro, e sustentava com a testa a alça de couro (o *raído*) que equilibrava a carga, em torno de oito arrobas. Depois de curtos descansos, continuava por até três mil metros e desfazia o feixe no chão, próximo ao barbaquá ou *carijo*. Essa operação era feita também pelos outros *mineros*, até completar a quantidade

²¹³ Alguns autores dão o nome de *tatacuá*, que, em guarani, nomeia qualquer forno de barro. É mais apropriado para designar o forno que fica embaixo do barbaquá. Montoya nomeou *barbacoa* como *taqua pemi* (MONTROYA, Antonio Ruiz de. *Arte y Vocabulario...*, *op. cit.*, v. 2, p. 206). Hoje, *takuapemby* tem outros significados. Considerando que este termo aparece nesse dicionário, é factível que a introdução do barbaquá tenha sido anterior ao início da produção de erva pelos jesuítas.

²¹⁴ *Perō* ou *piré*, em guarani. Também é chamado de *tatupiré*.

²¹⁵ Também costumava-se estender o nome de *raído* ao feixe com erva crua ou sapecada (*joveré*).

de erva a ser secada. Quando era um grupo grande de mineiros, antes o *raído* (ou arrastra) era pesado no *romaneio* para o acerto individual com o *habilitado* ou encarregado. Para colocar a erva para secar, se fazia fogo na *canhoneira* ou sob o *carijo*, com lenha verde e de madeira escolhida, para não deixar cheiro na erva. O *uru* era responsável pelo bom resultado da secagem, noite adentro, porque demandava, em média, vinte e quatro horas em fogo lento. A seguir, a ilustração publicada por Demersay mostra aproximadamente as sequências do benefício da erva (FIG. 35).



FIG. 35. DEMERSAY, Alfred. Étude Économique sur le Maté ou thé du Paraguay (*Ilex Paraguariensis*). Paris: Bouchard-Huzard, (1865) 1867, p. 44.

No dia seguinte, estando bem seca, apagava-se o fogo e, depois, derrubava-se a erva ao solo, por meio de garfos de madeira (*tororembó*), e batia-se com *aporreador*²¹⁶ para triturar (*apalear*). Estava pronto o *mboroviré*. Daí se levava ao *perchel* ou armazém e era pesado na presença do capataz em balança de vara. Repetia-se toda a operação até completar

²¹⁶ *Luego se apalea o se muele con un palo labrado, hecho en forma de un sable curvo* (MOLAS, Mariano Antonio. In: *La Revista...*, *op. cit.*, t. X, p. 53-54, 1866).

as arrobas que os *mineros* se obrigaram a trabalhar. Após o beneficiamento, começava, então, o trabalho de *ataqueio*, que consistia em socar a erva em *tercios* ou *surrões*²¹⁷, com o couro ainda molhado formando *tercios* com um peso entre sete e oito arrobas, que eram conduzidos em carretas de bois ao porto mais próximo e seguiam em *chatas* até Asunción²¹⁸. Antes de ir para o consumo, o *mboroviré* costumava ser deixado descansando em armazém, por pelo menos três meses, para acentuar o sabor. Passava a ser chamado *caa tuya*²¹⁹, ou erva estacionada. Após o descanso, passava pela moenda, *guaimí* ou *vieja*, para triturá-la. Era o serviço mais temido pelos peões, pelo grande esforço físico que demandava.

A introdução da *cancha* foi favorecida pela disponibilidade de mulas e bois treinados para essa função. Apenas os ranchos maiores e mais estruturados substituíram o trabalho de *apalea* manual por *canchas* (com *cilindros* de madeira puchados por cavalos). Os ranchos, segundo seu rendimento, podiam ser: regulares, entre mil e duas mil arrobas, de baixo rendimento, entre quinhentas e duzentas arrobas de *mboroviré*, e, menores, onde os *changadores* beneficiavam a erva diretamente e custeavam o benefício por sua conta. Os *mineros* mais fracos costumavam trabalhar em pares e faziam raídos de 6 a 7 arrobas. O que era capaz de carregar um raído de 10, 12 ou 14 arrobas trabalhava sozinho, gastando dois dias para juntar a erva no barbaquá e três para concluir a tarefa. Também era comum eles organizarem seu trabalho em grupo para entregar a erva a meia. Além dos *mineros*, se contratavam *guainos*, trabalhadores menores de idade, encarregado das tarefas mais leves. Os trabalhadores, no fim do período colonial, eram conchavados em Asunción, em Concepción, nos partidos de Cordillera e no *pueblo* de Belén²²⁰.

Existem muitas espécies de erva-mate; Federico Oberti cita quarenta, nem todas aproveitadas para o consumo. Sánchez Labrador citou as diferenças entre algumas delas

²¹⁷ *Esta hierba lleva innata cierto amargor, por la cual debe ser endulzada con azúcar al beber. Pero Indios y Españoles ordinarios la beben diariamente sin azúcar. Aunque el árbol Caá se encuentra sólo en el límite más extremo del Paraguay hacia el Este y el Norte, beben de sus hojas no sólo todos los paracuarios sino también todos los chilenos y peruanos, de manera que no pueden carecer de esta bebida ni un solo día y muchos lo apetecen permanentemente. Este néctar del Paraguay es estimado por todos sin distinción de rango, edad o sexo, tan igualmente delicioso, como para otros el chocolate, el café, té de China y el rosoli. La yerba paraguaya se transporta a lomo de mulas desde los más lejanos bosques del Paraguay hasta el lejano Perú y Chile y se vende allí por un precio extremadamente alto, en parte por los malos caminos y en parte por los impuestos, de donde el Erario Real percibe sumas muy considerables. Por esta causa está comprimida fuertemente y colocada en bolsas cuadradas de cueros vacunos que los Españoles denominan zurroneos o tercios. Cada bolsa contiene siete arrobas (una arroba importa 25 libras) y en cada mular se colocan dos de estas. Si a esta carga se agregan solo algunas libras, el mular que conoce su carga habitual se resistirá y se echará al suelo con su carga (DOBRIZHOFFER, Martín. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. p. 198-199).*

²¹⁸ Antes dos *surrões*, no início do período colonial, eram usados balaiois, que eram levados até os portos de embarque por mulas ou, na sua ausência, pelos próprios índios.

²¹⁹ Que significa velha, em guarani.

²²⁰ ANA-SH v. 139, n. 3, f. 9, *apud* ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. **Un Siglo de Expansión...**, op. cit., p. 68.

encontradas nesta região²²¹. A erva de Caremá e Curyú era mais apreciada. Mariano Molas creditou essa diferença ao transporte em arrias, porque era conduzida em mulas, vinham *golpeándose y asoleándose más y más, de manera que no tiene lugar de percibir humedad, que es la que pronto la enmohece, le da mal olor y la pone fuerte, en lugar que el mucho asoleo mejora y vuelve suave, la que se puso fuerte*²²². Era uma viagem muito demorada, principalmente na temporada de chuvas. A qualidade da erva era avaliada por um método curioso:

*Como esta hierba contiene en si una especie de goma, hay que cuidar mucho al tostarlo que no se reseque demasiado. Los negociantes suelen probar su calidad de la siguiente manera. Ellos toman con los dedos una cierta cantidad y la colocan en la palma de la mano y soplan luego sobre ella lo más que pueden. Si vuela mucha yerba, no la aprecian porque, en su opinión, se tostó demasiado y por ello perdió su jugo y fuerza. Pero si a causa de la goma queda pegada en su mano, lo aprecian muchísimo*²²³.

3.4 O MERCADO COLONIAL DA ERVA-MATE

A pressão sobre o trabalho indígena aumentou, quando, a partir da década de 1580, uma série de produtos paraguaios começou a estar presente no mercado regional²²⁴. O transporte fluvial e, sobretudo, os caminhos por terra abasteciam esse mercado, porém a navegação marítima era importante para a comunicação com a Espanha e também com o Brasil. Mais tarde, Chile, Peru e Quito passaram a ser destinos viáveis por navios. Buenos Aires foi fundada pela segunda vez²²⁵, para satisfazer a demanda paraguaia de ter um porto no

²²¹ *Hay varias especies de Yerba del Paraguay, cuyos nombres son los que ya escribo: Caay, es arbol bastante grueso y alto: su hoja ancha y larga medianamente. Los árboles de Yerba que dentro de bosque crescen, todos se levantan bien á buscar el sol por entre los demás árboles. De esta especie es la que se cria en el bosque á la orilla del Sur de Ypané. Es buena Yerba. Caara: es Yerba de suyo buena, y sirve para mezclar con otra de inferior calidad, y la compone. Hay también de estos árboles en el lugar mencionado. Caa Mirí, según el terreno se hace arbol ó queda matorral: y á medida que cresce el tronco, tiene mayor ó menor la hoja. Es la mejor Yerba. Criase en cañadas húmedas patentes al sol: aunque suelen hallarse algunos árboles en los bosques. De esta se compone la arboleda de las orillas del rio Aguaray. Tiene mucha resina la hoja, y si ésta no se beneficia bien, queda al principio amarga. Caa Catí: árbol mediano, su hoja leve, porque le falta la goma. Caa Apereá, es matorral, hoja pequeña y muy amarga. Mal beneficiada, causa cursos. Es mala Yerba (LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay Católico**..., op. cit., p. 245-246).*

²²² *La yerba de Carema y de Curiú es la más exquisita y apreciable por su color, olor y gusto, que tira a dulce, como también por su duración; a esta la llamaban Caá-mini, por que no es del monte sino del campo, de hoja más chica, más gorda y amarilla; no es árbol grande como el del monte, sino arbusto. Se vendía a más precio que la común, por su calidad, y por que no era abundante. Antiguamente llamaban Caá-miní a la que se trabaja de la hoja sola, sin palitos, y a la que los tenía, la daban el nombre de yerba de palos, que no era de tanta estimación (MOLAS, Mariano Antonio. In: **La Revista**..., op. cit., t. X, p. 52- 69, 225-237, 368-369; t. XI, p. 46-53, 194- 208, 353-367 e 472-488; t. XV, p. 33-65 e 181-201, 1866).*

²²³ DOBRIZHOFFER, Martin. Historia de los Abipones..., op. cit., p. 198.

²²⁴ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno**..., op. cit., p. 170-171.

²²⁵ Tinha sido fundada pela primeira vez em 1534 e em 1539 foi *despoblada*.

mar²²⁶. Ao terminar o século XVI, já havia em Asunción ouro e prata que se traziam do Peru, através do comércio que por estes tempos estava estabelecido²²⁷. As autoridades de Asunción, entretanto, para facilitar o comércio na província, decidiram substituir a cunha de ferro como moeda²²⁸ por tecidos, cera e caraguatá, com os quais deveriam ser pagas daí em diante qualquer compra, acertos e arrendamentos que fossem feitos, não podendo qualquer pessoa recusar essas moedas, nem deixar de pagar com elas²²⁹. A unidade de troca foi chamada de *peso hueco*.

O governador *del Río de la Plata y del Paraguay*, Hernando Arias de Saavedra, em 1607, recebeu protestos de *encomenderos*²³⁰, porque arbitrou multa de 10 *pesos* e 15 dias de cárcere a quem fosse surpreendido consumindo *la hierba del Paraguay*. A produção e consumo da erva continuava aumentando com a incorporação de mais trabalhadores, recrutados na forma imposta pelos espanhóis. Em 1609 foi regularizado o abate de gado em Buenos Aires e oficializado o comércio de couro, sebo e também de crinas de cavalos. O comércio com o Alto Perú, com a contínua extração de couros, não só conseguiu emancipar economicamente a cidade portenha, como converteu-a também em lugar de contrabandos, intermediando Lisboa e Potosi²³¹. A grande diferença de preço das mercadorias entre Puertobello (hoje no Panamá) e Buenos Aires²³² também contribuiu para esse comércio ilícito. Os interesses dos jesuítas começavam a se fazer sentir. Em carta ao rei, Hernandarias se posicionou em 1620 contra o consumo de erva e defendeu o fim desse comércio²³³, que foi

²²⁶ A primeira anotação do *Libro de Tesorería de Buenos Aires* está datada do ano de 1587; registra uma exportação de panos de Tucumán e prata de Potosi destinada ao Brasil e transportada pelo frei dominicano Francisco de Vitoria, bispo da diocese de Tucumán.

²²⁷ AGUIRRE, Juan Francisco. *Discurso Histórico...*, *op. cit.*, p. 288.

²²⁸ Em 3 de outubro de 1541, Domingo de Irala, governador das províncias do Rio da Prata, com os outros oficiais de S. M., decidiram estabelecer, como moeda, o anzol de malha, equivalente a um maravedí, e o anzol de resgate, por cinco maravedis, uma cunha, por cinquenta, e uma bigorna, por cem (AGUIRRE, Juan Francisco. *Discurso Histórico*. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina, 1947, p. 201-202); em 12 de fevereiro de 1545, Irala, com os oficiais, mudou esses valores: a cunha passou para 100 maravedis e uma faca por 25 (*Ibidem*, p. 74).

²²⁹ *Y por que por la diferencia que ay del valor de los pesos en reales a los de las monedas de la tierra quando se an de haçer algunas pagas ay gran confusion sobre la comutaçion y valor dellos y para yvitarla y que en todo aya llaneça y quenta clara y sabida y escusar pleytos mandavan y mandaron que de aqui adelante la quenta de los pesos y tomines sea sienpre a preçio de reales contando el lienço a medio peso la vara que son quatro reales en plata, y la libra de la çera al mismo preçio de quatro tomines libra, y la libra de garavata ansi como se trae beneficiado y enjuto que no tenga umidad ninguna a [corrigido: dos] reales cada libra (ANA-SH, v.12, f. 51 (cont.), 1597. Actas Capitulares del Cabildo de Asunción del Paraguay, 22, set, 1599).*

²³⁰ ANA-NE 543, f. 30 e vs., 1607; ANA-NE 371, fls. 24-25, 1611; ANA-NE 539, fls. 1-2, 1615.

²³¹ PUIGGROS, Rodolfo. *Historia Económica del Río de la Plata*. 2ª ed. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1948, p. 33 e 42-43; Os poucos comerciantes que havia em Buenos Aires nas primeiras décadas do século XVIII eram contrabandistas, segundo Aguirre. No final do século, porém, essa situação não havia se modificado, até porque os comerciantes haviam se multiplicado em excesso. Aquele porto tinha o signo do contrabando (LOZANO, Pedro. *Historia de la Conquista...*, *op. cit.*, p. 414).

²³² PUIGGROS, Rodolfo. *Historia Económica...*, *op. cit.*, p. 45-53.

²³³ PASTELLS, Pablo. *Historia de la Compañía...*, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 275.

avaliado em 15.000 arrobas paraguaias. No ano seguinte, em nova carta, comunicou que queimou erva dos comerciantes de Guayrá e reiterou o pedido para o rei proibir seu benefício²³⁴. Ponderou, no entanto, que, executando as ordenanças de Alfaro²³⁵, os jesuítas reduziram mais de 4.000 almas em novos sítios assinalados.

Mesmo havendo ervais em Guayrá, os *encomenderos* levavam os índios para a província de Mbaracayú, utilizando o *pueblo* com esse mesmo nome como ponto de apoio²³⁶. Com aproximadamente 3.000 habitantes no seu melhor momento, Villa Rica arrecadava para o bispado três vezes mais que Ciudad Real, só perdendo para Asunción e Buenos Aires²³⁷. Entretanto, dependia economicamente das periódicas expedições ervateiras até Mbaracayú, da extração de ferro, para fazer cunhas, e da coleta de cera de abelhas. Contrastava com Santiago de Xerez, com seus 40 vizinhos que viviam da venda de cera, mel e trementina para Asunción²³⁸. Com a invasão dos portugueses de S. Paulo a Guayrá e Itatin, seus habitantes mudaram para a província de Mbaracayú, levando apenas uma parcela dos índios *poblados*. Em 1629, Luis de Céspedes y Xeria, vindo de São Paulo, chegou ao *pueblo* de Mbaracayú em condições precárias²³⁹. No entanto, fez juntar os índios nesse lugar, na presença do padre Sebastian de Sosa, doutrinante dos índios, e deu ordens para que os índios que haviam vindo de Villa Rica e Ciudad Real com seus *encomenderos* voltassem às suas terras. Em depoimento ao capitão Bartolomé Sánchez de Vera, tesoureiro, juiz, *oficial real y visitador de las reales cajas* relatou que, logo que atravessou a fronteira, avisou um padre de Pirapó que mais de novecentos portugueses com quatro mil índios haviam saído de São Paulo.

²³⁴ *Ibidem*, p. 304-305.

²³⁵ As ordenanças de Francisco de Alfaro proibiam que se fizesse erva nos meses de dezembro a maio (*Ibidem*, v. 4, 1923, p. 459).

²³⁶ *Los españoles venden esta hierba molida a los españoles mercaderos que vienen hasta el dicho puerto a trueque de lienzo y paño, sombreros y otras cosas necesarias, y acontece dar dos mil libras de hierva por un vestido de paño ordinário y 100 por un sombrero. El uso de esta tierra es que todos los españoles hombres y mugeres y todos los indios beven estos polvos en agua caliente con que truequen todo lo que tienen en el estomago cada dia una y dos vezes. Quando [...] les falta hierva desfallecen y dicen que no pueden vivir; todos los indios la toman antes que amanezca y todas las vezes que la tengan, quando trabajan, aunque no coman con sola hierva se sustentan y se avivan suyas fuerças para trabajar de nuevo, como yo le visto en los bogadores de las balzas este vicio ha conocido fuera del Paraguay a las provincias del rio de la plata, Tucuman, Chile e aun ha llegado a Potosi y al Piru, donde vale quatro pesos le libra de la hierva, valiendo donde se coja medio real (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, *op. cit.*, p. 215- 216. XXXVIII – Carta ânua do P. Nicolás Mastrillo Durán em que dá conta do estado das reduções da Provincia do Paraguai durante os anos de 1626 e 1627. 12 Nov. 1628).*

²³⁷ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 113.

²³⁸ AGI-Charcas 14, *apud* GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 115.

²³⁹ Xeria, por necessidade e escassez de recursos, vendeu nesse lugar parte de suas roupas e objetos pessoais, através de um criado, em troca de erva para seu consumo e de seus criados. Mandou fazer um barco, que pagou com parte do que tinha vendido e ferro que havia trazido de Villa Rica, para fazer transportar a erva e trazer de Buenos Aires até Asunción sua esposa Da. Victoria de Sá.

Nessa ocasião, ele ditou nova regulamentação sobre o trânsito com índios de moradores de Villa Rica, Ciudad Real e Xerez. Os *encomenderos* deviam apresentar-se ante o lugar-tenente do porto com um certificado do juiz de Salto del Guairá, devendo a autoridade do porto de Mbaracayú retirar aqueles que não estivessem registrados; concedeu seis meses, desde a entrada no porto, para a ocupação dos naturais: quatro meses no trabalho nos benefícios e dois no transporte; proibiu que os carreteiros e arrieiros, ou outras pessoas que tivessem cavalos ou mulas, conduzissem erva antes dos quatro meses de descanso; também não podiam carregar mais de oito quintais nas suas cavalgaduras; os devedores não podiam mais comprar nada fiado; não podia haver mais de uma balança para a pesagem; passados os seis meses de trabalho, os índios ficariam livres para fazer o que quisessem; nenhum índio de Villa Rica, Ciudad Real ou Xerez podia ser levado a Asunción, alugado por seu *encomendero*, nem pelo tenente de governador e justiça; proibiu as rifas; por fim, proibiu a ausência por mais de um ano longe da esposa²⁴⁰. Xeria estabeleceu que Salto del Guayrá fosse o único porto no rio Paraná autorizado para a passagem de gente que viesse de Villa Rica, Ciudad Real e Xerez para Asunción e vice versa. Também proibiu a utilização do caminho que os jesuítas usavam *salto abajo*, para irem a Buenos Aires, Santa Fe e Corrientes, com o argumento de que estes caminhos abertos pelos padres eram usados pelos de São Paulo. Depois dessas medidas seguiu para Asunción.

Juan Carlos Garavaglia calculou que, entre 1630 e 1636, foram exportadas aproximadamente 890 arrobas de erva por ano²⁴¹, superando as exportações de açúcar e vinho. Ele propôs dividir a economia ervateira no mercado colonial em quatro períodos: o primeiro, desde as origens até 1630, quando a erva começou a ser consumida no mercado peruano; o segundo, desde a passagem do governador do Paraguai, Cespedes Xeria, por Mbaracayú, quando tomou as primeiras medidas concretas para sua expansão²⁴², até a *revolución comunera*; o terceiro, de 1720 a 1767, ano da expulsão dos jesuítas; e, por último, dessa data até a independência. Entretanto, a transmigração das populações do norte do Paraguai e de Villa Rica, com os habitantes que sobraram de seus *pueblos*²⁴³, de Mbaracayú

²⁴⁰ Relación descriptiva del viaje del Gobernador don Luis de Céspedes y Xeria.

²⁴¹ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 67-69.

²⁴² Ordenanzas de Céspedes em Mbaracayú [1629]. In: **AMPA**. v. II, p. 209-210, *apud* GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 67.

²⁴³ *Copia de carta escrita al Maestre de campo D. Andrés de Robles, Gobernador de Buenos Aires, por D. Diego Ibáñez de Faria, Fiscal de S. M., cuyo original se remitió á S. M. en los navios del Capitán Don Miguel Gómez de Rivero. – Dice que por haberle faltado á la Villa Rica el grueso de gente que beneficiaba la hierba, los portugueses de San Pablo apresaron los indios de cuatro pueblos circunvecinos. Que alentados con el buen suceso y cebados con presa de 3 á 4.000 personas, volverán en breve por los que han quedado. Y este riesgo amenaza más á las reducciones de los religiosos de la Compañía de Jesús del Paraná y Uruguay. Y por haberle pedido los PP. Superior y Doctrinante que les ayude para que se les concedan armas de fuego, remedio único*

para *costa abajo*, até 1676, teve repercussões tão importantes para a história da erva-mate quanto os outros acontecimentos, justificando a inclusão de mais um período nessa divisão. Proporcionou o incremento do transporte por mulas dos ervais para Villa Rica e depois para Asunción, que deixou de ser feito pelo porto de Mbaracayú, no rio Jejuí²⁴⁴. Aumentou a presença da população indígena das povoações próximas de Asunción no esforço produtivo dos ervais. A partir de 1682, as fontes começaram a mencionar a existência de mestiços, mulatos e espanhóis trabalhando nos ervais²⁴⁵. Um documento de 1707 deixa explícita a cobrança do *adelanto* nessa época²⁴⁶. O trabalho dos índios, porém, continuou sendo indispensável para mover o sistema de transporte.

O mestre de campo Baltasar de Pucheta, vizinho e procurador-geral de Asunción, em 1637, rebateu a reivindicação do reitor do Colégio da Companhia de Jesus, padre Francisco Díaz Taño, para isentar os *itatines* do pagamento de *mita*. Argumentou que os espanhóis haviam empobrecido, a ponto de existirem apenas quarenta casas em Asunción que se poderiam se chamar como tais, enquanto a Companhia tinha mais possessões e fazendas que os espanhóis das duas *governaciones* juntas. Das reduções do Paraná, aproveitando o trabalho dos índios, traziam erva, carretas e tabaco, baixando todos os anos muitas balsas até as províncias do Rio da Prata e Tucumán. Para incrementar o transporte, contrataram um português, mestre em fazer navios, que estava fazendo barcas grandes *destroncadas*²⁴⁷ e outras embarcações pequenas naquela província. Essa foi a primeira menção encontrada que deixou claro que os jesuítas já haviam começado a produzir e comercializar erva. Desde 1538, quando se conquistou Guayrá, e antes da entrada dos jesuítas, segundo o mestre de campo, havia 40.000 índios que pagavam *mita* aos seus *encomenderos*²⁴⁸. Depois, estes começaram a enfrentar a concorrência desses religiosos, que, sem passar por Asunción, negociavam erva em Santa Fe e Buenos Aires. A crise dos vinhedos, sentida desde a década de 1640, que teve

para su defensa, que sin ellas es moralmente imposible; se halla obligado á proponerlo á Su Señoría. San Ignacio del Paraná. 11 de mayo de 1676 (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 3, p.113)

²⁴⁴ "...chegando à boca do rio Jejuí, [...] por onde antes que os mamelucos destruíssem os *pueblos* de Maracayú, Terecañi e Candelaria, se conduzia todos os anos à Asunción, grande quantidade da célebre *yerba del Paraguay*" (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Paraguai...**, op. cit., p. 13).

²⁴⁵ Bando del gobernador Diez de Andino, Asunción, 18 mar 1682, em **AGI-Charcas** 279.

²⁴⁶ *Ai muchos mosos españoles, mestisos, mulatos y otros que se alquilan de su voluntad para yr a aser la yerua, aunque. los beneficiadores reusan el llevarlos porque estos no van si no les pagan bien su trabajo y le cobran de antemano...* (AGN-IX-6-9-5. Informe de Juan Silvestre Benavides, Asunción, 08 oct 1707).

²⁴⁷ Que não era feita com apenas um tronco de árvore.

²⁴⁸ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, op. cit., p. 49-52. VIII – *Peticion presentada ante el Gobernador del Paraguay por D. Baltasar Pucheta Procurador general de dha Ciudad por la que suplica que los Indios del Ytatin vuelvan a pagar tributo con su servicio personal. 10 de maio de 1637.*

como consequência a substituição dos vinhos do Paraguai pelos de Cuyo²⁴⁹ (Mendoza) e Tucumán (la Rioja), acentuou a disputa pelo mercado ervateiro. Em 1642, estimou-se a produção total de erva em 130.000 arrobas. O governador do Paraguai, Phelipe Rexe Gorbálán, em 1674, queixou-se à audiência de Charcas dos prejuízos causados pelos jesuítas ao comércio de erva²⁵⁰. Informou que havia naquela época 156 *encomenderos* na cidade de Asunción e 59 em Villa Rica. A *mita* paga pelos índios reduzidos era de sessenta dias de trabalho cada ano, no trabalho de roças, com o sustento, durante esse prazo, correndo a cargo dos *encomenderos*, salvo se fosse feita alguma *correria en defensa de la provincia* quando a cidade os sustentava, pelo tempo que durasse²⁵¹.

As constantes desavenças entre autoridades²⁵² tiveram influência negativa no comércio da erva-mate, que se ressentiu da falta de uma política que estabelecesse regras mais duradouras. Também a disputa entre *encomenderos* e jesuítas seguiu cada vez mais acirrada. A congregação provincial dos jesuítas, reunida em Córdoba em 1677, pediu expressamente a proibição do uso da erva, do tabaco e do chocolate, afirmando que “todos os congregados se levantaram com grande zelo contra esse verdadeiro abuso, pois a menos que se combata com severíssimas penas, o decoro e a celebridade desta religiosa e apostólica província será sem dúvida desonrado...”²⁵³. Mais de quatro décadas antes, Montoya tinha afirmado que, *aun en el olor y sabor que es cumaque*, a erva era *muy semejante a la yerba de Piru, que llaman coca*²⁵⁴, comparação que evidenciava o tratamento diferenciado que se dava para o consumo de plantas americanas em relação ao dos produtos derivados da uva e da cana. Essa proibição ao consumo de erva-mate era aplicada também fora da *provincia paraquaria* da Companhia de Jesus, como nas fazendas do Peru²⁵⁵.

²⁴⁹ *Chicuito (Provincia que algunos tienen por el Paraguay): S. Juan de la Frontera, Mendoza, y Diamante* (FERNÁNDEZ DE MEDRANO, Sebastián. **Breve Descripción del Mundo o Guía Geográfica de Medrano**, 1688, Tabla de las Villas de América).

²⁵⁰ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 3, 1918, p. 98.

²⁵¹ Conforme as *Ordenanças de D. Francisco de Alfaro*, confirmada por Real Cédula datada de Madrid, à 10 de outubro de 1618 (*Ibidem*, p. 98-99).

²⁵² *Ib.*, p. 106-107.

²⁵³ Didacus Altamirano e Nicolaus del Techo, ARSI – Generalia – Congregaciones Provinciales, volume 80: 118-121, *apud* GARAVAGLIA, Juan Carlos. Reflexiones..., *op. cit.*, p. 15.

²⁵⁴ MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Conquista Espiritual...**, *op. cit.*, p. 9 vs. Entre as plantas estimulantes são mais conhecidas o café (*Coffea arabica*), a erva mate (*Ilex paraguayensis*), a coca (*Erythroxylum coca*), a cola (*Cola acuminata*), a yaupon holly (*Ilex cassine*), a guayusa (*Ilex guayusa*), o yoco (*Paullinia yoco*), o guaraná (*Paullinia cupana*) e o cacau (*Theobroma cacao*). Destes, apenas o café e a cola não são nativos da América, mas da África. Também o chá preto (*Camellia sinensis*) e o verde contém cafeína e são estimulantes, assim como os outros chás escuros. Ver LEWIN, Luigi. **Phantastica**: Dhrogue, Stupefacienti ed Eccitanti. 2ª ed., tradução de Alessandro Clerici, Milano: Francesco Villardi, 1928.

²⁵⁵ Macera, Instrucciones para el manejo de las haciendas jesuítas de Perú (séc. XVII-XVIII), *apud* GARAVAGLIA, Juan Carlos. Reflexiones..., *op. cit.*, p. 16.

Por essa época já se notavam duas formas de utilização da força de trabalho indígena, que eram radicalmente diferentes: a *encomienda* e o *mandamiento*. Esta era a consignação de trabalho por parte do Estado a empresários privados, sendo *encomenderos* ou não, com duração temporal pré-estabelecida e mediante o pagamento de uma diária nominal ao trabalhador²⁵⁶. Depois de 1676, com a desestruturação das *encomiendas* dos espanhóis de Villa Rica e *despoblamiento* das vilas e *pueblos* de índios de Mbaracayú, o trabalho ervateiro passou a ser fundamentado principalmente na segunda forma. A comunidade indígena foi, em última instância, a base de reprodução da formação colonial durante os séculos XVI e XVII. Segundo Garavaglia, o Estado extraiu grande parte de sua força da função de mediação entre os interesses dessas comunidades²⁵⁷. Um dos seus grandes objetivos era a articulação efetiva do sistema de formações coloniais com a nascente economia que tinha, de acordo com esse autor, seu “nó vital no funcionamento da extração mineral como nexos privilegiados nas relações metrópole-colônia”. Porém, esse objetivo só podia ser cumprido com a coordenação do complexo mundo de relações econômicas com o mercado interno colonial²⁵⁸. O incremento das exportações de erva para o espaço peruano, aumentado de 2.500 arrobas anuais para dez vezes mais²⁵⁹, contribuiu para a coexistência da *mita* ervateira com trabalhadores assalariados.

Acrescentou-se a essas divergências o aumento da carga tributária sobre a erva-mate. O governador de Buenos Aires, José Martínez de Salazar, defensor dos jesuítas, reclamou do imposto com o nome de *sisas* y *arbitrios*, que era cobrado sobre a erva que baixava de Asunción para essa cidade²⁶⁰. Por outro lado, estes religiosos sofreram, em 1679, uma representação do *arrendador de las Reales alcabalas*, capitão Juan de Ávila Salazar, alegando que aproveitavam a isenção de impostos que tinham²⁶¹ para vender a erva que conseguiam por comércio ou negociação²⁶². Os jesuítas defenderam-se alegando que a quantidade de erva que transportaram nos anos antes, de 1671 a 1673, era muito inferior a sua quota de isenção de impostos²⁶³. Garavaglia explicou que, no caso da Companhia, o que fazia essa negociação explosiva era a conjunção deste privilégio com o poder econômico, com o controle *exclusivo*

²⁵⁶ GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Mercado Interno...*, *op. cit.*, p. 295-296 e 303.

²⁵⁷ *Ibidem*, p. 306.

²⁵⁸ *Ib.*, p. 307.

²⁵⁹ *Ib.*, p. 315.

²⁶⁰ PASTELLS, Pablo. *Historia de la Compañía...*, *op. cit.*, v. 3, 1918, p. 451. *Definitorio de la provincia de Tucumán, Paraguay y Río de la Plata* (2.197, 1682-4-20).

²⁶¹ Sobre a entrada e saída dos produtos que circulavam entre suas reduções e colégios, comum a todas as ordens e pessoas eclesiásticas e que, no caso paraguaio, também os franciscanos se beneficiavam.

²⁶² PASTELLS, Pablo. *Historia de la Compañía...*, *op. cit.*, v. 3, 1918, p. 471-474.

²⁶³ De 12.000 arrobas para erva e de igual quantidade para os outros produtos.

da força de trabalho indígena e com seu peso não irrelevante no mercado de erva-mate²⁶⁴. Enquanto os comerciantes e produtores seculares faziam chegar os *tercios* de *yerba de palos* até Santa Fe, em quantidades que raramente chegavam a 400 ou 500 arrobas, e ali trocavam com os comerciantes especializados que vinham do Peru ou Chile, o procurador do ofício dessa cidade ou de Buenos Aires recebia todos os anos, com regularidade, os *tercios* de *caamini*, ou também de *yerba de palos*, enviados pelos jesuítas. A erva missioneira não estava sujeita aos altos e baixos da produção e comercialização do produto originário do Paraguai. Depois de armazenada, o procurador realizava a venda de grandes partidas (9.000 ou 10.000 arrobas) a uns poucos comerciantes para que revendessem no Peru. O *caamini* não era vendido nas reduções ou para pequenos comerciantes, conseguindo com isso manter condições de negociação excepcionais. Além disso, os jesuítas possuíam uma poderosa rede de informações e uma estrutura de armazenagem multirregional que colocavam à disposição dos comerciantes de sua confiança²⁶⁵. A possibilidade de realizar operações vantajosas quando o comércio de erva estava fechado no Paraguai era evidente²⁶⁶.

No começo do século XVIII, o discurso dos jesuítas já havia mudado bastante. Padre Francisco Burges, ao apresentar os motivos que induziram os religiosos da Companhia de Jesus a solicitar dispensa da contribuição pela erva que colhiam e beneficiavam nas missões²⁶⁷, argumentou que seu benefício era tão necessário, que sem ele aquelas províncias de índios não poderiam subsistir. O mesmo padre confirmou que o trabalho estava de acordo com as ordenanças de Francisco Alfaro, confirmadas pela *Ley 3ª da Recopilación de Indias* e que o benefício da erva *não era tão ruim como se representava*, os índios iam no tempo menos prejudicial a sua saúde, eram bem assistidos e as jornadas eram pagas regularmente. Por isso, disse o padre, não havia inconveniente que os índios das reduções de San Ignacio, Santiago e Nuestra Señora de Fee fossem aos ervais de Mbaracayú. Entretanto, o padre reclamou do governador do Paraguai que queria mandá-los para lá. Sem nenhum constrangimento, o padre defendeu no mesmo documento que os índios dessas três povoações não deveriam ir a Mbaracayú a serviço dos espanhóis, pela grande distância que estavam desses ervais, e desafiou o governador: *si la yerba fuese el unico fruto del Paraguay, porque no plantan los arboles que la producen y porqué no envian sus esclavos negros a Mbaracayú a buscarla?*²⁶⁸. Alegou que estes índios, que vieram do norte da província em 1669, ao contrário dos demais

²⁶⁴ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 472.

²⁶⁵ Como no caso de Manuel de Robles e Baltasar García Ros, que utilizaram as instalações do colégio de Salta como depósito (GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 474).

²⁶⁶ *Idem.*

²⁶⁷ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 4, 1923, p. 455-461. Nota.

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 460.

encomendados dos governadores, não foram conquistados por espanhóis, mas sim reduzidos à fé pelos missionários. Defendeu que eles fossem considerados *soldados presidiários*, ficando então impedidos de ir aos ervais com os *encomenderos*. A audiência de Charcas acabou por revogar os decretos da audiência de Buenos Aires do anos de 1666 e o seu de 1685, reconhecendo que o governador do Paraguai não tinha jurisdição para impor novas *mitas* a estes índios, portanto, não podia retirar índios das reduções. Em 1688, o governador foi intimado e obedeceu.

Antes disso, em 1684, o governador do Paraguai, Antonio de Vera y Mujica, remeteu dois autos para a Audiencia de Charcas, para que confirmasse. Um desobrigava sete dos *pueblos encomendados* (Tobati, Altos, Atyrá, Yaguarón, Guarambaré, Ipané e Itá) de irem aos benefícios de erva. Reservou os homens com idade entre 12 e 50 anos para os *mandamientos* de navegação, proteger as fortificações e fazer as entradas punitivas no Chaco. O outro tirava esta responsabilidade dos homens dos *pueblos* de San Ignacio, Santiago e Nuestra Señora de Fee. Argumentou que os vizinhos de Villa Rica poderiam suprir os trabalhos nos ervais com os índios das reduções franciscanas de Yuti e Caazapá e dessas três reduções. O padre Burges defendeu o contrário²⁶⁹.

A partir daí, começou a batalha jurídica entre os colonos e os jesuítas. Contudo, a erva foi ganhando importância no mercado interno colonial. Em 1715, foi fundada Curuguaty. No mesmo ano, o capitão Thomas Dover, *Director del Asiento de Inglaterra en el Río de la Plata*, embarcou em seus navios 147 arrobas de erva-mate para a Europa²⁷⁰. Em razão da diminuição notável do preço da erva e de outros produtos da província do Paraguai em 1718, o governador Diego de los Reyes y Valmaseda solicitou que a audiência real autorizasse a redução das embarcações que conduziam a Santa Fe essas mercadorias para apenas três. Argumentou que o inconveniente não era a abundância de barcos, mas a desordem tão grande que havia nos benefícios e no número excessivo de carretas que conduziam aqueles produtos até o passo de Santa Fe. Com isso, além de cessar aqueles inconvenientes, aumentaria a quantidade de gente para a defesa daquela cidade, *tão acossada de inimigos Ynfieles*. A real provisão, despachada em março do ano seguinte, curiosamente, recomendou a redução da produção: evitar-se-iam os inconvenientes se os governadores dessem suas licenças para que se beneficiasse cada ano moderada quantidade. Julgavam não ser de interesse do bem comum e *dos particulares daquela provincia* a diminuição das embarcações para o transporte de erva e

²⁶⁹ *Ib.*, p. 455-461 Nota (2.862. 1701-2-23).

²⁷⁰ AGI-Controladuría, 1902, fls. 31 vs., *apud* GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 61-62.

acrescentou que não podia subsistir respeito à verdade *de ter todas as religiões desta cidade, menos a de São Francisco, seus barcos, que continuamente trazem o tráfico com o pretexto de conduzir as coisas para sua manutenção.*

Cada barco conduzia nessa época 200 arrobas e cada carreta *correntina*, 100 a 120 arrobas²⁷¹. Juntas, elas conduziam quatro a cinco mil arrobas; com a diferença de que toda a gente que se conchavava para conduzir aqueles barcos voltava ao Paraguai, enquanto a maioria da gente conchavada para *acarrear en la yerva* ficava em Santa Fe e se esparramava por outras províncias por não ter como voltar. Além de serem muitas as carretas, vendia-se toda a carga e até as carretas nessa cidade. Essa era uma das causas principais porque os *pueblos de indios* estavam sem homens, apenas se viam índias casadas sem maridos. Como consequência, as desordens eram frequentes. Era costume ocuparem-se mais de duas dezenas de pessoas em cada *benefício de la yerva*²⁷².

Tabela 2: Exportação de erva-mate (Kg) ²⁷³

Ano	Exportação		Consumo estimado	Produção	Silvestre
	Paraguai	Missões	Paraguai	Paraguai	Corrientes
1670	460.000				
1673		121.107			
1679		230.000			85.930
1680	575.000				56.660
1690	103.500	jesuítas			
1726	718.750		718.750	1.437.500	
1730	900.000				
1734		506.000			
1757		13.000			
1761				1.000.000	

²⁷¹ Entre Santa Fe e Buenos Aires circulavam carretas maiores, de até 150 arrobas, ou 140 de erva-mate.

²⁷² CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 77-80. *Os padres do colégio de Assunção rebetem acusações contra a navegação dos seus barcos no rio Paraguay, cuja necessidade defendem como essencial.*

²⁷³ Fonte: MARTINS, Romário. **Ilex Mate**. 1926; SOARES, Sebastião Ferreira. **Notas estatísticas sobre a produção agrícola e carestia dos generos alimentícios no Imperio do Brasil**. Rio de Janeiro, 1865 (1840-1858); DEMERSAY, Alfred. *Étude Économique sur le Maté ou thé du Paraguay (Ilex Paraguariensis)*. Paris: Bouchard-Huzard, (1865) 1867, p. 31-45; OBERTI, Federico. **Historia y Folklore del Mate**. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes, 1979, p. 123; LINHARES, Temístocles. **História Econômica do Mate**. 1969, p. 84; AGUIRRE, Juan Francisco. **Diario del Capitán de Fragata**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, t. II, 1950, p. 280-285. (*1.313 tercios importaron 9.847 arrobas; cada cien mulas llevan 120 cargas; dos tercios constituyen una carga de 13 arrobas*, cf. Aguirre ou *8 arrobas*, cf. Thomas Page); CÂMARA, Antonio de Arruda. **A Exploração do Mate**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1929, p. 39; MÖRNER, Magnus. **Actividades Políticas y Económicas de los Jesuitas en el Río de la Plata**. Buenos Aires: RP Centro Editor de Cultura, 2008.

As informações sobre a produção, consumo e exportação de erva antes de 1776 são raras²⁷⁴ e, às vezes, contraditórias. No entanto, pode ser avaliado que a exportação cresceu nesses período, indo de 40.000 arrobas em 1660 para o dobro em 1730. A variação da exportação nesta incipiente estatística pode ter as mais diferentes causas. Existe maior constância e coerência na exportação das missões, porém é factível que fosse consideravelmente maior, porque não havia controle externo sobre suas estatísticas. A estimativa de consumo paraguaio em mais de 60.000 arrobas no ano de 1726 foi generosa, considerando que o governador Joaquín Alos y Bru estimou em apenas 20.000 arrobas mais de seis décadas à frente. A variação demográfica entre estas datas faz projetar um consumo *per capita* equivalente à média destas duas estimativas. Apesar de o controle sobre a produção de erva ser praticável naquela época, com razoável eficácia, não havia como prospectar o consumo fora dos *pueblos*. Também não foram administrados meios para totalizar a produção e o comércio até a expulsão dos jesuítas. Não interessava a estes o controle do seu comércio pelos espanhóis e sua força política e econômica fazia a diferença.

Em Asunción, houve redução da presença de moeda de prata nas contas oficiais²⁷⁵, entre 1625 e 1692, a ponto de ausentar-se. O ponto de contato entre a economia local e a economia regional, no entanto, até 1720, foi Santa Fe, onde a moeda metálica circulava livremente²⁷⁶. Os comerciantes portenhos aproveitaram muito bem os frequentes ataques indígenas a Santa Fe para desviar para Buenos Aires, em definitivo, grande parte do comércio com o Paraguai. Os esforços dos *santafesinos* não foram suficientes para impedir que Buenos Aires se transformasse no ponto de redistribuição de erva mais importante para os mercados chileno e alto-peruano. Depois de 1755 diminuíram os embates indígenas, porém, Santa Fe definiu como centro comercial regional²⁷⁷. O processo de “atlantização” já estava em curso.

Os jesuítas fizeram, depois de expulsos, fervorosa propaganda em favor da erva. As campanhas contra o consumo da erva, no entanto, duraram até 1740, um século depois de os

²⁷⁴ *Todos estos Infieles usan la Yerva del Paraguay, que no la hay en sus tierras y tambien Tabaco de humo y es menester llevarles mucho para cautivar sus voluntades* (CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri a Conquista dos Sete Povos...**, op. cit., p. 39-51. VI -*Depoimento do padre Joseph Cardiel sobre as riquezas e poderio econômico da Missões do Paraná e Uruguai e as possibilidades de darem esmolas*).

²⁷⁵ *Para los años 1625/1658, tenemos un 77% de los cobros realizados en moneda de la tierra [...]; para los años 1687/1692, [...] ni un solo real en una cantidad que llega a los 163.000 pesos en moneda de la tierra* (GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, op. cit., p. 386). Todas as menções falam em moedas cunhadas em prata, mas não pode ser descartada a circulação de moedas de ouro corrente em outras partes do vice-reino do Peru. *Como aqui no corre Plata ni otra moneda, como ni en la ciudad del Paraguay, ni en la de las Corrientes las mas cercanas, y todo se hace por trueques de un genero con otro, no hay otro modo de paga ó recompensa...* (CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri a Conquista dos Sete Povos...**, op. cit., p. 41. VI -*Depoimento do padre Joseph Cardiel sobre as riquezas e poderio econômico da Missões do Paraná e Uruguai e as possibilidades de darem esmolas*).

²⁷⁶ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, op. cit., p. 372-373.

²⁷⁷ *Ibidem*, p. 418.

jesuítas terem iniciado o benefício de erva e quando o uso do café, do tabaco e do chá já estava mais difundido na Europa. As dificuldades criadas não coibiram a produção, contribuíram, no entanto, para estabelecer certo controle sobre ela²⁷⁸. Buenos Aires se firmou como mercado, polo e centro de distribuição para um vasto mercado regional entre 1744 e 1778, quando a população dobrou²⁷⁹. Enquanto cada arroba de *mboroviré* valia um *peso* nos ervais de Mbaracayú, passando do Caaguazú, subia para dois *pesos*²⁸⁰ e, chegando ao Peru, valia quatro.

A erva foi gravada com muitos impostos dentro e fora da província. Internamente pagava *derechos de alcabala*, dízimo, impostos ao *Ramo de Ciudad* e ao *Ramo de Guerra e estanco*. Para ser beneficiador de erva era necessário obter uma licença do governo, pagando previamente 21 arrobas de erva por cada uma (ou 40 *pesos*)²⁸¹ ao *Ramo de Guerra*. Além desse valor, eram cobradas oito arrobas de erva por cada mil que carregavam os barcos. O *derecho de alcabala* consistiu no pagamento de 4% sobre as vendas e permutas de erva²⁸². A erva enviada de Villa Concepción a Asunción pagava o *derecho de tercio*, quatro reais por cada *tercio* de sete arrobas e meia. Como todos os produtos da terra, a erva estava sujeita ao dízimo²⁸³. As cargas transportadas dos ervais até Asunción pagavam o *derecho de estanco*; apenas os *pueblos* de índios estavam isentos desse pagamento. Havia ainda uma imposição fiscal denominada *papel sellado*, para se obter a licença para os benefícios, ao custo de quatro reais.

Os barcos que faziam o transporte ultramarino subiam até Santa Fe, onde descarregavam suas mercadorias em barcos pequenos para ir até Asunción²⁸⁴. No final do

²⁷⁸ Em 3 de Julho de 1629, desceram uma barca e uma balsa carregadas de erva desde o porto de Mbaracayú e que na visita para verificar se cumpria as taxações o capitão Francisco Sanchez e Gaspar Fernandez Gato afirmaram que levavam mais de cinquenta mil libras, que as embarcações pertenciam a Juan Garcia de Villa Nueva e que a quantidade pertencente ao estanco havia sido paga no porto de Mbaracayú e ficara em poder de Villa Nueva e de Miguel Gonzalez Correa, que tinha a seu cargo a cobrança do dito estanco. Afirmaram que toda a carga que embarcaram no porto de Mbaracayú era a que estava nas embarcações e constatou-se que a carga pesava setenta e três mil libras (ANA-SH, v. 17, n. 9, 1629. *Averiguación sobre el derecho correspondiente a una partida de yerba traida del puerto de Mbaracayú*).

²⁷⁹ GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Mercado Interno...*, op. cit., p. 417.

²⁸⁰ LABRADOR, José Sáchez. *El Paraguay Católico...*, op. cit., p. 211.

²⁸¹ AZARA, Felix de. *Geografía física y esférica...*, op. cit., t. I, 1904, p. 435; ANA-SH v. 365, n. 1, f. 43 e seg., apud ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. *Un Siglo de Expansión...*, op. cit., p. 72.

²⁸² Acabou reduzido a 2% por Francia, em 24 de outubro de 1830, e restituído ao seu valor inicial pelos *cónsules* López e Afonso.

²⁸³ Que também foi abolido por Francia em 1837, sendo restituído pelo segundo consulado em 1842. Em 27 de agosto de 1841 foi estabelecido um imposto de 15% aos benefícios de erva para gastos públicos, reduzido posteriormente para 5% e depois abolido quando se restituiu o dízimo.

²⁸⁴ *Recién cerca del río Las Conchas o sea a distancia de seis leguas arriba de Buenos Aires, donde se destaca del agua el arrecife (La Punta Gorda) es denominado por los Españoles Río de la Plata, después de haber absorbido poco antes el Uruguay y con éste el Río Negro el lado oriental. Acrecido por tantas aguas allegadas se extiende junto a Las Conchas, casi hasta diez leguas. Desde ahí los barcos que bajan por el Paraguay y el*

século XVIII, de Buenos Aires a Asunción, subiam grandes barcos em dois meses de navegação, levando de quatro a oito mil arrobas²⁸⁵. Porém, rio abaixo, a exportação paraguaia era feita em barcos de até 24 mil arrobas²⁸⁶. Segundo Aguirre, os jesuítas possuíam, na época da expulsão, 198 mil pés de erva em estado de produção nas oito reduções ao sul do rio Tebicuary, no extremo sul do Paraguai. A produção anual era estimada em 23 mil arrobas, para um consumo próprio anual de sete mil arrobas²⁸⁷. Southey estimou a exportação paraguaia em 35.000 arrobas em 1670 (30% eram dos jesuítas); metade da mencionada por Aguirre.

Si en Europa muchos bebedores quedan reducidos a la última pobreza por el vino y otras bebidas embriagantes, no menos en América malgastan su fortuna en yerba paraguaya, pues cuanto más dista un lugar de las selvas en el Paraguay, tanto más acrece su precio. Muchos miles de hombres se ocupan año a año en las más remotas selvas, con la preparación de la yerba y consumen por esto muchos miles de vacunos. Es increíble la cantidad de mulares y no sólo aquellos sobre las cuales se lleva la yerba al lugar de su destino, que perecen por los malos caminos y las dificultades del viaje de larga duración. Por esto, poco se enriquecen los que a su costo hacen juntar la yerba y suministran para esto bueyes, mulares y herramientas de fierro, así como tampoco salen de su pobreza los que se conchaban para este trabajo. La amplia ganancia toca sólo a los comerciantes que mercan con ella para el Perú y Chile. Todos cuantos poseen una fortuna considerable en Paracuaria la han adquirido, no por el comercio con ganado de asta, ovejas, caballos, cueros vacunos, algodón, azúcar o tabaco sino sólo por el comercio de yerba y mulares a Chile y Perú. La exportación de los demás productos paracuarios cuesta un trabajo infinito y no la compensa ni la magnitud, ni la certeza de la ganancia²⁸⁸.

Após a expulsão dos jesuítas, a indústria da erva-mate estava consolidada, apesar de ainda pretender o mercado europeu. O padre Dobrizhoffer defendeu que não se exportava erva para a Europa porque, primeiro, não havia excedente exportável. *Si los Españoles paracuarios, se dedicaran tan celosamente al comercio y lucro cual otras naciones, podrían exportar no sólo la yerba sino también muchos otros artículos útiles para Europa.* Outra razão era que não havia barcos para transportar a erva em segurança. *A ello se agrega que*

*Paraná echan anclas, se descargan y reciben su carga para la vuelta. Es que los barcos de una forma tan pequeña como los que llegan desde Asunción, Corrientes y las localidades guaraníes no pueden atreverse a avanzar sin peligro. [...] Por la unión con tantos y tan grandes ríos, el Paraguay llega a tal magnitud que los Españoles pudieron navegar hasta Asunción y aún más adelante sobre los mismos barcos con los cuales zarparon desde Cádiz y cruzaron el océano. Hoy en día nadie se atreve a ello por temor a un naufragio. [...] El Paraguay tiene mala fama también por dos remolinos (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., v. I. De los ríos principales, el Paraná, el Paraguay y el Uruguay, y otros menores, afluentes de aquellos).*

²⁸⁵ SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RTIHGB...**, op. cit., v. VI, n. 22, p. 181.

²⁸⁶ AZARA, Felix de. **Geografía física y esférica...**, op. cit., p. 435.

²⁸⁷ PASTORE, Carlos. **La Lucha...**, op. cit., p. 49.

²⁸⁸ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, op. cit., De la yerba paraguaya, su origen, preparacion, comercio y usos.

*esta yerba, pierde a los pocos años aquella fuerza y amenidad inicial y toma el olor de un cuero moscovita para suela. Los paracuarios la usan entonces para teñir de negro*²⁸⁹.

Em Santo Domingo, redução dominicana de *guayanás* chamada San Francisco de Paula, situada nas margens meridionais de Ibicuy a légua e meia do rio Paraná, a Comissão de Limites chefiada por Diego de Alvear encontrou uma aldeia pequena, com origem do outro lado do Paraná. Mantinha contato frequente com os índios guaranis que subiam o Paraná para os benefícios da erva. Antes de chegarem ao rio Iguazu, passaram pelo Pirayguazú, que *es también Yermal del Corpus*, o Pirayminy, que *también abunda yerba una legua más arriba*, e, finalmente, pelo Monday, que desce de Villa Rica e S. Estanislao e *de las dos reducciones del Tarumá*. Os ervais do Paraná se estendiam por muitas léguas e o chefe da Comissão achava que podia aumentar em muito a produção se fossem dispendidas as licenças, apesar de reconhecer que os ervais plantados tinham maior rendimento que os silvestres.

*Todos los pueblos de Misiones deben disfrutar indistintamente del privilegio libre de hacer yerba en las vastas comarcas del Paraná y Uruguay, y el común de los particulares de la nación no debe estar exento de esta prerrogativa, teniendo todos los vasallos del Rey igual derecho a lo que sin provecho de alguno se debe podrir y perder todos los años, malogrando de este modo por una errada política la liberalidad de la Providencia, que supo enriquecer el suelo de este país con un fruto, no menos precioso que el que producen las minas del Perú. [...] Los Pueblos, como ya se apuntó, podrían de esta manera atraer insensiblemente a un comercio que acarrearía muchas ventajas, y daría nuevo vigor a sus fábricas y agricultura, a todas las naciones de indios salvajes de sus contornos, por más fieros que se supongan, haciéndoles conocer sus necesidades con los medios de repararlas y de procurarse mayor comodidad*²⁹⁰.

Padre Joseph Cardiel afirmou que, em 1766, os trabalhadores nos ervais não só consumiam muito, como recebiam parte de seu pagamento em erva²⁹¹. Há dez anos havia caído muito seu preço, porque diminuía o consumo no Peru e Chile por causa da introdução do chocolate como bebida. Até a abertura do Livre Comércio em 1778, a erva-mate era o produto mais importante de todo o mercado portenho, com exceção do trigo, que o superou em alguns anos²⁹². Em 1781, segundo levantamento de Azara, foram exportadas 125.271 arrobas de erva, ao preço de 5 *reales* a arroba, quantia significativamente maior, em volume e

²⁸⁹ *Idem*.

²⁹⁰ ALVEAR, Diego de. **Diario de la segunda división de límites al mando de D. Diego de Alvear con la descripción de su viaje desde Buenos-Aires...** Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. 388.

²⁹¹ CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri a Conquista dos Sete Povos...**, *op. cit.*, p. 39-51. VI - *Depoimento do padre Joseph Cardiel sobre as riquezas e poderio econômico da Missões do Paraná e Uruguai e as possibilidades de darem esmolas.*

²⁹² GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 485.

valor, que de açúcar, mel, algodão, toras de cedro e peças de madeira²⁹³. De Buenos Aires partiam carretas com *tercios* de erva até Salta e Jujuy, que as tropas de mulas, internando-se pelo altiplano, levavam para Potosi, Cochabamba e La Paz; depois seguiam até Lima. Em 1785, só duas naves carregaram 25.000 arrobas de erva para o Chile²⁹⁴. Anteriormente, a erva era conduzida até Mendoza e dessa cidade passavam para mulas. Para o Chile era levada a erva forte, preferida naquela região. De Valparaíso e La Serena, a erva seguia para Arequipa, Lima, Quito e outras cidades. Em 1789, o governador Joaquín Alos y Bru calculou o consumo interno de erva mate em 20 mil arrobas, para uma população estimada em 96.000 habitantes²⁹⁵. A exportação veio aumentando, chegando a próximo de 180 mil arrobas no final da década²⁹⁶. O governo do Paraguai, durante a *Intendencia*, comercializava erva-mate com Buenos Aires, Santa Fe e Corrientes. Entre os anos de 1792 a 1796, a média de exportação de erva foi de 2.092.482 kg para Buenos Aires; 112.229 kg para Santa Fe; 38.962 kg para Corrientes; totalizando 2.243.673 kg. Ao preço médio de 12 *reales* a arroba, a exportação de erva representou uma média anual de 292.653 *pesos*, um número significativo considerando a média da exportação total anual de 395.108 *pesos*²⁹⁷. Nos anos finais da época colonial, eram negociadas em Buenos Aires umas 200.000 arrobas de erva anualmente.

Thomas Whighan afirmou que, apesar de autoridades paraguaias terem apoiado os jesuítas, as possibilidades de ganho com erva já eram conhecidas por todos. Havia se desenvolvido mercados no Chile, Alto Peru e Quito. O governo começara a diminuir suas restrições contra o comércio. Como consequência, aumentaram significativamente as exportações de 1673 a 1734. Começando 1750, a coroa espanhola revogou privilégios dos jesuítas em todo o império espanhol. Em 1767 veio a dramática expulsão da ordem na América espanhola. A administração secular das missões, que a sucedeu, preocupada apenas com o ganho nas exportações de erva, descuidou dos índios. As comunidades passaram a uma etapa de má alimentação crônica e sem ter mais com que se vestir. Tão deplorável tratamento ajuda a explicar o êxodo desses índios, abandonando totalmente a região missioneira pelos anos da independência. Em 1798, o governador Lázaro de Rivera informou ao vice-rei que a metade da população do Paraguai vivia na indigência total, dispersa por causa do recrutamento militar. Este governador apoiou o projeto do antecessor para a organização de

²⁹³ Em valor, a erva correspondeu a 78.294 *pesos* (75,42%), de um total de 103.817 *pesos*. O açúcar de Havana era melhor e mais barato que o paraguaio (AZARA, Felix de. **Geografía física y esférica...**, *op. cit.*, t. I, 1904, p. 434).

²⁹⁴ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 457.

²⁹⁵ PASTORE, Carlos. **La Lucha...**, *op. cit.*, p. 89. O governador estimava a população em 250 europeus; 47 mil americanos mestiços; 2.926 índios mestiços; 27.977 mitayos; 1.533 yanaconas e 10.710 negros e mulatos.

²⁹⁶ AZARA, Felix de. **Geografía física y esférica...**, *op. cit.*, t. I, 1904, p. 435.

²⁹⁷ AZARA, Felix de. **Descripción...**, *op. cit.*, p. 312-313.

um corpo permanente de tropa militar, financiado com o monopólio provisório do comércio da erva-mate exportada. A reforma militar liberaria braços para a agricultura e a exportação de erva alimentaria o comércio interno, criando condições para o desenvolvimento da província²⁹⁸.

Tabela 3: Exportação de erva-mate (Kg) ²⁹⁹

Ano	Exportação	Consumo estimado	Produção
	Paraguai	Paraguai	Paraguai
1776	310.500		
1781	1.440.617		
1782	n/a		
1783	2.843.835		
1784	1.282.630		
1785	n/a		
1786	1.854.467		~5.000.000
1787	1.911.381		
1788	1.384.060		257.888
1789	1.953.563		
1790	1.711.626		
1791	1.635.818		
1792	2.700.051		
1793	1.335.668		
1794	1.496.875		
1795	1.771.667		
1796	2.313.478		
1797	2.716.358	1.150.000	
1798	3.800.520		
1799	1.300.000	<i>parcial</i>	
1800	2.496.765		
1801	3.240.585		
1802	2.838.580		
1803	2.667.172		
1804	3.260.756		
1805	3.028.456		
1806	3.219.908		
1807	3.424.700		
1808	3.762.225		
1809	2.352.291		
1810	1.741.388		
1811	1.864.116		

²⁹⁸ PASTORE, Carlos. **La Lucha**..., *op. cit.*, p. 89-90.

²⁹⁹ Fonte: a mesma citada na Tabela 2.

Até 1803 foram mantidas, sem sofrer modificações, as *ordenanzas* de Alfaro, ditadas em 1611, e as disposições anteriores que não foram modificadas por elas. Lázaro de Ribeira y Espinoza de los Monteros, governador do Paraguai, incorporou à coroa espanhola, em 1802, as *encomiendas vacantes*, dando cumprimento às ordens reais de 1696 e 1720. No ano seguinte, uma nova cédula real liberou expressamente do regime das *encomiendas* todas as populações guaranis do Paraguai e reiterou a ordem de incorporação à Coroa das povoações indígenas existentes na América. Criou também a figura jurídica de bem de família, incorporada à legislação sobre terras. Expressou o esforço realizado pelo poder central para assegurar às populações nativas a propriedade de suas terras e a unidade da organização familiar. A Espanha encerrou sua legislação sobre terras do Paraguai com a sanção da Cédula Real de 1803³⁰⁰. Os mestiços não assimilados aos grupos dirigentes, os *mitayos* e os *yanaconas* constituíam a população encarregada das tarefas agrícolas, florestais, pecuárias e domésticas. Os negros e mulatos, escravos ou libertos, não tinham direito sobre a terra que ocupavam³⁰¹. As terras dos partidos de origem indígena pertenciam à comunidade que habitava dentro dos limites de seu território. Cada povoação indígena tinha uma légua e meia de superfície mínima de terra para assentamento e cultivo de sua população ou de terras para criação de gado, que constituía o bem comunal de maior valor econômico. A população de Yuti, apesar da grande superfície de campos para criação de gado, se ocupava com a produção de erva, chegando a produzir em 1793, duzentas e cinquenta mil arrobas. Esta circunstância facilitou a ocupação das suas terras por povoadores espanhóis com gado³⁰².

Apesar do abandono dos ervais das missões jesuíticas, as exportações de erva paraguaia aumentaram; no ano de 1776 alcançou 27.000 arrobas. Poucos anos depois a exportação anual subiu em quase dez vezes. As reformas fiscais associadas com a criação do vice-reino do Prata contribuíram para gerar esse comércio; por sua vez, não se pode negar a imensa demanda das províncias do Río de la Prata³⁰³. Em 1º de agosto de 1776, o rei Carlos III, da Espanha, criou o vice-reino do Rio da Prata³⁰⁴, com sede em Buenos Aires e com jurisdição (que já abarcava Asunción e Montevidéu) sobre a audiência real de Charcas (Alto Peru, hoje Bolívia) e a província de Cuyo (que até então era jurisdição do Chile)³⁰⁵. Com o

³⁰⁰ PASTORE, Carlos. **La Lucha...**, *op. cit.*, p. 57-58.

³⁰¹ *Ibidem*, p. 63.

³⁰² *Ib.*, p. 63-66.

³⁰³ WHIGHAM, Thomas. **La Yerba Mate del Paraguay (1780-1870)**. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociales. 1991. p. 19.

³⁰⁴ Também foram criados os vice-reinos de: Nueva España, Peru e Nueva Granada, e as capitánias-gerais: Guatemala, Chile, Venezuela e Cuba y Florida.

³⁰⁵ Em 28 de janeiro de 1782, seguindo o costume de transplantar para a América os organismos da metrópole, uma *Real Ordenanza para el establecimiento e instrucción de Intendentes de Ejército y Provincia* criou oito

crédito assegurado pelos investidores portenhos e com um trânsito fluvial aberto, os comerciantes de erva em Asunción se converteram em exportadores dominantes. Também foram as figuras mais destacadas em abrir as fronteiras do norte à exploração ervateira; pelos anos 1780, os novos ervais de Concepción rivalizavam com os de Mbaracayú. O total de arrobas exportadas dessa zona se multiplicava rapidamente com o beneficiamento de novos ervais; os grandes ervais eram os de Tacuru-pytá, Taquililelo e Angelito e estavam situados entre o arroio Estrela, as nascentes do rio Aquidabán e o rio Ipané, chegando até a cordilheira del Amambay e a serra de las Quinze Puntas³⁰⁶.

Concepción tornou-se um dos centros para a exportação de erva. Em 1804, mais de sessenta empresários controlavam aproximadamente 4.000 trabalhadores nos ervais³⁰⁷. Nas margens do rio Ipané, o governo colonial concedeu terras a estancieros paraguaios com a esperança de que eles pudessem prover os ervateiros de Concepción com gado e couro para os surrões³⁰⁸. Na figura a seguir (FIG. 36) foram assinalados alguns dos ervais coloniais citados nesta dissertação. Curuguaty centralizou a exploração dos ervais mais antigos. A presença de ervais ao sul do rio Ihovÿ (Ijobi) fortalece o argumento dos limites estabelecidos nesta dissertação para o território de Mbaracayú. Mariano Molas apontou os ervais que ele considerou mais produtivos no fim do período colonial³⁰⁹. Os ervais de S. Estanislao estavam nas margens do rio Caapivary³¹⁰. Aproveitavam por volta de 6.000 arrobas anualmente³¹¹. Segundo esse autor, os *monteses* que viviam nos ervais de Curuguaty, Ycuamandiyú,

Gobernaciones-Intendencias, además de las gobernaciones militares y políticas de Montevideo y de los pueblos de las antiguas misiones jesuíticas. Mas por intervenção do vice-rei Juan José de Vértiz, esta estrutura foi modificada em 1782 e pela cédula aclaratoria de 5 de agosto de 1785, suprimindo-se as intendências de Cuyo e Santa Cruz de la Sierra e dividindo a de Tucumán em duas. Em definitivo o vice-reino ficou integrado pelas gobernaciones-intendencias de Buenos Aires, Paraguay, Córdoba del Tucumán, Salta del Tucumán, La Paz, Charcas, Cochabamba y Potosi, mais quatro gobernaciones, que foram Montevideu, Misiones e os das províncias de Moxos y Chiquitos. Mais tarde se agregou a de Puno (reintegrada ao Peru em fevereiro de 1796).

³⁰⁶ MORGENSTEM, François Wisner de. *Carte topographique de la Republique du Paraguay*, Viena, 1873.

³⁰⁷ Em 1800, o capitão-geral Caetano Pinto contabilizou 26.836 habitantes em Mato Grosso (7.105 em Vila Bela e 19.731 em Cuaibá), mais de 80% negros e mulatos, dos quais, 11.910 eram escravos (44% do total), 16 de brancos e contados apenas 1.015 índios. Incluindo os 854 habitantes distribuídos entre o Forte do Príncipe da Beira, Corumbá e Miranda o total da Capitania era de 27.690 habitantes.

³⁰⁸ WHIGHAM, Thomas. *La Yerba Mate...*, *op. cit.*, p. 20-21.

³⁰⁹ Igatimí, Puente Aguaray, Curupicay, Itaná, Cangüery, Viñal, Caagüagüe, Arenilla, Piracá, Mbaracayá, Pecurí, Aguaé, Curyy, Yerutí, Toribio, Mbocayati, Morombí, Tayazucati, Ipiati, Pirai, Ivyrati, Aracangüi, Ñandurocai, Caremá, Iribucua, Monday, Japepo, Mbaeverá, Tacurupucu. Todos às margens do rio Paraná. Não eram ervais separados, mas benefícios ou ranchos particulares. Menos produtivos, eram os ervais de San Joaquín, Caihó, San Estanislao, Ycuamandiyú, Concepción, Trinidad, Jesús, Juty, Caazapá e Villa Rica (MOLAS, Mariano Antonio. In: *La Revista...*, *op. cit.*, t. X, p. 52-53, 1866).

³¹⁰ *La nueva hacienda [de San Estanislao] está en buena tierra entre el río Yu, que mira al Sursudeste, el Aguapey al Oriente, y el Piray al Norte. Tiene buenos pastos, salitres y palmas Carandays para corrales* (LABRADOR, José Sánchez. *El Paraguay Católico...*, *op. cit.*, t. II, 1910. p. 245-246).

³¹¹ SÚSNIK, Branislava (*El Indio Colonial...*, *op. cit.*, v. I, p. 136). *Llegamos al sitio de la nueva hacienda del pueblo [de San Estanislao]. La hacienda está en buena tierra entre el río Yu [Yhú], que mira al Sursudeste, el Aguapey al Oriente, y el Piray al Norte. Tiene buenos pastos, salitres y palmas Carandays para corrales* (LABRADOR, José Sánchez. *El Paraguay Católico...*, *op. cit.*, p. 245).

Palomares, Caremá eram os que faziam mais dano aos ervateiros. Os que habitavam as imediações dos ervais de Concepción, *cordillera arriba*, eram *hospitalarios y más amigables*. Estes indígenas tremiam *al ver a un indio guaná*, a quem chamavam *abapytá*, *de tal manera que la vista de uno sólo* entravam em pânico; por essa razão, os ervateiros levavam aos ervais dois ou três *guanás*, pagando-os para que servissem de guarda durante o beneficiamento da erva³¹². Desse modo, conseguiam trabalhar com tranquilidade e liberdade, sem ter prejuízos³¹³.

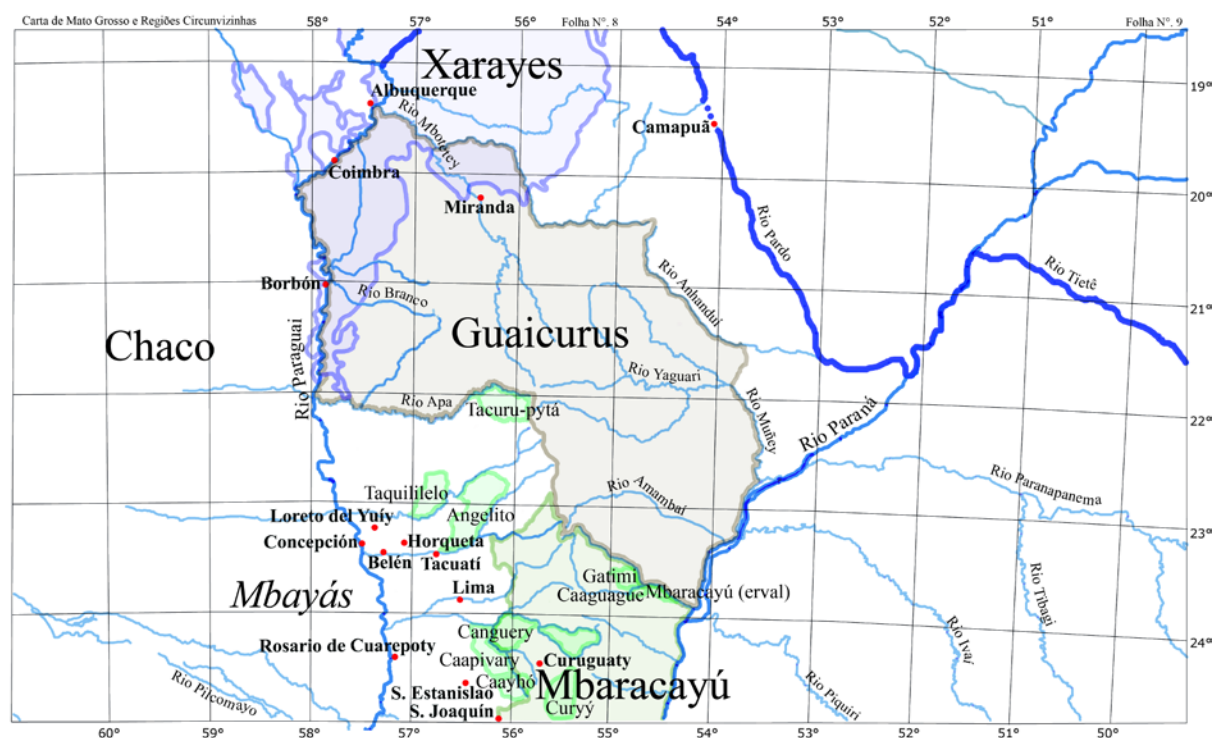


FIG. 36. Alguns dos ervais coloniais: Tacurú-pytá, Angelito, Taquililelo, Gatimi, Caaguague, Mbaracayú, Cangüery, Caapivary, Cayhó, Curyy e Caremá (este mais ao sul, próximo à margem esquerda do rio Acaray). Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

Na cidade de Asunción, o comerciante pagava adiantado, a um *habilitado* ou *beneficiador*, parte da erva que iria receber, a maior parte em provisões. Por sua parte, o *habilitado* adiantava *provista*³¹⁴ aos trabalhadores contratados. Já no interior da província

³¹² MOLAS, Mariano Antonio. In: *La Revista...*, op. cit., t. X, p. 63, 1866.

³¹³ Entretanto, as represálias dos *monteses* contra os benefícios de Concepción em 1842 provocaram fuga de capatazes, *mineros* e escolta, com o conseqüente abandono dos ranchos. A exterminação dos *monteses* foi ordenada em 1843 por Carlos Antonio López, causando matança dos homens e traslado das mulheres e crianças para Asunción. Esta migração não evitou posteriores depredações.

³¹⁴ Mercadorias necessárias ao sustento do *minero* e de sua família.

deviam se precaver dos ataques dos *mbayás* e dos *monteses*. A solicitação de licença para benefício de erva era feita ao governador, como esta³¹⁵.

“Señor Gobernador

“Don Luis Cavallero ante Vs. Dise que pretende entablar veneficio en los Minerales de Carema com doze peones y un Capataz por el termino de un año y para poderlo verificar necesitando el permiso de Vs. suplico se sirva consederme en que Recevire merced de la Piedad de Vs.

“Por mi Señor Poder Josef Antonio Cavallero

“Asuncion 8 de Julio de 1799.

“Pase al Administrador, el Interventor del Ramo de Guerra.

“Ribera

“Quedan satisfechos en la oficina”.

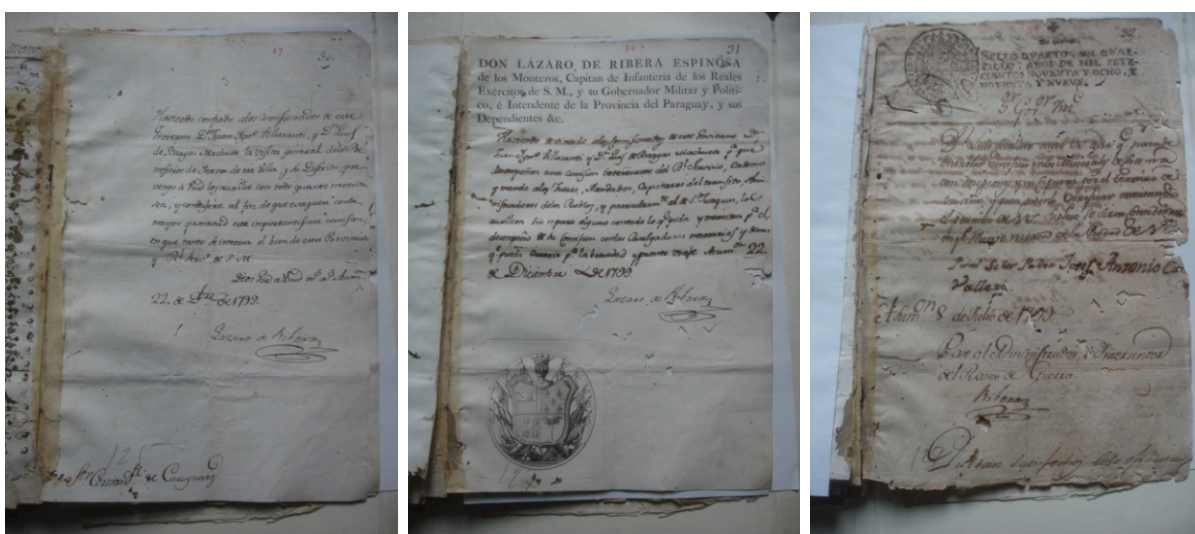


FIG. 37. *Permisos para liberación de yerba*. Fonte: ANA-SH v. 269, n. 10, (1799) 1844, f. 30, 31 e 32.

A análise das licenças mostra que foram concedidas, em 1799, quarenta e sete licenças pelo prazo de três a seis meses, uma apenas com oito meses para o benefício de erva. Incluindo os respectivos capatazes, foram documentados 393 trabalhadores licenciados para os ervais em Asunción³¹⁶. Elas eram solicitadas diretamente ao governador do Paraguai; os beneficiadores de Concepción requeriam ao comandante da vila. A quantidade de trabalhadores é compatível com a produção exportada nesse ano (mais de 115.000 arrobas, segundo dados parciais), inferior à média desse tempo. Considerando que a produção dos outros anos foi dobrada ou triplicada, pode-se avaliar que o número dos trabalhadores envolvidos também cresceu nessa proporção. Não faz parte desses números a produção destinada ao consumo interno. Por outro lado, também não foi somada a produção de outras regiões ervateiras. Garavaglia calculou que seriam necessários 800 trabalhadores para chegar

³¹⁵ ANA-SH, v. 269, n. 10, 1844 (1799), p. 32.

³¹⁶ ANA-SH, v. 269, n. 10, (1799) 1844. f. 8. *Permisos para liberación de yerba*.

às cifras de produção de erva desses anos. Considerando que eram enviados 300 a 400 *mitayos*, mais da metade da força de trabalho nos ervais era composta de peões livres³¹⁷. Desde o final das *revoluciones comuneras* esta participação veio aumentando, tornando-se dominante já no governo de Rafael de la Moneda. Pelas características da atividade ervateira, principalmente nos tempos coloniais, a chuva e o frio influíam decisivamente na quantidade produzida. O inverno, nessa região, costumava ser muito úmido, com chuvas e geadas.

Ao terminar o ano de 1799, o governador Lazaro de Ribera solicitou apoio do comandante de Curuguaty para que os comissionados do seu governo, Juan Ignacio Villasanti e Luis de Vargas Machuca, exercessem a fiscalização dos benefícios de erva da região. *Ordeno y mando a los Jueces, Acendados, Capatazes del transito, Administradores de los Pueblos, y particularmente al de San Joaquin, los auxilien sin reparo alguno con todo que les pida y necesiten para el desempeño de su Comision con las Cavalgaduras necesarias y demas que pueda ocurrir para la brevedad y pronto viaje*³¹⁸.

Os dois comisionados, chegaram no mês de fevereiro, época de pouca atividade nos ervais, em um lugar chamado Caruperá, *con los caballos montados, y los demas cansados por los caminos donde no hallamos refujio alguno ni de donde echar mano en un decierto que no avitan las jentes*. Tomaram o depoimento de Rudencindo Vera, *del partido de pinases*. Disse que havia estabelecido seu benefício em dezembro próximo, com vinte e dois peões e que estava, então, com apenas cinco *en el paraje de Baracaiu*³¹⁹. Afirmou ainda que obteve licença do comandante da vila, Juan Bautista las [currain]. Também prestou depoimento Francisco Xavier Ximenes. Disse que estabeleceu benefício em dezembro, com seu irmão, Cristovan Gregorio Ximenes, com doze peões e que estavam apenas com seis. Passaram aos benefícios de Pacuriti e visitaram somente José Antonio Cáceres, que vivia no partido de Caryy. Seu capataz, José Mariano Segovia, do partido de Arroyos, estava com dez peões que haviam chegado no fim desse mesmo mês de janeiro. Daí, visitaram os benefícios de *Caaguague, Harenilla, Laguna, Piracay, Maínumbé, Varacayu, Ytape, y Jori* que ficavam entre norte e leste, *con sus soldados y un baqueano que nos ha dado por un dia auxilio un comandante de dha villa; y llegamos con este paraje de Taguatimboy, y registramos los yervales de Aguae, y ni un encontramos en ella ningun beneficiador de yerba*³²⁰.

³¹⁷ GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 372-373.

³¹⁸ ANA-SH, v. 269, n. 10, (1799)1844, p. 30-31.

³¹⁹ Baracaiu e Varacayu são variações ortográficas para Mbaracayú.

³²⁰ ANA-SH, v. 269, n. 10, (1799)1844, p. 32.

Libro de cuentas de peones de beneficios de yerba mate (ANA-SH v. 445, n. 2; v. 284, 1806-1822).

Em 1808, Concepción já era o centro produtor de erva de maior relevância em todo o Paraguai. Algumas folhas do *libro de cuentas de peones* são suficientes para esclarecer um aspecto da relação de trabalho nos benefícios³²¹. Cada um dos trabalhadores era contratado formalmente e anotava-se individualmente a sua despesa e a data de quando eram pagas. Pela constante ocorrência de reclamações perante a justiça da época, era esperado que os beneficiadores se precavessessem.

Por outro lado, analisando os comerciantes de erva em Santa Fe, verifica-se que, apesar da concentração da atividade em poucas casas comerciais, elas não trabalhavam exclusivamente com erva-mate. Através de dois curiosos livros *de cuentas*³²² escritos ao final do século XVIII e começo do seguinte pelo espanhol Agustín Hermenegildo de Yriondo, dono de uma casa comercial em Santa Fe, se tem uma amostra das mercadorias comercializadas na época³²³ e chega-se a alguns dos seus clientes: *entre estos los que después serían destacados hombres públicos*, como Martín de Alzaga, Juan Antonio Lezica, Juan Martín de Puerreydón, Juan y Gaspar Santa Coloma e José Santos Incháurregui. Ele chegou à cidade de Santa Fe em 1785. Fazia negócios não só com

³²¹ ANA-SH, v. 445, n. 2; v. 284, 1806-1822.

³²² ROSAS, José Rafael López. Las Cuentas de Don Agustín de Yriondo, In: **El Litoral. La Comarca y el Mundo**. 4. abr 1987. Santa Fe. Disponível em: <http://www.patrimoniosf.gov.ar/ver/0-613/>. Acessado em: 13 jul 2010.

³²³ *En una cuenta con don Martín de Alzaga figura la compra de 869 varas de crudo, 12 cajones de madera y 5 de latas, 10 sombreros de castor y 20 pares de calzones, chupas y chalecos. A don José Santos Incháurregui, el después integrante de la Junta contrarrevolucionaria surgida el 24 de mayo de 1810 (presidida por el virrey) le compra numerosos ponchos de merino y pellones de carnero y oveja, sarazas, cintas de terciopelo y cintas "a la chinesca", barajas, tinteros de marfil, botas, navajas, medias de seda inglesas para hombres y mujeres, espejos de tocador y plata "de chafalonía". Y así, completo el stok, marcha en las carretas de Juan Garra, rumbo al norte, llevando sedas y bramantes, chupas e gró, coletas de paño, bayetas, bayetones y tafetanes, brocados, paños de Segovia, medias de algodón y colchas de angaripola. En otra de sus anotaciones expresa que ha hecho algunos negocios que él llama de "cambalacheo", como ahora: saldos de mercadería que llegan en los barcos de ultramar, o descomisada o por remate de alguna tienda en quiebra. Detrás de las arrias de mulas marchan las carretas que envía don Agustín, con barriles de vino o harina, chocolate, cueros, y muy especialmente yerba mate. Y es curioso que en una de sus cuentas figura el envío de "pescado" (pejerreyes), probablemente, salado, para su mantención. Entre estos debes y haberes, advertimos que están impagos a la fecha, 4 relojes Evans, montados en diamantes, con guarda polvo y caja, y 2 relojes con los días, meses, semanas y segundos (sic), por valor de 4.176 pesos, comprados a don Julián del Molino Torres. Los negocios de don Yriondo abarcan toda la gama de mercadería posible; y así, al lado de 5.000 adobes que adquiere para su estancia, y de una partida de perolas (nombre con que se designa a las cacerolas en España), sartenes y demás enseres gastronómicos, figura la compra de un esclavo a doña Victoria López Carballo, por 300 pesos (año 1792), y de un "mulatillo", llamado Silvestre. Todo esto, junto a otro envío, donde danzan rosarios, sarcillos de azabache, terciopelos de Valencia, piezas de Bretaña, sayales, pañuelos de Merlín, un paño de brocato para Sagrario, seis sillas, diversos géneros fabricados en Guadalajara, sombreros de medio castor y unas petacas de carlón. Uno de los ramos más interesantes para analizar es el de las maderas. Además del quebracho, extraído del llamado Chaco santafesino, don Agustín Yriondo traía mucha madera de Misiones, la que arribaba a nuestra ciudad luego de recorrer el largo Paraná. El tipo de transporte era en aquellos tiempos por medio de jangadas. Idem.*

Buenos Aires, como com todo o vice-reino³²⁴. Suas carretas chegavam até Tucumán, Salta e Jujuy, e mais além, em La Paz, Chuquisaca, Cotagaita e Potosí, no Alto Peru. Também negociava com o Paraguai e com a Espanha.

O movimento pela liberdade de comércio na colônia adquiriu formas revolucionárias no fim do século XVIII. Os comerciantes estavam divididos entre dois interesses: os agentes das firmas espanholas se opunham tenazmente à menor concessão, enquanto os outros, ligados ao tráfico anglo-português, reclamavam a abolição das barreiras. Os primeiros traziam artigos com *sello español* ainda que fossem estrangeiros, e carregavam de volta, para Espanha e Cuba, carne salgada e, em menor escala, farinha de trigo. O mercado de Cuba foi aberto em 1778, com o início das charqueadas, entretanto, o consumo de couros era limitado pela ausência de manufaturas. Os segundos comercializavam mercadorias inglesas e carregavam, no retorno para a Grã-Bretanha, couros, sabão, sebo, chifres, crinas, etc. Estavam estreitamente ligados ao contrabando interno dos gaúchos³²⁵. A esta divisão dos comerciantes correspondia uma divisão paralela dos pecuaristas. Os que estavam agrupados em torno do *saladero* dependiam dos comerciantes do primeiro grupo e não tinham interesse vital no comércio com os ingleses. Por outro lado, os pecuaristas vinculados ao contrabando interno e externo, produtores de couro, crinas, chifres, sebo, etc., estreitavam relações com os comerciantes do segundo grupo e exigiam junto com eles liberdade de comércio³²⁶.

A revolução de maio de 1810 aconteceu em um momento de extraordinária prosperidade econômica para o vice-reino do Rio da Prata. O que a *aduana* da cidade portenha arrecadou durante o ano foi suficiente para abater a dívida atrasada e ainda obteve sobra em caixa, superando em muito o arrecadado em qualquer dos anos anteriores. Os produtos produzidos nas províncias do vice-reino e depositados em Buenos Aires por falta de compradores foram finalmente trocados pelas importações inglesas. Os primeiros *patriotas*³²⁷ receberam, por isso, forte apoio da parte dos comerciantes e produtores ligados ao intercâmbio britânico, dispostos a resistir, com armas em mão, à menor tentativa de retroceder ao regime anterior a 1809, da qual a outra parte, os *realistas*, era beneficiária com o

³²⁴ Don Agustín Hermenegildo de Yriondo (1753-1828) fue cabildante, diputado ante el Consulado y capitán de milicias. Ya en el Cuzco, en 1780 había obtenido también el grado de capitán de infantería, obtenido por su campaña contra Túpac Amaru, cuando integraba el Cuerpo de Voluntarios Españoles. En Santa Fe alternó la vida política con su actividad mercantil. Sin embargo, la Junta Provisional Gubernativa da orden en 1811 al teniente de gobernador, don Manuel Ruiz, para que proceda a la detención y confinamiento del capitán don Agustín de Yriondo, juntamente con don Agustín Rameri y don Ventura Coll. Id.

³²⁵ PUIGGROS, Rodolfo. **Historia Económica...**, op. cit., p. 62-65.

³²⁶ *Ibidem*, p. 65.

³²⁷ A Argentina estava dividida nesse momento entre *patriotas* (*moderados* ou *exaltados*) e *realistas* (SARMIENTO, Domingos. **Facundo**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923, p. 36).

monopólio do comércio. Buenos Aires, no entanto, já não podia sustentar-se sem o “livre comércio” com os ingleses. Cisneros decidiu finalmente pela abertura dos portos ao comércio estrangeiro³²⁸.

Foi em meio a essa situação que a Primeira Junta assumiu o poder em Buenos Aires. Os comerciantes *realistas* exigiam o fechamento do porto, porém, o bloco econômico que os sustentavam se decompunha. Enquanto estancieiros e comerciantes do litoral aumentavam seus ganhos, o comércio inglês impunha a ruína à economia do interior. Os *monopolistas*, retirados de Buenos Aires, se reforçaram em Montevideú, onde, com apoio do capitão de fragata da marinha francesa Elliot, foi organizado o bloqueio do porto de Buenos Aires. O governo inglês enviou uma esquadra, comandada pelo almirante Courcy, que destruiu o bloqueio e abriu o rio ao tráfego livre³²⁹.

Os comerciantes ingleses e os capitães dos barcos ingleses ancorados em Buenos Aires apoiaram a Junta, com a concordância de lord Strangford, ministro de S. M. Britânica no Rio de Janeiro. O ministro espanhol no Rio de Janeiro, marquês de Casa Irujo, protestou contra a conduta dos ingleses e lamentou que o capitão do *Phenix* embarcasse, presos pela Primeira Junta, *el virrey Cisneros y los oidores de la Real Audiencia*. O comércio paraguaio estava estreitamente vinculado e dependia de Martín de Alzaga³³⁰, um dos mais fortes *monopolistas* espanhóis que nos últimos anos de colônia atuaram em Buenos Aires. O Paraguai não tinha produtos a oferecer ao mercado estrangeiro, apenas erva-mate e tabaco para consumo das populações da América. Ao receberem-se em Asunción notícias da derrubada do vice-rei e instalação *de la Primera Junta*, os partidários de Alzaga procuram conservar o governo nas mãos dos núcleos espanhóis dominantes na colônia.

Até Buenos Aires ser *el almacén de los frutos del Paraguay*³³¹, ao fim dos tempos coloniais, a comercialização da erva passou por profundas modificações. Quando a América hispânica iniciou o longo caminho em busca da independência, houve uma acomodação dos

³²⁸ PUIGGROS, Rodolfo. **Historia Economica...**, *op. cit.*, p. 65-72.

³²⁹ *Ibidem*, p. 75-80.

³³⁰ Martín de Alzaga foi um comerciante e político espanhol, importante por sua participação no rechaço das invasões inglesas. Dedicado ao comércio, tornou-se rico com negócios de tecidos, de armas e com tráfico de escravos. Foi um destacado fazendeiro (estância Bella Vista), membro do cabildo de Buenos Aires a partir de 1775 e *alcalde de primer voto* de 1795 a 1796. Sempre se opôs ao livre comércio. Quando da primeira das invasões inglesas em Buenos Aires, em 1806, pôs sua fortuna a serviço da reconquista. Organizou um grupo de conspiradores, formados também por poderosos comerciantes. Logo depois, Alzaga convocou um *cabildo abierto* que conseguiu substituir do comando militar o vice-rei, que passou a Liniers. Mais tarde, Liniers e Alzaga entraram em conflito. Em 1812, ele foi condenado à morte sumariamente e executado junto com outros espanhóis, acusados de conspiração contra o governo de Buenos Aires. Foi fuzilado com mais trinta homens e seus corpos foram exibidos na Plaza de la Victoria por três dias, num dos mais sangrentos episódios da revolução argentina.

³³¹ MOLAS, Mariano Antonio. In: **La Revista...**, *op. cit.*, t. X, p. 52-69, 1866.

fluxos mercantis. O caminho de Potosi perdeu a importância, enquanto a rota do Pacífico e o polo de atração no Chile ganharam, apesar dos resultados modestos³³². O Paraguai sentiu o isolamento geográfico e político. A erva-mate era o produto essencial para a região. O último e melhor ano de exportação paraguaia foi o de 1816. Saíram de Asunción quase 290.000 arrobas. A partir daí, os portenhos ordenaram o bloqueio total da exportação de tabaco e de erva-mate paraguaia, provocando uma diminuição muito acentuada da exportação³³³.

Tabela 4: Exportação de erva-mate (Kg)³³⁴

Ano	Exportação	Consumo estimado	Produção
	Paraguai	Paraguai	Paraguai
1817	3.220.000	460.000	3.680.000
1818	2.363.043		
1819	1.259.480		
1820	487.198		

Os portugueses de S. Paulo, Cuiabá e Mato Grosso nenhuma vantagem tinham no comércio pelo rio Paraguai. Os artigos, principalmente roupa, que poderiam oferecer aos paraguaios chegavam por preço mais caro que o oferecido por Santa Fe e Buenos Aires. Pelo rio Paraná não circulava moeda. O comércio sobrevivia de troca de erva, tabaco, açúcar, algodão e madeira por panos, *bayetas de la tierra*, que vinham de Buenos Aires com menor preço que a roupa de Castilla³³⁵. Entretanto, muitos se vestiam com tecidos de algodão trabalhados pelas mulheres da província. Como era inexpressivo o consumo de erva no Brasil e os outros produtos também eram produzidos aqui, não havia interesse em buscá-los tão longe. Mulas e cavalos, que poderiam gerar interesse, não eram tão abundantes e faltavam para a produção de erva. Teriam ainda que ser levados a Curuguaty, depois seguir o caminho real até que pudessem passar a nado o rio Paraná e, dali, serem conduzidos aos entrepostos de venda. Os gastos seriam tão elevados quanto o tempo empregado, inviabilizando o negócio. Os portugueses, entretanto, tinham interesse no sal, abundante no Paraguai e escasso no Brasil nesse tempo. Apesar da dificuldade do transporte por mulas, poderia ser trocado por ouro, porém o governo espanhol havia advertido para que o erário evitasse esse contrabando.

³³² GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno...**, *op. cit.*, p. 420-421.

³³³ WHITE, Richard A. La primera revolución radical de América, Paraguay (1811-1840), Ediciones La República. v. VII, Asunción, 1984 (1ª ed. 1974), p. 83, *apud* ARECES, Nidia R. **Estado y frontera...**, *op. cit.*, p. 102.

³³⁴ Fonte: a mesma citada na Tabela 2.

³³⁵ CODHAM, t. IV, Carta de D. Manuel A. de Flores, p. 34-37.

CAPÍTULO 4 – OS INTERESSES DOS PORTUGUESES PELOS ERVAIS

Os caminhos percorridos pelos espanhóis na conquista do Rio da Prata diferiram, pelo resto do século XVI, do percorrido pelos portugueses. Os espanhóis fizeram expedições em busca das decantadas riquezas minerais dos Andes, “onde devia estar situado o *Mbaeverá Guazú*, a terra do Rei Branco, onde abundavam leite e mel”. Os portugueses, no início da conquista, estiveram arraigados ao litoral do Brasil. A comunicação Asunción-S. Paulo data do fim do século XVI, pelo caminho por terra que passava por Botucatu. O grande tronco fluvial dessas expedições portuguesas, no entanto, foi o Tietê-Paraná. O Paranapanema foi evitado por causa da resistência indígena. Os espanhóis diversificaram a navegação por praticamente toda essa região, com maior ou menor intensidade.

Ricardo Franco de Almeida Serra descreveu em 1897 o Paraguai português¹. Esse paradoxo faz parte de um processo de disputa de fronteiras entre Espanha e Portugal, que continuou após a independência. A mesma região, entre o rio Mbotetey e Apa e mais a região entre o Ivinhema e Iguatemi, coincidindo com a região dominada pelos guaicurus nesse tempo, também foi nomeada *baixo Paraguai* durante o Império². Os interesses dos portugueses de S. Paulo não se limitaram à zona ervateira, no entanto, coincidiram em parte com ela, reduzindo as províncias do Paraguai ao menor território possível. Estabelecer esse mínimo foi um processo em que concorreram fatores que não estiveram apenas ao alcance dos portugueses. Mudou a cada conjuntura e foi interpretado diferentemente por cada um dos atores do processo, sem, contudo, ignorarem a existência de uma *nação guarani*.

As explicações para a expansão portuguesa na América estão calcadas em algumas vertentes, mas, especificamente, a expansão da capitania de S. Vicente tem sido explicada costumeiramente pela ofensiva dos mamelucos³ em busca de ouro e escravos índios. Alguns autores discordaram desse paradigma ao defender que essa ofensiva foi motivada pela decisão de expandir a capitania. Entre eles, Jaime Cortesão; porém, com maior ou menor ênfase, foi objeto de análise de muitos pesquisadores. Este capítulo não tem a perspectiva de reforçar essa argumentação e sim de verificar quais os interesses que orientaram a expansão lusa em direção ao Paraguai. Além disso, examinar se os portugueses tinham conhecimento da

¹ SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RTIHGB...**, *op. cit.*, v. VI, n. 22, p. 176.

² Termo utilizado pelo barão de Antonina para nomear a região entre os rios Paraná e Paraguai.

³ “O aparecimento de um tipo humano, mescla de índio com português, uma verdadeira raça de gigantes na definição de Saint-Hilaire, efeito às coisas do sertão teria sido o fator primordial da ampliação do nosso território, no “reco do meridiano de Tordesilhas”. A interpretação traz em si laivos racistas. Assemelha-se, *mutatis mutandis*, com a ideologia expansionista dos americanos do norte” (BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial...**, *op. cit.*, p. 1).

importância comercial da erva-mate e interesse na sua produção, nos tempos coloniais, preenche uma lacuna que ainda persiste na historiografia. Para alcançar esse objetivo, buscou-se precisar como foi a posse e dominação desse território.

O conceito da Ilha-Brasil⁴, ligado ao desvio do meridiano de Tordesilhas para justificar a expansão da soberania portuguesa nesse território, “tornou-se doutrina assente e corrente, ponto de fé entre lusos e luso-brasileiros, durante os séculos XVI e XVII. A sua mesma continuidade durante dois séculos através dos mapas, crônicas e memórias, põe de manifesto os seus intuítos políticos e o seu alcance pragmático”⁵. A capitania de S. Vicente foi a maior entre as doze em que D. João III dividiu a Nova Lusitânia e também a primeira que se povoou. Possuía 100 léguas de costa nas duas porções, uma da foz do Macaé até a foz do Jequeriquerê e outra do rio da Bertiooga até uma das três barras da Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá. Seu primeiro donatário foi o próprio Martim Afonso, após ter fundado São Vicente, a primeira vila do Brasil⁶. Entre as duas porções estava a capitania de Santo Amaro, com 10 léguas de costa, doada a seu irmão, Pero Lopes de Souza, que também recebeu mais duas capitanias: Sant’Anna, com 40 léguas contadas pela costa do mar, e Itamaracá, próxima a de Pernambuco, com 30 léguas. Conservou o nome até o ano de 1710, quando a capitania de S. Paulo congregou as de S. Vicente e Santo Amaro.

Entre 1615 e 1624, Mariana de Souza Guerra, a condessa de Vimieiro, neta de Martim Afonso de Souza e herdeira de sua capitania, teve áspera luta com seu parente conde de Monsanto sobre a jurisdição das terras. Em 1623, este recebeu a posse das terras da capitania de S. Vicente, que abrangia as vilas de São Vicente, São Paulo de Piratininga, Sant’Ana de Mogy e as ilhas de São Sebastião e Santo Amaro (Guarujá). Em 1624, a condessa fez, então, a partir da vila de Itanhaém, uma nova capitania, de Jacarehy até Cabo Frio. O conde de Monsanto passou a ser homem de confiança de D. João IV depois que alguns donatários e seus filhos participaram do movimento da Restauração da autonomia política de Portugal⁷ e foram recompensados por D. João IV. Na figura abaixo (FIG. 38),

⁴ A ideia de que o Brasil seria uma ilha definida pelos sistemas hidrográficos do Amazonas e da Prata, unidos pelo lago *Eupana*, interpretado posteriormente como a lagoa dos Xarayes, apareceu nas cartas portuguesas ou de influência portuguesa – flamencas, francesas, italianas e alemãs – em 1528, na obra *Voyages aventureux du capitaine Jean-Alphonse Saintongeois*, prolongando-se até meados do século XVII.

⁵ CORTESÃO, Jaime. **Raposo Tavares...**, *op. cit.*, p. 45; Ver também: MARQUES, Alfredo Pinheiro. *A Cartografia do Brasil...*, *op. cit.*, p. 447-462.

⁶ MADRE DE DEOS, Gaspar da (frei). **Memórias para a história da capitania de S. Vicente**, hoje chamada de S. Paulo. Lisboa: Typografia da Academia, 1797, p. 29-30.

⁷ Na noite que precedeu o dia de 1º de dezembro de 1640, alguns fidalgos, pela madrugada, assaltaram o Paço e deram morte a D. Miguel de Vasconcelos. Com o título de marquês de Cascais, João Luís Mafra partiu para Paris em 1643, como embaixador extraordinário e como delegado à conferência de Munster, ocupando a seguir

sobre o mapa dos Confins do Brasil, estão representadas a capitania de S. Vicente e a área de ocorrência de erva-mate nativa.



FIG. 38. *Capitania de S. Vicente e ervais nativos*. Figura elaborada pelo autor com base no Mapa dos Confins do Brasil com as terras da Coroa da Espanha na América Meridional, 1749. Nele as medidas de longitude aparecem visivelmente deformadas, estando Cuiabá sob o mesmo meridiano da foz do Amazonas, próxima a qual passaria a Linha de Tordesilhas. Consequentemente, a área de ocorrência de erva-mate nativa também acompanha as deformações do mapa.

Foi a partir de 1627 que se observou um recrudescimento nas atividades cartográficas sobre o Brasil, ainda que o mito da Ilha-Brasil houvesse desaparecido na sua

muitos cargos na administração do reino. Sua grande riqueza permitiu “estandar um fausto principesco” na França.

forma primitiva. Cópias realizadas às pressas corresponderam aos objetivos da Restauração. O rio da Prata até as nascentes do Paraguai, muito remontadas, ficou inteiramente incluído nesse Estado brasileiro ideal⁸. Na carta de Bartolomeu Velho (FIG. 39), de 1561, é visível a configuração da ilha, reproduzida também em outras cartas desse século⁹. Em Atlas do Estado do Brasil, de João Teixeira Albernaz, feito por inspiração do conde de Atouguia¹⁰ e publicado em 1631, os limites definidos pelo Tratado de Tordesilhas chegavam ao rio da Prata. Em Atlas do Brasil de 1640, do mesmo autor, na primeira de suas vinte e nove legendas, que acompanham outras tantas cartas, lê-se: “o Rio da Prata he hum dos mais conhecidos e notaveis do mundo, assi por sua grandeza como por ser unica entrada e sahida da prata e riquezas daquelas provincias por aquellas partes: por elle se demarcão as conquistas de Portugal e Castella e nelle tem princípio a costa do Brasil pela parte austral”¹¹.



FIG. 39. *Qvarta Pars Orbis*, Bartolomeu Velho, 1561.

⁸ Ver CORTESÃO, Jaime. **Raposo Tavares...**, *op. cit.*; **História do Brasil nos Velhos Mapas**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Ministério de Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, 1957.

⁹ Domingos Teixeira, 1575; Arnouldus Fiorentinus, 1595 (FIG. 40); Gerard Mercator, 1609; Janssonius, 1638.

¹⁰ Jerônimo de Ataíde, 6º. conde de Atouguia, foi donatário da capitania de Ilhéus.

¹¹ CORTESÃO, Jaime. **Raposo Tavares...**, *op. cit.*, p. 104.



FIG. 40. Langren/Linschoten, Carta de Arnouldus Florentinus, 1595.

A cartografía se desenvolveu praticamente ao mesmo tempo em que os europeus foram conhecendo a América. A imprecisão dos mapas era fruto, ao mesmo tempo, do desconhecimento do território e da falta de recursos para representá-lo. Porém, houve protestos dos espanhóis pelos erros contidos nas longitudes nos mapas impressos na Holanda ainda no século XVII¹². Por outro lado, a língua guarani ou “língua brasílica” já praticada amplamente antes do período da conquista, foi quem proporcionou a comunicação

¹² *El Consejo de Indias. – Con la otra orden de S. M. de 10 de Noviembre recibió el Consejo copia de otra carta del Abad Maserati y del papel que formo un Cosmógrafo en respuesta del que dió el Abad sobre la materia, [...] lo cual ha ejecutado en dos papeles que ha escrito: en uno probando dilatadamente cómo pertencen á esta Corona las provincias del Río de la Plata que hoy posee S. M., citando los autores, diciendo lo que se le ofrece cerca de la división de los términos de las conquistas de Castilla y Portugal; y el outro en que reservadamente da á entender que el yerro que se tiene en Portugal para la línea de la demarcación del Río de la Plata, es por tomar las longitudes de los lugares por los mapas y globos modernos, los cuales (como dice prueba en el papel delatado) se deben tener por sospechosos y viciados por los informes modernos de Portugal, y así se debe hacer la cuenta por las cartas náuticas, globos y mapas que con ellas concordaren, expresando otras circunstancias; y concluye con poner en consideración el desorden grande que se halla hoy en todos los globos modernos que se imprimen en Holanda, que es el taller de donde se reparten á toda Europa, alterando las situaciones de los Cabos y Enseadas de la América, nacido de la solicitud de Portugal, con mira de poner en su demarcación á casi todo el Perú, y así juzga por digno se tomase este punto con toda actividad, quejándose de la poca fidelidad de los fabricantes de dichos globos y mapas, para que produzcan las tierras á sus verdaderas situaciones; pues siempre que se llegue á la decisión de este punto es preciso sean ellos los jueces, no habiendo otro medio demonstrativo del asunto – Madrid, 1º. de Diciembre de 1680 (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 3, 1918, p. 343-344).*

intercultural fundamental para o sucesso de portugueses e também de espanhóis na bacia platina. Os europeus tiveram muitos filhos com índias e essa foi a língua materna dos seus filhos. As missões religiosas também utilizaram a língua guarani como instrumento de catequização indígena. Muitas vezes os irmãos serviam de intérpretes para as doutrinas, peregrinações e confissões, tanto dos mestiços como das mulheres e filhos dos portugueses, principalmente nas confissões gerais, porque os padres chegavam ser saber a língua da terra. O domínio da língua geral firmou-se com os mamelucos¹³, pois quase todos falavam apenas esta língua e não sabiam o português. A partir da segunda metade do século XVII, essa língua, já bastante modificada pelo uso corrente, passou a ser efetivamente a língua geral. Até que, por decreto de 1775, o marquês de Pombal proibiu seu uso no Brasil. Iniciou-se, a partir de então, o processo de imposição da língua portuguesa.

4.1 BANDEIRAS, PORTUGUESES E MAMELUCOS PAULISTAS

Durante os reinados coincidentes de Carlos I de Espanha¹⁴ (1516-1556) e de D. João III (1521-1557) em Portugal, Martin Afonso de Souza partiu de Lisboa com 400 homens, portugueses, alemães, franceses, italianos. Nas vésperas da partida para o Brasil, o rei lhe concedeu a faculdade de passar sesmarias por alvará do dia 20 de novembro de 1530. As notícias de busca de ouro e embates com “os bárbaros Carijós, senhores do país existente ao Sul do Rio da Cananéia”¹⁵, foram dos primeiros tempos da conquista portuguesa. Pero Lopes de Souza foi incumbido pelo irmão de comandar uma expedição ao rio da Prata. Navegando Paraná acima, chegou até as baixadas dos *carandins*¹⁶, região onde posteriormente foram fundadas Entre Ríos e Corrientes¹⁷. A pedido do “Capitão Mor e Governador em todas estas terras do Brasil”, o rei de Portugal criou, dois anos depois, as doze primeiras capitanias

¹³ Jesuítas como Dobrizhoffer representaram os mamelucos por outro lado: *son una gente entremezclada de Portugueses, Holandeses, Franceses, Italianos, Alemanes etc. unidos con mujeres brasileñas y que se distinguen por la habilidad con que manejan el fusil, su audacia en el latrocinio y por esto fueron designados con el nombre extranjero Mamelucos. [...] Por sus invasiones, en muchos años repetidas tantas veces, diversas localidades quedaron devastadas por completo [...]. Los ladrones ataron con sogas y cadenas a los Guaraníes habitantes de estas localidades excepto los pocos huidos, y los arrearon en rebaños como al ganado, hacia Brasil, para servir por el resto de sus días en los cultivos de azúcar, mandioca, algodón, tabaco y minas* (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I, (1784) 1967. *De los mamelucos brasileños, destructores de los pueblos guaraníes y cazadores de indios*).

¹⁴ Carlos de Habsburgo (1500-1558) foi também Carlos V, Imperador do Sacro Império Romano Germânico.

¹⁵ MADRE DE DEOS, Gaspar da (frei). **Memórias...**, *op. cit.*, p. 85.

¹⁶ *Querandis*. Estavam cobertos das peles das cabeças das onças, com dentes e tudo. Schuller levanta a hipótese de serem gentio *payaguá* ou, talvez, *charrúa* (AZARA, Felix de. **Geografía física y esférica...**, *op. cit.*, t. I, (1790) 1904. Prólogo).

¹⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **Diário de Navegação de Pero Lopes de Sousa: 1530-1532**. Lisboa: Sociedade Propagadora de Conhecimentos, 1839, p. 48.

hereditárias, de Pernambuco para o sul¹⁸. Demorou mais dois anos para serem lavradas as cartas de doação das capitanias. No final do reinado desse monarca foi fundado São Paulo de Piratininga. Felipe de Habsburgo e Avis, filho do Imperador, regente desde 1543, tornou-se rei Felipe II de Espanha em 1555. Com a união das Coroas, tornou-se também rei de Portugal¹⁹, como Felipe I. Em 1598, com seu falecimento, foi sucedido por Felipe III de Espanha ou Felipe II de Portugal, que reinou até 1621. Sucedeu-o Felipe III de Portugal que governou até a Restauração, em 1640; continuou, no entanto, como rei da Espanha até 1665.

O capitão-mor Jerônimo Leitão, loco-tenente do donatário Martin Afonso de Souza, propôs em 1585, a quem se sentisse ameaçado, fazer guerra campal aos carijós²⁰. Ao findar o século XVI, não havia na vila de São Paulo senão 190 fogos permanentes, ou cerca de 1.500 almas ao todo. Na capitania seria o dobro do número de habitantes, que se elevaria a vinte mil pelo fim do século XVII. O “descimento do gentio” aos poucos foi se tornando o meio de vida dos paulistas²¹. O ciclo do ouro, que inicialmente motivou a busca de escravos através de bandeiras, contribuiu posteriormente para seu fim ao se abrir nova atividade rentável para os mamelucos paulistas, no momento em que a antiga deixava de ter respaldo político. Fernão Paes de Barros, em 1611, e Sebastião Preto, no ano seguinte, sofreram reveses nas investidas contra Ciudad Real. Sete anos depois, Manuel Preto²² repetiu suas bandeiras contra as reduções guairenhas e, durante cinco anos, arrebanhou grande número de cativos. Em 1620, Manuel Preto foi impedido de exercer o cargo de vereador porque estava processado como chefe das entradas ao sertão e pelas violências praticadas em tais funções.

¹⁸ “... segundo o Conde da Castanheira vos escrevera, determinei de mandar demarcar de Pernambuco ate o Rio da prata cincoenta legoas de Costa a cada Capitania, e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar para vós cem legoas, e para Pero Lopes vosso irmão cincoenta nos melhores limites dessa Costa por parecer dos Pillotos, e de outras pessoas...” (Carta para o capitão-mor dar terras de sesmaria (1532), *apud* MADRE DE DEOS, Gaspar da (frei). **Memórias...**, *op. cit.*, p. 79).

¹⁹ Antes dele, governaram Portugal os Reis D. Sebastião I e D. Henrique I.

²⁰ “Porquanto os que os paulistas traziam do sertão, não eram tapuyas bárbaros, senão indios aldeados, com casa, lavouras, e seus maioraes, a quem obedeciam, e os governavam com vida deste modo humana, e a seu modo política. E quanto menos se não devem esquecer das muitas mil almas, que trouxeram de duas reduções do Paraguay, onde todos eram christãos e os vieram seguindo, como seus pastores, o padre Simão Maceta, e o padre Justo Manzilla” (VIEIRA, Antonio. **Obras várias...**, *op. cit.*, p. 246).

²¹ *Este comercio de seres humanos les reportaba anualmente muchos miles de pesos, pero también acabardaba a los indios por completo en aceptar el cristianismo* (DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I, (1784) 1967. *De la servidumbre de los indios, ya prohibida o ya atemperada por la legislacion real*).

²² Manuel Preto faleceu em 1630. Filho de portugueses, seu pai foi Antônio Preto, que veio com a armada de Diogo Flores Valdés, em 1582. Começou a participar de bandeiras ainda adolescente e, desde 1619, como mestre de campo, assaltou as reduções jesuíticas. O donatário da capitania de São Vicente, D. Álvaro Pires de Castro e Souza, Conde de Monsanto, lhe recompensou com a patente de governador das ilhas de Santana e Santa Catarina, pela sua atuação na invasão de Guairá, em 1628 (CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. **Dicionário de Bandeirantes...**, *op. cit.*, p. 324).

O conde de Monsanto, João Luís Mafra, donatário das capitânicas de Itamaracá, Santo Amaro e Sant'Ana²³, convidou Fernão Vieira Tavares, em 1618, para assumir o governo da capitania de Santo Amaro. Este trouxe seu filho, Antônio Raposo Tavares²⁴, então com 18 ou 20 anos, para o Brasil. Dois anos depois, Pedro Vaz de Barros foi nomeado capitão de São Paulo e Antônio Raposo Tavares, André Fernandes, Antônio Pedroso e Francisco de Melo Coutinho, foram nomeados capitães de companhia. Como capitão de ordenança, Raposo Tavares ficou a serviço do donatário na defesa da capitania.

Luiz de Céspedes y Xeria foi designado governador do Paraguai em 1628. Em Salvador ficou aguardando oportunidade para descer até o Rio de Janeiro onde conheceu e casou-se com D. Vitória, filha do capitão Gonçalo de Sá, irmão do governador Martim de Sá. Em vez de seguir pelo rio da Prata, preferiu tomar o caminho por Mbaracayú. Quando presenciou os preparativos da bandeira de Raposo Tavares, advertiu que apenas ele tinha licença real que permitia viagem ao Paraguai pelo interior, passando pelas missões jesuíticas de Guayrá. O governador permaneceu ainda um mês no porto do Tietê, fazendo três batelões, com os quais desceu o rio Tietê. Visitou as reduções de Loreto e San Ignacio e voltou ao rio Paraná. Chegando a Ciudad Real, fez uma carta denunciando os paulistas. Entrou logo depois em atrito com os jesuítas que o acusaram, mais tarde, de favorecer os portugueses, facilitando a destruição das reduções e a preia dos índios.

Antônio Raposo Tavares cuidou de organizar uma bem montada bandeira, com 900 vizinhos de S. Paulo e 2.200 índios tupis, organizados em quatro companhias, contingente superior aos possíveis lutadores mobilizados pelos missionários. A primeira companhia ficou sob o comando dele próprio. As outras, dos capitães Pedro Vaz de Barros, Brás Leme e André Fernandes. Manuel Preto foi como mestre de campo das quatro. Partiram em 1628 para o Guayrá. Ficaram em São Paulo de Piratininga apenas 25 homens, excluindo velhos e crianças²⁵. Dois meses depois, Antonio Bicudo assenhorou-se de San Miguel, onde não

²³ Que também exerceu o cargo de provedor-mor da fazenda real de Portugal até seu falecimento em 1622. A capitania de Santo Amaro e Terras de Sant'Anna continuou com seus descendentes; foi confirmada pelo rei a D. Luiz de Álvares de Tayde Noronha Souza, 7º. conde de Monsanto e 2º marquês de Cascaes, em 1692; em 1708, José de Góis e Morais, filho de Pedro Taques de Almeida, propôs ao conde de Monsanto comprar a capitania de Santo Amaro e Terra de Sant'Anna, que foi acertada pelo preço de 40 mil cruzados e mais 4 mil de luvas pelas cinquenta léguas da antiga capitania de Pero Lopes de Souza; em 1711, o rei de Portugal fez nova proposta ao conde de Monsanto, em nome da Coroa portuguesa, no total de 44 mil cruzados. A escritura de venda foi assinada e feito o termo perante a câmara da cidade de São Paulo em 1714.

²⁴ Antônio Raposo Tavares nasceu em Beja, freguesia de São Miguel, no Alentejo, em 1600 (ou 1598). Casou-se em São Paulo com Beatriz Furtado de Mendonça.

²⁵ Em maio de 1632, o vice-rei do Peru, Luis Jerónimo Fernández de Cabrera y Bobadilla, Conde de Chinchón, propôs, em carta a S. M., a compra da povoação de São Paulo aos herdeiros de Pero Lopes de Souza, ou, pelos muitos delitos que seus habitantes haviam cometido, fosse destruída (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 1, 1912, p. 471-473).

encontrou nenhum dos moradores, dispersos pelo padre, para evitar a prisão em massa. Também em Jesús Maria aconteceu o mesmo, quando atacada por Manuel Morato. Daí por diante, os missionários optaram por emigrar com os indígenas *poblados*. Uma vez iniciadas as hostilidades contra as reduções jesuíticas, prosseguiram as investidas até que se apagasse qualquer indício de posse castelhana a leste do rio Paraná. O Mapa Corographico da capitania de S. Paulo²⁶, de Antonio Roiz Montezinho, assinalou um dos caminhos das bandeiras que, vindos de Botucatu, bifurcava depois do rio Ivaí: um caminho passava pelo Salto Grande e outro pelas cataratas do Iguaçu. Como não foi assinalada Villa Rica, no Guayrá, ou outra referência para uma localização mais exata, pode ser considerado como um indicativo da direção desses caminhos e não o seu percurso. Cinco anos depois, Raposo Tavares tomou posse do cargo de juiz ordinário da vila de São Paulo, que, logo, abandonou para assumir o cargo de ouvidor da capitania de S. Vicente. Em dezembro, o governador Diogo Luís de Oliveira, atendendo às queixas dos jesuítas²⁷, privou-o, como também os suboficiais da câmara paulistana, dos respectivos cargos. Ordenou-lhes também que devolvessem aos jesuítas a administração da aldeia de Maruí, próxima a São Paulo, tomada de assalto no início do ano, expulsando os padres e levando os índios²⁸.

A Restauração de 1640, festejada em Portugal, também foi no Brasil, porque os paulistas não se preocupariam mais com a execução dos rigorosos dispositivos pela escravização do gentio, ajustados no ano anterior em Madrid. Pelo contrário, beneficiaram-se da política da Coroa portuguesa, reconquistada por D. João IV. Não por acaso, os jesuítas foram expulsos de S. Paulo. Em 1638, Francisco Dias Taño e Antonio Ruiz de Montoya estiveram em Madrid e Roma para buscar apoio contra os ataques às reduções do Paraguai. Obtiveram autorização legal do Papa Urbano VIII para armar e treinar os índios em sua defesa. No ano seguinte, os paulistas sofreram o revés de Mboreré. Os guaranis derrotaram a

²⁶ Mapa Corographico da Capitania de S. Paulo, que por ordem do Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor Bernardo José de Lorena, Governador e Capitão General da mesma Capitania, levantou o Ajudante e Engenheiro Antonio Roiz Montezinho, conforme suas observações feitas em 1791 e 1792. BNRJ.

²⁷ Raposo Tavares foi excomungado pelos jesuítas. Foi então ao Rio de Janeiro, sede da ouvidoria-geral, e obteve a absolvição e a reposição do cargo. Santiago de Xerez teria sido destruída em 1636, ano em que Raposo Tavares estaria, como capitão-mor, à frente de nova bandeira para destruir Tape, regressando no ano seguinte. Dois anos mais, ele teria recebido carta de data de sesmaria, do capitão-mor de S. Vicente, Antônio de Aguiar Barriga, em nome do conde de Monsanto. Em 1639, teria sido incorporado como capitão de companhia na bandeira que o conde da Torre mandou levantar para socorrer a Bahia. Após a Restauração portuguesa, ele esteve ainda no reino de Portugal, como procurador dos vereadores e dos moradores da vila de Parnaíba, de 1642 a 1648, com poderes gerais de representação, que só podia ter como motivo a questão dos índios. Antônio Raposo Tavares faleceu em 1658.

²⁸ *Conde Señor de S. Pablo (Conde de Monsanto), diciendo que por su orden y mandato quan alli a echar los sacerdotes y hazer tales insultos, y de mucho de lo referido soy testigo de vista...* (CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Tape...**, op. cit., p. 139-141. XIII – *Carta escrita por el Pe. Diego de Baroa de la Compañia de Jesús al Rey Nuestro Señor pidiendole que remedie la insolencia de los Portugueses de San Pablo fecha en la Tierra del Uruguay a 28 de Enero de 1637*).

bandeira de Jerônimo Pedroso de Barros e Manoel Pires. A partir daí, as bandeiras se desviaram para o norte do Brasil, até porque foram intensificadas as missões jesuíticas nessa região. Os mapas da segunda metade do século XVII (FIG. 41) mostram o Brasil antes da expansão, ocorrida no século XVIII. O intervalo entre o fim das bandeiras de destruição e as novas tentativas de expansão em direção ao Paraguai foi de quase um século, entremeadado por tratados de limites.

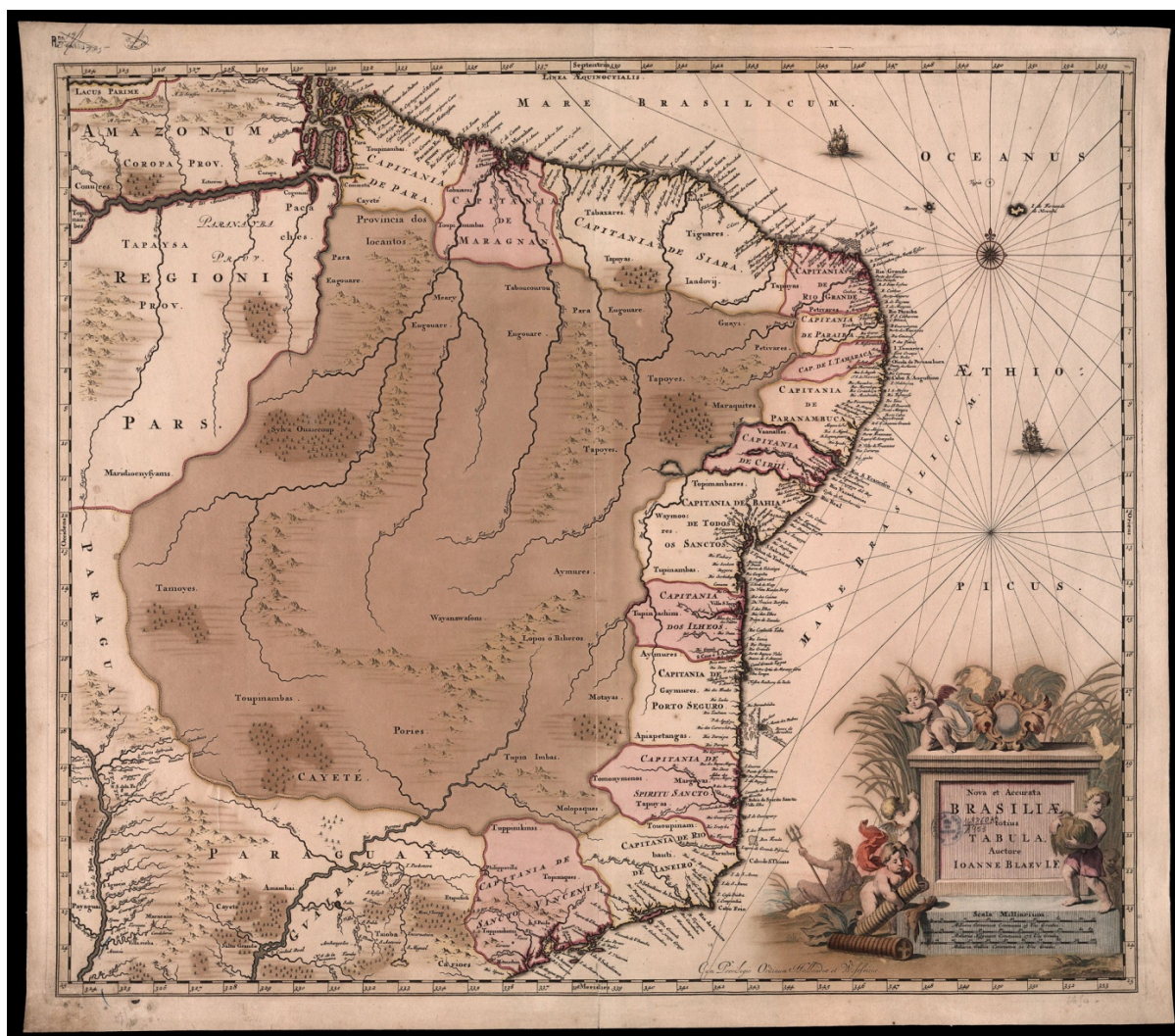


FIG. 41. *Nova et accurata Brasiliae totius tabula*. 1689. BLAEU, Joan (1596-1673). BNRJ.

Villa Rica del Espiritu Santo sempre dominou ampla região ervateira, porém, ficou mais próxima da atividade após transmigrar para Mbaracayú. A bandeira de Francisco Pedroso Xavier saiu de São Paulo em fevereiro de 1675. “Era um verdadeiro exército”²⁹.

²⁹ Eram seus oficiais, como imediato, Francisco de Camargo Santa Maria, o *Tigre*, e como capitães, João Lopes de Lima e Gaspar de Godói; alferes, José das Neves e Baltazar de Godói; o capelão era o carmelita Baltazar de Godói, homônimo do alferes (CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. **Dicionário de Bandeirantes...**, *op. cit.*, p. 441).

Quando, um ano depois, invadiu a província de Mbaracayú, centralizou suas ações em San Pedro de Terecañy. As levas de prisioneiros seguiram daí para o porto do rio Amambaí, pelos sertões adentro. Os guaranis de San Francisco de Ybyrapariyára e Candelaria também se entregaram sem resistência³⁰. Ruy Diaz de Melgarejo, *teniente* da Villa Rica de Espiritu Santo, soube da aproximação de Pedroso Xavier quando este já havia aprisionado 400 índios. Solicitou auxílio imediato. Há quatro anos, Asunción sofria hostilidades dos *mbayás e de los demas infieles fronterisos*, que molestavam e empobreciam a população da capital. Entretanto, o conselho de guerra, convocado pelo governador Rexe Gorbacán, decidiu mobilizar a população em geral e escolheu o sargento-mor Juan Diez de Andino para, à frente de 400 soldados e 708 índios, enfrentar essa bandeira. Ciente da marcha da expedição, Pedroso Xavier empreendeu retirada três dias antes. Ele soltou então Monjelos³¹, seus filhos e escravos que restaram³², retirando-se em busca das canoas, cavalos e lavouras que tinham no rio Amambaí, para descerem até o rio Paraná e passararem a outra margem, onde tinham seu arraial principal.

Andino também resolveu apressar a investida. Em cada localidade retomada deixou guarnição que restaurasse a confiança nos raros moradores que haviam escapado da captura. Atravessou o primeiro braço do rio Iguatemi, cinco dias depois da passagem da bandeira. Ao transpor o quarto braço do rio Iguatemi, a sua vanguarda observou forças contrárias a duas léguas e meia. Três tupis aprisionados confirmaram que o acampamento procurado estava próximo e que os prisioneiros já tinham sido conduzidos para o porto de embarque no rio Amambaí. Considerando que em quinze dias a tropa havia percorrido cento e cinquenta léguas e estava cansada, Andino reuniu os chefes para consulta. Receosos de que os inimigos pretendessem retirar-se à noite, sem luta, decidiram investir em seguida. Atravessaram o rio e foram recebidos com cerrado fogo de *mosquetería*, conseguindo atingir o reduto contrário. Instigaram com avanços e recuos até o lusco-fusco. Ao descer da noite, acamparam em melhor sítio. No dia seguinte a iniciativa coube aos paulistas, entrincheirados na mata, onde as árvores, derrubadas de propósito, impediram a manobra dos combatentes montados. Ficaram os paraguaios na defensiva³³. Para evitar revés, Andino ordenou a retirada³⁴. Um número

³⁰ ANA-SH, v. 5, n. 17, 1676. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 67-114.

³¹ “Pelos annos de 1680 de Manjaló de S. Paolo com a sua Bandeyra entrou pelo rio Jaguary, ou Avinheyma, e correndo as Campanhas qe. Rega ó rio Cochim athe ó Rio Botetey, dali pasou ao rio Caey, e correndo todas as terras ente o Amambay, Guatemy, vay por vários Casos que lhe aconteceraó se pasou refugiado ao Paraguay onde viveo muitos annos” (SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 607. *Carta do governador e capitão general D. Luis Antonio de Souza, datada de 17 de Julho de 1771, respondendo ao governador do Paraguay*).

³² Dois negros e duas negras de Angola e quatro índios. Quatro morreram e três fugiram.

³³ ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. IX, 1901, p. 93.

próximo de quatro mil índios foi levado para São Paulo³⁵, além de cavalos e bens das igrejas saqueadas. A falta de índios reduziu de imediato a produção de erva.

O depoimento de Juan Monjelos Garcez³⁶, dado em Candelaria em 1676, retratou seu envolvimento com a bandeira³⁷. Segundo ele, Francisco Pedroso Xavier desceu o Tietê, iniciando a peregrinação para capturar índios infiéis. Quando mudou de rumo para ir de preferência aos aldeamentos já domesticados, provocou protestos de vários companheiros, que regressaram a Piratininga. Ele, Monjelos, no ano anterior, “por ser *moedero* falso”³⁸, vinha fugindo da vila com os filhos Domingos e Francisco, com quinze escravos³⁹ e dois índios. No caminho encontrou-se com Manuel Corrêa, que voltava com índios aprisionados *en el sertón de los yapayas*, ao norte, *sitio antiguo de la ciudad de Jerez*. No rio Paraná, deparou-se com uma roça cuidada por dois portugueses e alguns indígenas, que estavam por conta à espera de Antônio Soares. Soube que a bandeira estava dez dias de avanço, rio abaixo. Chegou a Guayrá, saltou em local que julgou propício e inutilizou as canoas, para evitar a fuga dos escravos, e internou-se na mata. Zanzou inutilmente até que resolveu fazer nova canoa para procurar pelo Iguatemi. Encontrou Pedroso Xavier e foi levado ao seu acampamento.

A bandeira desceu o rio Paraná até a foz do Iguatemi, onde saltaram para abrir roça na mata, em que se ocuparam 20 dias. Após duas semanas pela morraria sombreada de floresta, saíram em um descampado além de um dos braços do Iguatemi. Tomaram rumo a Curupayty, onde três *pueblos* pequenos se entregaram sem resistência. Os seus 200 habitantes aceitaram o jugo e deram parte de mais cem internados na mata. Guiados por 30 índios

³⁴ Carta d D. Andrés de Robles, Gobernador de Buenos Aires, escrita por el gobernador del Paraguay, D. Phelipe Rexe Gorbalán. 20 de mayo de 1676 (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 3, 1918, p. 114-115).

³⁵ Carta del General D. Juan Diez de Andino á S. M.– Dándole cuenta de la salida que hizo en persecución de los portugueses mamalucos del Brasil, á causa de la invasión y asolación que hicieron en la Villa Rica del Espíritu Santo y sus pueblos de indios adyacentes: llevándose 4.000 almas de todo gentío, por el mes de Febrero de 1676. Asunción del Paraguay, 24 de mayo de 1676 (*Ibidem*, p. 115).

³⁶ Monjelos era um espanhol diferenciado; frequentou a Universidade de Alcalá de Henares e, em 1652, graduou-se bacharel em artes. Em 1654 e no ano seguinte, estudou medicina na mesma universidade. Em 1658, começou a vida de soldado. Preso, foi a Lisboa. Três meses depois foi libertado para ser professor do filho do general Salvador Corrêa de Saa e Benevides. Viajou com eles para o Brasil em 1659, quando este tornou-se governador-geral do Rio de Janeiro pela terceira vez. Foi para a vila de S. Paulo em 1660 e logo casou-se; teve oito filhos (*Ibidem*, p. 102-105 e 114).

³⁷ ANA-SH, v. 5, n. 17, 1676. SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, op. cit., p. 66-114; CORRÊA FILHO, Virgílio. **História de Mato Grosso...**, op. cit., Livro/MEC, 1969, p. 168-171.

³⁸ Monjelos, apesar de estar praticando medicina em Asunción, para onde foi, junto com Andino, para tratar dos feridos na batalha do rio Amambaí, tornou-se suspeito aos olhos do governador Rexe Gorbalán. Com base em depoimentos que disse ter ouvido de dois moradores de S. Paulo, o remeteu preso para Buenos Aires, junto com os denunciadores (Carta de Phelipe Rexe Gorbalán, de 20 de outubro de 1677, Anais do Museu Paulista, v. I, p. 400, *apud* CORRÊA FILHO, Virgílio. **História de Mato Grosso...**, op. cit., p. 187).

³⁹ Sete negros, duas negras, quatro índios e duas índias; depois veio sua mulher, com seus outros filhos (SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, op. cit., p. 106).

escolhidos em Curupayty, prosseguiram, até saber que, na ocasião, Ipané, Caaguazú, Atyrá e Guarambaré estavam despovoados. Retrocederam e, no meio do caminho, resolveram ir em busca de San Pedro de Terecañy. Foram acolhidos festivamente pelos nativos, a ponto de 60 índios que estavam *en los yerbales en el veneficio general deste año se vinieran a entregar a los portugueses*. Souberam que a gente de Ipané e Guarambaré fora transferida para um *pueblo* a meio de caminho de Villa Rica a Asunción. Foram informados também de que Villa Rica distava mais de 40 léguas da capital e que não dispunha de 200 combatentes e nem poderia ser facilmente socorrida, por causa da ameaça dos guaicurús. À frente de 60 portugueses e 200 tupis, João de Lima e Gaspar de Godói se incumbiram de surpreender a gente de Ybyrapariyára. Atacam Candelaria e seguiram para Villa Rica. Pedroso despachou 13 portugueses para ir de encontro aos índios de Mbaracayú, quando foi avisado da formação da coluna de Andino⁴⁰. Imediatamente, ele iniciou a retirada. Mongelos afirmou que os portugueses eram 108, que *trayan tres banderas* e 500 índios. Não confirmou, portanto, a entrada de Francisco Pedroso Xavier até Asunción⁴¹, mencionado por Morgado de Mateus, o que coincide também com documento do cabildo de Asunción⁴².

O padre Nicolás del Techo, superior das doutrinas no Paraguai, Paraná e Uruguai, afirmou que os portugueses de S. Paulo, acompanhados de mamelucos e tupis, tomaram Villa Rica del Espíritu Santo⁴³, desarmando todos os espanhóis e demais habitantes; *que por ser pocos y divididos algunos en el beneficio de la hierba, lo pudieron ejecutar*. Pediu armas para

⁴⁰ *Carta del Gobernador del Paraguay, D. Phelipe Rexe Gorbalán, á S. M. – Informa cómo 80 portugueses de San Pablo y 2.000 tupíes sorprendieron cuatro pueblos de la Villa Rica, de aquel gobierno, y desarmaron los españoles de ella. Manifiesta el peligro que corren todas las provinicas, y la misma Asunción, por la increíble cobardía de sus defensores. Dice que salió D. Juan de Andino con 400 españoles y poco menos de 1.000 indios amigos contra ellos; pero duda que les dé alcance. Que otro trozo de portugueses y tupíes se quedó en Terecañi y en los pueblos de la Candelaria, Viraparaiaira y Mbaracayú. – San Juan de Vera de las Siete Corrientes. 4 de abril de 1676* (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 3, 1918, p.110).

⁴¹ “As grandes Expediçaens de Francisco Pedroso Xavier, morador da Villa de Parnayba, acontecidas pelos annos de 1670 e seguintes, o qual depois de dominar muitas naçoens de Yndios Brabos deste Certaó, entrou com mao armada a Cidade de Assumçaõ de Paraguay, e agregou grande numero de Yndios de sua Vicinhança, de sorte que vindo sobrelle ó Governador da Cidade de Corrientes, sobre nome Andino, com forza de armas e muita Gente os Paulistas se ficeraõ fortes em hunha mata donde ficeraõ fogo tão vivo, étuó terrível sobre elle, que com perda de Outocentos mortos o ficeraõ retirar” (SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 606-607. *Carta do governador e capitão general D. Luis Antonio de Souza, datada de 17 de Julho de 1771, respondendo ao governador do Paraguay*); Juan Diez de Andino, por sua vez, afirmou que, nessa ocasião, os portugueses chegaram até Caaguazú (*monte grande*), a 40 léguas de Asunción, e teriam chegado adiante, se não tivessem sido combatidos por ele, em batalhas dos dias 19 e 20 de março de 1676, *en las montañas de la Mambay* (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, *op. cit.*, v. 3, 1918, p. 456).

⁴² ANA-SH, v.5 n.17, 1676. *Acuerdo del Cavildo Justicia y Regimiento de esta ciudad de Assumpcion a cuyo cargo corre el Ympedimento del sargento mayor Dn. Felipe Rege Corvalán Governador y Capitan General de ella efecto de combocar a los Jefes militares a consejo de Guerra, y meditar en el, el modo de expulsar los Portugueses, y Mamelucos de Sn. Pablo de su servicio militar en cantidad de 3.000 hombres comandados por Francisco Pedroso quienes poseyan ya los Pueblos de Terecañi, Ybira pariyara, Candelaria y en notable Riesgo la Villa Rica del espíritu santo.*

⁴³ Ele se refere aqui a província de Mbaracayú e não à vila especificamente.

os indígenas e o governador concedeu 14 arrobas de pólvora, seis de balas e 180 mosquetes e arcabuzes, para defender os sete *pueblos* da província. Porém, os quinze *pueblos* da província do Rio da Prata ficaram sem defesa, *con perigo de ser despoblados*⁴⁴. O vice-rei do Peru reiterou o pedido ao rei da Espanha⁴⁵.

Também estiveram nas províncias do Paraguai, nessa mesma época, Luís Pedroso Barros e, depois, Manoel Dias da Silva, o Bixira, português de Aveiro. Manoel de Campos Bicudo⁴⁶, filho de português e mãe paulista, esteve nos sertões do rio Paraná e rio Paraguai, entre 1670 e 1673. Em 1680, Francisco Dias Mainardi, filho de italiano e mãe paulista, percorreu os rios Ivinhema e Amambai⁴⁷. Outras bandeiras voltaram ao Paraguai, como a de Ascenso Quadros e a de Fernão Dias Pais. Quando o mestre de campo Salvador Marécós foi enviado para o reconhecimento dos campos de Xerez em 1681, a mando do governador Juan Diez de Andino, encontrou portugueses alojados⁴⁸, com índios tupis e roças, e soube que tinham oitenta canoas no rio Mbotetey⁴⁹. Em 1688, ele voltou ao mesmo lugar, por ordem do governador Francisco de Monforte, e encontrou-os novamente, instalados no sítio da antiga Xerez⁵⁰. Segundo Taunay, permaneceram nesse lugar, em sítio entrincheirado, até a descoberta de ouro em Cuaibá⁵¹. Encontrou-os Antônio Pires de Campos⁵², que mostrou a

⁴⁴ *Exhortatorio del P. Nicolás del Techo, Superior de las doctrinas que tienen los Padres de la Compañía de Jesús en el Paraguay, Paraná y Uruguay, á D. Andrés de Robles, Gobernador del Río de la Plata. – 10 de mayo de 1676* (PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 3, 1918, p. 110-112).

⁴⁵ *Carta del Virrey del Perú, Conde de Castellar, Marqués de Malagón, á S. M. – Refiere que el 14 de Febrero de 1676 llegaron estos portugueses en tropas; [...] que junto á la dicha Villa, el Teniente de gobernador se puso en sus manos, y de bajo de paz le prendieron y obligaron á que desarmase los vecinos y entregase las armas, dando palabra el Capitán portugués, llamado Francisco Pedroso Javier, de que no entraría en la villa; y se llevó 4.000 indios, algunos caballos y ganado. [...] Representa lo expuestas que se hallan las reducciones que tienen los Padres de la Compañía de Jesús en el Paraná, por falta de armas, viéndose obligado á trasladar sus indios para librarlos del furor de los portugueses. Hace historia sobre el haberles quitado las armas y la necesidad de su devolución. Lima, 23 de diciembre de 1676* (*Ibidem*, p. 122-123).

⁴⁶ Faleceu em São Paulo em 1722. Seu filho, Antonio Pires de Campos, o Pay Pirá, quando jovem, acompanhou o pai até a serra dos Martírios, no rio Paraupeva.

⁴⁷ “Pelo mesmo tempo entrou tambem Andre de Frias Saveira natural da Ysla da Madeira, é Geronimo Ferras natural da Villa de Sorocaba; [...] ficou Prisioneiro Gabriel Antunez, que muitos annos viveo na Cidade de Assumção, donde pasou a Lima, e dali embarcando pa. Espanha arribou á Bahia, e de la voltou outra vez pa. S. Paulo. Em 1698 houve grande Expedição qe. por mandado de Artur de Saa Meneses General desta Capitania, levou o thenente General Gaspar de Godoy Colasso com ó destino de varias empresas, e diligencias para as Campanhas de Vacaria, Cordillera de Maracayú, e margens do Guatemy, as quaes cumprio, e executou exactamente como lhe fou ordenado. Em 1720 Domingos Leme, Lourenzo Leme e Joaó Leme povoarão Camapuan, e correraó sem contradiação alguma o terreno que discorre entre as margens do Guatemy” (SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, op. cit., p. 607. *Carta do governador e capitão general D. Luis Antonio de Souza, datada de 17 de Julho de 1771, respondendo ao governador do Paraguai*).

⁴⁸ Comandados pelo sorocabano Pascoal Moreira Cabral Leme e pelo *guayreño* André de Zúñiga y Leon.

⁴⁹ PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañía...**, op. cit., v. 3, 1918, p. 442.

⁵⁰ LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista...**, op. cit., t. III, 1874, p. 383.

⁵¹ TAUNAY, Afonso de E. **História Geral...**, op. cit., t. X, 3ª parte, 1949, p. 4.

⁵² Antônio Pires de Campos, desde adolescente, em 1673, tomou parte de entradas, inicialmente com o pai, nessa região. Faleceu em Itu, em 1749, com noventa anos de idade (CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. **Dicionário de Bandeirantes...**, op. cit., p. 103).

eles as centenas de algemados que conseguira na excursão de que regressava; contou-lhes que se adiantara até a barra do Coxipó, onde arrasou, sem dificuldades, grande aldeamento. Pascoal Moreira entusiasmou-se e decidiu seguir-lhe as indicações.

Segundo memorial enviado ao rei pelo padre Francisco Burges, procurador-geral da província do Paraguai, de princípios do século XVIII, relatando a invasão de Chiquitos pelas bandeiras de Jerônimo Ferraz de Araújo e de André de Frias Taveira em 1691, o percurso realizado pelos invasores começou pelo sítio da antiga Xerez, meia jornada acima do rio Imunciná. Remontaram esse rio ao todo por oito dias. *Prosiguiron su viagem a pie, y despues de doce medias jornadas en las hermosas campiñas de Xerez, llegaron al Rio Boimboy, que se descarga al norte, en el Rio Paraguay*⁵³.

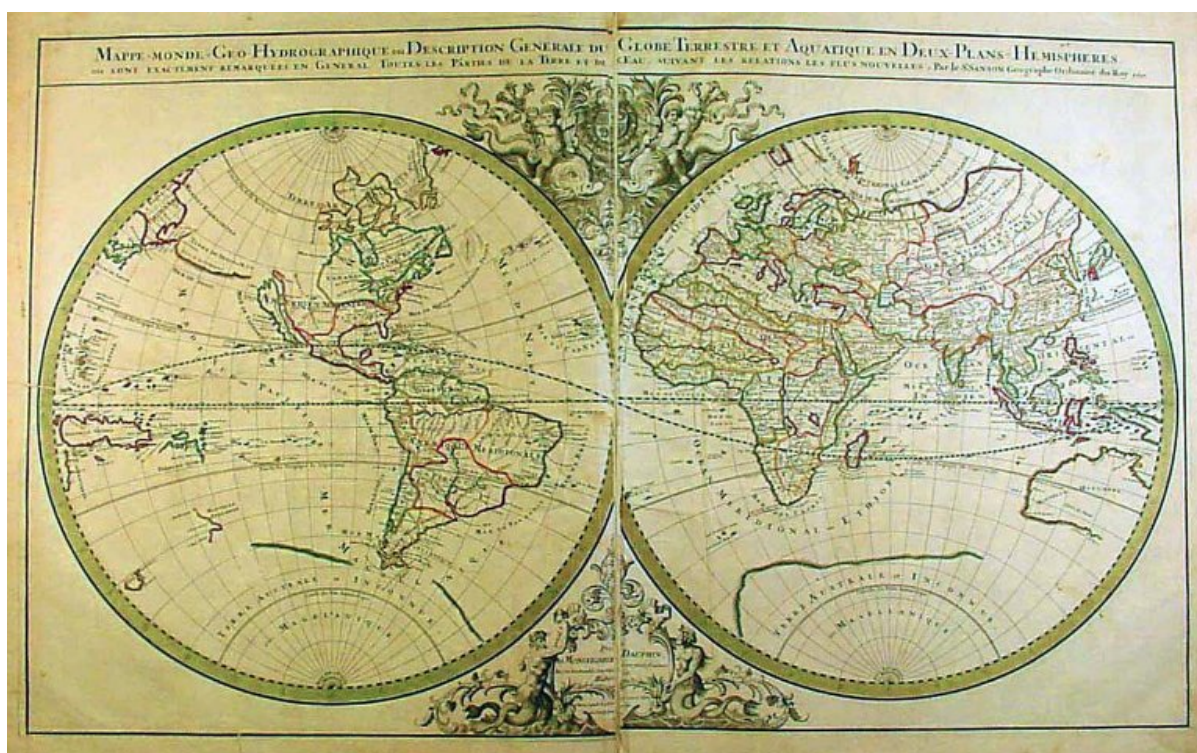
Entre 1689 e 1699 as expedições dos paulistas para oeste diminuíram; o êxodo de Piratininga, porém, aumentou. Os moradores válidos, com seus escravos, tomaram o rumo das minas de Cataguases, onde foi descoberto ouro. O governador do Paraguai, em 1708, tendo notícia de que entravam portugueses no Yaguari, mandou uma esquadra de soldados para reconhecer aqueles lugares, a cargo do mestre de campo Sebastian Villalba, vizinho de Villa Rica. Antes do rio Amambaí, eles passaram três rios navegáveis e depois encontraram uma nação de *gualachos* entre aquele rio e o Muñey. Entre este e o rio Yaguari havia muitos indícios de portugueses, que do Yaguari saíam por terra e rumavam aos *despoblados de Caaguazú de donde por el Curumi ò Cayii buelben à embarcarse en el rio Mbotetey, que cae al rio Paraguay*. Constava na carta de Villalba para o governador, escrita em Igatimí, em dezembro de 1708, que todo o caminho desde o rio Iguatemi até o Paraguai estava cheio de índios *monteses*. No ano seguinte, o governador Manuel de Robles enviou uma armada a cargo do mestre de campo Sebastián Fernández Montiel para reconhecimento dos campos de Xerez, prevenindo a entrada de portugueses. Montiel foi a Curuguay, Iguatemi e voltou pelas margens do rio Paraguai, sem encontrar novidade naquela região⁵⁴. Em 1719, foi descoberto ouro em Cuiabá. No final do século XVII havia terminado a era de “descimento dos índios” para os paulistas. Afinal, entre os fatores geoeconômicos que tentam explicar as excursões portuguesas ao Paraguai, a conquista de terras para a expansão colonizadora se sobrepõe em importância e com adequada temporalidade à procura de ouro e ao domínio das vertentes do Prata e do Amazonas.

⁵³ LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista...**, *op. cit.*, p. 33.

⁵⁴ AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 422; CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim...**, *op. cit.*, p. 326-327.

4.2 TRATADOS DE LIMITES E DEMARCAÇÕES

Há uma diferença que é preciso compreender, antes de analisar os tratados. Os limites de território paraguaio foram estabelecidos inicialmente, não por conquista ou domínio e sim “por títulos de direito”. Em outras palavras, correspondeu, durante o período colonial, aos títulos que davam aos espanhóis o privilégio da conquista. Era tanta a extensão, que o Paraguai ficou conhecido como “Gigante das Províncias Índias”⁵⁵. Desde a embocadura do rio da Prata, dilatava-se até o nascimento do rio Paraguai; pelo litoral, estendia-se desde o cabo de Santa María até mais adiante da Cananéia; ao norte se avizinhava dos confins da Terra Firme, abarcando o país das Amazonas; ao ocidente podia dilatar-se até as cabeceiras do Pilcomayo e Bermejo, até os limites do Peru; pelo sul, desde o cabo Blanco, prolongava seus limites até o estreito, dominando com os títulos de direito, da província Magalhânica até os contornos do Chile. A seguir estão mostrados os mapas de Nicolas Sanson (FIG. 42), de 1692, e de Edward Wells (FIG. 43), publicado depois. São muitos os mapas, que desde metade do século XVI até o início do século XIX representaram o Paraguai com dimensões dilatadas. Com o passar do tempo, foram suprimidos dos mapas do Paraguai o país das Amazonas e a Patagônia. As diferentes interpretações contribuíram para reforçar essas dimensões.



⁵⁵ Ver GUEVARA, José. **Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucuman**, libro 1º, parte 1ª, 1836.

FIG. 42. *Mappe Monde Geo-Hydrographique*. SANSON, Nicolas. Atlas nouveau, 1692.

A concentração da população *criolla* até 1750, em espaço reduzido, foi superada pela dinâmica dos eventos políticos que terminaram na criação do vice-reino e depois na independência. Apesar de Cuiabá estar representada em alguns mapas desde 1776, o Paraguai só começou a aparecer com tamanho menor nos últimos anos do século XVIII, quando os mapas passaram a mostrar o Brasil gigante⁵⁶.



FIG. 43. *South America*. WELLS, Edward. 1700.

Em 1716, foi ditada uma cédula real em Madrid, dividindo em dois um governo que tinha mais de 500 léguas de extensão e apenas sete cidades e uma vila: a província do Rio da Prata agregou as cidades de Buenos Aires, Santa Fe, Corrientes e Concepción del Río Bermejo; a província de Guayrá, as cidades de Asunción del Paraguay, Santiago de Jerez e Ciudad Real, além de Villa Rica del Espiritu Santo. Os limites eram o rio Bermejo, o rio Paraná, até as Missões, onde seguiam as divisas das águas ao leste do rio Paraná e Uruguai até

⁵⁶ POIRSON, J. B. *Carte D'Amérique: Divisée en ses Principaux États*. Paris, 1798.

o Iguaçu. Permaneceram, no entanto, questões de limites entre os governos até que, em 11 de fevereiro de 1724, foi ordenado por cédula real que os bispos estabelecessem os limites jurisdicionais conforme a possessão e costume das igrejas existentes. Os limites foram estabelecidos assim: todas as vertentes do rio Paraná para o bispado do Paraguai, e todas as vertentes do rio Uruguai, para o bispado de Buenos Aires.

Em 1750 foi assinado o Tratado de Madrid entre Portugal e Espanha. A 24 de junho de 1752, os plenipotenciários assinaram o Tratado das Instruções dos Comissários da Banda do Norte. Entre 1751 e 1753, Alexandre de Gusmão ainda participou de uma conspiração contra Sebastião José de Carvalho e Melo, urdida junto com Martinho Velho Oldemberg, Antonio da Costa Freire, apoiados discretamente pelo secretário da Marinha e Ultramar, Diogo de Mendonça Corte Real e Antônio de Andrade Encerrabodes, então ministro em Haia. Interceptada e violada a correspondência dos conspiradores, em 1756, não tardou a repressão, levando-os ao cárcere ou ao desterro. Alexandre de Gusmão, já acusado de cristão novo e quando já havia perdido quase toda sua fortuna, faleceu antes de ser punido⁵⁷.

Para descrever a competente raia nesse tratado, os dois governos nomearam uma comissão mista encarregada de organizar um mapa, em que se mostrasse o limite do território que era ocupado por cada uma das duas nações. Os plenipotenciários descreveram a fronteira guiando-se pelo Mapa das Cortes. A Comissão de Limites, chefiada por José Custódio de Sá e Faria, pelos portugueses, e Manuel Antônio de Flores, pelos espanhóis, em razão do desentendido do Iguay e Corrientes, resolveu iniciar o reconhecimento pelo rio Jauru, ao norte. Só no ano de 1754, empreendeu a demarcação da parte meridional. De Asunción, os espanhóis partiram para Curuguaty, onde encontraram os portugueses, que por iniciativa de Gomes Freire de Andrade, foram até lá. A vila, pela seca que prejudicou a colheita de milho e pela peste sofrida pelo gado cavalari e mular, passava por uma miséria muito grande⁵⁸. Eles desceram o rio Iguatemi e, depois, pelo Paraná abaixo, atingiram a foz do Gareí e foram até Salto Grande del Guayrá; voltaram ao Iguatemi, colocando um marco de madeira lavrada em suas cabeceiras. Colocaram outro nas nascentes do rio Aguaray, que ficava a apenas 400 braças e onde fizeram acampamento⁵⁹. Chegaram a uma das nascentes do rio Amambaí. Reconheceram rastros e fogões frescos de índios *monteses* nas vertentes do rio Iguatemi⁶⁰.

⁵⁷ Faleceram em seguida D. José de Carvajal (1754), Rainha Bárbara de Bragança (1758) e, dois anos depois, de loucura ininterrupta, Fernando VI.

⁵⁸ SÁ E FÁRIA, José Custódio de. Diário da Terceira Partida de Demarcação da América Meridional, anno de 1753. In: **Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas** que vivem nos dominios portuguezes ou lhes são vizinhas. Lisboa: Academia Real de Sciencias, t. VII, 1841, p. 538.

⁵⁹ Ñu-verá.

⁶⁰ SÁ E FÁRIA, José Custódio de. Diário da Terceira Partida..., *op. cit.*, p. 532-534.

Encontraram-se com eles quando desciam o Aguaray; souberam que seus inimigos, os guaicurus, estavam alojados nas margens do rio Paraguai, próximo ao Ipané. Foram atacados com flechas por outros *monteses* mais adiante e responderam com fuzis. Pelas informações recolhidas, chegaram à conclusão de que o Aguaray-guazú se juntava ao Ipané-guazú e não ao Jejuí. Concluíram, então, que este era o rio da demarcação⁶¹. O rio percorrido por eles era muito acidentado, com muitas cachoeiras, dificultando o reconhecimento. Abandonaram os trabalhos em 15 de dezembro, pelas dificuldades e falta de víveres e socorro, chegando a Asunción em janeiro de 1755. Desta demarcação levantaram os comissários um mapa topográfico (FIG. 44), que foi remetido a Gomes Freire de Andrade e ao marquês de Valdelirios, principais comissários. Aprovaram ambos os trabalhos feitos e deram por concluída a demarcação desta linha de fronteira desde o rio Paraná até o rio Paraguai.



FIG. 44. *Mappa Geográfica da 3ª Partida de divisões q' compreende do Salto Grande do Paraná até a boca do Rio Jaurú, onde se colocou um Marco de Marmore em 14 de Janeiro de 1754*. Fonte: BNRJ; GARCIA, João Carlos. Coordenação. “A Mais Dilatada Vista do Mundo: Inventário da Coleção Cartográfica da Casa de Ínsua”. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2002, mapa 155.

⁶¹ *Ibidem*, p. 539-542. Este documento cita o “mini”, que só pode ser o Ipané-mi, afluente do Ipané, e não o Aguaray-mí, longe do lugar em que estavam. O Aguaray-guazú era, e é, afluente do Jejuí. As cabeceiras dos rios Amambá, Iguatemi, Aguaray e Ipané-mí estão todas a curta distância umas das outras, todas em volta de Ñuverá.

Sebastian de Caseres, *teniente general*, e Juan Gonzalez Bejarano, mestre de campo da vila de Curuguaty, receberam ordens em julho de 1761 para arrancar o marco da demarcação fincado nas cabeceiras do rio Iguatemi. Marcharam apenas uma légua da vila e chegaram até o arroio que chamavam Paiy, meia légua do alojamento do Aguaray. Encontraram-se com o capitão Francisco Sanchez Franco, no passo do rio Jejuí-guazú; a expedição passou a totalizar 150 soldados. Prosseguindo, encontraram as casas onde habitaram Antônio de França e Silva, *con su mujer y sus negros*, e botaram fogo a todas elas, a légua e meia da povoação de Jejuí. Acharam nas matas do rio Jejuí-guazú mais nove ranchos, que eram ocupados pelos portugueses Andrés Álvares da Cunha e fulano Bento. Outro grupo, que foi rio abaixo, encontrou, mais adiante, sete ranchos de uma banda do rio e um na outra parte, além de um galpão de dois lances e outros onze ranchos; queimaram todos. Voltando ao passo do rio Iguatemi, *cinco leguas arriba*, encontraram uma canoa abandonada e as taperas de uma povoação de portugueses neste mesmo lugar *antes de pasar el rio*, todas queimadas; havia algumas *paletillas de flechas y muchos valasos en las puertas*. Foram até outro passo desse rio, *embarcadero de los portugueses y adonde se desembarcaron los Villasanos*, onde acharam apenas uma *rancheria vieja*. Continuaram as diligências e não achararam mais nada. Parte do grupo seguiu para o *Presidio de San Miguel Arcangel*, próximo a *lo obrage del Capitan D. Francisco Sanchez Franco*. Trinta e três soldados foram ao lugar onde se pôs o marco e tudo que encontraram queimaram⁶².

O Tratado de El Pardo foi assinado em 1761, anulando os tratados de limites anteriores entre as duas Coroas. A Espanha pretendeu em 1777, com o Tratado de San Ildefonso, exterminar contrabandos, discórdias e desavenças entre as duas soberanias, que não haviam cessado desde que se descobriu a América. Para isso, prescreveu-se que naquelas partes onde a fronteira não fosse por rios, que se deixasse uma faixa de território neutro, que, ficando despovoada, dificultasse o contrabando e a comunicação e trato entre espanhóis e portugueses. Azara argumentou que de nada adiantava na América uma separação de dez léguas, pela facilidade com que se caminhavam centenas de léguas. Afirmou que, pelo contrário, um território neutro serviria para abrigar facínoras, ladrões e contrabandistas, porque estes têm sido sempre eficazes e poderosamente protegidos pelos chefes portugueses. E mais, se os portugueses não haviam respeitados o limite que há três séculos eram espanhóis, menos ainda iriam respeitar um território neutro. Por outro lado, se os portugueses

⁶² *Villa de San Ysidro Labrador de Curuguatí, 11 de agosto de 1761* (CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos...**, *op. cit.*, p.334-342. Doc. XX).

introduziam tabaco negro ou torcido e alguns gêneros da Índia, desde o Rio Grande de São Pedro nas campanhas de Montevideo e nas missões guaranis, os espanhóis introduziram o dobro do valor em ponchos, panos, cavalos e gado vacum⁶³.

No entanto, o artigo que dividiu as terras entre os rio Paraná e Paraguai, apesar da imprecisão, não foi modificado. No mapa publicado por Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, em 1778, a divisa com o Paraguai estava no rio Iguatemi e seguia pelo rio Jejuí até o rio Paraguai. O escolha do rio Jejuí deixaria fora as povoações de San Pedro de Ycuamandiyú, Concepción, Belén e Tacuati, com os melhores ervais da província naquele tempo. Logo após, provavelmente em 1781, foi publicado outro mapa⁶⁴ pelo mesmo governador, interpretando o Tratado de Santo Idelfonso de 1777 e representando a fronteira pelo atual rio Ivinhema, seguindo pelos rios Dourados e Apa.

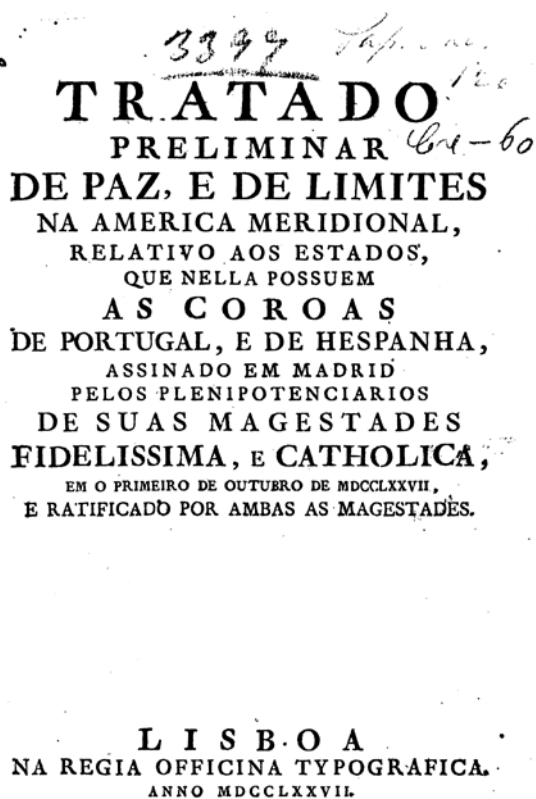
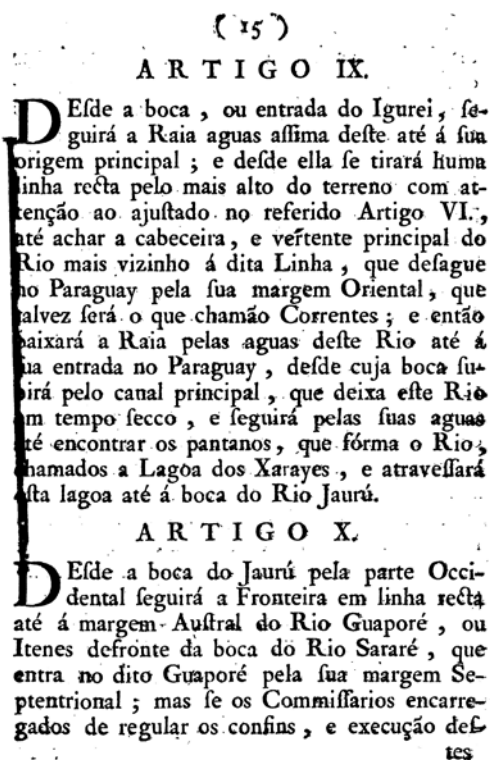


FIG. 45. Tratado de San Idelfonso, 1777.

Juan José de Vertiz comunicou ao rei, aconselhado por José Custódio de Sá e Faria, a adoção dos rios Iguatemi e Ipané-guazú como limites em substituição ao Iguerey e Corrientes.

⁶³ AZARA, Felix de. *Memória...*, *op. cit.*, p. 31-33.

⁶⁴ GARCIA, João Carlos. Coordenação. *A Mais Dilatada Vista do Mundo*: Inventário da Coleção Cartográfica da Casa de Ínsua. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 2002, mapas A 17, n. 105 e CG 13, n. 134.



O rei aceitou e de acordo com o de Lisboa, expediu a real instrução de 6 de junho de 1778: *juntas en la boca del Igatimí las dos mitades de la subdivisión española y portuguesa, han de empezar en este su demarcación, tomandolo por límite; pues no hay río alguno que se conozca en el país con el nombre de Igurey, y el Igatimí es el primero caudaloso que entra en el Paraná por su banda occidental, pasado su Salto grande.*

Juan Francisco Aguirre, Diego de Alvear e Felix de Azara, oficiais da armada espanhola que pertenceram às comissões demarcatórias de limites, previstas no Tratado de San Idelfonso, contribuíram com diversos estudos sobre a região onde lhes tocou atuar. Juan Francisco Aguirre y Ustáriz⁶⁵ foi nomeado em 1782. Foi-lhe confiada a chefia da quarta partida. Ficaram sob a responsabilidade do comissário geral José Varela y Ulloa, a primeira; a segunda, a Diego de Alvear; e a terceira, ao capitão de fragata Felix de Azara. A contrapartida portuguesa não compareceu àquela fronteira. Em razão disso, Aguirre, a partir de Asunción, percorreu diversos cantos do Paraguai de 1784 até voltar a Buenos Aires em 1796. Concluiu, em 1793, o seu *Diário del capitán de fragata de la Real Armada Don Juan Francisco Aguirre, en la demarcación de limites de España y Portugal en la América Meridional*. O manuscrito foi entregue pelo autor à Real Academia de la Historia para exame e guarda, em 1805, em dois volumes⁶⁶. Aguirre e Azara realizaram uma obra similar, tanto em seus conteúdos geográficos como históricos. A história de Azara é um relato eminentemente político, enquanto o de Aguirre, levado por suas fontes de informação mais amplas, estendeu sua análise aos campos econômico e social⁶⁷. Na primavera de 1795, Aguirre fez uma exploração geográfica até as imediações de Cerro Guazú. Visitou os ervais em 1787 e se alojou nos ranchos de beneficiadores. Revelou a localização do benefício de Garcia⁶⁸, que fez erva nos anos de 1793 e 1794, e que estava aberto o caminho entre o Aquidabán e o Iguatemi.

Após ler com atenção os papéis dados por Jose Varela y Ulloa, Azara convenceu-se de que a linha divisória devia seguir pelo rio Iguatemi até sua origem; depois, dirigir-se ao norte pela serra que corre entre os rios Paraná e Paraguai, até que se pudesse, caindo ao oeste,

⁶⁵ Chegou a Asunción em 25 de abril de 1784, então com 26 anos. Já como capitão de fragata, realizou diversos estudos e observações em Buenos Aires, agregando a seu diário. Regressou à Espanha em 31 de março de 1798.

⁶⁶ No primeiro incluiu a viagem que fez de Cádiz ao Paraguai. Dividiu o segundo volume em quatro livros: *Discurso histórico; Descripción de la provincia del Paraguay; Diario de la partida en viaje a la villa de Curuguay;* e *Las épocas de la Provincia del Paraguay o prosecución del discurso hasta la edad presente*. Existe também um terceiro volume, que, segundo Ernesto Maeder, parece ser um extenso conjunto de notas e observações que correspondem ao segundo tomo, além de um *Cuaderno de notas para la corrección del Diario* e um *Suplemento al Diario de Aguirre* (MAEDER, Ernesto J. A. In: AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 15).

⁶⁷ *Idem*, p. 31-32.

⁶⁸ Que abriu um caminho por la quebrada de Aquidabanigi, que también es Taguilelo [...]. El Garcia para ir de la quebrada de Aquidabán al Ypané, camina por la misma cuchilla divisoria de aguas, que es camino excelente.

cobrir os *pastos y yerbales* dos dois *pueblos* ao norte do Ipané. Também acabou concordando com a demarcação de um espaço neutro entre essa linha e a assinalada para os portugueses, deixando as terras dos guaicurus com os portugueses⁶⁹. Entretanto, alertado pelo governador, que sustentava que as terras dos guaicurus eram paraguaias, apesar de os portugueses defenderem o contrário, concordou que a linha divisória deveria ser mais ao norte. As terras entre os rios Ipané e Aquidabán tinham tantos ervais que se consideravam inesgotáveis. Azara concordava que acima do Mbotetey já era território português. Conforme esse autor, o extremo norte das terras dos guaicurus coincidia com um passo no rio Paraguai, bem abaixo dos rios Mbotetey e Taquary, que dava nos *guanás de la otra banda*, não muito longe de Santiago de los Chiquitos. Ele explicou que o forte de Coimbra, *dos jornadas al norte del cerro Itapucú*, obstruiu a comunicação com o porto de Itatin e a navegação até o Jauru⁷⁰. Por mais de uma vez, por orientação superior, Azara desistiu de reivindicar as terras dos guaicurus, contentando-se em buscar um rio que, cobrindo os *pastos y yerbales* dos dois *pueblos* ao norte do Ipané, poderia servir de limite. Ele fez um croqui das terras dos guaicurus, limitadas pelos rios Tepotí, Paraguai, Ipané e a cordilheira de Amambay. Sustentou que a linha de limites deveria seguir por essa cordilheira até as cabeceiras do Tepotí (*ó del llamado Corrientes*)⁷¹. Apesar de seu superior, don José Varela y Ulloa, *comisario principal de toda la demarcación*, mandar que tomasse o Iguatemi por Iguerey⁷² e as cabeceiras do Aguaray por vertentes do Ipané, e depois retirar-se, Azara discordou, argumentando ser o Aguaray afluente do Jejuí; além disso, essa escolha deixava fora três povoações e grande parte dos ervais da província. Disse que o tratado falava de Iguerey e Corrientes, e não de Aguaray,

⁶⁹ AZARA, Felix de. *Correspondencia...*, *op. cit.*, p. 3-7.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 7-8.

⁷¹ *Ib.*, p. 8-13.

⁷² “*Que el rio Ygurey se hallaba hacia la latitud que marcaba el mapa que se les entregó, esto es, casi la misma que la del rio Corrientes, y que era el primero caudaloso que entraba en el rio Paraná por la banda occidental sobre su salto grande*”. *El Ygatimi no podia ser caudaloso, siendo su curso tan corto e teniendo tan débiles tributarios. Busqué pues el Ygurey mas al Norte y encontré puntualmente que todo convenia con exactitud al Ygurey ó Yaguarey, que entra en tres bocas en el Paraná por los 22 grados 36 minutos de latitud. Esta probabilidad llega a ser evidencia para quien sabe que Ygurey es voz corrompida, pues no tiene significado en el país, o que no se produce con la palabra jaguar o tigre. Los portugueses impusieron a Yaguary ó Yaguarey los nombres de Ybinheima e Monice, y niegan ahora que se llama el rio Yaguary, como se no estuviesen en todos los papeles antiguos. Las ideas portuguesas tienen sido de tomar por Ygurey del tratado el arroyo Gareí, que entra nel Paraná poco abajo del salto grande, fundandose en la semejanza del nombre. Y como este es un arroyo despreciable, quieren reemplazarlo por el río Acaray, ó otro debajo del salto grande, para continuar después la frontera por el río Jejuí. Luego después que subieron los lusitanos mi allado del verdadero Ygurey, mudaron y admitiron por limite al Ygatimi, llamado por allá de Gatemí. Julgo que se la situacion política nuestra nos obliga a ceder; que cedamos entre el rio Gatemí e Ygurey. Neste caso se deberá demarcar todo el Gatemí, y desde sua cabecera o vertente principal ir por el más alto del terreno, sigueiendo la linea buscando la vertente principal que seja más prócima a la principal del rio Yaguary, y bajar por ella hasta el rio Paraguay, segundo dice el tratado, seja por el rio Corrientes, por el Blanco o por el Guachie o Guasarapó, segundo el rio que tenga su cabecera principal más inmediata del rio Yaguary. Madrid, 14 de maio de 1805 (AZARA, Felix de. *Memória...*, *op. cit.*, p. 48-55).*

Igatimí e Ipané, e acrescentou que o Aquidabaniguí era o primeiro que podia servir de limites cobrindo essas possessões e desaguando no rio Paraguai⁷³. Azara acreditava que a foz do Corrientes encontrava-se pelos morros de Itapucú e suas cabeceiras eram, segundo o mapa dos mesmos demarcadores, contravertentes do rio Monici ou Yaguarey⁷⁴, que era mais caudaloso que o Iguatemi e desaguava dividido em três bocas no rio Paraná. Ele afirmou que os diários e mapas dos últimos demarcadores estavam em poder de José Custódio de Sá e Faria e que, ele mesmo, podia certificar que todo o exposto era certo; também lembrou que esse rio tinha os nomes de Monici e Yaguarey e não de Yvinheyma, como davam alguns mapas mais recentes. Disse que os portugueses fizeram o forte de Coimbra e a povoação de Albuquerque injustamente, contra os tratados, que deixavam expressamente à Espanha o domínio da margem ocidental do rio Paraguai e a navegação livre até a boca do Jauru⁷⁵. Agustín Fernando de Pinedo defendeu que destruir Coimbra e Albuquerque era absolutamente indispensável para observar e conter os portugueses em tempo de paz e atacá-los em tempo de guerra e que, “com facilidade, seriam reduzidos os trabalhadores e dóceis *guanás* e os *guaicurus*”⁷⁶.

O rio Yaguarey ou Yaguari era muito mais caudaloso que os rios Gareí, Iguatemi e Amambaí, portanto, mais adequado para limite. Azara argumentou que era fácil reconhecer que o termo Igurey estava alterado e corrompido, pois nada significava em guarani, enquanto Yaguarey e Yaguari sim, y *muy castizas*. Esse rio cobria perfeitamente os estabelecimentos e navegações das duas Coroas, ficando longe das populações espanholas e também das portuguesas. Quando o rei aceitou a substituição pelos rios Iguatemi e Ipané ignorava que havia povoações ao norte do Ipané. Após nova consulta ao rei, ele respondeu com a ordem de 7 de abril de 1782, para que *no se cedan los pueblos de españoles y índios (esto es Concepción y Belén) que cita el Brigadier Saa*⁷⁷. Azara informou ao rei que se a linha fosse pelo Yaguari, os espanhóis ficariam com os melhores e mais abundantes minerais de erva, com as melhores terras que havia dali ao rio da Prata; além de terem franca comunicação com o Peru por Chiquitos. Admitiu, no entanto, que, mesmo sendo injusta, a linha poderia seguir pela serra que, saindo do rio Paraná, *siguiese por la de San José hasta el rio Paraguay donde*

⁷³ AZARA, Felix de. **Correspondencia**..., *op. cit.*, p. 14-17.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 11-13. Cf. Alejandro Audibert (1892), José María Cabrer nomeava o rio Pardo como Igueyri e Arrowsmith (1806) como Iguegri.

⁷⁵ [...] nos cerros dos Tres Hermanos, o governador intendente Joaquín de Alós y Brú, fez construir em 1792 el Fuerte de Borbón, para conter as usurpações portuguesas. Em 1801, o governador intendente Don Lázaro de Rivera levou uma expedição militar para recobrar a força os lugares de Coimbra e Albuquerque e foi rechaçado (AUDIBERT, Alejandro. **Los Límites**..., *op. cit.*, p. 15, Prólogo)

⁷⁶ AZARA, Felix de. **Correspondencia**..., *op. cit.*, p. 18-21.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 26-31.

vá à besar⁷⁸. D. Luiz Antônio de Souza creditou a reivindicação dos espanhóis de que a linha de limite fosse pelo rio Yguarey e não pela serra de Maracaju “para que não ficasse compreendida na demarcação Portuguesa huma grande parte das terras do beneficio das Congonhas que por ahy se achão”⁷⁹. O desejo dos paulistas de estabelecer benefícios de erva no Yaguari era velado, apenas subentendido.

Azara afirmou que os portugueses não conseguiriam beneficiar os ervais para vender a erva aos espanhóis ou para levá-las às minas, onde era muito apreciada. Se Coimbra e Albuquerque ficassem com os espanhóis e eles povoassem ali, no mesmo dia teriam aberta a comunicação e comércio com os Chiquitos, Moxos e Santa Cruz. Com certeza os lusitanos iriam fazer o maior dos esforços para tirar-lhes as terras altas da margem do rio Paraguai, pois sabiam que perderiam, com o tempo, suas minas de “Matogrosso, Cuyabá e Serra do Paraguay”, que com justiça voltaria a seus legítimos donos. Os portugueses insinuavam que iriam despovoar Albuquerque, conservando Coimbra, para tentar iludir os espanhóis. Enquanto sugeriam, quintuplicaram suas guarnição, levando a ela seus chefes de mais crédito. Azara não concordava com o argumento de que conservá-las, tinha o objetivo de preservar a comunicação de suas minas das invasões dos ataques dos índios do Chaco, pois há 53 anos que eles não prejudicavam a navegação, nem podiam perturbá-la, *porque estaban casi estinguidos, por su costumbre de no criar más de un hijo*⁸⁰. Ele acusou a notícia de que a corte espanhola havia iniciado o diálogo com a de Lisboa, *a fin de que la línea divisoria, entre los ríos Paraná y Paraguay, se dirija por una cordillera que, empezando en el Salto grande del primero de dichos rios, sigue al oeste, paralelamente al curso del Igatimí, al sur de este, y continuando después hacia el norte, declina al oeste para acercarse y besar el rio Paraguay en el estrecho de San Francisco Xavier*⁸¹.

Nove anos depois de ter chegado ao Paraguai, Azara estava convencido de que não deveriam aceitar a linha pela cordilheira, reiterando que perderiam o que havia entre ela e o Yguarey, sem que ganhassem nada, porque do Corrientes para o norte a terra alagava parte do ano, e inundavam em grandes distâncias, não permitindo chegar ao rio Paraguai. Além do que geraria muitas disputas por uma linha indeterminável. Desde a cordilheira, que corre ao sul do Iguatemi até o rio Yguarey, *hay muchos y excelentes minerales de yerba*, que não se beneficiavam por estar distantes; havia o inconveniente de que essas terras passavam por

⁷⁸ *Ib.*, p. 16-17.

⁷⁹ ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. XXXV, 1902, p. 75. *Para o mesmo Sr. Martinho de Mello e Castro: considerações políticas e históricas sobre as relações com os hespanhoes do Rio da Prata. S. Paulo, 13 de julho de 1773.*

⁸⁰ AZARA, Felix de. **Correspondencia...**, *op. cit.*, p. 37-41.

⁸¹ *Ibidem*, p. 41-44.

doentias e de má qualidade, por carecerem de *barreros* (ou terras salitrosas), sem as quais o gado não vivia ali, senão por seis meses. Ainda que produzisse outros produtos ali, não poderiam ser exportados senão pelo rio Paraná, que era cortado pelo Salto Grande.

As inundações do rio Paraguai não permitiam o menor estabelecimento dos lusitanos na sua margem oriental, desde o rio Corrientes ou Apa para o norte, ainda que as imediações do Pão de Açúcar ficassem secas. Segundo Azara, para a comunicação da província do Paraguai com Chiquitos existiam dois caminhos: um, que começava na serra de San Fernando e, passando pelo povoado de Albuquerque, podia ser percorrido por carretas; era muito frequentado pelo *mbayás*, no tempo dos jesuítas, quando iam atacar os *chiquitos*. Domingos Martinez de Irala seguiu outro caminho, que iniciava no porto de los Reyes, precisamente numa das lagoas ao oeste desse rio, daí tomou rumbo ao oeste e penetrou pelos Chiquitos até o Peru. O governador Francisco Ortiz de Vergara e o bispo Latorre, com Nuflo de Chaves, no tempo da conquista, foram pelo mesmo caminho. A distância dessa lagoa à povoação de Santo Corazón era de aproximadamente nove léguas. O sítio que se acreditava ter minas de ouro e diamante, conforme Azara, era a serra de San Fernando. Os lusitanos, com seus estabelecimentos de Coimbra e Albuquerque, ficaram donos da navegação do rio, dessa serra e de suas minas e também dos únicos caminhos para chegar a Chiquitos. Por isso, era importante mandar o chefe de Cochabamba fundar um *pueblo de españoles* na lagoa ou porto de Candelaria, que ele acreditava ser o que chamavam *de la Cruz*, isto é, o caminho de Ayolas⁸². Ele estava convencido que não havia outra alternativa; a demarcação deveria ir pelo Corrientes e Paraguai, ficando com os espanhóis, os dois estabelecimentos. Azara considerou seu trabalho terminado em 1791 e pediu a Nicolás de Arredondo autorização para retirar-se⁸³, porém, permaneceu por mais três anos. Em maio de 1793, o rei espanhol lhe comunicou que concordava que os limites passassem pelos rios Yaguari e Corrientes. Dois anos depois, Azara escreveu ao governador do Paraguai:

He leído el oficio de 30 de junio de 1794, en que Su Excelencia ordena que Vuestra Señoría ocupe los terrenos que hay al sur del río Corrientes, aunque no sea más que con una guardia o puesto [...]. Luego manifiesta Vuestra Señoría la presunción de que dichos fronterizos quieren poblarse en los terrenos que median entre los ríos Yaguari e Iyatimí; y bajo de este concepto, el acuerdo de Vuestra Señoría con el señor don Diego de Alvear propone por más útil y vantajoso omitir lo que Su Excelencia ha dispuesto, prefiriendo abrir un camino que, empezando en Concepción y tirando al este, conduzca a las bocas de dicho Yaguari, para fundar en

⁸² *Ib.*, p. 45-48.

⁸³ Fundado em que a animalada começava a morrer naquela terra, onde não se podia viver senão seis ou oito meses, e que os portugueses não iriam vir, em seu juízo, em muitos anos, Azara deixou os animais a 30 léguas de Curuguay, o mais próximo de onde podiam subsistir (*Ib.*, p. 34-35).

alguna de ellas una población que prevenga a los portugueses. [...] Vuestra Señoría ha estado en Concepción, distante más de diez leguas de esta capital, de donde pudo inferir, que el puerto de Maracayú que citan, y toda la derrota jesuítica, pasaba muy al sud de dicha Concepción; y por consiguiente, que nada tenía que ver con la que Vuestras Señorías proyectan. [...] Curuguatí está rodeada de infinitos yerbales, y tiene un rio por donde extrae la yerba en las crescientes, [pero] sus yerbales y demás conveniencias que se han descubierto estos años últimos, son notórias y las disfrutaban en parte los de Concepción⁸⁴.

Na Espanha se queixavam da demora que havia para concluir a demarcação dos limites entre as duas Coroas na América Meridional. Culpavam a falta de concorrência dos comissários portugueses. O visconde de Bajé, Paulo José da Silva Gama, em carta de maio de 1803 ao visconde de Anadia⁸⁵, afirmou que vinte anos antes, quando era o primeiro comissário português na vila do Rio Grande de S. Pedro, Felix Azara, que era o primeiro comissário da segunda divisão, veio de Buenos Aires com objetivo de conseguir “uma demarcação arbitrária, estabelecida e praticada no gabinete, [...] da qual também se seguia a perda da serra de Maracaju”.

Era indispensável recorrer aos fingimentos para conservar e coonestar a ambiciosas idéias, encaminhadas principalmente a aumentar os seus vastíssimos domínios à custa dos privativos de Portugal [...]. Do rio Igurey não descobriu pessoa, nem tradição certa que o declare [...]. Porém os comissários espanhóis não a tiveram, nem admitiram a mesma confissão das suas próprias instruções, que declaram se deve tomar o primeiro rio acima do Salto Grande, visto não se conhecer abaixo dele, rio algum com tal nome, cujo caudal evidencia a certeza haver-se convindo, e estipulado dever o mesmo rio existir abaixo do Salto Grande, e não ao interior da capitania de S. Paulo, para onde o querem fazer transferir os comissários espanhóis. Na mesma ocasião em que tudo estava duvidoso, se retirou o primeiro comissário espanhol à Espanha, deixando sem concorrente o primeiro comissário português nos povos de *Missões*, onde se conservou perto de três anos....

Foi Duarte da Ponte Ribeiro quem aconselhou, em 1837, o uso do *uti possidetis*. Passou a ser norma geral da diplomacia imperial na gestão da pasta dos Negócios Estrangeiros pelo visconde do Uruguai. No entanto, sua construção doutrinária ocorreu com o visconde do Rio Branco. *Uti possidetis* é a posse imemorial, mansa e pacífica, independente de qualquer outro título. As repúblicas sul-americanas espanholas fizeram uma distinção entre “*uti possidetis*” de hecho e “*uti possidetis*” de derecho. O primeiro é o direito, o título e a possessão; o segundo a possessão mesma, o fato, com independência do direito originário⁸⁶. Quando as antigas colônias de Espanha e Portugal na América do Sul se tornaram independentes, não havia qualquer ato internacional vigente que definisse os limites entre o

⁸⁴ *Ib.*, p. 61-68.

⁸⁵ GAMA, Paulo José da Silva. Limites com as colônias hespanholas. In: **RIHGB**, t. XXXIX, p. 278-284, 1877.

⁸⁶ MACEDO SOARES, José Carlos de. **Fronteiras do Brasil no Regime Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939, p. 208.

Brasil e os países vizinhos⁸⁷. Segundo Macedo Soares, “coube, portanto, ao Império nascente fixar suas fronteiras”⁸⁸. Consistiu “no reconhecimento dos limites em vigor no ano de 1810”. Os anexos da *Carta da Fronteira do Império do Brasil com a da República do Paraguai*, organizada pelo Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, foram escritos quando os jornais do Rio da Prata publicavam que o barão de Cotegipe⁸⁹ estava fazendo um tratado de limites, extorquindo território da República. Alguns jornais apresentaram a questão de limites de maneira a supor-se que, tendo o Brasil saído vitorioso na guerra com aquele Estado, pretendeu impor-lhe uma nova linha de fronteira.

O mapa *Carte de la Republique du Paraguay*, de Ernest Amédée Barthèlemey Mouchez, de 1862, com observações de 1857 a 1859, serviu de referência para a carta construída na seção topográfica do Ministério da Agricultura e Obras Públicas, litografada em 1872, utilizada na demarcação dos limites após a guerra de 1870. O autor chefiou uma campanha hidrográfica francesa realizada no Brasil entre 1857 e 1868. Na avaliação de Duarte da Ponte Ribeiro, o Igurey se precipitaria da notável serra que forma o Salto Grande do Paraná e se estenderia pelo meio desta para oeste, servido de baliza natural até perto das cabeceiras do Jejuí. Enquanto que o Yaguarey ou Yvinheyma estava acima dos saltos, mais de trinta léguas, e corria distante do rio Paraguai, por extenso e variado território, “quando nos tratados se teve em vista cruzar curto espaço de terreno entre o Paraná e o Paraguai, como o é entre as nascentes do Igurey e as do Jejuí”. Azara organizou um mapa da província do Paraguai e deixou uma cópia dele em Asunción, após decorridos mais de 15 anos sem aparecer a comissão portuguesa para se efetuar as demarcações de limites. É este mapa que foi mostrado em 1844 a Pimenta Bueno pelo presidente Carlos Antonio Lopez. Os acidentes que motivaram a demora em assinar um tratado de limites obrigaram-no a mandar um plenipotenciário⁹⁰ ao Brasil em 1847.

4.3 IGUATEMI E A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO

⁸⁷ Ver ACCIOLY, Hildebrando Pompeo Pinto. **Limites do Brasil: A Fronteira com o Paraguai**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

⁸⁸ MACEDO SOARES, José Carlos de. **Fronteiras do Brasil...**, *op. cit.*, p. 207-208.

⁸⁹ Ministro da Marinha no final da Guerra do Paraguai, João Maurício Wanderley substituiu interinamente o visconde do Rio Branco como Ministro de Negócios Estrangeiros entre 27 de janeiro de 1869 e 29 de agosto de 1870. Foi nomeado Ministro Plenipotenciário do Brasil em missão especial no Paraguai e no Uruguai pelo Decreto de 2 de agosto de 1871.

⁹⁰ José Berges.

A fazenda Camapuã era em 1719 o único estabelecimento português no centro dos sertões entre os rios Paraguai e Paraná, distante 90 léguas em linha reta da vila de Cuiabá⁹¹. No tempo que a Colônia de Sacramento era *un nido de todos los contrabandos*⁹², o rei Carlos III, em represália à decisão da Coroa portuguesa e do rei da Inglaterra em declarar inimigos os espanhóis, tanto na Europa como nas Américas, mandou que todos os vassalos dessas nações tivessem igual tratamento⁹³. O governador e capitão-geral da província do Paraguai mandou então confiscar todos os bens móveis e raízes de portugueses e de ingleses; também proibiu a entrada, *la venda y uso de los frutos e gêneros de las tierras y fábricas portuguesas*. José Martinez Fontes assinou o bando em novembro de 1762. No entanto, por solicitação, fez algumas exceções: aos comandantes militares casados com *señoras de distinguida calidad*; aos que concorreram a sua própria custa para a defesa da província; aos que exerciam ofícios mecânicos e aos mestres diretores da fábrica de tabaco negro. Aproveitou para purgar as pessoas que não convinham e conservar as que fossem úteis, como o caso do único arquiteto de Asunción na época, o português Antônio Martinez Viana. Apesar dessa intenção, todos foram procurados e tiveram seus bens embargados, apesar que de alguns foram devolvidos dias depois.

De Villa Rica del Espiritu Santo tiveram seus bens embargados: os três filhos do finado Francisco Cubas Ferreyra⁹⁴ e de Isabel Delgado (dela também foram embargados três negros adultos e uma criança, mesmo ela afirmando que eram livres e não escravos), Francisco Cubas Ferreyra (que possuía, entre outros bens, oito escravos adultos e duas crianças), Lopo Cubas Ferreyra (que possuía três escravos adultos, um jovem e duas crianças, além de uma negra que afirmou ser livre) e Manoel Cubas; Manoel Soares (foram embargados cinco mulatos e mulatas livres nos campos de Ytape), José Teixeira (foram embargados sete cargas de erva no *valle de Hiati*). Antonio Brito, Francisco Pinto, André Cunha, José de Souza Goys e Carlos José Lima praticamente não tinham bens. Também a outra vila ervateira, Curuguay, foi alvo das diligências, sob a responsabilidade de Mauricio

⁹¹ DRUMMOND, Antonio de Menezes Vasconcellos de. Descrição Geographica da Capitania de Matto-Grosso: anno de 1797. In: **RIHGB**, t. XX, 2º trimestre, p. 185-292, 1857; D'ALINCOURT, Luiz. Resumo das explorações feitas desde o registro de Camapuã até a cidade de Cuyabá. In: **RIHGB**, t. XX, 2º trimestre de 1857, p. 335.

⁹² ANA-SH, v. 127, n. 12, 1754-1759. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 445.

⁹³ Sujeitando-os ao confisco de todos os seus bens e dando quinze dias para que saíssem de seus domínios.

⁹⁴ Natural da cidade de São Paulo, veio com a mulher, filhos e escravos, fugindo *por certos crimes que cometeu* e pediu amparo ao governador anterior Jaime Sanjust. Por isso, sua família teve todos os bens restituídos por ordem do governador da província (ANA-SH, v. 133, n. 13, 1762. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 485.

Villalba⁹⁵. O bispo do Paraguai. D. Manuel Antonio de la Torre se dirigiu ao governador e capitão-geral e se contrapôs à expulsão de portugueses⁹⁶.

Em continuação às diligências efetuadas, o sargento-mor Mauricio de Villalba, alcaide ordinário de primeiro voto da Villa de San Ysidro Labrador de Curuguaty, como juiz comissionado, procurou o *obrage* e o benefício de erva de Domingo de Araujo Cruz⁹⁷. Entrando pelo passo do rio Caruperá, chegou ao *obrage* abandonado, encontrando muitas ferramentas, alguma madeira lavrada e 29 reses nos campos de Taquaremboy. Depois foi ao rancho Bayqua, nos ervais de Caaguague⁹⁸. Encontrou o capitão Marcos Velasquez, vizinho de Asunción, servindo de capataz a Domingo de Araújo, por conta da erva que lhe devia⁹⁹. Pela quantidade de bens embargados, avaliou-se que esta família destacava-se das demais¹⁰⁰. Sua petição de devolução dos bens foi acatada em abril de 1763, porém, como o fiel depositário não mais os tinha, foi processado e sequestrados seus bens em outubro¹⁰¹. Depois Villalba foi à morada de Lino Rodrigues, português, casado no *partido de Ñahumby*. No mesmo dia, foi à procura de Salvador de Oliveira, morador do *vale de Piquiripo*, e também até a casa de João Chaves de Oliveira e de Leandro Pando (natural do Chile e casado com a portuguesa Antônia Marques). Estes dois, sem bens a serem embargados.

Entretanto, em Asunción, foi embargada quantidade razoável de bens do alferes Simão Ferreyra Soares, incluindo quatro escravos. Também foram embargados os bens do

⁹⁵ Posteriormente, este e seus irmãos estiveram envolvidos na execução do *thenente de governador* e dois *regidores* da mesma vila, afogando-os no rio Iguatemi e depois refugiando-se baixo a proteção do governo de S. Paulo.

⁹⁶ *Estando tan estraviada la villa de Curuguati, y mas vezina a las tierras de Portugal, parece combeniente, providenziar, que si halli hubieren algunos Portugueses, se retiren al sentro de esta Provinzia, ó a esta Ciudad, prohibiendo assi mismo, que mediante la presente Guerra, no pasen á aquellos Yerbales, Portugueses, algunos, ni se alegen de esta Ciudad. Mas que hasta los Ajos, y Presidio de Mandubirá, u otros terminos que comprehendieren la Disercion, y Zelo de V. Sa. para quitar qualquier escrúpulo, 7 de janeiro de 1763* (ANA-SH, v. 133, n. 13, 1762. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 471.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 485-486.

⁹⁸ *Ib.*, p. 487-489.

⁹⁹ Domingo de Araújo Cruz era casado com Maria Gonzales de Santa Cruz, natural de Asunción, e viviam com o filho e duas sobrinhas. Entre os muitos bens que Maria levou para o casamento consta *un mate chapeado con su vombilla*, 250 arrobas de erva e quatro escravos, que herdou com a morte de seu primeiro marido, Dionísio Salgado.

¹⁰⁰ Pesaram 51 cargas que encontraram, que totalizaram 764 arrobas e 11 libras. Examinaram o livro de benefício do capataz e somadas as partidas de *yerba emperchelada*, encontraram 668 arrobas. Também estava discriminada a quantidade que cada um dos oito peões ainda devia: Mariano Candia (100 arrobas); Acencio de la Cruz Vera (90 arrobas); Ygnacio Roxas (104 arrobas); Phelipe de Messa (58 arrobas); Alexos Tholedo (30 arrobas); Sebastian Coronel (120 arrobas); Santos Leyba (25 arrobas); Justo Cañete (16 arrobas); *los demás habian serrado sus pagos*. Achou ainda 12 machetes bem usados, 2 machados usados, uma balança romana, um tacho de cobre, vinte couros de touros. Parado o rodeio, contaram 59 cabeças de gado (entre as quais, 5 mulas de serviço do benefício). Também possuíam pelo menos três escravos.

¹⁰¹ ANA-SH, v. 133, n. 13, 1762. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 543-548.

arquiteto Antônio Martinez Viana¹⁰², que trabalhava na época na reforma da catedral de *Asunción*. O fiel depositário foi seu sogro Fernando Larios Galban. Foram também embargados os bens de Garcia Rodriguez Francia¹⁰³, devolvidos onze dias depois, por ordem do governador. Por fim, foram embargados os bens de Vitoriano Alencastro, Joseph Ferreyra Soares, casado com Juana Rosa Ortis de Vergara, João Francisco de Ocampos, do sargento de infantaria Antonio Antunes¹⁰⁴, que os recebeu de volta alguns dias depois, Ygnacio Moraes, Francisco Duarte, Ygnacio Rodrigues, Juan de Acosta Delgado, Joseph Martinez, Constantino Anton, Phelipe Ferreyra (que também solicitou a devolução¹⁰⁵ e conseguiu em dezembro de 1762). Alguns dos portugueses procurados eram destituídos de bens¹⁰⁶. Foram relacionados todos os nomes de portugueses contidos nesse documento. Era um número pouco significativo em relação ao total dos habitantes da época, no entanto, não há informação dos que efetivamente deixaram os limites da província do Paraguai. Em abril de 1763, o governador do Paraguai ordenou que o comissário Pedro Peralta fosse a Curuguaty e investigasse a participação de Leandro Pando e Andrea Benites na introdução clandestina de portugueses¹⁰⁷. Eles teriam se encontrado com Estanislao de Ocampos, morador de Itu, na província de S. Paulo. Andresa Barreto informou que os portugueses estiveram na casa do presbítero Juan Joseph Benites Rodrigues.

Enquanto isso, no Brasil, o título de vice-rei foi passado oficialmente a D. Antônio Alvares da Cunha, conde de Cunha, que exerceu também a função de capitão-geral do Rio de Janeiro durante quatro anos. Em dezembro de 1764, o marquês de Pombal nomeou D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, para restaurar a capitania de S. Paulo, encarregando-o de sua militarização. Seis meses depois, ele desembarcou em terras brasileiras. A restituição da autonomia da capitania atendia também à necessidade de buscar novas fontes econômicas, em razão da decadência das minas, além de tentar colocar um fim aos conflitos no sul do país. São Paulo, a não ser pelas pequenas lavouras de subsistência, era campo virgem. A política de Pombal concentrou poder pelo afastamento dos nobres que ocupavam posições destacadas e serviu-se da classe comercial favorecida pelos monopólios e

¹⁰² *Ibidem*, p. 519.

¹⁰³ Pai do Dr. Gaspar Rodriguez de Francia, *dictador perpetuo de la Republica del Paraguay* (*Ib.*, p. 521-522).

¹⁰⁴ Foi cativo dos *payaguás*, quando jovem.

¹⁰⁵ ANA-SH, v. 133, n. 13, 1762. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 557.

¹⁰⁶ Antonio de Zona, Joseph Azevedo, Luiz Joseph Pereyra, Francisco Pereyra, Antonio Chaves, Ygnacio de Valadares, Faustino Alvares, peão conchavado por Lorenzo Recalde, Manoel da Conceição, Vicente Pereyra, Antonio Moreyra, Francisco Silva, Antonio Cabral; no vale de Tapua, foram encontrados Ignacio Cardoso e Lorenzo Quiterio; no partido de Cañada de Garaí, Domingo Rodrigues, Salvador Fernandes, um índio ou mestiço chamado João (*da nação portuguesa*, a serviço do comissário Juan Joseph Gamarra) e Manoel Machado.

¹⁰⁷ ANA-SH, v. 133, n. 12, 1763; In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 561-571.

pelas Companhias de Comércio. A valorização da ciência e dos conhecimentos técnicos, o racionalismo, o anticlericalismo, a expansão da burguesia advinda do crescimento demográfico e do aumento da urbanização, entraram em choque com a nobreza em Portugal.

O conde de Oeiras, futuro marquês de Pombal, mandou duas cartas instrutivas, datadas de 26 de janeiro de 1765 e dirigidas a Morgado de Mateus e ao vice-rei conde de Cunha. Na primeira propunha que a ação contra os castelhanos devia ser levada a efeito em comum acordo com Luís Diogo Lobo da Silva, capitão-geral e governador da capitania de Minas. “Este podia concorrer com vinte ou trinta mil negros dos cem mil que existiam nas quatro comarcas daquela capitania”. Recomendou que “de sorte que se possão retorquir contra elles os mesmos ardilozos artificios, de que por tantos annos se serviram doloza e clandestinamente, para adiantarem as usurpações, e se avançarem, e internarem pelos Dominios deste Reino, sem acharem nos seus caminhos contradictores, que lhes oppuzessem”. Só assim poder-se-ia destruir o inimigo e “recuperar todo o território que elles tem roubado athe a Margem Septentrional do Rio da Prata; cujo descobrimento, e occupação He certo que esta coroa deve aos bons Habitantes da Capitania de S. Paulo”. O conde estabeleceu medidas a tomar em relação ao aprisionamento e envio de inimigos capturados para o Rio ou para a Bahia¹⁰⁸. Na segunda carta, dirigida ao conde da Cunha, Pombal escreveu que “todas as Historias do Brazil e do que se tem passado nesse Continente nos ensinão, que nelle forão sempre os Paulistas os flagellos dos Catelhanos” e que tinham dilatado os domínios de Portugal destruindo esses últimos. Considerou os jesuítas como “inimigos que temos de combater e temos combatido, em todas as fronteiras do Pará, Maranhão, de Cuyabá, de Goyas, do Piahuy e nas dessa parte do Sul”. Para fazer frente a estes dois antagonistas, deveriam ser usados os paulistas. Para tanto, seriam fornecidos os meios necessários, apelando para a sua decantada vaidade, lembrando-lhes os feitos dos antepassados contra os castelhanos. Criar-se-ia, assim, ambiente próprio para levantar terços de milícias ou ordenanças. Era sabido que os índios eram o sustentáculo dos jesuítas na América¹⁰⁹.

O governo da colônia portuguesa, de sua parte, tratava de atender às solicitações de D. Luiz Antônio: de munições e de pessoal especializado (comunicou-lhe o envio de engenheiros e oficiais). Foi autorizado que entrasse em entendimentos com “o bando de

¹⁰⁸ BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Autoridade e Conflito no Brasil Colonial**: o Governo do Morgado de Matheus em São Paulo (1765-1775), Secretaria de Estado de Cultura, 1979, p. 70.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 71.

criminosos que poderiam ser aproveitados nas operações de dissimulação”¹¹⁰. Iniciando oficialmente o governo, Morgado de Mateus discutiu a inconveniência do levantamento de companhias de aventureiros: “se havia dificuldade para manter as tropas pagas, como fazê-lo com aquelas, mesmo com soldo inferior?” Do corpo de tropas pagas¹¹¹ da capitania, duas companhias estavam em serviço no Rio Grande. O rei autorizou a criação de um regimento de infantaria, que somado às companhias de tropas pagas, além das companhias de ordenanças, formariam o corpo militar para atender também os interesses da metrópole no sul¹¹². Fora as ordenanças, as companhias de mulatos e o armamento de pretos escravos, podia-se contar com um total de cerca de 4.000 soldados. Em ofício ao conde de Cunha¹¹³, Morgado de Mateus observou que uma de suas principais preocupações era o conhecimento do curso dos rios navegáveis que “sahem desta capitania e que podem dar entrada para os domínios da Espanha”. Em carta¹¹⁴ ao capitão-mor de Itu, Salvador Jorge Velho¹¹⁵, recomendou brevidade na expedição de Antônio de França e Silva¹¹⁶. Em outra carta para o mesmo capitão-mor pediu sigilo sobre as ações no Iguatemi¹¹⁷.

O capitão-geral escreveu para João Martins Barros, em novembro de 1766, dizendo que tinha “chegado o tempo da execução projectada com o pretexto da expedição do *Ivay*”. Salvador Jorge Velho foi um dos apoios importantes que Morgado de Mateus teve para recrutar pessoas para essas expedições. Fez recomendações para que no caso não conseguir voluntariamente gente para a conquista, não usasse violência contra os casados, nem com os filhos das pessoas de bem que não fossem acostumadas àquele serviço; “com todos os mais não haja excepção de pessoa assim na ordenança como nas tropas”¹¹⁸. Poucos dias depois,

¹¹⁰ *Ib.*, p. 72 -73 e 82-83.

¹¹¹ Formado por seis companhias de infantaria ou de artilharia, de constituição irregular, mas que deveria ter cada uma 44 soldados, um capitão, um tenente, um alferes, dois sargentos e quatro cabos de esquadra.

¹¹² Contava Morgado de Mateus, na militarização da capitania, com os sargentos-mores José de Macedo Souto Mayor e Castro e Manoel Caetano Zuniaga, com os respectivos ajudantes, Theotonio José Juzarte e Manoel José Alberto Pessoa, que seriam seus lugares-tenentes. Também contava com seu ajudante de ordens e primo, Afonso Botelho de Sampayo e Souza, nomeado inspetor comissário de Paranaguá.

¹¹³ Em 13 de outubro de 1766.

¹¹⁴ De 9 de julho de 1766 (ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. V, 1901, p. 4).

¹¹⁵ Este era bisneto de Domingos Jorge Velho (que comandou a expedição que destruiu Palmares, em Pernambuco, no século XVII).

¹¹⁶ Antônio de França Silva fez a primeira expedição de exploração ao Iguatemi a mando de Morgado de Mateus em junho de 1766. Cinco anos antes, quando morava próximo a Curuguaty, com sua mulher e alguns escravos negros, teve as casas queimadas pelo mestre de campo Juan Gonzalez Bejarano, quando cumpria ordens para arrancar e demolir os marcos da demarcação (CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos...**, *op. cit.*, 1969, p. 331-335. Doc. XX).

¹¹⁷ A 9 de julho de 1766 (ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. V, 1901, p. 4-5).

¹¹⁸ “Porquanto Se faz preciso para a extensão dos Domínios de S. Mag. Augmento desta Capitania, e enteresse do bem Comum, explorar os Sertões, e Campanhas do Ivay, a cuja expedição mando o Guarda-mor João Martins

demomstrou preocupação com aprontar a quantidade de canoas necessárias, em conseguir farinha e curar carnes. Ordenou ao capitão-mor que mandasse “alguns índios, e alguns bastardos, porque no serviço d’El Rey todos devem ser promptos”¹¹⁹. No ano seguinte, foram convocados, por edital, sem exceção, os nobres, plebeus, brancos, mestiços, pretos ingênuos e libertos para formarem terços de auxiliares e ordenanças de cavalaria e de infantaria¹²⁰.

Os paulistas fugiam aos serviços da tropa; não estavam preparados para um serviço ativo, disciplinado e constante, além do pequeno soldo, quase sempre em atraso. Não houvera antes na capitania recrutamento em tão larga escala. As tropas pagas eram armadas pelo governo, enquanto as auxiliares deveriam comprar suas armas através da provedoria, porque a real ordem estipulava que deveria haver uniformidade em calibre e grandeza para todas as unidades militares¹²¹. A exploração territorial e a conquista de novos sertões visavam o Iguatemi, o Tibagi, o Ivaí e os Campos de Guarapuava¹²². Os levantes do lado espanhol favoreceram seus planos de “estabelecer o Rio da Prata, em toda a extensão de sua corrente por baliza impreterível dos Domínios de Sua Magestade”¹²³. Os habitantes de Curuguaty sempre mantiveram comércio com os paulistas que chegavam até lá. Um grupo liderado por Maurício Villalba revoltou-se contra o lugar-tenente do governador do Paraguai, afogando-o no rio Iguatemi. A sublevação, em meados de 1766, possibilitou a abertura que Morgado de Mateus almejava. Entre as correspondências do capitão-geral de 1765 a 1766 estavam estas “Noticias do Paraguay”, sem data nem assinatura.

Barros e attendendo a que o dito me representou quer Levantar hua bandeira de duzentos homens e lhe Será dificultozo podelo fazer Sem ordem minha, por Se hacharem os mais capazes de poderem ir embarassados na Tropa auxiliar. Ordeno a vm que Logo em recebendo esta faça saber a todos os homens do Seu districto assim da ordenança como dos que estão Soldados nas Tropas auxiliares, q’ todo o que quizer hir para o descuberto, e expedições do Ivay o poderá fazer Livremente hindo alistarse com o dito João Martins Barros, ajustandose Soldos, com que a Fazenda Real manda assistir nos q’ voluntariamente se forem empregar em tão util Serviço; e quando absolutamente, esquecidos da honra, Zelo, e fidelidade, com que devem empregarse no Real Serviço pretendão escuzarse delle, por qualquer que seja o motivo, Logo sem exceção de pessoa fará vm prender todos os homens Solteiros assim vadios como outros quaesquer que Seirão, e os fará remeter para esta Cidade para Se lhes Sentar Praça na guarnição da marinha, donde se caresse de gente: do mesmo modo executará vm esta ordem nos cazados, que tiverem pouco domicilio. S. Paulo, 12 de Dezembro de 1766” (ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. V, 1901, p. 9-11).

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 14.

¹²⁰ O método de recrutamento usado por Morgado de Mateus não diferia dos usados na França, Espanha ou Portugal.

¹²¹ BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Autoridade e Conflito...**, *op. cit.*, p. 103-116.

¹²² “Certões que ficão fora da Provincia do Paraguai em que os Paulistas tiverão sempre a posse de tranzitar tanto por terra como pelos rios em todos os tempos destruindo todas as Povoações que os Castelhanos pretenderão fazer uzando livremente de toda a navegação que dá o Parapanema para todos os mais rios que ficão do Salto das 7 Quedas para o Norte the o rio paraguay ou da Prata que também navegão e dali enthe o Cuiabá e Mato Grosso”. ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. IX, 1901, p. 4-12.

¹²³ *Idem*, v. XXIII, 1902, p. 134-138.

Achava-se na dita Villa de Coroguaty hum Don Mauricio, homem letrado e orgulhoso, Irmão do Sargento-mor, e com outros Irmãos e Parentes que lhe fazião sequito. Á este Don Mauricio quiz mandar matar o Governador interino Don Bertoldo por desconcertos e diferenças particulares que entre si tiverão, de que sendo informado o sobredito Don Mauricio unindose a seus Irmãos, e juntando a ordenança por meyo de seu Irmão e Sargento-mor, prendeu ao Governador, ao Alferes Real e ao Regidor na ocazião em que todos tres sahião para a Missa em hum Sabbado dia de S. Bartholomeu a 24 de Agosto do anno passado, e no dia seguinte que hera Domingo pela manhã cedo os passarão para dali a dezesseis legoas mais acima ao Norte da Villa de Coroguaty, e os fizerão morrer afogados no Rio Atey, e recolhendo-lhe publicarão que elles se tinham embarcado no sobredito Rio, e passado as povoações Portuguezas¹²⁴.

Morgado de Mateus sabia que o centro das forças que os castelhanos tinham para se opor às suas conquistas e, principalmente, “a principal substancia do negocio de Buenos Aires” estava no Paraguai. A carta régia de 22 de julho de 1766 liberou a exploração do antes interdito sertão do Tibagi. O capitão-geral aproveitou “promptamente deste projecto publico e verdadeiro, para encobrir a expedição projectada”¹²⁵. Formou duas bandeiras, que partiram mais ou menos juntas, uma de fato para o vale do rio Tibagi e Ivaí, “rio que desagua junto as Sette Quedas e dá entrada para o Paraguai” e outra, com o sigilo exigido na época, para a conquista do Iguatemi. “Durante muito tempo ainda se applicou o nome de Sertões do Ivaí às plagas do Iguatemi”¹²⁶. O conde de Cunha não o deixava sem recursos¹²⁷. Uma expedição de mantimentos em socorro dos paulistas partiu em fevereiro daquele ano.

O envolvimento do capitão-geral da capitania no empreendimento foi intenso. Em abril de 1767, avisou Antônio José de Carvalho que mandara “hua tropa de Setenta Bestas, e hua conducta de Indios para conduzir todo o resto das munições, e mais preparos”, que vieram do Rio de Janeiro para Cubatão¹²⁸. Em maio, ordenou ao capitão-mor de Sorocaba que “ao termo de oito dias prefixos depois de receber esta faça alistar do Seu districto cento e vinte

¹²⁴ ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. V, 1901, Suplemento; “D. Mauricio, junto com alguns companheiros seus, parece que foram levados do Certão de Cuyabá pela expedição de Antonio de França Silva até Araraytaguaba, como fugitivos da justiça do Paraguay. Ele só voltou para o Yguatemy em março de 1769, ficando retido em Porto Feliz (ou Araraytaguaba) durante dois anos e cinco meses” (*Ibidem*, p. 139 e 167-168). “Este documento não tem data, nem assignatura, porem, estando registrado no livro de Registros dos annos de 1765 e 1766, deve-se presumir que os assassinatos se em hum desses annos” (*Ib.*, Suplemento).

¹²⁵ ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. XXIII, 1902, p. 177-178.

¹²⁶ BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Autoridade e Conflito...**, *op. cit.*, p. 103-116.

¹²⁷ “Para que V. Exa. possa ter os principaes meios para esta expedição, e sem demora, lhe mando logo numa Sumaca que fica a partir para esse porto de Santos quatrocentas espingardas com bayonetas, outras tantas cartucheyras, dous cunhetes de ballas do competente adarme, cincoenta Barris de pólvora, e dés contos de reis em dinheiro. E porque o essencial desta expedição consiste em que ella se execute com tal segredo que se não possa presumir, que V. Exa. a ordena, ou intervem para ella, torno a recomendar a V, Exa. a dissimulação com que dever ordenar tudo, para que só aos sublevados, e criminosos se atribua este conveniente movimento. Isto hé o que me persuado se pode obrar e me parece ser útil ao Real serviço” (Carta de 4 de novembro de 1766. ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. IX, 1901, p. 19-20).

¹²⁸ “Na mesma conducta ha de vir tudo o mais que está a cargo de vm. como são as quarenta Frasqueiras, que devem vir ás Costas dos Indios por virem mais Livres de perigo” (*Idem*, v. V, 1901, p. 30-31).

homens capazes de Sertanear para acompanharem ao referido Guarda mor”¹²⁹. Prometeu ainda, aos soldados de Sorocaba que quisessem ir voluntariamente, a “repartição das dattas, Se descobrirem terras minerais”¹³⁰. Em julho, em portaria para o provedor da Fazenda Real, ordenou “passar ao porto de Araratiguaba para fazer pagamento de tres mezes adiantados a trezentos e vinte homens, de que Se compõe a referida Expedição do Evay”¹³¹. Orientou o capitão-mor João Martins Barros para se estabelecer na margem direita do Iguatemi, deixando claro seu interesse pelas minas de ouro de que tinha notícias em Guairá¹³². Pedro Taques de Almeida Paes Leme já era conselheiro do capitão-geral nesse tempo¹³³.

Suponho a vm muito bem lembrado de tudo quanto aqui praticamos: Só acresceto de novo q’ vm em primeiro Lugar deve seguir tudo o q’ foi assentado no projecto já tantas vezes praticado pelo que vm deve fazer o seu estabelecimento o mais alem que poder, mas dentro dos Limites do marco dividente: porem no caso de falhar este intento ou encontrar difficuldade invincivel, ou ainda que não encontre, sempre vm procure examinar hua noticia que agora me dá Pedro Taques dizendome a tirar a de um Livro q’ a vm remeteo registrado em q’ se conta q’ nas margens do Rio Ivay houve antigamente hua Villa Rica, outra diferente da q’ hoje pertence aos domínios de Castella no Paraguay de q’ não tratamos, aqual destruirão os Paulistas por estar dentro do seu Certão, e muito vizinho, e que esta villa era situada no barranco do Rio Ivay que se metia no Paranapanema o q’ he muito diferente do q’ declara o mapa, por q’ o Rio caudaloso q’ se mete no Paranapanema chama o mapa Pirapó, e as celebres minas de ouro e ferro de Ivay se achão da parte do Sul do dito Rio q’ vae no mapa com esse nome, e então entre elle e o Rio Piquery q’ passa junto as Serranias das sete quedas, o q’ vm melhor poderá examinar, mandando descobrir todos os sobreditos Rios, e mandando o mapa adonde o precizar.

Em agosto, o capitão-geral de S. Paulo mandou levantar nova bandeira de 250 homens, para servir de “transporte e conducta de mantimentos” para socorrer a expedição a Iguatemi. Solicitou então aos “capitães-mores dos districtos de S. Paulo, de acima desta cidade, de Mogi das Cruzes, Jacarehy, Taboaté, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Paranahyba e Jundiahy” dar parte de seus soldados. Em setembro, solicitou ao capitão-mor de Itu para providenciar mantimentos. Encarregou o capitão André Dias de Almeida, que havia voltado da primeira expedição em julho, de conduzir essa bandeira¹³⁴. Em ofício, João de

¹²⁹ “...os quaes vm deve tirar de todas as claces da Ordenança assim brancos como bastardos, mulatos forros, Mamelucos, e carijos, porque todos devem Ser promptos, e obedientes ao Serviço de S. Mag. Sem excepção de pessoa, e quando totalmente se façam repugnantes, e esquecidos da obrigação de Leaes vassallos os faça vm Segurar com os meyo da jurisdição, que lhe dou o poder fazer, e Logo que vm tiver compLeto o numero que lhe ordemno, aos que forem voluntarios, e Seguros Sem Suspeita de fuga, dará vm bilhete para hirem apresentar-se ao dito Guarda mor com toda a brevidade...” (*Ibidem*, p. 38).

¹³⁰ *Ib.*, p. 39.

¹³¹ *Ib.*, p. 43.

¹³² *Ib.*, p. 50-51.

¹³³ *Ib.*, p. 51-56.

¹³⁴ BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Autoridade e Conflito...**, *op. cit.*, p. 103-116.

Martins Barros, já da “Caxoeira de Nossa Senhora dos Prazeres”¹³⁵, comunicou a Morgado de Mateus que parecia conveniente povoar este lugar porque os tempos podiam “mostrar alguns haveres, e formarem-se grandiozas fazendas, e justamente, Senhor, este He o mayor freyo com que se pode domar o orgulho Castelhana, pois assim fica o Camapuan seguro, e o Rio Grande té as Sete Quedas, que hé grande porção de terra, e comprehende grandiozas campanhas para toda a casta de criação”.

Em razão da iminência da guerra com os espanhóis pela tomada da Colônia de Sacramento, Morgado de Mateus mandou a tropa marchar de Curitiba até Viamão. Determinou que fossem estes por se acharem mais perto, por terem melhor conhecimento daquele “Paiz, e mais acostumados aos mantimentos delle”. Ao mesmo tempo fez rodar a frota das canoas “em numero de vinte e seis armadas em guerra, e algumas de serviço”, com duzentos homens de armas e cento e vinte de equipagem também armados, com ordem de descerem o Paraná e entrarem a barra do Iguatemi, “lançarem roças na forquilha do dito Rio, e apoderarem-se do passo, e gargantas das montanhas que atravessão junto ao dito Rio Guatemy, e fechão a Provincia do Paraguay que hé dos Dominios Castelhanos, dividindo-a das outras terras”. O capitão-geral defendeu que o Tratado de Madrid, “porquanto não havia tido efeito em suas partes principais, da troca da Colônia de Sacramento pelas Sette Missões de Uruguay”, e anulado pelo tratado de Pardo, de fevereiro de 1761, não militava a respeito dos outros limites “que já de antes estavam constituídos entre a Coroa Portuguesa e a de Espanha, conservando-se a Portuguesa na quase posse ou verdadeira posse delles, como erão todos os certões que ficão fora da Provincia do Paraguay”¹³⁶. Desprezava o fato de os espanhóis terem destruído o marco do Iguatemi, por não ter sido um ato oficial do governador da província do Paraguai.

Nem obsta totalmente a esta posse as correrias que fazem os Castelhanos todos os annos até as Campanhas da Vacaria para impedirem que os Paulistas as povoem, nem tãobem huma cruz de páo que os mesmos plantarão no meyo das ditas Campanhas da Vacaria, escrevendo nella = VIVA EL-REY DE ESPANHA = porque este mesmo facto indica usurpação de nossa posse, e querem mantel-a contra razão e direito, porque se das ditas Campanhas tivessem pacifica posse não necessitavão daquellas correrias, como não necessitão nas outras partes em que se não dá nenhuma controvérsia, quando mais que os Paulistas nunca consentirão a dita posse, porque sempre atravessarão as ditas Campanhas, e todas as vezes que encontrarão a dita Cruz, apagaram-lhe o escrito e escreverão VIVA EL-REI DE PORTUGAL. Com estes e outros pretextos se devem procurar estabelecer nas

¹³⁵ ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. IX, 1901, p. 20-23.

¹³⁶ “...em que os Paulistas tiveram sempre a posse de transitar tanto por terra, como pelos Rios em todos os tempos, destruindo todas as Povoações que os Castelhanos pretenderão, uzando livremente de toda a navegação que dá o Paranapanema para todos os mais Rios que ficão do Salto das Sette Quedas para o Norte te o Rio Paraguay que tão bem navegavão, e dali té Cuayabá, e Matto-Grosso” (*Ibidem*, p. 6).

margens do Guatemy, em sitio vantajoso e dezejavel. Se a guerra continua achamonos muito adelantados na fronteira Castelhana, aberta a entrada da Provincia do Paraguay, que hé a mais rica, fértil e abundante de todas que possui a Capital de Buenos Ayres, e que nos faz mais conta conquistarmos por estar toda de parte de cá do Rio da Prata que pretendemos fazer baliza da nossa fronteira. Huma hatalaya para ver o que se passa em todos aqueles sertões; hum marco que adquire para os nossos Dominios toda a grande campanha da Vacaria, e todas as terras e sertões te o Rio Ñanduy, porque ainda que se consinta quando quizerem aos Castelhanos fazer as suas correrias, a campanha está perdida, porque a todo o tempo que se lhe quizer cerrar o passo na garganta dos montes da serra de Maracajú, está acabada a dita posse; hé huma chave que fecha o Cuyabá e Matto-Grosso, porque nunca poderão lá mover a guerra que por ali se não divirta, e finalmente este hé o passo mais certo que se pode dar para franquear os meyo de abrir a porta a conquista de tudo o que possuem os Espanhóis dentro do circulo do Rio da Prata, ou Paraguay que deve ser a nossa Raya¹³⁷.

Apesar dos espanhóis dividirem em duas a região entre os rios Paraguai e Paraná, os portugueses, nessa época, nomeavam apenas Campos da Vacaria. Como no mapa (FIG. 47), feito a partir de mapas de autoria do português Ângelo dos Santos Cardoso, secretário da capitania de Goiás no governo de D. Marcos de Noronha, e outro de autoria do italiano Francisco Tossi Colombina, finalizados entre 1750 e 1755. Os espaços geográficos assinalados a seguir (FIG. 46) mostram a sobreposição das regiões.



FIG. 46. Yguatemy. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

¹³⁷ Exposição dos motivos da expedição do Yvay ao Sr. Conde da Cunha. 20 de julho de 1767 (*Ib.*, p. 3-12).

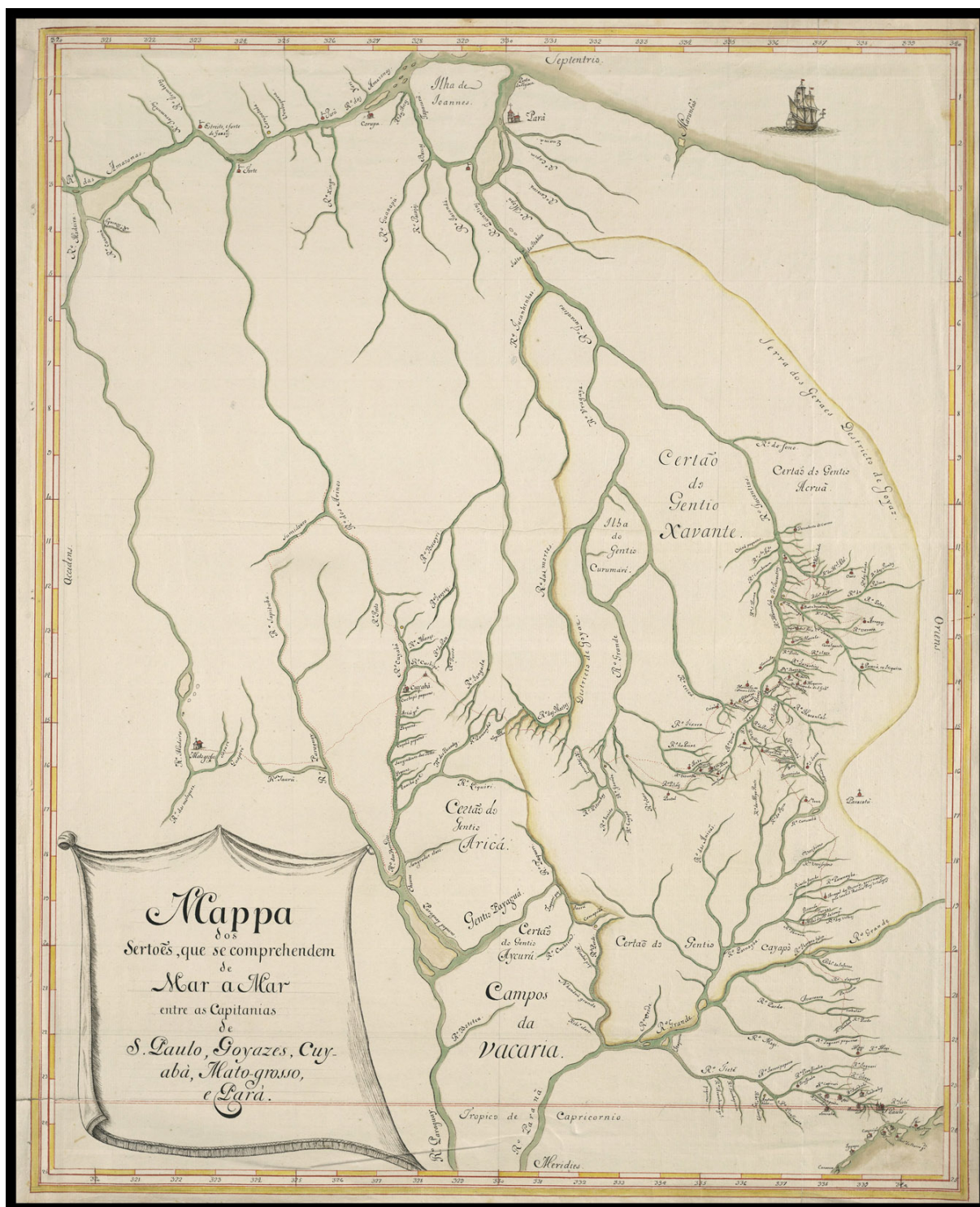


FIG. 47. *Mappa dos Sertões, que se comprehendem de Mar a Mar entre as Capitânicas de S. Paulo, Goyazes, Cuyabá, Mato-grosso, e Pará*, posterior a 1750, faz parte da coleção Morgado de Mateus, na BNRJ.

Morgado de Mateus informou o conde de Oeyras¹³⁸ que gastara a importância de 33:349\$800 réis para a expedição de 60 canoas que conduziram 960 homens para o Iguatemi. Valor que foi detalhado em outra carta da mesma data¹³⁹:

¹³⁸ De 24 de julho de 1767 (*Ib.*, p. 15).

¹³⁹ *Ib.*, p. 18.

Tabela 5: Despesas com Expedição à Iguatemi

Uma canoa de feitiço, e bordagem, e remos.....	70\$080
Aparelhos e petrechos	64\$420
Mantimentos e armas de dezesseis homens	119\$120
Total de uma canoa em seis meses.....	253\$620
60 canoas para seis meses.....	15:217\$200
960 homens, 600 de armas e 360 de mareação.....	18:132\$600
Total por seis meses.....	33:349\$800

O capitão-mor regente João Martins Barros alertou que os contrários eram muitos “como são os Cavalleiros, os montezes e os Canhunquans, enfim os Castelhanos nas fronteiras”¹⁴⁰. Em outra carta¹⁴¹ ele comunicou que, subindo o rio Iguatemi para examinar os dois passos que os castelhanos costumavam percorrer duas vezes, todos os anos, o primeiro passo chamavam dos *villasanos* e o outro mais acima passo *real*, meia légua por terra, chegando a este avistou sete ranchos que haviam sido ocupados por 40 ou 50 castelhanos a dois dias provavelmente. Anos depois, Agustin Fernando de Pinedo¹⁴² expôs sua opinião sobre os interesses portugueses naquelas terras. Em informe ao rei, disse que seu avanço se devia a que pretendiam: 1) ver dilatados os limites da jurisdição dos governos, inexplorados e habitados por não guaranis; 2) diminuir a capacidade dos espanhóis de opor-se à penetração clandestina das Coroas estrangeiras. Por eles estarem empobrecidos¹⁴³, o anseio às riquezas do Peru os fazia officiosos delinquentes e constantes em todo trabalho, vencendo quantas dificuldades se oferecessem, porque *solo por el sur confina poblado con los pueblos de lo yndios guaranis*, assim, sem outro obstáculo, nem gasto, *que el de diez, ó doze mil cruzados*, que gastam com bijuterias, atraem *los ynfieles, avitantes del intermedio*¹⁴⁴. Antes, o governador Carlos Morphy havia avaliado que os portugueses estavam interessados nos ervais da região próxima de Iguatemi¹⁴⁵.

Este governador foi avisado por Francisco de Bucareli¹⁴⁶ do ataque das tropas dos destacamentos da guarnição do Rio Grande aos postos ocupados pela Espanha na “banda

¹⁴⁰ De 25 de outubro de 1767 (*Ib.*, p. 31).

¹⁴¹ De 26 de outubro de 1767 (*Ib.*, p. 20-23).

¹⁴² ANA-SH, v. 142, n. 4, 1777.

¹⁴³ *Estrechados en el Brasil*.

¹⁴⁴ Nesse relatório, Agustin Fernando de Pinedo afirmou que o diário de Sanchez Labrador estava com ele.

¹⁴⁵ *Otra razon fundamental me induze a tratar este negocio con mañosa suavidad, y es que todas las riquezas de esta Prova. se hallan contenidas en sus terrenos y contornos, que son los Montes, o Minerales de la Yerba que llaman del Paraguay, poco distantes tambien de la nueva Colonia del Gatimi, cuios Montes en gran parte He registrado en mi viage de Curuguati por lo que, y fin de precaver qualquier fatal acontecimiento, o resolucion de parte de los Curuguateños, de que hubo amenaza en el Gobierno pasado, me mantengo placentero en sus correspondencias animandoles a resistir qualquier otro progreso de sus vecinos* (ANA-SH, v. 135, n. 5, f. 48, 1768).

¹⁴⁶ *Idem*.

setentrional” do rio da Prata e que, em razão disso, convinha que as milícias dessa província fizessem alguma diversão até São Paulo. Em consequência, ele despachou ordens ao *lugar Thenente de la Villa de San Ysidro Labrador de Curuguatí*, Joseph González Vejarano, para explorar, com um destacamento competente, os “desertos” que intermediavam essa vila até o rio Iguatemi, cuja distância media trinta léguas. Vejarano respondeu que contava com 400 homens, que, naquele momento, estavam desarmados para a defesa necessária¹⁴⁷. Morphy escreveu então ao mestre de campo Sebastián Montiel que estivesse pronto para, caso os paulistas estivessem na província, aprontar 80 homens de Villa Rica e 100 de *costa arriba y cordillera* para junto com 300 *curuguatēños pasar en persona a echar estos fanfarrones a los antípodas*¹⁴⁸. Aos últimos dias de dezembro, Vejarano chegou ao forte de Iguatemi, falou com os portugueses e, na volta, escreveu de Curuguaty: contou que o chefe da povoação era João Martins Barros, que saiu de S. Paulo, por ordem de seu capitão-geral, para reconhecer os desertos do Ivaí e para castigar os índios *caiapós, mbayás e sarigues* que atacavam as frotas de Cuiabá; que tinha entrado pelo Iguatemi para ir contra os *mbayás* até o rio Ipita¹⁴⁹ e que não fariam qualquer dano a S.M. Católica.

Morphy escreveu então a Barros, em nome do rei, e exigiu que se retirasse. Escreveu também a Morgado de Mateus, afirmando que pelos tratados vigentes esse território era espanhol. Vejarano voltou outra vez a Iguatemi e no regresso escreveu ao governador participando que havia embarcado com oito homens em canoas portuguesas e que desde *el paso de Ibicuy*, caminhou rio abaixo oito léguas para chegar à povoação dos *portugueses, indios tupis, negros y mulatos, todos con fome, sin más armas ni defensa que fusiles*. Porém, eles se recusaram a ir embora, argumentando que estavam esperando a colheita da roça. Morphy reclamou de Vejarano que ocultou que já havia 300 homens de armas e 200 de trabalho e que o forte tinha fosso e muro de taipa. Com isso, este pediu seu desligamento sem castigo e foi para Villa Rica¹⁵⁰. O governador do Paraguai solicitou apoio financeiro de Buenos Aires para desalojar os portugueses, que foi negado pelo governador. Juan Joseph Bazan, em 1768, também comunicou ao governador que, quando estava no rio *Gatimi, fronteras de Curuguatí*, encontrou um grosso destacamento de *portugueses paulistas*, que, com o pretexto de explorar os desertos daquelas *Campanhas* e guerrear contra as nações infieis que as frequentavam, entraram por esse rio acima, se estabelecendo em suas margens,

¹⁴⁷ ANA-SH, v. 135 n. 3, f. 34, 1767.

¹⁴⁸ Em 6 de agosto de 1767.

¹⁴⁹ Esse rio pode ser o atual rio Dourados, pois o Ipuitã, antigo Fogaça, pela sua dimensão, não devia ser essa referência.

¹⁵⁰ AGUIRRE, Juan Francisco. *Discurso Histórico...*, *op. cit.*, p. 471-473.

três léguas e meia do passo por onde transitavam os *curuguateños*. A partir daí, os espanhóis passaram a inquirir os moradores da região para obter informações mais detalhadas. Luiz dos Santos Chaves, desertor dos portugueses estabelecidos em Iguatemi, natural de Sorocaba, com 25 anos de idade e sem profissão, respondeu que viveu em Curuguaty durante três ou quatro meses e depois foi para o *pueblo de índios de San Joaquín*¹⁵¹.

Quando o conde de Azambuja passou a ser vice-rei recebeu do governo de Buenos Aires novos protestos contra a ocupação das margens do Iguatemi¹⁵². Uma carta do conde de Azambuja a D. Luiz Antônio de Souza, de outubro de 1768, deu-lhe razão em sustentar o estabelecimento de Guatemy¹⁵³, em tempo em que ambas as cortes estavam em ajustes, sustentando sua posse a todo o risco. Enquanto isso, o capitão-geral tratava de convencer os povoadores a permanecerem ali. Ordenou que fossem dados direitos de posse de terras aos povoadores; autorizou que cavalos e éguas fossem comprados com o soldo dos praças que desertavam, para que eles iniciassem criação; permitiu que, com o mesmo dinheiro, também fossem comprados gados para o mesmo fim.

Uma segunda expedição saiu no início de 1768 para municiar as 320 pessoas que estavam no Ivaí “e mais 120 que se apromtaram para essa”¹⁵⁴. O ajudante Teotonio José Zuzarte foi encarregado dessa tarefa¹⁵⁵. Morgado de Mateus reiterou a Antonio Lopes de Azevedo seu interesse nas riquezas minerais de que tinha notícia, próximas à antiga Villa Rica¹⁵⁶. As fugas, antes e durante as expedições, atrapalhavam os planos do capitão-geral. Ele deu ordens¹⁵⁷, então, para que o capitão-mor Domingos Leme do Prado prendesse, à sua

¹⁵¹ Contou que desembarcou em Iguatemi em agosto de 1767, com 500 homens de armas de fogo e que junto veio Juan Bautista Villalba; que o fosso tinha três varas de largura e outro tanto de fundo e com a terra que foi escavada se levantou muralhas de taipa em semicírculo, tendo em suas extremidades o rio Gatimi; que na segunda vez vieram 100 famílias de povoadores, trouxeram quatro canhões de bronze e doze barris de pólvora. Eram cinco fileiras de ranchos cobertos com folhas de pindó. O banhado em volta era muito grande, um quarto de léguas mais ou menos.

¹⁵² ARQUIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. IX, 1901, v. XIV, 1903.

¹⁵³ “Os Castelhanos tambem não hão de deixar de temer aos Paulistas, como lhe susedeo sempre em toda a parte, aos quais sabendo V. Exa. levar me pairesse tem nelles homens para emprender pelos matos o que quizer, pois tem duas vantagens grandes para essas guerras, hua hé o bem q’ sabem tratar, e usar das armas de fogo e a outra o muito q’ sofrem a fome e a cede e mais discommodo do sertão” (*Ibidem*, v. V, 1901, p. 81 e 89).

¹⁵⁴ *Ib.*, p. 64.

¹⁵⁵ *Ib.*, p. 69-70.

¹⁵⁶ “Estimo a boa noticia q’ me dá de ter partido a dez do corrente a esquadra das Canoas, em q’ vai embarcada a Segunda expedição do Ivay, e q’ juntamente partirão os vagabundos para entregar ao Povoador de Pirasicaba¹⁵⁶ para ingrossar a nova Povoação a q’ tenho dado principio naquele Rio. Eu bem sei q’ algua demora tem havido mas espero em Deoz, q’ tudo chegue muito a tempo, em q’ Se Sigão os utilíssimos fins q’ desejamos. Todas as despezas q’ Se tem feito mande Lançar Com todas as clarezas, q’ costuma, para Se copiarem nos Livros a q’ pertencer, e tudo ficar com clarezas para o futuro, e para constar aonde Convier. Depois disto passará a Fabrica de Ferro e examinará bem a raiz, e Cauza de q’ procede não estar erigida a dita Fabrica, e terse gasto tão Consideravel Cabedal, q’ me parece impossível o podelo ter consumido sem terem executado nada. Ds. Guarde a vmc. como dezejo. S. Paulo a 19 de Fevereiro de 1768” (*Ib.*, p. 76).

¹⁵⁷ S. Paulo a 30 de dezembro de 1768 (*Ib.*, p. 96-97).

ordem, os fugitivos “e na falta delles a Seu Pae ou parentes que Se acharem para delles darem Conta”. A pedido de alguns povoadores, Morgado de Mateus autorizou que o capitão-mor e juiz ordinário de Sorocaba permitisse, a aqueles que iam junto com suas famílias, que levassem para Iguatemi “índios carijós administrados”¹⁵⁸. Ele ordenou aos capitães-mores das aldeias de S. Miguel e Pinheiros, próximas a São Paulo, que famílias índias, nominadas por ele, fossem para a povoação do Ivaí para fabricar telhas e louças. Voltou depois ao assunto dos *índios administrados* com o capitão-mor de Sorocaba¹⁵⁹:

Vejo o q' vmc. me diz Sobre os carijós dispersos q' mando Se entreguem aos novos povoadores do Ivay com quanto recuzão ir ajudar a estabelecer aquelle certão, e por q' a estes homens q' Se vão empregando na diligencias do Real Serviço para beneficio do Estado, e do publico, he preciso fornecerlhe os meios de o poderem fazer, e ajudalos em tudo o q' couber no possível, não só lhes faça entregar os ditos Carijós, e adminstrados q' tenham sido de suas casas, mas outros mais q' se acharem dispersos sem arrumação ou servindo outras pessoas, se delles precisarem para sua melhor arrumação, pois he melhor q' vão para huma Campanha q' se está Povoando ajudar os Povoadores nas suas Culturas, onde melhor se poderão arrumar pelo tempo adiante, do q' ficarem servindo a muitos q' os possuem sem utilidade alguma, e q' so cuidão em embaraçar as diligencias q' podem ser uteis ao Estado, assim o tenha vmc. entendido na certeza de q' os ditos Carijós não vão ser captivos dos q' os levão, mas sim auxiliares do serviço q' mando fazer naquelle Certão para q' todos devem concorrer sem a menor controvèrcia: e se alguém obrar o contrario aconselhando-os, e occultado-os para q' não vão mo participe vmc. para mandar proceder como for justo. Ds. Guarde a Vmc. São Paulo 13 de Fevereiro de 1769.

Por ordem de Juan Bazan, em fins desse ano, Joseph Gonzalez saiu de Curuguaty e foi até a povoação de Nossa Senhora dos Prazeres. Relatou que *despues de haver visto, y observado con mis Oficiales todo lo que por V. S. me es encargado, en quanto a la poblazon, tan nombrada, y engrandecida, es una triste rancheria de Palmas, sin reparo alguno siquiera de buen pared, quanto mas de fortaleza, que con toda claridad, y verdad, no es mas que alojamto. para durante que coja el Maiz que ha sembrado*; ele afirmou que havia muita roça, apesar dos portugueses reclamarem de miséria, y *escasez de el mantenimiento, todos aburridos*, mais preocupados em fugir que qualquer outra coisa¹⁶⁰.

Em janeiro de ano seguinte, Carlos Morphy reclamou outra vez da presença dos portugueses nas margens do rio Iguatemi. Entretanto, D. Luiz respondeu, em agosto, que

¹⁵⁸ “Porquanto he conveniente ao Serviço de S. Mag. se engrosse de Povoadores o certão do Ivay, e alguns, dos q' Seguirem hir estabelecer no mesmo me pedem a consessão de póderem Levar em Sua Companhia alguns Carijós q' andão dispersos, e q' forão Seus administrados: Ordeno ao Capitão-mor da Villa de Sorocaba faça entregar aos Povoadores q' vão nesta conducta Com suas famílias os ditos **administrados** q' Se acharem Sem arrumação, ou Servindo a outras pessoas, de cujas entregas fará aSento das pessoas q' o levão, e do estado, nomes, e idades dos ditos Carijós, para constar a todo o tempo q' São libertos, e q' como taes Se servem delles, sem q' lhes possuão chamar captivos: O q' tudo faça executar Logo na forma q' determino Sem impedimento ou embaraço algum, por assim ser útil ao Real Serviço. S. Paulo 30 de Outubro de 1768” (*Ib.*, p. 97).

¹⁵⁹ *Ib.*, p. 108-109 e 113.

¹⁶⁰ ANA-SH, v. 44, n. 4, 1769. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 614-622.

havia mandado o capitão para os “Certoens do Yvay” e que seria castigado por desobedecer. Reafirmava, no entanto, o direito da monarquia portuguesa sobre a margem esquerda daquele rio. O capitão-geral do província contrapôs que o Tratado de Limites de 1750 fora abolido e anulado em 1759 e que era uma questão que já estava decidida pelos soberanos, *no cabiendo el arbítrio para deliberar posteriores resoluciones*. Ditou, então, em setembro de 1769, as *Ynstruccion y Ordenes que el Theniente de Governador de la Villa de Curuguay deve observar y mandar se executen al pie de la letra en toda su Jurisdiccion para vivir precavido contra las astucias, y dolosas maximas de los Portugueses establecidos en Gatimi*¹⁶¹:

Todo Portugues sea Oficial, Soldado, Paisano, ó Comandante, que con el pretexto de traer pliego para el Gobierno, ó qualquier otro recado verbal ó por escrito lo hará detener no pasé del Presidio de San Miguel en delante; Todo trato de Comercio con ellos se prohíbe; Mandara luego cerrar todos los caminos nuevos y sendas, que han abierto ultimamente en los Montes que conducen á Gatimi, y no permitira que nadie los habrá otra vez ni transite por ellos, aunque con pretexto de la Yerba; cuio pretexto declaro por fraudalento, inventado, para los iniquos fines del contravando.

Carlos Morphy sabia que não era verossímil que João Martins Barros ignorasse *la dirección del Guatemy*. Ele trouxera em sua expedição Juan de Villalba, irmão de Maurício, que, com outros companheiros, participou do mais cruento crime em Curuguay, se refugiando em São Paulo¹⁶². Também trouxera Antônio de França e Silva, que viveu bastante tempo na mencionada vila e onde acabou sendo destituído de todos os seus bens. “Certo hé q’ estes não se juntarão com vosmecê meramente para explorar os centoens ou dezertos e para fazer guerra aos barbaros infieís como me diz”¹⁶³. O governador do Paraguai continuou a protestar junto a Morgado de Mateus, a João Martins Barros e a Antonio Lopes de Azevedo, mandando mais de uma dezena de cartas¹⁶⁴ entre janeiro de 1768 e 1770. Carlos Morphy explicou que a entrada dos comissários da demarcação de limites no ano de 1752 foi a primeira que os paulistas fizeram desde o descobrimento e conquista das Américas¹⁶⁵. Argumentou que se tivessem conhecido *alguna luz de su curso*, antes do Tratado de Madrid, haveriam de ter feito menção dele, no entanto, se equivocaram tomando o Iguatemi pelo Iguerey, que é o assinalado no convênio.

Depois que os comissários se retiraram, os segundos que entraram pelo rio Iguatemi, foram os dois irmãos Villasanes, contrabandistas espanhóis, quem, dois anos depois,

¹⁶¹ *Idem*.

¹⁶² Em carta datada de Asunción, 12 jun 1769.

¹⁶³ Carta de Carlos Morphy a João Martins de Barros, 7 mar 1768. In: **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. IX, p. 43, 1901.

¹⁶⁴ *Idem*, v. IX, 1901; v. XXXIV, 1901.

¹⁶⁵ Em 18 de setembro de 1770.

comboiaram “às suas custas” sete mil mulas até as minas de São João del Rei; a terceira entrada foi no ano seguinte, quando um tal de Cubas, vizinho da vila de Araraytaguaba, veio com sua família, acompanhado de um tal Abreu; as entradas que houve depois, antes de João Martins Barros, em 1767, foram as de Antônio de França e Silva, Bento Cardoso, seu irmão João Leite com o seu companheiro Ignacio (estes dois, despachados por um vizinho de São Paulo, chamado Pedro Taques), *con alajas de oro para vender*¹⁶⁶. Enquanto isso, o governador do Paraguai foi ainda mais veemente¹⁶⁷, em ordem dada em 1770, lembrando que as investidas dos mamelucos resultaram na devastação dos *pueblos* de Guayrá e retirada dos espanhóis para Mbaracayú:

En donde oy tambien de resultas de aquella devastacion, y ruína se hallan anrigados, en lo intrincado de sus selvas, una infinidad de Yndios monteses, que se esparramaron en la derrota, descendientes de aquellos Civilizados, que servian tanto al Rey, y a la Patria, los quales nos hazen la Guerra impidiendo la entrada a los mejores minerales de la Yerba. En vista de estos notorios fracasos que deben penetrar los Corazones de todos los fieles vasallos del Rey, y afin de precaver a tan gravissimos daños en lo futuro, Prohibo a todos los moradores, Havitantes, y estantes en esta Provincia, de qualquier Clase, Condicion ó Cantidad que sean tengan en adelante Comunicasion, trato ó Contrato, con los dhos. Mamelucos intrusos en Gatimi vajo de la penas contenidas en los articulos siguientes: Que ninguna puede despachar a los minerales de la Yerba ganado bacuno alguno, ni mulada sin previa licencia de este govno. Para este fin expondra en sus memoriales el numero de Cada espécie, y sus destinos. Pena de confiscacion de bienes, y expatriados por dies años. Se prohibe igualmte. El despachar a la Villa de Curuguayty ningun numero de Caballos, Bueyes, ni Toros, vajo el plausible pretexto de comprar Yerba, y solo tendra licencia para este negocio mi Lugar Theniente de la Citada Villa y su Ylle. Aiuntamiento, quienes manifestaron primero a este Govno. la necesidad que pueden tener para recibir estos socorros, con advertencia, que especificaren en su peticion el numero, que necesitan de Cada especie, remitiendo, despues de la distribucion de los animales entre los necesitados della Villa. Certificacion jurada de ella refiriendome en todo los demas a la fidelidad de mi dho. Theniente de governador, y Ylle. Aiuntamiento sobre embaraçar el transpaso de los animales al Socorro de los Mamelucos de Gatimi. Pena a los vendedores, y compradores de Confiscacion de bienes, y destierro perpetuo, y a los introductores en Gatimi pena de la vida. Asi mismo se prohibe a los conductores, que frequentan el trajin de los Yerbales, tanto los de esta Ciudad, como los de la Villa Rica del Espiritu Santo, no transiten con los animales por Caminos extraviados...

Morgado de Mateus voltou a reafirmar, em março de 1769, os direitos da “Coroa portuguesa” sobre a margem setentrional do Iguatemi, argumentando que “a raya q’ devia

¹⁶⁶ Pedro Taques de Almeida Paes Leme, em 1754, foi contratado para defender os direitos do Conde de Vimieiro no *secular processo* contra o Conde de Monsanto. Mais tarde ele encomendou novos serviços que foram respondidos com a *Historia da Capitania de S. Vicente*. Em 1757 foi nomeado *Thesoureiro Mór da Bulla da Santa Cruzada no Bispado de S. Paulo, Capitania dos Guayazes e Minas de Cuyabá e Matto Grosso*, por injunções de parentes junto ao marquês de Pombal. Em 1763 acumulou a função de *Guarda Mór das Minas de S. Paulo e o seu termo*. Porém, em 1770, foi afastado de suas funções, teve seus bens sequestrados e foi intimado a restituir a quantia calculada como prejuízos à Fazenda Real, apesar do apoio de seu primo frei Gaspar da Madre de Deos, com quem manteve excelentes relações.

¹⁶⁷ ANA-SH, v. 44, n. 4, 1769. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 614-622.

servir de deviza” era pelo rio Igurey que ficava muito mais adiante e que o marco que se plantou foi de comum consentimento e sem a menor contradição. Tinha pressa, no entanto, em estabelecer o domínio dessas terras. Solicitou ao capitão da ordenança de S. João de Atibaia¹⁶⁸ que fosse “adquirindo todas aquellas pessoas, que vmc. vir São capazes de se alistarem para esta entrada, por quanto se precisa de homens desembarasados, fortes, e sadios para o trabalho, e Serviço do mato, e se lhes darão tres mezes de soldo adiantados”¹⁶⁹. Mais duras, no entanto, eram as ordens para as famílias que desistissem de embarcar nas expedições para os sertões, como foi explicitado nessa ordem para o capitão-mor de Sorocaba, José de Almeida Leme¹⁷⁰:

Logo que vmc. receber esta Sem a mais leve demora faça avizar ao Tenente da expedição Felipe Fogaça, e a Seu Conhado Manoel Gomes para que Sem contradição alguma Se ponhão Logo promptos Com Suas mulheres e famílias para marchar para a dita expedição com as mais famílias que agora estão a partir, e q’ se assim o não fizerem como tem prometido que os hei de consumir, e que em nenhuma parte hão de escapar ao Castigo que merecer a sua desobediencia, e da mesma forma os parentes que lhe dão semelhantes conselhos para imbarçar as deligencias do Real Serviço dos quaes já tenho noticia, e munto bem os conheço, que são. Certifiquelhe vmc. que se não ponhão em argumentos Comigo por que hão de tirar muito má consequencia nos discursos que fazem, e rodeos que buscam para me enganar; ponderelhes vmc. tudo isto da minha parte, e se não querem desgostar a si, e a toda a sua parentelha que cuidem Logo em se por promptos para hirem com os mais, alias que se não queixem do que lhes succeder; tudo isto que avmc. Ordeno quero que lhe declare para que depois se não clamen a ignorancia, e por este portador me avize Logo da resolução em que elles ficão para saber o que devo tomar a este respeito. Ds. Guarde a vmc. S. Paulo 18 de Fevereiro de 1769.

Ao ajudande das ordens Antônio Lopes de Azevedo, o capitão-geral recomendou que, a partir do porto de Araraytaguaba, principiasse um mapa até as nascentes do rio Iguatemi¹⁷¹. Mandou que se descrevessem todos os passos que davam entrada na fronteira para os “nossos Certões”, examinando os que eram mais perigosos e os mais defensáveis para se fortificar, e assinalar as paragens mais úteis para estabelecer povoações; que fosse verificado o passo mais fácil e seguro que desse passagem no rio Paraná, do rio Pardo até o Iguatemi; que fossem abertas picadas e “que a do Certão que vier sair nas Campanhas de Sorocaba, Wutucatú, ou Faxina deve ser sempre encostada ao Rio Tieté e desviada do Paranapanema em que a força de Gentio nos pode embarçar”¹⁷². Em julho de 1769, recomendou a Affonso Botelho de Sampayo e Souza, ajudante das ordens que se encontrava

¹⁶⁸ ARQUIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. V, 1901, p. 120-127.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 152.

¹⁷⁰ *Ib.*, p. 111-112.

¹⁷¹ *Ib.*, p. 120-133.

¹⁷² *Ib.*, p. 122.

em Pararaguá, que “toda a diligência se deve encaminhar a conquistar as Fronteiras, para q’ nos fique o certão todo para dentro, e possamos aos depois desfructar, e esquadrinhar com todo o socego, o que nelle houver”¹⁷³. Em dezembro de 1769, o capitão-geral lembrou o ajudante de ordens Antonio Lopes de Azevedo¹⁷⁴, que “antigamente se fazia a navegação de Cuyabá por essa região, e com effeito se passava ao Rio da Prata, e por elle se subia á aquella Capitania; pode ser q’ pelas cabeceiras do Rio Avinhema, ou Amamby haja varadouro, e tranzito para outros rios, q’ desção para o poente e para esse descobrimento será muito util toda a comunicação com os Indios”.

No mesmo mês, ele observou da conveniência em conservar a guarda no passo dos espanhóis, “ou em outro qualquer sitio avançado, de onde dar parte a esse arrayal de tudo o q’ succede, e aos daqueles Indios se deve procurar de todos os modos metelos de paz, não só para nos livrarmos dos seus insultos, mas para nos aproveitarmos das suas noticias e se puder ser dos seus serviços”. Queixou-se da expedição de Luiz de Aguiar, apesar de acreditar que, por aquelas partes, existisse varadouro que dava “passagem para as contravertentes do Rio da Prata, pois com effeito mais aqui, ou mais ally os antigos Paulistas por ahy tranzitavão para o Cuyabá, e tudo isto descobrirá o tempo”¹⁷⁵. Em abril de 1770, D. Luiz mandou mais quatro peças de artilharia para Iguatemi, completando quatorze; ordenou que se fizessem roças e mais roças, porque sem comer não se conservam corpos militares e que os víveres eram os primeiros preparos para a guerra.

As maiores roças ficaram na “Caxoeira”, mais protegidas dos inimigos que as do sítio de Bom Jardim, ou Guarda Velha, que ficavam ao norte da Praça¹⁷⁶. Mandou que se fizesse paz com os índios¹⁷⁷. Duas semanas depois de receber o mapa da região de Iguatemi elaborado pelo ajudante Theotonio José Zuzarte, Morgado de Mateus ordenou abrir um caminho para a nova povoação do Ivaí, fazendo uma picada a partir da “povoação de

¹⁷³ *Idem*, v. VI, 1902, p. 6.

¹⁷⁴ “O Capitão João Alves Ferreira era engenheiro militar, seguiu do Rio de Janeiro para Iguatemi por ordem superior, e não lhe pagaram o soldo durante todos os anos que esteve por lá, e quando solicitou a Morgado de Mateus, ele lhe disse que deveria receber do Rio de Janeiro e não da sua Capitania” (*Idem*, v. VIII, 1901, p. 89. N. do R.).

¹⁷⁵ *Idem*, v. VI, 1902, p. 49.

¹⁷⁶ *Ibidem.*, p. 89-90; *Idem*, v. IX, 1901, p. 71-75.

¹⁷⁷ “Com os Indios hão de estabelecer pazes, com a condição de q’ tudo o de q’ carecerem de nós, e de nossas ferramentas, panos, e effeitos se lhes venderão a troco das cousas que elles tiverem, e poderão vir livremente comprar q’ se não fará mal algum, e se lhes dará de comer, e se algum dos brancos la for, tão bem elles lhes darão de comer e lhe não fará mal algum. Essa paz assentou o Sr. Luiz Pinto com os vizinhos do Mato Grosso: mais advirto q’ em huma dessas Aldeas hé casique hum Indio q’ se criou no Cuyabá, e he muito conhecido, e bem instruído em tudo, e se auzentou ao depois de grande, e o fizerão lá Casique. Mais em hum rincão de Mato q’ fica entre o rio Mambay, e o Nanduy para a parte do Paraná, está grande quantidade de gado bravo, que para ali acurralarão os gentios, hé 5000, q’ o mande procurar, porq’ se aparecer poderão ter com q’ prover as novas fazendas, ou muito q’ comer para os primeiros tempos. Esta noticia me derão de Cuyabá, e inda hei de informar da mais particularidades para lhe avizar”.

Pirassicaba, por onde entravam antigamente os descobridores daquela paragem, seguindo as pizadas dos descobridores até certa altura, donde cortará em direitura ao Rio Grande, procurando sair com a picada pouco mais, ou menos por onde faz barra o Rio Pardo”. Entregou a execução desse caminho a Antônio Corrêa Barboza, como “cabo da expedição da gente” para aquele serviço¹⁷⁸. Em julho, o capitão-geral encomendou a esse empreiteiro também a construção da capela de Nossa Senhora dos Prazeres¹⁷⁹. Morgado de Mateus usou todos os artifícios para consolidar seu projeto. Após elogiar os serviços do tenente-coronel João Martins Barros e presenteá-lo com um anel, pediu-lhe um favor:

O Reverendo Pe. Antonio de Santa Thereza me diz q' quando se offereça alguma occazião de ir dentro levar cartas, não tem duvida em ser o portador, vosmece julgará o q' for melhor pois este religioso me parece de capacidade e prestimo, e eu entendo que para estas diligencias se deve sempre escolher pessoa muito advertida, dissimulada e esperta, q' saiba o que ha de dizer, e tambem o que ha de observar.

Se as respostas do Governador do Paraguay vierem favoráveis, eu estou resolvido a lhe enviar um presente das couzas que se fizerem mais apetecíveis, e estimaveis na sua Provincia. Vosmece me apontará os generos que lhe ocorrem e se hé certo o que se me informa de ser muito estimada a louça da India, vidros bons, e esguioens finos, pratas, ouro e sedas já que sabe que sempre tem lugar.

Tambem quero que vosmece me diga o que lhe parece sobre esse ponto; porque acho muito conveniente lizongear este Governador para que concorde em um convenio, q' nos sucegue a nossa posse até a decizão das Magestades, como tambem q' elle fexe os olhos e se poder fazer algum occulto, e disfarçado para cond. desse povo.

He o que se me offerece dizer a vosmece que Deus guarde muitos annos. S. Paulo a 31 de Outubro de 1770.

D. Luiz Antonio de Souza.

Snr. Tenente Coronel João Martins Barros.

O capitão-geral observou que do passo de Guayrá, junto às “Sete quedas, q' sendo para baixo todo o paiz pantanozo, e cheyo de matéria impraticável só por aquella parte nos

¹⁷⁸ Em 22 de novembro, Antonio Corrêa Barboza estava com sua expedição na *caxoeira de Avanhaudaba*, prosseguindo o caminho para a “praça do Guatemy”, em cuja diligência lhe acompanhava Luiz Vaz de Toledo; solicitou, naquela ocasião, “huma baeta, huma camiza, huma bombacha, hum chapéo e hum surtum” para cada homem da expedição (ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. VI, 1902, p. 139-142).

¹⁷⁹ “Muito me alegre com as boas noticias, que vosmece. me dá de ter acertado com a picada dos antigos para abrir por ella o caminho de q' o tenho encarregado para Yvay, e como esta obra he de tanta utilidade para aquella povoação recomendo muito a vosmece. torne a continuar a diligencia, pois convem muito fique acabada este anno, antes de entrarem as agoas: e para q' vosmece. possa reformar a gente inútil com outra mais suficiente recorrerá aos Comandantes, que agora vão aprontar a expedição, para q' o reforcem com recutas necessárias. Vai a provizão para se levantar a capella nessa povoação, vosmece lhe procurará o melhor sitio na frente da praça principal, e a delineará de modo que se possa servir pelo tempo que adiante de capella mor a todo o tempo que lhe quizerem acrescentar o corpo da Igreja para fazer freguezia: A invocação ha de ser de N. Sra. dos Prazeres, minha Madrinha, e Padroeira da minha Caza e a sua Imagem ha de ser colocada no altar mor; pois tenho tenção de a fazer venerar em toda parte que puder: dos lados, ou nos altares colateraes se hão de collocar os dous Santos do meu nome q' são S. Luiz, Rey da França, e Santo Antonio de Padoa: no cazo q' não hajão estas duas Imagens com avizo de vosmece as mandarei fazer”.

poderão entrar, e ainda cortar o passo, por cujo motivo seria muito conveniente q' nos fortificacemos nelle". Entretanto, ele priorizou "os paizes q' correm para as partes da Vaccaria. O primeiro e o principal fim das Expediçoens q' se devem seguir hé poar todo estudo e toda a deligencia em abrir hua passagem pello caminho mais fácil emthé o Rio Paraguay, e segurar a navegação delle athé o Cuyabá"¹⁸⁰. Para esse fim, havia empreitado o caminho de Piracicaba até a praça de Iguatemi. "Depois disso hé muito nessessario que se procurem os varadouros dos Contravertentes Dos Rios q' saem da Serra Maracajú e correm para hua e outra parte della. Os antigos Paulistas frequentavam muito essa passagem, e se serviam della para o Cuyabá no tempo em q' domavam os gentios". Morgado de Mateus informou o capitão-mor de Sorocaba, José de Almeida Leme, de que tinha um mapa antigo, com o roteiro do caminho que seguiam os antigos paulistas¹⁸¹.

O "Mappa do Certam de Tibagi, que Angelo Pedroso Leme fez em 1755, e a "Planta de huã grande parte do Sertam de Tibagy que se acha descoberto", de 1769, calcado no anterior, constam os caminhos de São Paulo a Viamão e alguns que saem de Curitiba, sem mostrar o caminho descrito pelo capitão-geral. Na "*Carta Chorografica dos dous Certoens de Tygagy, e Yvay*", novamente descobertos pelas Ordens e Instruçoens de D. Luiz Antonio de Souza Governador e Capitão General de Sam Paulo" (FIG. 48), de 1770, estão desenhados os Caminhos das Bandeiras, atravessando o rio Piquiri, para daí bifurcar-se para o a foz desse rio e para atravessar o rio Iguaçu, evidenciando que os paulistas já conheciam, nesse ano, os

¹⁸⁰ ARQUIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. VI, 1902. 30 out 1770.

¹⁸¹ "Eu tenho mappa antigo em que se deo o roteiro deste caminho, o qual hé sahindo de S. Paulo á Sorocava, dahy a Fazenda Votucatú que foi dos Padres, e desta á S. Miguel junto ao Paranapanema, que hoje se acha destruído, ahy costeando o Rio pela esquerda se hia á Incarnação, Santo Xavier, Santo Ignacio, lugares que todos se acham destruídos, dahy embarcavam no Paranapanema, e desde o Salto das Canoas emthé a barra deste rio gastavam vinte dias; dahy entrando no Paraná navegavam o Rio avenheuma ou das tres barras, e subindo por elle emthé perto de suas vertentes adonde as canoas atravessando por terra as vargens da Vaccaria iam direito a hua povoação chamada S. Ignacio, e mais adiante della tornavam a embarcar em outro Rio considerável q' dezagua para o Paraguay, cujo Rio acho em algumas partes nomeado Aguary e em outras partes chamados Correntes, donde seguiam caminho direito para o Cuyabá. Neste mesmo mappa se vê q' o caminho de terra dos antigos q' passa pela Vaccaria direito a povoação de S. Ignacio, deixava a mesma Vaccaria a esquerda hua povoação grande chamada Villa Rica, e a direita a Cidade de Cherez que no tempo da aclamação tinha Bispo, e Governador e foi destruída em os anos de 1648. Destas mesmas povoaçoens faz menção o negrano na sua Geographia do Paraguay dizendo que as villas mais signaladas desse continente a que chama chaco, Sam Xeres, Villa Rica e Maracajú e em húa Carta geográfica acrecenta outra a que chama nossa Senhora de Santa fé, e distingue esta Villa Rica de outra que põem na província de Goayrá, adonde tambem descreve Ciudad Real, na boca de hu grande Rio que dazagua no Paraná, e esta a província de Goyará fica entre as Cetequedas e o Rio huguáSú, e hé verdadeiramente muito o q' hoje chamamos de Certam de Tibagi e Yvay. Todas estas povoações que ficam para essas partes e não há muito q' se despovoaram hé muito conveniente q' hoje procuremos para as restaurar, e restabelecer, e parao referido no caso de me darem os socorros necessários queria preparar huas expediçoens, hua q' subisse pelo avenhuema e buscasse as suas contravertentes para o Paraguay, e outra que fosse ao Camapuan, e descendo o rio Taquary viesse a fundar hua fortificação no estreito adonde chamam o fecho dos morros para assegurararmos a navegação daquelle Rio contra as irruçoens dos Paraguás" (*Ibidem*, p. 144-146. 7 fev 1771).

fixo a barra do Rio Pardo eh ir cortando o sertão bem pelo meyo da campanha q' medêa entre os dous rios Paranapanema e Tieté, fógindo sempre de avizinhar-se aos ditos Rios por conta dos matos e pantanaes q' ambos tem por toda sua margem. E seguindo-se a direção referida, vencendo-se as difficuldades da campanha, penetrando q' seja o mato q' abeira o Rio Grande, se tiver comodo para o caminho logo q' sahirem a margem do dito rio, a costearão ainda q' seja mayor volta athe encontrar o ribeirão de Santo Anastacio, q' fica meya legua abaixo da barra do Rio Pardo em frente das tres ilhas adonde mesmo o Rio Grande tem a melhor passagem tanto para barcas como nado de animaes, cuja passagem deve ser da sahida do dito ribeirão em direitura a Ilha do meyo q' faz huma grande praya, e dahy cortando a outra banda na sahida se deve costear pelo barranco do rio athé a barra do Rio Pardo, porque dahy para baixo em té a barra do Guatemy ha grandissimas lagoas e continuados pantanos q' fazem dificil a passagem. Em chegando ao Rio Pardo se deve seguir a direção do caminho encostado as restingas de mato q' abeirão o mesmo Rio, e seguindo este athé onde faz barra o Nhanduhy dez ou doze leguas, e daly carregando sobre a campanha entre Oeste e Sul procurarão as cabeceiras do Rio Avenheuma, e cortando este e os campos da Vacaria procurar o Rio Amambay, q' lhe fica em distancia de dés legoas, e pasando este seguirão a campanha encostados no mato q' dece da cordinheira athé dar nas vertentes do Rio Forquilha, e dahy seguirão o mesmo rumo athé dar no Guatemy q' lhe fica em distancia de 8 legoas. A não seguirem esta direção, por outra qualquer parte será dificultosa a passagem por conta dos grandes barrancos, lagoas e pantanos q' do Rio Pardo para baixo se encontrão por ambas as margens do Rio Grande.

D. Luiz Antônio de Souza propôs que os soldados curitibanos, que estavam às ordens do tenente Francisco Lopes, se estabelecessem no meio da Vacaria, entre o rio Avenheúma e Correntes, fazendo uma fortificação para se defender do gentio, e “esta gente de Curitiba hé mais própria para este effeito por serem creados no campo amançando cavallos, e ao mesmo tempo se evita que possam dezertar para Castella para donde se prezume que poderam retirarce por serem muy parecidos aos Castelhanos nos costumes”¹⁸⁴. O capitão-geral solicitou muitas vezes a colaboração de Antônio Corrêa Barboza, de Piracicaba. Continuou sempre à frente das providências que se faziam mais necessárias¹⁸⁵. Ordenou que o padre beneditino Antônio de Santa Thereza, com o outro religioso de N. Sra. do Carmo, transpusessem o rio de D. Luiz, “a fazer corpo com outras expedições que tenho mandado para o mesmo sítio a fundar a Povoação sobre os antigos fundamentos de Villa Rica, novamente descobertos”¹⁸⁶. Agradeceu o capitão-mor de Sorocaba José de Almeida Leme pelo zelo na diligência de abrir caminho “do Rio Grande para a Povoação de Guatemy, por já

¹⁸⁴ ARQUIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. VI, p. 144-146. 7 de fevereiro de 1771.

¹⁸⁵ Em dezembro de 1771, foi feito o pagamento do soldo de seis meses dos soldados e oficiais das tropas pagas, *da tropa de Ventureiros*, incluindo os 67 povoadores que serviam à tropa. Morgado de Mateus ordenou que fossem rendidos os soldados e cabo do destacamento de infantaria, substituindo-os pela companhia do capitão Francisco Aranha Barreto, que saiu de Curitiba. Destacou duzentos mil réis para a construção do templo a Nossa Senhora dos Prazeres e São Francisco de Paula, mandou três milheiros de pregos e recomendou a utilização das telhas que já deveriam estar fabricadas. A tropa do capitão Francisco Aranha Barreto era composta de 47 soldados e 6 oficiais, além da tropa de aventureiros, composta de 120 soldados e 8 oficiais. A companhia de Curitiba, que fora comandada pelo capitão Francisco Lopes da Silva, era composta de 49 soldados e 5 oficiais (*Idem*, v. VIII, 1901, p. 12-13).

¹⁸⁶ *Idem*, v. VII, 1902, p. 6-7.

terem chegado os homens da picada ao Rio Iguapey, e que dali passavam ao Rio Pardo a buscar por onde entrou Francisco Pays, a melhor direção do caminho cortando o Sertão”¹⁸⁷. Disse que, como constava que naquela vila de Sorocaba e seu distrito havia quantidade de mulheres fadistas, “que com escandaloso procedimento andavam perturbando o sossego público, e porque seriam útil a terra e serviço de Deus mandá-las para Guatemy onde podiam casar e viver como Deus manda, sem andar em tão estragada vida, ordenou que prendesse todas, que não fossem velhas ou doentes e incapazes de poder casar”¹⁸⁸.

Como a direção do caminho de Sorocaba até a barra do rio Pardo já estava descoberta, o capitão-geral ordenou que continuasse, “cortando a campanha pelas cabeceiras do Amambay e Avinheuma à procurar o Nhanduy, e vindo costiando a buscar o passo do Rio Grande na foz do Rio Pardo, onde faz barra o Rio de Santo Anastácio, em que há de ser a passagem”. Ordenou que na saída do capitão Paulino Ayres de Aguirra e mais gente *de sua conducta* fizessem sair trinta ou quarenta homens, capitaneados por Antônio Corrêa Barboza e Luiz Vaz de Tolledo “a descobrir, marcar com toda a certeza o caminho dessa Praça até a foz do Rio Pardo, cortando a campanha pela mais cômoda nas cabeceiras dos rios já referidos”. O capitão Paulino deveria seguir com a mais gente e canoas e esperar por eles na barra do Rio Pardo. O capitão-geral julgou necessário conservar uma guarda no lugar da Forquilha, “tanto para cortar o passo dos que quisessem sair da Praça sem licença, como para vigiar por aquela parte qualquer novidade que pudesse haver da outra banda”¹⁸⁹.

D. Luiz Antônio de Souza publicou um bando, de março de 1772, convocando a população da capitania para formar bandeira de cem homens para continuar as conquistas nos sertões “de Tigagy, Campos de Guarapuava e Descobrimento da Serra Apucarana, para reduzir à perfeita obediência as bárbaras Nações que habitam os Campos de Guarapuava”¹⁹⁰.

O marquês de Lavradio, em abril de 1772, concordou com D. Luis Antônio de Souza de que em primeiro lugar deveriam “segurar o passo de Guatemy, fazendo-lhe húa

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 34.

¹⁸⁸ As mulheres que voltaram do porto de Araraitaguaba para Sorocaba foram presas, mas depois soltas por ordem do governador. De Itu foram mandadas três mulheres dos presos que já se encontravam em Iguatemi e seis mulheres “avulsas” (*Ib.*, p. 46- 48).

¹⁸⁹ *Ib.*, p. 57- 75.

¹⁹⁰ Concedeu aos voluntários o perdão de quaisquer crimes, isenção de qualquer execução de seus credores, durante a diligência, os desertores gozariam de privilégios, liberdades e isenções, todos que se alistassem iriam vencendo soldo, especialmente das freguesias “da Conceição, Nazareth, Jaguary, Juquiry e da Villa de Atibaya”. Preocupado também com a navegação para Cuiabá, ordenou que o capitão José Gomes de Gouvêa debelasse o gentio *cayapó* do Avandava até o rio Pardo e nas campanhas de Mogiguaçu. Foram mandadas em seguimento duas bandeiras, formadas nos distritos de Jundiahy, Mogy Mirim e Mogy Guaçu, Campo de Belem, Freguezia de Juquiry, “com homens capazes, robustos e sertanejos, e também dos Pardos com o mesmo soldo que vencem os aventureiros das Expedições do Tibagy e Guatemy” (ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. VII, 1902, p. 133-143).

Fortificação competente para o podermos sustentar”¹⁹¹. Dali deveriam sair os precisos socorros para alguns postos destacados, “entre elles lembra V. Sa. o da passagem da Cordilheira, q’ vay sahir ao Presidio de Curuguay o qual me parece mui importante”. Propôs que diferentes patrulhas andassem examinando o longo da cordilheira para coibir a abertura de alguma nova picada, “por onde aos Castelhanos se lhes torne a facilitar a comunicação que nós embaraçamos”.

Hé sem duvida que para tomarmos aquelle segundo Posto necessitamos afectar alguns pretextos, e parece-me muito bem os que V. Sa. aponta, porem para que estes tivessem mais alguns fundamentos que pudessem desculpar aquella acção me parecia que sem podião instruir dous ou tres homens constantes e de todo o segredo, aos quaes antes de se tomar o Passo, se lhes ordenasse fossem por elle affectando hirem dezertados, ou que se tentasse algum contrabando no mesmo lugar, q’ tivesse mayor bulla, aproveitandonos imediatamente logo que qualquer destas couzas succedesse para irmos occupar aquelle Posto, pretextando a rezolução que tomavamos com o que vinha de acontecer, e sem largarmos o Posto por mais instancias que nos fizessem, se lhe respondesse com reflexoens do quanto a ambas as Naçoens era útil estar elle occupado e defendido, e como athé agora ninguém se tinha amparado delle, e nós em elle estar aberto, e livre, tínhamos tido tanto prejuízo, parecia que a nós hé a quem competia darmos as providencias para nam experimentarmos tantos damnos; que V. Sa. ignora que aquelle lugar pertença aos Dominios de S. Magestade Catholica, e que depois de V. Sa. se amparar delle pelos justos motivos que teve, que V. Sa. não tem jurisdição para o ceder sem pozitiva ordem de nosso Augustissimo Amo, protestando-lhe porem sempre que V. Sa. procurará se lhe faça a melhor vizinhança, ordenando se nam consinta se haja de passar, ou fazer por aquella parte algúa negociaçam das q’ seão prohibidas pelas Leys de ambos os soberanos.

Em segundo lugar, deveriam povoar as campanhas da Vacaria, “q’ ficam adjacentes á dita Praça para ficar sendo mais facil o socorro della”. Deveriam para isso favorecer o estabelecimento de lavouras e estabelecimentos para as famílias, pois mais facilmente poderiam ser socorridos de mantimentos; estes mesmos lavradores e famílias ali estabelecidos poderiam aumentar as forças de gente em caso de ataque àqueles postos. Porém, “devo dizer a V. Sa. q’ desta gente eu só me valeria delles para este serviço em cazo de extrema necessidade, e logo que ella acabasse lhe restituiria as suas Liberdades, deixando-os em todo o socego continuarem as suas lavouras, protegendo-os quando coubesse no possível”, pois, lembrou o vice-rei, esse era o único meio com que se poderia conseguir o aumento da agricultura e de famílias, para se fazer nesses “vastíssimos Dominios as Povoaçoes de que tanto se necessita”. A indicação do brigadeiro José Custódio para comandar a guarnição era estratégica para sua autonomia, apesar de levantar a desconfiança dos espanhóis quanto às suas intenções. Finalmente, o marquês do Lavradio tratou do assunto da redução dos índios:

¹⁹¹ *Idem*, v. IX, 1901, p. 99-111. *Carta do Marquez do Lavradio*.

Hé certo que parece muito dificultoso conseguir-se pelos termos da Piedade e da Brandura, porem a nossa Corte assim o determina, e eu confesso a V. Sa. ingenuamente, q' isto hé, e seria sempre o meu sistema; athé agora, hé certo, que nunca por aquella forma o temos praticado, e quaes tem sidos as utilidades, que disto temos tirado! Sam fáceis de ver, e vem a ser: o radicarmos nos coraçõens daquelles Povos a rayva e o ódio contra nós, fazelos cada vez mais revoltosos, aumentando-lhe a sua barbaria, e q' cada vez vivão de nós mais desconfiados; pois sigamos o contrario daquelle sistema, ainda q' não seja q' para vermos se com elle conseguimos effeitos mais vantajosos¹⁹².

Por seu lado, o superior governo reunido com o vice-rei em Lima, analisando as cartas de D. Carlos Morphy, que por falta de apoio de Buenos Aires, a povoação de Curuguaty havia estabelecido comércio com os portugueses de Iguatemi, decidiu que o próprio governador da província do Paraguai deveria ir até essa vila averiguar os excessos e castigar os culpados. Mandou que o governo de Buenos Aires apoiasse o governador da província do Paraguai com o necessário para a expulsão dos portugueses daquele lugar e, para que não invadissem novamente, mandou que os dois governadores mantivessem comunicação constante. O segundo caderno de correspondência de cartas entre Carlos Morphy e Morgado de Mateus, entre os anos de 1768 e 1771, evidencia que as relações entre os dois foram cordiais, entretanto, sem colaboração¹⁹³. Ao findar 1772, o marquês de Lavradio, vice-rei do Brasil, ordenou que o capitão-geral renunciasse sua obstinação em conquistar os Campos da Vacaria, “tendo entendido que todas que conseguirem nos Sertoens da America nunca serão equivalentes a perda do Rio Grande; e as consequencias que della podem resultar aos mais Dominios do Brazil”.

Nessa época, mesmo com ameaça de punição severa, a deserção para o Paraguai era frequente entre os habitantes que foram trazidos à força para esse lugar. Por essa razão, Morgado de Mateus considerou a sugestão da mudança da localização de Iguatemi, aceitando a “cituação de Bocaina, visto ser sadia e os povoadores della se agradão”, no entanto, pediu cautela e prevenção com as “traições com q' os Indios os queirão hostilizar”. O capitão-geral regulava seus passos pelas notícias que conseguia sobre as ações dos espanhóis¹⁹⁴.

Vejo o que Vosmecê me diz a respeito das observações que com industria vai fazendo na Provincia do Paraguay, por meyo das correspondencias a q' tem dado

¹⁹² *Idem.*

¹⁹³ *Si don Carlos Morphy no tuvo por los indios considerable quebranto experimentó algunos disgustos por los políticos que se le ofrecieron. El más grande fue su conducta respecto de la población portuguesa de Igatimi. Quisera ceñirme a sólo expresar obró com prudencia y como se debía, pues no le era lícito tomarle la justicia por sus manos, aunque fuese en terrenos que sin controversia manifestaba pertenecían al Rey* (AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico...**, *op. cit.*, p. 471).

¹⁹⁴ ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. VIII, 1901, p. 83.

principio, e q' dezejo continuem para podermos alcançar o fim a q' se encaminhão os projectos d'aquelle Governo, respectivo as expedições em q' Labora, com o pretexto de estenderem as suas Povoações Rio acima, pois hé útil sabermos a parte certa em q' se estabelecem, e se se avizinhão muito ao nosso continente, no que recomendo a Vosmecê tenha sempre grande cuidado de se fazer sciente, e de me participar o que nisto for descobrindo para que assim melhor possamos regular as nossas disposições. M.to estimo a noticia q' me participa, de se ter facilitado a abertura do caminho com a sahida do Bezerra¹⁹⁵, o qual me assegura ficará de todo concluído até o Rio Pardo com a sahida das Tropas, que pretende trazer o Cadete Joaquim Roiz, q' me diz fica disposto a partir com ellas te meado de Julho.

Ainda em fins de 1773, apesar das divergências com o vice-rei, Morgado de Mateus apelou ao rei de Portugal para que compreendesse a necessidade de se assegurar as passagens da serra de Maracaju e Fecho dos Morros. Em 1774, Martinho de Mello e Castro¹⁹⁶ comunicou que o rei reprovou seu projeto e “n'esta intelligencia prohibe o mesmo Senhor a Vossa Senhoria de mandar aquelle sertão tropas regulares”. Em 9 de junho de 1774 foi nomeado seu substituto. Nesse ano, os guaicurus atacaram o forte, destruindo e queimando parte de suas construções. De Lisboa não viam lógica alguma na invasão espanhola pelo Iguatemi: “o certo He que os Castelhanos não podem chegar aos referidos Sertoens tão formidáveis como elles se querem persuadir, porque hão de marchar por Dezertos e Serras, e por Bosques faltos do necessário para subsistir a vida humana; hão de transportar todos os mantimentos para se alimentarem, e todas as muniçoens para nos offenderem”. Mesmo assim, o ministro era favorável em defender posições portuguesas fosse ao oeste, fosse ao sul. Em primeiro lugar, deveriam reforçar as “provizoens de boca”, fazendo aumentar as roças de milho, mandioca e “mais frutos da terra”. Em seguida, que se incentivasse a tática de emboscadas, levadas a efeito pelos sertanejos de S. Paulo “nos passos estreitos e por dentro dos matos que elles bem conhecem”, com o objetivo de fazer os castelhanos abandonar todo o território entre essa capitania e a margem setentrional do Rio da Prata¹⁹⁷.

Em razão disto, José Custódio de Sá foi para Iguatemi em dezembro de 1774, acompanhado de um cirurgião e muito bem guarnecido de víveres, remédios e todo o necessário, vindos do Rio de Janeiro. Quando chegou, apressou-se em escrever ao governador do Paraguai, saudando-o e augurando relações de paz e harmonia. Porém, não escondeu sua desilusão com o empreendimento da Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Rio

¹⁹⁵ Morgado de Mateus mandou “os ministros da Junta da Real Fazenda assestir com trinta e dous mil rs. a Francisco Xavier Bezerra da Villa de Mogy-Mirim a conta do q' vencer na expedição do Gentio Cayapó, e abertura do caminho do sertão a q' vay destinado”. Em 11 de fevereiro de 1773 (*Ibidem*, p. 11).

¹⁹⁶ Titular da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e de Ultramar, na época.

¹⁹⁷ BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Autoridade e Conflito...**, *op. cit.*, p. 272.

Iguatemi¹⁹⁸. No *Diário* que fez, o brigadeiro demonstrou sua contrariedade. Para ele, o local escolhido para o forte não tinha elementos suficientes para constituir um baluarte de defesa contra possíveis invasões castelhanas. Além disso, a insalubridade quando da vazante do rio Paraná causava pestes que espantavam os possíveis candidatos a moradores, fazendo restar apenas malfeitores e criminosos. Não via possibilidade de muitas alterações nesse quadro: a transferência do forte abriria novo flanco indefeso sem resolver os problema dos pantanais insalubres. O comércio oferecido pelo Paraguai era de “tabaco, açúcar, sal, a erva chamada Congonha, algodão e madeiras e nada disto nos pode ser útil, esta he a pura verdade”. A lavoura também não interessava aos castelhanos como comércio, suprimindo apenas as necessidades locais. A lavoura dos portugueses se limitava às proximidades do forte, por causa dos ataques indígenas. O único comércio lucrativo podia ser o das bestas muares, que estava proibido, por prejudicar a criação no Rio Grande do Sul. Havia ainda a dificuldade de comunicação com São Paulo por caminho fluvial tão acidentado, e por caminho terrestre tão problemático. José Custódio achava melhor desenvolver as áreas do Tibagi e do Ivaí, que, pela proximidade com São Paulo, poderiam ser socorridos mais facilmente, em caso de necessidade.

No ano de 1775, Morgado de Mateus foi substituído no governo da capitania por Martim Lopes Lobo de Saldanha. O novo capitão-geral, não vendo razão da presença de José Custódio de Sá e Faria naquela “inutilíssima praça de Yguatemy”, chamou o brigadeiro a São Paulo¹⁹⁹. Ele foi substituído pela junta integrada pelo vigário Caetano José Soares²⁰⁰, pelo capitão Joaquim de Meira e Siqueira e pelo tenente Jerônimo da Costa Tavares. Não obstante, o capitão José Gomes de Gouveia continuou como capitão-mor regente.

O novo capitão-geral de S. Paulo, apesar de ter opinião diferente de seu antecessor, enviou algum socorro “para os infelices habitantes do Yguatemy, maldito Yguatemy, e alguns mezes de soldos e mais viveres que sou precizado agora mandar-lhe para que não acabem de

¹⁹⁸ ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Documentos Interessantes...**, *op. cit.*, v. IX, 1901, p. 120-124. Carta de 20 de julho de 1775. Relatou que a tropa e o povo viviam consternados “e a minha mayor vigilancia hé nas deserçoens, pois todos Sam propensos a ellas pelo disgosto, como q’ aqui existem, a que tem dado cauza as pestes, fomes, faltas de pagamentos, e serem as Companhias de Aventureyros compostas de negros, mulatos e criminozos, a quem a honra não interessa, nem lhe deve a menor paixão, sem embargo de todos os cuidados, tem dezertado muitos, sem se poder evitar pelos grandes matos vizinhos, com que se amparão para a fuga”.

¹⁹⁹ Em 7 de setembro de 1775. José Custódio de Sá e Faria foi enviado pelo marquês de Lavradio para a construção de fortalezas na Ilha de Santa Catarina, logo depois tomada pelos espanhóis sob o comando de Cevallos, foi aprisionado e passou para o lado dos espanhóis, vivendo em Buenos Aires até falecer. Logo que chegou o Tratado de Limites de 1777 a Buenos Aires, o vice-rei deu ao brigadeiro para ler. Ao ver os artigos VIII e IX, delimitando a fronteira pelos rios Igurey e Corrientes, lembrou que, por sua sugestão e do comissário espanhol, haviam substituído pelos rios Iguatemi e Ipané-guazú. O vice-rei escreveu à corte espanhola solicitando a substituição adotada em 1750 e que demarcassem também as cabeceiras mais imediatas do Aguaray, que ainda pensavam que se unia ao rio Ipané.

²⁰⁰ Os padres recebiam soldo próximo em valor ao de tenente.

fome ou não dezertem para Curuaty, e tudo isto sobre as ordinárias despesas da Fazenda Real, que excedem os seus rendimentos”. Entretanto, uma grave dissidência interna dos oficiais e soldados forçou a substituição do capitão-mor, pelas desordens generalizadas, motivadas pela falta de alimentos, munições e pela aproximação da invasão pelos espanhóis. O padre Antônio Ramos Barbas e Louzada, provido “vigário da vara” e capelão da Igreja e Praça de Iguatemi, da capitania de S. Paulo, “no tempo em que se achava ateadada a guerra do Sul entre as duas Nações Hespanhola e Portugueza”, depois de algumas escusas, aceitou a regência na Praça de Iguatemi junto com o tenente Jerônimo da Costa Tavares. Quando apareceu o “inimigo com três mil homens de Tropa regrada e outros tantos gentios”, comandados por Agostin Fernando de Pinedo, estavam com 116 praças, muitos dos quais desertaram. Tratou de capitular. Esta prudente resolução foi reputada como criminosa e o vigário foi preso no calabouço da fortaleza da Barra Grande da praça de Santos, onde ficou por dezoito anos. Em 27 de outubro de 1777, já em vigência do Tratado de Santo Ildefonso, caiu Iguatemi. Foram concedidas as seguintes cláusulas e condições, assinada pelos três:

1º. – Que deixará sahir livremente da referida Prassa as tropas assim regrada como de Aventureiros com suas Armas e Cartuxame com 16 cada um, pelo perigo que tem do Gentio a sua retirada, juntamente os tambores com suas caixas. (Concedido).

2º. – Que da mesma sorte dexará sahir os dous Regentes, e mais Officiaes com todo o seu trem e Escravos com aquellas honras aos mesmos devidas. (Concedido).

3º. – Que assim mesmo deixará sahir todos os Povoadores com suas famílias, e com todo o seu fato, dinheiro e Escravos, como tão bem todo o mais Povo, que na dita prassa não quizer ficar, isso com todo que cada qualquer deles tiver e possuir. (A todo o que não tiver destino no serviço de El-Rei lhe nego esta faculdade).

4º. – Que se lhe concederá tempo para as referidas famílias se prepararem, e tudo o mais que lhe for necessário para o seo transporte. (Concedesse o termo de 4 dias).

5º. – Que deixará sahir todas as Imagens e ornamentos que pertencem a Igreja. (Concedido exceptuando os sinos²⁰¹).

6º. – Que no dia da retirada fará retirar suas Tropas, para os ditos Povoadores, Soldados, e mais Officiaes e familias sahirem dezassombrados tendo assim as passagens francas. (Concedido, verificado que seja o dezataque).

7º. – Que tudo que ficar na dita Prassa se assignarão recibos de parte á parte, para a todo o tempo constar a verdade. (Acordado com o intervenio do Ministro o Sr. Martin José de Arambue, que com pontual noticia da Artilharia, Armas e muniçoens, e mais pertences do armazém se fará carga como de conta de S. Magde. Catholica tratada nas suas determinaçoens).

8º. – Em que para firmeza, cumprimento e segurança de todo o Capitulado segurará o Exmo. Snr. General na forma do seu costume.

Praça de Gatimin, aos 27 de Outubro de 1777.

Na Prassa dos Prazeres de Gatemin no dia e era ut supra, logo que se são formados os Capitulos desta Capitulação entrarão as Tropas Espanholas a occuparem todos os postos e guardas desta Prassa, e podem disporem-se, e sahir della.

²⁰¹ Um dos sinos e um crucifixo de prata, ambos retirados das missões jesuíticas de Guayrá, levados para S. Paulo e depois para Yguatemy, estão na Igreja Matriz de Itu. Na *relación de gastos con la Armada, destinada al reconocimiento del establecimiento de Ygatimi*, todos os pagamentos foram feitos em erva e tabaco, na quantia de 14.728,1 e 27.653 respectivamente (4 $\frac{3}{4}$ pesos huecos del País) (ANA-SH, v. 143, n. 2, 1778 e ANA-SH, v. 155, n. 3, 1791).

4.4 MIRANDA E A PROVÍNCIA DE MATO GROSSO

Em 1727 foi celebrado o ato da criação da Villa Real do Bom Jesus do Cuyabá²⁰². Felipe Coelho observou que “mais confiança devem por nos tempos, pois enchendo-se de povoações a capitania, poderá o rio Paraguai ser o marco da divisão”²⁰³. Em 1748, Antônio Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela²⁰⁴, deu a notícia da criação da capitania de Mato Grosso e outra de Goiás, divididas pelo Rio Grande²⁰⁵, e que ambas ficariam debaixo da sua jurisdição e governo, enquanto não assumissem os novos governadores²⁰⁶. Dois anos antes da criação da capitania, foi fundado o povoado de Pouso Alegre, no Mbotetey, para dar apoio aos garimpos de Mato Grosso. A capitania de S. Paulo foi extinta e anexada à do Rio de Janeiro até 1767, quando foi separada novamente. Junto com o governador e capitão-geral da capitania de Mato Grosso, Antônio Rolim de Moura Tavares, o conde de Azambuja, vieram “dous padres Jesuítas para aldearem os Índios”²⁰⁷.

O contrabando, corrente na bacia platina desde o século XVI, cresceu durante o período colonial nas mãos principalmente dos judeus portugueses; os cristãos novos. Porém,

²⁰² Antonio Pires de Campos e alguns companheiros subiram pelo rio Cuyabá, quando viajavam pelos rios e sertões da capitania de S. Paulo em conquista do gentio, “que reduziam á escravidão bem contra as pias intenções da lei de 10 de Setembro de 1611”.

²⁰³ COELHO, Felipe José Nogueira. Memórias Chronologicas da Capitania de Mato-Grosso, principalmente da Provedoria da Fazenda Real e Intendencia do Ouro (1779). In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIII, p. 139-143, 2º trimestre 1850.

²⁰⁴ O 1º Conde de Bobadela nasceu em Jurumenha, em 1685, no Alentejo, e faleceu em 1763, no Rio de Janeiro. Estudou na Universidade de Coimbra e depois, como militar, foi lutar na guerra da Sucessão da Espanha, em 1704. Foi nomeado por D. João V o último governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro, em 1733. Administrou a cidade por quase trinta anos, construiu o Paço Imperial e terminou o aqueduto da Carioca, os Arcos da Lapa. Foi nomeado Vice-Rei do Brasil, quando governou, além do Rio de Janeiro, Minas Gerais (1735-1752), São Paulo (1737-1739), Goiás e Mato Grosso (1748-1752), Santa Catarina, Rio Grande do Sul e a Colônia de Sacramento. Em 1752, foi encarregado da demarcação de limites do sul do Brasil, junto com o delegado espanhol, o governador de Buenos Aires, José de Andonaégui. D. Jose I condecorou-o em 1758 com o título de Conde de Bobadela. Governou até 1763. Seu irmão, Henrique Luis Pereira Freire, foi governador e capitão-general da província de Pernambuco (1737-1746). O 2º Conde de Bobadela, José Antonio Freire de Andrade, (1708-1784), irmão do 1º Conde, coronel de cavalaria e 6º governador da Capitania de Minas Gerais, em 1751, foi governador e capitão-mor do Rio de Janeiro, interinamente. O 3º Conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade (1774-1831), era filho do 2º Conde.

²⁰⁵ “Este rio, conhecido no Estado do Pará só com o nome de Araguaya, que lhes dão as muitas Nações que o habitam [...] conflue [...] com o Tocantins, em que perde o seu nome, indo os dous já unidos em um só, e caudaloso canal e com 370 leguas de correnteza” (SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RTIHGB...**, *op. cit.*, v. VI, n. 22, p. 156).

²⁰⁶ Iniciou o mandato de capitão general em 9 de maio acumulando as mesmas funções na capitania do Rio de Janeiro e exerceu o governo até 17 de janeiro de 1751.

²⁰⁷ Deram início ao arraial de Santa Anna na Chapada em 1751. Villa Bella da Santissima Trindade de Matto-Grosso foi fundada no ano seguinte e foi capital da capitania até 1835. Outras bandeiras atravessaram o território da província de Goyaz, passaram à margem esquerda do rio Araguaia e penetraram até as cabeceiras do rio das Mortes, onde fundaram nesse mesmo ano o arraial dos Araés (também recebeu o nome de Aracys), “nome de uma nação de índios que habitava aquela paragem”.

seu auge foi durante a administração do marquês de Pombal. O próprio conde de Azambuja foi consultado pelo marquês, quanto à possibilidade de incrementar o comércio ilícito com as missões dos Moxos e Chiquitos. “A intenção de Pombal era canalizar para os cofres da *Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão* o lucro do contrabando introduzido no vice-reino do Peru”²⁰⁸. A Companhia se prontificava a introduzir manufaturas inglesas em Mato Grosso, pela rota do Madeira, para que fossem levadas pelos comerciantes mato-grossenses ao território colonial espanhol, mediante lucros limitados a 12%. Lastarria atribuiu a esse comércio o interesse português em bloquear a ligação do Paraguai com Chiquitos, ocupando os dois pontos de passagem na margem ocidental do rio Paraguai²⁰⁹.

Não demorou o início dos litígios entre portugueses e jesuítas da província de Moxos²¹⁰. Chegaram ao confronto em 1763, conseguindo os portugueses desalojar as missões jesuítas no rio Itonamas, fazendo “grande estrago e mortandade”, saqueando a missão de S. Miguel e prendendo o jesuíta que a regia. Sujeitaram também a missão de S. Martinho. Em 1766, “houve alguns indícios da segunda guerra castellana”²¹¹, que não chegou às vias de fato. Os portugueses também se apoderaram de *los Montes de Cacao pertencientes a los Pueblos de Mojos que están a la parte septentrional del Rio Baporé e em ambas margenes oriental, y occidental del Rio de la Madera*²¹². Dobrizhoffer explicou o aparente descaso dos espanhóis com a ocupação das minas de Mato Grosso:

En Europa, los Españoles, para recobrar de los Ingleses La Habana en la isla de Cuba y Manila, en las islas Filipinas, restituyeron la Colonia de Sacramento a los Portugueses. Cuando algunos años después la guerra estalló de nuevo, Zevallos volvió a conquistarla después de haberse apoderado primero de la isla de S. Catalina. En aquel entonces, la Colonia quedó para el rey católico al hacerse La paz entre Portugal y España. Esta pérdida debe haber sido sensible a los Portugueses, pero mientras tanto pueden aguantarla pues si se les cegó un canal por el cual les aflúan inconmensurables riquezas, se les abrieron en cambio unos nuevos por la cesión de otros territorios y ríos. Ellos recibieron pues la aurífera Cuyaba, Mattogrosso, el Fortín S. Rosa (llamada La Estacada) y otras colonias levantadas por ellos. A muchos les parece muy peligrosa esta gran vecindad de los Portugueses con el Perú y tan perjudicial para los Españoles como provechosa para éstos, pues jamás se demuestran tardos en cuanto se trata de ampliar sus confines.

²⁰⁸ BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial...**, *op. cit.*, p. 93-95.

²⁰⁹ LASTARRIA, Miguel. *Colônias Orientales del Río Paraguay ó de la Plata*. p. 478. In: Documentos para la Historia Argentina, t. III, Buenos Aires, 1914, *apud* BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial...**, *op. cit.*, p. 102.

²¹⁰ Que haviam fundado as missões de S. Martinho, S. Miguel, S. Simão, S. Joaquim e Conceição, além da grande missão de Magdalena e outras no rio Itonamas, e no rio Mamoré, a da Exaltação, Santa Anna, S. Pedro (cabeça de todas), S. Xavier, Loreto e outras, no total de 22 (ainda que algumas já estivessem extintas, ficavam ainda 16).

²¹¹ COELHO, Felipe José Nogueira. *Memorias Chronologicas...*, *op. cit.*, p. 151-199.

²¹² CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos...**, *op. cit.*, p. 33-35. IV – *Relacion de las Poblaciones, y fortificaciones que desde la línea de Alexandro Sexto al poniente han formado los Portugueses, 1766.*

*Ejercitados desde la juventud en las armas y habituados a las ásperas rutas, no vacilarían en recurrir a la guerra y extender su poderío a la mina de Potosí que es tan rica en plata cuan pobre en defensores*²¹³.

O ciclo do ouro em Mato Grosso correspondeu ao período entre os anos de 1719 e 1822. A expulsão dos jesuítas em 1767, também de Moxos e Chiquitos, facilitou o contrabando. Por meio da navegação do Madeira, trocava-se ouro lavrado, laços, bretanhas, lenços, louças da Índia, vidros, instrumentos, ferramentas, por prata, bestas e panos de algodão²¹⁴. A capitania sobreviveu num quadro de decadente mineração recorrendo, entre outras atividades, ao comércio ilícito. Na interpretação de Uacury Ribeiro de Assis Bastos, o contrabando entre o Oriente Boliviano e Mato Grosso foi vital para a consolidação desse território como parte do Brasil²¹⁵. O domínio dos guaicurus barrou as possibilidades dos espanhóis avançarem mais ao norte do rio Apa. A descoberta do ouro em Cuiabá coincidiu com a *Revolução dos Comuneros*, de Antequera y Castro, proporcionando maior liberdade no desenvolvimento da mineração nessa região.

O capitão-geral Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres assumiu o governo em 1772 e permaneceu por dezessete anos²¹⁶. Foi substituído pelo seu irmão, que governou por mais sete anos. Ao ter conhecimento de que os espanhóis ocupavam a foz do Ipané, o governador da província de Mato Grosso, Luís de Albuquerque Melo Pereira e Cáceres, ordenou que se fortificasse o Fecho dos Morros. O presídio completaria a estratégia que norteou a fundação do forte de Iguatemi: assegurar a posse dos Campos da Vacaria, com o controle dos pontos de acesso dos espanhóis a essa região. O povoamento, com o estabelecimento de fazendas de gado, confirmaria o domínio²¹⁷. Essa estratégia partia do princípio que a escarpa da serra de Mbaracayú tinha apenas uma passagem, no passo dos espanhóis, no rio Iguatemi. Como o rio Paraguai se estreitava subitamente, no Fecho dos Morros, “por entre montes por huma e outra margem”, essa situação sumamente vantajosa

²¹³ DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones...**, *op. cit.*, v. I, (1784) 1970. De los limites de Paraquaria, convenidos por los españoles y portugueses en la ultima paz.

²¹⁴ A.H.I - C.D.P.R., lata 266, maço I, pasta 12: *Ofício de Luis de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres ao Ministro Martinho de Mello, de 18 de Dezembro de 1772, apud BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. Expansão Territorial...*, *op. cit.*, p. 99.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 3-5.

²¹⁶ Em seu governo havia registros em Vila Maria do Paraguai, entre Vila Bela e Cuiabá, em Insua, no Araguaia, Coimbra, no Fecho dos Morros, Príncipe da Beira, em Guaporé, Vizeu, em Corumbiara, e Albuquerque, no rio Paraguai.

²¹⁷ “Como as despesas destas expedições me impossibilitaram de poder entrar em mayores conquistas e por isto seria muito acertado que V. Exa. pela sua parte e se lhe fosse possível completasse a idea do Iguatemi, na forma que me aponta em Fecho dos Morros” (C.M.J.F.A.P. Catálogo de HORSH, Rosemarie E. Relação dos Manuscritos da Coleção J. F. de Almeida Prado. São Paulo: IEB, 1966, doc. n. 35, carta n. 7, de Luis Antonio de Sousa ao General de Cuiabá, *apud BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. Expansão Territorial...*, *op. cit.*, p. 164-165).

pela natureza, que, “ainda independente de arte²¹⁸, pela sua fragosidade”, possibilitava embarçar a navegação dos castelhanos. Com esses dois pontos de passagem conhecidos nesse tempo tomados e fortificados, seria estabelecido o controle sobre vasta região entre os rios Paraná e Paraguai. A ocupação dos sertões do Ivaí e do Tibagi terminariam essa proposta. Porém, o capitão Matias Ribeiro, encarregado de levantar o forte no Fecho dos Morros, ao descer com a tropa o rio Paraguai, passando pelo estreito de São Francisco de Sales, julgou ser aquele o ponto procurado. Aí levantou o forte de Coimbra²¹⁹ em 1775.

Fecho dos Morros ficava a umas quarenta léguas rio abaixo, próximo ao Itapucú-guazú ou Pão de Açúcar. No ano seguinte foi construído o forte de Príncipe da Beira e, em 1778, o capitão-geral fez ocupar o lugar que chamou de arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque²²⁰. Nesse ano ainda, mandou o capitão João Leme do Prado explorar o rio Miranda, enquanto Ricardo Franco de Almeida Serra foi enviado para substituí-lo como comandante geral dos estabelecimentos do rio Paraguai²²¹. Em 1791 foi assinado o tratado de paz entre alguns caciques guaicurus e o governo da capitania de Mato Grosso. Em 1800, no governo do capitão-geral Caetano Pinto, foram contabilizados 26.836 habitantes em Mato Grosso (7.105 em Vila Bela e 19.731 em Cuaibá), mais de 80% negros e mulatos, dos quais, 11.910 eram escravos (44% do total), 16 de brancos e contados apenas 1.015 índios; Incluindo os 854 habitantes distribuídos entre o Forte do Príncipe da Beira, Albuquerque e Miranda o total da capitania era de 27.690 habitantes.

²¹⁸ C.M.J.F.A.P. Catálogo de HORSH, Rosemarie E. Relação dos Manuscritos da Coleção J. F. de Almeida Prado. São Paulo: IEB, 1966, doc. n. 35, carta n. 4, *apud* BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial...**, *op. cit.*, p. 164.

²¹⁹ “Foi S. Ex. informado de que seria útil e necessário fazer-se algum estabelecimento ou fortaleza na margem oriental do Paraguay, junto da barra que n’elle faz o Ipaneme, ou no sitio denominado Fecho dos Morros, já para evadir a fuga dos escravos e facinorosos, o impedir aos hespanhoes a viagem para as ditas minas dos diamantes nas cabeceiras do rio Paraguay, presentemente vedadas, já para segurar um grande numero de leguas de navegação e posse sobre o mesmo rio, e já para freio dos insultos que os indios Paiaguá e Cavalleiro commettem aleivosos, muito principalmente aos negociantes que viajam pelos rios até Ararataguaba na capitania de S. Paulo. E por estas razões mandou S. Ex. com effeito estabelecer alli o presidio da Nova Coimbra, em 13 de Dezembro d’esta anno, no morro ou montanha da parte occidental, por ser mais alta e capaz, ficando a latitude de vinte ou vinte e um graus. Foi commandante o capitão de auxiliares Mathias Ribeiro da Costa, e os soldados eram duzentos e quarenta e cinco, entre dragões, auxiliares e ordenanças” (Joaquim da Costa Sequeira, Compendio historico chronologico das noticias do Cuyabá, repartição da Capitania de Mato-Grosso, desde o principio do anno de 1778 até o fim do anno de 1817. In: **Revista do IHGB**, n. 17, 1º trimestre, 1850).

²²⁰ “Fez tambem S. Ex. capitão mor das conquistas do Paraguay a João Leme do Prado, sertanista intelligente, o qual tinha ido descobrir o rio Embotety, hoje Mondego, que desagua no Paraguay acima do presidio da Nova Coimbra, dando noticias das campanhas e margens do mesmo rio, e de que lhe appareceram alguns índios, que por alguns trajes, rosários, missangas e ornatos de prata que traziam, bem deixavam ver se communicavam com os hespanhoes. Pouco abaixo da foz do mesmo Mondego, descobriu tambem um lugar mais próprio para povoação, e mesmo para forte” (SEQUEIRA, Joaquim da Costa. Compendio historico chronologico das noticias do Cuyabá, repartição da Capitania de Mato-Grosso, desde o principio do anno de 1778 até o fim do anno de 1817. In: **RIHGB**, n. 17, 1º trimestre, 1850).

²²¹ SERRA, Ricardo Franco de Almeida. In: **RTIHGB...**, *op. cit.*, v. VI, n. 22, p. 156-196.

Tabela 6: Extrato do mapa de população de Mato Grosso²²² em 1800

Classes	Villa Bella	Cuyabá	Capitania
Branços e Índios	635	4.622	5.257
Pretos - Forros	1.315	2.006	3.321
- Escravos	3.848	7.106	10.954
Mulatos - Forros	1.145	5.173	6.348
- Escravos	132	824	956
Guarnição do Forte do Príncipe	104	---	104
Guarnições da Fronteira do Paraguay	---	317	317
Moradores da mesma Fronteira	---	220	220
Moradores de Camapuã	---	213	213
TOTAL	7.209	20.481	27.690

Através de espião mandado até o forte de Coimbra, Lazaro de Ribera ficou sabendo do aumento da guarnição para 140 praças e mais 60 homens empregados na produção de víveres dentro do forte e outros 40 em um destacamento próximo. Esse aumento foi feito em agosto, assumindo esse forte um tenente-coronel e ficando Francisco Rodrigues de Prado de segundo. O forte Borbón era o mais avançado estabelecimento paraguaio ao norte do rio²²³. A viagem repentina de Rodrigues do Prado ao Mbotetey fez que se suspeitasse que tencionavam fundar às suas margens algum novo estabelecimento com os caciques guaicurus. O novo comandante, seguindo o costume do seu antecessor, presenteou ao espião espanhol com uma caixa de *Carey* com pedras da França, uma corrente de ouro e um anel de ouro com um topázio²²⁴.

O governador intendente do Paraguai Lazaro de Ribera relatou que, logo que recebeu o mando da província em 1797, se preocupou em restabelecer a paz com os índios situados na fronteira de Villa Real. O governador nomeou, em 1797, José Antonio Zavala y Delgadillo como *Jefe Superior Militar de la Villa de la Concepción* e seu distrito, com a missão de conseguir nova paz com os *mbayás* e ver forma de recuperar o crescido número de cavalos que haviam roubado. No entanto, ela durou pouco, até pela má conduta dos chefes da vila. Como as invasões e ataques às fazendas da região se repetiam e eram defendidas pelos moradores, sem soldo e à sua custa, com abandono de suas casas e de suas famílias, o coronel de milícias Josef Espinola propôs paz aos índios e procurou recuperar os cavalos que haviam roubado. Espinola encontrou-os marchando com o fim de atacar novamente aquele estabelecimento e, sem oposição, levou-os de volta a suas *tolderias* onde tomou mil e

²²² Fonte: Extracto do mappa de população de 1800, que em Pernambuco me deu Caetano Pinto de Miranda em 1807. In: **RIHGB**, t. XX, p. 281, 2º. trimestre de 1857.

²²³ Contava com quatro canhões e contingente de 48 homens, que foi aumentado para 96 praças, além de mais dois canhões; um bote do Ramo de Guerra ficou baseado nesse forte, com uma tripulação de 18 homens. Também foram solicitados um cirurgião, um sargento e cinco soldados.

²²⁴ ANA-SH, v. 170, n. 1, 1797. In: SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai...**, *op. cit.*, p. 694-697.

quatrocentas cabeças de gado vacum e quase mil e quinhentos de cavalari. Em contato com o comandante do forte de Coimbra e Albuquerque, este o acusou de ter entrado armado em território português e que aqueles fortes não teriam outro objetivo que de defender-se das ferozes hostilidades dos índios. Lazaro de Ribera por seu lado reclamou do *General de Matogrosso* de maneira mais rude.

*El Comandante de Coimbra es aquel Dn. Francisco Rodriguez del Prado qe. tanto Dio qe. hacer en la prova. de Moxos durante mi Govno. aquel qe. se dio a conocer pr. sus repetidos insultos y contrabandos en aquella parte de Frontera, [...] Por medio de este Delinvente lograran en Moxos fatigar ntra. atencion, y dar ensaches á sus ideas capciosas, y ahora pretenden hacer lo mismo fundados en el caracter de Rodriguez en el estado complicado en qe. se hallan los negocios de Europa; y lo qe. es lo mas qe. todo, en sus recursos, qe. son superiores á los ntros. e nesta parte del mundo. En efeco, un Comandante Portuguez qe. se halla a la cabeza de un corto Destacamento tiene fondos, y facultades pa. gratificar y obsequiar á los Yndios á manos llenas, y esta generosidad empleada con unos bárbaros qe. son siempre del qe. dá mas la estienden tambien a los Españoles, pues al mismo oficial qe. llevo á Coimbra el Pliego del Coronel Espinola, qe. motivo la precente contestacion, le regalo el sitado Dn. Franco. Rodriguez del Prado una Cadena de Oro con otras cosa de menor momento. Nosotros estamos sin medios pa. balancear una política cuyo objeto se manifiesta por si mismo*²²⁵.

O Presídio Nossa Senhora do Carmo do Mondego²²⁶, conhecido depois como Presídio de Miranda, foi fundado em 1797 a mando de Caetano Pinto de Miranda Montenegro (1796-1803), na margem oriental desse rio. Da sua foz, se navegava por ele três dias até a boca do rio Mbotetey e cinco até o presídio, em canoa bem equipada. A povoação de Miranda surgiu na parte externa da fortificação²²⁷.

Em 1801, Lazaro de Ribeira atacou o forte de Coimbra; avisados pelos guaicurús, os portugueses conseguiram reforço suficiente para defendê-lo. Em contrapartida, no ano seguinte, uma força do presídio de Miranda, comandada por Francisco Rodrigues do Prado²²⁸, atacou o forte São José, distante de trinta e cinco a quarenta léguas, matando seu comandante Juan Caballero, saqueando as casas e o forte, e deixando que os trezentos guaicurús também participassem do saque de 100 animais cavallares e 300 cabeças de gado vacum, duas peças de artilharia e quarenta arcabuzes, arrasando o forte e as casas e reduzindo tudo a cinzas. Em

²²⁵ *Ibidem*, p. 691-694.

²²⁶ “Á duas milhas distante do rio Aranhahy, sobre sua margem direita e imediata a uma serra”. BOSSI, Bartolomé. **Viage Pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá y el Arino**: tributário del grande Amazonas, con la Descripcion de la Provincia de Mato Grosso, bajo su aspecto fisico, geografico, mineralojico y sus producciones naturales. Paris: Libreria Parisiense, 1863. p. 42-43.

²²⁷ A freguesia de Miranda ia do rio Paraguay ao rio Paraná, até a barra do rio Pardo e por este até sua cabeceira mais setentrional; pelos rios Camapuã, Coxim e Taquari até os limites da inundação periódica da margem ocidental do rio Paraguay; o dito limite acompanha o curso do rio Paraguay até entrar na fronteira com a república do mesmo nome.

²²⁸ Com um alferes, Francisco Xavier Pinto, dois cabos e 53 soldados, entre dragões, pedestres e milicianos.

1803, os espanhóis fundaram a fortaleza de San Carlos, na margem esquerda do rio Apa. Miranda distava 60 léguas do antigo forte de Iguatemi e 50 da povoação de Camapuã, “tudo bellissimos campos”²²⁹.

Caso fosse estabelecida a ligação de Asunción com Chiquitos, o contrabando praticado com Santa Cruz de la Sierra sofreria um sério revés, e isto era do conhecimento da administração da província de Mato Grosso. Esse ilícito era uma das armas da expansão portuguesa. Se esta atividade não teve influência decisiva no aparecimento dos primeiros núcleos demográficos, Cuiabá e Vila Bela, foi indispensável para sua permanência e consolidação. Uacury Bastos avaliou que “a determinação de ocupar a margem direita do rio Paraguai com a fundação de Coimbra, em 1775, bloqueando as ligações entre a província do Paraguai e a de Chiquitos”, foi decorrência da importância que essa atividade desempenhou para a capitania de Mato Grosso e as regiões de Moxos e Chiquitos. Os lucros da atividade, durante a guerra entre França e Inglaterra, atingiram 300%. A defesa do forte de Coimbra, sob o comando de Ricardo Franco, ao ataque desfechado por Lázaro de Ribeira consolidou a ocupação da margem direita do rio Paraguai pelos portugueses. O avanço das estâncias espanholas nos campos dominados pelos guaicurus fez com que eles ficassem solidários com os portugueses. Francisco Rodrigues do Prado contou com a ajuda deles para atacar o forte de São José.

Aos poucos os portugueses foram deixando de percorrer os Campos da Vacaria, deixando de subir os rios Ivinhema e Iguatemi. Dos rios Pardo e Taquari, definidos como rota das monções, para baixo, nem a província de Mato Grosso nem a de S. Paulo²³⁰ mostraram mais interesse. O presídio de Miranda resistiu quase que isolado por toda uma região até encontrar as “incertas fronteiras espanholas”. Em 1815, a população da capitania de Mato Grosso praticamente permanecia a mesma de quinze anos antes²³¹.

²²⁹ Notícia resumida do tempo da fundação e nomes dos fundadores dos principaes logares da capitania de Matto-Grosso. In: **RIHGB**, v. XX, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Lemmert, p. 276-281, 2º trimestre, 1857.

²³⁰ A capitania de S. Paulo, quando deixou de participar da corrente de exportação para a metrópole, como fornecedora de mão de obra indígena para a economia açucareira, de preço muito inferior à africana, entrou em decadência econômica. Com os descobrimentos de ouro e sua participação no abastecimento das minas, teve um alento entre os anos de 1690 a 1733. O eixo econômico da capitania voltou-se então para o sul, para o caminho de Sorocaba, que conduzia aos negócios do gado de Viamão, base de muitas fortunas paulistas coloniais. A partir de 1789, se desenvolveu a exportação de açúcar, com centro em Itu.

²³¹ Segundo José Antonio Cabral era de 27.947.



FIG. 49. Trechos de rios navegados pelas bandeiras. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas (RONDON, Candido Mariano da Silva, 1952).

Uma provisão do Conselho Ultramarino²³² recomendou ao capitão-geral das capitanias do Rio de Janeiro, que não se concedessem sesmarias de mais de meia légua em quadra, e só no sertão se concedessem de três léguas. O uso público, o domínio particular por título legítimo, a concessão sujeita à revalidação, a posse dependendo de legitimação, serviram para diferenciar as várias ordens de terras que a lei distinguiu das devolutas²³³. Depois de desmembramento em capitania independente, pelo alvará de 1748, Mato Grosso começou a ter, desde 1751, o seu governo próprio, a quem incumbia doar, “aos homens capazes de exploral-as, as terras públicas, por meio de sesmarias”²³⁴. As sesmarias em terras de lavoura mediam em geral meia légua em quadra (1089 ha), e as de campos de criação mediam três léguas de frente para uma de fundo (13.068 ha)²³⁵. Para obter a sesmaria, o pretendente apresentava a sua petição ao capitão-geral, que a remetia, para ser informada, ao “Senado da Câmara do Districto” em que se achassem as terras e ao provedor-mor da Real Fazenda, que, após ouvir o procurador da mesma e da Coroa, mandava o requerente justificar que não possuía qualquer outra sesmaria e que dispunha de recursos para cultivar o que pedia.

²³² De 13 de abril de 1738, confirmando a de 15 de março de 1731.

²³³ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Questões de Terras**. São Paulo: Secção de Obras “ d’O Estado de S. Paulo”, 1923, p. 36.

²³⁴ Sesma – sexta parte da produção, como pagamento da terra.

²³⁵ TEIXEIRA DE FREITAS, Augusto. **Terras de Colonização**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1882, p. 9.

Preenchidas estas formalidades, e caso não houvesse contestação de terceiros, o capitão-geral mandava passar as cartas de sesmarias, que se registravam na secretaria do governo²³⁶. Nenhuma dessas sesmarias foi concedida ao sul dos rios Miranda e Ivinhema.

Tabela 7: Concessões de Sesmarias na Província de Mato Grosso²³⁷

Gomes Freire de Andrada		1748-1751
Antônio Rolim de Moura Tavares	300 sesmarias	1751-1765
João Pedro da Câmara		1765-1769
Luiz Pinto de Sousa Coutinho	28	1769-1772
Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres	193	1772-1789
João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres	119	1789-1796
1ª Junta Governativa	10	1796-1796
Caetano Pinto de Miranda Montenegro	24	1796-1803
2ª Junta Governativa	5	1803-1804
Manoel Carlos de Abreu e Meneses	16	1804-1805
3ª Junta Governativa	32	1805-1807
João Carlos Augusto de D'Oeynhausen e Gravenbourg	ignora-se	1807-1819
Marechal Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho	42	1819-1821
4ª Junta Governativa		1821-1822

Os paulistas no século XVIII partiram da freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Ararayaguaba para internar-se nos territórios que depois formariam a capitania de Mato Grosso. Afrontando as cachoeiras do rio Tietê, ganhavam o Paraná, desciam até a barra do rio Pardo, pelo qual subiam, e depois pelo Anhanduhy-guassú (Ñanduy-guazú). Atravessavam por um varadouro “de 6 para 7 leguas”²³⁸, até encontrarem as “principaes fontes do Mbotetiú ou Mondego”²³⁹, que eles desciam até o rio Paraguai. Mais tarde, no ano de 1725, depois que se deixou o caminho da Vacaria, em vez de subir o rio Anhanduí, continuavam pelo rio Pardo “até suas últimas vertentes”; atravessavam o varadouro de Camapuã, desciam por um ribeirão deste nome, ganhavam o Coxim e, depois, pelo Taquari saíam no Paraguai²⁴⁰. João Augusto Caldas considerava como limite oriental dos Campos da Vacaria a bacia do Paraná, do rio Pardo até o rio Ivinhema²⁴¹, abrangendo uma região mais vasta do que mostrado na figura abaixo (FIG. 50).

²³⁶ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Questões de Terras...**, *op. cit.*, p. 39.

²³⁷ Fonte: CORRÊA FILHO, Virgílio. **Questões de Terras...**, *op. cit.*, p. 40-41.

²³⁸ CALDAS, João Augusto. **Memória Histórica sobre os Indigenas da Província de Matto-Grosso**. Rio de Janeiro: Typographia Polytechnica de Moraes & Filhos Editores, 1887, p. 5.

²³⁹ “Em 1776 de ordem do general Luiz de Albuquerque, impôs-se o nome de Mondego ao rio até então conhecido como Mbotetey ou Embotetiú, ou ainda Ariniany ou dos Guachís; Aquidauana é seu galho principal, e, outro galho, mais ao sul, que na mesma época foi apelidado de Mareco, ficou conhecido por Miranda. Era pelo Aquidauana que desciam as canoas que eram transportadas das cachoeiras do Anhanduhy-guassú, através dos Campos da Vaccaria” (*Idem*).

²⁴⁰ BARBOZA DE SÁA, Joseph. **Relação das Povoações do Cuyaba e Mato Grosso de seus principios thé os presentes tempos**. Cuiabá, 1775, p. 6.

²⁴¹ “Sobindo o rio Pardo tomando a barra do Anhandohy e Anhangohy que saó dous rios nascidos de huma madre, navegando estes asima thé as vertentes que caem para o Paragoai que formaó o rio Mateteú e outros; acharaó seis povoaçoes de gente castelhana brancos Indios e mestisos com Igrejas cazas de telha officinas criaçoes de bois cavallos e carneiros a quem os nossos famosos capitaens como fieis portugueses fizeraó guerra por repetidas vezes thé que pondo em fuga os brancos recolheraó muitos Indios destruiraó e queimaraó as



FIG. 50. Rota das Monções e varadouro do rio Anhanduí (entre Lagoinha e a barra do ribeirão Varadouro) e de Camapuã. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

Mencionado desde o século XVIII, os limites dos “Campos da Vaccaria”, do qual faziam parte os Campos do Erê, confundiam-se com os dos Campos de Xerez. Algumas vezes foram considerados ainda mais dilatados, delimitados ao norte pelos rios Pardo e Taquari²⁴² (coincidindo com a rota das monções, que passava pelo varadouro de Camapuã). De qualquer forma, eram campos do alto da serra²⁴³, hoje denominado planalto de Maracaju²⁴⁴. Só no século XX passou a nomear apenas a região de Entre Rios (Vacaria e Brilhante), suprimindo a área ao sul do rio Santa Maria e do seu afluente, o ribeirão Passa Cinco.

feitorias vendo pertencerem aquelles Lugares aos dominios de Portugal, adonde se acha por memoria algum gado vacum, chamados hoje as vacarias, o que causou tanto espanto e temor as povoaçoens da provincia do Paragoai que alli naó tornaraó e ao naó ser isso seriaó hoje do dominio da Espanha todos os nossos lugares thé Sam Paulo Minas gerais Goyas e Cuyabá. Correndo os tempos e continuando aqueles aventureiros as suas conquistas chegaraó a navegar o rio Paragoai descendo huns pelo Coxim outros pello Mateteú outros pello Cahy que todos saem das mesmas vacarias e intrando pelas grandes bahias que acompanhaó as margens deste grande rio foraó achando tantas naçoens de gentes que naó cabem nos arquivos da memoria...” (CALDAS, João Augusto. *Memória Histórica ...*, op. cit., p. 46). Na bacia do Paraguai habitavam também os *barbados*, *chamacocos*, *cayapós*, *coroados* e *guatós* e na bacia do Paraná os *cayuás* e os *cayapós*.

²⁴² Resumo das Explorações feitas pelo Engenheiro Luiz D’Alincourt, desde o Registro de Camapuã até a Cidade de Cuyabá, em 1825.

²⁴³ Ver: BARBOSA, Emílio Garcia. *Os Barbosas em Mato Grosso*. Campo Grande: Correio do Estado, 1961.

²⁴⁴ Entre a serra de Amambaí e o rio Paraguai, incluindo a serra da Bodoquena e excluindo o Pantanal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações contidas nesta dissertação resultam, em parte, de fontes primárias inéditas e, também, de uma reflexão sobre fontes utilizadas por outros autores. Centrar a análise da história da erva-mate no Paraguai colonial pelo viés econômico, sem prejudicar as referências que contribuíram para o rigor do conhecimento científico, revelou a possibilidade de distintas interpretações para o mesmo acontecimento, mas, sobretudo, deixou ver a importância de a pesquisa continuar nesse sentido. A curiosidade intelectual demonstrada nesta dissertação promoveu a invasão de áreas de conhecimento que tem se caracterizado pela ausência de historiadores. A audácia em cobrir esse lapso ultrapassou os limites impostos pelo conhecimento adquirido pelo autor. Entretanto, o método interpretativo centrado em informações aparentemente marginais substanciou o processo investigativo, resultando em explicações diferenciadas, por mais que diluídas no texto da dissertação. As deficiências na sistematização foram compensadas, em parte, pela quantidade de informações úteis para a continuidade de pesquisas.

Mostrar que existem referências históricas desta região antes do início da conquista espanhola teve o objetivo de procurar os enlaces que explicassem as diferenças entre as populações autóctones. Uma vez que representar a realidade em termos dos opostos costuma simplificar uma história que pode ser compreendida justamente pela sua diversidade. Os conflitos, movidos por disputas que se alinhavaram por lógica interna, mais do que pela contraposição entre conquistadores e nativos, envolveram tantos atores na história colonial dessa região, quanto foram os interesses que estiveram em jogo. A explicação só poderia resultar complexa. A síntese é possível, porém, as variáveis levantadas nesta dissertação conseguiram expandir os limites das questões propostas.

As figuras explicativas desta dissertação, com proposições que, em alguns casos, foram além do encontrado nas fontes, têm a pretensão de chamar o debate para estas questões. A separação entre *mbayás* e *guaicurus*, proposta por Sánchez Labrador, foi assumida e explica com clareza a diferença de espaço geográfico e temporal ocupado por cada um, apesar de não ter existido distinção cultural importante entre eles. Situar seu território original e da expansão de seu domínio contribuíram para visualizar as explicações desta dissertação. Na busca por informações sobre a extensão do domínio *guaicuru* apareceram diversas etnias, (ora consideradas do mesmo tronco e ora inimigas ou de origem diferente), entre elas os *guaxarapos*, que sugeriram a presença de uma “barreira” étnica para sua expansão. Também a separação (artificial) entre *caaiguás* e *monteses* foi necessária para explicar as diferenças com

que estes dois grupos foram tratados em tempos coloniais. A formação étnica dos *caaiguás* foi exposta por inúmeros eventos. A localização física dos ervais coloniais foi fundamental para situar os acontecimentos e para se ter noção da área abrangida pelos benefícios.

Mbaracayú sofreu sucessivas mudanças econômicas e políticas, sem, contudo, ter reflexos importantes na configuração de seu território, diferente do que ocorreu na região *norteña* do Paraguai. Do lado oriental do rio Paraná, entre o rio Paranapanema e o rio Iguazu, o processo histórico sofreu outra dinâmica. Os Campos da Vacaria e os Campos de Guarapuava passaram a ter exploração econômica mais intensiva após a independência do Paraguai e os sertões do Tibagi e Ivaí, depois da ocupação espanhola, só voltaram a firmar sua exploração durante o Império. A região do Yaguari não chegou a constituir uma unidade econômica, social ou política, nem antes, nem depois de Xerez, reflexo da não exploração dos seus ervais, que permaneceu assim até a Guerra de 1870. Mbaracayú foi perdendo, paulatinamente, sua importância econômica sem jamais ter deixado de ter seus ervais explorados. A ocupação indígena nessa região, pelas circunstâncias apontadas nesta dissertação, sofreu decréscimo acentuado no período colonial, sem, contudo, tê-la transformado em um “deserto de civilização”. Estes fatores estão imbricados com a decisão de protelar a demarcação das fronteiras políticas. O *uti possidetis* precisou ser conquistado, já que não havia presença econômica considerável, de qualquer das duas Coroas, no espaço em litígio¹.

As fronteiras regionais (estatais e étnicas), quase sempre dissociadas, foram analisadas conjuntamente, para mostrar a inter-relação entre elas. Se os trabalhos dos religiosos contribuíram para abrir novos espaços para a conquista, também foram responsáveis diretos pelo refluxo da colonização espanhola. A transmigração das povoações guaranis nos tempos coloniais preponderou sobre a vontade dos espanhóis em abrir novas estâncias ou benefícios. A defesa da fronteira norte do Paraguai parou no rio Apa, com algumas investidas esporádicas, também por causa da disposição dos guaicurus. As explicações das dimensões da *tierra mbayánica*, nesta dissertação, assim como a delimitação dos Campos de Xerez, diferem de outros autores, mas, acredita-se que elas foram suficientemente embasadas. A proposição dos limites da província de Mbaracayú foi mais consensual, apesar de aparecer até aqui de forma descritiva e com algumas variações. Ao norte de Mbaracayú, “os quatro braços do Iguatemi” serviram como limites menos visíveis; a

¹ Entre o Ivinhema e o Iguatemi e entre o Miranda e o Apa.

serra, apesar de ser anteparo ao fluxo de homens e animais, só se constituiu como fronteira após a guerra.

O descaso dos espanhóis de Asunción com Xerez revela que não houve unanimidade durante os governos coloniais. A comparação com a Guerra Guaranítica (1750-1756) evidencia que foi diferente a importância que cada grupo social deu ao território e à atividade econômica em cada época. A desigualdade de interesses na colônia espanhola foi preponderante para a desarticulação do controle paraguaio sobre os ervais silvestres.

A compreensão da complexidade de interesses dos espanhóis e que seu relacionamento com os jesuítas foi desigual, permitindo que o poder econômico destes crescesse justamente explorando estas divergências com uma política agressiva, foi um bom filtro para analisar o legado de cada setor para a história. Isto fica mais claro quando comparado com o resultado de outras ordens religiosas que atuaram nessa região, na mesma época. O trabalho de indígenas habilitados para o benefício da erva foi disputado entre espanhóis de Villa Rica e os jesuítas desde o final do século XVI até o revés sofrido por aqueles com sua saída de Mbaracayú, em 1676. Se a entrada desses religiosos na produção de erva contribuiu significativamente para a expansão de seu consumo e de seu comércio, por outro lado, também a pressão contra a segregação de trabalhadores nas missões aumentou a partir daí. As divergências de pontos de vista e de interesses acerca do fenômeno agrário na região dos ervais tiveram seu ponto máximo em tempos coloniais nas *revoluciones comuneras*. As proibições regulando o trabalho nos ervais pressupõem que existiram abusos por *encomenderos*, mesmo que a disputa pelo trabalho indígena explique alguns dos exageros nas informações das fontes. Foi mostrado que a decadência econômica dos *encomenderos* foi proporcional ao aumento da força política dos jesuítas.

Esta dissertação tratou de variáveis que envolveram o uso ou não do trabalho escravo nos ervais em tempos coloniais. Antes da constituição dos *cacicazgos* já havia uma distinção na distribuição do trabalho entre os indígenas do Paraguai. O conceito *boyá* não cabe dentro do conceito europeu de vassalo. Os cativos de etnias subjugadas tinham a prioridade para o trabalho mais duro. A censura aos espanhóis pela prática do trabalho escravo vem desde a *Leyenda Negra*. Os jesuítas acusaram especificamente aos *encomenderos* dessa prática, em especial, aos beneficiadores de erva, baseados na ausência de remuneração, apesar de não fazerem nenhuma observação sobre os mais de mil escravos negros em seus colégios e conventos. Estes religiosos aceitavam o trabalho nos ervais quando feito pelos indígenas missioneiros e condenavam o mesmo trabalho quando feito por *mitayos*. O argumento de que ficavam por três ou mais anos na selva, sem voltar aos seus *pueblos*, foi contraposto pela

provada sazonalidade da atividade ervateira. O trabalho não só era temporário, como foi exercido apenas por homens. Também os ranchos eram temporários, portanto não havia razão para a permanência de trabalhadores por anos consecutivos em paragens tão distantes, nos tempos coloniais. Foi demonstrado que a contratação com adiantamento em mercadorias teve origem colonial. Finalmente, é preciso observar que as relações de salário e trabalho nessa região, durante o período colonial, eram muito diferentes das reconhecidas hoje. Apesar de não terem sido muito exploradas, foram apontadas as diferenças e semelhanças para os indígenas em viver em *pueblos* de espanhóis, de índios, nas chácaras, nas estâncias ou nas reduções. Os argumentos foram desenvolvidos para mostrar a origem de alguns mitos e as contradições de sua sustentação.

A miscigenação da população paraguaia, com preponderância guarani, acelerou-se após a expulsão dos jesuítas em 1767. A partir do século XVIII, cresceu a participação de trabalhadores mestiços no benefício da erva, com a concomitante substituição dos *mitayos*. Quando chegou a independência do Paraguai, estava formada uma nação com interesses próprios e que não admitiu sua subordinação a Buenos Aires. O desenvolvimento paulatino de uma população mestiça, campesina e povoadora, procurando seu espaço social e econômico, no entender desta dissertação, foi o motor das mudanças ocorridas nas últimas décadas do período colonial. Os conflitos étnicos deram lugar aos conflitos sociais e econômicos, sem serem dissolvidos completamente.

As contradições entre Felix de Azara e Juan Francisco Aguirre e entre Dobrizhoffer e Sánchez Labrador praticamente não tiveram consequências nesta dissertação. Foram mais exploradas as diferenças de ponto de vista entre espanhóis e portugueses após o Tratado de Madrid e, principalmente, as interpretações modernas sobre o processo de formação das fronteiras de estado e a participação das bandeiras portuguesas nesses acontecimentos. As circunstâncias dos avanços portugueses sobre a conquista espanhola foram delineadas, no primeiro momento, pelos interesses políticos e econômicos da capitania de S. Paulo. Só depois de fracassada a tentativa de instalação da Praça de Iguatemi, o governo da capitania de Mato Grosso preocupou-se em expandir seu território para o sul, abaixo do rio Mbotetey. No entanto, os interesses dos portugueses pela atividade ervateira, durante o período colonial, não ficou caracterizada. O interesse pelas terras dos ervais, este sim foi evidente. Eles, nessa época, não tinham conhecimento para beneficiá-los e, principalmente, não tiveram acesso ao mercado colonial da erva-mate. A presença de portugueses nos benefícios de Mbaracayú ou em Curuguaty revelou, entretanto, a busca pela identificação com essa atividade. No início do século XIX, depois de consolidada a conquista dos Sete Povos das Missões, a província de

São Pedro do Rio Grande começou a comercializá-la. Já se havia formado um mercado local para seu consumo. Desde 1804, o comércio da erva-mate começou a ser citado na província de São Pedro do Rio Grande. Em 1820, a exportação de erva da região do Iguazu até Guarapuava se configurou como principal pauta econômica da região, impulsionada pelo revés nas exportações paraguaias.

O início da exportação de erva pelo Império coincidiu com a diminuição da produção no regime do ditador Francia, período em que o Paraguai se encolheu numa política de subsistência, abandonando a fronteira norte à própria sorte. Entretanto, o isolamento paraguaio não se iniciou e nem terminou com o governo de Francia. Quando assumiu o governo de Buenos Aires, Juan Manuel de Rosas resistiu em iniciar as negociações para a unificação nacional. Com a concentração do comércio exterior em Buenos Aires, pela proibição da navegação dos rios internos (Paraná e Uruguai) a navios estrangeiros, se assegurava as rendas da *aduanas* para sua província, a principal fonte de arrecadação fiscal. Com um estado nacional, estes impostos deveriam ser federalizados². A livre navegação no Rio da Prata só foi acordada com a Confederação Argentina em 1852, no governo de Carlos Antonio López, doze anos após a morte de Francia e com o fim do governo de Juan Manuel de Rosas, ainda sem a concordância da província de Buenos Aires.

Pelo lado brasileiro, aos poucos, aumentou a quantidade de fazendas de gado em Paranaíba e Corumbá, facilitando a entrada da família Barbosa nos Campos da Vacaria. O interesse do barão de Antonina nessa região (incentivando migrações de indígenas em direção a colônias promovidas por ele na província do Paraná ou pelo governo de Mato Grosso) foi concomitante a esse avanço. O interesse pela posse dessas terras aumentou até desencadear na guerra que mergulhou o Paraguai na pobreza. A atividade ervateira sobreviveu, monopolizada nas mãos de alguns grupos políticos, com *La Industrial Paraguaya* (em verde escuro) e com a *Companhia Matte Larangeira* (em dois tons de verde³, mais claros, diferenciando a situação posterior a 1920). A formação de uma classe social de camponeses paraguaios sustentou a produção ervateira depois da independência e, sobretudo, depois da guerra de 1870. Para comparar dimensões, foi assinalada na figura a seguir (FIG. 51) a região considerada atualmente Campos de Vacaria⁴, a Miranda Estância, a Fazenda Santa Virgínia e o atual Território Indígena Kadiwéu. A serra de Mbaracayú continuou sendo inacessível ao trânsito,

² MÍGUEZ, Eduardo. **História Económica de la Argentina**. Buenos Aires: Sudamericana. 2008. p. 148.

³ Na fronteira entre Brasil e Paraguai, a região que deixou de pertencer a seu arrendamento em 1920.

⁴ MARTINS, Wilson Barbosa. Memória: Janela da História. Campo Grande: IHGMS, 2010, p. 38.

exceto onde foram abertas picadas carreteiras, dando acesso a Ponta Porã, Nhuverá (Ñu-Verá), Sacarón e pelo antigo caminho real que passava por Ipehum (Ype Jhu).



FIG. 51. Século XX: *Matte Larangeira e La Industrial Paraguaya*. Elaborada pelo autor desta dissertação com base nas folhas 8 e 9 da *Carta do Estado de Mato Grosso e regiões circunvizinhas* (RONDON, Cândido Mariano da Silva, 1952).

Varias conclusões desta dissertação vão além da voz corrente na historiografia regional. Elas estão fundamentadas em fontes e espera-se que representem um passo na direção da interpretação das identidades das populações fronteiriças que, por sua variabilidade e diversidade, têm dificuldade em ser classificadas pelos critérios de demarcação de categorias sociais empregados. O tema e o recorte desta dissertação, seu intervalo de tempo correspondente a quase três séculos e, principalmente, ampliar ao máximo possível a diversificação de fontes consultadas foram escolhas conscientes de que implicavam em ir além do tradicionalmente exposto sobre o tema. Tratou-se de conseguir um resultado próximo do que se diz no caso da bebida mais apreciada do Paraguai: a erva para *tereré* tem que ser pura, forte, amarga, bem tostada e, se possível, *mboroviré*.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES MANUSCRITAS

ARCHIVO NACIONAL DE ASUNCIÓN

ARCHIVO GENERAL DA LA NACIÓN

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 1857, cópia Im. f. 44, p. num. ref. Lata 92 –Pasta 10 Documentos. **Joaquim Francisco Lopes e John Henrique Elliot, Itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Iguatemy, Amambay e parte do Ivinheima com os terrenos adjacentes, iniciado no dia 03 de agosto de 1857.**

TRANSCRIÇÃO DE DOCUMENTOS

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. **Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas** que vivem nos dominios portuguezes ou lhes são vizinhas. Lisboa: Typografia da mesma academia, t. VII, p. 364-553, 1841. SÁ E FARIA, José Custódio de. **Diário da Terceira Partida de Demarcação da América Meridional**, anno de 1753. Acervo da Brasiliana Digital/USP.

ANGELIS, Pedro de. **Colección de Obras y Documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata**. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 6 volumes, 1836.

ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo: Patentes, Provisões e Sesmarias, Parte 1ª, 1727-1728**. São Paulo: Typographia da Industrial de São Paulo, 1898, v. XXVI.

ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. **Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo**. S. Paulo: Escola Typographica Salesiana, 1901-1902, v. V, VI, VII, VIII, IX (Yguatemy), XXXII, XXXIV e XXXV.

_____. **Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo: Patentes, Provisões e Sesmarias, Parte 1ª, 1727-1728**. São Paulo: Typographia da Industrial de São Paulo, 1898, v. XXVI.

CALVO, Carlos. **Coleccion Histórica Completa de los Tratados**, convenciones, capitulaciones, armisticos y otros actos diplomáticos y políticos de todos los Estados de la América Latina, desde el año de 1493 hasta nuestros días. Paris: A. Durand & De Garnier Hermanos, t. 5, 1862.

Coleção de Obras y Documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata, notas e comentários de Pedro de Angelis. Buenos Aires: Imprenta del Estado, t. I a VI, 1836.

PASTELLS, Pablo; MATEOS, Francisco (a partir do 6º volume). **Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay**: (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolívia y Brasil), según los documentos originales del Archivo General de Indias. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912-1949, 8 v.

SÃO PAULO (Prefeitura). **Bandeirantes no Paraguai: Século XVII (Documentos Inéditos)**. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1949.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS - IHGB

ALLEMÃO, Francisco Freire. Memoria: Quaes são as principaes plantas que hoje se acham aclimatadas no Brazil? In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIX, p. 539-578, 1856.

AMARAL, Claro Monteiro do. Memoria sobre usos e costumes de Indios Guaranyes, Caiuás e Botocudos. **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. LXIII, p. 263-273, 1900.

BARÃO DE MELGAÇO. Apontamentos para o Diccionario Chorographico da Provincia de Mato-Grosso. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XLVII, p. 307-504, 1884.

CAMPOS, Antonio Pires de. Breve Notícia que dá o capitão Antonio Pires de Campos. In: **RIHGB**, Rio de Janeiro: Luiz dos Santos, v. XXV, p. 437-449, 1862.

CASTRO, João Vicente Leite de. Diccionario Historico e Geographico das Campanhas do Estado Oriental do Uruguay e Paraguay. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. L, p. 197-266, 1887.

COELHO, Felipe José Nogueira. Memorias Chronologicas da Capitania de Mato-Grosso, principalmente da Provedoria da Fazenda Real e Intendencia do Ouro (1779). In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIII, p. 137-199, 2º trimestre, 1850.

CORRÊA FILHO, Virgílio. Portugueses em Mato Grosso. In: **RIHGB**. Rio de Janeiro, v. 245, p. 204-234, out/dez., 1959.

COSTA E SÁ, Manoel José Maria da. Breves Anotações á Memoria que o Exmo. Sr. Visconde de S. Leopoldo escreveu com o titulo: Quaes são os Limites Naturaes, Pacteados, e necessários do Imperio do Brazil (1839). In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. LXV, p. 455-526, 1º trimestre, 1902.

- D'ALINCOURT, Luiz. Officio contendo noticias interessantes sobre a parte meridional da provincia de Matto-Grosso em 1824. In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XX, p. 332-334, 1857.
- _____. Reflexões sobre o systema de defesa que se deve adoptar na fronteira do Paraguay, em consequência da revolta e dos insultos praticados ultimamente pela nação dos índios guaicurus ou cavalleiros (1826). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XX, p. 360-365, 1857.
- _____. Resumo das explorações feitas desde o registro de Camapuã até a cidade de Cuyabá. In: **RIHGB**, t. XX, p. 335, 2º trimestre de 1857.
- DRUMMOND, Antonio de Menezes Vasconcellos de. Descipção Geographica da Capitania de Matto-Grosso: anno de 1797. In: **RIHGB**, t. XX, 2º trimestre, p. 185-292, 1857.
- ELLIOTT, João Henrique. A Emigração dos Cayuaz. (MS. Offerecido pelo sócio o Exmo. Sr. Barão de Antonina). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIX, p. 434-447, 1856.
- _____. Itinerario das viagens exploradoras emprehendidas pelo Sr. Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo Paraguay na provincia de Mato Grosso: feitas nos annos de 1844 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. X, p. 153-177, 1848.
- FERREIRA, João Alves. Cópia da carta do commandante da praça de Iguatemi, em que dá parte ao governador e capitão general D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão do descobrimento que fez dos fundamentos de uma grande povoação, que se supõe ser as ruínas da antiga Ciudad Real (1773). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XVIII, p. 289-291, 1855.
- FONTES, José Ribeiro de Souza. Quais foram os animais introduzidos na America pelos Conquistadores? In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIX, p. 509-527, 1956.
- FRANÇA FILHO, Ernesto Ferreira. Apontamentos Diplomáticos sobre os Limites do Brasil (1844). In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXXIII, p. 265-294, 1870.
- GAMA, Paulo José da Silva. Limites com as colônias hespanholas. In: **RIHGB**, t. XXXIX, p. 278-284, 1877.
- INSTRUÇÕES dadas pela Rainha ao Governador da capitania de Mato-Grosso D. Antonio Rolin de Moura em 19 de Janeiro de 1749. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. LV, p. 381-390, 1892.
- JARDIM, coronel Ricardo José Gomes. Creação da Directoria dos Indios na Provincia de Mato Grosso, Officio dirigido ao Governo Imperial pelo presidente da Provincia. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. IX, p. 548-254, 1847.
- LEVERGER, Augusto. Breve Memória: Relativa a Chorographia da Provincia de Mato Grosso. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXVIII, p. 429-455, 1865.
- _____. Roteiro da navegação do rio Paraguay desde a foz do S. Lourenço até o Paraná (1847). In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXV, p. 211-286, 1862.
- _____. Diário de reconhecimento do rio Paraguay desde a cidade de Assumpção até o rio Paraná (1846). In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXV, p. 177-210, 1862.
- LOPES, Joaquim Francisco. Itinerario de Joaquim Francisco Lopes: encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a provincia de S. Paulo e a de Matto-Grosso pelo Baixo-Paraguay, oferecido ao Instituto pelo se sócio correspondente o Sr. Barão de Antonina. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIII, p. 315-335, 1850.
- _____. Resumo do itinerario de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itareré, Paranapanêma e seus affluentes, pelo Paraná, Ivahy, e sertões adjacentes, emprehendida por ordem do Exmo. Sr. barão de Antonina. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. IX, p. 17-42, 1847.
- MAGALHÃES, José Vieira Couto de. Ensaio de Anthropologia, Região e raças selvagens. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXXVI, p. 359-516, 1873.
- MANUSCRITO sobre os Limites do Brasil (offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro por S. M. O Imperador). In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXIV, p. 113-170, 1861.
- MONTE NEGRO, Caetano Pinto de Miranda. Expugnação pelos Hespanhóes do Presidio de Nova Coimbra: 1801. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXVIII, p. 89-109, 1865.
- _____. População da capitania de Mato Grosso em 1800. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXVIII, p. 123-127, 1865.
- MOURA, Antonio Rolin. Relação da viagem, que fez da Cidade de S. Paulo para a Villa de Cuyabá, em 1751. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. VI, p. 469-497, 1845.
- NASCIMENTO, José Francisco Thomaz do. Viagem pelos desconhecidos sertões de Guarapuava: Provincia do Paraná e relações que teve com os índios coroados mais bravios daqueles lugares. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XLIX, p. 267-281, 1886.
- NOTÍCIA resumida do tempo da fundação e nomes dos fundadores dos principaes logares da capitania de Matto-Grosso. In: **RIHGB**, v. XX, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Lemmert, p. 276-281, 2º trimestre, 1857.
- OLIVEIRA, Antonio Rodrigues Velloso de. A Igreja do Brasil: ou informação para servir de base á divisão dos bispados projectada no anno de 1819, com a estatística da população do Brasil, considerada em todas as suas diferentes classes, na conformidade dos mappas das respectivas provincias, e numero de seus habitantes. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXIX, p. 159-200, 1866.

- OLIVEIRA, Candido Baptista de. Apontamentos: sobre alguns factos notáveis, que se acham relatados na historia da fundação da cidade de Assumpção, capital do Paraguay, e das conquistas dos Hespanhões no Rio da Prata; obra escrita no começo do século XVII, pelo Paraguayo Ruy Dias de Gusman, descendente de um dos conquistadores (1851). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XVII, p. 5-21, 1854.
- OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. Notícia Racionada sobre as aldêas de indios da provincia de S. Paulo, desde o seu começo ate a actualidade. In: **RTIHGB** ou **JIHGB**, t. VIII, 2ª ed. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, p. 204-253, (1846) 1867.
- PACCA, Manoel Joaquim Pinto. Mato Grosso por Coritiba e Tibagy: 1856. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXVIII, p. 32-37, 1865.
- PEREIRA E CACERES, Luiz d'Albuquerque de Mello. Exploração do rio Paraguay e Primeira Práticas com os Indios Guaycurús: 1777. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXVIII, p. 70-88, 1865.
- PINHEIRO, conego Joaquim Caetano Fernandes. Breves reflexões sobre o systema de catechese seguido pelos Jesuítas no Brasil. In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIX, p. 379-392, 1856.
- PINTO, Antonio Pereira. Limites do Brasil: 1493 a 1851. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXX, p. 193-240, 1867.
- PITANGA, Epiphanio Candido de Sousa. Diário da Viagem do Porto de Jatahi à Villa de Miranda, compreendendo os rios Tibagi, Parapanema, Paraná, Samambaia, Ivinheima e Brilhante: o Varadouro de Neoac, e os rios Neoac e Miranda. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXVII, p. 149-192, 1864.
- _____. Itinerario: do reconhecimento do estado da estrada da cidade de Antonina á Colonia Militar do Jatahy, na Provincia do Paraná. (MS. oferecido pelo sócio o Exmo. Sr. barão de Antonina). In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXVI, p. 537-588, 1863.
- REGO, general Francisco Raphael de Mello. O Forte de Coimbra, sua fundação e os acontecimentos que com ella se relacionam (1894). In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. LXVII, p. 171-215, 1904.
- RELAÇÃO Abreviada da Republica, que os Religiosos Jesuítas das Provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos domínios ultramarinos das duas monarchias, e da guerra que n'ellas tem movido e sustentado contra os exércitos hespanhoes e portugueses. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. IV, p. 265-294, 1842.
- RIBERIO, Duarte da Ponte. Limites do Brasil com o Paraguay: Carta da Fronteira do Imperio do Brasil com a Republica do Paraguay. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXXV, p. 485-500, 1872.
- RONDON, José Arouche de Toledo. Memoria sobre as Aldeas de Indios da Provincia de S. Paulo, segundo as observações feitas no anno de 1798. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. IV, p. 295-317, 1842.
- SÁ E FARIA, José Custodio de. Diario de viagem que fez da cidade de S. Paulo á praça de Nossa Senhora dos Prazeres do rio Iगतemy: 1774-1775 (com um mappa). In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXXIX, p. 217-291, 1876.
- SAMPAIO, Afonso Botelho de. Descoberta dos Campos de Guarapuava (1772). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XVIII, p. 263-288, 1855.
- SEQUEIRA, Joaquim da Costa. Compendio historico chronologico das noticias do Cuyabá, repartição da Capitania de Mato-Grosso, desde o principio do anno de 1778 até o fim do anno de 1817. In: **RIHGB**, n. 17, 1º trimestre, 1850.
- SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Descrição Geographica da Capitania de Matto-Grosso (1797). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. XX, n. 20, p. 185-396, 1857.
- _____. Sargento-mor de Engenheiros. Extracto da Descrição Geographica da Provincia de Mato Grosso, feita em 1797. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro: Imprensa Americana, v. VI, n. 22, p. 156-196, 1844.
- _____. Memória ou informação dada ao Governo sobre a Capitania de Mato-Grosso (1800). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. II, p. 19-49, 1840.
- _____. Parecer sobre o aldeamento dos Indios Uaicurús e Guanás, com descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, v. VII, p. 204-218, 1845.
- _____; FERREIRA, Joaquim José. Reflexões sobre a Capitania de Matto Grosso. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XII, p. 377-399, 1849.
- SILVA, Camilo Lellis da. Diario da Viagem feita pelos sertões de Guarapuava ao Rio Paranã: em 23 de Maio de 1849. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXVIII, 1865. p. 5-31, 1865.
- SILVA, José Bonifácio Andrada e. Apontamentos para a civilização de Indios bravios do império do Brazil, 1823. In: **RTHG** ou **JIHGB**, v. 12, Rio de Janeiro: Kraus Reprint, p. 228-245, (1973) 1849.
- SIQUEIRA, Joaquim da Costa. Compendio Historico chronologico das noticias de Cuyabá, repartição da capitania de Mato-Grosso: desde o principio do anno de 1778 até o fim do anno de 1817. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIII, p. 5-124, 1850.
- SOUZA, Candido Xavier de Almeida. Cópia da parte que deo sobre o descobrimento do rio Igurehi (1783). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XVIII, p. 254-262, 1855.
- TAUNAY, Alfredo d'Ascragno. Relatório Geral da Comissão de engenheiros junto às forças em expedição para a Provincia de Matto Grosso: 1865-1866, Correcto, augmentado e apresentado ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. XXXVII, p. 209-340, 1874.

- _____. Vocabulário da lingua guaná ou chané (provincia de Mato Grosso). In: **RTIHGEB**, Rio de Janeiro, t. XXXVIII, p. 209-340, 3. trimestre, 1875.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Memoria sobre a Necessidade do Estudo e Ensino das Linguas Indigenas do Brazil. In: **RTIHGB**, Rio de Janeiro, t. III, p. 143-162, 1841.
- VIEGAS, Luiz Soares. Itinerario da viagem da Côrte à Villa de Miranda, Provincia de Mato-Grosso, feito em cumprimento de ordem do Exmo. Ministro e Secretário D'Estado dos Negocios da Guerra Brigadeiro Jeronimo Francisco Coelho (1857). In: **RTIHGEB**, Rio de Janeiro, t. XXVI, p. 455-535, 1863.
- VOCABULARIO dos Indios Cayuaz. (MS. oferecido pelo sócio o Exmo. Sr. barão de Antonina). In: **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. XIX, p. 448-476, 1856.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS - OUTROS

- AGUERRE CORE, Fernando. La visita general de la Diócesis del Paraguay realizada por el Ilmo. D. Manuel Antonio de la Torre (1758-1760). In: **Revista Complutense de Historia de América**, n. 25, p. 111-138, 1999, ISSN: 1132-8312.
- AGUIRRE, Juan Francisco. Diario del Capitán de Fragata. In: **Revista de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires**, t. XVII a XX, n. 43-50, 1949-1951.
- _____. Etnografía del Chaco. In: **Boletín del Instituto Geográfico Argentino**, t. XIX, Buenos Aires: Imprenta "La Buenos Aires", p. 464-511, 1898.
- ARECES, Nidia R. Milicias y Faccionalismo en Santa Fe, 1660-1730. In: **Revista de Indias**, v. LXII, n. 226, p. 585-614, 2002.
- CAMPESTRINI, Hildebrando; FREIRE, Paulo Cezar Vargas. Iguaré: o rio da discórdia. A construção da fronteira guarani de Mato Grosso do Sul. In: **Anais do Colóquio Ibero Sul-Americano de História: entre os dois lados do Atlântico**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2009.
- CHASE-SARDI, Miguel. Clasificación de las Sociedades y Culturas Indígenas del Paraguay, La Perspectiva Indígena. In: **Suplemento Antropológico**, Asunción, Universidade Católica, v. XXIII, n. 2, p. 51-59, dic, 1988.
- CHMYZ, Igor. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. In: **Cadernos de Arqueologia**. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, v. 1, p. 119-148, 1976.
- COELLO DE LA ROSA, Alexandre. Criollismo, Redes Clientelares y la Compañía de Jesús: la familia Garavito-Illescas en el Perú Virreinal – siglo XVII. In: LEVI, Giovanni. (editor); PÉREZ, Raimundo A. Rodriguez (compilador). **Familias, jeraquización y movilidad social**. Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones, p. 353-366, 2010.
- FERREIRA, Mário Clemente. O Mapa das Cortes e o Tratado de Madrid, a cartografia a serviço da diplomacia. In: **Varia Historia**, Belo Horizonte, v.23, n.37, p. 51-69, 2007.
- GARAVAGLIA, Juan Carlos. Um Modo de Produção Subsidiário: a Organização Econômica das Comunidades Guarizadas durante os Séculos XVII-XVIII na Formação Regional Alto-Peruano-Rio-Platense. In: **Conceito de Modo de Produção**, Philomena Gebran (coordenação e tradução). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. Reflexiones en torno a la yerba mate (*Ilex Paraguariensis*). In: **Suplemento Antropológico**, Asunción, Universidade Católica, v. XXII, n. 1, p. 7-27, jun, 1987.
- LARAIA, Roque. A Morte e as Mortes de Curt Nimuendajú. In: **Ciência Hoje**, v. 8, n. 44, 1988.
- LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. Caminho de Chiquitos às Missões Guaranis de 1690 a 1718. In: **Revista de História**, São Paulo: USP, n. 40, 1959-1960.
- LOPES, Joaquim Francisco. A Bandeira de Joaquim Francisco Lopes, 1829-1839. In: **RIHGMS**, Campo Grande, n.1, p. 69-115, 1998.
- MARQUES, Alfredo Pinheiro. A Cartografia do Brasil no século XVI. In: separata da **Revista da Universidade de Coimbra**, v. XXXIV, p. 447-462, 1988.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. Santiago de Xerez: Uma problemática para a arqueologia histórica. In: **Historia Paraguaya: Anuario de la Academia Paraguaya de Historia**. Asunción: APH, v. XLII, p. 243-266, 2002.
- MELIÁ, Bartomè; GRÜNBERG, Gerg & GRÜNBERG, Friedi. *Los Pay-Tavyterã*. In: **Suplemento Antropológico**. Asunción: CEPAG/ Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", p. 151-295, 1976.
- MOLAS, Mariano Antonio. Descripción histórica de la antigua provincia del Paraguay. In: **La Revista de Buenos Aires: Historia Americana, Literatura y Derecho**. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, t. IX, p. 3-24, 201-218, 353-366 e 540-547 e X, p. 53-69, 225-237, 368 e 369, 1866.
- PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO, Beatriz. Dilatação dos confins: caminhos, vilas e cidades na formação da Capitania de São Paulo (1532-1822). In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: USP, v. 17, n. 2, p. 251-294, jul-dez, 2009.
- PRADO, Francisco Alves do. Historia dos Indios Cavalleiros, da Nação Guaycurú. In: **Jornal O Patriota**, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. Rio de Janeiro: Impessão Régia. n. 4 (p. 14-32, jul/ago, 1814) e n. 5. (p. 26-44, set/out, 1814).

- PUSINERI, Adelina. Indígenas Monteses y Pueblerinos en el Paraguay del Siglo XIX, "Comunidade o Libertad", In: **Fronteiras, Revista de História**, Campo Grande, UFMS, v.4/5, n.7/9, p. 9-2, 2000/01.
- RONDON, Cândido Mariano da Silva. Inquéritos Geográficos: Etnografía. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, p. 594-621, ano II, n. 4, out., 1940.
- ROSAS, José Rafael López. Las Cuentas de Don Agustín de Yriondo, In: **El Litoral. La Comarca y el Mundo**. 4 abr., 1987. Santa Fe. Disponible em: <http://www.patrimoniosf.gov.ar/ver/0-613/>. Consultado em: 13 jul., 2010.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil: La province Cisplatine et les Missions dites du Paraguay. In: **Mémoires du Muséum d'histoire naturelle**. Paris: Chez A. Belin, t. 9, p. 337-380, 1822.
- SOLER, Lorena. ¿El mito de la isla? Acerca de la construcción del desconocimiento y la excepcionalidad de la historia política del Paraguay. **Papeles de trabajo**. Revista eletrônica do Instituto de Altos Estudos Sociais de la Universidad Nacional de General San Martín. ISSN: 1851-2577. Año 3, nº 6, Buenos Aires, ago., 2010. Dossier: "Paraguay: reflexiones mediterráneas".
- SÚSNIK, Branislava. Etnohistoria del Paraguay. Etnohistoria de los Chaqueños y de los Guaraníes. Bosquejo sintético. p. 32. In: **Suplemento Antropológico**. Asunción: CEPAG/ Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", v. XXIII, n. 2, p. 7-50, Dic, 1988.
- _____. Las Características Etno-SocioCulturales de los Aborígenes del Paraguay en el Siglo XVI. Asunción: In: **Historia Paraguaya**. Asunción. v. XXIV, p. 81-103, 1987.
- ROSENBLAT, Ángel. La Población Indígena de America desde 1492 hasta la Actualidad. In: **Institución Cultural Española**, serie Stirps Quaestonis. Buenos Aires: Peuser, tercer cuaderno, 1945.
- TORRES, Elena Beatriz. El comercio británico desde el Brasil al Puerto de Buenos Aires... In: **Navegacion y Comercio Rioplatense**. Bahía Blanca: Universidad Nacional del Sur, p. 131-154, 1966.

LIVROS E TESES

- ACCIOLY, Hildebrando Pompeo Pinto. **Límites do Brasil: A Fronteira com o Paraguay**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- AGUIRRE, Juan Francisco. **Discurso Histórico** que comprende el descubrimiento, conquista y establecimiento de los Españoles en las provincias de la Nueva Vizcaya, generalmente conocidas por el nombre de Río de la Plata (1793). Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1947.
- _____. **Discurso Histórico sobre el Paraguay**. Estudio preliminar y restitución del texto Ernesto J. A. Maeder. Buenos Aires: Union Académique Internationale, Academia Nacional de la Historia, 2003.
- ALMEIDA, Mario Monteiro de. **Episódios históricos da formação geográfica do Brasil: Fixação das raias com o Uruguai e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1951.
- ALVEAR, Diego de. **Diario de la segunda división de límites al mando de D. Diego de Alvear con la descripción de su viaje desde Buenos-Aires...** Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837.
- ANGLÉS Y GORTARI, Mathias, Corregidor de Potosí. Copia del **Informe** que hizo en la Villa del Potosí el General D. Mathias de Angles y Gortari, Corregidor que era de ella, sobre los puntos que han sido causa de las discordias sucedidas en la Ciudad de la Asunción, de la Provincia del Paraguay, y motivaron la persecución de D. Josef de Antequera de parte de los Regulares de la Compañía. In: Colección General de Documentos, que contiene los sucesos tocantes á la segunda época de las comociones de los Regulares de la Compañía el el Paraguay, y señaladamente la persecución, que hicieron a Don Josef de Antequera y Castro, tomo III, Madrid: Imprenta Real de la Gazeta, 1769.
- ARECES, Nidia R. **Estado y Frontera en el Paraguay: Concepción durante el gobierno del Dr. Francia**. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica (CEADUC), 2007.
- ARRÉLLAGA, Renée Ferrer de. **Un Siglo de Expansión Colonizadora: Los Orígenes de Concepción**. Asunción: Editorial Histórica, 1985.
- AUDIBERT, Alejandro. **Los Límites de la Antigua Provincia del Paraguay**. Buenos Aires: La Economía, 1892.
- AZARA, Felix de. **Correspondencia Oficial é Inédita sobre la Demarcacion de Límites entre el Paraguay y el Brasil (MCODA)**. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.
- _____. **Descripción general del Paraguay**. Madrid: Alianza Editorial; Edición de Andrés Galema Gómez, (1806) 1990.
- _____. **Geografía física y esférica de las provincias del Paraguay, y misiones guaraníes**. Montevideo: Rodolfo R. Schuller, t. I, (1790) 1904.
- _____. **Memorias Postumas sobre asuntos del Río de la Plata y del Paraguay**, Madrid: Imprenta de Sanchiz, 1847.

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Expansionismo Brasileiro e a Formação dos Estados da Bacia do Prata: Da Colonização à Guerra da Tríplice Aliança**. 2ª. ed. revisada. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.
- BARBOSA, Emílio Garcia. **Os Barbosas em Mato Grosso**. Campo Grande: Correio do Estado, 1961.
- _____. **Panoramas do Sul de Mato Grosso**. Campo Grande: Correio do Estado, 1963.
- _____. **Reminiscência**. Campo Grande: Tipografia e Livraria Pindorama, 1965.
- BARBOZA DE SÁ, Joseph. **Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seos princípios the os presentes tempos**. Cuiabá: UFMT; Secretaria de Educação e Cultura, (1775) 1975.
- BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão Territorial do Brasil Colônia no Vale do Paraguai: 1767-1801**. 1972. 243f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, FFLCH/USP, São Paulo.
- BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Autoridade e Conflito no Brasil Colonial: o Governo do Morgado de Matheus em São Paulo (1765-1775)**. Secretaria de Estado de Cultura, 1979.
- BENITEZ, Gregorio Benítez, **La Revolución de Mayo de 1814-1815**. Asunción: El Lector, 1996.
- BENITEZ, Justo Pastor. Prólogo de CARDOZO, Efraim. **El Paraguay Colonial**. Asunción: El Lector. 1996.
- BERTONI, Moisés Santiago. **La Lengua Guarani como Documento Historico**. Puerto Bertoni: Ex Sylvis, 1920.
- BOSSI, Bartolomé. **Viage Pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá y el Arino: tributário del grande Amazonas, con la Descripcion de la Provincia de Mato Grosso, bajo su aspecto fisico, geografico, mineralojico y sus producciones naturales**. Paris: Libreria Parisiense, 1863.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras. (1956) 2005.
- _____. **Monções**. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- CABALLERO, Pedro Alvarenga. **Villa Real de Concepción: Su Historia**. Asunción: Arandurá, 2009.
- CALDAS, João Augusto. **Memória Histórica sobre os Indigenas da Provincia de Matto-Grosso**. Rio de Janeiro: Typographia Polytechnica de Moraes & Filhos Editores, 1887.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. **História de Mato Grosso do Sul**. 6ª ed. revista e ampliada. Campo Grande: IHGMS, 2009.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **Agricultura, Escravidão e Capitalismo**. Petrópolis: Vozes. 1979.
- _____; VAINFAS, Ronaldo, (Organizadores). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CARDOZO, Efraim. **Breve Historia del Paraguay**. Buenos Aires: EUDEBA. 1965.
- _____. **El Paraguay Colonial**. Asunción: El Lector. 1996.
- _____. **El Paraguay de la Conquista**. Asunción: El Lector. 1996.
- _____. **Historiografia Paraguaya**. v. I: Paraguay Indígena, Español y Jesuita. Mexico: Instituto Panamericano de Geografía e Historia. 1959.
- CARDOZO, Ramón Indalecio. **La Antigua Provincia de Guairá y la Villa Rica del Espiritu Santo**. Buenos Aires: J. Menendez, 1938.
- CALDAS, João Augusto. **Memória Histórica sobre os Indigenas da Provincia de Matto-Grosso**. Rio de Janeiro: Typographia Polytechnica de Moraes & Filhos Editores. 1887.
- CARDIEL, José. **Compendio de la Historia del Paraguay (1780)**. Buenos Aires: Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura, FECIC, 1984. Estudio Preliminar: José M. Mariluz Urquijo.
- CARDOZO, Efraim. **El Império del Brasil y el Rio de La Plata**. Buenos Aires: Libreria del Plata. 1961.
- _____. **Breve Historia del Paraguay**. Buenos Aires: Eudeba Editorial Universitária, 1965.
- _____. **El Paraguay de la Conquista**. Asunción: El Lector. 1996.
- _____. **El Paraguay Colonial**. Asunción: El Lector. 1996.
- _____. **El Paraguay Independiente**. Asunción: El Lector. 1996.
- CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. **Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1989.
- CESAR, Nirceu da Cruz. **O Mate no Brasi**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, Série Estudos e Ensaios. n. 5, 43p. 1952.
- COONEY, Jerry W. **Economia y Sociedad en la Intendencia del Paraguay**. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos. 234 p. 1990.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. **Questões de Terras**. São Paulo: Secção de Obras “d’O Estado de S. Paulo”, t. L., 1923.
- _____. **As Raias de Mato Grosso**. São Paulo: Secção de Obras d’ “O Estado de São Paulo”, 1924, 4 v.
- _____. **À Sombra dos Hervaes Mattogrossenses**. São Paulo: Editora São Paulo. Monographias Cuiabanas. v. IV. 105p. 1925.
- _____. **Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Coeditora Brasílica, 1939.
- _____. **Ervais do Brasil e Ervateiros**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, Documentário da Vida Rural, n. 12. 1957.
- _____. **História de Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1969.

- CORTESÃO, Jaime. **Alexandre de Gusmão & O Tratado de Madrid**: tomo I: 1695-1735 e Tomo II: 1735-1753. Rio de Janeiro: Ministério de Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, 1952 e 1956.
- _____. Alexandre de Gusmão & O Tratado de Madrid: **Obras Várias de Alexandre de Gusmão**, parte II, tomo I. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores, 1950.
- _____. Alexandre de Gusmão & O Tratado de Madrid: **Documentos Biográficos**, parte II, tomo II. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores, 1950.
- _____. Alexandre de Gusmão & O Tratado de Madrid: **Antecedentes do Tratado**, parte III, tomo I e II. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores, 1951.
- _____. Alexandre de Gusmão & O Tratado de Madrid: **Negociações**, parte IV, tomo I e II. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores, 1953.
- _____. Alexandre de Gusmão & O Tratado de Madrid: **Execução**, parte V. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores, 1952.
- _____. Introdução, notas e glossário. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá: 1549-1640**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951. (MCOA I).
- _____. Introdução, notas e glossário. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim: 1596-1760**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952. (MCOA II).
- _____. Introdução e notas. **Jesuítas e Bandeirantes no Tape: 1615-1641**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1969. (MCOA III).
- _____. Introdução, notas, sumários. **Tratado de Madri: Antecedentes, Colônia do Sacramento: 1669-1749**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1954. (MCOA V).
- _____. Introdução, notas e sumário. **Antecedentes do Tratado de Madri: Jesuítas e Bandeirantes no Paraguai: 1703-1751**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1955. (MCOA VI).
- _____. Introdução, notas e sumário. **Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos: 1750-1802**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969. (MCOA VII).
- _____. **Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC, 1958.
- _____. **História do Brasil nos Velhos Mapas**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Ministério de Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, 1957.
- CORRENTE, Mariano. **Historia de la Revolucion Hispano-Americana**. Madrid: Imprenta de D. Leon Amarita, 1929.
- DEMERSAY, Alfred. **Étude Économique sur le Maté ou thé du Paraguay** (Ilex Paraguariensis). Paris: Bouchard-Huzard, (1865) 1867.
- DOBLAS, Gonzalo de. **Memoria sobre la Provincia de Misiones de Indios Guaraníes**. CODHAM. Buenos Aires: Plus Ultra, 1970.
- DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de Abiponus, equestri, bellicosaque Paraquariae natione**. Viennae: Josephi Nob. De Kurzbek. v. I. 1784.
- _____. **Historia de los Abipones**. Resistência: Editorial Universidad Nacional del Nordeste, (Biblioteca Virtual del Paraguay) . v. I, II e III, (1784) 1967/1968/1970.
- _____.; TECHO, Nicolás del; XIMENEZ, Barlolome. **Tres Encuentros con América**. Tradução, edição e notas de Arturo Nagy e Francisco Perez-Maricevich. Asunción: Editorial Centenário, 1967.
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ELLIS JUNIOR, Alfredo. **Os primeiros troncos paulistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- FERNANDES, Florestan. **A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá**. 3ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- FERNÁNDEZ DE MEDRANO, Sebastián. **Breve Descripción del Mundo o Guía Geográfica de Medrano**. Brusselas: Lamberto Marchant, 1688.
- FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. **Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil: séc. XVI, XVII, XVIII**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1989.
- FUNES, Gregorio. **Ensayo de la Historia Civil del Paraguay, Buenos-Ayres y Tucuman**. Buenos Aires: Imprenta de M. J. Gandarillas y socios, 1816.
- FURLONG CARDIF, Guillermo. **Cartografia Jesuitca del Río de la Plata**. Buenos Aires: Facultad de Filosofia y Letras, 1936.
- GADELHA, Regina A. F. **As Missões Jesuíticas do Itatim, Estruturas Sócio-Econômicas do Paraguai Colonial – Séculos XVI e XVII**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Mercado Interno y economía colonial: três siglos de historia de la yerba mate**. 2ª ed. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2008. Edición facsimiliar de la realizada por Grijalbo en México, 1983.
- GARAY, Blas. **El Comunismo de la Misiones, La Compañía de Jesús en el Paraguay**, Asunción: Librería La Mundial, (1897) 1921.
- _____. **Compendio Elemental de Historia del Paraguay**. Asunción: La Colmena, 1915.
- _____. **La Revolución de la Independencia del Paraguay**. Asunción: El Lector, 1996.

- GARCIA, João Carlos. Coordenação. **A Mais Dilatada Vista do Mundo: Inventário da Coleção Cartográfica da Casa de Ínsua**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2002.
- GONZALEZ, Natalicio. **Proceso y Formación de la Cultura Paraguaya**. Asunción: Guarania, 2ª ed., t. I, 1948.
- GUEVARA, José. **Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucuman**, libro 1º, parte 1ª, 1836.
- GUZMÁN, Ruy Díaz de. **Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata** (1612). Asunción: Ediciones Comuneros & Roberto Quevedo, 1980.
- HORTA BARBOSA, L. B. **O Problema Indígena do Brasil** (1913), Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- KASHIMOTO, Emília Mariko e MARTINS, Gilson Rodolfo. **Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Life, 2009.
- LABRADOR, Sánchez. **El Paraguay Católico**. t. II, Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910.
- LAFUENTE MACHAIN, Ricardo de. **El Gobernador Domingo Martínez de Irala**. Asunción: Academia Paraguaya de Historia, 2005.
- LEVERGER, Augusto (Barão de Melgaço). **Vias de Comunicação de Matto-Grosso**. Anotações de Estevão de Mendonça. Cuiabá: Avelino de Siqueira, 1905.
- LEWIN, Luigi. **Phantastica**: Dhroque, Stupefacienti ed Eccitanti. 2ª ed., tradução de Alessandro Clerici, Milano: Francesco Villardi, 1928.
- LINHARES, Temístocles. **História Econômica do Mate**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- LOPEZ, Vicente Fidel; GANDIA, Enrique de; VERA Y GONZALEZ, Emilio. **Historia de la republica argentina: Su origen, su revolucion y su desarrollo**. 8. ed. Stanford: Stanford Univ Press, 1965.
- LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán**. Buenos Aires: Imprenta Popular, t. III, 1874.
- LUÍS, Washington. **Na Capitania de São Vicente**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980.
- MACEDO SOARES, José Carlos de. **Fronteiras do Brasil no Regime Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- MADRE DE DEOS, Gaspar da (frei). **Memórias para a história da capitania de S. Vicente**, hoje chamada de S. Paulo. Lisboa: Typografia da Academia, 1797.
- MAEDER, Ernesto J. A. **Misiones del Paraguay, Conflictos y disolución de la sociedad guaraní** (1768-1850). Asunción: Editorial Mapfre, 1992.
- MAGALHÃES, Basílio de. **O Estado de São Paulo: O seu progresso na actualidade**. São Paulo: Jornal do Commercio, 1913.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. **Breve Painel Etno-Histórico de Mato Grosso do Sul**. 2ª ed. amp. e rev. Campo Grande: UFMS, 2002.
- MARTINS, Romário. **Ilex Mate, Chá Sul Americano**, Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1926.
- MARTINS, Wilson Barbosa. **Memória: Janela da História**. Campo Grande: IHGMS, 2010.
- MELIÀ, Bartomeu. **El Guaraní Conquistado y Reducido, Ensaio de Etnohistoria**. Asunción: CEADUC-CEPAG. Biblioteca Paraguaya de Antropología. v. V. 4ª. Ed. (1986) 1997.
- MELO E SILVA, José. **Fronteiras Guaranís: A trajetória da Nação cuja cultura dominou a fronteira Brasil-Paraguai**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1939.
- MÉTRAUX, Alfred. **Migrations Historiques dès Tupi-Guraraní**. Paris: Librairie Orientale et Americaine; Maisonneuve Frères, Editeurs, 1927.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (Brasil). **Questões de Limites**: República Argentina. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, (Obras do Barão do Rio Branco I)
- MOLAS, Mariano Antonio. **Descripcion Histórica de la Antigua Provincia del Paraguay**. Asunción: Editorial Nizza, 1957.
- MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, Tapuias e Historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo**. Campina: IFCH-Unicamp, 2001, Tese.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Arte y Vocabulario de la Lengua Guaraní**, 2 volumes. Madrid: Ediciones de Cultura Hispânica, 1994 (ed. fac-similar do manuscrito original de 1640, custodiado na Biblioteca Nacional de Madrid, transcrição de Silvio M. Luizzi).
- _____. **Conquista Espiritual Hecha por los Religiosos de la Compañia de Jesus, en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay, y Tape**. Madrid: Imprenta del Reyno, 1639.
- MÖRNER, Magnus. **Actividades Políticas y Económicas de los Jesuítas em el Río de la Plata**. Buenos Aires: Libertador, 2008.
- MOUCHEZ, Ernest Amédée Barthélemy. **Positions géographiques des principaux points de la cote orientale de L'Amérique du Sud comprise entre la Guyane Française et le Paraguay: d'après les travaux executés pedant les campagnes du Bisson, du D'Entrecasteaux et du Lamotte-Piquet, de 1856 a 1866**. Paris: Paul Dupont, 1868.
- NIMUENDAJÚ, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião Apapocúva-Guarani**. São Paulo: HUCITEC/USP. 1987.

- OBERTI, Federico. **Historia y Folklore del Mate**. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes, 1979.
- OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **O Império Brasileiro (1822-1889)**. Washington/ Brasília: Nova Edição/ Editora Universidade de Brasília. Coleção Temas Brasileiros, v. 58, (1927) 1986.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Os Diários e Suas Margens: Viagem aos territórios Terêna e Tükúna**. Brasília: Editora UnB, 2002.
- PAGE, Thomas Jefferson. **El Rio de la Plata, la Confederación Argentina y el Paraguay**. Asunción: Intercontinental. (1859) 2007.
- PASTORE, Carlos. **La Lucha por la Tierra en Paraguay**. Montevideo: Editorial Antequera, 1972.
- POTTHAST-JUTKEIT, Bárbara. **Paraíso de Mahoma o País de las mujeres?** Asunción, 1996.
- PRADO, Francisco Rodrigues do. **Historia dos Índios Cavaleiros ou da Nação Guaicuru (1795)**. Campo Grande: IHGMS, 2006. Atualizações e notas: Hildebrando Campestrini (Série Relatos Históricos, v.1)
- PRIETO, Justo. **Paraguay, La Provincia Gigante de las Indias** (Análisis espectral de una pequeña nación mediterránea). Buenos Aires: Librería El Ateneo Editorial, 1951.
- PUIGGROS, Rodolfo. **Historia Económica del Río de la Plata**. 2. ed., Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, (1945) 1948.
- RAMOS R. Antonio. **La Independencia del Paraguay y el Imperio del Brasil**. n/a: Edição do autor. Biblioteca Virtual del Paraguay, 1976.
- RENGGER, Johann Rudolph. **Reise Nach Paraguay in den Jahren 1818 bis 1826**. Aarau: Verlag Bei H. R. Sauerlaender, 1835.
- RENGGER ET LONGCHAMP. **Essai Historique sur La Révolution du Paraguay et Le Gouvernement Dictatorial du Docteur Francia**. Paris: Hector Bossange, 1827.
- REZENDE, Astolpho. **O Estado de Matto-Grosso e as supostas terras do Barão de Antonina**. Rio de Janeiro: Santa Helena/S. Monteiro, 1924.
- RIVAROLA PAOLI, Juan Bautista. **El Régimen Jurídico de la Tierra, Época del Dr. Francia y de los López**, Asunción: Ediciones y Arte, 2004.
- _____. **La Economía Colonial**. Asunción: Edição do autor. Biblioteca Virtual del Paraguay, 1986.
- ROSA, José Maria. **Defensa y pérdida de nuestra independencia económica**. Buenos Aires: A Peña Lillo Editor, 2001.
- SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. **Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo, do Imperio do Brazil**. Tradução: Caetano Lopes de Moura. Pariz: J. P. Aillaud, t. II, 1845.
- SAMANIEGO, Cesar C. **Ilex Paraguayenseis, Yerba Mate, Caá**. Asunción: Imprenta Nacional, 1927.
- SARMIENTO, Domingos. **Facundo**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: instituições e pensamento racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHMIDL, Ulrico. **Viaje al Río de la Plata**. Buenos Aires: Emece, 1997.
- SCUTELLÁ, Francisco N. **El Mate: Bebida Nacional Argentina**. Buenos Aires: Lancelot, 2006.
- SEREJO, Hélio. **Ronda do Entardecer...** Presidente Epitácio: edição do autor, 1995.
- SOUTHEY, Robert. **Historia do Brazil**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1862.
- _____. GOODRICH, S. G. **A Tale of Paraguay**. Boston, 1827.
- SÚSNIK, Branislava. **Dispersión Tupi-Guaraní Prehistórica: Ensayo Analítico**. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1975.
- _____. **El Índio Colonial del Paraguay**. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", v. I: El Guaraní Colonial, 1965.
- _____. **El Índio Colonial del Paraguay**. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", v. III: , El Chaqueño: Guaycurúes y Chanes – Arawak, 1971.
- _____. **El Rol de los Indígenas en la Formación y en la Vivencia del Paraguay**. Asunción: Instituto Paraguayo de Estudios Nacionales (IPEN), t. I, 1982.
- _____. **Interpretación Etnocultural de la Complejidad Sudamericana Antigua: v. I, Formación y Dispersión Etnica**. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1994.
- _____. **Los Aborígenes del Paraguay: Etnohistoria de los Guaraníes, Época Colonial**. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero": Escuela Técnica Salesiana, v. II, 1979-1980.
- _____. CHASE-SARDI, Miguel. **Los Indios del Paraguay**. Madrid: Editorial MAFRE, 1995.
- SÃO PAULO (Prefeitura). Divisão do Arquivo Histórico. **Bandeirantes no Paraguai: Século XVII** (Documentos Inéditos). São Paulo, 1949.
- TAUNAY, Affonso de E. **História Geral das Bandeiras Paulistas**. São Paulo: Typographia Ideal, v. VI e X, 1930.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Scenas de viagem: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda**. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1868.
- TECHO, Nicolás del. **Historia de la provincia del Paraguay: de la compañía de Jesus**. Madrid: A. de Uribe y Compañía, 1897.

- TEIXEIRA DE FREITAS, Augusto. **Terras de Colonização**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1882.
- TELESCA, Ignacio. **Tras los Expulsos**: Cambios demográficos y territoriales en el Paraguay después de la expulsión de los jesuitas. Asunción: CEADUC, 2009.
- TESCHAUER, Carlos. **História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos**. 2ª. ed. 3 v. São Leopoldo: UNISINOS, transcrição e tradução de Arthur Rabuske, 2002.
- TOLENTINO, Terezinha Lima. **Ocupação do Sul de Mato Grosso antes e depois da Guerra da Tríplice Aliança**. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1986.
- URQUIJO, José M. Mariluz. **Estudios sobre la Real Ondenanza de Intendientes del Rio de la Plata**. Buenos Aires: INHID, 1995.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **Diario de Navegação de Pero Lopes de Sousa: 1530-1532**. Lisboa: Sociedade Propagadora de Conhecimentos, 1839.
- VIANNA, Helio. Introdução, notas e glossário. **Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai: 1611-1758**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1970. (MCOA IV).
- VIEIRA, Antônio. **Obras várias**. Lisboa: J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes, t. 1, 1856.
- VILLANUEVA, Amaro. **El Mate, Arte de Cebar**. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1960.
- WHIGHAM, Thomaz. **La Economía de la Independencia**. Asunción: Intercontinental, 2010.
- _____. **La Yerba Mate del Paraguay (1780-1870)**. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1991.
- _____.; COONEY, Jerry W. **Campo y frontera, El Paraguay al fin de la era colonial**. Asunción: Servilibro, 2006.
- XARQUE, Francisco. **Insignes Misioneros de la Compañía de Jesus en la Provincia del Paraguay**: Estado Presente de sus Misiones en Tucumán, Paraguay, y Rio de la Plata, que comprehende su Distrito. Pamplona: Juan Micòn, 1687. Livro II.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

- BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução Klaus Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- HOBSBAWN, Eric. In: MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- KOSSELLECK, Reinhart. **The practice of conceptual history: Timing history, spacing concepts**. Tradução para o inglês: Todd Samuel Presner e outros. Stanford, California: Stanford University, 2002.
- _____. **Futuro Passado, Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade. Tradução de Jaime de Almeida. In: **Textos de História**: Revista da Pós-Graduação em História da UnB, v. II, n. 1 e 2, p. 89-127, 2003.
- WOLF, Eric Robert. **Antropologia do Poder**. FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (Organizadores). Tradução Pedro Maia Soares. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Editora Unicamp, 2003.

SÍTIOS

- <http://bnd.bn.pt/>
- <http://consorcio.bn.br/cartografia/>
- <http://purl.pt/>
- <http://www.bn.br/bndigital/>
- <http://www.bvp.org.py/mapas/>
- <http://www.crl.edu/content/brazil/mato.htm>
- <http://www.lib.utexas.edu/>
- <http://www.libs.uga.edu/>
- <http://www.memoriachilena.cl/index.asp>
- <http://www.siarb-bolivia.org/esp/principal.htm>
- <http://www.wdl.org/pt/search/gallery?ql=eng&r=LatinAmericanCaribbean>

ANEXO

XLIX - *Resposta que deram os índios às provisões reais em que manda que não sirvam os índios das Reduções mais que dois meses como S. M. manda e não sejam levados a Mbaracayú na estação doentia. 25 de agosto de 1630.*

Ficamos alegres e muito consolados depois de ter ouvido o que nosso Rei e Senhor disse e nos parece que daqui por diante sua majestade está nos vendo. Antigamente, quando nos encontrávamos pobres e perseguidos pelos espanhóis, parecia-nos que sua majestade não tinha notícia nossa, mas agora, daqui em diante, depois de ter ouvido suas provisões reais, consolamo-nos por ver que já a tem e nos parece que está nos vendo e favorecendo. E ainda que tivéssemos ouvido muito tempo ao que agora ouvimos, de que não fossemos a Mbaracayú contra nossa vontade, os espanhóis não obedeciam, antes de depois de sua majestade ter ordenado isto, levavam cada dia nossos irmãos, filhos e vassallos⁵ a Mbaracayú, lugar onde morriam e terminavam todos, porque lá nossos vassallos terminaram todos, e não só nossos vassallos, mas os filhos de caciques principais e ainda muitos caciques que os espanhóis levaram a Mbaracayú, onde terminaram, morrendo por aquelas matas sem confessar nem comungar, como se fossem infiéis ou animais sem razão, ficando cheios aqueles ervais dos ossos de nossos filhos e vassallos. Esta nossa igreja só serve para enterrar e ter os ossos de nossas mulheres, porque Mbaracayú é o lugar onde se amontoam os pobrezinhos ossos de nossos pobres vassallos. Não temos mais filhos nem vassallos por esse Mbaracayú; isso nos entristece, faz que não tenhamos casas nem chácaras, e nos empobrece e aniquila. Já não aparece nem se vê gente que costumava haver, somente ficaram nossas índias, que não cessam de chorar a morte de seus maridos e filhos. Portanto, não queremos mais ir a Mbaracayú, nem enviar para lá nossos vassallos, para que não se acabem de terminar por lá alguns que restaram. Ou, se tivermos ventura que isto que dissemos chegasse a sua majestade, para que fechasse a porta e caminho de Mbaracayú, para que não fossem mais nossos vassallos e alguns os rapazes que restaram, que começam agora a crescer, fiquem para princípio e fundação de nosso *pueblo* e para sua conservação, e para que sua majestade tenha misericórdia de nós, para que não terminemos morrendo em Mbaracayú sem confissão e sacramento, como se fossemos animais irracionais, e se vós que sois nossos padres não dêem notícia disso a sua majestade, ele não saberá, porque os espanhóis são nossos inimigos, e a vós os querem mal por nossa causa e a vossas coisas e ainda às cartas, portanto rogamos que o avisasse, porque estamos certos que se vós o avisais ele acreditará e ouvirá, para que os espanhóis não nos incomodem de agora em diante e não levem mais a Mbaracayú nossos vassallos, porque nós não queremos ir mais lá, nem enviar mais a nossos vassallos, porque não trazemos coisa pequena nem grande de Mbaracayú, nem os espanhóis pagam a nossos vassallos seu trabalho, o que trazemos é cansaço e doença e assim nossos vassallos, uns morrem pelo caminho, outros chegando, outros ficam tais que nunca podem levantar mais, e assim o pedimos por amor de Deus que façam saber ao Rei e Senhor isto que dizemos e pedimos, para que ordene não irmos a Mbaracayú, ainda que queiramos, porque se disser para ir se quisermos, os espanhóis nos hão de afligir (e açoitar) para levar-nos lá e nos levarão não só com perseguições, se não contra nossa vontade e dirão depois, como costumam, que vamos por nossa vontade e nos amedrontarão e pressionarão como costumam fazer e o fizeram os anos passados, trazendo o tenente de Mbaracayú, chamado Saavedra, com gente de guerra a castigarnos, como fez com alguns índios do povo de Nossa Senhora (de Loreto), por terem vindo de Mbaracayú depois de ter trabalhado lá muitos meses, açoitando-os diante dos olhos de seus pais, mulheres e filhos, e aqui nesse nosso *pueblo* também castigaram, na ocasião, o cacique Rodrigo mbae ay, queimando-lhe um espanhol o rosto com uma brasa diante dos nossos olhos, quebrando-nos o coração de dor, e a causa foi porque não quis dar um só filho que tinha para que fosse a Mbaracayú e o governador (Don Luiz de Céspedes y Xeria), que veio no outro dia, também diante dos nossos olhos, bateu em um vassallo nosso, ele mesmo, com suas mãos, querendo levá-lo a Mbaracayú, porque havia dito que acabava de chegar de lá. Os espanhóis, esses dias ainda, depois de ter vindo estas provisões reais que agora vós declarastes, nos tem atemorizado, falando-nos mal, ameaçando-nos que virão a nos castigar e a destruir o *pueblo*, trazendo peças de artilharia para nos dizimar, dizendo que sua majestade está longe e não há de ter notícias, nem ouvir o que se dissesse contra eles, e que hão de tirar daqui os padres. Temos padecido tanto, portanto isto que dissemos e queremos que fosse dito ao Rei ou que soubera por meio de vós, porque não temos outro amparo se não é em vós, nem tem outro escrivão que o faça, e ainda se houvesse, não o faria, antes, como costumam, diriam o que eles querem, dizendo que nós o dissemos. E tendo ouvido todo o sucedido que diziam os índios, e parecendo que nos devia obrigação, não só por razão de nosso ofício, pelo qual devemos ver e cuidar pelos pobres que pouco podem, como nos manda o concílio de Trento, sessão 23, capítulo 1, de refomat., se não de caridade vendo a esses pobres naturais tão destituídos de favor humano e tão perseguidos a afligidos com esse Mbaracayú, e por não querer escrivão nenhum dar testemunho a favor dos

⁵ *Boya* no original em guarani. *Boyâ*, conforme MONTROYA, Antonio Ruiz de. **Arte, y Bocavulario de la Lengua Guaraní**. Madrid: Curtura Hispánica e Agencia Española de Cooperación Internacional, v. I, ed. facsimilar, (1640) 1994, p. 226. *Voja*, conforme GUASCH, Antonio. ORTIZ, Antonio. **Diccionario Castellano-Guarani, Guarani-Castellano**. 13ª ed. Asunción: CEPAG, 2001, p. 485.

índios, quisemos dar esse testemunho para que tenha fé na forma que lugar de tudo o acontecido e dito e o assinamos nosso nome, nesta redução de San Ygnácio del Ypaunbucu, em 14 de agosto de 1630, achando-se presentes o padre Antonio Ruiz, superior destas Missões, e o Padre Juan Suarez de Toledo e Francisco Diaz Taño, todos religiosos da dita Companhia de Jesus⁶.

Joseph Cataldino – Christoval de Mendiola

⁶ CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá...**, *op. cit.*, p. 354 a 356. Tradução do espanhol pelo autor desta dissertação.